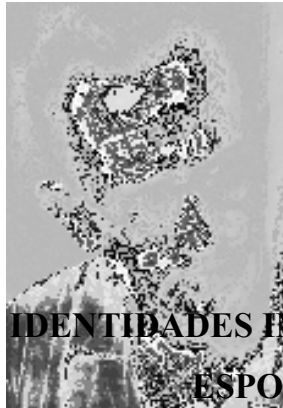
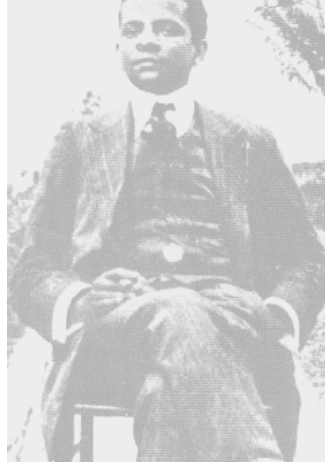
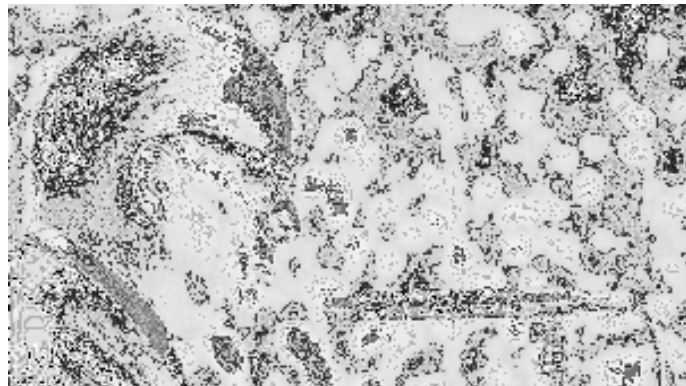


**ANDRÉ MENDES CAPRARO**



**IDENTIDADES IMAGINADAS: FUTEBOL E NAÇÃO NA CRÔNICA  
ESPORTIVA BRASILEIRA DO SÉCULO XX**



**CURITIBA  
2007**



**ANDRÉ MENDES CAPRARO**

**IDENTIDADES IMAGINADAS: FUTEBOL E NAÇÃO NA CRÔNICA  
ESPORTIVA BRASILEIRA DO SÉCULO XX**

Tese apresentada como quesito parcial à  
obtenção do título de Doutor. Programa de  
Doutorado em História; Departamento de  
História; Setor de Ciências Humanas;  
Universidade Federal do Paraná.

Professor orientador: Dr. Luiz Carlos Ribeiro.

**CURITIBA**

**2007**

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof. Doutor Luiz Carlos Ribeiro (Orientador)**

**Prof. Doutor Wanderley Marchi Jr**

**Prof. Doutor Carlos Roberto Antunes do Santos**

**Prof. Doutor Ricardo de Figueiredo Lucena**

**Prof. Doutor Antonio Jorge Soares**

## **CAPA**

Da esquerda para direita: parte superior - Coelho Netto, Lima Barreto e Monteiro Lobato. Plano intermediário - Graciliano Ramos, Paulo Barreto (João do Rio) e Gilberto Amado. Logo abaixo – Gilberto Freyre e Mario (Rodrigues) Filho. Plano inferior – José Lins do Rego Nelson Rodrigues e Armando Nogueira – figuras exponenciais da literatura brasileira.

*O mundo da arte, contrariamente ao que se crê, não é um mundo à parte. O que se passa ali tem repercussões e exprime a sociedade global. Essas relações não são mecânicas, e a complexidade das frentes de combate não permite uma identificação de equívocos, por isso não é fácil demonstrar essa interdependência arte-sociedade. O que está em jogo são menos detalhes, trata-se muito mais do clima social.*

(Bourdieu & Haacke, Livre Troca, p. 96)

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
1.1. Literatura e Esporte no Brasil.....	1
<b>2. CRÔNICA LITERÁRIA (ESPORTIVA) E HISTÓRIA: QUESTÕES METODOLÓGICAS.....</b>	<b>12</b>
2.1. Sobre a Literatura e a História.....	12
2.2. Crônica – o gênero.....	26
2.3. A crônica e o futebol.....	37
<b>3. A CRÔNICA NA <i>BELLE ÉPOQUE</i>: A INTELLECTUALIDADE BRASILEIRA DEBATENDO SOBRE FUTEBOL E CIVILIDADE.....</b>	<b>59</b>
3.1. O Surgimento do Futebol e sua Modesta Aparição no Jornal.....	62
3.2. O Futebol Desperta a Curiosidade dos Literatos Brasileiros.....	71
3.3. O Esporte na Crônica do Início do Século XX: múltiplos significados e ideais.....	92
3.4. Crônica, Engajamento Social e Futebol.....	108
3.5. Futebol e Sentimentalismo Manifesto.....	147
3.6. O <i>Football</i> Como Pretexto: micro-relações de poder na literatura brasileira.....	161
<b>4. O SURGIMENTO DA CRÔNICA ESPORTIVA ESPECIALIZADA: ESTÉTICA LITERÁRIA E A METÁFORA DA “PÁTRIA EM CHUTEIRAS” .....</b>	<b>203</b>

4.1. O Ideal da Integração Racial e o Futebol na Obra de um Ensaísta.....	209
4.2. O Esporte Presente na Vida de Jovens Literatos.....	228
4.3. Cronistas Esportivos e suas Diversas Formas de Engajamento.....	248
4.4. Identidade Literária: Estilos Próprios na Crônica Esportiva.....	273
4.5. A Crônica Esportiva: entre o Ideal da <i>Brasilidade</i> e a Autonomia Literária.....	310
<b>5. APONTAMENTOS FINAIS.....</b>	<b>345</b>
<b>6. FONTES.....</b>	<b>354</b>
<b>7. BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>361</b>

## 1. INTRODUÇÃO

*Futebol se joga no estádio?  
Futebol se joga na praia,  
Futebol se joga na rua,  
Futebol se joga na alma.*

(Carlos Drummond de Andrade, *Quando é dia de Futebol*, p. 21).

### 1.1 Literatura e Esporte no Brasil

#### I

Início do século XX. Mesmo ainda chamado, segundo a grafia inglesa, de *football*, o esporte que brevemente se tornaria um elemento altamente enraizado na cultura brasileira, esporadicamente aparecia como tema central nas crônicas literária. Não que fosse um ponto pacífico. Ao contrário, o futebol se tornara, para nomes de destaque da literatura, um tópico de intenso debate.

Se, por exemplo, Coelho Neto o defendia fervorosamente, pregando a importância dos valores morais e educativos vinculados a este tipo de esporte – discurso racionalizado, mas embutido da paixão, lembrando que o autor era vizinho e associado do Fluminense Football Club –, no extremo oposto, encontrava-se o literato que era o mais crítico às mudanças modernistas: Lima Barreto. Entre os extremistas, se encontrava a posição moderada de vários escritores de renome, como Paulo Barreto (“João do Rio”), Gilberto Amado, Monteiro Lobato, entre outros.

Posteriormente, entre as décadas de 1920 e 40, Graciliano Ramos e Gilberto Freyre questionariam através dos seus escritos se o futebol não seria apenas um modismo que logo teria fim – nas palavras do próprio Graciliano, “fogo-de-palha”. Gilberto Freyre tinha uma posição veemente. Para o autor de *Casa-Grande & Senzala* o esporte de origem bretã já havia



sofrido mudanças suficientes, tornando-se uma prática tipicamente brasileira, tendo como elemento fundamental a presença dos atletas mulatos e sua ginga e malícia:

O nosso estilo de jogar futebol me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia e ligeireza e ao mesmo tempo de brilho e de espontaneidade individual em que se exprime o mesmo mulatismo de que Nilo Peçanha foi até hoje a melhor afirmação na arte política. Os nossos passes, os nossos pitus, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, [...] alguma coisa de dança e capoeiragem que marcam o estilo brasileiro de jogar futebol, que arredonda e às vezes adoça o jogo inventado pelos ingleses e por eles e por outros europeus jogando tão angulosamente, tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para os psicólogos e os sociólogos o mulatismo *flamboyant* e, ao mesmo tempo, malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil (Freyre, 1945: 421-422).

Mas, a tese sociológica freyreana de maior repercussão foi defendida em 1947 no prefácio da obra *O Negro no Futebol Brasileiro* do jornalista Mario Rodrigues Filho (Mario Filho, 2003: 24-26). Este, um radical defensor do futebol, referencia questões nacionalistas importantes no contexto das décadas de 1940 e 50, como a discussão sobre a formação da raça – e conseqüentemente da identidade nacional – brasileira. Rememorava, então, a história do futebol brasileiro de forma literária, no mesmo estilo dos ensaios de cunho sociológico do próprio Freyre.

Mario Filho tornou-se, a partir de 1936, o proprietário de um periódico especializado em esportes – como ênfase no futebol – o *Jornal dos Sports*. Um dos cronistas de maior respaldo do referido jornal foi José Lins do Rego. Admirador contumaz do futebol, torcedor apaixonado pelo Flamengo, o autor de *Menino do Engenho*, além de escrever crônicas esportivas durante anos, chegou a se tornar dirigente futebolístico, tanto do Flamengo quanto da Confederação Brasileira de Desportos – a atual Confederação Brasileira de Futebol. Conterrâneo e amigo íntimo de Freyre, “Zé Lins” também era um debatedor e admirador das teorias freyreanas. Comumente dialogava com Mario Filho em suas crônicas, cujo assunto principal girava em torno das identidades nacionais e clubísticas, manifestas através da prática do futebol.

O irmão mais novo de Mario Filho, o dramaturgo Nelson Rodrigues, também sofreu influência da produção intelectual de Freyre, embora, mantivesse uma autonomia literária maior do que Mario Filho e José Lins do Rego. Afirmava, ao final da Copa de 1950, que os jogadores (e todo o povo brasileiro) assumiam um infundado “complexo de vira-latas” (Rodrigues, 1994: 120-122), superado somente oito anos depois, após a conquista do primeiro título mundial, em 1958, na Suécia. Nesta ocasião enalteceu o valor do “ecletismo racial” dos jogadores – conseqüentemente do povo brasileiro. O jovem negro Pelé; Garrincha (Mané ou o “Torto”) – descendente de índios; Vavá, o possesso; Didi, o príncipe etíope de rancho, e por aí vai...

Rodrigues, na década de 1960, quando o selecionado brasileiro definitivamente se estabeleceu como potência mundial após a vitória da segunda Copa do Mundo consecutivamente, alertava para a consolidação da identidade brasileira. Esta, segundo ele, deixava de ser uma cópia mal feita de modelos estrangeiros e de um constante sentimento de inferioridade, passando a ser a manifestação soberba da criatividade e malandragem do homem brasileiro (Rodrigues, 1994: 98-99). Foi também um dos primeiros intelectuais a sentir e trabalhar em suas crônicas com a dicotomia entre racionalidade/paixão manifesta na prática do futebol, especialmente no Brasil.

Através das crônicas, mescla de ficção e realidade cotidiana, Nelson Rodrigues se tornou uma referência para o entendimento de mudanças relevantes ocorridas na sociedade brasileira, como a busca intensa da formação de uma identidade nacional, onde o brasileiro deixa de ser um fracassado – representado, por exemplo, pelo goleiro Barbosa, responsabilizado pela derrota na Copa de 1950 (Rodrigues, 1994: 68-72) – passando a ter a imagem positiva e celebrada, como o novo modelo genuinamente brasileiro, idealizado na

malandragem de Garrincha, o anti-herói (Rodrigues, 1994: 76-78), o estereótipo de *Macunaíma*, o herói “às avessas” celebrado na obra de Mário de Andrade (Andrade, 1993).

Nelson costumava, através das suas crônicas, dialogar com seus pares. Ora elogiando veladamente um posicionamento, a seu ver, acertado, ora criticando de forma ácida algum desafeto. Foram vários seus interlocutores: seu irmão Mario Filho, José Lins do Rego, Sérgio Porto e, principalmente, um novo jornalista que estava em ascensão, Armando Nogueira.

O jovem Nogueira tornar-se-ia, posteriormente, um dos primeiros literatos especializados na temática esportes. Com a profissionalização da crônica esportiva, nos anos 80/90, Nogueira se tornou uma referência, pois foi um dos primeiros escritores a ser reconhecido no meio literário mesmo redigindo textos exclusivamente sobre esportes.

Não significava que o esporte não era pauta para a literatura nacional, pois volta e meia era abordado nos textos de escritores consagrados. Oswald de Andrade, Mário Prata, Ruy Castro, Mario de Andrade, Stanislaw Ponte Preta, Vinícius de Moraes, Carlos Drummond de Andrade, Luiz Fernando Verissimo, Rubem Braga, Paulo Mendes Campos, entre outros escreveram sobre o assunto. Tampouco foi Nogueira o único cronista especializado de destaque. Outros ganharam notoriedade, como João Saldanha, Sérgio Porto, João Máximo, Juca Kfoury e Tostão, entre vários outros.

A maioria destes escritores de destaque no século XX tinha um ponto pacífico em relação ao futebol e literatura: o gênero da escrita – a crônica. Estilo este, segundo CANDIDO (1992), surgido como um gênero menor, mas, em contrapartida “uma inesperada embora discreta candidata à perfeição” (Candido, 1992: 14). Nascida quando o jornal começava a se tornar parte do cotidiano das pessoas nos meados do XIX – pelo menos, para aquele segmento letrado da população – a crônica tinha a finalidade de, mais do que informar, divertir. E com características multifuncionais já que aparentemente era (e ainda é) despretensiosa, porém

insinuante e, nas entrelinhas, ainda mais: reveladora.

A reflexão aqui proposta sobre o futebol, manifesta através das crônicas literárias, pode ser periodizada em dois “blocos históricos” (Velooso e Madeira, 1999) de acordo com as suas características e o contexto histórico: o primeiro bloco ligado à sociogênese do esporte no Brasil, quando a crônica das primeiras décadas do século XX discutia a sua funcionalidade e representatividade na nova sociedade republicana. A querela literária era focada nas primeiras manifestações de pertencimento esportivo e ufanismo, pautadas no modelo civilizatório oriundo da Europa. Tal embate teve seu desfecho logo após a popularização do esporte e o lançamento de um novo movimento literário, o *Modernista*. O esporte, assim como a literatura, era “antropofagicamente digerido” e transformado em um elemento constituinte da cultura nacional (Hollanda, 2004).

No segundo bloco histórico, o futebol já se encontrava devidamente inscrito como elemento central da cultura brasileira, assumindo um papel de agente afirmador da identidade nacional. Não se questiona mais, agora, sobre o caráter *civilizador* ou *descivilizador* do futebol. E a tematização deste esporte como *lugar comum* da afirmação nacional elege novos problemas, como a questão racial e a profissionalização do esporte e da própria crônica esportiva. Iniciado entre os anos 1940/50, momento não só de uma forte intervenção do Estado e de um aparato intelectual legitimando um ideário de *brasilidade*, como também de consolidação do futebol como um esporte de massa, cuja maior expressão encontra-se na “trágica” derrota na Copa de 1950. Período estendido também aos anos 1960/70, com as vitórias nos Mundiais de 1958, 62 e 70. Encerrado no início da década de 1980, com o avanço das transmissões e debates televisivos, fator que modificaria a própria dinâmica do esporte e, conseqüentemente, a crônica esportiva.

Essa divisão cronológica em blocos históricos, portanto, privilegia um corte temático proposto pelos campos esportivo e literário. Essa opção não significa a exclusão dos temas políticos tradicionais, apenas não os toma como determinantes. Assim, mesmo com um recorte temporal relativamente amplo – que compreende praticamente todo o século XX – acentua-se a delimitação da temática através da definição do objeto, que se reportou à relação entre dois elementos presentes na cultura brasileira: o futebol através da crônica literária.

## II

Neste complexo cenário se estabeleceram questões fundamentais para o entendimento das tensões que envolveram (e ainda envolvem) o futebol e a literatura. A relação do referido esporte com a imprensa, especificamente com a crônica esportiva escrita, desde as primeiras décadas do XX, demonstra vínculos interdependentes (Elias, 1980: 147-172) imprescindíveis para análises pautadas no binômio sócio-cultural. Observando a interseção de tais campos (Bourdieu, 2004) – literário e esportivo – visualizar-se-á, no transcorrer do século XX, um processo dinâmico, em constante alteração, ligado a variadas e ecléticas questões importantes na história da sociedade brasileira, como a transição de níveis sociais, a assimilação de bens culturais europeus, o nacionalismo, a formação de identidades, a autonomia da arte, a hegemonia esportiva do futebol, e a profissionalização (tanto do esporte quanto da própria crônica especializada).

Constatada a forte relação entre estes dois elementos substanciais na cultura brasileira, o futebol e a crônica literária, é que se sugeriu um estudo mais aprofundado no tangente aos meandros – ora sutis, em outros momentos mais expostos – demarcados pelas relações de força<sup>1</sup>, que tornariam o vínculo cada vez mais coeso e complexo.

---

<sup>1</sup> Ginzburg (2002), ao analisar obras literárias, concebe o conceito de “relação de força” de forma técnica, partindo da constatação que todo ponto de análise sobre uma realidade histórica é demarcado por relações

Portanto, o vínculo de interdependência entre futebol no Brasil e literatura nacional foi pensado como um processo de tensões, cheio de significados, porém, geralmente, pesquisado de forma segmentada, pois, no caso da crítica literária, o futebol é considerado apenas um tema secundário da literatura nacional; da mesma forma que, no outro extremo, alguns pesquisadores da História e Sociologia do Esporte utilizam os escritos literários como simples fontes para ilustrar o contexto futebolístico, descaracterizando a natureza da obra e as características do autor.

Constatou-se assim que, desde o começo do século XX, o esporte foi um elemento chave na construção de uma cultura política, fundamentada na questão do que seria a identidade nacional<sup>2</sup>, sendo que diversos atores sociais participaram desse processo. Dentre eles, os que mais atuaram na construção e legitimação dessa cultura e identidade(s) nacional(is) foram os intelectuais. Fosse no campo político partidário, no meio empresarial, no aparelho do estado, ou na imprensa (crônica), a atuação dos intelectuais foi ao mesmo tempo fundamental e profundamente tensionada, à medida em que nunca existiu um único projeto de unidade nacional.

Além de servir/mediar/defender projetos e concepções de identidade nacional, a crônica esportiva demonstrou ser um potente canal demonstrativo da passionalidade que envolve a prática futebolística<sup>3</sup>. Com raras exceções, os literatos, no caso específico da

---

impostas pela documentação (fontes) que uma sociedade em determinada época quer deixar sobre si mesma. Esta necessidade de exercer o controle da história gera diversos posicionamentos conflituosos entre si, a partir da interferência de diferentes agentes que exercem graus variados de influência entre si. Neste sentido, os embates e afinidades literárias podem ser entendidos como um notório exemplo deste tipo de relação, pois, pode-se supor que, conscientemente ou não, os literatos tentam fazer com que suas obras obtenham respaldo social (nas palavras de Bourdieu, “poder simbólico”), ou seja, mesmo que através da ficção, referenciem determinada época.

<sup>2</sup> No decorrer dos capítulos será demonstrado como os literatos formulavam diferentes modelos explicativos para o país.

<sup>3</sup> No Brasil, o meio acadêmico, especificamente a área de Humanas, passou a valorizar o futebol como objeto de pesquisa somente nas últimas décadas. A influência da História Cultural e Social, da Antropologia Cultural e da Sociologia Configuracional na área de *Humanidades* - com seus novos temas e novas abordagens - foram as responsáveis pelas primeiras pesquisas que avançaram, rompendo com o modelo marxista ortodoxo, que, nas escassas pesquisas sobre o esporte, apontavam-no como objeto de alienação das massas.

crônica esportiva, atuaram oscilando entre um discurso racionalizado e outro apaixonado, na tentativa da compreensão do futebol enquanto fenômeno social brasileiro. Um dos primeiros cronistas a notar esta polaridade e usá-la propositalmente através da sátira foi Nelson Rodrigues – como será visto em um dos capítulos a seguir.

O posicionamento de cada literato sobre a sociedade brasileira e a tendência de racionalizar ou se envolver com o assunto transformaram a crônica esportiva em um espaço de intenso debate intelectual. Questiona-se, então: quais foram as relações de força no campo literário brasileiro manifestas através das crônicas sobre o esporte (com ênfase no futebol) em dois períodos históricos específicos? Evidentemente, tais relações, através das crônicas, explicitariam a presença de um contexto social mais amplo ao mesmo tempo em que dariam indícios da personalidade literária de alguns escritores de renome nacional gerando, secundariamente, as seguintes questões: quais os limites artísticos de um gênero literário preso ao cotidiano? Como se processou o debate intelectual acerca da função social do esporte no campo literário? Como poderiam ser pensados os momentos históricos de construção de modelos explicativos, legitimados através do esporte e sua respectiva literatura?

Objetiva-se assim, primariamente, buscar os indícios necessários à compreensão do significado sócio-cultural destes posicionamentos e “diálogos” estabelecidos através das crônicas futebolísticas. Partindo da hipótese central de que, como figuras públicas, os literatos necessitavam estabelecer relações de força visando respaldá-los dentro do campo literário/intelectual.

Neste sentido, interpretar e julgar o esporte – um fenômeno que no primeiro bloco era emergente na sociedade brasileira e no segundo já era notório – era uma possibilidade ímpar

---

Ver as obras precursoras: Caldas, Waldenyr. *O Pontapé Inicial: memória do futebol brasileiro*. São Paulo: Ibrasa, 1990.

Lever, Janet. *A Loucura do Futebol*. Rio de Janeiro: Record, 1983.

DaMatta, Roberto et. al. *Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

de estar coadunado ao cotidiano, condição imprescindível ao gênero crônica. Estas relações de força estabelecidas pelos cronistas tinham diferentes amplitudes (micro e macroscópica), ou seja, deve-se compreender os contextos históricos específicos, os locais de onde os agentes se inseriam dentro deste campo, o uso da liberdade artística por cada literato, enfim, os motivos pessoais que os pudessem levar a determinado posicionamento.

Para responder as questões problematizadoras, foram selecionados principalmente aqueles literatos que escreviam crônicas referentes ao futebol em meios de ampla circulação (periódicos, como jornais e revistas semanais), não no sentido de se fazer uma história *vista de cima*, mas sim, acreditando no amplo alcance social dos textos destes autores, pois, sem dúvida, eram fortes detentores de poder simbólico<sup>4</sup>. Desta forma, acredita-se, sobretudo, na relevância das suas contribuições para a produção de idéias acerca da relação entre o futebol e a nação brasileira, partindo-se da premissa que se tais escritores fossem referências na literatura brasileira, reconhecidos formadores de opinião, também seriam significativas as repercussões dos seus escritos na sociedade. A pesquisa englobou, então, as crônicas e obras de Paulo Barreto (João do Rio), Lima Barreto, Coelho Netto, Graciliano Ramos, Gilberto Amado, Monteiro Lobato, Gilberto Freyre, Mario Filho, José Lins do Rego, Nelson Rodrigues e Armando Nogueira.

Tais autores – que já tinham estabelecido respeitabilidade em suas próprias épocas – tornaram-se posteriormente clássicos da literatura nacional. E, como clássicos, foram publicados por várias editoras, em seguidas edições. Suas crônicas, publicadas originalmente em periódicos, foram coletaneadas e editadas no formato de livro. Algumas, inclusive, já passaram ao domínio público, sendo publicadas em várias coleções. Assim, as obras que serão analisadas a seguir, mesmo como fontes históricas, são encontradas facilmente em editoras,

---

<sup>4</sup> “O poder simbólico é um poder de fazer coisas com palavras. [...] Neste sentido, o poder simbólico é um poder de consagração ou de revelação, um poder de consagrar ou de revelar coisas que já existem” (Bourdieu, 2004: 166-167).



livrarias, bibliotecas e até virtualmente na *World Wide Web*, oferecidas no formato *e-book* (livro eletrônico).

### III

Embora o futebol seja um fenômeno contemporâneo, remetendo, no caso brasileiro, ao início do século XX, as fontes históricas sobre o mesmo são escassas e fragmentadas. É em decorrência desta falta de registro que a pouca documentação existente está espalhada em arquivos mortos de clubes e federações. A maioria, associações originalmente fundadas pelos jovens da elite ou por imigrantes. Em virtude desta situação, as pesquisas acadêmicas sobre o futebol necessitam recorrer às fontes alternativas. Trata-se de material iconográfico – litogravuras<sup>5</sup> e fotos –, depoimentos orais, anotações – de atletas, técnicos, dirigentes e torcedores –, livros técnicos (como os manuais de regras), além da mais utilizada: os periódicos (jornais e revistas).

Nos primórdios da prática futebolística no Brasil as notícias eram inseridas nas colunas sociais, sendo, por conseguinte, muito diferente dos cadernos esportivos surgidos a partir do final da década de 1940. Noticiava-se o nome das pessoas de destaque presentes, elogiava-se a beleza física dos jovens praticantes, citavam-se as senhoras e senhoritas presentes, só não se comentavam os resultados ou como tinha sido o decorrer da partida propriamente dita (Capraro, 2002: 30-37).

Neste contexto elitista e superficial é que os literatos nacionais de destaque – também articulistas dos principais jornais escrevendo crônicas do cotidiano – resolvem dedicar algumas de suas notórias palavras aos esportes, cuja referência principal era o *football*. Logo se estabeleceu na crônica uma polêmica: o novo modismo das metrópoles era (ou não)

---

<sup>5</sup> Tratava-se do recurso tecnológico para registro de imagem anterior à fotografia. A imagem era impressa sobre uma chapa de zinco ou cobre após vários minutos de exposição.

importante para o “novo” Brasil? – já que este estava passando por substanciais mudanças a partir da modernização forçada no final do século XIX e nas primeiras décadas iniciais do século XX (Sevcenko, 1992; 1998). Mas o porquê de posicionamentos tão divergentes em se tratando de um campo único, o literário? Tratava-se apenas da manifestação de indivíduos pertencentes a determinados segmentos sociais? Ou se tratava de uma obra de arte, singular, que não tem parâmetros de análise, a não ser o estético? No capítulo seguinte tentou-se responder a tais questionamentos.

Na seqüência, foram analisados dois momentos históricos da crônica esportiva brasileira: o primeiro – *A Crônica na Belle Époque: a intelectualidade brasileira debatendo sobre futebol e civilidade* – sobre as relações de força entre os literatos do início do século XX que, volta e meia, debatiam se os esportes, principalmente o futebol, eram ou não um elemento civilizatório. O segundo – *O Surgimento da Crônica Esportiva Especializada: arte literária e a metáfora da “pátria em chuteiras”* – sobre a formação de um círculo literário, em um período no qual o esporte já estava consolidado como prática no país e o contexto sócio-político-intelectual favorecia a incorporação do futebol como um elemento relevante na tentativa da criação de um modelo tipicamente brasileiro. Ao findar, os apontamentos finais.

## 2. LITERATURA, CRÔNICA, FRONTEIRA E MICRO-HISTÓRIA: QUESTÕES METODOLÓGICAS

*Ora, a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas – sobretudo porque quase sempre utiliza o humor.*

(Antonio Candido, *A Crônica*, p.14).

### 2.1 Sobre a Literatura e a História

#### I

O historiador tem um compromisso incomensurável com o testemunho passado. Pode-se afirmar, mesmo correndo um forte risco de confronto com as teorias acadêmicas relativizadoras – coadunando-se às idéias de Ginzburg (1989) – que o historiador tem um comprometimento com a busca de provas históricas.

Carlo Ginzburg diagnostica então um dualismo estabelecido na historiografia. Um dualismo entre a metodologia da história e a narrativa:

As teses cépticas baseadas na redução da historiografia à sua dimensão narrativa ou retórica circulam já há alguns decênios, ainda que as suas raízes sejam [...] mais antigas. Como de costume, os teóricos da historiografia que as propõem pouco se preocupam com o trabalho concreto dos historiadores. Mas estes, também, depois de fazerem uma homenagem convencional à *tendência lingüística* ou *retórica* em voga, se mostram bem pouco inclinados a refletir sobre as implicações teóricas da sua profissão. Raramente a distância entre reflexão metodológica e prática historiográfica efetiva foi tão grande quanto nos últimos decênios (Ginzburg, 2002: 13-14).

O ofício do historiador é constituído pela busca incessante de provas, indícios e sinais, enfim, das pistas, por mais microscópicas que estas sejam (Ginzburg, 1989: 143-179). Por outro lado, a Literatura é “um produto do desejo, seu compromisso maior é com a fantasia do que com a realidade. Preocupa-se com aquilo que poderia ou deveria ser a ordem das coisas, mais do que com o seu estado real” (Sevcenko, 1999: 20). Então, pensando-se neste dilema, indaga-se: quais seriam as pistas deixadas pelo campo literário? – já que este, ao contrário da historiografia, não mantém um rígido compromisso com o ‘fato’, inclusive se auto-definindo como ficcional.

De forma introdutória, pode-se partir da constatação de Mallard e seus colaboradores, que acentuam que estas pistas existem e podem ser vislumbradas principalmente na interseção complexa entre os campos literário e acadêmico, ou seja, demonstrando também que, conseqüentemente, existe uma relação amalgamada entre tais campos.

O texto literário como documento da história ou a história como contexto que atribui significado ao texto literário são caminhos que podem colidir no congestionamento da mão única por onde enveredam. Neste sentido, reflexo, expressão, testemunho, articulação, influência e termos similares são o léxico que costuma vincular o texto literário ao que há de coletivo e social para aquém e para além de suas páginas. Aliás, a escolha de um ou de outro termo já implica não só menor ou maior grau do entrelaçamento postulado entre literatura e história, como também e sobretudo o modo como se postula tal entrelaçamento (Mallard et. al., 1995: 21).

De forma contundente, outros historiadores que usam da literatura como fonte – como Chalhoub e Pereira (1998), por exemplo – deixam em segundo plano a autonomia do autor e de sua obra enquanto arte. Segundo os autores, para a História Social a literatura é apenas um reflexo do seu tempo, representando, portanto, a relação que o autor tem com a sua sociedade. Nas palavras dos pesquisadores “a literatura é, enfim, testemunho histórico” (Chalhoub & Pereira, 1998: 7).

Segundo os pesquisadores, a missão do historiador seria então a de compreender o autor/obra em um contexto social específico: “Qualquer obra literária é evidência histórica objetivamente determinada – isto é, situada no processo histórico –, logo apresenta propriedades específicas e precisa ser adequadamente interrogada” (Chalhoub & Pereira, 1998: 8). Sendo primordiais dois princípios para a análise da obra literária enquanto documento histórico: 1- *as condições de produção*, ou seja: quem era o autor? Quais as relações internas no conjunto da obra? Quais as intenções do sujeito ao escrever seu texto? 2- *a negação da “transcendência” da obra*, sob a alegação de que qualquer fonte escrita, por mais técnica que seja – como um parecer médico, um relatório escolar, um jornal, um documento governamental – também guarda determinada subjetividade, que, por sinal, em alguns casos, pode ser mais *ficcional* do que um conto, romance, poesia ou crônica (Chalhoub & Pereira, 1998: 7-8). Nas palavras dos pesquisadores, trata-se de “Desnudar o rei, tornar a literatura sem reverências, sem reducionismos estéticos, dessacralizá-la, submetê-la ao interrogatório sistemático que é uma obrigação do nosso ofício” (Chalhoub & Pereira, 1998: 8).

Embora Chalhoub e Pereira acentuem a função investigativa da história, “Através da exploração de indícios presentes nos contos” (Chalhoub & Pereira, 1998: 9), é por demais radical a negação de outros aspectos que permeiam a obra, como o público leitor e, principalmente, a estética – elemento fundamental lembrando que a literatura também é definida como arte.

No outro extremo, existe uma forte corrente que nega o aspecto social da obra. Como criticado por Fontius In Lima (2002), estes pesquisadores, a maioria críticos literários, acreditam que a literatura só pode ser analisada através de parâmetros estéticos, pois os autores/artistas têm total autonomia na sua criação. Desta forma, os textos literários, como

qualquer outra obra de arte, devem ser descolados do contexto social, da sua temporalidade, do espaço, da biografia do autor e do público ao qual foi destinado.

## II

Uma matriz mediadora se faz necessária. O autor e sua obra não podem ser compreendidos apenas com um reflexo – mesmo que turvo – de época, tampouco como uma singular obra de arte. Dois motivos justificam tal postura na seleção de uma metodologia para interpretação de fontes literárias: se por um lado a obra guarda suas particularidades, principalmente quando comparada a outros tipos de documentação – que, ao menos, têm um comprometimento maior com a objetividade e a temporalidade; por outro, a literatura não se ajusta fielmente ao campo artístico, pois, em se tratando de palavras impressas, que representam signos, a interpretação por parte do interlocutor (o leitor) é mais direta e a possibilidade de abstração é bem menor.

Neste sentido, a teoria de Antonio Candido, pode servir como um contraponto ao dualismo acadêmico entre autonomia artística *versus* reflexo social. Com uma abordagem próxima à sociologia literária, propõe na obra *Literatura e Sociedade* a utilização da literatura como um instrumento de conhecimento crítico. Como afirma o autor:

Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; é que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinavam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o *externo* (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se portanto, *interno* (Candido, 2000: 4).

O diagnóstico deste fator *interno* se dá através do entendimento do conjunto da produção do autor: as temáticas mais abordadas, sua forma de entendimento do tema, sua

facilidade – ou não – para mudar de opinião, enfim, sua personalidade literária. Assim, de acordo com os postulados de Antonio Candido, trata-se de uma interpretação profunda da estética que acabou incorporando a ‘dimensão social’ como conteúdo da obra. Quando se chega neste nível de compreensão “o *externo* se torna *interno* e a crítica deixa de ser sociológica para ser apenas crítica” (Candido, 2000: 7).

Nestas circunstâncias, cabe destacar que não deve ser objetivo do pesquisador das Ciências Humanas apenas um estudo especializado na estética literária. Tratando-se de uma pesquisa que tem por objeto principal o entendimento de um determinado contexto social, tal inserção acabaria descaracterizando o objetivo principal, por conseguinte, é injustificada. É sim função do pesquisador compreender como o contexto social foi incorporado pelo autor e manifestado esteticamente na sua produção artística/literária.

Coadunando-se a proposta analítica de Antonio Candido, mesmo que pelo viés da análise do discurso, Sevcenko (1999) propõe que a história da literatura deve primeiramente “envolver o escritor” para que este seja “expulso” para fora de sua obra. Todos os seus traumas, carências, desafetos devem ser manifestos, desnudos. Este é o “destino” do literato pesquisado. Desta forma, “A literatura [...] fala ao historiador sobre a história que não ocorreu, sobre as possibilidades que não vingaram, sobre os planos que não se concretizaram. Ela é o testemunho triste, porém sublime, dos homens que foram vencidos pelos fatos” (Sevcenko, 1999: 21).

Outrossim, a literatura, sobretudo, deve ser compreendida analiticamente como a interpretação do contexto social pelo autor e sua manifestação artística latente na obra. Esta exposição se dá em diferentes graus, dependendo de uma série de fatores extrínsecos e intrínsecos ao autor, como a corrente literária a qual pertence, o gênero literário de sua

preferência, o “local”<sup>6</sup> de onde se manifesta, seu círculo de relacionamentos intelectuais, afetivos e familiares, sua condição de vida – tanto no passado (a infância e a juventude), quanto no presente (exercendo o ofício de escritor) – entre outros fatores. Novamente, então, recorre-se a Sevcenko:

A exigência metodológica que se faz, contudo, para que não se regrida a posições reducionistas anteriores, são de que se preserve toda a riqueza estética e comunicativa do texto literário, cuidando igualmente para que a produção discursiva não perca o conjunto de significados condensados na sua dimensão social. Afinal, todo escritor possui uma espécie de liberdade condicional de criação, uma vez que os seus temas, motivos, valores, normas ou revoltas são fornecidos ou sugeridos pela sua sociedade e seu tempo – e é destes que eles falam. Fora de qualquer dúvida: a literatura é antes de mais nada um produto artístico, destinado a agradar e a comover; mas como se pode imaginar uma árvore sem raízes, ou como pode a qualidade dos seus frutos não depender das características do solo, da natureza do clima e das condições ambientais? (Sevcenko, 1999: 20).

Assim, na sua bem sucedida análise de fontes literárias, Sevcenko (1992; 1998; 1999), conjuga três pontos básicos para a interpretação: *a linguagem, a visão de mundo e a perspectiva social*. Cabe ao primeiro o estudo do conjunto da obra e sua forma de passar a mensagem através do texto; ao segundo tratar do sentido histórico do autor/obra e demarcar as configurações na qual ambos estavam inseridos (por exemplo, influências e debates intelectuais); o terceiro, buscando elementos comuns e divergentes, investiga a dupla personalidade do autor (de um lado o indivíduo, o cidadão reservado e sua vida pessoal; do outro o escritor/celebridade, analista de temas públicos)<sup>7</sup>.

---

<sup>6</sup> Entende-se por “local” as variadas formas de manifestação e controle de poder que grupos ou subgrupos, mesmo que de forma informal, exercem sobre o escritor. Alguns exemplos: a tendência à situação/oposição política da redação de um jornal. A política editorial de uma editora ou livraria. As entidades financiadoras do periódico e/ou obra literária. Observa-se que quanto maior for a autonomia do autor para publicar e seu destaque no meio literário, proporcionalmente será sua dependência nesta relação de força. Sobre a autonomia/dependência do artista e as relações de poder, ver: Elias, Norbert. *Mozart – Sociologia de um Gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

<sup>7</sup> Um exemplo contrastante: alguns escritores convivem harmonicamente com a vida pública; outros são mais reservados, evitando o contato com o público leitor. Na atualidade muito se sabe sobre Paulo Coelho, pois este aceita bem a inserção nos meios de comunicação de massa; por outro lado o escritor paranaense Dalton Trevisan é avesso à exposição pública. Sem dúvida, o comportamento do autor em relação a sua vida pública como celebridade e a maneira como ele controla a exposição da sua vida privada, devem refletir na sua obra, e, através desta, na pesquisa histórica sobre a literatura.



Além destes pontos levantados por Sevcenko, destacam-se também dois outros, os quais o pesquisador das Ciências Sociais deve estar atento: Primeiro – o grau de consciência que o autor demonstra ter (manifesto no texto) em relação ao seu interlocutor.

Por exemplo, o escritor experiente (profissional) tem contato e sabe quem é o seu público leitor. A maioria dos escritos literários, principalmente quando se trata do gênero crônica, são uma forma de “diálogo” entre o autor e o seu leitor, pois “[...] toda obra é, de alguma forma, elaborada duas vezes: pelo criador e pelo espectador, ou melhor ainda, pela sociedade a que pertence o espectador” (Bourdieu & Darbel, 2003: 76). Essa noção que o escritor tem em relação à repercussão da obra deve ser levada em conta na análise. Enquadra-se perfeitamente neste caso as crônicas de Nelson Rodrigues que, volta e meia, mencionava de forma direta seu interlocutor. Por exemplo, para acentuar sua vocação amistosa e se aproximar do público, regularmente, Nelson iniciava suas crônicas com o vocativo “Amigos” (Rodrigues, 1994).

Elemento notado de forma explícita na formulação metodológica de Antonio Candido, que justifica:

Como se vê, não convém separar a repercussão da obra da sua leitura, pois, sociologicamente ao menos, ela só está acabada no momento em que repercute e atua, porque, sociologicamente, a arte é um sistema simbólico de comunicação inter-humana, e como tal interessa ao sociólogo. Ora, todo processo de comunicação pressupõe um comunicante, no caso o artista; um comunicado, ou seja, a obra; um comunicando, que é o público a que se dirige; graças a isso define-se o quarto elemento do processo, isto é, o seu efeito (Candido, 2000: 21).

E a partir deste “efeito” de Antonio Candido, pode-se remeter à preocupação de Pierre Bourdieu: “[...] será que se pode ler qualquer coisa sem se perguntar o que significa ler, sem se perguntar quais são as condições sociais de possibilidade de leitura?” (Bourdieu, 2004: 134). O próprio sociólogo alerta que “Uma das ilusões do *lector* é a que consiste em esquecer

suas próprias condições sociais de produção, em universalizar inconscientemente as condições de possibilidade de sua leitura” (Candido, 2000: 135).

Segundo – o envolvimento/distanciamento que o conjunto da obra apresenta. Pensados como polaridades, o próprio gênero/escola do autor pode ser um indício do grau em que este se aproxima/distancia dos temas nos seus textos. A poesia tende a ser mais *distante*, já que valoriza radicalmente o quesito estético da obra; enquanto a crônica, por sua proximidade temporal com os eventos/fatos do presente, pode se tornar mais sujeita a passionalidade do autor, portanto, mais *envolvida*<sup>8</sup>.

Antônio Candido (2000) vai além, entendendo que existem dois tipos de arte, a da *agregação* e a da *segregação*, e estas, por sua vez, levarão a conceitos ao mesmo tempo similares e complementares ao de envolvimento/distanciamento. A primeira visa à coletividade, normalmente através de meios de comunicação acessíveis, como o conteúdo de um jornal popular ou de um folheto. Geralmente incorporando ideais e mentalidades latentes na sua macro-sociedade ou, em alguns casos, em pequenos grupos sociais (como num boletim comercial ou numa crônica futebolística destinada ao torcedor de um clube de futebol específico). Desta forma, a *arte de agregação* acaba reforçando simbologias vigentes, por menor que seja o grupo social à qual ela procura atingir.

A segunda, a *arte de segregação*, ao contrário da primeira, visa renovar os códigos sociais, compactuando com o “novo”. Na maioria dos casos, dirige-se a um segmento populacional diminuto que está, de alguma forma, a margem da macro-sociedade ou de algum grupo social, o qual, provavelmente, é o alvo da crítica do autor. Em circunstâncias específicas pode ser voltada a movimentos de vanguarda. Como, por exemplo, a produção de Mario e Oswald de Andrade, dois dos principais articuladores da Semana de Arte Moderna de

---

<sup>8</sup> De forma clara, se trata de um modelo generalizante, sujeito a uma série de exemplos não enquadrados. Existem subgêneros dentro do gênero poesia que têm um conteúdo crítico-social; da mesma forma que alguns cronistas podem desenvolver um estilo mais conservador e neutro.

1922, conseqüentemente do surgimento da literatura modernista, que se encaixa perfeitamente neste estilo destinado à vanguarda.

Ainda segundo Candido (2000), tais tipologias interessam mais aos críticos literários, pois sua significância para os pesquisadores das Ciências Sociais se restringe à condução a dois outros fenômenos sociais: a *integração* e a *diferenciação*, definidas da seguinte forma:

A integração é o conjunto de fatores que tendem a acentuar no indivíduo ou no grupo a participação nos valores comuns na sociedade. A diferenciação, ao contrário, é o conjunto dos que tendem a acentuar as peculiaridades, as diferenças existentes em uns e outros. São processos complementares, de que depende a socialização do homem; a arte, igualmente, só pode sobreviver equilibrando, à sua maneira, as duas tendências referidas (Candido, 2000: 23).

Logo, entende-se que o envolvimento/distanciamento e a integração/diferenciação podem, e devem, definir a forma como o autor irá tornar *internos* (presentes no texto) as condições e problemas sociais da sua ou de uma determinada época. Para esta pesquisa, a conjugação de tais conceitos e categorias, será fundamental para a análise do grau de proximidade entre o autor/texto e determinado contexto.

Evidencia-se, então, que alguns autores sofrem menor influência externa nos seus escritos, enquanto outros trabalham mais próximos ao contexto social, às vezes, propositalmente, mesclando o cotidiano aos seus textos. As obras de um Lima Barreto ou de um Euclides da Cunha, por exemplo, como bem demonstrado por Sevcenko (1999), tinham como característica principal o engajamento sócio-político-cultural. Lima Barreto, em boa parte da sua produção, fez questão de exibir satírica, caricata e sarcasticamente o recatado, porém frívolo, cotidiano do Rio de Janeiro da *Belle Époque*<sup>9</sup>. Já as obras de Coelho Neto, com

---

<sup>9</sup> “Chama-se de Belle Époque, ou Bela Época, um período de grande efervescência cultural surgido na França, no final do século XIX, e que se espalharia pela Europa e chegaria ao Brasil, já que muitos artistas brasileiros expunham, trabalhavam e tinham contatos com a França. A nova tendência cultural teve influência em várias artes, como na literatura e na pintura, mas também na arquitetura e no que hoje se pode chamar de urbanismo. Na Belle Époque predomina a idéia de modernidade. Interessa e apaixona o que é novo, moderno, em contraposição ao que é antigo, ultrapassado. Esse movimento cultural privilegia a cidade – não mais o campo –,

raras exceções<sup>10</sup>, apresentavam certo distanciamento de causas sociais mais amplas. Preocupando-se o autor, sobretudo, com a beleza da forma e do texto. Portanto, nos seus textos “se respira um pesado odor de *belle époque* e onde se põem entre parênteses, com muita frequência, o desenrolar dos fatos e a vida interior dos personagens” (Bosi, 1994: 202). Alguns críticos literários chegaram até a considerá-lo um parnasiano em prosa (Carpeaux, 1967: 266)<sup>11</sup>. Um estilo de crônica bastante criticado pelos movimentos modernistas que surgiram nas décadas seguintes sob o argumento que tinha um “[...] tom empolado e laudatório, repleto de maneirismos retóricos de estilo bacharelístico” (Silva, 2006: 101).

### III

Carlo Ginzburg reafirma a importância da delimitação do grau de proximidade da obra literária com a verdade histórica, afirmando que “Contra o lugar-comum corrente segundo o qual todas as narrativas pertenceriam em alguma medida à esfera da ficção, procurou-se mostrar que existe uma relação complexa entre as narrativas inventadas e as narrativas com pretensão à verdade” (Ginzburg, 2004: 64).

As narrativas “com pretensões à verdade”, citadas por Ginzburg, podem ser, conceitualmente, definidas como a *literatura de fronteira*. Obras situadas exatamente nos limites entre a ficção e a realidade. Tratando-se, então, de “Dimensões diversas,

---

promovendo uma nova ordem mundial e um local mais propício para as manifestações artísticas e culturais, entre elas o esporte. - A Belle Époque era uma época de ascensão social. No Império, havia senhores e escravos. Com a Belle Époque surge uma classe média de empresários, que vão dar força aos esportes. Essa classe aceita as novidades, incluindo o esporte, que era uma maneira de ser louvado” (Nogueira, 2006: 61).

<sup>10</sup> Como a obra intitulada *Mano*, originalmente publicada em 1922, no qual o autor presta homenagem ao seu falecido filho. Ver: Coelho Netto, Henrique. *Mano, Livro da Saudade*. 7. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões Editora, 1956.

<sup>11</sup> Alfredo Bosi (1994), na obra *História Concisa da Literatura Brasileira*, apresenta uma estruturação fundamental para o entendimento dos respectivos períodos da literatura nacional de acordo com o conteúdo da obra e a mentalidade dos escritores. Assim, Bosi aproxima-se de questões culturais e, tenuamente, de situações políticas para compreender a formação da literatura no Brasil e seus respectivos períodos. Embora os autores - Barreto e Coelho Netto - apresentem diferenças drásticas em suas perspectivas, abordagens, estéticas e condições sociais, na obra de Bosi são definidos como membros de uma mesma corrente literária: o *Pré-modernismo*. Justifica o autor, que a corrente englobava “tudo o que, nas primeiras décadas do século, problematiza a nossa realidade social e cultural.” (Bosi, 1994: 306).

multifacetadas e complexas a analisar caso a caso, configuradas seja no esforço de historiadores e ficcionistas e artistas para construir um imaginário da identidade brasileira [...]” (Chiappini e Bresciani, 2002: 10-11) .

A *fronteira* dá sentido ao ofício do analista da história da literatura. Seleciona gêneros, autores e obras que se aproximam mais das Ciências Humanas, facilitando a compreensão da dimensão histórica presente no texto, das teses sociológicas apresentadas ou das manifestações crítico-sociais ligadas ao cotidiano. Seria, metaforicamente, como dois caminhos a lugares distintos que, em determinado ponto, cruzam-se, tornando-se, neste tênue espaço, *uno*. Residindo, desta forma, nesta pequena interseção, o ponto chave para compreensão do todo.

Neste reduzido, mas significativo espaço, reside, provavelmente, a maior riqueza a ser interpretada. A obra de *fronteira* extrapola os limites rígidos da escrita acadêmica – as regras implícitas à historiografia ou a semiótica –, porém, ao mesmo tempo, assume um compromisso mais perene com a realidade social e histórica. Não é ciência, tampouco ficção, é narrativa e hibridismo, que ecoa no leitor como potente fonte de reflexão.

Destacam-se, então, três gêneros ou subgêneros que são mais contundentes em relação à verdade: o romance histórico, o ensaio de cunho sociológico e a crônica. Cada qual com suas particularidades, entretanto, conceitualmente, unificados através da definição de *literatura de fronteira*.

“O romance se apresenta a nós como um gênero caracterizado pela reflexão sobre si mesmo.” (Ginzburg, 2004: 69). O romance histórico não extrapola a máxima, mas guarda características próprias: evidentemente, não é uma simples narração dos acontecimentos históricos, também de forma nítida não é uma mera ficção. Trata-se de uma obra amarrada à realidade, seja por um determinado contexto, personagem ou temporalidade.

São exemplos de romance histórico as seguintes obras: *Menino do Engenho* de José Lins do Rego; *Os Sertões* de Euclides da Cunha; *O Tempo e o Vento* e *Incidente em Antares* de Erico Verissimo; *Os Subterrâneos da Liberdade* de Jorge Amado; *Memórias do Cárcere* de Graciliano Ramos; *O Nome da Rosa* e *Baudolino* de Umberto Eco; *Ulisses* de James Joyce; e *Os Bruzundangas* de Lima Barreto.

*O Tempo e o Vento* de Erico Verissimo, a modo de exemplo, é analisado da seguinte forma por um estudioso da história da literatura:

O romance ofereceu pois à literatura a dimensão de sua historicidade. Trata-se de momentos privilegiados em que a ficção assume a consciência política da sociedade. Tanto mais importante se registrarmos que, instaurado a metáfora da tirania ou sugerindo a fronteira da liberdade, do Romantismo até aqui, História e Literatura reuniram-se no mesmo processo de sondagem e revelação da realidade brasileira [ou outra qualquer] (Chaves, 1999: 25).

Já no ensaio de cunho sociológico se evidencia a apresentação de uma tese (idéia) central de relevância sócio-cultural, discutida, evidentemente, através de uma estética mais próxima à literatura do que da linguagem técnica acadêmica presente em artigos, dissertações e teses. A fluência oscilante de idéias, o enredo, a estilística, o envolvimento com o objeto de estudo, a erudição e a forte atratividade ao público em geral, porém douto, são características típicas deste tipo de ensaio. Como afirma Ginzburg sobre a origem deste estilo: “A erudição domina as discussões entre amigos nas quais se reconhece a origem remota do gênero ensaístico” (Ginzburg, 2004, pp. 12-13).

As obras deste gênero geralmente causam um grande impacto social – pois apresentam, em se tratando de público leitor, um alcance maior do que a produção acadêmica – e, na mesma proporção, uma tensa polêmica em torno do seu conteúdo e enquadramento. Um dos motivos para controvérsia é que o ensaio de cunho sociológico – ao contrário do romance histórico, cujos principais expoentes são exclusivamente literatos (escritores) de

ofício – tem uma gama diversificada de adeptos: são intelectuais, críticos literários, historiadores e sociólogos, entre outros, sempre reconhecidos pela sua erudição.

São exemplos os clássicos *Casa-Grande & Senzala* e *Sobrados & Mocambos* de Gilberto Freyre, *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda e *O Negro no Futebol Brasileiro* de Mario Filho. Típicos deste gênero, servem de pauta para um intenso debate acadêmico acerca da sua definição literária. Para alguns um simples romance, para outros, escritos sociológicos puros – como será visto nos capítulos subseqüentes.

Mas o impasse se dá porque “O motivo tortuoso, caprichoso e descontínuo do ensaio poderia parecer incompatível com o rigor de uma tese. Mas talvez essa mesma flexibilidade tenha êxito em captar configurações que tendem a escapar às malhas das disciplinas institucionais” (Ginzburg, 2004: 13). Partindo-se deste princípio, pode-se compreender melhor a problemática: enquanto gênero de *fronteira*, o ensaio não pode ser analisado por conceitos absolutos de determinada área acadêmica, seja a História, a Crítica Literária, a Sociologia ou qualquer outra. Como gênero híbrido, deve ser entendido através de parâmetros interdisciplinares.

Uma análise que propõe compreender a posição no espaço de *fronteira* dos ensaios de cunho sociológico de Gilberto Freyre expõe a seguinte reflexão sobre as principais obras do autor:

Em momento algum, Freyre se esquiva do reconhecimento do procedimento de inspiração “proustiana”, recurso literário, provavelmente assumido *a posteriori*, mas de grande impacto emotivo sobre o leitor. O autor, ele mesmo um *voyeur*, faz do leitor seu cúmplice, compartilha com ele as intimidades, freqüentemente excessivas, da vida em uma casa patriarcal rural e na sua expressão urbana, o sobrado. Os excessos sexuais de portugueses, cujo sangue mesclado ao dos sarracenos rivalizaria com o indígena e o africano; excessos de mimos e afagos das mães pretas nos sinhozinhos, excessos de autoridade *do pater familia* senhor absoluto de toda a população residente em sua propriedade; o excesso de recolhimento das mulheres, invisíveis para as visitas, no regime conventual da casa-grande (Bresciani In Chiappini e Bresciani, 2002: 45).

Carlo Ginzburg, prudentemente, alerta sobre a tortuosidade dos escritos ensaísticos. A dificuldade de se analisar tal gênero é bem metaforizada pelo historiador: “Na partida de xadrez da pesquisa, as majestosas torres disciplinares se deslocam implacavelmente em linha reta; o gênero ensaístico, ao contrário, move-se como o cavalo, de modo [mais dinâmico], saltando de uma disciplina para outra, de um conjunto textual para outro” (Ginzburg, 2004: 13).

A crônica, como instrumento primário de análise desta pesquisa, merece um item à parte, mas antes um longo adendo.

Embora com abordagens próximas no tangente ao sentido *fronteiriço* de um segmento da literatura, Ginzburg, Chiappini e Bresciani, divergem no que concerne à interpretação dos escritos literários. O conceito de “imaginário” de Chiappini & Bresciani se sobrepõe ao de “verdade histórica” de Ginzburg. Para o historiador italiano, a proximidade entre a retórica, a história e a prova nunca esteve tão desacreditada como nas últimas décadas do século XX e início do XXI (Ginzburg, 2002: 13-15). Não se trata de uma visão simplificadora ou ingênua, pois:

A idéia de que as fontes, se dignas de fé, oferecem um acesso imediato à realidade ou, pelo menos, a um aspecto da realidade, me parece igualmente rudimentar. As fontes não são nem janelas escancaradas, como acreditam os positivistas, nem muros que obstruem a visão, como pensam os cépticos: no máximo poderíamos compará-las a espelhos deformantes. A análise da distorção específica de qualquer fonte implica já um elemento construtivo. Mas a construção [...], não é incompatível com a prova; a projeção do desejo, sem o qual não há pesquisa, não é incompatível com os desmentidos infligidos pelo princípio de realidade. O conhecimento (mesmo o histórico) é possível (Ginzburg, 2002: 44-45).

Nicolau Sevcenko, historiador que constantemente manuseou fontes literárias<sup>12</sup>, neste quesito, se aproxima das idéias de Ginzburg, quando escreve que... “Ocupa-se portanto o

---

<sup>12</sup> Menções aos literatos e algumas fontes podem ser vistas em: Sevcenko, Nicolau. *Orfeu Extático na Metrópole*: São Paulo sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.



historiador da realidade, enquanto que o escritor é atraído pela possibilidade. Eis aí, pois, uma diferença crucial, a ser devidamente considerada pelo historiador que se serve do material literário” (Sevcenko, 1999: 17).

Assim, em concordância com Sevcenko, compreende-se que a função do pesquisador da literatura transcende a busca direta e única das representações e imaginários estabelecidos pelo autor no momento da criação da obra<sup>13</sup>. Como especificado por Antonio Candido, não se trata somente da busca das expressões de uma determinada época ou sociedade, tampouco dos indícios que permitem enquadrar a obra em um preciso cenário histórico, mas sim, entendê-la como “fator da própria construção artística, estudado no nível explicativo e não ilustrativo” (Candido, 2000: 7).

Ou ainda em concordância com Carlo Ginzburg, que apresenta de forma sintética o seguinte objetivo geral no seu primeiro livro dedicado à História da Literatura: “[...] analisar não a reelaboração de uma fonte, mas algo vasto e fugidio: a relação da leitura com a escrita, do presente com o passado e deste com o presente” (Ginzburg, 2004: 15).

Como antecipado, tratar-se-á a seguir do gênero de *fronteira* que é fonte primária deste trabalho, a crônica, já que esta, assim como o romance histórico e o ensaio de cunho sociológico, guarda suas peculiaridades.

## 2.2 Crônica – o gênero

### I

---

\_\_\_\_\_. (org). *História da Vida Privada no Brasil*. República: da Belle Époque à Era do Rádio. (vol III). São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Especificamente sobre a análise da produção literária, centrada em Euclides da Cunha e Lima Barreto, ver:

\_\_\_\_\_. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

<sup>13</sup> Não se nega novamente que conceitos como representação social e imaginário coletivo sejam relevantes na análise de obras literárias, entretanto, acredita-se que a alguns gêneros literários (principalmente os de *fronteira*) podem possibilitar ao pesquisador ir adiante. É a tão propagada idéia da “prova” de Ginzburg.

A crônica acendeu no Brasil no início do século XIX, derivada dos populares *folhetins*. Fortalecida com a fundação dos primeiros periódicos de ampla circulação na Capital Federal, o Rio de Janeiro, e outras cidades como Recife, Salvador e São Paulo. Mais do que a coincidência temporal, a crônica surgiu dentro das próprias redações. Publicadas diariamente, tratavam-se neste início de comentários pessoais, polêmicos ou jocosos de temáticas cotidianas (Candido et. al., 1992: 14-15).

Como esclarece Roger Chartier, “Nos séculos XVII e XVIII, um jornal não tinha uma estrutura diferente do livro [no Brasil, eram os populares tablóides]. Quando o jornal adquire um grande formato e uma distribuição ampla [no Brasil no século XIX] ele é vendido na rua a cada número aí ocorre [...] uma atitude mais livre: o jornal é carregado, dobrado, rasgado, lido por muitos” (Chartier, 1998: 82).

Segundo Candido (1992), a crônica, gênero definido como uma mescla de literatura, jornalismo, vida social e cotidiana, sem um compromisso mais perene, é um dos poucos gêneros literários tipicamente brasileiros<sup>14</sup>. De acordo com o crítico, nos demais países o *folhetim* não se transformou em crônica, se aproximando mais do gênero conto. Uma hipótese cabível para este fenômeno é que o leitor brasileiro de jornais se identificou com o escrito, aceitando de forma mais pacífica o tom jocoso, satírico, debochado e até certo ponto cruel, características típicas das crônicas.

De forma geral, a crônica é caracterizada como... “Narrativa curta, fixação do flagrante, emoções ‘daquele’ momento, passagens da vida do autor, o cotidiano ou, até, recordações de um ontem que se tenta recuperar. Enfim, temática variadíssima, estruturando-se mais próxima do conto [...] embora liberta de enredos e personagens [...] ou antagonismos e involuções [...]” (Proença, 1980: 28).

---

<sup>14</sup> Além da crônica, outro gênero tipicamente nacional é a literatura de cordel. Maiores detalhes ver: Costa, Cristina. *A Milésima Segunda Noite: da narrativa mítica à telenovela análise estética e sociológica*. São Paulo: Annablume, 2000. (especificamente pp. 126-131).

O vínculo entre a crônica e os jornais – e posteriormente as revistas – nunca se desfez. Provavelmente, a crônica tenha surgido como uma necessidade de ajuste do campo literário brasileiro. Explica-se: como o contingente populacional letrado era significativamente pequeno<sup>15</sup>, os escritores brasileiros eram obrigados a buscar alternativas para obter seus rendimentos. Desta forma, a crônica surge como um complemento à carreira dos grandes nomes da literatura brasileira.

Como esclarecido,

Em termos concretos, toda a vida intelectual era dominada pela grande imprensa que constituía a principal instância de produção cultural da época [início do século XX] e que fornecia a maioria das gratificações e posições intelectuais. Os escritores profissionais viam-se forçados a ajustar-se aos gêneros que vinham de ser importados da imprensa francesa: a reportagem, a entrevista, o inquérito literário e, em especial a crônica (Miceli, 1977: 14).

José de Alencar, Rubem Braga, Machado de Assis, Raquel de Queiroz, Luis Fernando Verissimo, Mário de Andrade, Olavo Bilac, Manuel Bandeira, Paulo Barreto (João do Rio), Graciliano Ramos, Coelho Netto, Rui Barbosa, Carlos Drummond de Andrade, Gilberto Amado, João Saldanha, Ferreira Gullar, Nelson Rodrigues, Paulo Mendes Campos, Monteiro Lobato, Mário Rodrigues Filho, José Lins do Rego, Alcântara Machado, Fernando Sabino, Millôr Fernandes, Armando Nogueira são alguns exemplos de literatos que escreveram (alguns ainda escrevem) regularmente crônicas em periódicos brasileiros. Dentre eles, somente poucos – como Rubem Braga, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Armando Nogueira e João Saldanha – tinham como seu gênero exclusivo ou principal a crônica.

Assim, como o gênero conta com um número significativo de escritores de vulto, a seleção dos analisados nos capítulos subseqüentes seguiu alguns critérios qualitativos. De forma mais evidente, nem todos valorizam os esportes como temática do cotidiano,

---

<sup>15</sup> De acordo com Neves (1992) o índice de alfabetizados no Brasil em 1872 era de 1.56% e, quase quarenta anos depois, em 1920, ainda se mantinha baixo: 7.49%.

logicamente estes foram preteridos. Então, basicamente, foram selecionados aqueles que valorizavam a temática (de forma positiva ou não) e eram (e ainda são) reconhecidos pela crítica literária e pelo público leitor como nomes de destaque da literatura nacional. No entanto, outros foram selecionados devido à repercussão de seus poucos textos – como o caso de Graciliano Ramos, que escreveu uma crônica que despertou muito interesse no meio acadêmico e jornalístico nas últimas décadas. Ressalta-se então que a seleção foi feita primordialmente pensando que nomes com forte respaldo no meio literário acentuam a importância das relações entre escritor e leitor e entre os próprios escritores, ou seja, tem força para gerar adesões, simpatias e antipatias, revoltas, polêmicas, enfim, sentimentos (mesmo que em diferentes épocas).

## II

Neste sentido, a crônica poderia ser considerada um gênero de grandeza menor. Todavia, por mais paradoxal que seja, é exatamente neste ponto que reside sua riqueza. Segundo Antonio Candido, “uma inesperada embora discreta candidata à perfeição” (Candido et. al., 1992: 13).

A “perfeição” de Candido pode estar relacionada ao caráter eclético. Dos mais variados movimentos e gêneros: do romantismo ao modernismo, da prosa à poesia parnasiana, do realismo ao simbolismo, do teatro ao rádio, enfim, escritores expoentes de todas as escolas literárias contemporâneas se dedicaram à escrita do gênero crônica.

Valoriza-se então a diversidade, tanto de temas quanto de conteúdos presentes no gênero crônica. Singela, enxuta, breve (o suficiente para que o leitor fique ansioso para ler a próxima), recorrente (quase sempre, será sucedida por uma próxima), a crônica guarda sua especificidade: tem um caráter provisório, inacabado, de momentaneidade. Ao contrário do

romance que apresenta um desfecho após o clímax, ou do conto que não tem um sentido contínuo, a crônica se auto-ajusta, pois, do presente (aquela que foi publicada hoje) se expõem os pré-requisitos para as próximas que virão. Ela pode prender tanto quanto um outro fenômeno cultural tipicamente brasileiro que iria surgir décadas depois: as telenovelas<sup>16</sup>.

E as crônicas quando, raramente, se immortalizam – algumas vezes se tornando até profecias consumadas – são consideradas pelos estetas literários como a própria perfeição encarnada no texto. Publicadas na forma de livro são obras de rara beleza porque, ao contrário dos demais gêneros, a seleção de algumas dezenas pode ser feita a partir de milhares delas já publicadas. E o melhor: com um certo conhecimento prévio da reciprocidade que as mesmas vão encontrar no público leitor, pois algum dia elas já foram lidas. Seria como se o romancista pudesse esboçar sua obra centenas de vezes até encontrar o texto e enredo ideais.

Mas, deve-se, sobretudo, relevar que não é essa a expectativa do cronista, já que a crônica é um dos poucos gêneros literários (se não for o único) a ter um prazo de validade. Como está vinculada aos periódicos: diários, semanários, no máximo mensários, é exatamente esta a duração planejada para a existência da crônica. Como bem ilustrado por Antonio Candido, ela “[...] não tem pretensões a durar, uma vez que é filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa. Ela não foi feita originalmente para o livro, mas para essa publicação efêmera que se compra num dia e no dia seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou forrar o chão da cozinha” (Candido et. al., 1992: 14).

Assim a crônica passa a ter uma temporalidade ampla, pois, ao mesmo tempo em que é regular, seguindo a periodicidade do veículo onde é publicada, é, algumas vezes, atemporal: eternizada na forma de livro. Justificando então a preposição de Elias, que conceitua o tempo

---

<sup>16</sup> Para maior compreensão sociológica do assunto, ver as seguintes obras: Sodré, Muniz. *O monopólio da Fala: função e linguagem da televisão no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1984. Costa, Cristina. Op. Cit. (especificamente os capítulos XIV, XV, XVI e XVII).

como “[...] apenas uma figuração simbólica do fato de que tudo o que existe encontra-se no fluxo incessante dos acontecimentos” (Elias, 1998: 31).

Deste modo, em se tratando das crônicas,

“[...] é possível uma leitura que as considere ‘documento’ na medida em que se constituem como um discurso polifacético que expressa, de forma certamente contraditória, um ‘tempo social’ vivido pelos contemporâneos no momento da publicação. ‘Documentos’ portanto, porque se apresentam com um dos elementos que tecem a novidade desse tempo vivido. ‘Documento’, nesse sentido, porque imagens da nova ordem” (Neves In Candido et. al., 1992: 76).

Ainda quanto à condição temporal, a crônica é a literatura de um determinado tempo presente. Em outras palavras, “[...] a crônica é sempre de alguma maneira o tempo feito texto, sempre e de formas diversas, uma escrita do tempo. Não fosse senão por essa razão, já seria justo que delas se ocupassem os historiadores” (Neves, 1992: 82). Embora, alguns cronistas gostem de trabalhar a memória<sup>17</sup>, normalmente de forma nostálgica, mesmo assim, ela, como parte de um meio de comunicação, acaba de uma forma ou outra enfatizando o cotidiano. Como perspicazmente trabalhou Machado de Assis, em uma das suas crônicas do final do século XIX onde o tempo passa ter o mesmo sentido social, tão enfatizado com propriedade por Norbert Elias (1998):

[...] Mas então o que é o tempo? É a brisa fresca e preguiçosa de outros anos, ou este tufão impetuoso que parece apostar com a eletricidade? Não há dúvida que os relógios, depois da morte de López<sup>18</sup>, andam muito mais depressa. Antigamente tinham o andar próprio de uma quadra em que as notícias de Ouro Preto gastavam cinco dias para chegar ao Rio de Janeiro.

[...] Aí vou escorrendo para o passado, cousa que não interessa no presente. O passado que o jovem leitor há de saborear é o presente, lá para 1920, quando os relógios e os almanaques criarem asas. Então, se ele escrever nesta coluna, aos domingos, será igualmente insípido com as suas recordações (Assis, 1994: 36).

---

<sup>17</sup> A memória é “[...] um dado da condição humana. O ato de lembrar serve aos homens como um elemento constitutivo de suas identidades como indivíduos, e a biografia se constrói a partir de um conjunto de referência sobre a experiência, os relacionamentos e a trajetória. Essas referências permanecem dentro do indivíduo em estado latente e são invocadas a partir de estímulos exteriores. Nesses momentos, a memória se manifesta como uma espécie de presença sensorial e se expressa por meio de ações e palavras” (Oliveira In Lovisaro & Neves (orgs), 2005: 28).

<sup>18</sup> Machado de Assis se referia ao ditador Paraguai Solano López. A nota não consta no original.

Assim, rigidamente preso à rapidez do presente, o cronista abusa da criatividade, através do uso de recursos literários variados, como a sátira, o drama, a contundência, a acidez, a lógica, o cinismo, o humor, a narrativa direta, entre outras. Como constatado, [...] não se improvisa um criador de surpresa, de espanto, de desconcerto, etc. O artista é aquele que é capaz de fazer sensação. O que não corresponde ao sensacional, [...], mas sim ao sentido forte do termo, fazer passar por dentro da ordem da sensação, que, enquanto tal, possui uma natureza que toca a sensibilidade, emociona [...] (Bourdieu & Haacke, 1995: 37).

A crônica evidencia também os eventos, acontecimentos e regularidades do dia-a-dia. O ocorrido ontem será escrito e publicado hoje. E esta característica, a de agilidade, como um verdadeiro gênero de “repente”, expõe o cronista. Expõe primeiramente porque o cronista é obrigado a estar aberto e interligado ao mundo. O drama ocorrido há um instante, deverá ser o tema da sua próxima crônica. O evento peculiar de algumas semanas atrás, dificilmente será do interesse do leitor. Sua reflexão sobre assuntos gerais tem que ser aguçada. Segundo motivo: como há uma proximidade temporal com os acontecimentos que servem de tema às crônicas, tais assuntos despertam maior paixão e envolvimento por parte tanto do cronista quanto dos leitores.

Ao torcer, comentar e analisar as atuações dos nossos clubes e de nossos jogadores, o cidadão comum e os especialistas [...] reconstruem nossa formação ou contexto discursivo, nas discussões de rua, no noticiário e nas crônicas diariamente veiculadas pelas mais diversas mídias.

Assim, os elementos descritos pelos clássicos do pensamento brasileiro, como Sérgio Buarque de Holanda e Roberto DaMatta, como a oposição entre o talento, a criatividade, o improviso, de um lado e, de outro, a tecnologia, a racionalidade, e o planejamento, fundamental para o entendimento do Brasil, são [os articuladores das] acaloradas discussões de jornalistas e torcedores sobre a necessária ou eventual incompatibilidade entre o craque e a tática, por exemplo (Manhães, 2004: 21).

Neste contexto imediatista as reações são mais tensas e explosivas. Uma opinião de valor moral equivocado, um lapso, uma falha na comunicação textual, podem comprometer a

reputação do cronista estabelecida durante anos. Aspecto que, de forma mais ampla (referindo-se à literatura geral), foi reiterado por Roger Chartier:

Apreendido pela leitura, o texto não tem de modo algum, ou ao menos totalmente – o sentido que lhe atribui seu autor, seu editor ou seus comentadores. Toda história da literatura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro [ou crônica] pretende lhe impor. Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura. Os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem (Chartier, 1998: 77).

Embora, seja necessário esclarecer que, nas últimas décadas, tenha surgido um estilo de escrever crônicas centrado em criar polêmicas. Atraindo dois tipos de público leitor: um segmento apaixonado e o outro de desafetos.<sup>19</sup>

### III

Outro ponto que facilita a popularização da crônica, e também seu tom polêmico, é que ela é um exemplo de simplicidade. Não visa à erudição, já que é exposta em um meio de informação popular. É direta e clara, solta, insinuante, cheia de graça, sem a intrincada “superioridade intelectual e literária com grandiloquência e requinte gramatical [típica da literatura clássica brasileira]” (Candido et. al., 1992: 16).

Como gênero de *fronteira*, citado anteriormente, a crônica provavelmente não suscita tantos entraves quanto o romance histórico ou o ensaio de cunho sociológico. Poucos questionam seu compromisso com temáticas pelo menos tenuamente interligadas ao real. Mesmo quando o cronista recorre ao passado ou gera alguns lugares e/ou personagens fictícios – técnica praxe de Nelson Rodrigues, criador do *Sobrenatural de Almeida* e da *Grã-fina das narinas de cadáver* (Rodrigues, 1994) – sempre há uma mensagem simbólica de

---

<sup>19</sup> Pode-se citar, como exemplo, as crônicas do Paulo Francis e Diogo Mainardi. Cronista da revista de maior tiragem no Brasil, a *Veja*, Mainardi é há anos o gerador do maior número de cartas e e-mails à redação da referida revista - várias o idolatrando, outras tantas o criticando veementemente.



forma explícita (geralmente uma metáfora) associada a algum fato ou circunstância acontecido no tempo presente.

As “distorções da realidade”, termo usado na análise literária feita por Ginzburg (2004), que podem ser bastante complexas no romance, no conto, na poesia, ou mesmo no romance histórico e no ensaio de cunho sociológico, não têm a mesma intensidade nas crônicas. Vale lembrar que a crônica praticamente nasceu como “gêmea siamesa” do jornal. Assim, existem dois motivos para que esta diferença entre literatura “pura” e crônica ocorra.

O primeiro: o público que lê uma crônica é bastante eclético, vai do douto ao semi-alfabetizado. E o cronista sabe disso. Ele sabe que seu estilo não pode ser rebuscado e denso, até porque seus compromissos com o periódico onde trabalha são comerciais, centrados no aumento da venda dos diários ou revistas. Justifica-se, assim, a afirmativa de que a crônica “disputava espaço junto ao público com as demais notícias dos jornais, o que de certa maneira influenciava o conteúdo de suas histórias, inclusive na menção a fatos do cotidiano do leitor e na mistura que promovia entre ficção e realidade” (Costa, 2000: 130).

O segundo: o leitor, principalmente quando se trata de crônicas diárias ou semanais, acaba se habituando ao estilo do cronista, destrinchando com mais facilidade o subjetivismo do seu texto, conseqüentemente, interagindo mais com o autor e a sua produção. Acentua-se, então, que “O leitor não é mais constrangido a intervir na margem, no sentido literal ou no sentido figurado. Ele pode intervir no coração, no centro” (Chartier, 1998: 91).

Se atualmente um Armando Nogueira – além de um programa semanal na TV<sup>20</sup> – possui uma página na internet<sup>21</sup>, com um canal direto de contato com o seu público, sem contar o tradicional espaço do leitor nos próprios periódicos; no final do século XIX e início do XX, um Machado de Assis, Olavo Bilac, Lima Barreto ou demais cronistas, interagem de

---

<sup>20</sup> O Programa *Papo com Armando Nogueira* é apresentado no canal fechado *Sportv*, especializado em programação esportiva.

<sup>21</sup> Ver o domínio: <http://www.armandonogueira.com.br>. Acessado em 07/01/2005.

forma mais direta com os leitores e também com seus pares nas redações, praças, ruas, cafés, bailes e saraus, passeios, enfim, nos espaços públicos que cresciam vertiginosamente e eram assiduamente freqüentados durante a *Belle Époque* carioca.

Desta forma, possivelmente a crônica pode ser considerada o gênero mais identificado com a *literatura de fronteira*. Sua característica estética é inegável, já que desenvolve sentimentos múltiplos no leitor: diverte, leva à reflexão, enraivece, alegra, motiva... Mesmo assim, tem sólidas amarras com o cotidiano (o tempo presente) e um compromisso perene com a “realidade”, pois, ao mesmo tempo, informa, narra, descreve, constrói e desconstrói verdades, sempre de forma espontânea e momentânea. Detalha um pesquisador que manuseia este tipo de fonte histórica:

Pois bem, é disso tudo que se ocupa a crônica e o cronista. Do processamento da complexa teia de inter-relações que marca a vida de contatos das cidades. Vida que, certamente, não se constrói apenas por grandes acontecimentos econômicos e políticos, mas que se edifica na soma das coisas miúdas que promovem a interdependência crescente dos indivíduos. Também nesse sentido, do universo jornalístico de onde ela emerge, a crônica vai instaurar rupturas tanto do ponto de vista lingüístico quanto, e principalmente, do ponto de vista temático (Lucena, 2003: 164).

#### IV

Na inovadora obra *A Crônica: o Gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*, escrita por Antonio Candido e outros colaboradores, são reunidos ensaios e artigos de vários pesquisadores da literatura, inclusive alguns intelectuais brasileiros de destaque como José Murilo de Carvalho e Miriam Lifchitz Moreira Leite. A abrangente coletânea expõe temas variados como o surgimento da crônica (nos meados do XIX); a análise das obras de alguns cronistas como Machado de Assis, Lima Barreto, João do Rio, Mario de Andrade, José Saramago, entre outros; além de alguns textos difusos, por exemplo, sobre crônica e gênero ou a crônica fotográfica. Mas o grande destaque é, sem dúvida, o texto publicado pelo

próprio Candido. Trata-se de um ensaio que é considerado um clássico da análise sociológico-literária. Neste texto, a crônica é historicizada com soberba e também são lançadas as bases para compreensão deste estilo literário – bases que servem de pressupostos para a presente tese.

O texto de Candido foi intitulado *A Vida ao Rés-do-Chão*. A justificativa para o título foi a seguinte:

Por se abrigar neste veículo transitório [o jornal], o seu intuito não é o dos escritores que pensam em “ficar”, isto é, permanecer na lembrança e na admiração da posteridade; e a sua perspectiva não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples **rés-do-chão**<sup>22</sup>. Por isso mesmo consegue quase sem querer transformar a literatura em algo íntimo com relação à vida de cada um, e quando passado do jornal ao livro, nós verificamos meio espantados que a sua durabilidade pode ser maior do que ela própria pensava (Candido et. al., 1992: 14-15).

O sentido da análise de Candido, texto esteticamente sentimental e, por que não, de rara beleza, expõe o drama vivido por este gênero e, como consequência, também daqueles escritores que enveredaram por seu árduo caminho.

O título exprime certa crítica, ao mesmo tempo tenta fazer justiça. Estilo *fronteiriço*, sobretudo singular, a crônica, no cenário literário, se encontra no térreo – o plano mais baixo possível. Foi por um longo período desconsiderada pelo meio literário conservador. Talvez seja por isso, vindo de “baixo”, que o gênero possa ter causado tanto espanto (e também ressentimento) quando, mais próximo de um sentimento geral, do mesmo modo que vivido e resignificado pelo autor, infiltra-se com grande eficácia no tecido social, se encorpando – como já afirmado – escapando da sua prisão temporal para ganhar a imortalidade na forma de um livro. Deste jeito, sublime e ascendente, rompe definitivamente com a barreira imposta pelos preconceituosos, aqueles que o consideram um gênero menor. Viver ao *rés-do-chão* é a sua sina. Destino difícil, porém nobre.

---

<sup>22</sup> Grifo não consta no texto original.

O seu princípio, parte do singelo e peculiar rumo, à improvável, mas possível, assertiva épica. Gênero associado ao cotidiano, a crônica pode ser caracterizada como a forma literária mais humanizada, próxima, respeitosa e compreensiva, porém sem deixar de ser crítica em relação aos temas. Como demonstrado em um excerto de um texto de Armando Nogueira, a respeito do encerramento da carreira do jogador Mané Garrincha.

O que se exige, ao menos por vergonha, é a reverência, é o reconhecimento à obra de um herói que, brincando pelo mundo afora, nos fez um pouco mais felizes; que, sem dar um tiro, sem um discurso sequer, fez o Brasil mais nação ainda, unindo um povo para cantar, de mãos dadas, como crianças de um mundo sem lágrimas, a alegria de uma vitória nacional.

Que Deus nos perdoe o pecado de desprezar um ídolo porque, pelo menos a mim, já me basta a pena de nunca mais voltar a ver nos estádios um drible de Garrincha (Nogueira, 1988: 74-75).

Assim a crônica é “[...] vida, tudo é motivo de experiência e reflexão, ou simplesmente de divertimento, de esquecimento momentâneo de nós mesmos a troco do sonho ou da piada que nos transporta ao mundo da imaginação.” (Candido, 1992: 20). Relevada a vontade da crônica em ser íntima do seu interlocutor, o leitor, então, não poderia ser ela considerada o gênero literário mais próximo do vivido? Sem dúvida. Pois, a crônica é a literatura que surge do âmago da sociedade, a partir da análise manifesta publicamente pelo cronista, no momento exato em que os fenômenos estão ocorrendo.

### **2.3 A crônica e o futebol**

#### **I**

De acordo com Pedrosa (1968), os primeiros livros sobre esportes eram obras de cunho técnico que ensinavam aos jogadores as técnicas, táticas e estratégias, geralmente de modalidades coletivas. Tais livros eram um sucesso de venda no primórdio dos esportes no Brasil. Além destes manuais, surgiram também algumas teses médicas e pareceres educativos,

a maioria, por sinal, criticando a prática dos esportes, como o livro do advogado, escritor e educador Carlos Sussekind de Mendonça, *O Esporte Está Deseducando a Mocidade Brasileira*, em 1921. Porém, tais escritos são considerados técnicos e didáticos, não se enquadrando perfeitamente como literatura. Como afirma Proença (1981) para ser considerado um gênero literário, o texto precisa ter certo grau de *literalidade* – ou seja, uma concisa preocupação estética com a escrita.

Assim, no início da prática esportiva no Brasil, a presença de menções na literatura nacional era escassa. As poucas eram direcionadas ao remo e principalmente ao futebol. Em se tratando do gênero romance, Monteiro Lobato e Godofredo Rangel criaram alguns personagens secundários que eram jogadores de futebol na obra *O Queijo de Minas e a História de um Nó Cego*, originalmente publicada em 1906. Mas a temática sempre aparecia de forma tímida. Tratava-se de uma ou outra passagem em alguns romances, como *Água-mãe* de José Lins do Rego ou *Os Interesses da Companhia* de Gilberto Amado, já na década 1940. O primeiro romance dedicado ao futebol se chamou *Flô, o melhor goleiro do Mundo* escrito e publicado pelo pesquisador paulista Tomaz Mazzoni também na década de 40. Porém a obra não teve maior repercussão no mercado editorial, tampouco no meio literário.

Mesmo outros gêneros de extensão menor como a poesia e o conto não eram publicados com frequência. Explica-se: durante as duas primeiras décadas do século XX, o futebol cresceu vertiginosamente em popularidade, porém ainda causava certa desconfiança. Era considerado principalmente pela *intelligentzia* local um fenômeno de grandeza menor. Um modismo que poderia vingar ou não – como outras tantas inovações culturais de origem européia, originárias deste “esforço civilizador brasileiro” (Lucena, 2001). A crônica, em virtude do seu caráter regular, momentâneo e de envolvimento social, foi, então, durante algumas décadas, o gênero que mais publicou sobre o futebol.

## II

Assim, pode-se afirmar que dos gêneros literários a crônica é o que tem uma maior proximidade com o futebol. Desde o início do século XX, como afirmado anteriormente, literatos de renome na sociedade brasileira, como Lima Barreto, Coelho Netto, “João do Rio”, Olavo Bilac, Afrânio Peixoto, Graciliano Ramos, Monteiro Lobato e Gilberto Amado, principais referências até a década de 1920, esporadicamente se dedicaram à temática.

Contudo, ainda não se tratava da crônica esportiva, já que, enquanto subgênero da crônica, esta não estava consolidada (assim, como o próprio futebol). Tais cronistas abordavam temáticas gerais, associadas ao cotidiano, isto é, tratava-se ainda do colunismo social. Portanto, não existia uma periodicidade em relação ao assunto esporte, ainda mais no tangente ao futebol – que nos primeiros anos do século XX ainda disputava à preferência do público com outras modalidades, como o turfe, o remo e o ciclismo (Melo, 2001).

Até o final da década de 1920, portanto, pretere-se o conceito de crônica esportiva, adotando a nomenclatura *crônica social sobre o futebol*, quando um dos literatos citados acima mencionava o esporte em alguma de suas crônicas cotidianas. Por sinal, a própria nomenclatura crônica esportiva é abrangente demais no caso brasileiro, se for pensado que, com raríssimas exceções<sup>23</sup>, o futebol foi o esporte que despertou maior interesse dos cronistas. Ou seja, como no Brasil quase todas as crônicas esportivas foram dedicadas ao futebol, o termo crônica esportiva será usado nesta pesquisa como sinônimo de crônica futebolística.

Somente a partir de Mario Filho e seu círculo de influências nos anos 40/50, centrado no *Jornal dos Sports*, é que surge a crônica esportiva propriamente dita:

---

<sup>23</sup> Como Armando Nogueira que regularmente escreveu e escreve regularmente sobre Olimpíadas e outras modalidades.

O percurso percorrido pelo futebol entre o amadorismo e o profissionalismo tem sua similaridade na trajetória da imprensa esportiva. Até o início da década de 40, o cronista esportivo ocupava a posição mais baixa na hierarquia dos jornais. Com a atuação de Mário Filho, houve a valorização do *métier* do analista e do repórter esportivo, a partir de seu trabalho com a promoção de competições, eventos, notícias e fatos – em suma, do próprio espetáculo. A invenção do profissional, donde temos uma múltipla simbiose: o jornal a criar a demanda para a produção do evento, e este a fornecer elementos para a atuação do homem da imprensa esportiva (Marques, 2000: 17).

A participação incisiva de Mario Rodrigues Filho na organização da crônica esportiva e no próprio amparo ao esporte, acabou reforçando a tese de matriz freyreana, a de que o futebol brasileiro se desenvolveu a partir da inserção dos atletas negros nos principais clubes e ligas. Tal tese até a atualidade tem forte aceitação, tanto no meio jornalístico quanto no literário e até no acadêmico, inclusive, tornando-se um tópico de acirrado debate intelectual – como será demonstrado nos capítulos subseqüentes. Neste caso, a busca de indícios, sinais muitas vezes microscópicos, em outras, em nível macro (Ginzburg, 1989), mostrou-se necessária para o entendimento do processo de relações de força no círculo intelectual brasileiro.

### III

De qualquer forma, pensando-se conceitualmente, tanto a crônica social sobre o futebol quanto à crônica esportiva especializada, apresentam um ponto em comum com o futebol praticado no Brasil: são elementos que ao longo do século XX, se enraizaram fortemente na cultura brasileira. Ambos iniciando como modismos, coadjuvantes em seus respectivos campos, o literário e o esportivo, ganhando a forte adesão populacional na primeira metade do século XX, tornando-se fenômenos de massa.

Ao explicitar uma concepção analítica para a crônica, é relatado que... “O futebol pode ser, realmente, examinado como uma manifestação, e muito típica, da cultura e da realidade

brasileira. A crônica esportiva abrigará boa parte deste material necessário à configuração totalizadora do problema” (Proença, 1981: 32).

Como parte constitutiva da cultura brasileira a união entre ambos – crônica e futebol – resultou, provavelmente, em um dos espaços de discussão mais acentuados e de vultoso alcance sobre a identidade nacional (Antunes, 2004: 22-45). Da questão *civilizatória*, predominante nas primeiras décadas do século XX (Lucena, 2001), passando pelo debate sobre a ginga e a malandragem entre as décadas de 1940 a 1970 (Antunes, 2004), chegando ao estilo profissional e globalizado presente nas últimas décadas (Manhães, 2004), a crônica futebolística oscila entre idéias extremas: a dos partidários da separação e a dos favoráveis à simbiose entre a nação e o *escrete* – termo difundido por Nelson Rodrigues (1993; 1994).

Como será explorado com mais detalhes nos capítulos a seguir, a partir da realização dos primeiros torneios internacionais entre seleções, principalmente após a primeira edição da Copa do Mundo, no Uruguai em 1930, são manifestos de modo difuso e complexo, ideais que são introjetados na população em geral<sup>24</sup>, inclusive no campo intelectual e literário. No caso brasileiro, vitórias e fracassos esportivos em tais torneios internacionais passaram a metaforizar prosperidade ou catástrofe em um sentido significativamente mais amplo, o de nacionalidade.

Em contrapartida, alguns indivíduos pertencentes a diferentes segmentos intelectuais (principalmente aqueles relacionados à literatura) vão atentar para este fenômeno, tornando-o um tópico de debate. Neste sentido, os próprios escritores passaram a redimensionar a representatividade que o futebol teria na concepção de uma identidade nacional.

---

<sup>24</sup> Acentua-se que este não é um fenômeno exclusivamente brasileiro. Por sinal, em vários países o futebol tem sido associado a manifestações sociais mais amplas, como nacionalismo, racismo, extremismo religioso, colonialismo, criminalidade, entre outros. Maiores detalhes ver: Foer, Franklin. *Como o Futebol Explica o Mundo: um olhar inesperado sobre a globalização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.



Além da reflexão sobre a identidade nacional, outra característica típica das crônicas, independente ao período, é o envolvimento emocional. Ora na tentativa de um discurso racionalizado, ora com uma proposital passionalidade, transbordando sentimentos, principalmente o de paixão. É raríssimo encontrar literatos sem um engajamento definido a respeito do futebol. No momento inicial, por exemplo, com a tensa discussão intelecto-científica sobre a sensatez, ou não, da juventude elitista, que aderiu quase consensualmente ao esporte de origem inglesa; posteriormente com os posicionamentos sobre o significado social do selecionado brasileiro (se era ou não, um símbolo da pátria); e depois com o debate acerca da espetacularização do esporte (o cronista nostálgico *versus* o futurista).

Mesmo nas últimas décadas, quando vários escritores têm se dedicado mais ao futebol, publicando nos mais diferentes gêneros e subgêneros – romance, conto, crítica social, ficção, poesia, ensaio de cunho sociológico, etc –, sem dúvida alguma, a crônica continua sendo quantitativamente o grande destaque.

Obviamente um gênero não descarta o outro. Como o caso de José Lins do Rego, romancista de destaque que teve suas crônicas coletaneadas, publicadas com o título *O Flamengo É Puro Amor*. Na introdução da obra, escrita por Marcos Castro, responsável por selecionar as crônicas e redigir as notas explicativas, é definido com muita propriedade que, quando isto ocorre, o “[...] escritor fica à disposição de seus admiradores e dos estudiosos, deixa as páginas empoeiradas das coleções de jornais velhos para ganhar *status* de livro – e as deixa porque é indispensável que se junte esta parte ao conjunto de sua obra literária, que no caso, é o conjunto de sua obra humana, de tal forma o ato de escrever é, nele, um desdobramento da própria vida” (Castro In Rego, 2002: 20).

Assim, além de *O Flamengo É Puro Amor*, várias obras de destaque – como *O Sapo de Arubinha* de Mario Filho; *A Pátria em Chuteiras* e *A Sombra das Chuteiras Imortais*<sup>25</sup> de Nelson Rodrigues; *O Canto dos Meus Amores*, *O Homem e a Bola*, *Bola de Cristal*, *A Ginga e o Jogo* e *A Chama que não se Apaga* de Armando Nogueira; *A Eterna Privação do Zagueiro Absoluto* de Luis Fernando Verissimo; *Histórias do Futebol* e *O Trauma da Bola* de João Saldanha; *O Gol É Necessário* de Paulo Mendes Campos; *Tostão: lembrança, opiniões, reflexões sobre futebol* do próprio Tostão; e *Bola na Rede: a batalha do Bi* de Stanislaw Ponte Preta; entre outras – são compostas de crônicas publicadas em periódicos (jornais e revistas), posteriormente coletaneadas para publicação no formato de livro.

#### IV

Dentro do gênero crônica, a esportiva passou a ser, provavelmente, o subgênero mais popular e o que mantém a mais estreita relação com o seu público. Esta relação – em se tratando do conceito de poder<sup>26</sup> – é, pelo menos, bipolar (Elias, 1980), isto é, da mesma forma que o autor é influenciado pelo seu público leitor (principalmente quando frequenta os estádios), ele também é um forte formador de opinião. Periféricamente, tal relação de poder é constituída também pela influência de vários agentes externos secundários – editores, revisores, e os próprios pares, como jornalistas e cronistas, entre outros – que convivem e

---

<sup>25</sup> Cabe destacar que ambas as obras de Nelson Rodrigues foram editadas após a sua morte, cabendo a seleção das crônicas a Ruy Castro, outro literato que tem algumas obras dedicadas ao futebol, como as biografias de Nelson Rodrigues e Garrincha, respectivamente: *O Anjo Pornográfico* e *A Estrela Solitária*, além de *O Vermelho e o Negro – pequena grande história do Flamengo*.

<sup>26</sup> De acordo com Norbert Elias, na medida em que as sociedades foram se tornando mais complexas, conseqüentemente, mais estratificadas, o homem passou a buscar novas formas de ligações/relações de cunho emocional. Paralelamente às ligações emocionais surgem às ligações simbólicas. A formação desta intrincada “teia” se dá através de relações de poder, explícita ou implicitamente. Maiores detalhes ver: Elias, Norbert. *Introdução a Sociologia*. Lisboa: Edições 70, 1980. pp. 147-172.

Ressalta-se também a semelhança entre a concepção de “relação de força” de Ginzburg (usado em um contexto mais específico – o literário) e o conceito de “poder” de Elias (mais genérico). Neste sentido, pode-se encontrar a utilização de ambos nesta tese, já que a própria “relação de força” (Ginzburg, 2002) não deixa de ser uma oportunidade específica onde está explícita uma forma de relação de poder (Elias, 1980).

conseqüentemente podem influenciar o escritor. Novamente ficam os indícios do tênue, porém regular, compromisso do cronista para com um determinado contexto histórico.

Justifica-se, então – como posteriormente poderá ser melhor observado através da análise das fontes – a constante oscilação no equilíbrio existente nas relações de força que permeiam a crônica esportiva. Como se pode observar, a constante interferência destes agentes no desenvolvimento do campo literário torna o processo dinâmico, sobretudo se pensado que o leitor é abastecido diariamente com novos argumentos, possibilitando-o refletir e alterar seu posicionamento dentro daquele processo definido por Elias (1980) como “jogo” ou trama social.

Desde os primórdios da crônica até a atualidade o fio da balança continua pendente. E isto pode ser considerado mais um ponto que supervaloriza uma pesquisa sobre tal temática, pois é provável que poucos fenômenos possam ser tão ativos quanto à crônica esportiva, já que as tensões individuais e sociais estabelecidas através desta se (re)configuram com uma frequência notável – basta lembrar que a circularidade da maioria dos periódicos é diária. E também são poucas relações que podem ser, a princípio, tão explícitas: mesmo sabendo do intrincado “jogo” estabelecido entre os literatos, público e demais agentes, deve-se ressaltar que as posições no “tabuleiro” são evidenciadas na medida em que os textos manifestam idéias e, conseqüentemente, a opinião dos seus criadores.

Ivan Cavalcanti Proença, em 1981, pensa a crônica de forma semelhante a Carlo Ginzburg (2002) e a Antonio Candido (1992). Como esclarece sobre a relação entre arte e manifestação no texto:

Só uma coisa pega, se colocarmos em tensão os conceitos de criatividade literária (ficção, no caso, por ser prosa) e a crônica esportiva: o problema de verossimilhança. Seja qual for a idéia de *desrealização do real* (para realização do fenômeno literário através dos recursos artesanais, estilo, etc. Alegorias, por exemplo), seja qual for a variante da idéia de Literatura, e, agora, associada à de verossimilhança, fica

difícil trabalhar a crônica esportiva, já que ela, em princípio, tem como carro-chefe, e condutor mesmo, o real.

[...] Aliás, isso é um pouco irrelevante, porque, do ponto de vista do leitor, o que importa é o texto e não propriamente suas 'fontes' (enquanto subjetivas e/ou bibliográficas) ou sua direta identificação com o autor: "Qualquer semelhança com..." O que importa é a história contada, a estória resultante (mais a maneira de dizê-la, arte em questão) (Proença, 1981: 28-29).

Enfim, neste caso, a crônica sobre o futebol ou a crônica esportiva exerceram (e ainda exercem) o mesmo sentido simbólico da crônica social, cuja proximidade com o objeto e com o cotidiano é fato quase sempre consumado. Com um adendo: a crônica esportiva tem a tendência de aflorar ainda mais os sentimentos e perspectivas, já que discorre sobre um elemento onde a paixão não é negada, tampouco tem um significado pejorativo como na política; ao contrário, é mais do que necessário que o autor tenha um posicionamento, exponha preferências – como a clubística, ou por determinado jogador – mantendo, possivelmente um vínculo de afeto positivo com determinado grupo de torcedores que se identificam com as suas preferências e outro de afeto negativo em relação ao outro segmento, aquele que fica contrito com as suas opiniões e preferências. Logo,

A crônica esportiva, em resumo, oferece campo de trabalho que nos permite uma visão global, ampla, do mundo popular/democrático, de nossas gentes e de nossos hábitos, favorecendo a quem as escreve, de uma forma ou de outra, aproximar-se do conceito de *atuante*, do fazer artístico [...]; chances, assim, à aproximação do realismo crítico - dimensão e força social, participante, humanista (no sentido de "com os pés no chão"), que se pretendem íntimos de quem exerce o ofício de escritor (Proença, 1981: 31).

Novamente o dilema da humanização da crônica, neste caso, especificamente da crônica esportiva. Mas como ela se situa em se tratando de um texto que discorre sobre um assunto específico, com suas particularidades, dentro do segmento maior que é o gênero crônica?

Se no decorrer do século XX a crônica acabou se especializando, surgindo então a crônica esportiva, literária, cinematográfica, política, social, entre outras mais específicas ainda, a figura do cronista *clássico* – aquele que aborda assuntos variados sem compromisso,

portanto, um generalista que normalmente busca nas ocorrências jornalísticas mais relevantes, seja ela diária ou semanal, as suas temáticas – ainda é bem comum nos jornais e revistas brasileiras. Bons exemplos são Carlos Heitor Cony e Luiz Fernando Verissimo.

Porém, com o processo de especialização, detecta-se uma leve, mas sobretudo sensível, oscilação de conteúdo e estilística dentre os diversos tipos de crônica. Não se trata de um rompimento dentro da crônica brasileira, mas sim, de sutis diferenças que, ao olhar mais detalhista, podem ser, com relativa facilidade, visualizadas. Por exemplo, a literária e a cinematográfica adotaram uma perspectiva analítica, com a incorporação de elementos técnicos somados ao quesito estético. Escreve-se, por conseguinte, tanto do gosto pessoal do cronista quando do renome e atuações do elenco e diretor, estratégias de filmagem, enquadramentos, efeitos especiais, custo/benefício da produção, etc. Mas ainda é habitual o uso dos extremos: ou a obra é merecedora de velados elogios ou de explícitas e ácidas críticas.

A crônica política, mesmo mantendo o tom crítico, às vezes chegando até a ser agressiva, também adota um estilo mais racional de análise. Contudo, ao contrário da literária e da cinematográfica, a maioria dos cronistas políticos nega veementemente que tenha as suas preferências partidárias. Tais cronistas preferem se auto-definir como *analistas*. Evitam, assim, as críticas sem fundamento, pois tal postura pode gerar descrédito, além de danos processuais. Deste modo, o autor deste tipo de crônica é obrigado a adotar uma postura mais investigativa se comparado aos escritores de outros tipos de crônica. Mesmo o humor ou a sátira, características dos primórdios da crônica (da época que ainda era *folhetim*), são brandos, ponderados e, principalmente, enquadrados política e socialmente.

A crônica social foi a que mais se aproximou do jornalismo, acentuando a função de informar, mas sem perder certa aparência de descompromisso com o tema. O caráter crítico foi abrandado, já que o leitor que procura este tipo de leitura geralmente quer algo mais

ameno. As mazelas do dia-a-dia são expostas de forma humorística e/ou satírica, muitas vezes através de um enredo clássico – uma tensão, o desenrolar e um desfecho positivo – ou ainda através de metáforas e fábulas.

A crônica esportiva, temática primária desta tese, só se consolidou a partir a década de 1940 – quando, finalmente, a polêmica no meio intelectual brasileiro sobre se o futebol seria ou não parte constitutiva da cultura nacional fora aplacada. A partir deste período, consolidada a crônica esportiva profissional, deixaram de existir cronistas antipáticos ao futebol. Mas houve outro tipo de cisão, porém, desta vez, nem sempre contraditória: aquela entre os *racionalistas*, que preferiam escrever sobre a parte técnico/tática da modalidade e os *apaixonados*, preocupados basicamente com os aspectos subjetivos ligados à dinâmica do esporte, em detrimento à estatística e dados mais precisos.

Ressalva-se que, como proposta estruturante, o modelo está repleto de exceções. Talvez nem se tratem de exceções, e sim de uma maioria não enquadrada, pois vários cronistas não permanecem no rígido limite desta tipologia. Além disso, mesmo que permaneçam dentro dos limites de um tipo de crônica, muitos podem alterar sua forma de abordagem textual exatamente para escapar do convencional, buscando a adesão do público leitor que, no decorrer das décadas, ganhou um repertório cada vez maior de crônicas e escritores nos periódicos brasileiros, conseqüentemente estes leitores foram se tornando mais críticos e seletivos. Como constatou Pierre Bourdieu em uma pesquisa sobre os museus europeus,

[...] a riqueza da “recepção” [depende], antes de tudo, da competência do “receptor”, ou seja, do grau de seu controle relativamente ao código da “mensagem”. Cada indivíduo possui uma capacidade definida e limitada de apreensão da informação proposta pela obra, capacidade que depende de seu conhecimento global (por sua vez, dependente de sua educação e de seu meio) em relação ao código genérico do tipo de mensagem considerado (Bourdieu & Darbel, 2003: 71).

Nenhum dos subgêneros se distanciou de forma drástica da característica humanista típica da crônica, ou seja, a da proximidade do texto para com o seu leitor. Todavia, níveis diferentes podem ser detectados. Neste caso, em uma escala progressiva, provavelmente a crônica esportiva é a que apresenta o maior grau de envolvimento, enquanto a política tem o menor, ficando as demais, em um patamar intermediário.

De forma alguma isto significa que a crônica esportiva é somente a mais acolhedora em relação ao seu assunto invariável de inspiração. Ao contrário, como humana, pode ser a mais traiçoeira, cruel e injusta de todas. Esclarece-se que o futebol, como relata Milton Pedrosa, é drama individual e coletivo, o engajamento de cada um com o jogo, “as relações e reações recíprocas [...], filão inesgotável à disposição dos criadores em qualquer gênero literário” (Pedrosa, 1968: 12-13).

## V

Assim, o alcance e o respaldo social da crônica podem ser ímpares. De forma genérica o cronista especializado pode contribuir para criação de ídolos, verdadeiros mitos, como pode também transformar este mesmo ídolo no mais sórdido vilão. Em se tratando do campo esportivo, especificamente do futebolístico, a oscilação é muito acentuada. O herói de ontem pode ser o algoz de hoje e vice-versa. “Neste contexto, os meios de comunicação constroem o perfil simbólico de nossos atletas, caracterizando-os como gênios, heróis, ou deuses de natureza épica e mitológica, em torno dos quais as esperanças, os sonhos e as frustrações de milhões de brasileiros são projetadas, tendo em vista suas habilidades e astúcia, mas também seus valores e procedimentos éticos” (Manhães, 2004: 21).

Um caso conhecido que pode ser considerado um notório exemplo: em 1959, ainda com certo ressentimento, mas tentando relativizar a questão, Nelson Rodrigues escreveu sobre

o goleiro Barbosa e as trágicas conseqüências da derrota do *escrete* contra o Uruguai, em pleno estádio do Maracanã, na final da Copa do Mundo de 1950:

Vejam 50. Quando se fala em 50, ninguém pensa num colapso geral, numa pane coletiva. Não. O sujeito pensa em Barbosa, o sujeito descarrega em Barbosa a responsabilidade maciça, compacta, da derrota. O gol de Gigghia ficou gravado, como um frango eterno. O brasileiro já se esqueceu da febre amarela, da vacina obrigatória, da Espanhola, do assassinato de Pinheiro Machado. Mas o que ele não esquece, nem a tiro, é o chamado frango de Barbosa.

Qualquer um outro estaria morto, enterrado, com o seguinte epitáfio: – “Aqui jaz fulano, assassinado por um frango”. Ora, eu comecei a desconfiar da eternidade de Barbosa, quando ele sobreviveu a 50. Então, concluí de mim para mim: – “Esse camarada não morre mais!”. Não morreu e pelo contrário: – está cada vez mais vivo.

Nove anos depois, ele joga contra o Santos, no Pacaembu. [...] a partida se limitou a um furioso duelo entre o solitário Barbosa e o desvairado ataque santista (Rodrigues, 1994: 71-72).

Excerto onde Nelson Rodrigues, usando de *humor negro*, trágico, expõe a sua própria condição de contrito diante da longevidade futebolística do goleiro. Nelson nas suas reflexões internas – “de mim para mim” – acreditava que o goleiro teria sua carreira encerrada após a derrota de 1950. Mesmo adotando o impessoal no primeiro parágrafo, Nelson deixa escapar uma pista de que também teria sido afetado pelo *trauma* da derrota. Ora, ao se referir ao sentimento da coletividade, usando o termo “brasileiro”, Nelson acaba se incluindo entre aqueles acusadores do goleiro Barbosa. Por outro lado, ao observar que o atleta superou a falha, dando continuidade a sua carreira, Nelson Rodrigues o acolhe, imortalizando o goleiro, que, nove anos antes da escrita da crônica, havia sido considerado pela imprensa em geral como o principal artífice da derrota brasileira (Muylaert, 2000; Perdigão, 2000).

O escrito de Nelson Rodrigues guarda sua autonomia artística, esta é a assinatura do escritor. Tal liberdade criativa é a responsável pela forte atratividade que o texto exerce no leitor. Como asseverado no texto clássico de Antonio Candido “a crônica pode dizer as coisas mais sérias e mais empenhadas por meio do ziguezague de uma aparente conversa fiada” (Candido, 1992: 20).



Desta forma, a crônica esportiva é potencialmente uma realidade: aquela captada de forma rudimentar pelo autor, condicionada pelo seu contexto e posição social, processada devido à sua condição de arte, e deglutida pelo leitor. Enfim, as crônicas são como imagens refletidas na água turva e que podem ser visualizadas de diferentes margens, isto é, o leitor não é uma *tábula rasa* e da posição onde se encontra lhe atribuirá significados diversos – alguns, possíveis geradores de conflito. Chartier reitera ao escrever que

[...] há uma tensão. Mas ela não cria dispersão ao infinito, na medida em que as experiências individuais são sempre inscritas no interior de modelos e de normas compartilhadas. Cada leitor, para cada uma de suas leituras, em cada circunstância, é singular. Mas, esta singularidade é ela própria atravessada por aquilo que faz que este leitor seja semelhante a todos aqueles que pertencem à mesma comunidade. O que muda é que o recorte dessas comunidades, segundo os períodos, não é regido pelos mesmos princípios (Chartier, 1998: 91-92).

E não é só. Se não bastasse o público letrado que habitualmente lê um jornal, existe uma grande adesão por parte dos outros segmentos populacionais não letrados e letrados que não lêem os periódicos. A potencialidade da crônica é tamanha que, através de uma antiga tradição de narrativa, a oral, algumas vezes é propagada à população em geral. Como argumentado nas seguintes pesquisas sobre a crônica esportiva:

Ao torcer, comentar e analisar as atuações dos nossos clubes e de nossos jogadores, o cidadão comum e os especialistas [...] reconstruem nossa formação ou contexto discursivo, nas discussões de rua, no noticiário e nas crônicas diariamente veiculadas pelas mais diversas mídias.

Assim, os elementos descritos pelos clássicos do pensamento brasileiro, como Sérgio Buarque de Holanda e Roberto DaMatta, como a oposição entre o talento, a criatividade, o improviso, de um lado e, de outro, a tecnologia, a racionalidade, e o planejamento, fundamental para o entendimento do Brasil, são [os articuladores das] acaloradas discussões de jornalistas e torcedores sobre a necessária ou eventual incompatibilidade entre o craque e a tática, por exemplo (Manhães, 2004: 21).

Afinal, seria impossível continuar ignorando a irresistível atração que o futebol exerce sobre os brasileiros. Ele é tema preferido de conversa, seja entre amigos seja entre estranhos em situações fortuitas. O futebol é uma espécie de língua franca: são pequenas as possibilidades de encontrar um interlocutor que não saiba falar minimamente sobre ele ou sobre as questões do dia, revelando-se, também, por seu intermédio, afinidades e discordâncias (Antunes, 2004: 18).

O caso da Copa do Mundo de 1950 é um bom exemplo: o sentimento de fracasso da nação e o estigma de agouro do goleiro Barbosa foram mantidos até a atualidade. Daolio (1997) narra um episódio curioso sobre o caso: em 1994 – quarenta e quatro anos após a derrota na Copa de 1950 – num jogo das Eliminatórias, coincidentemente entre Brasil e Uruguai, o auxiliar-técnico Mario Jorge Lobo Zagallo negou ao idoso Barbosa uma visita ao goleiro Taffarel no vestiário do selecionado brasileiro no estádio do *Maracanã*. E Taffarel, mesmo sendo um atleta de assumida fé cristã, declarou-se aliviado, pois tinha receio de ser contaminado pelo *azar* de Barbosa.

## VI

Trata-se, então, de um grande risco ao historiador tomar as crônicas como fontes primárias e confrontá-las diante de significativa complexidade, ou, o pior, talvez uma falha cara a alguns pesquisadores: tomá-las com uma fonte de conteúdo explícito, sem preocupação com a conjugação entre texto e contexto. Porém, o risco de utilizá-las é válido. Tanto é que historiadores de várias correntes metodológicas começaram nas últimas décadas a se debruçar sobre o tema, partindo da premissa de que a crônica, enquanto gênero de *fronteira*, é uma fonte riquíssima se manuseada adequadamente. Como bem dito, “O fato de uma fonte não ser ‘objetiva’ (mas nem mesmo um inventário é ‘objetivo’) não significa que seja inutilizável. Uma crônica hostil pode fornecer testemunhos preciosos sobre o comportamento de uma comunidade [...]” (Ginzburg, 1989: 21).

Existem algumas obras mais específicas, pertinentes à discussão metodológica que conjuga as Ciências Sociais, a historiografia, o futebol e, principalmente, a utilização da literatura como fonte histórica (sobretudo enquanto fonte proximal) – como, por exemplo, as descrições feitas por Mario Filho sobre as origens dos clubes cariocas (Soares, 2001). Em

contrapartida, alguns dos pesquisadores das ciências sociais, fortemente influenciados por Mario Filho, estabelecem o debate tentando demonstrar a validade como referência histórica de suas obras (Helal, 2001).

Nicolau Sevcenko analisou os esportes no Brasil (sempre como elemento secundário) com procedimentos metodológicos diferenciados dos autores acima citados, centrando a interpretação principalmente na *análise do discurso* – tarefa que já tinha feito anteriormente na tese de doutorado, na qual discorreu sobre as obras de Euclides da Cunha e Lima Barreto. Portanto, assim como Pereira (2000), Sevcenko valorizou os escritos literários como fonte história contextualizadora do Brasil na Primeira República:

Machado de Assis, o arauto de plantão, vislumbrou logo cedo o furor que se avizinhava e saiu-se com esta peça preciosa: “Vamos ter... Leitor amigo, prepare-te para lamber os beijos. Vamos ter jogos olímpicos, corridas de bigas e quadrigas, ao modo romano e grego, torneios da idade média, conquista de diademas e cortejo às damas, corridas atléticas, caça ao veado. Não é tudo; vamos ter naumaquias. Encher-se-á de água a arena do anfiteatro até a altura de um metro e vinte centímetros. Aí se farão desafios de barcos à maneira antiga, e podemos acrescentar que à de Oxford e Cambridge, torneios em gôndolas de Veneza, e repetir-se-á o cortejo às damas. Combates navais. Desafio de nadadores. Caça aos patos, aos marrecos, etc. tudo acabará com um grande fogo de artifício sobre a água. É quase um sonho essa renascença dos séculos, esta mistura de tempos gregos, romanos, medievais e modernos, que formarão assim uma imagem cabal da civilização esportiva” (Sevcenko, 1998: 568).

Diagnosticava, então, o historiador sobre a introdução dos esportes no contexto carioca da virada do século XX, enfatizando que o literato de maior destaque na época, Machado de Assis, demonstrava estar contrito em relação ao novo modismo oriundo da Europa. Já sobre a prática esportiva em São Paulo, Sevcenko relata:

O interesse pelo novo esporte era de tal monta que, precocemente como possa parecer, no início daquele ano [1919], o jornalista Antônio Figueiredo colocava à venda a primeira *História do football em São Paulo*, distribuída, entre outras livrarias e casas comerciais, pela própria redação de d’ *O Estado*. Desse livro saíam os argumentos para provar a superioridade paulista no esporte bretão [...]. (Sevcenko, 1992: 62-63).

Assim, deduz-se que o historiador que trabalha com este tipo de fonte deve compreendê-la em sua radicalidade, como se o cerne da fonte fosse protegido por uma sólida barreira, que, contudo, com muito afinco, pode ser transposta ou contornada. Assim, “É enquanto se apresentam como ‘imagens de um tempo social’ e ‘narrativas do cotidiano’, ambos considerados como ‘construções’ e não como ‘dados’, que as crônicas são aqui consideradas como ‘documentos’” (Neves In Candido et. al., 1992: 76).

Leonardo Pereira, influenciado pelos procedimentos historiográficos da *História Social* de uma certa tradição marxista, acentua que cabe ao pesquisador da história do futebol tomar algumas prudentes medidas. Nas palavras do próprio historiador:

A uma investigação mais detida sobre a história do futebol cabe, nesse sentido, a tarefa de aprofundar estas reflexões, trazendo à tona redes de interlocução e os objetivos daqueles que, como os literatos, falavam sobre o jogo da bola. Pensando seus textos não como um espelho da realidade, mas como tentativa de intervenção sobre outros grupos sociais – o que faz com que eles tenham claramente marcado o seu caráter político – podemos nos livrar da tentação de reproduzir, nas análises sobre o período, o mesmo tipo de história que nos é contada por estes homens de letras, desconsiderando a lógica de outros grupos que se entregavam com paixão ao jogo da bola. Aprendendo a lição de historiadores há muito cientes dos riscos de analisar a escravidão através da visão dos senhores, devemos buscar as redes de significação específica que podem nos fazer entender o apego de trabalhadores [...] ao futebol, deixando de lado a tentativa de construir uma história do jogo somente pela lógica de seus patrões (Pereira In Chalhoub & Pereira, 1998: 223).

O alerta de Pereira se referia ao futebol praticado no início do século XX, no Rio de Janeiro europeizado, de forma mais direta, tratava do debate intelectual a respeito da valorização ou não de tal esporte. Pelo viés marxista usado por Pereira, naquele contexto bem específico, foi notória a tensão classista acerca da prática do futebol e a sua condição de esporte amador/profissional.

Tais tensões não podem isoladamente explicar a crônica esportiva. Releva-se, portanto, que o fenômeno pesquisado é pensado como formações configurativas, no sentido elisiano (Elias, 1980), desta forma, não podendo ser aceito que a crônica esportiva fosse compreendida através de uma relação de poder/força polar (como um embate classista). Ao se analisar as

crônicas, como será demonstrado adiante, outros fatores emergiram. Até porque os participantes (atores) desta história – escritores, cronistas, editores, torcedores, leitores, atletas, dirigentes de futebol, intelectuais e até alguns personagens fictícios – interagiram de forma interdependente, muitas vezes até estereotipadas. Novamente, a crônica esportiva aponta para situações onde as relações são complexas e multifacetadas.

## VII

Isto não significa que se almejou fazer uma história geral do futebol no Brasil através do estudo das crônicas. Seria demasiada ingenuidade acreditar que a crônica, por si só, poderia subsidiar uma interpretação de tamanha grandeza. Sevcenko (1992; 1998) oferece motivos para o entendimento do porquê ser praticamente impossível, sem cair no simplismo, fazer uma história geral do futebol no Brasil: enquanto elemento cultural, tal esporte começaria a desenvolver características próprias em espaços delimitados, como as regiões e cidades. Servindo, assim, à formação de identidades regionais. O autor lança, assim, os primeiros elementos para uma reflexão sobre a existência, não de um único futebol, mas de variadas práticas futebolísticas no Brasil – questão bem analisada em alguns estudos antropológicos (DaMatta, 1982; Damo, 1999; Toledo 2002).

Tentando fugir da armadilha da história totalizadora, uma das estratégias mais utilizadas pelos pesquisadores para a delimitação dos trabalhos sobre a história do futebol é o recorte espaço-temporal, além da utilização de uma multiplicidade de fontes. Assim, várias obras que são fundamentais para o entendimento da história social do futebol brasileiro, além de alargarem o repertório de fontes, adotaram tal delimitação, ou seja, definiram rigidamente o objeto de pesquisa nos quesitos espaço e tempo cronológico.

Dois exemplos distintos deste tipo de recorte: o primeiro, *O Pontapé Inicial – memórias do futebol brasileiro* de Waldenyr Caldas. Mesmo especificado no título que se trata de um livro sobre o futebol brasileiro, a ênfase na narrativa é nitidamente no futebol paulista, iniciado nas primeiras décadas do século XX até o momento de sua profissionalização, em 1933.

Caldas (1991) utilizou vários tipos de fontes históricas para construir o seu trabalho – originalmente uma tese de livre docência – documentos oficiais, periódicos variados e livros de época, além de escasso material iconográfico. Entretanto, até por ser um dos trabalhos precursores da historiografia sobre o futebol, a obra de Caldas carece de procedimentos mais rigorosos de análise<sup>27</sup>.

A outra, uma das pesquisas mais lidas e conceituadas na historiografia futebolística, é a obra *Footballmania – uma História Social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*, originariamente a tese de doutorado de Leonardo Affonso Miranda de Pereira (o mesmo co-autor da obra *A História Contada*, citada anteriormente). *Footballmania* trata da história do futebol carioca dos seus primórdios até a profissionalização, no início da década de 1930 (praticamente o mesmo período definido por Caldas).

Pereira (2000) valoriza como fonte histórica os escritos dos cronistas da época, não passando despercebidas as tensões entre os literatos, como o embate entre Lima Barreto e Coelho Neto. Embora – como criticado anteriormente – o autor acabe utilizando o material literário como um reflexo (às vezes distorcido) da sociedade, negligenciando, como sugere Candido (2000), o *fator interno* – aquela manifestação que engloba o social (externo), mas como aspecto inerente ao autor, estabelecido por peculiaridades relativamente independentes do contexto social. No entanto, no caso desta obra de Pereira, não se pode negar que não era

---

<sup>27</sup> Os livros de Mario Filho e Tomaz Mazzoni são tomados como documentos diretos, ou seja, usados como o relato de verdades inquestionáveis. As poucas fotografias apresentadas têm uma função mais ilustrativa do que interpretativa.

objetivada uma discussão sobre a presença do futebol na literatura, e sim sobre a formação de uma identidade nacional pautada em elementos culturais variados, na sua maioria de origem ou influência cultural européia. Além disso, cabe esclarecer que a literatura era fonte secundária na pesquisa. Por sinal, *Footballmania* foi um exemplo para o campo historiográfico brasileiro no que se refere ao levantamento e tratamento de fontes. Mérito ao rigor acadêmico de Leonardo Pereira, que cruzava as informações obtidas nas fontes literárias (secundárias) com as variadas fontes primárias utilizados na sua obra, como Atas de Reuniões, matérias jornalísticas (de vários jornais e revistas), boletins de ocorrência policial, entre outros.

Ambos os exemplos relatados, um enfatizando o Rio de Janeiro e o outro São Paulo, tendo como ponto comum o período, enfatizaram a tensão estabelecida entre uma elite – fortemente influenciada pela medicina higienista de origem européia que pregava o esporte amador como formador de caráter e meio para a saúde – e um segmento populacional de baixa condição financeira, que via no esporte, além do lúdico, da paixão e do prazer, a possibilidade de obter uma forma alternativa de aumentar seus rendimentos.

## VIII

Pode-se então, finalmente, fazer a analogia entre os dois trabalhos publicados e a presente pesquisa. Primeiramente, ambos os exemplos tinham um objeto de estudo bem definido, o futebol. No caso desta tese existe um outro enfoque. Não é uma tese sobre a história do futebol, tampouco sobre a história da crônica. Não é possível fazer uma história do futebol somente a partir da crônica esportiva, muito menos no sentido inverso. Como foi demonstrado por Caldas e Pereira, é necessária uma variedade maior de fontes históricas, além de uma rígida delimitação. Esta pesquisa, então, busca compreender como através das

crônicas esportivas, principalmente sobre futebol, são estabelecidas manifestações de ordem pessoal, social e cultural em determinados momentos históricos.

Em segunda instância, a história do futebol é marcada por uma forte divisão classista. O mesmo não ocorre, pelo menos de forma explícita, em relação à crônica esportiva. São tensões individuais e coletivas que muitas vezes não se ajustam a um modelo centrado exclusivamente no aspecto econômico. Como, por exemplo, a condição conservadora/mediadora/progressista do cronista, o futebol como símbolo da identidade nacional e/ou regionalista, o discurso técnico e o literário, por último, o estilo memorialista e o centrado nas inovações do presente.

A crônica esportiva, portanto, explicita uma forma de manifestação artística e social contrita e paradoxal de um determinado segmento populacional, uma parcela da intelectualidade – aquela que se dedicou às *letras*. Além da própria autonomia intelectual e artística, estes escritores sofriam influências, logicamente em diferentes intensidades, originárias de várias direções – refere-se aqui novamente ao conceito de “teias interdependência” (Elias, 1980): das redações, editores e editoras; do público leitor; das paixões clubísticas e regionais; do contexto social em que nasceu e viveu. Em contrapartida, a crônica esportiva, subgênero literário de significativo alcance popular, leva o autor a formar ou pelo menos influenciar opiniões, criar polêmicas, suscitar debates... ser ora amado, ora odiado.

Pensou-se a crônica esportiva, sobretudo, como um meio de difusão de idéias e um intrincado objeto, catalisador de um círculo de influências pouco objetivo, mas, sem dúvida, de forte repercussão. Assim, mesmo valorizando a complexidade da prática do futebol e sua condição de elemento com fortes raízes na cultura brasileira, este é pensado aqui como o conteúdo subjacente à crônica esportiva. No trabalho de análise o mais importante é tentar



compreendê-los – crônica e futebol – como estruturas de uma relação simbiótica, geradora de um pensamento intelectual altamente interdependente, explicitado artisticamente na sua forma e estilo narrativo.

Esta tese faz voz a uma pesquisadora que, sobre a utilização da crônica pela História, escreveu:

Sem dúvida a riqueza do comentário imediato sobre a vida da cidade, aliado à qualidade literária inquestionável de alguns cronistas, dilui as fronteiras entre o prazer e ofício para o historiador que se aventure a explorar essa particular documentação. Talvez seja esse o melhor argumento que justifique, por um lado, a decisão de lidar com um corpus documental tão abundante quanto polimorfo e, por outro, a pretensão de buscar um horizonte de sentido convergente para o conjunto das crônicas deste tempo, pretensão essa tanto maior quanto com mais ênfase se sublima, de início, a certeza de que cada autor jamais teve a intencionalidade de buscar, com sua produção enquanto cronista, um todo coerente (Neves In Candido et. al., 1992: 77).

Entre o prazer e o ofício, foram lançados os pressupostos teóricos que serviram de base para a compreensão das crônicas, passa-se, então, a análise do corpo documental que compõe o primeiro bloco histórico – nas agitadas primeiras décadas do século XX, literatos de destaque se manifestam a respeito do novo modismo de origem européia.

### 3. A CRÔNICA NA *BELLE ÉPOQUE*: A INTELLECTUALIDADE BRASILEIRA DEBATENDO SOBRE FUTEBOL E CIVILIDADE

*A única objeção que se pode fazer é não ser original brasileiro. Mas é de elementar observação que, se fosse nacional, o futebol não teria por aqui nenhum prestígio.*  
(Gilberto Amado In Pedrosa, *Gol de Letra*, p. 161).

#### I

A finalidade deste capítulo é historicizar o pensamento, posicionamento e engajamento de alguns intelectuais brasileiros, especificamente os ligados ao campo das letras, no início do século XX, acerca do surgimento e desenvolvimento do futebol no país. Porém, antes, cabe esclarecer o porquê de alguns procedimentos analíticos, na seleção de conteúdos/autores e na forma/estética dos sub-capítulos.

Primeiramente, é evidente que nem todos os literatos que escreveram neste período sobre o futebol poderiam ser comportados neste capítulo. A finalidade não é a de esmiuçar quantitativamente comentários dispersos sobre o futebol nas crônicas brasileiras, por sinal, tarefa praticamente impossível devido a grande atenção que o assunto despertou no período.

A intenção é outra: primeiramente selecionar autores que tiveram significativa ressonância na sociedade da época (ou que ainda iriam ter, como no caso de Graciliano Ramos). Tal seleção foi feita a partir de dois critérios: 1) a constatação, através de clássicos da história geral da literatura (Bosi, 1992; Carpeaux, 1967; Candido, 1992, 2000; Verissimo, 1995), de que estes literatos realmente tinham forte respaldo entre o público leitor brasileiro<sup>28</sup>, e; 2) a relevância dada aos esportes por estes literatos (não somente através da quantificação,

---

<sup>28</sup> O próprio “estado da arte” das Ciências Sociais foi uma contribuição valiosa na seleção de literatos, pois todos os cronistas analisados foram sujeitos de várias pesquisas acadêmicas (explicitadas com maiores detalhes no decorrer desta tese).

mas, sobretudo, da relevância qualitativa e do caráter inovador que seus textos poderiam ter). Finalmente, ao final do capítulo, será esboçado um quadro que visa explicar como tais literatos formaram um campo marcado por oscilantes relações de força e também como seus textos apresentavam uma manifestação artística com traços de personalidade individualizados.

Alguns autores mereceram maior atenção, como Lima Barreto, por exemplo. Explica-se: além de ser a voz dissidente, a produção do autor, tanto em volume de crônicas quanto qualitativamente, foi bem mais acentuada do que a dos demais autores. Como o futebol já tinha ampla aceitação no meio urbano, as críticas de Barreto geravam mais polêmica do que os escritos dos literatos admiradores do futebol. Também porque uma das características estéticas de Barreto era fluir por temáticas mais amplas, tornando mais complexa a análise dos seus textos – justificando, então, a afirmativa de Sevchenko (1999) de que ele era um intelectual engajado. É bem provável que seja este o motivo de Lima Barreto ser um dos literatos mais pesquisados no meio acadêmico, tanto de forma genérica, quanto em se tratando do futebol – destacam-se as pesquisas de Chalhoub e Pereira (1998); Pereira (2000); Toledo (2002); Franzini (2003).

Os literatos partidários do futebol, por sua vez, geralmente enalteciam o esporte de forma superficial, já que eram reforçadores do pensamento social existente. Isto não significa que suas produções tiveram menor significância do que as dos algozes do esporte, mais sim, que mantinham uma integração textual maior e, conseqüentemente, uma visível frivolidade (típica influência parnasiana) dada à aceitação do futebol.

Desta forma, a manifestação intelectual desses autores teve uma multiplicidade menor de argumentos do que a dos críticos, principalmente Lima Barreto – o paladino do “contra”. A justificativa é que muito da produção destes intelectuais são apenas *ecos*, isto é, são

perfeitamente enquadrados naquilo que os analistas do discurso definem como o “já dito” (Orlandi, 2001: 30-32). A crônica, assim,

[...] carrega, bem como as citações mais livres, que se apropriam do objeto, reconhecendo a precariedade do sujeito e a impossibilidade de um discurso totalmente novo. De qualquer modo, o “autor” do texto citante será sempre um colecionador, um *bricoleur*, que se envolve numa relação complexa com os outros textos, e sua palavra estará sempre submetida a um cruzamento e a uma disputa entre diferentes vetores de interpretação (Silva, 2006: 86).

Tratava-se, então da reprodução de uma “fala” já propagada pelas elites, principalmente pelos jovens engenheiros e médicos que sofreram influência do movimento higienista predominante na Europa e que, conseqüentemente, foram também defensores e difusores da prática esportiva. Assim, já que tais escritores são indivíduos inseridos em um determinado contexto social, convivendo harmonicamente com as normativas subjetivas ao campo, nada mais normal do que a concordância com a prática esportiva oriunda das elites. Isto iria ocorrer até o início da popularização do esporte, na década de 1920, e estes cronistas também estariam atentos ao fenômeno.

Graciliano Ramos não se enquadrou em nenhum dos dois segmentos, pois ainda era jovem e não era reconhecido nacionalmente. Sua menção se faz necessária por outro motivo: mesmo sendo analisada apenas uma crônica escrita no início da sua carreira, em uma pequena localidade do interior nordestino, portanto, sem uma significativa repercussão, sua importância foi ímpar. A crônica precipitava o surgimento de um movimento regionalista que iria se efetivar alguns anos depois no nordeste. Movimento o qual Graciliano seria um dos precursores e que iria ser significativamente influenciado pela idéias de Gilberto Freyre, explícitas em seus ensaios de cunho sociológico, como será visto no próximo capítulo.

Enfim, é notória no capítulo, na busca de indícios, a oscilação no uso da “escala de análise” (Ginzburg, 1989: 143-180). Ora, reduzindo-a com a finalidade da busca de

ressentimentos e motivos pessoais do autor para com o futebol; ora alargando-a<sup>29</sup> para compreensão do contexto no qual o autor e o texto estão inseridos.

### **3.1 O Surgimento dos Esportes no Brasil e a sua Modesta Aparição no Jornal**

#### **I**

Antes do futebol, na última metade do século XIX, sob forte influência europeia, outros esportes já tinham a adesão de restritos segmentos populacionais – leia-se as elites brasileiras. Dois esportes se destacaram: o turfe e o remo. Grosso modo, o turfe foi o primeiro esporte a ser praticado no Brasil. Era uma prática híbrida, ou seja, agregava características esportivas associadas aos hábitos e costumes do regime monárquico/escravista. Servindo, então, de prática transitória para o surgimento do *esporte moderno* (Elias & Dunning, 1995), já que o era uma prática lúdica de origem inglesa, entretanto vinculada à nobreza, como também era a *caça à raposa*.

Explica-se: a sociedade brasileira do XIX não via com bons olhos qualquer tipo de prática física. O regime escravocrata acentuava que o trabalho braçal era um ofício pejorativo (Nogueira, 2006: 22-23). Assim, as elites oligárquicas e seu círculo de convivência viviam num cotidiano de ócio passivo.<sup>30</sup> Neste sentido, o turfe se enquadrava perfeitamente na mentalidade em voga, pois o esforço físico primário se dava por parte do animal, ficando o jóquei em segundo plano. Além disso, o cavalo era o principal meio de transporte terrestre na época, logo, o significado da corrida era o de avaliar (e admirar) o que existia de melhor em

---

<sup>29</sup> Usando de uma metáfora, Pierre Bourdieu (2004) alerta que as análises microsociológicas podem recair no equívoco de mostrar os detalhes das árvores, mas perder a chance de observar a floresta.

<sup>30</sup> Sobre os hábitos e costumes da Corte ver: Malerba, Jurandir. *A Corte no Exílio: civilização e poder no Brasil às Vésperas da Independência (1808-1821)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

termos de transporte.<sup>31</sup> E, o mais chamativo, as possibilidades de lazer durante o período eram poucas e bem definidas: freqüentar as casas de prostituição, os bares e os locais onde eram realizados jogos de azar – que variavam desde dados ou cartas à rinha (brigas de galo) – assim, a inserção do turfe agregava o típico hábito da aposta. Por estes motivos, durante boa parte do século XIX, o turfe foi o principal (no início o único) esporte praticado no Brasil. Garantindo a assistência de boa parte da nobreza brasileira, como o Imperador Dom Pedro II, apostador inveterado e, conseqüentemente, a sua corte – além das elites da época.

Nas primeiras décadas de existência regulamentada<sup>32</sup>, o turfe não era um assunto de inserção na crônica, até porque esta, até o último quartel do XIX, ainda se encontrava no seu estado original, o de *folhetim* – focado em cenas de humor cotidiano. Entretanto era notícia regular, principalmente aos sábados, dia da chamada para os páreos que ocorreriam aos domingos; e as segundas-feiras, quando seriam expostos os resultados dos páreos disputados no final de semana que se sucedeu. Ganhando espaço nas páginas sociais, o turfe muito contribuiu para que, posteriormente – quando outros esportes também ganharam adesão – surgissem as seções ou cadernos de esportes nos periódicos brasileiros e, daí sim, gradativamente, o interesse dos cronistas renomados. Um dos primeiros a valorizar a prática dos esportes, por exemplo, foi Olavo Bilac no final do século XIX:

E era ver o espetáculo do Prado, – as arquibancadas, como vastos canteiros de flores humanas, pompeando ao sol o esplendor das claras toilettes de verão, num delírio de cores, num emaranhamento deslumbrante de fitas, de plumas, de rendas; o recinto da passagem, cheio da turba dos sportmen suados e ofegantes, discutindo, rixando, berrando; os bolos de gente ávida, junto dos guichês, disputando as pules a murro e a pontapé; e os botequins reboantes de clamores, de tinir de copos, de estalar de rolhas, e a raia, embaixo, lisa, batida, inundada de luz, por onde os cavalos voavam em nuvens de poeira dourada, entre as aclamações delirantes (Bilac In Melo, 2001: 63-64 ).

---

<sup>31</sup> É possível fazer uma analogia às corridas de automóveis da atualidade.

<sup>32</sup> Evidentemente, a corrida a cavalo já era uma prática relativamente comum desde o século XVII, entretanto era feita na zona rural, sem regras definidas oficialmente, ou seja, se tratava de um jogo e de um não esporte.

## II

No último quarto do século XIX, nas metrópoles brasileiras, os esportes, avidamente praticados pelas elites locais, passaram a ser o principal elemento agregador de um novo valor filosófico e ético: o do ativismo. A forte influência da medicina higienista européia acentuava o movimento como forma preventiva e formadora de valores morais (Chalhoub, 1996).

No Rio de Janeiro, o contato com as praias e o mar, considerado por um bom período como danoso à saúde, passou a ser valorizado. Gradativamente, o turfe começa a dividir a atenção com esportes náuticos, como a natação e, de forma mais acentuada, o remo. Estes sim, enquadrados dentro do movimento esportivo inglês – onde o foco principal era o esforço do homem civilizado (Melo, 2001; Lucena, 2001). O público era outro: jovens de uma nova elite, emergida no desenvolvimento modernizador do final do século XIX. Sendo, então, a ação motora do homem o foco do esporte, de forma polêmica e lenta, um novo modelo estético começou a surgir: no lugar da beleza frágil, às vezes até debilitada, dos intelectuais e poetas; o modelo da robustez e tonicidade.

Nicolau Sevcenko, recorrendo ao posicionamento de alguns literatos de renome, contextualiza o fenômeno esportivo no Brasil da Primeira República da seguinte forma:

Essa expressão “civilização esportiva” [Termo designado em uma crônica de Machado de Assis, criticando a juventude de sua época], portanto não deve ser entendida como se referindo exclusivamente à prática generalizada de diferentes esportes, mas a generalização de uma ética do ativismo, a idéia de que é na ação e portanto no engajamento corporal que se concentra a mais plena realização do destino humano. As filosofias da ação, os homens de ação, as doutrinas militantes, os atos de arrebatamento e bravura tornam os índices nos quais as pessoas passam a se inspirar e pelos quais passam a se guiar. É o tremedal de que falava João do Rio (Sevcenko, 1998: 568-569).

Em uma sociedade urbana recém formada, a consolidação de uma nova identidade nacional era necessária, desvinculando-se de velhos hábitos e costumes, originários em grande parte do sistema colonialista (Chalhoub, 1996). De forma bastante sintética, entende-se o

momento de introdução dos esportes, como um micro-tempo de transição identitária onde o eixo permeador foi a *civilidade*, o que favoreceu a aproximação entre a sociedade local e elementos culturais europeus.

Fatores essenciais para o estabelecimento deste novo contexto: o surgimento dos movimentos partidários, a abolição da escravatura, a proclamação da República, a chegada de imigrantes europeus e, principalmente, o surgimento das primeiras metrópoles – pois, predominantemente na cidade, com seu movimento e circularidade, é que o esporte encontrou as condições necessárias para ser organizado e difundido (Sennett, 2001). Como bem ressaltado,

A cidade é, sem dúvida, uma construção dos homens. Como tal carrega em si tempo e lugar; uma história onde se revela o próprio homem. Um ambiente onde estaria, ou está, acontecendo os “avanços” do homem (...). Pensar assim a cidade é abrir a possibilidade de tê-la como síntese de um leque de valores. A cidade é o lugar onde se faz possível a sedimentação dos tempos que coexistem no presente. O lugar onde a história do homem moderno “se edifica”, se faz viva e mutante porque pejada de um sentido novo, nascedouro de diferenças. A Cidade é assim um palco de ação do indivíduo que nela vive, uma ação que passo a passo se amplia, chama atenção e passa a ser alvo da ação política de mobilização (Lucena, 1997: 45).

### III

Neste contexto urbano, a difusão das notícias informativas sobre os esportes nos periódicos também contribuiu para o despertar do interesse, mesmo que de forma bastante tímida, de alguns cronistas pelo assunto. Novamente Olavo Bilac se manifesta, só que agora sobre a prática do remo:

Basta comparar a grande geração, que actualmente envelhece no Rio de Janeiro, à geração nova que ali se está formando com o exercício do remo, para ver que benefícios se estão colhendo do desenvolvimento do sport-náutico. Ver essa mocidade, exuberante de saúde e de alegria – é cousa que encanta e orgulha. [...] O contacto diário com o ar livre e com os perigos do mar salva-a do desanimo e do abatimento moral (Bilac In Melo, 2001: 198).



Bilac na época era considerado um dos poetas de maior apreço no Brasil. Tinha o epíteto de *príncipe do parnasianismo* – corrente preocupada com a perfeição técnica, seja ela da rima, do ritmo ou da métrica, com conteúdos objetivos e diretos e uma narrativa impessoal (Bosi, 1992). Era o paladino de uma elite republicana, letrada, ufanista e nacionalista. Seu tom reflexivo e patriótico é notório na breve citação. O conteúdo é leve, mas sem deixar de demonstrar o posicionamento claro do autor sobre o assunto.

O texto de Bilac não consistia apenas em uma retórica vazia ou em um conselho de tom paternalista. Ao contrário, ele próprio era um seguidor fiel do novo modelo, o de vida ativa. Discursos, palestras e debates sobre civismo, viagens e visitas a vários estados brasileiros durante meses defendendo o desenvolvimento físico do povo brasileiro através da ginástica e dos esportes.

Suas crônicas tinham um diferencial se comparadas ao seu gênero principal, a poesia. Se esta era, de certo modo, distante e impessoal (tipicamente parnasiana), nas crônicas agia de forma acentuadamente diferente: preocupada e voltada para o cotidiano, como era próprio do gênero. Presa ao contexto da Primeira República, engajada, coadunada aos valores morais e éticos do escritor, a crônica emparelhava-se ao estilo oral do discurso público, era elucidativa e educativa no sentido de defender um novo estilo de vida pautado na ação.

O excerto da crônica pregava às novas gerações a importância do “movimento”, pois o próprio Bilac era um homem dinâmico – ou seja, o texto, acima de tudo, demonstra coerência na relação entre o autor e o conteúdo, entre o autor e o leitor, entre o autor e suas próprias convicções. É um estilo muito próximo do “real” (Ginzburg, 2004), um contraponto à distante poesia parnasiana, a qual Bilac dominava tão bem.

Entretanto, mesmo tendo os esportes uma aceitação quase hegemônica, ainda havia aqueles contrários à sua prática, ou, pelo menos, a algumas delas – os mais visados eram o

remo e o futebol. Em um famoso livro de contos, escrito na década de 20, Lima Barreto encarna em um dos personagens, a imagem do indivíduo superficial e apático, descrito da seguinte forma: “O segundo filho, não quisera ir além do curso primário. Empregara-se logo em um escritório comercial, fizera-se remador de um clube de regatas, ganhava bem e andava pelas tolas festas domingueiras de esporte, com umas calças sungadas pelas canelas e um *canotier* muito limpo, tendo na fita uma bandeirinha idiota” (Barreto, 2001: 177)<sup>33</sup>.

#### IV

Elemento da cultura popular européia (Hobsbawm, 1995: 196-197), na virada do século XIX para o XX, o *football* logo seria introduzido no país na leva de outras modalidades que começavam a se espalhar pelo Brasil sob a égide do amadorismo e *fair-play*. Prática comum entre os imigrantes europeus, mas amplamente divulgada nos meios elitistas das metrópoles como um sofisticado modismo, o futebol logo ganharia a simpatia desta nova elite, de formação europeizada, ávida por movimento e símbolos de *status* social (Sevcenko, 1998: 567-577).

A prática de origem inglesa, em apenas alguns anos, superou em número de praticantes outras modalidades de mais tradição no país como o remo, o turfe e o ciclismo, se tornando o esporte preferido em todos os segmentos populacionais brasileiros em pouco mais de uma década. Desta forma, como parte do *boom* esportivo ocorrido no início do XX, o futebol logo estabeleceu próximas relações com o jornalismo, tornando-se uma fonte de notícias bastante chamativa.

Contudo, devido à organização amadora, recursos rudimentares e o pouco conhecimento por parte dos jornalistas, as informações sobre o esporte eram difusas e

---

<sup>33</sup> Em todas as crônicas analisadas será mantida a grafia original.

superficiais. Na maioria dos casos, as notícias eram inseridas nas colunas sociais. Noticiava-se o nome das pessoas de destaque presentes, elogiava-se a beleza física dos jovens praticantes, citava-se o comparecimento das damas. Só não se comentava sobre os resultados ou como tinha sido o decorrer da partida propriamente dita. Tampouco assuntos mais amplos, como sua validade social, seu pertencimento (já que era um esporte de origem britânica), a dificuldade encontrada pelos segmentos populacionais menos abastados para se inserir no campo esportivo, ou ainda sobre o monopólio das elites e os mecanismos de exclusão (Capraro, 2002; 2006).

Generalizando, o jornalismo sobre o futebol era centrado em uma mentalidade progressista, mundana, superficial (de aparências) e, de certa forma, artificial – já que os periódicos enfocavam apenas a prática elitista, simplesmente ignorando a difusão do esporte nas camadas menos abastadas. Era, como explicitado por Sevckenko (1998), o típico pensamento da *Belle Époque* carioca: uma perspectiva positiva (e relativamente inocente) sobre o desenvolvimento da humanidade – sob a influência do desenvolvimento industrial, tecnológico e científico.

Este tipo de jornalismo, muito próximo ao colunismo social, descompromissado e frívolo, predominou por alguns anos até que o conhecimento de alguns jornalistas sobre o futebol começasse a se acentuar. Paralelamente, o público aderiu ao modelo de *sportmen* – o cavalheirismo e a ética amadora típicos da prática esportiva elitista, por sinal, categoria que se referia, neste momento inicial, tanto ao praticante dos esportes quanto ao espectador e admirador, pois, representava, sobretudo, um “estilo de vida” ativo. Bilac, por exemplo, não era atleta de nenhuma modalidade, entretanto se enquadrava neste modelo de *sportmen* (Melo, 2001).

Porém, tal tipo de escrito ainda não predominava. Ao contrário, no meio intelectual e jornalístico, as notícias sobre esporte sempre tiveram uma conotação pejorativa. Sobre o início de carreira dos jovens repórteres, na época – já que não existia nenhum tipo de formação específica – era constatado que... “Para os mais ignorantes, os semi-analfabetos, neste início, estava sempre reservada uma alternativa: vai fazer polícia ou futebol” (Proença, 1981: 27).

## V

Gradativamente, durante a primeira década do século XX, a modalidade começou a despertar a curiosidade dos cronistas sociais, estes sim, ao contrário dos jornalistas responsáveis pela cobertura esportiva, com acentuado respaldo social. Nesta época, como ressalta Sérgio Miceli, “[...] o aparecimento de temas antes tratados como secundários, avultando agora, e ocupando espaço cada vez maior, os policiais com destaque, mas também os esportivos e até os mundanos” (Miceli, 1977: 75).

Alguns escritores já estavam habituados a escrever esporadicamente sobre os esportes – como o ciclismo, o pedestrianismo, o montanhismo e outros frutos de uma confusão conceitual, como o automobilismo, a aviação, e a própria educação física (ginástica), mas os principais ainda eram o turfe e o remo. Outros literatos que não tinham atentado para o fenômeno esportivo passaram a observá-lo melhor e, conseqüentemente, a analisá-lo em seus textos. E, assim, a incidência da temática, passo a passo, começou a se tornar constante nas crônicas do cotidiano.

Se por um lado a modalidade chamava à atenção destes intelectuais, por outro, causava querelas que acirrava os ânimos. Neste contexto é que os principais literatos nacionais – também articulistas dos principais jornais escrevendo crônicas do cotidiano – resolveram

dedicar alguns de seus significativos textos aos esportes, estabelecendo uma polêmica se o novo modismo das metrópoles, cujo exponencial era o *football*, era ou não importante para o novo modelo de Brasil.

Nota-se que a formação de uma identidade era uma das principais metas estabelecidas pela intelectualidade brasileira no início do XX (Veloso & Madeira, 1999). Entretanto, a carência de elementos inovadores, que não fossem associados ao passado colonial, ou seja, a Portugal, parecia dificultar a composição desta identidade. A literatura, sobretudo a crônica, serviu para divulgar o debate acerca da identidade nacional que ocorria na *intelligentzia* brasileira, tornando-o explícito ao público leitor – sabendo que a difusão através da cultura oral expandiria ainda mais o alcance de tais escritos.

Nas primeiras décadas republicanas, esta busca de uma identidade, logo iria encontrar um elemento que inicialmente poderia ser o diferencial: a *civilidade*. Tratava-se, então, de uma identidade nacional, pautada na tentativa de assimilar um modelo europeu já consolidado e que, na época, era predominante nas maiores potenciais mundiais. Este modelo civilizatório, embora tivesse forte adesão e predominasse no Brasil nas primeiras décadas do século XX, não estabeleceu consenso.

Era um movimento de um inflado ufanismo, acentuado pela expressão de alguns intelectuais que, decepcionados com o rumo que as elites republicanas deram ao novo regime, começaram a criticá-lo sistematicamente, demonstrando até certa nostalgia de antigos valores morais mais conservadores. Posicionado desta forma, Lima Barreto se tornou um dos maiores críticos do republicanismo e suas interfaces: dos jornais imparciais e manipuladores ao governo clientelista e coronialistas, passando pelo discurso científico – para ele mais um meio de opressão e distinção social. Como conclui Nicolau Sevcenko,

Todo esse universo temático, centrado nas práticas de coerção, discriminação e marginalização social, se compõe como uma trama densamente entretecida nas páginas do escritor. Tendo na imprensa o seu veículo e propulsor, encontrando na ciência a legitimação inquestionável, os desmandos, as coações e as classificações dos homens em hierarquias aviltantes, desarrazoadas, quer procedessem das oligarquias governantes, das ideologias radicais ou mesmo das atitudes cosmopolitas e bovárias, típicas do arrivismo republicano, produziam um quadro de horrores, opressão e miséria, profundamente vincado na sociedade e irredutível, na sua solidez, para com as individualidades desviantes (Sevcenko, 1999: 180-181).

Então, não foi estranho que o futebol, como prática tipicamente européia e elitista, também se tornasse alvo das suas contundentes críticas. A *civilidade* européia, característica identitária rigidamente associada ao futebol, seria colocada em xeque por Barreto e alguns que compactuavam com suas idéias – por sofrer influência do autor ou porque se inscrevia como fundo comum de algumas vertentes intelectuais. Entretanto existia um outro grupo de intelectuais que não concordavam com Barreto, como moderadamente Monteiro Lobato, Gilberto Amado e seu grande êmulo, Coelho Netto – o autor que fazia o papel de representante das elites no período. Logo os ânimos ficariam exaltados, tornando-se correntes no cotidiano. O principal canal para o debate acerca da *civilidade* européia e a prática futebolística não poderia ser outro que não o da crônica. Como será descrito a seguir.

### **3.2 O Futebol Desperta a Curiosidade dos Literatos Brasileiros**

#### **I**

“[...] estes meninos fazem tanto barulho por tão pouca cousa?” (Barreto, 2004A: 372)<sup>34</sup> – afirmava Afonso Henriques de Lima Barreto aparentando uma incredulidade forçada e até certo ponto satírica. A frase, escrita em 1920, estava carregada de deboche, pois naquela época o futebol há muito já dominava o circuito esportivo.

Desde 1915, o conhecido literato seria o gerador de uma intensa polêmica em torno do

---

<sup>34</sup> Originariamente: Vantagens do football. *Careta*. 19/06/1920.

futebol – esporte que em pouco tempo havia se estabelecido como preferência nacional, pelo menos na parcela elitista da população que tinha acesso aos usos e costumes originariamente europeus, muito valorizados na tentativa de formação de um ideário de civilidade (Sevcenko, 1998). Portanto, deduz-se que a afirmativa de Barreto, escrita anos depois da sua primeira manifestação sobre o futebol, era mais uma das suas sátiras.

Naquele momento, embora as principais Ligas fossem formadas apenas por jogadores da *finá-flor* das grandes metrópoles brasileiras, dezenas de pequenas associações eram formadas nos arrabaldes das cidades e a prática, na sua forma lúdica, era realizada nas ruas e praças por crianças e adultos pobres que improvisavam o material e o próprio espaço físico, causando alguns transtornos, envolvendo até a entidade policial, ou seja, o futebol intensificava seu processo de popularização (Pereira, 2000: 230-281).

Barreto era um homem informado. Já havia trabalhado como jornalista antes de se tornar um dos literatos de destaque (Barbosa, 2002: 127-128). Estava, portanto, usando um efeito estilístico simulando estar pasmo, mas com a real intenção de satirizar o crescimento do esporte em todos os âmbitos: na prática, na assistência, nos jornais e revistas, enfim, nos bate-papos que o literato ouvia nos locais que freqüentava, como as confeitarias, as redações e as ruas e praças – a “dimensão da rua” (DaMatta, 1997), que havia surgido (ou ressurgido) durante a Primeira República, principalmente depois do término do vultuoso projeto de urbanização da Capital Federal, efetivado pelo prefeito Pereira Passos (Sevcenko, 1998) e outros nomes conhecidos nacionalmente, como o higienista Oswaldo Cruz (Chalhoub, 1996; Sevcenko, 1993).

É bem provável que Barreto estivesse fatigado ao se deparar com o insistente e, a seu ver, frívolo e repetitivo assunto nos jornais, ou, o pior: de visualizá-lo em todos os locais por onde passava – “Não há rico nem pobre, nem velho nem moço, nem branco nem preto, nem

moleque nem almofadinha que não pertença virtualmente pelo menos a um *club* destinado a aperfeiçoar os homens na arte de servir-se dos pés” (Barreto, 2004B: 551)<sup>35</sup>. Ou, de forma mais explícita, neste texto do final da década de 10.

Os jornais não falavam em outra coisa. Páginas e colunas deles eram ocupadas com histórias de "matches", de intrigas de sociedades, etc., etc. Nos bondes, nos cafés, nos trens não se discutia senão futebol. Nas famílias, em suas conversas íntimas, só se tratava do jogo de pontapés. As moças eram conhecidas como sendo torcedoras de tal ou qual clube. Nas segundas-feiras, os jornais, no noticiário policial, traziam notícias de conflitos e rolos nos campos de tão estúpido jogo; mas, nas seções especiais, afiavam a pena, procuravam epítetos e entoavam toscas odes aos vencedores dos desafios (Barreto, 1953: 18).

Assim, mesmo contrariado, o literato teve que conviver com o vertiginoso crescimento do esporte durante as primeiras décadas do século XX. Fazia questão de afirmar que pouco conhecia do futebol propriamente dito, como enfaticamente frisado através de frases de impacto em várias de suas crônicas – “Nunca foi do meu gosto o que chamam *sport*, esporte ou desporto [...]” (Barreto, 1953: 18). “[...] sou carioca, mas não entendo de *football*” (Barreto, 1953:). “Não conheço os antecedentes da questão; não quero mesmo conhece-los [...]” (Barreto, 2004B: 373) – porém, sem nunca deixar de criticá-lo.

## II

Na mesma época, início dos anos 20, Graciliano Ramos, jornalista e ainda desconhecido com literato (não havia publicado ainda nenhuma obra), escrevera algumas crônicas para um pequeno jornal da cidade de Palmeira dos Índios, no estado de Alagoas. Tentava novamente a carreira jornalística só que agora na sua cidade natal. Já havia tentando no Rio de Janeiro cinco anos antes, mas teve que retornar por motivos familiares<sup>36</sup> (Bosi, 1994: 400). Como era moda na época, adotou alguns pseudônimos: J. Calisto, Anastácio

---

<sup>35</sup> Originariamente: O Nosso Esporte. A.B.C. 26/08/1922.

<sup>36</sup> Voltou à Palmeira dos Índios em virtude do falecimento de três irmãos e um sobrinho, devido um surto de peste bubônica.



Anacleto, Lambda ou, simplesmente, JC. Escreveu sobre temas variados como o cotidiano da cidade, a situação política, a condição social no país e principalmente sobre literatura – seu tema de maior recorrência em se tratando de crônicas.

Permaneceu no periódico semanal *O Índio* praticamente o ano inteiro de 1921. Mais de quarenta anos depois – quando Graciliano já era um nome significativo nas *Letras* – foi atribuído o devido valor literário a estas antigas crônicas, sendo republicadas na forma de livro, intitulado *Linhas Tortas* (1962). Como a obra continha várias crônicas de períodos muito distintos, estas, de *O Índio*, ficaram separadas em uma parte do livro denominada *Traços à Esmo* (Ramos, 1962: 61-97).

Dentre as crônicas publicadas neste semanário, uma merece especial destaque porque o autor, sob o pseudônimo de *J. Calisto*, discorreu sobre um tema que ainda não havia abordado anteriormente: o futebol. E é bem provável que a sua repercussão no meio acadêmico nos últimos anos (Soares e Lovisolo, 1997: 7-17), tenha se dado em decorrência da polêmica levantada por Graciliano Ramos em um período onde o futebol já havia se consolidado como o esporte mais popular no país – aumentando sensivelmente seu número de praticantes, o contingente de admiradores e espectadores, o volume de notícias nos periódicos e até a atenção política e governamental (Pereira, 2000).

É bem provável também que esta crônica passasse despercebida – ou seja, estaria historicamente *morta* – caso não fosse coletaneada. Até porque Graciliano Ramos pouco se destacou pela escrita de crônicas. Sua produção é pequena se comparada a de outros escritores, pois, ao invés de recorrer à crônica como meio de subsistência – como o próprio Lima Barreto – preferiu procurar outros ofícios como gerenciar a pequena loja da família, o cargo político de prefeito de Palmeira dos Índios e alguns cargos governamentais de confiança, até se estabelecer como romancista já nos anos 30/40 (Bosi, 1994: 400-405).

Uma das características típicas de sua produção era o experimento. Como descreve Antonio Candido (2000), amparado em uma conversa com Aurélio Buarque de Holanda, cada obra de Graciliano era um tipo diferente de romance. O motivo é a constante oscilação entre a ficção e o testemunho e a sua apurada visão do mundo (pelo menos naquele microcosmo em que vivia). Era um tipo de produção, se não engajada, ao menos preocupada. Ou, nas palavras do analista, “temos aí um indício certo de que está buscando a solução de um problema vital” (Candido, 2000: 113).

Graciliano era um literato avesso a estigmas. Mesmo escrevendo em um período de grandes novidades nas artes, convivendo com o Movimento Modernista de 1922, pouco cedeu às novidades literárias nacionais. Segundo Alfredo Bosi,

[...] Graciliano Ramos tem pouco a ver com o Modernismo e nada a ver com as modas literárias para as quais o escritor pode apresentar um quê de inatural. Ela vem da sua opção pelo maior grau possível de despojamento, pela sua recusa sistemática de intrusões pitorescas, chulas ou piegas, situando-se no pólo oposto do populismo – tanto o vulgar quanto o sofisticado – que te manchado tantas vezes a atitude dos fruidores da “vitalidade” do homem simples (Bosi, 1994: 404).

Mantendo as características do gênero crônica, o texto de Graciliano Ramos sobre o futebol, sem título, era despretenso, crítico, com certo toque e humor, ironia e sátira. Mas aí o eis da questão: aparentemente – como será visto posteriormente – era atemporal. Sua principal tese era a de que o futebol não passava de um modismo e, portanto, não iria vingar: “[...] vai haver por aí uma excitação, um furor dos demônios, um entusiasmo de fogo de palha capaz de durar bem um mês” (Ramos, 1962: 90).

### III

Se alguns literatos como Lima Barreto e Graciliano Ramos eram contrários à prática do futebol, vários outros de renome começaram a observar com admiração o esporte bretão,

conseqüentemente, manifestando esta simpatia nos seus escritos. Destacaram-se: Coelho Netto, Paulo Barreto – o popular João do Rio –, Gilberto Amado, Monteiro Lobato, Afrânio Peixoto, Arthur de Azevedo, Olavo Bilac, entre outros.

Ao contrário do engajado Lima Barreto, a maioria destes não teve tão incisiva dedicação na defensoria do futebol. Com a exceção de Coelho Netto, que convivia mais ativamente com o cotidiano esportivo, pois morava muito próximo às dependências do Fluminense – clube freqüentado pela alta elite carioca – sendo seus filhos atletas desta agremiação (Coelho Netto, 2002), os demais não tratavam do assunto com regularidade. São pequenas menções e declarações, participações em eventos com discursos efusivos, uma ou outra crônica e, circunstancialmente, a inserção do esporte em algum conto, romance, ou mesmo livro técnico – como no manual médico intitulado *Higiene*, em que o médico Afrânio Peixoto acentuava:

Os desportos têm vantagens numerosas e alguns inconvenientes.

As vantagens são o desenvolvimento orgânico e funcional do corpo que trazem a saúde física e moral. Física, porque já vimos como todas as funções e todos os órgãos recebem influência do esforço muscular, desde as funções da vida vegetativa, até as mais prezadas, porém, não mais nobres, da inteligência, que se correspondem, ou se deviam corresponder numa saúde obtida fisiologicamente, através da raça, para se continuar no indivíduo. Moralmente, porque são educadores de sensibilidade, da inteligência, da vontade principalmente, e fazem pela disciplina, do *self government* e do *self-control*, a construção ou a reparação do character.

Os inconvenientes vêm apenas do abuso por excesso, além das forças e das possibilidades... (Peixoto, 1922: 343).

Na maioria dos casos, os autores trataram do futebol com relativa efemeridade. Comparando as crônicas destes literatos às de Lima Barreto, a sensação é a de que se estabeleceu uma polaridade na literatura sobre o futebol nas décadas de 1910 e no início da de 20. Em se tratando de fazer a defesa do futebol, o engajamento não necessitava de uma forte fundamentação teórica. Ao contrário de Barreto, que buscava referências em notícias de

jornais e revistas sobre os malefícios do esporte, os literatos simpatizantes usavam como principal recurso a retórica, já que o estilo predominante era o parnasiano<sup>37</sup>.

De forma geral, patriotismo, civismo, ufanismo, beleza física, juventude saudável, higienismo, e, principalmente, a civilidade européia eram elementos retóricos constantes e importantes para a coerência dos seus textos. Assim – ao contrário de Barreto, que usava de uma linguagem simples, objetiva e ácida – era comum entre os adeptos do futebol a estética rebuscada, enaltecida e racionalista, típica daqueles que foram fortemente influenciados pelo *parnasianismo francês*, como Afrânio Peixoto, Coelho Netto e, logicamente, o maior exponencial brasileiro do movimento, Olavo Bilac (Bosi, 1994: 226-229).

Se Barreto procurava fundamentos nas raras teses médicas que discordavam das valências do futebol, o grupo de defensores tinha a seu dispor todo um respaldo de centenas de médicos higienistas pregadores dos benefícios de tal esporte (Pereira, 2000). Além do apoio médico, parte vultosa dos políticos e outros intelectuais brasileiros – como Rui Barbosa – tinham apreço pela prática esportiva. Desta forma, justifica-se o posicionamento menos crítico por parte da maioria dos literatos admiradores do futebol, pois contavam com o apoio maciço da sociedade na qual estavam inseridos.

Na época os cronistas eram superestimados, pois o jornal era o principal meio de comunicação de massa. E o futebol era, além de uma prática física, um meio de sociabilização e lazer elitista. Assim, a presença destas figuras ilustres era sempre bem vinda na assistência. Era uma forma de amalgamento. Os literatos se integravam ao espaço sofisticado, em

---

<sup>37</sup> Os parnasianos são descritos da seguinte forma: “Quanto à linguagem buscaram uma correção gramatical não despida de pedantismo, eivando a sua obra de um tom acadêmico e professoral, por vezes bastante desagradável. De acordo com o senso das formas exteriores, usaram com abundância o vocabulário das artes plásticas, comparando o ofício do poeta ao do escultor e do pintor. Indo mais longe, e acentuando a busca de elegância e requinte formal, compararam-se ao ourives, ao cinzelador, ao miniaturista, valorizando o pormenor, perdendo-se na minúcia descritiva dos objetos raros: pomos de espada, taças, leques, adereços [...]” (Candido & Castello, 2001: 292).

contrapartida, contribuindo para que este espaço se consolidasse ainda mais como um valoroso símbolo de status de uma elite civilizada nos parâmetros europeus.

Somente as elites tinham acesso aos locais das práticas pautadas no modelo europeu. Eram saraus, chás da tarde, espetáculos teatrais e musicais, festivais esportivos, passeios, festas, debates literários, desfiles cívicos, enfim, atividades de lazer existiam em abundância. E assim, muitas vezes, os literatos de renome se integravam muito bem a este contexto social. Como demonstrado, por exemplo, nesta seqüência de fontes sobre a passagem de Olavo Bilac no estado do Paraná em 1916:

O attrahente festival esportivo, ‘torneio Diario da Tarde’, cuja designação foi dada em homenagem ao nosso jornal, vae ser dedicada, segundo deliberação tomada pelo valoroso e symphatico Humaiytá F. Club, seu promovedor, ao eminente porta Olavo Bilac, que aqui chegará segunda-feira próxima. Constarão no festival de 19 do corrente diversos numeros interessantes em que tomarão parte sportmen de todos os clubs, sendo offerecidos premios aos vencedores (Diário da Tarde, 09/11/1916).<sup>38</sup>

[...] temos a accrescentar que por ocasião do brilhante festival, honrado com a presença de Olavo Bilac, os jovens escoteiros coritibanos entoarão o hymno do Paraná, no bosque do Paraná S. Club. Olavo Bilac será saudado no festival por um orador designado pelo Humaytá. Os alumnos de uma escola pública desta capital entoarão o himno à bandeira, letra de Bilac (Diário da Tarde, 15/11/1916).<sup>39</sup>

No ground do Paraná Sports Club no Batel, realizou-se hontem, com brilhantismo raro, o grandioso torneio “Diario da Tarde”, festival campestre dedicado a Olavo Bilac, e em homenagem ao nosso jornal. À hora 13 era calculada em 1.500 pessoas a enorme assistencia que enchia as archibancadas do campo do Paraná Sports Club, a fim de assistir o attrahente festival.

Nessa ocasião chegaram ao campo do Paraná os srs. Olavo Bilac, dr. Affonso Camargo, presidente do estado [...].

As altas autoridades foram recebidas debaixo de ovações e salvas de palmas [...].

O “Garden-party” nos campos do Internacional F. C.

O Internacional Football Club aproveitou o ensejo da estadia aqui do destacado poeta Bilac e da passagem do dia consagrado à bandeira para promover fulgurante festividade.

O campo do Internacional adornou-se contudo quanto Coritiba possui de bello e chic.

As archibancadas estavam repletas de senhoritas e senhoras, cavalheiros e jovens.

Os bonds trafegavam cheios, e carros e autos rodavam em direcção do aprazível bosque.

[...] à hora 5 chegou Bilac e com elle as autoridades estadoaes, passando-se então ao “tea-tango”.

Sobre a sombra de frondosas araucarias tomaram acento: Bilac e o presidente Affonso Camargo [...].

Encerrou-se a bella festa campestre com o descer solene da bandeira (Diário da Tarde, 20/11/1916).<sup>40</sup>

<sup>38</sup> O torneio “Diario da Tarde” será dedicado a Olavo Bilac. *Diário da Tarde*. 09/11/1916.

<sup>39</sup> O brilhante “Torneio Diario da Tarde”. *Diário da Tarde*. 15/11/1916.

A coletânea de fontes prova em detalhes os fortes laços interdependentes entre os literatos da época e as elites. Fazendo parte destas atividades festivas, nas quais o futebol era, acima de tudo, um pretexto, os literatos, no mínimo, tinham atividades de lazer vinculadas à elite. Era uma nítida relação de força, favorável a ambos – literatos e a jovem elite praticante dos esportes. Como declarou o tão celebrado Arthur de Azevedo em 1907: “Passei uma hora divertidíssima num match de football” (Azevedo In Beting, 2003: 13). Mas mesmo entre os admiradores, existiam sensíveis diferenças no entendimento do desenvolvimento do esporte...

#### IV

Monteiro Lobato era conterrâneo de outros escritores como Lima Barreto e Coelho Netto. Entretanto, o tempo que passou morando na fazenda da família, principalmente na época da infância, ajudou a definir uma característica nos seus escritos: assim como Graciliano Ramos, a contraposição entre o cotidiano da urbe e a vida interiorana (para ele a legítima cultura brasileira). Era uma figura complexa, pois já havia se estabelecido tanto no interior quanto na cidade grande. Valorizava o nacional, era contra estrangeirismos, mas gostava da modernidade. Como relata Alfredo Bosi “O papel que Lobato exerceu na cultura nacional transcende de muito a sua inclusão entre os contistas regionalistas. Ele foi, antes de tudo, um intelectual participante que empunhou a bandeira do progresso social e mental de nossa gente” (Bosi, 1994: 215).

Convicto de tais idéias, seu posicionamento sobre o futebol era inédito e paradoxal. Na infância e adolescência havia até praticado o esporte: “[...] começa a jogar futebol, apaixonando-se pelo esporte [...] ‘O futebol empolgou-me de corpo e alma; escrevo crônicas

---

<sup>40</sup> “As comemorações de Hontem” - O ultimo dia de Bilac na terra das araucarias – “Torneio Diario da Tarde” – O brilhante festival de hontem no campo do Paraná. *Diário da Tarde*. 20/11/1916.

de futebol e jogo. O futebol apaixonava e contunde’, comunica a Rangel” (Cavalheiro.1955: 114).

Porém, em 1905, escreveu algumas crônicas polêmicas sobre o esporte, publicadas no diário *O Povo*, da cidade de Caçapava, sob o pseudônimo de Hélio Bruma. No texto dava mostras de aceitar o futebol, embora de forma nítida alertasse para o problema da segregação e do elitismo presente neste esporte. “Jogo nativo com uma fúria quase assustadora neste país de bananas. Do dia para noite surgiram mais de 250 clubes esportivos [...] e a ‘seleção natural’ fez com que quatro clubes brasileiros há anos lutassem com dois clubes estrangeiros pela taça de ouro do campeonato [...]” (Lobato In Rossenfeld, 1993: 79)<sup>41</sup>.

Lobato, no início da década de 1910, demonstrava no texto estar estupefato com a popularidade do futebol. E para demonstrar sua surpresa, tentava comparar a popularidade dos atletas de futebol com a dos políticos regionais – especificamente no caso de São Paulo:

No primeiro ano, a população eletrizada viu-se colocada diante de uma nova questão social. Tratava-se de verificar se o paulistano tinha capacidade para sair vitorioso ante a enorme oposição dos filhos de Albion. O povo compreendeu de imediato o extraordinário alcance deste duelo [...]. Essa luta tinha para a população de São Paulo um significado moral dez vezes maior do que a eleição para de um presidente do Estado. Parava nas ruas para apontar com os dedos os jogadores – aqueles renovadores do nosso sangue. São Paulo reconhece que cada um desses jovens é socialmente mais importante do que todos os deputados estaduais e federais somados, multiplicados e elevados à sétima potência [...]. O último gol do Clube Paulistano contra os ingleses provocou a maior tempestade de aplausos, jamais conhecida em São Paulo. Milhares de mãos, acenando chapéus, ergueram-se em delírio, milhares de gargantas gritaram um titânico hurra, um hurra gigantesco e ensurdecedor que fez a terra tremer [...] (Lobato In Rossenfeld, 1993: 79-80).

Aparentemente, o escritor parecia satirizar a política estadual, mas não era um extremista como posteriormente seria Lima Barreto, sendo assim, ironizava sutilmente a supervalorização do esporte em relação à política. Parecia aceitar bem o fato, entretanto, não deixava de evidenciar a situação de adoração da juventude pelo futebol no Brasil. Vale lembrar que Lobato ainda não era muito conhecido no meio literário brasileiro, pois, além de

---

<sup>41</sup> Originalmente: S/t. *O Povo*. 10/06/1905 e 17/06/1905.

ser bastante jovem, com apenas 22 anos, não estava no maior centro intelectual brasileiro, que, até a Semana de Arte Moderna em 1922, ainda continuava sendo a cidade do Rio de Janeiro (Rosenfeld, 1993: 1979).

Em 1906, em um livro infantil, *O Queijo de Minas ou História de um Nó Cego*, publicado conjuntamente com Godofredo Rangel, Lobato insere no texto alguns personagens jogadores de uma equipe de futebol. É bem possível que se trate do primeiro livro de contos a fazer menção ao futebol no Brasil, pois tal esporte só tinha sido introduzido no país há poucos anos (Pedrosa, 1968: 13-14). E, a princípio – como se verá adiante –, a manifestação artística de Lobato a respeito do mesmo parecia positiva.

## V

Posteriormente, Lobato escreveria uma outra crônica sobre o futebol e a capoeira, quando já estava consolidado como um dos autores mais conhecidos em São Paulo, principalmente pelos seus livros infantis e também por trabalhar no ramo editorial. A crônica é bastante prolixa, devido à técnica literária típica de Monteiro, que gostava de valorizar os termos nacionais – aqueles de origem indígena ou interiorana (Bosi, 1994: 216) –, mas também é carregada de indícios que favorecem o entendimento de um contexto social mais abrangente.

O futebol, para Lobato, havia se tornado uma espécie de avanço da modernidade, servindo para demonstrar as potencialidades do homem e um novo símbolo para nação. Para o autor que na sua primeira fase só criticava a passividade do homem interiorano, através do folclórico personagem Jeca Tatu<sup>42</sup>, o futebol seria uma espécie de contraponto ao

---

<sup>42</sup> Criado em 1918, o personagem sertanejo representava a vida morosa do homem interiorano. O personagem fez um imenso sucesso, sendo desenhado por vários caricaturistas da época. Segundo Nicolau Sevcenko “[...] Lobato traçou um perfil melancólico do sertanejo do sul, o ‘caipira’ destacando sua natureza arredia, abúlica e resignada, cuja lúgubre figura marcaria época através da caricatura do Jeca-Tatu” (Sevcenko, 1992, p. 237). Maiores



comportamento embotado do brasileiro. “O jogo de futebol teve a honra de despertar o nosso povo do marasmo de nervos em que vivia. Antes dele, só nas classes médias a luta política tinha o prestígio necessário para uma exaltaçãozinha periódica” (Lobato, 1921: s/p).

No início desta crônica, publicada originalmente na obra *A Onda Verde*, o literato tenta justificar a relevância do futebol, recorrendo a uma “tradição inventada”<sup>43</sup>: a prática das atividades competitivas dos antigos Jogos Gregos, comparando a popularidade dos grandes atletas com a dos filósofos clássicos. Relatava, então, que...

Admiramos hoje os grandes filósofos gregos, Platão, Sócrates, Aristóteles, seus coevos, porém, admiravam muito mais aos atletas que venciam no estado. Milon de Crotona, campeão na de torcer pescoços a touros, só para nós tem menos importância que seu mestre Pitágoras. Para os gregos, para a massa popular grega, seria inconcebível a idéia de que o filósofo pudesse no futuro ofuscar a glória do lutador (Lobato, 1921: s/p).

Lobato, mesmo que de maneira sutil, demonstrava, ao contrário da maioria dos escritores e jornalistas, se preocupar em não descontextualizar a história. Todavia, o objetivo principal era o de alertar para uma possível popularidade dos atletas que sobrepujava a dos intelectuais gregos. Para que, posteriormente, pudesse traçar uma linha histórica comparativa, comentando as similitudes com alguns esportes que eram destaques em outros países.

Em França o homem hoje mais popular é George Carpentier, mestre em socos de primeira classe; e se derem nas massas um balanço sincero, verão que ele sobrepuja em prestígio aos próprios chefes supremos vencedores da guerra. Nos Estados Unidos há sempre um campeão de boxe tão entranhado na idolatria do povo que está em suas mãos subverter o regime político (Lobato, 1921: s/p).

Finalmente, chegando ao paralelo com a realidade brasileira, onde o futebol era o exemplo de esporte no início da década de 1920: “Esse delírio que por aí vai pelo futebol tem

---

detalhes sobre o personagem “Jeca Tatu” podem ser encontrados em: Scliar, Moacyr. *Saturno nos Trópicos: a melancolia européia chega ao Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 227-231.

<sup>43</sup> Conceito que pode ser usado para explicar a formulação de uma história remota origem dos esportes, pois, através da difusão desta longínqua história, a qual, muitas vezes, é fictícia ou descontextualizada, “fabrica-se” uma tradição que tem fins intrínsecos ao fenômeno. Maiores detalhes ver: Hobsbawm, Eric & Ranger, Terence. *A Invenção das Tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

seus fundamentos na própria natureza humana. O espetáculo da luta sempre foi o maior encanto do homem; e o prazer da vitória, pessoal ou do partido, foi, é e será a ambrosia dos deuses manipulada na terra” (Lobato, 1921: s/p).

Monteiro Lobato não era um literato adepto ao sarcasmo ou a ironia, como Lima Barreto. O ridículo e o patético “são quase os únicos efeitos em função dos quais se articulam suas histórias” (Bosi, 1994: 217), embora, volta e meia, gostasse de “alfinetar” um ou outro desafeto através de críticas publicadas em periódicos interioranos, sempre usando um pseudônimo. Assim, inicialmente, há de se acreditar que os desvelados elogios ao futebol, embora estereotipados e com certa dose de exagero, não deixaram de ser sinceros. Monteiro era bastante crítico em relação à sociedade da sua época, mas era bastante direto ao tratar dos assuntos – possivelmente, por significativa parte da sua obra ser direcionada ao público infantil. Mas, a clareza na argumentação era uma marca mesmo nos seus escritos destinados ao público adulto, como, por exemplo, no ensaio de cunho sociológico, *O Escândalo do Petróleo*<sup>44</sup>, publicado em 1936.

## VI

Outro escritor que dedicou uma pequena parte da sua produção ao esporte foi Gilberto Amado. Amado exerceu os ofícios de jornalista, bacharel em direito, político, diplomata e, aquele que o tornou mais conhecido, o de escritor. Nasceu em maio de 1887. Mesmo sendo originário do nordeste brasileiro, mais especificamente da pequena cidade de Estância no estado de Sergipe, logo migraria para a cidade do Rio de Janeiro, onde galgou os citados ofícios e cargos políticos (Carpeaux, 1967: 354-355).

---

<sup>44</sup> Ver: Lobato, Monteiro. *O Escândalo do Petróleo*. São Paulo, Brasiliense, 1979.

Era um homem viajado, pois havia morado no Chile, Finlândia, Itália, França, E.U.A. e Suíça. Entretanto, nunca deixou de valorizar as coisas do seu país de origem, muitas vezes até de forma exaltada. “[...] tinha horror de brasileiros desnacionalizáveis, que por bovarismo e falta de personalidade procuram tornar-se britânicos na Inglaterra e americanos nos Estados Unidos [...]”– escreveu Homero Senna no prefácio da coletânea de crônicas do autor intitulada *Seleto* (Senna In Amado, 1974: xiv).

Assim como Lima Barreto, Gilberto Amado era o primogênito de uma família de poucas posses, sendo privilegiado com o investimento familiar no seu estudo<sup>45</sup>. Porém – daí divergindo de Barreto –, desde jovem, foi um homem integrado ao sistema político vigente, possivelmente devido à influência da sua formação na conservadora Escola de Direito de Recife, ainda na década de 1900 e por ser branco. Em 1910, devido ao declínio do grupo político que protegia a sua família, todos os membros desta são obrigados a se retirar da cidade. A família vai para a Bahia, mas, com apenas vinte e três anos, Amado preferiu se transferir para o Rio de Janeiro (Miceli, 1977: 64).

Na Capital Federal começou a trabalhar como articulista dos periódicos *Jornal do Commercio* e *O Paiz*. Neste período chegou a escrever, segundo Pereira (1998), que o futebol não era um assunto que merecia a atenção da literatura nacional mesmo que fosse nas crônicas jornalísticas, mas mudaria de opinião como será visto adiante. Nesta mesma década, começou a viajar pela Europa oficialmente a trabalho.

Depois de ingressar na carreira política em 1915, já com alguns livros de memória publicados e uma tentativa frustrada de se candidatar a uma vaga da *Academia Brasileira de Letras*, tornou-se Deputado Federal pelo seu estado natal, indo residir novamente na Capital

---

<sup>45</sup> Miceli (1977) acredita que os autores Lima Barreto e Gilberto Amado foram “agraciados” com a condição de primogênitos, já que as famílias mais humildes, geralmente com uma prole considerável, não tendo condições de propiciar estudo a todos os filhos, investiam no mais velho, evidentemente porque seria este que poderia gerar rendimentos à família mais rapidamente.

Federal, a cidade do Rio de Janeiro (Senna In Amado, 1974: xvi-xix). Em 1921, reeleito, escreveu uma famosa crônica sobre o futebol publicada originalmente no Jornal *O País*, um ano depois reeditada na coletânea *Aparências e Realidades*<sup>46</sup> (Pedrosa, 1968: 161).

Antes dele outros autores já demonstravam simpatizar com o futebol, como João do Rio.

## VII

Paulo Barreto, também conhecido pelos pseudônimos “Caran d’ache”, “Joe”, “José Antônio José” ou ainda “João do Rio” – epíteto pelo qual o autor seria mais reconhecido do que pelo próprio nome – quando menino foi educado segundo a doutrina positivista e se tornou jornalista já aos dezesseis anos, trabalhando em um periódico carioca. Foi considerado posteriormente o precursor do jornalismo moderno (Fundação Biblioteca Nacional, [www.cervantesvirtual.com/portal/FBN/biografias/joao\\_rio/index.shtml](http://www.cervantesvirtual.com/portal/FBN/biografias/joao_rio/index.shtml). Acessado em 09/02/2005).

Paulo Barreto foi um dos primeiros a destacar a importância da urgência na reportagem, ou seja, responsável pela criação do termo popular “furo de reportagem”. Também foi buscar em outras áreas, como a Sociologia, a Antropologia e a História (principalmente helênica), subsídios para sua produção jornalística (Ramos, 1990: 17). Ainda quanto aos jornais, acentuou o uso da entrevista como recurso de informação. Enfim, no meio jornalístico foi um inovador.

Preocupado com o cotidiano da cidade, usava da sua forte percepção dos fenômenos sociais para tratar de temas que despertavam a atenção do público leitor carioca, desta forma, cativando-o e criando uma relação de fidelidade. Foi considerado por muitos como o primeiro

---

<sup>46</sup> Originalmente publicado como: Amado, Gilberto. *Aparências e Realidades*. São Paulo: Monteiro Lobato e Cia Editores, 1922.

cronista moderno, pois abandonou o estilo folhetinesco para lançar a crônica diária, descompromissada, com uma razoável dose de humor e deboche, além de inserir os personagens do dia-a-dia carioca (Veneau, 1990).

Tinha uma forte identificação com a sua cidade natal, o Rio de Janeiro, assim como Gilberto Amado. Em virtude disso, foi um dos primeiros literatos a usar das crônicas como forma de crítica social. Neste contexto, foi inevitável que os esportes – principalmente o futebol – ainda galgando sutilmente seu espaço na sociedade brasileira, logo chamassem a atenção do literato – neste momento, em 1916, sua opinião anteciparia a de Gilberto Amado: o futebol era um assunto sério. “Não! Há de fato uma coisa séria para o carioca: o *football*! Tenho assistido a *meetings* colossais em diversos países, [...] nessas grandes festas de saúde, de força e de ar. Mas absolutamente nunca eu vi o fogo, o entusiasmo, a ebbriez da multidão assim” (“João do Rio” In Ramos, 1990: 20). De certa forma, o autor alertava até para a associação entre o esporte e a pátria: “Estarei eu às vésperas dessa doença inexplicável que se chama patriotismo? Patriotismo por quê? Patriotismo limitado a um campo de football? Entretanto, é verdade. [...] E do desânimo eu caio na ansiedade de que nós – nós – vençamos no campo do Paysandu” (“João do Rio” In Nogueira, 2006: 31).

Porém, não se preocupava muito em manter o mesmo ponto de vista. Em uma de suas obras, o romance *A Profissão de Jacques Pedreira*, o futebol apareceu de forma estereotipada, através daquele típico dualismo estabelecido pela intelectualidade do início do século – de um lado o esporte, do outro a educação, sendo ambos incompatíveis, como demonstrado neste excerto que mostra a relação de um jogador de futebol com um professor de filosofia.

Os preparatórios deixaram-lhe uma sensação de igualdade inexplicável e que no fundo sempre lhe pareceu desagradável rebaixamento. Havia uma porção de rapazes de má roupa, sem vergonha pobres, e que se permitiam, entretanto, fazer versos, usar *pince-nez* e não lhe ligar a menor importância. Quando os professores falavam – (de modo geral sempre) - da desmoralização do ensino, da inferioridade da geração, esses rapazes tinham a impertinência de olhá-lo e ele não podia deixar de ficar contrariado,

porque esses sujeitinhos é que lhe pareciam inferiores. Os últimos tempos passara-os mesmo a jogar *football*, jogo em moda que as senhorinhas aclamavam aos domingos em Paissandu. Foi sob essa brilhante vocação esportiva, que se matriculou para fazer o primeiro ano. O primeiro ano constava de duas matérias: Filosofia de Direito e Direito Romano. Oito dias antes dos exames, começou de ler umas apostilhas da segunda matéria, veneráveis apostilhas que representavam o saber desse monumento social em dez gerações de bacharéis. Em Filosofia copiou a prova escrita e na oral, diante de um lente grosso e sábio, assegurou:

– A Filosofia, esse verdadeiro pão do espírito...

O professor abriu numa gargalhada homérica. E ainda sacolejado de riso:

– Continue, muito bem... continue, menino... (“João do Rio”, 1992: 14).

Assim, constata-se que o literato não se dedicou somente à crônica, escreveu também vários ensaios sobre crítica literária, peças teatrais, novelas, contos e até um romance, além da tradução de várias obras de destaque da literatura mundial, como os romances de Oscar Wilde. Devido a sua reconhecida produção, foi indicado para uma cadeira da *Academia Brasileira de Letras*, a pertencente a Guimarães Passos, antes de completar trinta anos de idade – fato notório para um literato.

Mesmo publicando obras de gêneros diferenciados, jamais abandonou os periódicos. Iniciou no *Cidade do Rio*, sendo fundador do *Rio Jornal*, *A Pátria* e a *Revista Atlântica* todos na década de 1910. Também foi o criador da *Sociedade Brasileira de Autores Teatrais*, espaço onde teve contato direto com várias personalidades da intelectualidade nacional, inclusive de outros tipos de arte que não a literária.

Morreu ainda jovem, antes de completar a quarta década de vida, mesmo assim deixou uma vasta produção, principalmente de crônicas. Sua popularidade era tão grande que seu corpo teve que ser velado (com exposição pública) na própria redação de *A Pátria*. No dia seguinte, o féretro agregou mais de cem mil populares. Em uma época em que os escritores tinham que fazer um esforço sobre-humano para sobreviver – já que a grande maioria da população não conseguia sequer assinar o próprio nome, quanto mais ler um a obra literária – “João do Rio” já tinha um *status* de celebridade. Como é dado a entender por um diário carioca no dia que sucedeu a sua morte:

O passamento de Paulo Barreto, ocorrido hontem á noite, foi uma surpresa que impressionou profundamente o meio espiritual, as camadas litteraria e jornalística, prolongando-se essa impressão a todas as rodas sociaes, onde essa individualidade, que o era, tinha um realce de admiração e de estima. E esse destaque bem frisante surge evidenciado, precisamente pela unanimidade das revelações de pezar ante o desaparecimento do litterato, do jornalista e do homem, mórmente deste, que não podendo escapar à fragilidade da perfeição humana, se tinha defeitos, bem os recompensava com o seu nucleo de virtudes.

[...] Mas a sua feição saliente nas letras era o jornalismo, a sua espiritualidade pendia muito mais, e com relevo de valor, na columna do jornal, do que na pagina do livro; naquella elle era o jornalista completo, tudo fazendo com a mais cabal proficiencia, não lhe escapando a minima 'ficelle' do mais simples factio tirando o preciso para o salientar, vibrar a pequena nota ou espiritualizar um "suelto", encher uma columna de chronica com actualidade de comentario e 'verve' de narrativa.

A sua primeira prova de jornalista elle a deu, cabal, na celebre reportagem sobre as differentes religiões no Rio, que valeram à "Gazeta de Notícias" um bom renascimento de popularidade (O Rio Através dos Jornais, <http://www2.uol.com.br/rionosjornais/rj27.htm>. Acessado em 10/02/2005).<sup>47</sup>

O falecimento prematuro de Paulo Barreto só serviu para acentuar sua condição de cronista carioca mais popular, uma espécie de *hour concour* da literatura brasileira do início do século XX. Após o falecimento, o mercado editorial passou a se interessar pela publicação das suas crônicas na forma de livro de coletâneas – fato pouco usual naquela época.

Se a crônica nasceu vinculada ao jornal, sendo assim, fadada a virar “papel de embrulho” (Candido, 1992), Paulo Barreto foi um dos primeiros escritores a quebrar a regra. De forma curiosa, o trágico destino que o levaria à morte ainda jovem, em contrapartida, foi também o responsável por imortalizá-lo, já que foi um dos primeiros literatos dedicados primordialmente ao gênero crônica a ser publicado no formato de livro – este sim, como já afirmado, surgiu com uma característica de preservação sensivelmente maior do que a dos jornais e das revistas.

## VIII

Durante os últimos anos do século XIX e as primeiras duas décadas do século XX o escritor mais popular foi Henrique Maximiano Coelho Neto, conhecido apenas pela

---

<sup>47</sup> Originalmente: O Desaparecimento da Figura mais Original do Jornalismo Brasileiro. *Boa Noite*. 24/06/1921.

abreviatura artística, Coelho Netto. Suas várias obras, nos mais variados gêneros – romance, conto, crônica, poesia, memória, entre outros – eram, sem dúvida, as mais lidas na época, sempre um sucesso de vendas, mesmo quando ainda no prelo. Como membro fundador da *Academia Brasileira de Letras*, sua influência era tamanha que chegou até a ser indicado pela própria *Academia* como concorrente ao prêmio Nobel de Literatura (Carpeaux, 1967: 266). Tanto é que em 1928 recebeu o prêmio e o título de “o Príncipe dos Prosadores Brasileiros”, em um concurso de votação popular realizado pelo periódico oposicionista *O Malho* (*Academia Brasileira de Letras*, [www.academia.org.br](http://www.academia.org.br). Acessado em 08/02/2005).

Credenciado como o principal mantenedor de uma tendência literária que se preocupava sobretudo com a estética, deixando o conteúdo em segundo plano, Coelho Netto iria perder a popularidade literária rapidamente: “O que validamente se lhe contesta é aquela qualidade rara de atingir sem escórias um nível de profundidade. Sem essa virtude [...] não chega a resistir ao tempo, isto é, à consciência dos valores, cujos caminhos levam cada vez mais para a concentração no essencial” (Bosi, 1994: 205).

Meia-verdade, pois se os seus romances e contos podiam ser considerados exemplos da futilidade típica da *belle époque*, não se pode negligenciar que “[...] teria escrito como exigia o seu tempo” (Bosi, 1994, p. 199). Além disso, suas crônicas, principalmente aquelas escritas nas últimas décadas do século XIX, tinham um forte caráter crítico, engajado e oposicionista (Silva In Coelho Netto, 2002: 7-26).

No anseio da sua juventude, já cursando a Faculdade de Direito do Rio de Janeiro e iniciando a carreira de escritor, foi um inimigo contundente do sistema escravocrata, inclusive aderindo ativamente ao movimento abolicionista liderado pelo escritor José do Patrocínio. Era também um ferrenho oposicionista do governo republicano de Floriano Peixoto ao lado do



mesmo Patrocínio e de outro grande amigo, Olavo Bilac. Este, certa vez, chegou até a aconselhar o jovem literato em início de carreira:

– Não faça notícias, a notícia embota. Ataque as instituições, desmantele a sociedade, conflagre o país, excite os poderes públicos, revolte o comércio, assanhe as indústrias, enfureça as classes operárias, subleve os escravos, mas não escreva uma linha, uma palavra sobre notas policiais, nem faça reclamos. Mantenha-se artista. Havemos de vencer, mas para isto, é necessário que não façamos concessões. O redator não quer saber se temos ideais ou não: quer espremer (Bilac In Coelho Netto: 10).

E assim, mesmo trabalhando como cronista em um periódico de tendência governista, *O Paiz*, de forma velada, através de metáforas e fábulas, usava da criatividade para criticar o florianismo (Jornal Unicamp, [www.unicamp.br/unicamp/unicamp\\_hoje/ju/julho2002.html](http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/julho2002.html). Acessado em 08/02/2005).

Por exemplo, era um crítico intenso da loteria do Jardim Zoológico que, posteriormente, iria gerar o “jogo do bicho” no Rio de Janeiro (Coelho Neto, 2002: 173-174)<sup>48</sup>, posteriormente, chegando até a acusar o diretor do parque de cometer falcaturas usando da “loteria dos bichos” (Coelho Neto, 2002: 191-192)<sup>49</sup>. Questionava também, constantemente, a visão médico-científica que estava acabando com o ofício dos curandeiros (Coelho Neto, 2002: 164-165)<sup>50</sup>, ou a aceitação de várias crendices pela “ciência” moderna (Coelho Neto, 2002: 307-308)<sup>51</sup>. E até questionava as desigualdades sociais que geravam os cortiços e o vício que imperava dentro deste tipo de morada (Coelho Neto, 2002: 185-186)<sup>52</sup>.

Entretanto, no decorrer da sua vida, Coelho tendeu a se integrar com o sistema sócio-político-cultural vigente. Mesmo sendo o literato de maior reconhecimento na sua época – “Coelho Netto sobressai como a grande presença literária entre o crepúsculo do Naturalismo e a Semana de 22” (Bosi, 1994: 199) – exerceu vários cargos públicos de primeiro escalão; foi

---

<sup>48</sup> Originalmente: S/t. *O Paiz*. 28/12/1892.

<sup>49</sup> Originalmente: S/t. *O Paiz*. 10/02/1893.

<sup>50</sup> Originalmente: S/t. *O Paiz*. 14/12/1892.

<sup>51</sup> Originalmente: S/t. *O Paiz*. 22/01/1893.

<sup>52</sup> Originalmente: S/t. *O Paiz*. 17/10/1893.

eleito Deputado Federal em três ocasiões, representando o estado onde nasceu, o Maranhão; além de vários outros cargos ligados à educação e cultura (Academia Brasileira de Letras, [www.academia.org.br](http://www.academia.org.br). Acessado em 08/02/2005). Prova de que, passo a passo, acabou abandonando sua condição de oposicionista e tornando-se um conservador. Evidentemente que os rumos da sua vida iriam acabar se refletindo na sua produção intelectual (Candido, 1992).

Ao contrário da maioria dos outros escritores analisados, Coelho Netto não sofreu grandes privações na infância. Filho de um português e uma descendente de índios, aos seis anos saiu do Maranhão, migrando para a grande metrópole brasileira, o Rio de Janeiro. Em se tratando de estudos, teve todo o amparo da família. Sua formação inicial foi no tradicional Colégio Dom Pedro II. Coursou Medicina, mas acabou desistindo. Depois resolveu realizar o curso de Direito, primeiro no próprio Rio de Janeiro e depois em Recife (Academia Brasileira de Letras, [www.academia.org.br](http://www.academia.org.br). Acessado em 08/02/2005).

Na infância e adolescência praticou vários esportes, adotando um estilo de vida de *sportman* – típico das elites cariocas na tentativa de aproximação do modelo cultural europeu (Pedrosa, 1968: 145). Como já afirmado, este termo *sportman*, naquele período, não significava apenas ser um praticante de atividades físicas; representava um estilo de vida pautado em um ideal de cavalheirismo; uma ética competitiva, porém respeitosa em relação ao competidor adversário (fosse no esporte ou mesmo em atividades ligadas ao cotidiano – como a busca de um emprego, por exemplo); mas, principalmente, uma vida de ativismo e ação, justificada sempre pela saúde higiênica (Sevcenko, 1998: 568-569).

Casou-se aos vinte e seis anos e constituiu uma numerosa família: sua prole continha quatorze filhos. Ainda nos primeiros anos de casamento foi residir em São Paulo e Campinas (por motivos financeiros foi lecionar em um colégio secundarista da cidade, morando com a

família em uma pequena pensão) para somente depois retornar ao Rio de Janeiro, aonde iria se estabelecer definitivamente (Academia Brasileira de Letras, [www.academia.org.br](http://www.academia.org.br). Acessado em 08/02/2005). Coincidentemente, Coelho Netto foi morar exatamente em frente ao parque esportivo do Fluminense – o primeiro clube exclusivamente de futebol e também o mais ligado à elite carioca (Coelho Netto (Paulo), 2002: 29).

Tornou-se sócio do Fluminense em setembro de 1912, por indicação de Honório Netto Machado, um dos primeiros cronistas a escrever sobre esportes. Seus filhos, especialmente os meninos, seguindo o modelo de vida esportiva do pai, foram criados dentro das dependências do Fluminense, mantendo contato direto com os jogadores e, quando na ausência destes, brincando livremente pelo gramado do pequeno estádio.

Assim, se Coelho Netto já nutria certa simpatia pelos esportes durante a sua juventude, após a adesão dos seus filhos passou a ser um defensor ferino de tais práticas competitivas. Esta condição iria torná-lo bastante polêmico: quase um consenso entre o público leitor, mas bastante criticado pelos literatos que pouca identificação tinham com o contexto sócio-cultural predominante. Remete-se, então, a Coelho Netto parcela significativa da responsabilidade pela querela em relação aos esportes, pois sua defesa exacerbada causava muita exaltação de ânimos no meio literário. Com mais ênfase ainda em se tratando do futebol, a modalidade que, já naquela época, era a de maior notoriedade no Brasil (Mattos, 1997; Franzini, 2003; Santos Neto, 2002; Caldas, 1991; Herschmann & Lerner, 1993) e que era também a preferida de Coelho Netto e de seus filhos homens.

### **3.3 O Esporte na Crônica do Início do Século XX: múltiplos significados e ideais**

## I

O futebol passou a ser um dos maiores pontos de ataque de Lima Barreto, pois, mesmo entre aqueles que adotavam o modelo de civilidade européia, como os médicos higienistas, existia uma polêmica dissensão acerca das valências do referido esporte. Alguns acreditavam que a atividade esportiva só trazia benefícios a qualquer praticante; outros, fortemente influenciados pela difundida idéia eugenista de que existiam diferenças qualitativas entre as raças, afirmavam que apenas os indivíduos brancos, os mais preparados, poderiam praticá-la, defendendo, ao mesmo tempo, o ideal amadorístico das elites; e ainda, aqueles que pregavam que a prática esportiva, indiferentemente ao praticante, tinha muito mais malefícios do que benefícios. Era nesta corrente que Lima Barreto se apoiava.

[...] o doutor Nicolau Ciancio, cuja competência ninguém põe em dúvida, que transcreve ou melhor: resume estudos do sábio alemão Herxheimer [sic], no Correio da Manhã, de 24 do mês passado, em que assevera que os esportes violentos causam lesões no coração. Diz ele textualmente, falando da doença que causam tais desportos (vá lá), doença de Stokes-Adams, como se denomina em medicina tal afecção [...]” (Barreto, 2004B: 520)<sup>53</sup>.

Barreto concordava com a medicina de índole higienista, todavia tentava justificar que o futebol não respeitava seus valores morais e filosóficos. Assim, de forma enfática argumentava: “Diabo! Uma alimentação sadia, uma habitação higiênica, um bom clima agem tão eficazmente sobre o nosso organismo como umas marradas ou uns pontapés dominicais, debaixo de um sol ardente – não acham? E o dinheiro, dado para isto é mais empregado naquilo – penso eu” (Barreto, 2004B: 551)<sup>54</sup>.

O interessante é que Barreto abandonou certas convicções, convenientemente quando elas entraram em choque com o seu parecer a respeito do futebol. O apoio na medicina e as suas teses científicas foram um destes casos, pois Barreto era um crítico também do modelo

---

<sup>53</sup> Originalmente: Ainda e Sempre. *Careta*. 01/10/1921.

<sup>54</sup> Originalmente: O nosso esporte. *Careta*. 26/08/1922.

de ciência, acreditando que este modelo acentuava a distância entre as elites e a população pobre. Para ele “[...] era o cunho marcadamente discriminatório da ciência da passagem do século, sugestionada e impulsionadora da expansão colonialista das metrópoles européias. Era confessadamente uma reação defensiva de colonizado diante da avalanche colonizadora” (Sevcenko, 1999: 174).

O mesmo se sucedeu em relação ao próprio futebol: as crônicas pouco se referiam à popularização e a adesão de outros segmentos populacionais, as críticas mais pesadas eram sempre dirigidas às elites e aos favorecimentos políticos. Como analisa Sevcenko (1999) era neste diálogo tenso entre autor e leitor que residia a forte penetração e o impacto das crônicas de Barreto. Ressalva-se: tudo muito bem articulado pelo autor.

Outra estratégia bastante usada por Barreto nas suas crônicas era a do uso de menções e, em algumas circunstâncias, até de citações – técnica pouco usual nas crônicas, quase sempre marcadas pela naturalidade e fluidez. O hábito erudito de Barreto de ler vários periódicos e livros tanto locais como estrangeiros (levando-se em conta as dificuldades da época e a sua condição financeira, até que o literato tinha uma biblioteca pessoal considerável<sup>55</sup>) fornecia os subsídios necessários para que críticas ao futebol regularmente pudessem ser escritas, com novos e contundentes argumentos.

Normalmente usava de dois artifícios. O primeiro era o de se apoiar nas teorias acadêmicas – como as já citadas teses médicas – e/ou filosóficas, buscando depoimentos de intelectuais de destaque para mostrar os malefícios do futebol.

No caso das teses, estas eram usadas sempre que o conhecimento técnico de Barreto sobre o assunto era questionado. “Quando eu disse isto, não o disse por minha conta; mas

---

<sup>55</sup> Estima-se que Barreto tinha aproximadamente 800 livros no seu acervo pessoal. A listagem completa pode se vista na já citada biografia escrita por Francisco de Assis Barbosa.

porque o tinha ouvido de pessoas competentes, entre as quais o meu inolvidável amigo doutor Mário Valverde” (Barreto, 2004B: 520)<sup>56</sup>.

Em se tratando de leituras filosóficas e sociais sobre os malefícios do esporte, Barreto usou de vários teóricos como referência. Por exemplo, Jules Huret, o renomado jornalista francês e referência do *Naturalismo*, que também criticava a disputa de um esporte violento, o futebol americano, entre as universidades americanas de Yale e Harvard<sup>57</sup>; e, principalmente, Herbert Spencer<sup>58</sup>, filósofo e cientista, articulista do *The Economist* e um dos precursores da teoria evolucionista; foram fortes influenciadores das idéias de Barreto e citações constantes em seus textos.

O segundo artifício era o de respaldar sua teoria, buscando nos próprios jornais as notícias negativas sobre o futebol. Uma desavença ou briga, um quiproquó, um caso de polícia, um acidente em campo, um gasto público com o futebol, tudo poderia se tornar argumento retórico na caneta tinteiro do meticuloso Barreto. Um caso do uso deste recurso:

Tenho de conflitos [em relação ao futebol] e também o *Correio da Manhã* que relegou o noticiário sobre tão excepcional esporte para os fatos policiais.  
Publicarei por partes esse arquivo precioso; hoje, entretanto, vou dar algumas amostras do que tenho colhido nos jornais, para encanto e satisfação das gentilíssimas ‘torcedoras’.  
No *Jornal do Comércio*, de 1º de dezembro do ano passado, encontrei este pequena novidade, sob o título – “*Football* desastrado” [...].  
Meses antes, esse mesmo jornal, dava outra notícia que me vejo obrigado a transcrever [...].  
Em Niterói [...] deu-se este sistemático caso [...].  
Em São Paulo, Ribeirão Preto, conforme telegrama estampado no *Rio-Jornal* [...].  
[...] Todas as segundas-feiras, quem tiver paciência, pode procurar muitas outras no noticiário dos jornais (Barreto, 2004B: 195-196)<sup>59</sup>.

---

<sup>56</sup> Originalmente: Ainda e Sempre. *Careta*. 06/05/1922.

<sup>57</sup> Um dos momentos em que Barreto confundiu o futebol de origem inglesa com o futebol americano (derivado do rúgbi).

<sup>58</sup> Barreto faz menção a um livro, segundo ele, pouco conhecido: *Fatos e Comentários*. O ensaio sobre o futebol nesta obra era intitulado “*Retorno à Barbárie*”.

<sup>59</sup> Originariamente: Vantagens do football. *Careta*. 19/06/1920.

## II

Se pensado o volume de crônicas publicadas por João do Rio (comparadas somente à produção de Machado de Assis e Lima Barreto), o esporte poderia ser considerado um elemento não tão relevante para o autor como se supõem, pois este não aparecia com uma regularidade que permitisse acreditar que o literato realmente estava envolvido com tal atividade. Assim, se os poucos escritos de Paulo Barreto sobre o esporte foram supervalorizados, isto se dá porque, primeiramente, seu alcance era grande em se tratando do público leitor de jornais<sup>60</sup> e, secundariamente, porque após a sua morte as suas crônicas passaram a ser consideradas pelos leitores como textos com certo tom profético.

Partindo deste princípio, a escolha de Paulo Barreto na presente pesquisa se deu em decorrência da forte coesão com o seu leitor (e, conseqüentemente, aceitação e persuasão) do que propriamente pela quantidade de textos ou pela relevância do conteúdo – que pouco tinha de inovador, reproduzindo um discurso típico dos admiradores do futebol, só que apresentado de forma branda, evitando notoriamente o confronto com os radicais contrários a prática de atividades esportivas (“João do Rio”, s/d: 14).

Por sinal, Paulo Barreto aparenta ter uma identificação e conhecimento esportivo maior sobre o remo do que sobre o futebol: “E o Clube de Regadas do Flamengo foi o núcleo de onde irradiou a avassaladora paixão pelos *sports*. O Flamengo era o parapeito sobre o mar. [...] Então, de repente, veio outro *club*, depois outro, mais outro, enfim, uma porção. O Boqueirão, a Misericórdia, Botafogo, Icaraí, estavam cheios de centros de regatas” (“João do Rio” In Ramos, 1990: 18).

---

<sup>60</sup> Paulo Barreto era o articulista mais popular na sua época, entretanto não poderia ser considerado o literato mais conhecido, pois, em se tratando de literatura em geral, os romances de Coelho Netto eram os mais lidos durante o período.

Quando o futebol se tornava pauta primária de alguma crônica sua, o autor basicamente demonstrava certa surpresa com a dimensão que a atividade vinha ganhando: “O campo do Flamengo é enorme. Da arquibancada eu via o outro lado, o das gerais, apinhado de gente, a gritar, a mover-se, a sacudir os chapéus” (“João do Rio” In Coelho (org), 2006: 129). Não ia além disso, no máximo tentava buscar uma articulação com o colunismo social, destacando nomes de vulto da sociedade carioca presentes nos eventos futebolísticos que freqüentava.

Eu procurava conhecidos, estava todo o Rio e reconheci apenas a Sra. Nair Teixeira, com um delicioso vestido e Gastão Teixeira, que fazia gestos entusiásticos; a Sra. e as Senhorinhas Manoel Bernardes, a Senhorinha Carla Vieira Souto, a Sra. e a Senhorinha Hime, as Senhorinhas Beatriz Tasso Fragosso e Maria Lima Campos e Regina Trindade, a Sra João Felipe e as Senhorinhas Lanssance Cunha, Mariz, e Barros, Ivany Gonçalves, Maria Pinheiro Guimarães, Souza Leão, Pereira da Silva, Aracy Moniz Freire, Souza Alves, Ritinha Candiota, Otto Shilling, Maria Augusta Airosa, Hilda Kopeck, Dora Soares, Sofia Tavares de Lyra, Rocha Fragoso, Mibielli, Bento Borges (“João do Rio” In Coelho (org), 2006: 129).

A estética literária adotada pelo autor torna a análise da sua produção bastante subjetiva. Se para alguns autores (Pereira, 2000; Pereira In Chalhoub & Pereira, 1998) seus textos refletiam uma aceitação positiva do esporte, outros (Sevcenko, 1998; Sevcenko, 1992) acreditam que, por mais que “João do Rio” simpatizasse com os esportes, estava sempre presente nos seus textos sobre o tema um refinado deboche, certa ironia à excessiva valorização que a sociedade carioca da *belle époque* dava às práticas físicas.

As duas possibilidades podem ser consideradas nos subjetivos textos do literato, pois Paulo Barreto, se não era um legítimo *dândi*<sup>61</sup>, simpatizava bastante com o movimento. Como descreve Capuano (2005), o personagem barão André de Belfort, um velho *dândi*, no romance *Dentro da Noite*, era um auto-retrato criado propositalmente pelo autor para demonstrar sua

---

<sup>61</sup> Doutrina ou estilo de vida, originário na Europa, que consistia na supervalorização da estética, principalmente no campo artístico. Na literatura a introspecção cede lugar a superficialidade, isto é, apenas a aparência. O belo serve então de valor moral, ideológico e ético. A estética é a referência para vida. A aparência é transformada em essência. Desta forma, pode-se concluir que um *dândi* estava perfeitamente ambientado na frivolidade típica da *belle époque*.



personalidade ao público leitor. Paulo Barreto não era um apaixonado pelo futebol como outros literatos da sua época. Em se tratando de esporte tinha uma opinião bastante oscilante, volta e meia esnobava o estilo de vida burguês/capitalista das elites republicanas brasileiras, entretanto gostava muito de ir aos campos de futebol, mais interessado no fluxo de pessoas do que propriamente no jogo. E assim, o Barão Belfort, conseqüentemente, também o era.

Estávamos a almoçar cinco ou seis, convidados pelo barão Belfort, esse velho *dandy* sempre impecável, que dizia as coisas mais horrendas com uma perfeita distinção. E fora decerto uma extravagância aquele demorado almoço, a fazer horas para um *match* de *foot-ball*, a que seria impossível deixar de assistir. O barão, de veia, com a sua voz de navalha, recortava na pele dos presentes as caricaturas perversas. Nós já tínhamos rido muito e entrávamos com apetite num vulgaríssimo *salmis*<sup>65</sup> de coelho [...] (“João do Rio”, 2000: 27).

A adesão à cultura dândi por parte de Paulo Barreto se deu muito em virtude da tradução das obras de Oscar Wilde, um dos maiores representantes do movimento estético/filosófico dandista. A obra que celebrou Wilde, *O Retrato de Dorian Gray*<sup>62</sup>, tinha como protagonista um homem aristocrático com uma obsessão pela beleza e juventude, ao mesmo tempo um descontente e questionador da sociedade capitalista/burguesa, portanto, um dândi.

Esta preocupação com a estética e principalmente com a forma textual, à volta a um estilo de vida *retrô* e conservador (mesmo crítico em relação ao modo de vida burguês), a tendência a buscar a singularidade, tentando acentuar as diferenças entre os seres humanos são características típicas do movimento dandista europeu, presentes na obra de Paulo Barreto (Camilotti, 2004: 153-190).

Assim, torna-se um pouco mais compreensível seu posicionamento oscilante a respeito do esporte. Se um dos princípios da cultura dândi era a singularidade – enquanto ser humano *uno*, o indivíduo não deveria seguir padrões pré-determinados, tampouco convenções sociais.

---

<sup>62</sup> Wilde, Oscar. *O Retrato de Dorian Gray*. Porto Alegre: L&PM, 2002.

Era muito comum então que, simpatizante do dandismo, “João do Rio” tendesse a ser polêmico, justificando, desta forma, seu caráter diferenciado. “Eu já estava um pouco fatigado dos *matches* de *football*, dos *lau-tennis* familiares, da ardente pelota basca, de toda essa diversidade de jogos a que se entrega o cidadão civilizado para mostrar que vive e se diverte. A briga de gallos seria um aspecto novo [...]” (“João do Rio”, 1909: 103).

Por isso, quando o esporte mal havia chegado ao país e a população o observava com desconfiança, o escritor demonstrava, através das crônicas, de forma contundente, ser um simpatizante convicto da prática. Por outro lado, em vários dos seus textos o conceito de esporte e ativismo eram propositalmente satirizados. A estratégia era usar o termo *sport* de forma variada, com suas próprias apropriações – “– O que dá forte acaba logo. Antes do circuito o *club* fecha, e então só resta apelar para a navegação aérea. Só há um *sport* que ainda não nos cansou: o falar mal da vida alheia...” (“João do Rio”, 1992: 91).

Outros exemplos, estruturados de acordo com o significado dado ineditamente ao esporte pelo autor: 1) para definir a vida ociosa, a partir do uso de um verbo, o *flanar* – constantemente presente e com um significado próprio nas obras de “João do Rio”:

Essas qualidades nós as conhecemos vagamente. Para compreender a psicologia da rua não basta gozar-lhe as delícias como se goza o calor do sol e o lirismo do luar. É preciso ter espírito vagabundo, cheio de curiosidades malsãs e os nervos com um perpétuo desejo incompreensível, é preciso ser aquele que chamamos *flâneur*<sup>63</sup> e praticar o mais interessante dos esportes – a arte de *flanar*. É fatigante o exercício? Para os iniciados sempre foi grande regalo (“João do Rio”, 2002: 5).

Mas o que seria o “*flâneur*”? Na ótica de especialistas: “[...] *flanar*, para João do Rio, é tão somente ‘ter o vírus da observação ligado ao da vadiagem’. Vagar vadiamente é, sobretudo, perambular inutilmente, com espírito liberto, pois somente assim é possível deixar-se surpreender pelos objetos possíveis de admiração: ‘nada como o inútil para ser artístico’”

---

<sup>63</sup> Sem itálico no original.

(Camilotti, 2004, p. 152). Ou ainda: “Cosmopolita desde o nome que o designa [...], o *flâneur*, [...], ‘não tem entrada nos dicionários’, isto é, nas estruturas fixas da vida social. É um ser das passagens e da mobilidade, cuja atividade hesita entre definir-se como ‘esporte’ ou como ‘arte’, para a qual se requer ‘espírito vagabundo, cheio de curiosidades malsãs e os nervos com um perpétuo desejo incompreensível” (Veneu, 1990, p. 9).

2) Para definir um indivíduo violento. No caso deste texto, jovens da elite carioca que viviam brigando:

Por que estão presos? José, por exemplo, deu com uma correia na mão de um filho do cabo de um delegado; Pedro e Joaquim, ao saírem do café onde estão empregados, discutiram um pouco mais alto; Antônio atirou uma taponna à cara de Jorge. Há na nossa sociedade moços valentes, cujo *sport* preferido é provocar desordens: diariamente, senhores respeitáveis atacam-se a sopapo; jornalistas velho-gênero ameaçam de vez em quando pelas gazetas, falando de chicote e de pau a propósito de problemas sociais ou estéticos, inteiramente opostos a esses aviltantes instrumentos de razão bárbara. Nem os moços valentes, nem os senhores respeitáveis, nem os jornalistas vão sequer à delegacia (“João do Rio”, 2002: 113).

3) Para, sutilmente, criticar a nova elite “endinheirada”, servindo também para contextualizar a dinâmica sociedade carioca das primeiras décadas do século XX:

De resto, o negócio em elaboração não poderia ser senão um pequeno exercício sem método na sua vida a toda brida. A fatalidade naquele momento sobrecarregava-o de dois *sports*: o automóvel e a mulher. Tudo na vida é *sport*. O maior *sportsman* de todos os tempos foi positivamente Deus, Nosso Senhor. Esse cavalheiro, predestinado de fato, venceu todas as *performances* e todos os *handicaps* e, segundo observações inteligentes foi o inventor do *puzzle* na organização do caos. Não é de admirar que a humanidade, à proporção que mais intimamente conhece Deus, mais esportiva se revele. A corrente contemporânea é particularmente esportiva. Os jornais falam de *matches* de velocidades. Os termos ingleses surgem a cada corrida ou a cada pontapé; as pessoas andam na rua como quem vem ou quem vai para um desafio ou pelo menos para uma aposta. Jacques, além da corrente pertencia a um grupo que tinha por chefe Jorge de Araújo. Comprou um relógio para prender ao pulso e foi das velocidades (“João do Rio”, 1992: 90).

E a viração era tão macia, um cheiro de salsugem polvilhava a atmosfera tão levemente, que a vontade era de ficar ali muito tempo, sem fazer nada. Mas a noite já estendia o seu negro brocado picado de estrelas e no plein-air do terraço começavam a chegar os smart-diners. Que curioso aspecto! Havia franceses condecorados, de gestos vulgares, ingleses de smoking e parasita à lapela, americanos de casaca e também de brim branco com sapatos de jogar o foot-ball e o lawn-tennis, os elegantes cariocas com risos artificiais, risos postiços, gestos a contragosto do corpo, todos bonecos vítimas da diversão chantecler, os noceurs habituais, e os michés ricos ou jogadores, cuja primeira refeição deve ser o jantar,

e que apareciam de olheiras, a voz pastosa, pensando no bac chemin de fer; no 9 de cara e nos pedidos do último béguin (“João do Rio”, 2004: 1).

4) Para definir uma forma de tortura psicológica. Neste caso trata-se de um jovem militar proibido de se comunicar com os demais companheiros por ordem do comandante superior:

Era de tal modo grave a atitude do comandante que nenhum de nós se atreveu a interroga-lo. Também a explicação veio minutos depois, terminante e terrível. O tenente João chamou-nos de parte e em voz seca deu a ordem de cima. O Sr. comandante proíbe que se converse ou se responda ao preso. O Sr. comandante considera uma deslealdade à causa e à sua pessoa dizer uma palavra ao Sr. Godard, até segunda ordem. Era o suplício do silêncio! Era o castigo! Alguns acharam fraco – eram os ingênuos. Outros sorriram, imaginando as resultantes daquele *sport*, a perseguição do silêncio ao pobre sujeito. Como tomaria ele a vingança? [...] E foi então a luta mais curiosa e mais atroz, o *sport* mais doloroso e mais inquietante que jamais viramos, entre a palavra e o silêncio. Cada um de nós, com o instinto animal de vencer, não respondia só para obedecer ao comandante, não respondia porque responder seria a vitória do pobre diabo. [...] De modo que no vaso de guerra em plena revolta, havia apenas o diabólico *sport* de um homem contra trezentos, querendo falar, querendo viver, querendo rebentar o sudário de silêncio com que o enterravam moralmente, sem o conseguir. (“João do Rio”, 2000: 21-22).

5) Para caracterizar a “arte” de flertar. Arte esta, estampada de forma artificial e ardilosa, através de uma relação de poder explícita entre um jovem da fina-flor carioca e sua pretendente, uma jovem de família sem posses e ingênuas:

Eu vou, eu passo, eu cumprimento. No dia seguinte torno a passar. Três dias depois, mando-lhe uma recordação. Tudo é tão simples com os pobres! Dentro em pouco a criaturinha sente-se envolvida numa atmosfera de cuidados e de delicadezas. A principio é apenas a vaidade. Um homem tão bem vestido, tão distinto, tão fino, que podia ser amado por lindas mulheres da sua ordem... Depois o orgulho, a sensação de que é melhor do que as outras por ter sido a preferida, – orgulho que se perfuma de gratidão, uma vaga, muito vaga sensibilidade. Em seguida, a alegria da intimidade de um ente que não a ralha, que lhe reflete em admirações como um espelho simpático todas as pequenas belezas da sua beleza. Mas, ainda assim, não é amor, é brincadeira, uma brincadeira agradável, o namoro – o namoro que está para o flerte como a pureza de uma água pura para a falsificação de um vinho mau. Eu persisto, então, continuo, prolongo a grande cena. E de repente a criança sente o ciúme, um doce e ingênuo ciúme que tem zelos até do inanimado, anseia, treme, e ri e chora sem saber porque [sic], toda ela possuída do perpétuo mal da vida. Então, eu sinto no intuito uma alegria infernal. É o meu esporte, o meu exercício, o meu prazer de homem da cidade. As regras são infalíveis como para todos os jogos, e a vitória sorri-me. Tenho satisfeito o meu desejo? (“João do Rio”, 2000: 59).

6) Para definir a atividade de um criminoso. Neste caso dando a entender que o bandido, freqüentador do segmento elitista cidade, sentia prazer ao cometer furtos de objetos de significativo valor:

E aquela frase dita tristemente preocupou-me. No fundo, porém, o sujo e ilustre homem tinha razão. O gatuno, ou o *sportsman* da ladroeira não era Antônio, era outro, existia, anunciava a sua presença, estava ali, ao nosso lado. Audácia? Loucura? Estupidez? No dia seguinte deu-se por falta do colar de ouro com pedras finas da atriz Simões, os brincos da mulher do tuberculoso sumiram-se. Foi o terror. Os hóspedes trancavam o quarto e saíam levando os valores no bolso, mesmo para almoçar. A limpeza era feita na presença dos respectivos locatários. Já ninguém se falava direito, já ninguém conversava. Havia entre nós um ladrão. Um ladrão! (“João do Rio”, 2000: 54-55).

O rol de sinônimos da palavra *sport* nos escritos de Paulo Barreto, demonstrava, sobretudo, um dos preceitos básicos do dandismo: gerar polêmica e contradições, pois em outras passagens, algumas até nas mesmas obras, o esporte têm outros significados, só que agora de índole positiva: 7) Como referência de civilidade, através de uma celebrada figura do início do século no Brasil:

E após essa rajada de hipérboles ao Dumont que todos nós conhecemos, *sportman*, elegante, acionista da Mogiana, bem homem da sua época, eu vi no estridor das aclamações Fausto Cardoso, poeta, político, patriota, agitar freneticamente um lenço, válido de emoção... Era a vitória da calçada, era a poesia alma de todos nós, era o sentimento que brota entre os paralelepípedos com a seiva e a vida da pátria (“João do Rio”, 2000: 90).

8) Ou como uma forma de resgate dos valores físicos e estéticos da cultura greco-romana, por sinal, bastante valorizada na produção de Paulo Barreto:

– Rapazes, foi assim que os gregos venceram em Salamina! Depois disso, há dezesseis anos, o Rio compreende definitivamente a necessidade dos exercícios, e o entusiasmo pelo football, pelo tennis, por todos os outros jogos – sem diminuir o da natação e das regatas – é o único entusiasmo latente do carioca. Rendamos homenagem às Regatas do Flamengo.

[...] Só pensando em antigas leituras, só recordando o Colosseum de Roma e o Hippodromo de Bizâncio.

[...] O campo do Flamengo é enorme. Da arquibancada eu via o outro lado, o das gerais, apinhado e gente, a gritar, a mover-se, a sacudir os chapéus. Essa gente subia para a esquerda, pedreira acima, enegrecendo a rocha viva. Embaixo a mesma massa compacta. E a arquibancada, o lugar dos patrícios no circo romano, era uma colossal, formidável corbelha de belezas vivas, de meninas que pareciam querer atirar-se e gritavam o nome dos jogadores, de senhoras pálidas de entusiasmo, entre cavalheiros como tontos de perfume e também de entusiasmo (“João do Rio” In Ramos, 1990: 19-20).

A influência clássica era notória no período. Se o ideal higiênico importado da Europa era praticamente consensual no meio intelectual brasileiro, a “tradição inventada” acerca da ligação entre as modernas práticas físicas (os movimentos ginásticos, a educação física e, sobretudo, os esportes) e as diversas formas de movimento realizadas pelas civilizações helênica e romana também se tornavam um ponto pacífico, sendo usada amplamente como forma de propaganda. Era a difusão de um novo modelo estético-corporal.

Além disso, como precursor do colonismo social e homem integrado às coisas da sua cidade, Paulo Barreto mantinha um interesse muito voltado para o processo de reestruturação do espaço urbano e a circularidade das pessoas nos locais públicos. Nas palavras do próprio Paulo a demonstração que a partida, por si só, tinha uma importância menor do que o aspecto social que estava envolvido nesta prática esportiva.

[...] Os gritos, as exclamações destacavam-se mais na luz do ocaso, e de todos os lados subia o clamor da turba, um clamor de circo romano, um clamor de Hipódromo no tempo em que era basilissa Teodora, a maravilhosa...

[...] O meu velho amigo dizia, quase desmaiado: – Venceu o Flamengo num *score* de quatro a um...

À porta quinhentos automóveis buznavam, bufavam, sirenavam. E as duas portas do campo golfavam para a gente do Guanabara mais de seis mil pessoas arrasadas da emoção paroxismada do football (“João do Rio” In Coelho (org), 2006: 130).

Enfim, para o autor, “Tudo na vida é *sport*. Na vertigem da corrida nem sempre servem as *performances*...” (“João do Rio”, 1992: 94).

### III

Provavelmente o futebol não tinha uma maior significância para Paulo Barreto. Para o literato era somente uma interessante aglomeração de pessoas e um bom tema para manifestar seu pertencimento à cultura dândi. Seu parecer era quase sempre aversivo ao das elites

burguesas (termo usado pelo próprio autor). Assim, o aspecto social manifesto nos textos de Paulo Barreto era uma questão secundária, já que a sua crônica – também os escritos de outros gêneros, só que de maneira mais tênue – era uma expressão da sua controversa individualidade – o dandismo (Camilotti, 2004: 183-190). Como explicitado nesta fonte, onde é enfatizada a banalidade presente nos clubes esportivos, especificamente naqueles de automobilismo e seus freqüentadores que pouco produziam segundo o cronista.

É incontestável que o automóvel dá muito dinheiro a ganhar. Principalmente a quem neles trabalha pouco, ou não trabalha mesmo nada. O automóvel faz ganhar em maior parte aos intermediários das vendas. Esses jovens vinham para as encomendas do governo, repartiam largamente as comissões e a atmosfera foi em certo momento tal que todos acordaram ser uma vergonha não haver ainda um automóvel-club. Se todos auto-mobilizavam, se todos eram loucos pelo *sport*, por que não haver um *club*? E de um momento para outro, o *club* surgiu mesmo na praia, em frente à Beira-Mar, ocupando um velho prédio familiar. Jacques freqüentava-o, sem aliás lhe encontrar encantos. O *club*, montado à pressa, tinha como mobiliário mesas repletas de revistas esportivas que ninguém lia, pelas paredes algumas caricaturas inglesas e francesas tratando de cavalos, de pólo, d'automóveis, de *cricket* e de *lawn tennis* e umas vagas poltronas, de um modernismo que nem ao Mapple pedia auxílio. À porta era toda noite um carbuncular de faróis de autos e a algazarra da penúltima profissão inventada pela civilização: os *chauffeurs* que os *sportsmen* tratavam como antes dos *chauffeurs* só era possível tratar o seu cavalo ou a sua *cocotte*. A diretoria, enquanto não se dissolvia o *club*, falava seriamente nas possibilidades de um circuito (“João do Rio”, 1992: 90).

Muitas vezes até as sátiras e ironias de Paulo Barreto, de tão sutis – ao contrário de Lima Barreto que fazia questão de explicitá-las –, poderiam ser confundidas com os desvelados elogios dos literatos admiradores do esporte, como Bilac, Coelho Netto e Gilberto Amado. Por exemplo,

[...] A sede do *club* estava a dois passos da casa de Júlio Furtado, que protetoramente amparava o delírio muscular da rapaziada. As pessoas graves olhavam “aquilo” a princípio com susto. O povo encheu-se de simpatia. E os rapazes passavam de calção e camisa-de-meia dentro do mar a manhã inteira e a noite inteira.

[...] Pela cidade, jovens, outrora raquíticos e balofos, ostentavam largos peitorais e a cinta fina e a perna nervosa e a musculatura herculana dos braços. Era o delírio do *rowing*, era a paixão dos *sports*. Os dias de regatas tornavam-se acontecimentos urbanos (Barreto In Ramos, 1990: 18-19).

Nota-se, porém, que, provavelmente, não se tratava de um elogio à condição física saudável que o esporte proporcionava a juventude brasileira, mas sim, uma implícita ironia

elogiosa a sexualidade dos atletas. Sabendo-se que Paulo era homossexual e, dentro dos limites sociais da sua própria época<sup>64</sup>, não fazia muita questão de esconder sua sexualidade, percebe-se que, principalmente para aqueles leitores que disto sabiam, a descrição dos atletas passa a ter um outro significado. Quem sabe até, sem sair do plano hipotético, Paulo satirizasse também aqueles literatos que incessantemente louvavam a prática física, questionando a sexualidade destes.

Porém, mesmo sendo simpatizante da cultura dândi, Paulo não ultrapassava os limites da sutileza. Não tinha fortes querelas como outros literatos. Pelo contrário, tinha um relacionamento amistoso com o meio intelectual, inclusive seu reconhecimento como literato se deu após a publicação da obra *Momento Literário*<sup>65</sup>. O livro consistia num misto de biografia e crítica literária (elogiosa) a vários escritores brasileiros de destaque, a partir de entrevistas realizadas pessoalmente ou via correspondência. Entre os autores contemplados na obra se destacavam: Olavo Bilac, João Ribeiro, Sílvio Romero, Coelho Netto, Lima Campos, Mario Pederneiras, Luís Edmundo, Clóvis Beviláqua, Artur Orlando, Silva Ramos, Rodrigo Otávio, Inglês de Souza, Rocha Pombo, Elísio de Carvalho, Raimundo Correia. Além de outros que foram pleiteados por Paulo Barreto, mas declinaram ou não responderam ao convite: Machado de Assis, Graça Aranha, Aluísio Azevedo, Artur Azevedo, Alberto de Oliveira, Emílio de Menezes e José Veríssimo (Paulo Barreto, 1999).

A avessa cultura dândi de *João do Rio* tinha um limite: a ofensa. Como não era de se indispor, conseqüentemente não tinha muitos desafetos de peso no meio literário, ao contrário, ganhou a simpatia da maioria dos autores por abordá-los em seu livro. Logo sua candidatura a uma das cadeiras da *Academia Brasileira de Letras* foi aceita (Veneu, 1990). Mesmo tendo

---

<sup>64</sup> Novamente um ponto em comum entre “João do Rio” e Oscar Wilde, um dos literatos que mais influenciaram o cronista brasileiro, a sexualidade. Paulo Barreto, segundo Trindade (2005), chegou a ser satirizado por Lima Barreto através de um personagem homossexual na obra *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*.

<sup>65</sup> Barreto, Paulo. *O Momento Literário (Conferência)*. Rio de Janeiro: Departamento Nacional do Livro/Fundação Biblioteca Nacional, 1994.



seguido um estilo de forte valor estético, centrado em uma posição de contrariar, o literato tinha bem claro ao produzir seus textos que existia um tênue limite entre aquilo que poderia ser contrariado sem indisposições e o que geraria polêmicas exageradas. Com a exceção de Coelho Netto, mesmo sendo um crítico do estilo de vida das elites, Paulo Barreto, era um dos escritores mais integrados com o seu mundo. Pode ser considerado um exímio conhecedor da mentalidade da sua época, pois conseguia, na maioria das vezes, manifestar-se contrário à opinião geral, sem ultrapassar o limite que o levaria a criar antipatias tanto nos seus pares quanto no seu público leitor.

#### IV

O entendimento que Coelho Netto tinha dos esportes era outro. Como o vínculo com este tipo de prática física se acentuava à medida em que seus filhos iam crescendo e aderindo às modalidades disponíveis no Fluminense, o literato se dedicava com esmero à compreensão dos benefícios do esporte. Buscando justificar estes benefícios, usou dos mesmos recursos argumentados por outros escritores: as teses dos médicos higienistas – a maioria favorável à prática incondicional do esporte, como a de Afrânio Peixoto, também escritor e amigo pessoal do Coelho Netto (Pereira, 2000: 209-211); e as teorias de alguns pensadores modernos, como a do filósofo Spencer – que, posteriormente, custaria caro a Coelho Netto, pois Lima Barreto iria descobrir que era uma citação equivocada.

Já que Coelho Netto era o autor mais lido nesta época, a sua apreciação dos esportes, propositalmente manifestas em crônicas, palestras, conferências, simpósios, sutis menções nos seus romances e contos – um recurso que poderia envolver de forma subliminar o leitor mais distraído – tinha uma substancial repercussão na sociedade da sua época (Pereira, 1998: 197-

202). Um bom exemplo desta sutileza é uma única menção ao esporte na obra *A Conquista*<sup>66</sup>, onde num diálogo um jornalista, ao ser questionado se escreveria artigos de fundo em um jornal, categoricamente responde: “– Qual artigo de fundo! Isso é chapa. O jornal vive muito bem sem artigo de fundo. Tenha ele noticiário variado, uma parte literária, esporte e charadas e vai longe. Hás de ver” (Coelho Netto, 2002: 136).

Poder-se-ia acreditar que Coelho Netto era um escritor que conseguia reproduzir exatamente o gosto de boa parte dos seus leitores, a maioria pertencente à elite brasileira. Sendo assim, o autor galgava popularidade literária reforçando aquilo que o seu leitor gostaria de ler (Orlandi, 2001). Sobre a relação entre o literato, o público leitor e o contexto do início do século XX, Alfredo Bosi pondera:

O prosador maranhense parecia talhado a propósito para polarizar as características de gosto que se soem atribuir ao leitor culto médio da Primeira República. Um leitor que julga amar a realidade, quando não procura senão as suas aparências menos triviais ou menos trivialmente apresentadas; um leitor que se compra na superfície e no virtuosismo: um leitor, em suma, fundamentalmente hedonista<sup>67</sup>. As qualidades mestras de Coelho Neto ajustavam-se-lhe como a mão e a luva: *curiosidade, memória, e sensualidade verbal*, que o escritor confundia com a imaginação [...] (Bosi, 1994: 199-200).

Conseqüentemente, como grande nome da literatura nacional, seus discursos e palestras eram extremamente valorizados. Relata-se que o literato era um ótimo orador (Carpeaux, 1967: 266), com tenaz articulação, usando do contraste do tom de voz e até da representação cênica através da expressividade das suas palavras, conseguia passar aos ouvintes as emoções que achava necessário: da comoção à excitação típica do ativismo reinante no período da *belle époque* carioca. A interpretação do texto através de uma leitura na forma de discurso, atividade típica do período literário brasileiro – definido por Bosi (1994) como o *Pré-Modernismo* – tarefa geralmente realizada pelo próprio autor, era uma

---

<sup>66</sup> Originalmente: Coelho Netto, Henrique. *A Conquista*. Rio de Janeiro: Laemert, 1899. Disponível em [www.virtualbooks.com.br](http://www.virtualbooks.com.br). Acessado em 08/05/2004.

<sup>67</sup> Doutrina filosófica que considera a base da vida a busca da sensação de prazer.

forma de uso da estética muito usufruída por Coelho Netto. Um destes discursos, proferido na inauguração da nova sede do Fluminense, chamou a atenção de Lima Barreto, que não poupou críticas ao colega de ofício.

Em outra ocasião, às vésperas da inauguração do primeiro estádio de grande porte brasileiro, o Estádio das Laranjeiras, que serviria de sede para o Sul Americano de 1919, Coelho Netto, usando do seu reconhecimento nacional e da sua perspicácia na oratória, serviu de apaziguador no embate que envolvia a *Confederação Brasileira de Desportos* (CBD), sediada no Rio de Janeiro e a *Associação Paulista de Esportes Atléticos* (APEA). Ameaçando não deixar que os jogadores que atuavam nos clubes paulistas participassem do selecionado nacional, devido a uma pendenga financeira, a APEA só aceitou ser representada em uma reunião no Rio de Janeiro, pelo próprio Coelho Netto. O autor de *Fogo-fátuo* conseguiu unificar novamente as duas instituições, garantindo assim, a primeira participação do selecionado brasileiro com uma formação completa. Paulo Coelho Netto, filho do escritor, reproduz o discurso proferido pelo pai na última reunião conciliatória:

Em discurso que ficou famoso, Coelho Netto começou com uma advertência sensata: – ‘É necessário que todos pensem com um só cérebro e sintam com um só coração’.

E terminou lançando um apelo patético: – ‘É como brasileiro, no fim da vida, que peço a paz para o esporte’.

E, ao ser firmada a paz, ele fez uma observação oportuna: – ‘Não houve vencidos nem vencedores, mas sim um empate de 0x0’ (Coelho Netto (Paulo), 2002: 69).

### **3.4 Crônica, Engajamento e Futebol**

## I

Lima Barreto regularmente se opunha de forma pública à prática futebolística. Mas suas constantes críticas<sup>68</sup> eram dirigidas a um contexto social mais amplo. “Na sua obra, crê-se que o critério mais abrangente para encaminhar a análise do acervo temático seja o poder, compreendido numa acepção bastante particular” (Sevcenko, 1999: 169). Ou, como justifica Alfredo Bosi, era “o iconoclasta de tabus e detestava algumas formas típicas de modernização que o Rio de Janeiro conheceu nos primeiros decênios do século [...]” (Bosi, 1994: 317). Não gostava, então, de cinema, esportes, urbanização, tampouco do feminismo, às vezes até confrontando o regime republicano, usando do sarcasmo ao compará-lo ao antigo regime monárquico.

Ou seja, o esporte, inicialmente, era apenas um dos alvos para suas críticas, pois os problemas prioritários eram outros: 1) O clientelismo e desmandos dos políticos – “Os homens do governo, os que têm a responsabilidade dos destinos dos povos, devem abster-se de proteger os clubes esportivos, sobretudo os nossos, que são verdadeiros grêmios de dança” (Barreto, 2004B: 343)<sup>69</sup> – questionando, de forma genérica, o apoio financeiro dado aos esportes no contexto mundial. Ou nesta outra passagem onde se referia diretamente à elite republicana brasileira:

O que me admira é que os impostos, de cujo produto se tiram as gordas subvenções com que são aquinhoadas as sociedades futebolescas e seus tesoureiros infieis, não tragam também a tisona, o estigma de origem, pois uma grande parte deles é paga pela gente de cor. Os futeboleiros não deviam aceitar dinheiro que tivesse malsinada origem. Aceitam-no, entretanto, cheios de satisfação. Não foi à toa que Vespasiano disse a seu filho Tito que o dinheiro não tem cheiro (Barreto, 2004B: 434)<sup>70</sup>.

---

<sup>68</sup> Além das crônicas, a crítica ao esporte, com ênfase no futebol, estava presente em várias obras de outros estilos, como contos e romances. Alguns exemplos: *Marginalia*; *Clara dos Anjos*; *Histórias e Sonhos*; *Numa e Ninfa*; *Diário Íntimo*; *O Pecado*; *Histórias e Sonhos*; *A Nova Califórnia e outras histórias*; *O Homem que Sabia Javanês e outros contos*; *Os Bruzundangas*; entre outras.

<sup>69</sup> Originalmente: Bendito football. *Careta*. 01/10/1921.

<sup>70</sup> Originalmente: Bendito football. *Careta*. 01/10/1921.

Outro ponto de desavença em relação ao futebol é que, para o literato, o esporte bretão estava ocupando o espaço de outros segmentos culturais mais importantes em se tratando de apoio e aplicação de recursos financeiros governamentais: “Bem haja o Conselho Municipal que protege o desenvolvimento físico das pernas de alguns marmanjos! Ele se esquece de estimular os poetas, os músicos, os artistas naturais ou filhos adotivos da cidade que representa; mas, em compensação, dá ‘arras’ de sua admiração pelos exímios ‘ponta-pedistas’ de toda a parte do mundo. É mesmo essa a função de uma municipalidade” (Barreto, 2004B: 552)<sup>71</sup>.

Ressalta-se que Lima Barreto nunca teve nenhuma participação política definida, mas foi muito antenado à conjuntura da sua época: os movimentos sindicalistas, anarquistas, socialistas que efervesciam na Europa e já tinham adeptos no Brasil. Como constatou o escritor Moacyr Scliar no seu ensaio *Saturno nos Trópicos*: “Lima Barreto nunca fez política partidária, era independente demais para isso. Escolhia suas próprias causas, às vezes inusitadas, como aquela contra o futebol” (Scliar, 2003: 219).

2) Os jornais, que tanta ênfase davam ao futebol, pois, para Barreto, existia uma grande incoerência na valorização do esporte: “[...] os quotidianos ocupam uma ou duas colunas, em semana, com política, um cantinho com cousas das letras, algum pouco mais com as patacoadas do nosso teatro, quase nada com artes plásticas, tudo o mais de suas edições diárias, isto é, a quase-totalidade da folha, enche-se com assassinatos, anúncios e *football*” (Barreto, 2004B: 551)<sup>72</sup>.

3) Ao hábito de atribuir autoridade a quem ostentava o título de doutor. Como diagnosticou Botelho (2002), Barreto deplorava a instituição universitária, pois a considerava elitista, racista, segregacionista e principalmente centralizadora do conhecimento. Somando

---

<sup>71</sup> Originalmente: O nosso esporte. *Careta*. 26/08/1922.

<sup>72</sup> Originalmente: O nosso esporte. *Careta*. 26/08/1922.

tudo, a seu ver, esta visava somente manter as oligarquias vigentes no país. Em uma das crônicas que tratava do futebol, a modo de exemplo, Barreto manifestou sua indignação em relação ao assunto.

Certa vez, eu disse que os esportes violentos causavam mais mal que os vícios, os mesmos cujos efeitos os tais jogos pretendiam combater. Disseram uns idiotas que escrevem sobre *football*, não ter eu autoridade por não ser médico. Isto é uma tolice do Brasil que passou para o execrando *football*. Em toda a parte do mundo em que se estuda, ninguém indaga dos títulos escolares do sujeito para discutir os seus argumentos; aqui, porém, basta ser um doutor Lucindo qualquer, para ter mais autoridade do que um homem de boa-fé que estudou e meditou sobre o assunto, para discuti-lo (Barreto, 2004B: 520)<sup>73</sup>.

4) Ao aspecto desagregador do esporte – fosse no âmbito local, regional ou internacional. Como os respectivos exemplos:

Coisa parecida [briga durante os jogos] se passou no campo do Bangu; coisa parecida se passou no *ground* do Fluminense; coisa parecida se passou no Inhaúma Football Clube; e por todo este vasto Rio de Janeiro se deram conflitos, alguns sangrentos, por causa do football. Não foi só no Rio de Janeiro que isso aconteceu. Em Niterói, também houve uns barulhos nos *matches* (Barreto, 2004B: 233)<sup>74</sup>.

[...] ele tem conseguido, graças a apostas belicosas e rancorosas, estabelecer não só a rivalidade entre vários bairros da cidade, mas também o dissídio ente as divisões políticas do Brasil. Haja vista o que se tem passado entre São Paulo e Rio de Janeiro e vice-versa, por causa do jogo de pontapés na bola (Barreto, 2004B: 432)<sup>75</sup>.

Uma outra vantagem que adveio para a nossa terra, foi o ressentimento dos uruguaios que aqui vieram disputar um campeonato. Os cisplatinos chegaram a procurar as suas autoridades diplomáticas para queixar-se do mau tratamento que lhes dispensamos. O ministro do Uruguai, talvez haja mês e pouco, externou opiniões bem severas e nem sempre justas, sobre esses campeonatos internacionais de football (Barreto, 2004B: 274)<sup>76</sup>.

Nicolau Sevckenko (1999), na obra *Literatura como Missão*, observa que Lima Barreto era um convicto nacionalista, chegando até a dar algumas demonstrações de ufanismo patriótico. Era uma forma de patriotismo diferente da presente na intelectualidade brasileira

---

<sup>73</sup> Originalmente: Ainda e Sempre. *Careta*. 01/10/1921.

<sup>74</sup> Originariamente: Divertimento?. *Careta*. 04/12/1920.

<sup>75</sup> Originalmente: Bendito football. *Careta*. 01/10/1921.

<sup>76</sup> Originariamente: Uma conferência esportiva. *Careta*. 01/01/1921.

da sua época. Enquanto esta valorizava um momento civilizatório no Brasil, Barreto tentava perspectivar um país igualitário, enaltecendo o valor híbrido da sua macro-sociedade. Assim, mesmo influenciado por algumas correntes filosóficas francesas, o literato começava a formular um ideário nacional, mesmo que de forma difusa.

5) A violência presente nos esportes, pois, segundo Lima Barreto “O football é uma escola de violência e brutalidade e não merece nenhuma proteção dos poderes públicos, a menos que estes nos queiram ensinar o assassinato” (Barreto, 2004B: 526)<sup>77</sup>. Para o severo autor os esportes mais danosos à saúde eram aqueles com forte contato físico. Assim, odiava o futebol e boxe, com mais incidência do que as demais modalidades. Como se verá adiante, na sua constante obsessão de desbancar o futebol, o autor iria com certa frequência esmiuçar os cadernos policiais dos jornais, na busca de notas sobre brigas e acidentes nos campos de futebol.

6) A questão racial presente no futebol, pois o esporte era visivelmente racista, condição que perturbava Barreto, mulato, defensor radical dos direitos dos negros. Como relatado, “Lima não admitia a suposta superioridade racial do europeu e da sua civilização” (Botelho, 2002: 30).

O futebol era para ele um estrangeirismo antinacionalista difusor de preconceitos variados e racismo.

Em determinada circunstância, por exemplo, o motivo principal da crônica era uma viagem que o selecionado brasileiro iria fazer a Argentina. A questão central era se os atletas negros deveriam ou não ser convocados. Especulou-se que o próprio presidente Epitácio Pessoa havia sugerido que atletas negros não fossem, sob o pretexto de que sofreriam ofensas por parte da torcida Argentina. Barreto ficou irado! Demonstrando o sentimento de ódio,

---

<sup>77</sup> Originalmente: Não queria, mas... *Careta*. 01/10/1921.

criticou severamente o Presidente, o Senado, a Câmara, Ministros, Enviados Extraordinários, e principalmente a teoria eugênica, como explicitado neste trecho:

A providência, conquanto perspicazmente eugênica e científica, traz no seu bojo ofensa a uma fração muito importante, quase a metade, da população do Brasil; deve naturalmente causar desgosto, mágoa e revolta; mas – o que se há de fazer? O papel do football, repito, é causar dissensões no seio da nossa vida nacional. É a sua alta função social (Barreto, 2004B: 433).<sup>78</sup>

Proseguiu recorrendo à ironia, sugerindo que o governo deveria retirar o dinheiro destinado aos pobres e necessitados para destiná-lo às equipes de futebol.

Dava-se o seguinte: o *football* ficava mais rico e mais branco; e a gente de cor [...] acaba desaparecendo pela ação da malária, da opilação e outras moléstias de nomes complicados que não sei pronunciar e muito menos escrever.

O governo, procedendo assim, seria lógico consigo mesmo. O lógico é querer conservar essa gente tão indecente e vexatória, dando-lhes médico e botica, para depois humilha-la, como agora, em honra do *football*, que tem dado tanto homens eminentes ao Brasil! Viva! (Barreto, 2004B: 434).

Assim, já que metaforicamente a gente pobre seria extinta através do futebol – esporte branco, elitista, regenerador da raça brasileira – o autor finaliza, tornando-se a voz dos excluídos: “A nossa vingança é que os argentinos não distinguem, em nós, as cores, todos nós, para eles, somos *macaquitos*. A fim de que tal não continue seria hábil arrendar por qualquer preço, alguns ingleses que nos representassem nos encontros internacionais de *football*.” (Barreto, 2004B: 434).

Entretanto, mesmo se considerando um pobre (pois, usou a primeira pessoa do plural ao se referir a este segmento populacional), não era raro Lima Barreto se voltar contra os seus. Irritado, de humor irregular – sofria de alcoolismo e era constantemente internado por distúrbios de comportamento –, não eram raras as críticas às crianças pedintes, aos festejos suburbanos de carnaval, as festas com samba e, é lógico, aos jogos de futebol de várzea. É

---

<sup>78</sup> Originalmente: Bendito football. *Careta*. 01/10/1921.



bem possível que Barreto acreditasse que, devido às desventuras destas pessoas, os seus comportamentos deveriam ser engajados na melhoria das condições sociais do país (Chalhoub In Botelho, 2002: 21).

7) O principal, a forma de vida requintada e banal introduzida pelas elites e difundida nos demais grupos sociais – “Dona Albina [tenta] suicidar-se, porque o seu esposo era um apaixonado pelo *football* [era um carteiro que parava para assistir cada partida de futebol que encontrava no seu trajeto]. Afirma ou não semelhante fato a sedução formidável que tão glorioso exercício físico está exercendo sobre os espíritos de *elite* da nossa sociedade?” (Barreto, 2004B: 275)<sup>79</sup>.

Sabe-se que o leitor, de acordo com o conhecimento adquirido, apresenta níveis diferentes de compreensão, entendimento e reflexão<sup>80</sup>. Lima Barreto era um dos literatos que mais consciência tinha disso e o que mais usava propositalmente deste recurso para estabelecer níveis diferentes de crítica em seus textos (indiferente ao gênero literário). Assim, partindo-se das aparentes críticas ao futebol – que, por sinal, era facilmente ridicularizado pelo cronista – pode-se notar um núcleo profundo e contundente de reflexão sobre um fenômeno mais amplo que ocorria na sociedade brasileira do início do XX: a presença de elementos culturais europeus, como o esporte, supervalorizando o físico e renegando a importância do intelectual e as profundas contradições sociais e raciais da sua época (Pesavento, 1995).

Modos, hábitos, costumes, tecnologias e práticas de origem francesa e britânica eram importados em larga escala (Pesavento, 2002: 157-231). O rompimento com a cultura colonial

---

<sup>79</sup> Originariamente: Uma conferência esportiva. *Careta*. 01/01/1921.

<sup>80</sup> Ginzburg (1987) demonstra como o moleiro Menocchio, a partir de leituras proibidas, formou um ponto de vista polêmico sobre a religião. Em virtude dos questionamentos gerados pelas leituras, sofreu vários processos inquisitoriais, culminando na sua condenação e morte.

portuguesa fez com que o país buscasse um outro modelo para se amparar. Este novo modelo era pautado no pressuposto de que tudo oriundo da Europa era civilizado e moderno.

As principais novidades eram as tecnológicas, causando grandes alterações em termos de relacionamento.

Os artefatos materiais introduzidos no Brasil tais como telefone, automóvel, gramofone, bondinho e outros, derivados da tecnologia moderna, atuaram como agentes modernizadores. Os seus usos conduzem a microprocessos em que detecto mudanças de valores, de comportamentos, de hábitos, caminhando em direção à configuração de uma nova mentalidade – uma mentalidade moderna. Dessa dinâmica cultural resultam, enfim, mudanças nas relações sociais (Machado, 2002: 10).

Praticamente, não existia seleção em se tratando da incorporação de elementos culturais de origem européia. Alguns deles tinham notória disparidade em se tratando das condições climáticas do Brasil, como os trajes grossos, confeccionados para suportar o rigoroso inverno europeu ou o *five o'clock tea*.

O próprio idioma local passara a adotar uma série de palavras de origem inglesa e francesa, usadas de forma isolada na língua portuguesa, prova é que o período tinha o epíteto de *Belle Époque* – analogia à Paris que, por sinal, era a cidade que servia de modelo para o projeto de urbanização realizado no período (Pesavento, 2002). Contra esta incorporação do vocabulário inglês, Barreto comentava em uma de suas crônicas sobre o futebol: “Continuei a ler a descrição do jogo, mas não entendi nada. Parecia-me tudo aquilo escrito em inglês e não estava disposto a ir à estante, tirar o Valdez<sup>81</sup> e voltar aos meus doces tempos dos ‘significados’. Eram só *backs, fowards, kicks, corners*, mas havia um ‘chutada’, que eu achei até engraçado. Está aí uma palavra anglo-lusa” (Barreto, 2004A: 373)<sup>82</sup>. Então, com seu aguçado senso de humor, contra-atacou inventando um novo termo para designar o esporte

---

<sup>81</sup> Dicionário Inglês-Português e Português-Inglês mais conhecido na época.

<sup>82</sup> Originariamente: Vantagens do football. *Careta*. 19/06/1920.

bretão, o “bolapé” (Barreto, 2004B: 29)<sup>83</sup>. Ou ainda, satirizando, a “Liga Metropolitana dos Trancos e Pontapés” (Barreto, 2004B: 273)<sup>84</sup>.

O trabalho braçal ainda tinha certo caráter pejorativo. Prova é que os mais tradicionais clubes, fossem eles sociais, esportivos ou futebolísticos, exigiam que o associado não exercesse este tipo de ofício. As principais Ligas de futebol também criavam regulamentos segregacionistas: o atleta deveria ser amador, saber ler e escrever, residir na cidade, ter residência própria, enfim, artimanha que, através da exclusão social, acabava permitindo que somente os jovens da elite pudessem disputar as partidas oficiais organizadas pelas Ligas (Capraro, 2002; 2006).

Neste cenário, o futebol regulamentado não era meramente um esporte praticado com a finalidade da obtenção de uma vida mais saudável. Era, na verdade, uma das atividades de lazer de maior repercussão nos segmentos elitistas. Ao lado dos bailes, passeios, festas, concertos, teatro, entre outras atividades lúdicas típicas de uma época onde a dimensão do lazer, pelo menos na elite, sobrepujava a dimensão do trabalho, tendo certa conotação de status social. E este é o motivo pelo qual as elites tanto se esforçavam para evitar sua difusão nas camadas mais populares.

Portanto, um arsenal de atividades de lazer fazia parte do rol de elementos civilizatórios de origem européia incorporados pelas elites brasileiras. Fazendo parte de um projeto mais amplo, já que “havia um nítido esforço por parte das elites no sentido de impor uma racionalização, a que correspondiam as transformações sociais, econômicas e políticas ocorridas na Europa no último quartel do século passado [os autores se referem ao século XIX]” (Herschmann & Lerner, 1993: 27).

---

<sup>83</sup> Originariamente: Uma partida de football. *Careta*. 04/10/1919.

<sup>84</sup> Originariamente: Uma conferência esportiva. *Careta*. 01/01/1921.

O recém construído Jardim Botânico do Rio de Janeiro, por exemplo, foi feito nos moldes do parque homônimo da cidade de Paris. Afastado da região central e com uma onerosa cobrança de entrada, os populares eram privados de freqüentar suas instalações (Herschmann & Lerner, 1993: 61-95). O mesmo se sucedia nos *grounds* (estádios), *parties* (festas), nos cinematógrafos, nos cafés e nos teatros.

Barreto discordava veementemente das práticas de lazer cujo surgimento no Brasil se deu a partir da apropriação de modismos europeus ou americanos. Em uma das suas crônicas, sobre os bailes no Rio de Janeiro, Barreto reclamou de forma expansiva de uma série de fatores ligados ao lazer carioca, inclusive o tão criticado *football*. Destaca-se a fluidez com que, no excerto, Barreto vai ligando os assuntos, partindo da nostalgia de um tempo onde os espaços internos das casas eram maiores, passando pela questão da diferença entre os bailes de cada grupo social, o novo livro de Carlos Sussekind, os malefícios do futebol, sua ligação com as danças modernas, a difusão da dança “vulgar” nos diversos segmentos sociais, finalizando com uma reflexão sobre a sexualidade embutida na dança, através de uma ótica antropológica evolutiva – a teoria que predominava na sua época. Vale, então, a transcrição de um longo trecho para que o sentido do todo não seja comprometido.

Hoje, porém, as casas mingam em geral [...]. Meia dúzia de pessoas, numa delas, estão ameaçadas de morrer asfixiadas com as janelas abertas. Como é que elas podem comportar um baile à moda antiga, em que dançavam dúzias de pares? Evidentemente, não. Isto acontece com as famílias remediadas; com as verdadeiramente pobres, a coisa piora. Ou moram em cômodos ou em casitas de avenidas, que são um pouco mais amplas do que a gaiola dos passarinhos.

Por isso entre a gente média os bailes estão quase desaparecendo dos seus hábitos; e, na gente pobre, eles ficaram reduzidos ao mínimo de um concerto de violão ou a um recibo de sócio de um clube dançante na vizinhança, onde as moças vigiadas pelas mães possam pirutear em salão vasto.

O meu amigo Sussekind de Mendonça, no seu interessante livro – O Esporte está deseducando a mocidade brasileira – refere-se à licenciosidade das danças modernas.

[...] Mendonça alude ao que se passa no "set" carioca; mas pelo que me informam, o subúrbio não lhe fica atrás. Nos tempos idos, essa gente verde das nossas elegâncias – verde é sempre uma espécie de argot – sempre mutável e variável de ano para ano, - desdenhava o subúrbio e acusava-o falsamente de dançar maxixe; hoje, não há diferença: todo o Rio de Janeiro, de alto a baixo, incluídos os Democráticos e o Music-Club das Laranjeiras, o dança.

[...] O meu estimado Mendonça atribui o "andaço" essas danças desavergonhadas ao futebol. O Sr. Antônio Leão Veloso achou isso exagerado. Pode haver exagero não ponho em dúvida tal coisa – mas o

tal de futebol pos tanta grosseria no ambiente, tanto desdém pelas coisas de gosto, e reveladoras de cultura, tanta brutalidade de maneiras, de frases e de gestos, que é bem possível não ser ele isento de culpa no recrudescimento geral, no Rio de Janeiro, dessas danças luxuriosas que os hipócritas estadunidenses foram buscar entre os negros e os apaches. Passando para os pés dos civilizados, elas são deturpadas, acentuadas na direção de um apelo claro à atividade sexual, perdem o que significavam primitivamente e se tornam intencionalmente lascivas, provocantes e imorais (Barreto, Acessado em 2005: 14-15)<sup>85</sup>.

Desvenda-se, portanto, a seqüência que Barreto visualizava ao criticar o futebol. O esporte era uma forma de lazer vistosa. O lazer, por sua vez, era um dos elementos mais característicos da assimilação deslavada da identidade européia pelas elites brasileiras e, conseqüentemente, da exclusão social – o núcleo central do fenômeno e, notoriamente, o alvo prioritário de Lima Barreto. Como bem definido, “Vendo nos sócios dos grandes clubes os herdeiros dos antigos senhores de escravos, Lima enxerga no futebol uma das formas de continuação da dominação exercida, durante décadas, pelo regime escravista” (Pereira In Chalhoub e Pereira, 1998: 216).

Assim justifica-se a análise que afirma que...

[...] é possível discernir um fio condutor, um nexos talvez a costurar as mais diversas críticas de Lima Barreto à sociedade de seu tempo. Testemunha da queda da monarquia e das primeiras décadas de república, o escritor convenceu-se de que a troca de regime não acarretara qualquer mudança nas estruturas de reprodução de desigualdades e exclusão social no país – não transformara a ‘lógica da nossa sociedade’, como disse certa vez (Chalhoub In Botelho, 2002: 21-22).

## II

Barreto, então, era uma testemunha crítica do projeto civilizatório. Observava com atenção suas conseqüências – o desnivelamento social, a pobreza e a angústia da massa trabalhadora e a exclusão social – e, na medida do possível, manifestava-se contra através dos seus textos, por sinal, com muita dificuldade, já que, com raras exceções, a crônica literária tinha aderido ao estilo de vida *civilizado* das elites.

---

<sup>85</sup> Originalmente: Bailes e Divertimentos Suburbanos. *Gazeta de Notícias*. 07/02/1922.

Barreto era um homem extremamente ligado à vida urbana. Sempre em estado de alerta aos acontecimentos da cidade, tornava-se o contraponto aos modismos da época. “Quem abre qualquer um dos nossos jornais, principalmente nestes dias de centenário festejados faustosamente em meio da maior miséria, há de concluir que este nosso Rio de Janeiro não é o paraíso do jogo do bicho, a retorta monstruosa da politicagem, a terra dos despautérios municipais e de poetas. Concluirá que é um imenso campo de football” Barreto, 2004A: 551)<sup>86</sup>.

Compreendia então, como poucos escritores da sua época, o submundo da cidade após o início do esforço civilizatório (Lucena, 2001). Era um homem que convivia com as elites, mas vinha de uma família humilde, morando sua vida toda no subúrbio do Rio de Janeiro. Assim, enxergava as conseqüências da modernização na população menos privilegiada das grandes cidades. Como escritor, assimilava estas disparidades, somando-a ao ressentimento originário da sua infância pobre e do forte preconceito racial reinante, deglutindo tudo, para somente depois manifestar sua indignação, quase sempre na forma de ácidas críticas, através de sua arte engajada. Segundo Nicolau Sevckenko, “É praticamente todo o Rio de Janeiro do seu tempo que nos aparece agitado e tenso, condensado mais nos seus vícios do que nas suas virtudes” (Sevckenko, 1999: 162).

Era notável nas suas crônicas um parecer de que o futebol estava alterando o fluxo de desenvolvimento da metrópole e seus cidadãos. “Aqui, no Rio, não há domingo em que esse extraordinário jogo tão zoológicamente executado com os pés não mereça a consagração de barulhos, rixas e conflitos, em todos os campos da cidade. O último conflito que houve foi entre o Mangureira e o Fluminense. Esteve soberbo.” (Barreto, 2004B: 275)<sup>87</sup>. Ou nesta outra,

---

<sup>86</sup> Originalmente: O nosso esporte. *Careta*. 26/08/1922.

<sup>87</sup> Originariamente: Uma conferência esportiva. *Careta*. (01/01/1921).

refletindo que “[...] o Rio de Janeiro é uma cidade civilizada e não pode estar entregue a certa malta de desordeiros que se querem intitular *sportmen*” (Barreto, 2004B: 531).

Paradoxalmente, o perfil do seu público leitor era exatamente o mesmo que servia de tema para suas críticas (Candido & Castello, 2001: 431-432). Desta forma, Barreto tinha uma vantagem: sabia que a mensagem chegaria exatamente ao alvo. Como demonstrado em certa oportunidade quando, ao encerrar uma crônica, Lima se insere no enredo através da criação de um personagem fictício “Houve uma prolongada salva de palmas e um começo de rolo. Alguns *footballers* quiseram agredir um cronista esportivo: mas ficou só em ameaça. Ainda bem” (Barreto, 2004B: 277)<sup>88</sup>.

Apesar de assumidamente nacionalista, não era xenófobo. Informava-se diariamente sobre os ocorridos da Europa e lia muitos livros estrangeiros, inclusive sofrendo certa influência de alguns escritores do “velho mundo” (Barbosa, 2002). Entretanto, tinha um parâmetro de cunho moral bastante rígido e nacionalista, norteado sempre pela questão social. Se um determinado elemento da cultura européia fosse introduzido no Brasil – e olhe que não foram poucos – Barreto estava alerta a dois fatores principais: se tal elemento cultural não poderia ser mais um símbolo de distinção social ou racial; ou se, pragmaticamente, teria algum tipo de utilidade. Desta forma, tornou-se radicalmente contra qualquer tipo de frivolidade e modismo sem um fim específico ou plágios deslavados da cultura européia que não faziam sentido ao serem introduzidos no país.

### III

Mesmo contrário à prática do futebol, Lima Barreto poderia ser considerado um intelectual “envolvido”, na acepção de Norbert Elias (1980). Amparado em uma crítica mais

---

<sup>88</sup> Originariamente: Uma conferência esportiva. *Careta*. (01/01/1921).

ampla do modelo civilizador brasileiro da *belle époque*, não gostava do futebol e lutou contra a prática até seus últimos dias. Se pensada como *gênero de fronteira* a crônica de Lima é, provavelmente, devido ao forte envolvimento do autor, a que mais oscilou entre a realidade histórica e a ficção deslavada.

Muitos literatos e intelectuais brasileiros, por várias décadas, crenes na irrelevância do futebol, simplesmente se calaram. Barreto não. Sabia da forte adesão à modalidade e tentava – através da sátira, do humor, da retórica, da linguagem jornalística objetiva e realista, da proximidade inquisitorial com o seu algoz, enfim, através até da insistência – com todo o seu engajamento característico, combater aquilo que acreditava ser maléfico. Era, sobretudo, um dos literatos mais envolvidos com as questões sociais da sua época. Neste caso, pensava que poderia errar, mas não ser omissos.

Assim, através do futebol, Barreto apresentava também um pouco de sua personalidade. Já às vésperas da sua morte, no início dos anos 20, fragilizado pelo alcoolismo e pelo sofrimento da internação em virtude dos distúrbios mentais, além do precário (e violento) tratamento (Barreto, 1998)<sup>89</sup>, ainda mantinha seu parecer sobre o futebol.

Sabia que naquele momento contava com poucos correligionários na luta contra a modalidade, pois esta havia se tornado definitivamente parte do cotidiano do brasileiro. Sendo assim, sabia que o fenômeno futebol tinha ganhado porte demais para ser reversível, ou seja, nada mais poderia ser feito para que a prática fosse subjugada.

Mas, mesmo neste contexto irreversível, Barreto não esmorecia. Seu temperamento era de uma pessoa convicta de razão, que nunca retrocedia, às vezes, chegando até à teimosia: “Combaterei sempre o tal de football” (Barreto, 2004B: 516)<sup>90</sup> – afirmava Barreto já em 1922, quando o esporte estava em franca ascensão de popularidade. Ou nesta outra, escrita alguns

---

<sup>89</sup> Ver: Barreto, Lima. *Um Longo Sonho do Futuro - diários, cartas entrevistas e confissões dispersas*. Rio de Janeiro: Graphia, 1998.

<sup>90</sup> Originalmente: Como resposta. *Careta*. 16/01/1922.



meses depois: “Já tinha disposto a não falar mais em semelhante coisa de football; entretanto não me é possível deixar de fazê-lo, porquanto isto é uma campanha de honra a que me entreguei e não abandono” (Barreto, 2004B: 526)<sup>91</sup>.

Porém, sua querela não era generalizada a todas as práticas físicas, pois certa vez distinguia: “Não quero que se acabe com semelhante jogo; como não quero que se acabe com a capoeiragem. Lastimo até o desaparecimento do Nagoas e Santa-Ritas. É preciso, porém, dar os nomes aos bois. Essa coisa não é divertimento, não é esporte” (Barreto, 2004B: 233)<sup>92</sup>.

Mas, no caso do futebol, vai além, mostrando uma personalidade que oscilava entre a obstinação e a obsessão. Pois, já na primeira crônica de crítica direta ao futebol, de 1918, afirmava que, “Esta minha mania de seguir cousas de *football* estava a fornecer-me tão estranhas sensações que resolvi abandoná-las. [...] Tinha jurado não ler mais nada que tratasse de tais assuntos, mas [...]” (Barreto, 2004A: 373)<sup>93</sup>. Entretanto, a incidência de crônicas sobre o futebol continuava se acentuando, sempre sob a promessa de que iria se encerrar. Não parando jamais, pois apenas alguns dias antes de morrer Barreto ainda se dedicava ao tema. O literato faleceu no primeiro dia do mês de novembro de 1922, mas no dia 18 do mesmo mês, o periódico *Careta*, publicava uma crônica que ele havia escrito antes da sua última e derradeira internação. O título era *Herói!* E o assunto era o de sempre, o futebol.

Na sua literatura engajada, o autor de *Triste Fim de Policarpo Quaresma* deixou algumas vezes escapar a sua utopia. Provavelmente, contemplava-a como uma sina: “O fim da civilização é a paz, a concórdia, a harmonia entre os homens; é para isso que os grandes corações de sábios, de santos, de artistas têm trabalhado” (Barreto, 2004B: 343)<sup>94</sup>. Como concluiu Maria Cristina Machado na sua tese sociológica sobre Lima:

---

<sup>91</sup> Originalmente: Não queria, mas... *Careta*. 03/06/1922.

<sup>92</sup> Originalmente: Divertimento?. *Careta*. 04/12/1920.

<sup>93</sup> Originalmente: Sobre o football. *Brás Cubas*. 15/08/1918.

<sup>94</sup> Originalmente: Educação Física. *A.B.C.* 09/04/1921.

Através de seus escritos, o autor se revela indignado e inadaptado a suas conseqüências, mostrando-se ainda preso à mentalidade e ao contexto das relações sociais tradicionais que o antecederam. Sem assimilá-los, trata-os ainda como “novidades”. Isso nos remete à idéia de que o parto de modernidade brasileira se estendeu por quase meio século. Lima Barreto assistiu, entre aturdido e indignado, à revelação da modernidade que veio à luz (Machado, 2002: 210).

Barreto, posteriormente, seria usado como uma constante referência pelos intelectuais que se posicionavam contrários à prática do futebol ou algum aspecto ligado à ela. Mas seu posicionamento durante os meados da década 1910 até o início da década de 20, no Rio de Janeiro, era praticamente isolado. Entretanto, parafraseando Ginzburg (2004), não era uma “ilha”.

Em vários locais do Brasil outros pensavam de forma semelhante. Como, por exemplo, Apparício Apporelly – que posteriormente iria se auto-aferir o título de *Barão de Itararé* (devido à batalha que não ocorrera). Ainda jovem, no ano de 1916, residindo no seu estado de origem, o Rio Grande do Sul, o polêmico escritor, que depois faria sucesso trabalhando como cronista em vários jornais do Rio de Janeiro, criou um poema humorístico visando nitidamente satirizar a prática do futebol. Os argumentos eram semelhantes aos de Lima Barreto: a violência nos movimentos, a banalidade dos jogadores, dos espectadores e do próprio jogo, e a conseqüente irracionalidade presente em tal prática física.

O dia estava lindo. Havia gente em penca.  
O juiz apitou e começou a encrenca.

Nossa Senhora! Mas que charivari!  
Tanta correria assim eu nunca vi.

Um jogador, feroz, deu com o pé na bola,  
Que foi bater, bem certa, na cartola.

Dum cidadão que não contava com essa  
De ver amassada a tampa da... cabeça...

E a louca multidão, bruta e malcriada,  
Vaiou a um bom chefe de família honrada.

Outro caiu por terra. Deu-lhe vaia o povo.  
Levantou-se fulo, mas caiu de novo.

Parecia aquilo, em meu pensar profundo,  
Vinte e duas fúrias, perseguindo o mundo.

E, depois da hora e meia de combate, o juiz apitou.  
O jogo estava empate.  
(Apporelly In Pedrosa, 1968: 112).

O importante, sobretudo, era que Barreto não estava completamente só.

#### IV

Graciliano Ramos também discordava do furor que causava a prática esportiva. Vários motivos são explicitados como argumento definitivo, pois o autor não pondera a questão na sua crônica: “[...] o futebol não pega, tenham a certeza” (Ramos, 1962: 93) – afirmava Graciliano Ramos em uma crônica. Assim, o autor simplesmente fazia uma análise crua do esporte de origem inglesa, de forma mais tênue, centrado num ponto de vista nacionalista – ponderadamente contra a civilidade européia – e, principalmente, de um forte partidarismo regionalista. Como reflete o autor:

Não é que me repugne a introdução de coisas exóticas entre nós. Mas gosto de indagar se elas serão assimiláveis ou não.

No caso afirmativo, seja muito bem-vinda a instituição alheia, fecundemo-la, arranemos nela um filho híbrido que possa viver cá em casa. De outro modo, resignemo-nos às broncas tradições dos sertanejos e dos matutos. Ora, parece-me que o futebol não se adapta a estas boas paragens do cangaço. É roupa de empréstimo, que não nos serve (Ramos, 1962: 92).

Então, sob a ótica regional, é nítida na crônica de Graciliano Ramos a definição do local de onde estava falando: uma cidade interiorana do árido nordeste, com suas características culturais próprias, suas dificuldades, seus princípios e suas típicas ligações de poder. Nas palavras do próprio autor, “[...] isto aqui é diferente, é sertão. [...] Estrangeirices não entram tão facilmente na terra do espinho. O futebol, o boxe, o turfe, nada pega” (Ramos,

1962: 92). Como será explorado nas próximas páginas, não se tratava de falta de conhecimento, mas sim, uma estratégia meticulosamente pensada. Portanto, não era um lapso de conhecimento sobre o contexto brasileiro, tampouco uma previsão que não se concretizou jamais, mas sim, a manifestação de um movimento que fervilharia vários anos mais tarde, o *Regionalismo Nordestino*.

E foi através de exemplos – a grande maioria cenas cômicas do cotidiano – que Graciliano vai contrapondo o futebol às condições de vida interiorana. “O futebol não preenche coisa nenhuma, pois já temos a muito conhecida bola de palha de milho, que nossos amadores mambembes jogam com uma perícia que deixaria o mais experimentado *sportman* britânico de queixo caído” (Ramos, 1962: 92).

Aparentemente, se o texto fosse analisado em um nível macroscópico, poder-se-ia, simplesmente, atribuir ao autor falta de conhecimento sobre o assunto futebol e/ou do contexto das grandes cidades brasileiras. Porém, ao se reduzir a “escala de análise” (Ginzburg, 1989), pode-se observar que esta alienação era proposital. Graciliano na sua infância já havia morado em Maceió e na sua juventude, entre os anos de 1914 e 1915, no Rio de Janeiro (Cândido In Ramos, 1996: 9-10), portanto, principalmente na passagem pela Capital Federal, o literato deve ter acompanhado o rápido crescimento do futebol, até porque convivia com o meio jornalístico, trabalhando como revisor do *Correio da Manhã* e *A Tarde* (Bosi, 1994, p. 400), periódicos de grande tiragem que naquela época já divulgavam o fenômeno futebolístico amplamente (Franzini, 2003). Tratava-se, então, de uma ironia – recurso, por sinal, muito utilizado também por Lima Barreto.

A estratégia era com isso criar uma barreira, um dualismo, entre a vida na cidade grande, as cosmopolitas metrópoles brasileiras – que começam a crescer vertiginosamente no século XIX – e a sua forte influência civilizatória européia *versus* a região interiorana do país.

Se por um lado, a base da idéia implementada nas cidades, em detalhes, consistia em...

[...] ‘intervir’ para ‘regenerar’, deixar para trás a ‘cidade indígena’ e erigir uma cidade ‘civilizada’ à européia. Mas não era só isso: almejava-se também a ‘regeneração social’, a superação da antiga estrutura familiar e social patriarcal (considerada ‘promíscua e doente’) em prol da efetivação de uma família nuclear burguesa mais sintonizada com o ritmo industrial inglês e com a moda francesa (Herschmann & Lerner, 1993: 29).

Por outro, Graciliano fazia a crítica, apresentando o forte contraste existente entre o estilo de vida urbano e seu contraponto, no interior:

As cidades regurgitam de gente de outras raças ou que pretende ser de outras raças; nós somos mais ou menos botocudos, com laivos de sangue cabinda e galego.  
Nas cidades os viciados elegantes absorvem o ópio, a cocaína, a morfina; por aqui há pessoas que ainda fumam liamba.  
Nas cidades assiste-se, cochilando, à representação de peças que pouco entendem, mas que todos aplaudem, ao sinal da claque; entre nós há criaturas que nunca viram um gringo.  
Nas cidades há o maxixe, o tango, o foxtrote, o *one-step* e outras danças de nomes atrapalhadas; nós ainda dançamos o samba (Ramos, 1962: 93).

Para Graciliano são duas culturas e espaços distintos. Uma aflorando os modismos europeus e norte-americanos – “[o futebol] É uma lembrança que, certamente, será bem recebida pelo público, que, de ordinário, adora as novidades. Vai ser, por algum tempo, a mania, a maluqueira, a idéia fixa de muita gente” (Ramos, 1962: 90) – e a outra mostrando o lado que, para Graciliano Ramos, era o do verdadeiro Brasil – “Temos esportes, alguns propriamente nossos, batizados patrioticamente com bons nomes em língua de prêto, de cunho regional, mas por desgraça estão abandonados pela débil mocidade de hoje” (Ramos, 1962: 92).

Isto é, de um lado um cosmopolitismo forçado, projeto de uma elite política e intelectual fortemente influenciada pela cultura européia, a mais pura efemeridade (Sevcenko, 1992; 1998) e do outro o que, segundo o autor, havia de mais genuíno no Brasil: o estilo de vida interiorano. Como bem diagnosticado, “a imagem romântica que permeia o texto é a de

que a identidade do sertão é sólida, enquanto a identidade cidadina é fluída, principalmente, por sua característica multirracial” (Soares & Lovisolo, 1997: 13). De forma subjacente é possível delinear também duas questões de fundo: a tentativa de um esboço de identidade nacional e o conflito entre intelectuais e políticos de diversas regiões do país.

Não se pode esquecer de dois pontos importantes, o primeiro de caráter pessoal e o segundo social. Primeiro, nesta cisão entre a cidade e o interior, da própria história de vida do autor. O insucesso de Graciliano na sua empreitada na Capital Federal, pode ter, até de forma inconsciente, gerado certo ressentimento em relação à vida urbana. É apenas uma hipótese, porém plausível, pois “o futebol aparece, portanto, no contexto de Traços à Esmo para servir de instrumento para a sua crítica romântica da cidade. O futebol, assim, poderia ser pensado como mero pretexto para o exercício da crítica de Graciliano à vida da cidade” (Soares & Lovisolo, 1997: 14).

Segundo aspecto: a crítica demonstrava, mesmo que de forma turva, devido à relativa autonomia artística do autor ao produzir a sua obra, a outra face do projeto civilizatório iniciado no começo do século. O sofrido homem e o difícil cotidiano do sertão são, de forma estereotipada, um reflexo da incorporação dos hábitos e costumes europeus por parte das elites brasileiras.

## V

Logo, se as crônicas de Lima Barreto acentuavam, sobretudo, o contraste entre os hábitos frívolos da elite e as condições precárias dos demais segmentos populacionais no contexto urbano do início do século XX; Graciliano nos seus textos opunha o cidadão civilizado da cidade ao *matuto* do interior. Portanto, os textos dos dois literatos – Graciliano e Lima Barreto – completam-se, na medida em que um reivindica uma condição mais

igualitária nos núcleos metropolitanos, enquanto o outro pleiteia melhores condições à população interiorana.

Existiu um contato pessoal entre os dois intelectuais? O mais provável é que não, tratando-se, então, de uma idéia que se encontra em um “lugar comum” (Bresciani, 2002). Graciliano era jovem, completamente desconhecido, pois estava apenas iniciando sua carreira no mundo das letras, enquanto Barreto já era um dos literatos mais conhecidos do Brasil – embora, a relevância das suas obras só se acentuasse anos após a sua morte. A única possibilidade é a de que Graciliano tenha tido contato com os escritos de Barreto na sua passagem pelo Rio de Janeiro, mas as fontes e a bibliografia averiguada não permitiram a aferição desta hipótese.

A crônica de Graciliano também revela uma série de elementos influenciadores, as possíveis leituras presentes em seu texto. Pois, como alerta Pierre Bourdieu a respeito da análise de literatos de renome,

[...] há uma grande probabilidade de que tomemos como evidente tudo o que esse letrado tomava como evidente, a menos que se faça uma crítica epistemológica e sociológica da leitura. Situar a leitura e o texto lido numa história da produção e da transmissão culturais significa ter uma possibilidade de controlar não só a relação do leitor com seu objeto, mas também a relação com o objeto que foi investido nesse objeto (Bourdieu, 2004: 142).

Mesmo de forma satírica e estereotipada, o ideal eugênico e a tese de que o brasileiro era inferior fisicamente aos europeus são manifestados explicitamente. Graciliano acreditava que... “Somos, em geral, franzinos, mirrados, fraquinhos, de uma pobreza de músculos lastimável” (Ramos, 1962: 90-91). Ou ainda reiterando a condição precária do brasileiro interiorano: “Ora, entre nós é extremamente difícil encontrar um homem forte. Somos um povo derreado. Topamos a cada passo seres volumosos, mas raramente se nos depara uma criatura sã, robusta. O que anda em redor de nós é gente que cocova, gente que arfa ao pêso

da barriga cheia de unto. É andar um quilômetro a pé e ficar deitado a alma pela boca” (Ramos, 1962: 92).

Possivelmente, o contato com as obras de outros intelectuais, a ciência das dificuldades devido à seca no nordeste, o descaso das autoridades políticas nacionais e os coronialismos locais, aspectos expressos notoriamente dezessete anos após, na obra *Vidas Secas*<sup>95</sup>, tenuamente, começaram a se tornar uma das preocupações do literato. Como analisado, “[...] no âmago da sua arte há um desejo intenso de testemunhar sobre o homem, e que tanto os personagens criados quanto, em seguida, ele próprio, são projeções desse impulso fundamental, que constitui a unidade profunda dos seus livros” (Candido, 2000: 98).

Graciliano recorria novamente então à ironia:

Ora, nos estado em que nos encontramos, não só não temos energia para atacar ninguém, mas falta-nos até o vigor necessário para recuar. O que é comum é conservar-se um pobre diabo num lamentável estado de inércia, a sofrer tormentos com resignação, coragem, se quiserem, mas coragem negativa, que muitas vezes não é mais que inaptidão para evitar o perigo.

[...] Consolidar o cérebro é bom, embora isto seja um órgão a que, de ordinário, não temos necessidade de recorrer. Consolidar o muque é ótimo.

Convencer um adversário com argumentos de substância não é mau. Poder convencê-lo com um grosso punho cerrado diante do nariz, cabeludo e ameaçador, é magnífico (Ramos, 1962: 91).

Em contrapartida, com muito humor, existe uma defesa de práticas tipicamente brasileiras, mesmo que estas não se enquadrassem perfeitamente no conceito de Educação Física e ginástica (Soares, 1998) ou esportes (Elias e Dunning, 1997), já que eram práticas de finalidade utilitária e não regenerativas e/ou lúdicas. Como questionado pelo autor: “Não seria, porventura, melhor exercitar-se a mocidade em jogos nacionais, sem mescla de estrangeirismo, o murro, o cacête, a faca de ponta, por exemplo?” (Ramos, 1962: 92).

Brincando com situações do cotidiano – “[...] a corrida a pé, tão útil a um cidadão que se dedica ao arriscado ofício de furtar galinhas” (Ramos, 1962: 93) – e até com certa dose de

---

<sup>95</sup> Ramos, Graciliano. *Vidas Secas*. Rio de Janeiro: Record, 1998.



memórias prazerosas do passado, com certo sentido ambíguo – “Reabilitem os esportes regionais [...] A rasteira! Êste, sim, é o esporte nacional por excelência.” (Ramos, 1962: 93) –, a crônica defende a prematura extinção do futebol no Brasil. Como uma efemeridade típica do cotidiano banal das metrópoles brasileiras. Ficando no seu lugar práticas tipicamente brasileiras, enraizadas há séculos: “o porrete, o cachaço, a queda de braço, a corrida a pé [...], a pega bois, o salto, a cavalhada, e, melhor que tudo, o camba-pé, a rasteira” (Ramos, 1962: 93).

## VI

A crônica de Graciliano Ramos acentua muito “níveis de leitura”. Mesmo na atualidade, algumas interpretações consideram-na uma releitura profecia mal sucedida, já que ele afirma que “o futebol é fogo-de-palha” (Ramos, 1962: 90)<sup>96</sup>. Por outro lado, pode-se notar que ela tem uma conotação de crítica social, pois o futebol acaba cedendo espaço demais a fatores periféricos.

Concorda-se, então, que... “talvez, o texto viesse a ser melhor entendido, se o futebol fosse visto meramente como instrumento retórico para Graciliano expor suas críticas românticas à cidade, e suas críticas ao comportamento político das elites brasileiras – do coronel do sertão ao presidente da república” (Soares & Lovisolo, 1997: 7). Realmente, muitos anos depois, Graciliano, já reconhecido no mundo da literatura, exporia a um grupo de amigos que entendia pouquíssimo de futebol (Pedrosa, 1968: 165).

No caso desta crônica, isto era uma questão secundária, pois a arte satírica de Graciliano, de forma despreziosa, lançava os pressupostos do *Regionalismo* – corrente

---

<sup>96</sup> Por exemplo, na crônica de Jerônimo Teixeira, as vésperas da Copa do Mundo de 2002, foi escrito: “E que dizer de Graciliano Ramos, autor de uma equivocada profecia - o futebol não pegará no Brasil, pois o povo não sabe dar chutes, só rasteiras?”. Teixeira, Jerônimo. *Revista Super Interessante Online* ([http://super.abril.com.br/aberta/colunas/index\\_oficina\\_23\\_05\\_02.html](http://super.abril.com.br/aberta/colunas/index_oficina_23_05_02.html)). Acessado em 20/01/2005.

literária surgida mais de uma década depois, cujo próprio Graciliano Ramos, ao lado de José Lins do Rego e Raquel de Queiroz, seriam os principais articuladores.

Mais do que isso, o texto, em se tratando do assunto futebol, abre uma discussão que iria se acentuar muito na próxima década, a partir dos ensaios de cunho sociológico de Gilberto Freyre, também um influenciador do movimento *Regionalista*, com a teoria de que a identidade brasileira deveria buscar na mestiçagem, na agregação racial e nos hábitos e costumes negros, indígenas e do colonizador português a autêntica identidade nacional.

Tal pensamento, o de que era necessária uma identidade que não fosse uma cópia do modelo europeu, e que elementos nacionais deveriam ser valorizados, estava presente nesta crônica sobre o futebol. Isto significa que já em 1921 Graciliano Ramos alertava para a necessidade da busca de uma legítima identidade nacional. Embora este engajamento político e intelectual sobre a formação de uma identidade nacional só fosse entrar efetivamente em pauta a partir dos anos 1940, com o surgimento do Estado Novo. Graciliano Ramos não era profético, mas era, sem dúvidas, um homem interado com a perspectiva do espaço social no qual estava inserido.

Outros literatos também falariam de espaços sociais diferentes, como Monteiro Lobato.

## VII

Quando jovem, Lobato demonstrou ser simpático à prática do futebol. Porém, com o passar dos anos seu parecer iria se alterar.

Em uma crônica escrita em 1921, o autor de *Urupês* inicia enaltecendo o valor de um jogador. Observa-se que se não fosse pelo proposital uso do vocabulário típico do interior de São Paulo – visando o rompimento com as influências européias predominantes no Rio de

Janeiro, através de um movimento regionalista (Sevcenko, 1992: 237-238) – a estética usada no texto poderia facilmente ser confundida com a rebuscada e barroca típica dos parnasianos:

Entre nós ha o exemplo recente de Friedenreich, um pé de boa pontaria pelo qual nossos meninos são capazes de sacrificar a vida.  
E os delírios coletivos provocados pelo combate de dois campeões em campo? Impossível assistir-se a espetáculo mais revelador da alma humana que os jogos de futebol em que disputam a primazia paulistanos e italianos em S. Paulo (Lobato, 1921, s/p).

Mas, usando de um astuto recurso redacional, de forma brusca, porém sem agressividade, Lobato lança uma série de questões que permeava a prática esportiva no Brasil do início do século. A estratégia com certeza tinha a intenção de pegar o leitor desprevenido. Com um sutil apelo crítico-social, a crônica induz o leitor a uma guinada. É provável que o motivo para o uso de tal estratégia literária fosse atrair o leitor que buscava a leitura do *já dito*, conduzindo-o a uma leve reflexão sobre o futebol – talvez a tática, de tão tênue, possa ter passado despercebida pelos leitores menos atentos.

Não é mais esporte, é guerra. Não se batem duas equipes, mas dois povos, duas nações, duas raças inimigas. Durante todo o tempo da luta, de quarenta a cinquenta mil pessoas deliram em transe, extáticas, na ponta dos pés, coração aos pulos e nervos tensos como cordas de viola. Conforme corre o jogo, ha pausas de silencio absoluto na multidão suspensa, ou deflagrações violentíssimas de entusiasmo, que só a palavra delírio classifica. E gente pacífica, bondosa, incapaz de sentimentos exaltados, sai fora de si, torna-se capaz de cometer os mais horrorosos desatinos.  
[...] A luta de vinte e duas feras no campo transforma em feras os cinquenta mil espectadores, possibilitando um enfraquecimento mutuo, num conflito horrendo, caso um incidente qualquer funda em corisco as eletricidades psíquicas acumuladas em cada individuo (Lobato, 1921, s/p).

Lobato demonstra ter um sólido envolvimento emocional com o futebol – aparentando estar pasmo com o poder de agregação que o mesmo tinha. Porém, era também um observador contumaz, atento e perspicaz. Sabia dos exageros, das brigas e das rivalidades emergidas a partir do início da popularização do esporte. E, num tom bem menos provocador do que Lima Barreto, tentava então alertar para o crescente nível de violência no futebol, assim como sobre a aderência das massas, que idolatravam os praticantes mais viris e, o pior,

a possibilidade da violência se generalizar dos gramados para as arquibancadas – como comumente estava ocorrendo no estado de São Paulo.

Para tanto, não precisou desqualificar o futebol. Bastou acentuar um pouco mais suas nuances negativas, como o extremismo e a forte paixão de alguns aficionados. Assim, a reflexão de Lobato é bastante paradoxal, já que, segundo o autor, por um lado o futebol se alastrava desmedidamente, acentuando a paixão popular pela modalidade e, por outro, esta mesma paixão poderia gerar atitudes passionais, demasiadamente agressivas no parecer do literato.

Diante desta dicotomia, Monteiro adota uma postura de prudência, enaltecendo o futebol, mas com ressalvas em relação à seriedade com que alguns o viam – “Era assombroso! Estávamos diante da maior revolução de costumes jamais operada em terras de Santa Cruz. E tudo por arte e obra de uma simples esfera de couro estufada de ar...” (Lobato, 1921, s/p).

O ponto chave para seu parecer favorável foi mesmo a mudança de hábitos que os esportes, especialmente o futebol, trouxeram à sociedade brasileira enfadonha e cansada que o literato via principalmente no homem do campo. Assim, conclui com cuidado a parte da crônica a respeito do futebol: “E isso porque de todos os esportes tentados no Brasil só o futebol conseguiu aclimar-se, como o café. Hoje, alastrado de norte a sul, transformou-se quase em praga, conseguindo, só ele, interessar vivamente, exaltadamente, delirantemente, o nosso povo” (Lobato, 1921, s/p).

Lobato não poderia deixar de mencionar na crônica a prática do futebol no cotidiano do interior, pois esta sempre foi a sua assinatura artística. O “futebol da fazenda” descrito por Lobato guardava uma singeleza, de certo modo uma inocência. Vale a pena observar como o autor consegue em apenas um parágrafo transportar o futebol das cidades para a fazenda.

No Estado de S.Paulo não ha recanto, viloca, fazenda, bairro, onde não sejam vistos num chão plaino e batido os dois retângulos opostos, assinaladores dum ground. Pelas regiões novas, de virgindade só agora atacada pelos invasores, é comum topa-se de súbito, em plena mata, uma clareira aberta, limpa, onde nas horas de folga os derrubadores de pau vêm bater bola.

Já assistimos a um match em certa fazenda. Tudo muito bem arrumado os players uniformizados, de meias grossas e botinas ferradas, tal qual nos clubs das cidades. E falando em corners, goals, hands, halftimes, a inglesia inteira dos termos técnicos (Lobato, 1921, s/p).

Mesmo com esta riqueza de detalhes sobre o futebol, não era esta a temática primária desta crônica de Monteiro Lobato. Fechando às considerações sobre o futebol, novamente um rápido parágrafo de transição. “Antes do futebol, só a capoeiragem conseguiu um cultozinho entre nós e isso mesmo só na ralé. Teve seus períodos áureos, produziu seus Friedenreichs, e afinal acabou perseguida pelo governo, com grande magoa dos tradicionalistas que viam nela uma das nossas poucas coisas de legitima criação nacional” (Lobato, 1921, s/p).

E não é apenas o conteúdo que abruptamente foi alterado: do gênero, tipicamente uma crônica, o autor passa a se aproximar mais de um conto ao narrar as desventuras de um capoeirista que era também marujo, o *22 da Marajó*, apelido que também serviu para intitular o texto de Monteiro Lobato.

## VIII

Algumas conclusões podem ser feitas sobre o texto e sobre a produção em geral de Lobato sobre o futebol. Mais tarde, no desfecho deste capítulo, será demonstrado pormenorizadamente que Lobato tinha vínculos relevantes com outros literatos que abordavam com mais afinco o tema futebol, todavia, por hora, fica-se restrita a análise da sua própria produção.

Primeiro, mesmo com uma produção limitada sobre o referido tema, Lobato se torna relevante por ser um dos poucos, se não o único, intelectual das letras a tomar um posicionamento ponderado e relativizador a respeito do futebol. No fervor que estabeleceu

uma dicotomia entre os defensores e os críticos (praticamente centrado na figura de Lima Barreto), Monteiro era singular. Como naquele primeiro texto, escrito em 1905, onde, já de forma ponderada, tentava demonstrar o desenvolvimento do futebol, criticando o modelo de saúde importado da Europa, para depois, paradoxalmente, apontar o lado positivo desta forte adesão da juventude ao esporte bretão:

Fedelhos de quatro anos já chutavam a bola, com sete já faziam ataques e com oito gazeteavam a escola para treinar no campo vizinho [...]. Esta é uma perspectiva consoladora [...]. Só assim se está, com vinte, preparado para o *steeple-chase* da *struggle-for-life*. É dessa espécie de homens que precisamos. Menos doutores, menos parasitas, menos bajuladores e mais *struggle-for-life*, mais ‘homens’, mais nervos, mais corpúsculos vermelhos, para que um Camilo Castelo Branco<sup>97</sup> não possa repetir que ele tem sangue corrompido nas veias e farinha de mandioca nos ossos. (Lobato In Rossenfeld, 1993: 80).

Ou melhor, como é bem definido na análise de Alfredo Bosi: “Moralista e doutrinador aguerrido, de acentuadas tendências para uma concepção racionalista e pragmática do homem, Lobato assumiu posição ambivalente dentro do Pré-Modernismo” (Bosi, 1994: 216).

Ao se pensar na junção dos três fatores propostos por Candido (2000) – a autonomia artística, a história de vida e o contexto social no qual estava inserido – a pequena produção de Monteiro Lobato a respeito do futebol dá indicativos de que este escritor vivia contrito a respeito do mesmo. Se a sociedade da sua época respaldava a prática do futebol, sua marcante passagem pela vida interiorana servia para questionar a maneira séria como o futebol era tratado na cidade, pois na fazenda era uma prática lúdica – inclusive foi uma das atividades mais praticadas pelo autor na meninice e juventude – na própria cidade de São Paulo. Porém, como nas primeiras obras o escritor se dedicou à crítica do modo de vida passivo do interior (Carpeaux, 1967: 334-335), o futebol passou a ser um símbolo de mudança no espaço rural, já que o camponês deixava de lado, mesmo copiando os ingleses, um estilo de vida fadado ao ócio e a monotonia.

---

<sup>97</sup> Renomado escritor português oitocentista, marcado por uma vida bastante tumultuada, que cometeu suicídio no ano de 1890. A nota não consta no texto original.

Estas várias divergências internas são manifestadas enquanto arte literária com uma aparência única, confusa e oscilante. De difícil compreensão e sem possibilidades de rotular o autor, a “[...] arte lobatiana parece colidir com a relevância da figura humana que vive na história brasileira onde já assumiu um papel simbólico. [...] os limites estéticos derivam de um tipo de personalidade cuja direção básica não era a estética. Compreendê-la em sua natureza específica, sem confundir os planos, é sempre a mais honesta das formas de lembrá-la” (Bosi, 1994: 217).

Lobato também contrapõe nos seus escritos à cidade ao interior, definindo, assim, seus escritos como *regionalista*. Agora, é notório que não se trata de um movimento semelhante ao nordestino iniciado por Graciliano Ramos e José Lins de Rego. Ora, a explicação é simples: enquanto Monteiro Lobato pertencia a uma riquíssima elite interiorana que crescia vertiginosamente devido ao plantio de café (Caldeira et. al., 1998: 240-246), os literatos nordestinos viviam sob a austeridade do clima árido do interior nordestino, lugar de extrema pobreza, muitas dificuldades e pouco apoio governamental (Caldeira et. al., 1998: 240-242). Assim, mesmo se partindo de um elemento em comum, o interior, contraponto-o às metrópoles e seu pensamento *civilizatório*, tratava-se de espaços completamente diferentes: um, os ricos campos paulistas, com uma considerável plantação de café; enquanto o outro a estagnação econômica e a carestia devido à falta de chuva e à terra seca improdutiva.

A crítica de Lobato não era a mesma que a de Graciliano Ramos, pois execrava os hábitos do interior das regiões sul-sudeste, porém, não se preocupava em explicitar as condições geográficas e sua influência na vida do cidadão. Em mais detalhes, no texto de Sevcenko:

“[...] Lobato traçou um perfil melancólico do sertanejo do sul, o ‘caipira’ destacando sua natureza arredia, abúlica e resignada, cuja lúgubre figura marcaria época através da caricatura do Jeca-Tatu”. [...] No afã da mobilização nacionalista, a figura do Jeca-Tatu acabaria adquirindo características simpáticas

e o seu estado de penúria seria atribuído a administrações incompetentes, ignorantes ou incapazes de interagir com a realidade nacional e, acima de tudo, à presença dominante, usurpadora, de estrangeiros no país, mormente em São Paulo (Sevcenko, 1992: 238).

Por último, como nacionalista convicto, mesmo moderadamente vendo mais prós do que contras em relação ao futebol, Lobato não poderia deixar de frisar a existência de uma prática física tipicamente brasileira que também considerava esportiva, a capoeira. Por sinal, foi destacado pelo autor que esta foi muito perseguida pela polícia durante o século XIX e o início do XX. A favor das práticas nacionais, Monteiro Lobato, de forma sutil, sugeriu que o futebol, mesmo sendo um símbolo de modernidade, deveria deixar mais espaço para atividades físicas genuinamente brasileiras, como a capoeira.

## IX

Se Lobato acentuava a prática do futebol paulista, Gilberto Amado iria defender com veemência, na sua mais célebre crônica sobre o esporte, o futebol carioca. O enredo da crônica pode ser dividido em três partes distintas e bem delineadas. A primeira é uma espécie de defensoria intelectual do citado esporte, que havia sido colocado sob julgamento por alguém do meio literário brasileiro. A segunda é uma mostra explícita da forte identificação do autor para com o seu estado de residência, o Rio de Janeiro, contrapondo a prática do futebol neste estado ao praticado pelos paulistas. Na última o autor lança algumas questões dispersas a respeito da futura participação brasileira nos Jogos Olímpicos da Antuérpia, em 1920.

## X

Na primeira parte do texto, o tom da crônica é bastante emotivo. Amado recorre a uma retórica próxima ao estilo parnasiano e, de certa forma, aos argumentos típicos do discurso



político para contra-argumentar um interlocutor anônimo – nada anormal este tipo de resposta aberta, pois na época o escritor já havia se inserido no meio político brasileiro, na condição de Deputado Federal representando seu estado de origem, Sergipe (Senna In Amado, 1974: xiv).

Nesta parte, caracteristicamente dialogada, Gilberto Amado tenta responder então ao literato não identificado que o criticou devido a sua admiração pelo futebol. “Um dos nossos mais ilustres escritores já me fez a honra de estranhar que se gostasse do futebol, reputando êsse jôgo bruto indigno de interessar a um homem de pensamento” (Amado In Pedrosa, 1968: 161).<sup>98</sup>

Gilberto Amado tornou-se um admirador convicto do futebol. Mesmo sem fontes que confirmem sua participação como jogador, é possível acreditar que se tratava de um *sportman*, no sentido que a palavra representava na sua época – uma vida saudável, a incorporação de um ideal de ativismo e engajamento, e uma ética amadorística (leia-se, nas entrelinhas, elitista) pautada no código do *fair-play*, o respeito incondicional ao adversário, aos espectadores, árbitros e demais participantes, e às próprias regras do esporte<sup>99</sup>.

Considerando, inclusive que, se o esporte distinguiu o *sportman* educado e fino nos seus gestos e atitudes de um público tachado de grosseiro e ignorante, também mostrou, para além de qualquer análise imediata, que os espectadores participavam ativamente dos jogos [...] e com sua assistência participavam do processo, resultados predefinidos (como várias vezes se viu nas corridas de cavalos), vaiando ou incentivando os jogadores (no futebol), ou criando seus próprios meios de se fazer presente no ‘tabuleiro do jogo’” (Lucena, 2001: 143).

Neste contexto, como relatou Senna (1974) Gilberto era um torcedor fanático e, como conseqüência, freqüentador assíduo dos campos de futebol cariocas. Sustentando uma tese

---

<sup>98</sup> Este debate será explorado mais com mais detalhes posteriormente, no sub-capítulo que trata das relações de poder entre os literatos.

<sup>99</sup> Sobre as características do esporte moderno ver: Gebara, Ademir. *A Cultura da Modernidade e a História dos Esportes*. In: Moreira, Wagner & Simões, Regina (orgs). *Fenômeno Esportivo no Início de um Novo Milênio*. Piracicaba: Unimep, 2000.

que irá ser detalhada mais adiante: a de que o futebol, mais do que uma prática qualquer, era uma mostra nítida de que o seu adepto tinha caráter (Amado, 1974: 118-122).

A estratégia textual foi a de enaltecer personalidades valorosas, reconhecidas ao longo da história, que apreciavam a prática de atividades físicas. “Desde Sófocles ao presidente Wilson<sup>100</sup>, passando por Petrônio, que amava os espetáculos do circo, não me faltariam exemplos ilustres a autorizar o inocente costume que adquiri de assistir de vez em quando uma partida de futebol” (Amado In Pedrosa, 1968: 161).

Sendo assim, tentava justificar o seu gosto pelo futebol, que tinha sofrido severas críticas por parte de outro intelectual. Conseqüentemente, a crônica acabava também servindo para defender a proeminência do futebol na sociedade brasileira. Além disso, em apenas poucas páginas, de forma direta e informativa, Amado discorreu sobre temas em voga nas primeiras décadas da 1ª República: da identidade nacional baseada na influência civilizatória européia à negligência do povo brasileiro para com as suas próprias coisas.

Era um erudito “estabelecido”<sup>101</sup>, fluindo por temáticas amplas e cheias de controvérsias, na tentativa de convencer o leitor de que sua simpatia pelo esporte era justa. Neste aspecto, o texto tem rara qualidade textual, pois mantém uma coerência argumentativa simples, porém convincente. O leitor, inserido no mesmo contexto do autor, poderia ser envolvido, solidarizando com os argumentos expostos.

Se os críticos do futebol usavam como argumento principal o fato do esporte ser um produto importado da Europa, sem a genuinidade da “coisa da terra”; Gilberto Amado, no seu jogo retórico, contra-argumentava que, devido à desvalorização da cultura brasileira, se fosse originado no território brasileiro, o futebol não seria aceito.

---

<sup>100</sup> Tratava-se do presidente dos EUA na época, Thomas Woodrow Wilson, que exerceu o cargo de 1913 a 1921. Nota não presente no original.

<sup>101</sup> No sentido elisiano da categoria, que estabelece uma dicotomia com a categoria “outsider”. Maiores detalhes ver: Elias, Norbert & Scotson, John. *Os Estabelecidos e Outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

Mas é de elementar observação que, se fôsse nacional, o futebol não teria nenhum prestígio. Quê estupidez andarem homens a correr de lado a lado, atrás de uma bola, empurrando-se uns aos outros. Só mesmo de brasileiros! Era o que nós mesmos diríamos do futebol. Graça nenhuma poderíamos achar nos lances mais difíceis. Qual seria o rapaz de boa família que tivesse a coragem de se pôr em calções, para fazer o que fazem hoje nos nossos campos tantos moços distintos? (Amado In Pedrosa, 1968: 162).

Assim, credenciava aos algozes do futebol certa parcela de culpa pela ampla aceitação do mesmo, pois ao buscar uma identidade praticamente tomada de empréstimo dos europeus, o esporte acabou vindo a reboque. E, segundo o autor, se assim não o fosse, dificilmente haveria um reconhecimento por parte da sociedade brasileira. Nas palavras explicativas do próprio Gilberto Amado, “É da nossa psicologia termos vergonha do que é nosso, ou não termos fôrça de invenção para criar coisas interessantes. Mas o futebol veio de fora e aí está triunfante. E, ao meu ver, é bom que esteja” (Amado In Pedrosa, 1968: 162).

## XI

Mas se a princípio fica nítido que a crônica se tratava de uma defesa do futebol, na parte intermediária do texto, Amado dá uma virada brusca. Após ter tentado convencer o público da importância do esporte na sociedade brasileira, afirmava: “Não é, porém, a defesa do futebol que quero fazer neste artigo. O que desejo é simplesmente chamar a atenção dos responsáveis oficiais ou não para um fato que me parece grave: o descrédito esportivo do Rio” (Amado In Pedrosa, 1968: 162).

Então, a crônica engajada passara a se tornar uma crítica à forma como o futebol era gerenciado na Capital Federal – “Um prefeito moderno, menos jurídico e possuidor de um fraque menos pesado do que o Sr. Sá Freire, tomaria a sério a questão, entender-se-ia antes de cada jôgo, com os chefes dos diversos clubes, criaria uma fiscalização para a Liga

Metropolitana, interessar-se-ia, enfim, pelo renome esportivo da cidade” (Amado In Pedrosa, 1968: 163).

Com um discurso bastante regionalista, já que na época, devido ao vertiginoso crescimento de São Paulo<sup>102</sup>, se estabelecia uma concisa rivalidade entre as duas cidades, inclusive em se tratando de esporte, como demonstrado na seqüência de fontes levantadas pelo jornalista Mauro Betting: “Essa encrenca tem um objetivo que é, hoje e sempre, saber quem são os melhores jogadores: se somos nós (paulistas) ou os cariocas” (O Imparcial, 1913 In Betting, 2003: 20). “Não há um futebol brasileiro apenas, há um football brasileiro e um paulista” (O Paiz, 1919 In Betting, 2003: 20). “Os paulistas são mais paulistas que brasileiros” (O Imparcial, 1920 In Betting, 2003: 20). “A colossal vitória sobre os chilenos atesta a falência moral de São Paulo sportivo, senão o funeral da alma da sua mocidade” (Sport Illustrado, 1920 In Betting, 2003: 21).

Usando desta tensão regional, Amado procurava argumentar que, se o esporte estava em franca ascensão em São Paulo, o Rio de Janeiro, como metrópole brasileira mais tradicional, não poderia ficar para trás. Seu argumento tinha um posicionamento contundente, centrado no local onde estava residindo.

Realmente, afigura-se-me uma vergonha para a população da Capital reconhecer-se e proclamar-se tão freqüentemente em situação de absoluta inferioridade a São Paulo. As constantes derrotas que os times paulistas infligem aos cariocas deveriam estimular o ânimo dos nossos “sportmen”, para que eles se convencessem de quem com a sua negligência, a sua desorganização, o seu descaso, perde a cidade do Rio de Janeiro no seu prestígio de metrópole esportiva do Brasil e mesmo nessa glória ornamental de vencer sempre, seja no que fôr. Afinal de contas, derrota é derrota, e, por menos orgulho que tenha o Rio, não lhe deve ser agradável ver-se abatido assim tantas vezes por uma cidade de província, ainda que seja São Paulo (Amado In Pedrosa, 1968: 162-163).

---

<sup>102</sup> Sobre o crescimento vertiginoso de São Paulo durante as primeiras décadas do século XX, ver a obra já citada: Sevcenko, Nicolau. *Orfeu Extático na Metrópole: São Paulo sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

Sem meias palavras, defensor convicto da cidade e do futebol praticado no Rio de Janeiro, o literato tenta isentar os jogadores, responsabilizando os dirigentes pelos constantes fracassos diante do quadro paulista. Como relata o autor, “O que tenho observado nos contínuos embates entre os cariocas e os paulistas é que não nos faltam, no Rio, jogadores de valor”. [...] entretanto, quem assiste aos jogos tem a impressão de que os nossos jogadores são excelentes, que os há no Rio capazes de rivalizar com os de São Paulo” (Amado In Pedrosa, 1968: 163).

Gilberto Amado foi enfático no diagnóstico do problema:

Quanto ao esporte, pelo que observo, o que nêle domina é uma politicagem tremenda. A Liga Metropolitana é, ao que suponho, um dos lugares onde há mais rivalidade no mundo. A escolha dos jogadores não se faz pelo critério das competências, mas pelas simpatias pessoais, pelo interêsse dos clubes, por diversos motivos mais ou menos alheios ao jôgo propriamente. E faz-se a escolha quase sempre na véspera do “match”, de modo que não resta aos jogadores tempo para se prepararem convenientemente (Amado In Pedrosa, 1968: 163).

Reclamando da falta de organização dos dirigentes da Liga e dos clubes cariocas e também estabelecendo um quadro comparativo com a prática paulista, o literato conclui usando da sua convincente retórica na tentativa de mexer com os bríos dos responsáveis pelo futebol carioca e até com os atletas:

De maneira diversa procedem os paulistas. Orgulhosos, enérgicos, ciosos do nome paulista, êles não admitem que se lhes recuse no Brasil superioridade em coisa nenhuma: até no futebol. Por isso, tôda vez que há um encontro marcado, êles selecionam de antemão os times, os sujeitam a um “training” rigoroso, a imprensa local incentiva os jogadores, e êles aqui chegam e vencem com uma facilidade enorme (Amado In Pedrosa, 1968: 163).

Se a primeira parte da crônica era um nítido diálogo com um literato, a segunda também tinha um público a qual se destinava. Tal público, embora maior, era bem definido: todo o segmento carioca envolvido com o futebol. Prova é o fato do autor se declarar torcedor

do selecionado carioca, sem o menor pudor em relação ao que poderia pensar o público paulista – inclusive chegando a chamar São Paulo de “provinciana”.

## XII

Depois de mais uma rápida mudança de assunto, desta vez sem sequer se preocupar em fazer uma transição entre eles, Gilberto passa a comentar sobre a participação brasileira nos Jogos Olímpicos na Bélgica (1920). “Aproxima-se o dia da partida da nossa representação esportiva para Antuérpia, onde se efetuam os grandes jogos olímpicos, acontecimento que interessa o mundo inteiro” (Amado In Pedrosa, 1968: 163).

No início parece se tratar apenas de um escrito informativo: a notícia da organização do evento, a efetiva participação do Rei Alberto, etc. Porém, logo a seguir o autor passa a criticar os dirigentes brasileiros responsáveis pela organização do esporte olímpico, já que não havia encontrado informação alguma nos periódicos locais sobre a preparação brasileira para tais Jogos (Amado In Pedrosa, 1968: 163).

A sua querela era novamente com os dirigentes, pois, contrito, o literato relatou que... “O critério da escolha será naturalmente o do passeio à Europa. Quem nunca foi irá desta vez” (Amado In Pedrosa, 1968: 164). Encerra, então, demonstrando a preocupação de que o Brasil pudesse ser exposto ao ridículo, justamente em um momento de crescimento e de reconhecimento externo. Principalmente no caso do desenvolvimento esportivo, pois o esporte era definido por Gilberto Amado como uma “expressão da cultura, educação e saúde de um povo [...]” (Amado In Pedrosa, 1968: 164).

### XIII

Coelho Netto, ao longo da sua vida, tornou-se mais do que um escritor admirador do futebol. Sob a égide do ativismo que prevalecia no Brasil do começo do século XX, foi um homem engajado no desenvolvimento dos esportes. Sócio benemérito do Fluminense, seus filhos George, Emmanuel, Paulo, João (popularmente chamado de *Preguinho*), foram atletas de inúmeras modalidades: basquete, voleibol, tênis, natação, pólo aquático e, logicamente, o futebol. João, o *Preguinho*, chegou a atuar pela seleção brasileira. Inclusive sendo o primeiro atleta brasileiro a marcar um gol em Copas do Mundo, em 1930 no Uruguai (Unzelte, 2002: 99).

Neste contexto seria praticamente inevitável que o escritor não acabasse participando do desenvolvimento do esporte, ainda mais porque tudo ocorria dentro da sua própria residência, organizado pelos filhos do literato. De acordo com as lembranças de Paulo Coelho Netto, um de seus filhos,

Chico Figueiredo, futuro centroavante do quadro do América, campeão do Centenário; Nilo Murtinho, o grande Nilo do Fluminense, Botafogo e seleções nacionais; Prego, o mais completo atleta brasileiro de todos os tempos; o endiabrado Luiz de Almeida, José Nogueira, Alberto Ramos Filho e o autor desta memória inseparável da História do Fluminense, constituíram o núcleo do Curupaity, fundado na sala de jantar de Coelho Netto, na casa da rua do Roso,\* 79, em frente ao campo do Fluminense (Coelho Netto (Paulo), 2002: 42).

Envolvido com o futebol, Coelho Netto chegou a se tornar um dos dirigentes do Fluminense Football Club, participando ativamente de reuniões e decisões. Por exemplo, foi um dos articulistas da fundação da primeira equipe infantil do Clube, evidentemente defendendo o interesse dos seus filhos que ainda não tinham a idade necessária para jogar nos quadros principais (Coelho Netto (Paulo), 2002: 44-45).

---

\* Atualmente chamada de Rua Coelho Netto. A nota consta no original.

E como “homem das artes”, Coelho foi efetivado como Diretor Artístico, sendo o principal responsável pela implementação de várias atividades culturais e de lazer, sempre voltadas para o ideal higienista. Como é demonstrado no discurso apresentado à diretoria do Fluminense, quando aceitou o convite para ser o diretor responsável pelo setor artístico e cultural da referida instituição esportiva:

– Não devem [...] as agremiações esportivas limitar-se exclusivamente à cultura física, à correção corporal; compondo primores plásticos, modelos de beleza, como os da estatuária: sem alma. O homem não é apenas barro que se afeiçoa segundo os moldes mais perfeitos, é principalmente espírito que se deve corrigir e apurar para que o conteúdo corresponda ao seu invólucro e não sofra, quem admira a forma, a decepção de achar o vazio onde esperava encontrar essência preciosa (Coelho Netto In Coelho Netto (Paulo), 2002: 90).

Foram exposições de arte, saraus e festas dançantes, apresentações de dança, balé e música erudita, declamações, leituras dos grandes poetas franceses e ingleses, concursos de poemas e músicas cujo tema era o próprio Fluminense, além da criação de um grupo de escoteiros, dentre outras atividades.

Era notória a participação da família Coelho nestas atividades: no programa do vespéral inaugural, no dia 28 de maio de 1918, constava: a leitura de um poeta de Guilherme de Almeida pela senhorita Zita Coelho Netto; uma palestra sobre “A Palavra e a Dança” proferida pelo próprio Coelho Netto; além da presença de Goulart de Andrade, membro da *Academia Brasileira de Letras*, também a convite do literato.

Segundo os registros de atas analisados por Paulo Coelho Netto (2002), as tardes culturais organizadas por Coelho Netto ganharam forte adesão dos sócios do Fluminense – a mais *fin-a-flor* da sociedade carioca – durante toda a década de 1920. E a participação da família do escritor era fundamental: a esposa do escritor tocava piano ao fundo, enquanto as filhas, Zita, Dina e Violeta declamavam as poesias ensaiadas durante a semana. Violeta chegou a participar como protagonista na apresentação da ópera *Madame Butterfly*. O literato



gastava também boa parte do seu tempo e prestígio convidando grandes nomes das artes para que participassem dos eventos sem ônus ao Clube.

No caso do escotismo, o próprio Coelho Netto foi além, prefaciando, ao lado do também renomado literato e amigo Olavo Bilac, a primeira obra em português sobre o assunto, escrita pelos diretores do Fluminense Arnaldo Guinle e Mario Pollo que, a partir da tradução de obras em inglês e francês, criaram o *Livro dos Escoteiros*, publicado no ano de 1922 (Coelho Netto (Paulo), 2002: 84-86).

Se não bastasse, Coelho foi também o responsável pela letra do primeiro hino do Clube, em 1915, as vésperas da inauguração da nova sede (Coelho Netto (Paulo), 2002: 37). O hino, cantado sobre a música *It's a long, long way to Tipperary* – melodia muito cantada pelas tropas americanas e inglesas durante a Primeira Grande Guerra – bastante conhecida no Brasil devido à reprodução pelos marinheiros que desembarcavam no porto do Rio de Janeiro, tinha a seguinte estrofe:

Corrige o corpo como o artista  
Vida imprime à estátua augusta  
Faz da argila uma robusta  
Peça de aço onde a alma assista.  
Na arena como na vida  
Do forte é sempre a vitória.  
Do estádio foi que a Grécia acometida  
Irrompeu para a Glória!

O trecho do hino dá uma mostra clara do porquê de Coelho Netto ser definido por alguns estudiosos da literatura como “o parnasiano em prosa”. Estão presentes no breve verso as seguintes características parnasianas: o acentuado esteticismo, o encadeamento dos versos, a relevância da forma, descretivismo e o retorno aos valores greco-romanos. Corroborando a análise de Bosi que conclui: “O horizonte, literário, *stricto sensu*, de Coelho Neto, obstruía-

lhe outras perspectivas que não fossem a da expressividade fragmentada, própria da mente parnasiana” (Bosi, 1994: 200).

O conteúdo do breve trecho também dá mostras de que Coelho Netto, influenciado pelas idéias eugenistas predominantes na Europa, acreditava que os esportes poderiam ser um meio para a regeneração racial, pois, além de acentuar o caráter e a moral e desenvolver o físico, poderia desviar a atenção da juventude em relação aos vícios existentes no país desde o período colonial: os jogos de azar e as apostas, a prostituição e principalmente a vida ociosa (Pereira, 2000: 207-214).

### **3.5 Futebol e Sentimentalismo Manifesto**

#### **I**

Muitas das afinidades ou querelas dos intelectuais em relação ao futebol envolviam aspectos pessoais. Neste sentido, compreendê-los é fundamental para o entendimento das manifestações textuais destes personagens eruditos.

O mais ferrenho crítico foi sem dúvida Lima Barreto. Mas por que ele mantinha um ressentimento tão grande em relação ao futebol e seus praticantes? Aflora em seus textos, especificamente nas crônicas, toda a difícil condição social do negro e do pobre. Barreto se tornou a voz dos oprimidos em um período de extrema dificuldade sócio-econômica. Como descreve Beatriz Rezende, a responsável por coletanear todas as crônicas do literato, “[...] pardo, morador do subúrbio de Todos os Santos, Lima Barreto fez do jornalismo tribuna para campanhas que revelam sua indignação social e política, na intenção de chamar a atenção da opinião pública para o valor do cidadão, de sua liberdade e de sua consciência política na construção da democracia” (Resende, 2004: 72).

Deste modo, as dificuldades na infância – “A trajetória de Lima Barreto se explica ao mesmo tempo pela presença de um padrinho rico que patrocina seus estudos e pela loucura de seu pai ao fim de sua adolescência. O pai e a mãe de Afonso Henriques de Lima Barreto eram ambos filhos naturais de escravos” (Miceli, 1977, p. 37) –, sua condição de funcionário público de carreira (ou seja, um literato frustrado), o fracasso nas primeiras publicações, o alcoolismo, o preconceito por parte da academia, os constantes internamentos em clínicas psiquiátricas, enfim, dor e sofrimento, são marcas da sua vida (Barbosa, 2002). Como registrado no diário do próprio Lima Barreto, em uma de suas passagens pelo hospício.

Voltei para o pátio. Que cousa, meu Deus! Estava ali que nem um peru, no meio de muitos outros, pastoreado por um bom português, que tinha um ar de rude, mas doce e compassivo, de camponês transmontano. Ele já me conhecia da outra vez. Chamava-me você e me deu cigarros. Da outra vez, fui para a casa-forte e ele me fez baldear a varanda, lavar o banheiro, onde me deu um excelente banho de ducha de chicote. Todos nós estávamos nus, as portas abertas, e eu tive muito pudor. Eu me lembrei do banho de vapor de Dostoievski, na Casa dos Mortos. Quando baldeei, chorei; mas lembrei de Cervantes, do próprio Dostoievski, que pior deviam ter sofrido em Argel e na Sibéria.  
Ah! A Literatura ou me mata ou me dá o que eu peço dela (Barreto, 1998: 154).

São palavras deprimentes e chocantes, carregadas de sentimentos, capazes de causar reação de compaixão e de empatia no leitor mais cético e distante. Como concluiu Sérgio Miceli a respeito da obra do literato “A ambigüidade [...] assume seu pleno sentido porque Lima Barreto viveu tal experiência enquanto mulato, estigma a que vai atribuir em larga medida sua exclusão social, sua infelicidade, sua decadência física, as alucinações, o alcoolismo, o celibato forçado” (Miceli, 1977: 42).

Todos estes fortes sentimentos eram manifestos no texto barretiano, tornando-se aquilo que é chamado por Candido (1992), para análise de obras literárias, de *fator interno*. Este é definido na obra de Barreto através de duas características: 1) uma seleção de conteúdos passíveis de forte inserção social ou que, pelo menos, como no caso do futebol, possam ter implícitas, as possibilidades de crítica (Barreto, 1980). Por isso, então, a “[...] invectiva contra

os símbolos de distinção que, aparecendo com a sociedade republicana ou sobrevivendo dentro dela indevidamente, minavam os pretensos propósitos, democráticos do regime, estabelecendo níveis de discriminação que permeavam até mesmo as pequenas relações banais do cotidiano” (Sevcenko, 1999: 179).

2) Como instrumento desta empreitada contra as elites, uma linguagem diferencial: ácida, ferina e satírica, na maioria das vezes tendendo à ironia e ao sarcasmo, mas sempre de rara fruição e erudição e, sobretudo, ecletismo. “Variar e atrair: esse o mandamento a que Lima Barreto submetia toda a sua criação, com o fito evidente de maximizar a sua expressividade, reforçando sua capacidade comunicativa. É esse mesmo impulso, pois, que lhe suscita uma manifesta flexibilidade no trato e combinação de diferentes vertentes estéticas” (Sevcenko, 1999: 164).

As suas crônicas sobre o futebol, em sua maioria, iniciavam com um tom irônico que poderia acabar capturando o leitor mais descuidado e também que não tivesse tido contato anteriormente com suas crônicas. “Não há dúvida alguma que o *football* é uma instituição benemérita, cujo rol de serviços ao país vem sendo imenso e parece não querer ter fim. Com a citação deles, podíamos encher colunas e colunas desta revista, se tanto quiséssemos e para isso nos sobrasse paciência” (Barreto, 2004B: 432)<sup>103</sup>.

Das coisas elegantes que as elegâncias cariocas podem fornecer ao observador imparcial, não há nenhuma tão interessante como uma partida de football.

É um espetáculo de maior delicadeza em que a alta e a baixa sociedade cariocas revelam a sua cultura e educação.

[...] As senhoras que assistem merecem então todo o nosso respeito.

Elas se entusiasmam de tal modo que esquecem toda as conveniências.

São chamadas ‘torcedoras’ e o que é o mais apreciável nelas, é o vocabulário.

Rico no calão, veemente e colorido, o seu fraseado só pede meças ao dos humildes carroceiros do cais do porto.

Poderia dar alguns exemplos, mas tinha que os dar em sânscrito (Barreto, 2004B: 29).

---

<sup>103</sup> Originalmente: Bendito football. *Careta*. 01/10/1921.

As suas principais características estéticas eram a centralização no tempo presente e a proximidade ao cotidiano. Como descrito, “O real assim construído perderia o aspecto frio e insensível que a rotina do cotidiano lhe assinala, provocando a anuência indiferente dos indivíduos, para mostrar-se em toda a crueza da sua nudez repentina” (Sevcenko, 1999: 162).

Metáforas e fábulas eram pouco utilizadas. Dentre suas crônicas publicadas sobre o futebol – aproximadamente duas dezenas – apenas quatro delas tinham um estilo mais ficcional, aproximando-se do gênero conto. Nas quatro a finalidade era provar que o futebol havia, sem merecimento, suplantado em termos de interesse ofícios mais íntegros.

Na primeira<sup>104</sup> delas, Lima narra a história de uma moça que, desde a infância, almejava casar com um poeta devido a sua popularidade, mas acaba mudando de opinião, casando-se com um jogador de futebol, pois este tinha mais visibilidade social e fama.

A segunda<sup>105</sup>, sobre um rapaz de uma família tradicional de imigrantes dinamarqueses que, mesmo formado em Direito, não apresentou aptidão para exercer a profissão. Sendo assim, foi, à custa do pai, para Nova Iorque estudar “eletricidade”, mas só foi ganhar notoriedade mesmo jogando o futebol<sup>106</sup>, esporte que tinha aprendido na sua estadia nos EUA.

Na terceira<sup>107</sup>, ironicamente, Barreto conjuga dois assuntos que eram constantemente criticados: o futebol e a titulação (o título de “doutor”<sup>108</sup>). Trata-se de um diálogo, escrito no impessoal – o autor se isentava, propositalmente, do assunto. Era sobre um tal de “doutor Panatércski”<sup>109</sup>, que um dos interlocutores tentava descobrir a qual área de saber pertencia.

---

<sup>104</sup> Originalmente: O Ideal. *Careta*. 02/10/1915.

<sup>105</sup> Originalmente: O Haroldo. *Careta*. 04/12/1920.

<sup>106</sup> Em várias circunstâncias, Barreto confundiu o football praticado na Inglaterra, o mesmo que ele criticava aqui no Brasil, com o football americano, jogo que surgiu a partir de outro esporte inglês, o rúgbi.

<sup>107</sup> Originalmente: Na Avenida. *Careta*. 15/04/1922.

<sup>108</sup> Sobre o rancor de Barreto ao título de doutor ver: Sevcenko, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

<sup>109</sup> Provavelmente, Barreto satirizava o “doutor” atribuindo-lhe um nome derivativo da palavra “panacéia”: “Remédio para todos os males, pretendido pela alquimia.” - Dicionário Luft (1991).

Depois de várias tentativas sem sucesso, lhe é revelado: “– É sabichão no football. Eis aí!” (Barreto, 2004B: 519).

A última<sup>110</sup>, também narra um diálogo entre dois amigos, ambos tentando encaminhar a vida dos seus filhos. O primeiro pai reclamava que seu filho, mesmo formado em Direito, não se ajeitava na vida. Já o segundo, também contrito, afirmava que seu filho só queria saber do tal de football. Depois de um tempo os dois se encontram novamente, o primeiro satisfeito porque seu filho, o bacharel em Direito, havia obtido uma promoção no seu local de trabalho, o cais do porto; e o segundo mais feliz ainda porque seu filho tornara-se jogador do selecionado brasileiro, e ainda por cima tinha recebido “[...] cinquenta contos; e [se transformado em] um herói nacional” (Barreto, 2004B: 577). Alertando, então, de forma explícita, um fenômeno que iniciava na época: a profissionalização do futebol (Proni, 2000).

Nestes casos citados acima, a chave para o entendimento da crítica – algumas até sutis, escapando da característica literária de Barreto – estava presente em um recurso literário: os personagens secundários, que sempre apresentavam um comportamento inquiridor, ao mesmo tempo com reações de perplexidade ou com sensíveis demonstrações de decepção quando os personagens principais expõem os seus diversos vínculos com o futebol.

No primeiro caso a amiga da noiva, que fica intrigada com a novidade do casamento com um jogador de futebol, já que esta inicialmente pleiteava um poeta. No segundo, a decepção do pai que tentou de tudo para que o filho tivesse um ofício e este resolve jogar futebol. No terceiro, no interlocutor secundário do diálogo que não consegue adivinhar de forma alguma qual é a especialidade daquele “doutor”. No último, a maior prova de ressentimento, o silêncio, da parte do pai que tinha um filho bacharel em Direito, lutando para

---

<sup>110</sup> Originalmente: Herói. *Careta*. 18/11/1922.

trabalhar como escriturário no cais, ao saber que o filho do amigo fazia sucesso e ganhava muito dinheiro jogando futebol.

Mas se Barreto tinha evidentes ressentimentos pessoais em relação ao futebol, outros literatos da sua época demonstrariam sentimentos opostos: admiração, simpatia e paixão.

## II

A adoração de Gilberto Amado pelo futebol, por exemplo, prosseguiu por toda sua vida. Tanto é que com certa regularidade o futebol aparecia como tema nos seus escritos, a maioria de forma secundária, como no romance *Os Interesses da Companhia*, publicado originalmente em 1942, onde um dos personagens era um jogador de futebol, cercado por colegas futebolistas que com ele se preocupavam (Pedrosa, 1968: 161). Em outras obras, os atletas de futebol chegam até ao papel de protagonistas, como no excerto de romance adaptado ao gênero conto memorialista, publicado na coletânea *Seleção*, cujo título era *Futebol, Questão de Caráter* (Amado, 1974: 118-122).

Este texto é estruturado a partir de um diálogo entre um jovem elitista e uma figura humilde que, mais tarde, iria se declarar ex-jogador de futebol da seleção brasileira. O ex-atleta tenta explicar ao jovem por quais motivos ele daria um bom meia-esquerda<sup>111</sup>, e, paradoxalmente – a grande trama do enredo –, a explicação se dava tanto com base nos aspectos técnico, tático e físico quanto de uma característica de personalidade: o caráter. Segue um trecho do diálogo pouco convencional estabelecido entre os dois:

- É pena, Geraldo, que você não jogue futebol.
- Por quê? – perguntou Geraldo, surpreso.

---

<sup>111</sup> Uma das onze posições no jogo de futebol. O atleta que atua nesta posição é, geralmente, já que no futebol não existem posições estanques, o responsável pela criação no setor esquerdo do meio de campo, conduzindo a bola rumo à meta adversária e também preparando a jogada para finalização dos atletas que atuam nas posições de ataque.

- Você daria um meia-esquerda... – E ao mesmo tempo que beliscava a ponta da orelha: – daqui!
- Mas por quê?
- Por causa do caráter... Futebol não é questão de perna, de saber correr, de saber driblar, de saber chutar... É questão de caráter. Você tem caráter.
- Mas por que particularmente meia-esquerda?
- Você não abandona posição, todos, centroavante, extrema-direita, extrema-esquerda... A linha média, você sabe é móvel por natureza, deve justamente mudar de posição. Mas o meia-esquerda deve não sair do seu lugar, deve fincar-se entre o centroavante e o extrema-esquerda, custe o que custar! (Amado, 1974: 119-120).

Mas o conto conduz para a principal característica da literatura de Gilberto Amado: o memorialismo. A maioria das suas obras segue este estilo que, por sinal, seria a sua maior marca literária. Amado era então especialista em gerar a arte a partir das próprias vivências de homem douto inserido no contexto mundial. Como relata Homero Senna no prefácio da coletânea *Seletas*, “Ao contrário do que aconteceu com outros dos nossos escritores, cujo afastamento do país fez com que perdessem o interesse pelas coisas brasileiras, a distância aguçou, em Gilberto Amado, o sentimento de compreensão e ternura pela pátria, ‘o grande lar longínquo coberto de sol debaixo dos trópicos’” (Senna In Amado, 1974: xiv).

Nesta perspectiva, o conto também recorre ao memorialismo do autor, aproximando-se do sentido de *fronteira* literária, pois, a partir do diálogo dos dois personagens fictícios, começaram a emergir comentários sobre vários jogadores que realmente se destacaram durante os primórdios do futebol brasileiro.

O nome de Friedereich nenhum eco lhe despertava na alma. O cinema, a política, o automóvel, outras coisas tomaram nos da sua geração o lugar que ocuparam, para os que hoje estão entre os trinta e cinco e os cinquenta, as disputas célebres entre Flamengo e Fluminense, entre Rio e São Paulo, entre os combinados Brasil e Uruguai, Brasil e Argentina. Colossos, como Neco, que avultam na memória de tantos brasileiros, tirando a bola dos pés do beque, negando-a aos pés de uns, cedendo-a a outros e retomando-a, e com ela entrando no gol, não existiam para ele. Não viu os campos sem arquibancadas, virgens de cimento armado. Não fora atingido pela mística do futebol. Maravilhou-se de descobrir tanto sentimento em Bolota<sup>112</sup>, e simpatizou com isso (Amado, 1974: 121).

---

<sup>112</sup> Trata-se do personagem fictício que era um ex-jogador da seleção brasileira de futebol.



Eram as lembranças do tempo da meninice e adolescência do autor. Desta forma, Gilberto Amado, mesmo narrando no impessoal, também se torna parte ativa do texto – materializado nas reminiscências dos dois protagonistas do texto. A relação era simbiótica, pois, entre as lembranças de Amado, os personagens também ganhavam uma vida mais realística. *Bolota*, por exemplo, foi parar no meio da seleção brasileira que havia disputado um dos Sul-Americanos disputados durante a década de 1910, convivendo, na imaginação artística do autor, com os primeiros jogadores de destaque do futebol brasileiro como Marcos de Mendonça, Neco, Vidal, Chico Neto e Friedereich.

E como seus textos eram *espaços de memória*<sup>113</sup>, não pode ser deixado de destacar a principal característica deste estilo literário: a idealização de um passado em detrimento a um presente incerto e, de certa forma, gerador de um sentimento de angústia. “Geraldo”<sup>114</sup> amanhecera para as atividades humanas já em período de decadência do futebol no Rio. Conhecia Marcos Mendonça como industrial, pai de família e homem de sociedade. Não o vira de calção, voando para a bola, à porta do retângulo, compondo com Vital e Chico Neto o trio invencível. De Walfare e de Sidney, nem ouvira falar” (Amado, 1974: 121).

Amado era um nostálgico e, conseqüentemente, sua criação é marcada pela condição psicológica do autor. Coadunam-se, então, seus escritos memorialistas e o seu próprio perfil, pois ninguém que não fosse integrado e estivesse em concordância com as normas sociais de uma época poderia, posteriormente, lembrá-la com um tom de nostalgia. Como político, escritor e diplomata era um “estabelecido” no sistema vigente no Brasil republicano, sendo assim, corroborava com a formação de uma identidade nacional implementada através da incorporação de elementos da cultura européia. Mesmo que fosse nítido que o decorrer da sua

---

<sup>113</sup> Ver: Bresciani, Stella & Naxara, Márcia (org.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Unicamp, 2001.

<sup>114</sup> Era o jovem personagem fictício, protagonista da história.

vida – o período em que teve que residir em vários países – tenha feito com que acentuasse o seu gosto pelas coisas tipicamente brasileiras.

No segundo volume das suas memórias, respondendo, de modo indireto, às pessoas que estranhavam a ‘exaltação amorosa’ com que sempre falava do Brasil, e a julgavam exagerada em homem tão viajado, que vira tanta coisa grande e bonita, observava ele que essas pessoas ‘não avaliam a importância psicológica de ter nascido num país sem fronteira como é o nosso... país em que a gente não tem que esbarrar a cada passo, de todos os lados, com outros países.’ E concluía: ‘O nosso não acaba nunca. Nele se pode caminhar sem chegar ao fim. O filho do Brasil leva, por onde vai, a vastidão da paisagem dentro da alma. Nada nos sufoca’. (Senna In Amado, 1974: xiii).

Assim, prova-se que o escritor mantinha uma coerência no conjunto da sua obra. Defensor convicto da prática do futebol nos seus primórdios quando ainda era jovem (com a exceção daquele depoimento prematuro em 1910, onde excluía o futebol do rol de assuntos pertinentes ao debate intelectual) e, posteriormente, quando já era reconhecido no meio literário, resgatando as vivências que teve nos campos, ainda sem arquibancadas, onde contemplou aqueles jovens da elite carioca exibindo a plástica motriz que tanto admirava. Em 1921, naquela famosa crônica publicada, era afirmado pelo autor: “Não há hoje no Rio assunto mais sério, que tanto diga com o encanto e o brilho da cidade, do que o futebol. Tenho, portanto, justificação para dedicar-lhe esta coluna” (Amado In Pedrosa, 1968: 161).

Porém, se Gilberto Amado admirava o futebol – defendendo-o em algumas oportunidades, sugestionando sobre a forma como era dirigido no Brasil em outras, e principalmente relembrando com afeto do seu passado remoto (ligado à sua própria história de vida) – de longe seu envolvimento poderia ser comparado ao de outros autores da sua época, como Coelho Netto, por exemplo.

### III

A presença do futebol na vida de Coelho Netto acabou resultando no que, provavelmente, tenha sido o seu maior infortúnio: a morte prematura em 1922 do seu filho

Emmanuel, com apenas vinte e quatro anos, devido a um acidente dentro dos gramados. Em uma partida “Mano” sofreu uma falta violenta de um adversário que, segundo a crônica da época, fora “imprudente” (Coelho Netto (Paulo), 2002: 80-81). A partir deste lúgubre fato o literato se integra aos textos na tentativa de manifestar seu ressentimento – que iria permanecer como característica das suas obras até o findar da sua existência, no ano de 1934.

Impregnado de sentimentalismo, o autor iria publicar em 1924 a obra *Mano, Livro da Saudade*<sup>115</sup>, romance memorialista que serviu ao mesmo tempo para homenagear o falecido filho e atenuar a dor/saudade do pai. Sem perder a sua principal característica artística que é a forte preocupação com a estética e com a forma, o autor demonstra estar contrito, questionando os rumos irregulares e (para ele) incompreensíveis de um destino traiçoeiro e injusto.

Que haveria? Por que tão atento o fitava o médico tomando-lhe obstinadamente o pulso?  
Eu sentia um perigo. Parecia-me vê-lo à beira de um abismo que ele tivesse de atravessar sobre estreita ponte frágil.  
De repente, agitando-se, abrindo um olhar imenso, perguntou em voz surda:  
- Que horas são?  
Alguém respondeu baixinho, entanto a resposta soou forte no silêncio, como pancada em lâmina metálica: “Sete!”  
Ia-se a tarde em desmaio melancólico, já agasalhada em sombras.  
Por que teria ele feito tal pergunta? Que teria visto? Os prenúncios, talvez, da noite primitiva, a noite que se fecha para o sempre, noite vazia, silente, sem astros, sepultura da luz.  
O coração retransiu-se-me apertando, o fôlego sustou-se-me na garganta e meus olhos, como atraídos, voltaram-se para o oratório buscando a cruz de bronze, relíquia de Jerusalém, sacrossanto sinete que tem selado para a Eternidade todos os mortos da minha família.  
E as lágrimas borbulharam-me no coração, senti-as subirem-me aos olhos, a jorros violentos, e tive forças para contê-las.  
Súbito o silêncio estalou em pranto como um vaso hermeticamente fechado que se fizesse pedaços derramando todo o líquido contido.  
Tombei de joelhos junto do leito agarrando-me desesperadamente ao corpo que se imobilizava.  
Tudo cessara e o olhar, que ele ainda mantinha fito em nós, extático, não tinha luz: era como o morrão que fica ardendo nos círios e que, pouco a pouco, envolto em fumo, vai-se extinguindo, até de todo se apagar.  
Alguém chamou por ele, em pranto.  
Ai! de nós...  
Às pedras deu-lhes Deus o eco para responderem a quem lhes brada e ao que morre tudo se vai, não fica, sequer, um pouco de som para a suprema palavra de um adeus.  
É um caixão que se fecha. Nada mais (Coelho Netto, 1956: s/p.).

---

<sup>115</sup> Coelho Netto, Henrique. *Mano, Livro da Saudade*. 7. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões Editora, 1956.

Impotência, ódio, ranço, mágoa, tristeza e remorso são contrapostos à felicidade, conforto, fé e paixão. A tríade entre escritor (concebido como um artista), sua produção (a própria obra) e o público (o leitor), proposta por Candido (2000), torna-se mais complexa no caso específico da obra *Mano*. O livro é um “grito” de extravaso do autor. É uma conversa íntima do autor com o falecido filho, com suas convicções religiosas e, principalmente, consigo mesmo. São questões existenciais que precisavam ser respondidas para que o autor encontrasse o rumo e pudesse dar continuidade à vida. “Agora, quando me deito, antes do sono vir, sinto-o comigo, a meu lado, vivo na minha lembrança, em saudade, sombra que me ficou no coração, rastro de uma ventura que passou, sonho com que me consolo dentro da noite triste e eterna, no qual o vejo desde pequenino, quando ali nasceu para tão curta vida, até o doloroso instante em que se foi para o sempre” (Coelho Netto, 1956: s/p.).

Enfim, a preocupação com o leitor é diminuta, Coelho Netto só recorreu ao principal meio de manifestação que conhecia para estabelecer diálogos com os protagonistas deste drama real: ele próprio, seu filho Emmanuel e Deus. “É que eu rasgara violentamente o véu misterioso mostrando, no fundo da esperança, Deus é que eu lhe anunciara a hora suprema da Religião, hora última da terra, hora que não soa nem declina, hora incomensurável, parada, fora do dia e da noite, rosto da Eternidade. Houve, então, entre nós, um olhar, e, nesse olhar, como se cruzam no beijo os amores, cruzaram-se desesperos” (Coelho Netto, 1956: s/p.).

Coincidentemente, o dia do velório era o mesmo de uma aguardada e celebrada partida entre o selecionado brasileiro e o argentino. O autor, então, expõe o contraste entre o seu sentimento de dor e a euforia coletiva que ocorria paralelamente no campo logo ao lado:

Longo, perduradouro vozear no estádio anunciava o início do jogo quando o sacerdote, o mesmo que o ouvira de confissão, aproximou-se para encomendá-lo a Deus.  
Era o sinal da partida.  
Uma voz sussurrou-me:  
“Que iam fechar o caixão”.

Estremeci. Seria possível! Encheu-se-me o peito de tanta agonia que me senti oprimido como se o coração se me houvesse petrificado.

Que fazer?

Último adeus ao filho, último beijo à fronte gélida, bênção derradeira.

Retiraram-lhe o crucifixo do peito.

[...] Chorávamos humildes quando trovejou no estádio clamor imenso de triunfo e o coliseu longamente atroou o estrondo das aclamações vitoriosas.

Ouvindo aquele tronejo heróico lembramo-nos de tardes, outras, iguais àquela e parecia-nos que o nome proclamado estrepitosamente era o dele, dele que ali se fizera desde pequenino, brincando naquele campo, nele crescendo em força e garbo, nele batendo-se pelas cores, que eram o seu orgulho.

E seria dele o nome que ouvíamos nas aclamações ovantes da multidão em delírio?

Sim, era o seu nome, não saía do estádio, mas do fundo dos nossos corações porque, embora estrondosas, todas aquelas vozes de milhares de bocas não estrugiam tão alto como nos soavam intimamente os apelos doloridos da nossa imensa saudade.

E, no final do jogo, com o escoar da turbamulta, a nossa rua encheu-se e os que passavam, comentando os lances mais brilhantes da partida, não se lembravam do enterro que dali saía.

E, para o seu espírito, foi melhor assim (Coelho Netto, 1956: s/p.).

Posteriormente, um de seus filhos, também ex-atleta do Fluminense iria se tornar escritor, seguindo o legado do pai. Paulo Coelho Netto escreveria em 1952 o primeiro volume do livro *História do Fluminense*<sup>116</sup>. De forma envolvida, o autor escreveu sobre algumas reminiscências da sua infância. Os laços afetivos com o pai, a vida ativa ao lado dos irmãos (todos atletas), a estruturação das categorias de base da equipe, o caso trágico da morte do irmão, as participações femininas da mãe e da irmã nas atividades do Clube (dentro das possibilidades que a sociedade de época permitia), o irmão mais novo *Preguinho* no selecionado nacional e principalmente a participação incisiva do pai na organização do Fluminense e do próprio futebol carioca (Coelho Netto (Paulo), 2002). Nesta obra o autor foi incisivo: a perda de Emmanuel tinha sido um baque na carreira do pai (Coelho Netto (Paulo), 2002: 80-81).

Após a morte do pai, Paulo iria escrever um breve epílogo para uma reedição do livro *Mano, Livro da Saudade*. A narrativa comove o autor e reafirma o forte ressentimento presente na conturbada psique de Coelho Netto, que angustiava por não poder superar o evento traumático.

---

<sup>116</sup> Uma segunda edição ampliada foi lançada recentemente: Coelho Netto, Paulo. *História do Fluminense*. 2. ed. Rio de Janeiro: Pluri Edições, 2002.

MANO

A INSPIRAÇÃO DO LIVRO

Tendo perdido os primeiros filhos, que foram tantos quantos os que sobreviveram, “como se a Vida apostasse com a Morte em lhe não ceder uma só vitória, tirando de cada túmulo uma ressurreição”, Coelho Netto desistiu do aperreado sistema, tão mal sucedido, de encerrar e atabafar em lãs os pequeninos, decidindo-se pelo da liberdade e dos exercícios físicos. E os outros sete medraram. Emmanuel, o Mano, era o mais velho. Robusto, culto, modesto e bom, ele simbolizava o tipo de atleta perfeito que Coelho Netto, sempre equidistante das competições partidárias, idealizou na sua campanha pelo aprimoramento da juventude brasileira.

[...] Depois da maior desgraça da sua vida, Coelho Netto, como forçado das letras, tendo de escrever sem cessar para manter a subsistência da família, quando tomava lugar à mesa, para começar o trabalho diário, só trazia um pensamento:

“Falando ou escrevendo esquecem-me as expressões, faltam-me os termos. Só tu ficaste, tu só, tudo mais se esvaiu”.

E, procurando derivativo sua imensa desventura, fez da pena um rosário e desfiou em lágrimas, dia a dia, o Livro da Saudade – “Mano”.

Paulo Coelho Netto

Setembro de 1956 (Coelho Netto, 1956: s/p.).

Mas se a princípio poderia se esperar que o autor modificasse seu parecer sobre os esportes, criando certa ojeriza à atividade em virtude do acidente mortal com o filho, o ocorrido foi exatamente o oposto: Coelho Netto passou a defender com mais incidência e veemência a prática do futebol. Mesmo amargurado, o seu temperamento o conduziu a focar em dois pontos: a lembrança emotiva do filho falecido que era um exemplo de *sportman* e o amparo aos demais filhos homens que ainda continuavam sendo ávidos praticantes de esportes. Tudo isso foi manifestado nas suas obras, como, demonstrado na seguinte passagem da obra *Mano...*

Mas de que servem lágrimas?! Paraste na mocidade. Os teus irmãos menores prosseguirão na vida e tu, que os precedias, quedarás na hora em que caíste, vendo-os passar, transpor a idade em que foste ferido, entrar pelos anos além, envelhecendo, e eles falarão de ti, o irmão mais velho, morto com pouco mais de vinte e quatro anos. E assim ficarás sempre jovem na saudade dos teus, que te perderam (Coelho Netto, 1956: s/p.).

#### IV

Sobretudo, o que foi notório nesta análise: é impossível segmentar a produção intelectual de Coelho Netto acerca do futebol e suas iniciativas engajadas visando o

desenvolvimento do esporte. Como argumentou seu filho Paulo Coelho Netto (2002), o que pensar sobre a paixão de um homem pelo futebol quando, na condição de escritor famoso, membro da *Academia Brasileira de Letras*, Deputado Federal, professor universitário das cadeiras de História do Teatro e Literatura Dramática, este protagoniza a primeira invasão de campo em 1916, quebrando o rígido código esportivo da época, ao acreditar que o árbitro estava sendo imparcial, prejudicando o Fluminense, acentuado ainda pelo fato de ter alguns filhos jogando por este Clube?

Nas palavras carregadas de admiração do próprio filho, as conseqüências do envolvimento e da paixão de um autor de destaque em relação ao futebol:

A contribuição de Coelho Netto ao Fluminense e, de modo geral, ao Esporte, tem de ser distinguida pelo historiador. Em primeiro plano, o Intelectual-Torcedor que não hesitou em afrontar a velha e arraigada opinião que apresentava o futebol como divertimento de desocupados. Enfrentando e derrubando o preconceito generalizado, o mais completo e fecundo Trabalhador Mental da língua portuguesa, em todos os tempos, não vacilou, um só instante, ao lançar na arena das decisões definitivas e irrecorríveis a sua popularidade e o seu prestígio internacional de escritor, abraçando, de corpo e alma, a causa dos esportes no Brasil e dando o exemplo com os próprios filhos (Coelho Netto (Paulo), 2002: 378).

Coelho Netto, mais do que um literato engajado, era um homem de ação. Sua produção intelectual sobre os esportes, ao contrário das manifestações da maioria dos outros escritores da sua época, não se deu apenas no plano literário. Seus escritos funcionavam como uma espécie de recurso de divulgação daquilo que o autor adotava e realizava no plano prático. Não era apenas um analista do esporte, mas sim, parte constitutiva do início da sua história no Brasil.

Defensor convicto do ideal estabelecido dentro da sua própria época, seguia-o a risca, lutando pelo desenvolvimento dos esportes como sinônimo de higiene e ativismo. Se o tempo, então, é compreendido, como uma estruturação humana, partindo-se da premissa que é construído de acordo com o conhecimento adquirido pelo homem e a forma de reproduzi-lo

para as futuras gerações (Elias, 1998: 33), Coelho Netto pode ser considerado um dos principais artífices da popularização e desenvolvimento do esporte, com especial atenção ao futebol nas primeiras décadas do século XX.

### **3.9 O *Football* Como Pretexto: micro-relações de força na literatura brasileira**

#### **I**

Em 2004, é traduzida para o português uma pequena coletânea de ensaios do historiador italiano Carlo Ginzburg, textos apresentados originalmente em Congressos e Simpósios. O eixo temático do livro, intitulado *Nenhuma Ilha é uma Ilha*, era a história da literatura, tendo como ponto comum entre os textos às relações de força intrínsecas a uma obra literária (Ginzburg, 2004). Tentar-se-á a seguir demonstrar que tais relações também se estabeleceram na crônica brasileira, tanto no plano macro, mas, sobretudo, em uma micro-dimensão que, embora sutil, pode ser delineada nas crônicas do início do século XX. Isto não significa que tais relações perdiam em significância para aquelas relações mais explícitas. Recorre-se, então, à proposta investigativa da história chamada de “paradigma indiciário”<sup>117</sup> (Ginzburg, 1989).

Essas micro-relações de força, por menores que fossem, ganhavam importância em um cenário social mais amplo, pois, mesmo que as divergências fossem restritas aos literatos, estas eram expostas em um canal de debate aberto, onde o leitor, muitas vezes um sujeito

---

<sup>117</sup> Tal proposta metodológica aproxima metaforicamente o trabalho do historiador ao do investigador ou detetive. Fato decorrente das suas constantes leituras de contos policiais, como os clássicos do gênero: Sherlock Holmes, de Arthur Conan Doyle e Hercule Poirot, de Agatha Christie. Ginzburg sugere que o historiador, diante das dificuldades impostas pela(s) problemática(s) que permeiam o objeto e as vastas possibilidades que as fontes permitem, deve atentar para a singularidade da dimensão micro, o estudo de caso, sem deixar de lado as possibilidades genéricas que o plano macro proporciona. Ou seja, o essencial da proposta é uma preocupação constante do pesquisador com a “escala de análise”. Maiores detalhes sobre o “Paradigma Indiciário” ver: GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário In: *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. pp. 143-179.



passivo observando o embate retórico, acabava aceitando os argumentos de um ou outro literato, passando conseqüentemente a ser um potencial divulgador de idéias.

Neste sentido, é necessário o ajuste da escala de observação, pois, em alguns momentos, se observadas à longa distância, as micro-relações de força poderiam passar despercebidas. Juntar estas grandes e pequenas *peças* para composição de um cenário mais amplo é fundamental para a compreensão de como os literatos, enquanto geradores de arte, não tinham uma liberdade criativa tão acentuada quanto é sugerido por alguns críticos de arte (Panofsky, 1989) e que tampouco estavam isentos das influências da sociedade onde viviam (no caso específico deste período, também daquela na qual se espelhavam – a européia), da sua história de vida e da sua própria personalidade.

Assim, um intrincado contexto intelectual, especificamente no campo literário, iria demonstrar que posicionamentos pessoais e afetivos e características artísticas muito influiriam na recorrência do tema e conseqüentemente do estabelecimento do debate entre os literatos brasileiros. A crônica passa a ser entendida, então, como “[...] uma base para as lutas simbólicas pelo poder de produzir e impor a visão do mundo legítima” (Bourdieu, 2004: 161).

## II

De forma estrutural poder-se-ia dividir os literatos do início do século em dois blocos polares: o dos defensores convictos do futebol e o dos contrários à sua introdução e difusão no Brasil. Entretanto, como pôde ser observado, não eram todos que se encaixavam neste modelo. E mesmo aqueles que tinham um posicionamento mais claro a respeito do assunto, tinham motivos diferentes. É o caso de Lima Barreto, o mais radical crítico do futebol, que, resumidamente, via no esporte uma das manifestações mais típicas de uma elite frívola, pouco preocupada com os desníveis sociais brasileiros. Também de Graciliano Ramos que

simplesmente contrapunha o modelo de atividade física da cidade às práticas físicas interioranas, a seu ver, as únicas que poderiam ser consideradas genuinamente nacionais – como a capoeira, chamada pelo autor de *rasteira* (Ramos, 1962: 93).

É bem possível que nunca tenha ocorrido o contato direto entre os dois. Graciliano era bastante jovem e ainda desconhecido, morando no interior do estado de Alagoas; enquanto Barreto já era um dos literatos mais conhecidos no Brasil, com várias obras publicadas e a presença constante como cronista em vários diários cariocas. Sendo assim, o máximo que pode ter ocorrido em termos de relacionamento é que, em sua breve passagem pelo Rio de Janeiro, onde trabalhou em alguns jornais exercendo funções secundárias, Graciliano, um ávido e curioso leitor, tenha sido influenciado pelos textos avessos de Lima sobre o futebol no Brasil. De qualquer forma, além de não passar do plano hipotético, Graciliano foi encontrar seus próprios motivos, que pouco tinham a ver com as idéias de Lima Barreto. Evidenciando-se, portanto, a originalidade das crônicas de ambos.

Gilberto Amado era um admirador do futebol, mas não era um defensor fervoroso do mesmo. Como foi explicitado, o literato se considerava mais um freqüentador dos estádios e torcedor moderado do que propriamente um analista com argumentos defensores da prática esportiva. Sua crônica era uma resposta. Provavelmente Lima Barreto, sempre atento às manifestações daqueles que admiravam o futebol, o havia criticado, fazendo com que o autor respondesse através de uma crônica. Como justificado anteriormente, em um nível microscópico as desavenças muitas vezes não passavam do plano pessoal, porém, tais pequenas querelas não podiam ser relevadas, pois, afinal, seriam expostas em periódicos de grande circulação.

Paulo Barreto, pelo menos em se tratando de futebol, não participou ativamente do debate. Provavelmente seu comportamento literário irregular, típico do movimento dândi,

tenha contribuído para que isto ocorresse. Ora comparecendo aos estádios, fazendo do evento motivo para uma coluna social; ora achando exagerada a atenção dada a tal prática física, o literato poderia, grosso modo, ser considerado neutro e, para o leitor atento – como era Lima Barreto, que acompanhava regularmente as crônicas de todos os escritores dos periódicos da Capital Federal –, provavelmente, alguém ilógico e de pouca coerência argumentativa.

Além disso, Paulo Barreto tinha escrito a obra de crítica literária *Momento Literário*, tecendo velados elogios a vários literatos, a maioria defensores dos esportes, como Coelho Netto e Olavo Bilac, como demonstrado nos respectivos excertos da obra.

Procura-o. O papel branco em breve aparece dobrado em dois, e eu prevejo que daquelas simples perguntas a imaginação de Coelho Netto fará surgir a maravilha e o encanto. Se é de pasmar o brilho, a cintilação de estilo no escritor, a faculdade da imagem, o poder evocador, o comentário agudo e a torrencial fantasia do seu claro espírito como que se acentuam na conversa. [...] Coelho Netto é, de resto, de uma rude franqueza meridional (Barreto (Paulo), 1999: 18).

A originalidade desse homem reside na sua sensibilidade extrema e sorridente, na sua impecabilidade, nessa doçura como que rítmica que harmoniza os seus períodos e o acompanha na vida. Bilac chegou à perfeição – é sagrado. Não há quem não o admire, não há quem não o louve. As fadas, que são quase uma verdade, fizeram da sua existência uma sinfonia deliciosa, e como o seu talento não tem desfalecimentos e a sua atividade é sempre fecunda, a admiração se perpetua. É o poeta da cidade como Catulo o era de Roma e como Apuleio o era de Cartago. Todos o conhecem e todos o respeitam. Os editores vendem anualmente quatro mil exemplares de seu livro de versos, realizando o que até então era o impossível. Onde vá, o louvor acompanha-o. A cidade ama-o (Barreto (Paulo), 1999: 5).

Tal obra foi publicada em 1907 e sua repercussão rendeu ao autor uma cadeira na *Academia Brasileira de Letras* apenas três anos depois, em 1910 – sendo recebido pelo próprio Coelho Netto, o escritor defensor dos esportes mais convicto de todos – mais um motivo para que Paulo Barreto fosse tênue nas suas crônicas a respeito do futebol. Por sinal, uma das principais características da crônica de “João do Rio” era a sutileza. Prova era sua aceitação na época: considerado o grande cronista carioca da *belle époque*, pois era, sem dúvida, o mais lido. Como constatado por uma analista do assunto, “[...] sem erro de análise, o

maior cronista da Belle Époque carioca foi João do Rio, pseudônimo de Paulo Barreto” (Pesavento, 2002: 92).

Portanto, a divisão, que aparentemente distribui os autores em dois blocos contrapostos, deve ser relativizada, pois o posicionamento e o envolvimento dos cronistas em relação ao futebol variaram muito de intensidade. Se os extremos foram Lima Barreto e Coelho Netto, respectivamente o crítico contundente e o defensor fervoroso, encontram-se em um plano intermediário Gilberto Amado, que se colocou como um admirador da prática futebolística; Graciliano Ramos um *desgarrado* que, de um outro cenário social, observou, contradito, a prática futebolística; e dois literatos que oscilaram o seu parecer a respeito do esporte bretão, Monteiro Lobato e “João do Rio”.

### III

A compreensão dos meandros do campo literário se faz necessária para o entendimento da forma como os intelectuais concebiam o futebol nas suas crônicas. Pois em várias situações o esporte serviu apenas de pretexto para discussões como: a importação de bens culturais europeus, divergências pessoais, a construção de uma legítima identidade nacional e até a constituição do próprio campo literário.

Monteiro Lobato e Lima Barreto, mesmo discordando em alguns pontos em se tratando do futebol, mantinham laços afetivos e comerciais bastante sólidos (Barreto, 1998: 247-273), além de uma concepção sobre a literatura nacional bem próxima – “donde concluo uma definição boa para o país: o Brasil é a terra onde o certo dá errado e o errado dá certo. Quando ouço te criticarem a vida desordenada – e leio por outro lado os teus livros, firma-se a idéia supra. E cá comigo: se o ‘ordenam’, em vez de Policarpos, o Lima engorda e emudece” (Lobato In Barreto, 1998: 251-252).

Uma característica individualizada de Monteiro Lobato e que

[...] o distingue de outros escritores do mesmo período é o fato de que ele concebeu um projeto eminentemente literário, pois, ao contrário de outros literatos contemporâneos do escritor paulista, a literatura não constituía mero veículo das transformações ou simples porta-voz das idéias de mudança, mas o próprio instrumento das transformações. A novidade do projeto literário de Lobato é seu desdobramento em duas frentes igualmente importantes: a própria escrita literária e o empreendimento editorial (Passiani, 2002: 5).

No final da década de 1910, havia fundado a gráfica e editora *Monteiro Lobato & Cia* (Luca, 2005: 76-79). Sua incursão no meio editorial ocorrera alguns anos antes, em 1918, logo após o estrondoso sucesso de *Urupês* que, reforçando o ideal nacionalista, atingiu a impressionante marca de cinco edições esgotadas em apenas um único ano (Sevcenko, 1992: 237). Com o recurso financeiro da venda da obra, Monteiro Lobato comprou um deficitário periódico, a *Revista do Brasil*, que, sob sua direção, obteve relativo sucesso.

A boa acolhida do público ao *Saci*, esgotado em dois meses, animou Lobato. Ainda em 1918, compra a *Revista do Brasil*, deficitária apesar de muito apreciada pela intelectualidade, e decide arcar com as despesas de um livro reunindo seus melhores contos, *Urupês*, estrondoso sucesso de vendas com diversas reimpressões. A partir da correspondência de Lobato pode-se avaliar como o novo editor tentou alterar as práticas vigentes. De saída, “desenvolveu furiosamente a propaganda”, como ele mesmo declarou, a fim de aumentar o número de assinantes da *Revista do Brasil*. E os leitores foram convidados a participar do esforço: aqueles que conseguissem quatro novos assinantes recebiam uma assinatura grátis. Sem abrir mão do padrão de excelência que garantiu fama ao periódico (capas sóbrias, ensaios sobre assuntos variados, e espaço para criação literária), Lobato aumentou a parte dedicada à criação literária, diversificou o quadro de colaboradores e lançou as *Edições da Revista do Brasil* (Sevcenko, 1992: 77).

O primeiro contato entre Lobato e Lima Barreto foi via correspondência. O editor convidava Lima Barreto para ser um dos articulistas da *Revista do Brasil*.

São Paulo, 2 set. 1918

Prezadíssimo Lima Barreto.

A *Revista do Brasil* deseja ardentemente vê-lo entre os seus colaboradores. Ninho de medalhões e perobas, ela clama por gente interessante, que dê coisas que caiam no gosto público. E Lima Barreto, mais do que nenhum outro, possui o segredo de bem ver e melhor dizer, sem nenhuma dessas preocupaçõeszinhas de *toilette* gramatical que inutiliza metade de nossos autores. Queremos contos,

romances, o diabo, mas à moda do *Policarpo Quaresma*, da *Bruzundanga*, etc. A confraria é pobre, mas paga, por isso não há razão para Lima Barreto deixar de acudir ao nosso apelo. Aguardamos, pois, ansiosos a resposta, uma resposta favorável.  
Do confrade  
Monteiro Lobato (Lobato In Barreto, 2002: 247).

Apresenta-se, então, um significativo contraditório: Barreto era um literato marginalizado, mas ao mesmo tempo querido por Lobato, um consagrado e influente escritor e empresário do meio. Lobato, sutilmente, também expunha na carta uma crítica ao meio literário brasileiro sabendo de antemão que Barreto concordaria em relação ao assunto. Ao falar do estilo rebuscado e da importação européia do estilo de escrita, possivelmente se referia a Coelho Netto, “João do Rio” e Olavo Bilac. Mais tarde Lima comprovaria que o convite foi prontamente atendido, o literato também havia enviado uma correspondência ao amigo paulista:

Rio de Janeiro, 2 de dezembro de 1918.  
Meu caro Senhor Monteiro Lobato  
De há muito devia ter-lhe escrito, manifestando os meus agradecimentos acusando também o recebimento dos oitocentos mil-réis e uma das vias do contrato estabelecido entre a Revista do Brasil e eu, para a publicação do Gonzaga de Sá.  
[...] e creia-me sempre seu amigo grato, confrade esquisito e admirador  
Lima Barreto (Lobato In Barreto, 2002: 248-249).

Após a entrada efetiva do escritor de *Urupês* no ramo da editoração, Lima Barreto foi convidado a publicar seus romances na editora recém fundada. Novamente o convite foi aceito, sendo publicadas as obras *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* e *Isaías Caminha* pela referida editora paulista.

No contexto conturbado e difícil do meio editorial – para se ter idéia as tiragens máximas deste período não ultrapassavam a casa dos 2 mil exemplares (Luca, 2005) – ambos os literatos mantiveram por longo tempo um amistoso contato por correspondências que, da

formalidade inicial, no decorrer dos anos, tornou-se uma concisa amizade, como demonstrado na leitura do conjunto da correspondência entre ambos (Barreto, 2002: 247-273).

Entretanto, a amizade era mantida somente através da comunicação via carta, mantida regularmente entre ambos. Houve várias tentativas de encontro, mas sempre algum contratempo atrapalhava o planejado. “Amigo Lima. Estive uns dias aí e procurei-te onde havia possibilidade de encontrar-te; freges, botequins e... casas de garapa. Cheguei a espiar debaixo de certas mesas... Mas nada do Lima. Todos informaram-me que é difícil agarrar-te à unha, que és ubíquo, e moras em Todos os Santos pro forma, etc., etc” (Barreto, 2002: 266). Carta respondida também com um visível senso de humor: “Meu caro Lobato. Recebi há dias uma carta tua. [...] Admira-me que não me houvesse encontrado nas tascas centrais. É verdade que há dias seguidos em que me deixo ficar em Todos os Santos. Tudo o que te disseram a respeito dos meus modos ambulatórios é verdade; mas o que não é verdade é que não moro em Todos os Santos. Resido, moro e durmo em Todos os Santos; mas só me encontram em casa de manhã. Isto no geral” (Barreto, 2002: 167). Somente em uma passagem de Barreto pelo interior de São Paulo em 1921, ambos se encontrariam. Foi um encontro rápido, porém importante na consolidação da relação afetiva entre eles.

Pelo menos nas correspondências entre os autores o assunto futebol nunca entrou em pauta. Com uma única e sutil menção de Barreto que em uma correspondência datada 26/03/1919 assinou da seguinte forma “Lima Barreto (da ‘Liga Contra o Football’)” (Barreto, 2002: 261). Porém, mesmo assim, as longas mensagens entre o autor paulista e o carioca apontavam para temáticas recorrentes que podem contribuir na interpretação da forma como os dois concebiam a sociedade da sua época e conseqüentemente a prática dos esportes, especialmente a do futebol.

Lobato não era contra o futebol, somente acreditava que a importância dada ao mesmo era excessiva. Para ele tal esporte era uma prática lúdica, tratada como uma boa lembrança do seu tempo de infância. Desta forma, o posicionamento de Monteiro era muito próximo ao de Gilberto Amado, que também nutria uma simpatia pelo futebol por este relembrar seu passado. Por sinal, Amado também era um dos autores que publicava na editora de Lobato, ou seja, pode ser que a forma semelhante de conceber os esportes extrapolasse os limites da coincidência. Já Lima Barreto era um crítico ferrenho do futebol, mas o seu ressentimento em relação ao esporte tinha vínculos com outras questões de amplitude maior e os diálogos com Monteiro Lobato dão indícios de quais seriam estas questões.

Um dos assuntos mais predominantes nas cartas entre Lobato e Barreto era o funcionamento do campo literário/acadêmico brasileiro. Concordavam os autores que o meio literário brasileiro era clientelista e que a *Academia Brasileira de Letras* não fazia jus à condição de entidade mor, responsável por primar pelo desenvolvimento da literatura no Brasil. “Isto quer dizer que o Brasil está errado. A Academia de Letras deve despir-se da imortalidade que se outorga para vir pegar da enxó, e os carapinas de norte a sul que apanhem a pena” (Lobato In Barreto, 2002: 251).

Para eles a *Academia* não passava de um local onde se unia um grupo de amigos integrados ao sistema elitista vigente<sup>118</sup>. Eram autores de obras de estética literária duvidosa, com um gosto literário também duvidoso (Lobato In Barreto, 2002: 248-252). Lima não fazia questão nenhuma de esconder quem era o seu principal rival, o romancista Coelho Netto, pois regularmente mencionava-o de forma pejorativa nas suas crônicas (Bosi, 1994: 198-199) –

---

<sup>118</sup> Bourdieu, ao analisar o campo literário, detectou este problema. Um estudioso da obra deste autor sintetiza: “Eis outra característica do campo literário: a existência de juízes e instâncias de avaliação e consagração. A outorga do valor literário se baseia num conjunto de posições hierarquizadas: a instituição escolar, as academias, as revistas, a imprensa, as personalidades, etc. dispõem, de modo desigual, de uma autoridade que garante a legitimidade dos julgamentos. Seu poder de consagração afeta simultaneamente os indivíduos a serem classificados e os critérios de classificação” (Pinto, 2000: 88).



“Coelho Neto! Decididamente, o imortal romancista está ficando um ditador das nossas letras [...]” (Barreto, 2004A: 88). Já Lobato, um pouco mais polido, não era tão explícito, somente nas correspondências pessoais fazia menções aos membros da *Academia Brasileira*.

Estranhamente o membro mais criticado não era Coelho Netto, mas sim aquele que era um dos pares deste autor: “João do Rio”, que ao ser aceito na *Academia Brasileira de Letras* foi formalmente recepcionado pelo próprio Coelho Netto. É provável que Monteiro tivesse conhecido Coelho e mantivesse certa simpatia, fazendo com que Lima Barreto evitasse criticá-lo em suas correspondências. Assim, o foco principal da ira dos dois autores tornou-se “João do Rio”. Monteiro, por exemplo, confessou satiricamente ao amigo: “O meu livro [é] de contos [referia-se a *Urupês*]. [...] Cá entre nós: não sou literato, nem quero ser porque João do Rio o é” (Lobato In Barreto, 2002: 251).

A breve menção de Lobato suscitou um comentário maior por parte de Lima Barreto que respondeu o seguinte:

[...] Você está nos casos. Muito obrigado pelas referências aos meus broquéis; e, embora, o João do Rio se diga literato, eu me honro muito com o título e dediquei toda a minha vida para merecê-lo. Por falar em semelhante paquiderme... Eu tenho notícias de que ele já não se tem na conta de homem das letras, senão para arranjar propinas com os ministros e presidentes de Estado ou senão para receber sorrisos das moças brancas botafoganas daqui – muitas das quais, como ele, escondem a mãe ou o pai. É por causa dessa covardia idiota que ‘essa coisa’ não acaba... Digo as daqui, porque são as que eu conheço, na montra da Rua do Ouvidor, e nos cochichos dos cafés, chopes e confeitarias. Lendo unicamente jornais, como a gente inteligente do Rio, elas só conhecem literatura do seu tempo por aquilo que, como tal, neles é publicado: João do Rio, etc., etc (Barreto, 2002: 253).

Seu estilo literário, escritor de crônicas sociais de característica mundana, despreocupada, impregnada de uma cultura dândi – crítica, porém contraditória, fazia com que Lima e Monteiro não compreendessem a sua admissão na *Academia Brasileira de Letras* (Barreto, 2002).

Se a divergência de Lobato em relação aos textos de “João do Rio” era restrita à qualidade literária da sua produção, a de Lima Barreto ia além, era pessoal. “O Paulo (Barreto) encontrou-me na rua e falou-me cheio de blandícias. Que f. da p.! [...] O tal de Paulo Barreto chegou. Falou a respeito do livro ao João. [...] Sabes bem como o Paulo é covarde de toda a natureza [...] Gostei até, porque justifica os deboches que lhe faço” (Barreto, 2002: 212-214).

Mas o sentimento de ressentimento era notório, se pensado que mesmo tecendo críticas constantes à *Academia* tanto Lima Barreto quanto Monteiro Lobato tentaram pleitear uma vaga na instituição. Uma cadeira na *Academia* assegurava ao literato uma renda governamental e também prestígio literário que resultava em um significativo aumento no número de livros vendidos. Como justificava Monteiro Lobato: “Eu acho a academia uma bela coisa, depois que o Alves a enriqueceu. É positivamente um negócio imortalizar-se vitaliciamente. Porque duma maneira ou doutra, a renda do legado há de reverter em benefício dos frades da ordem. Talvez isso explique o recrudescimento do avança que se nota agora a cada vaga” (Lobato In Barreto, 2002: 251).

Mas, além disso, a *Academia* assegurava a inserção em um segmento artístico bastante restrito, ou seja, o escritor passaria a condição de *estabelecido* (Elias, 1998). O diálogo que se segue dá mostras nítidas do ressentimento dos autores e do envolvimento pessoal entre eles naquela época, além de provar que ambos tinham uma sensação de exclusão do seu próprio meio, o literário.

Nunca fui sinceramente candidato. A primeira vez que o fui, não sinceramente – é bem de ver - foi quando o Hélio [Lobo] se apresentou. Só para lhe fazer mal, porque eu o atrapalhava e me vingava das desfeitas que me fizera, tendo me tratado antes, a modos de pessoa poderosa. A carta que enviei, embora registrada, desapareceu e Hélio, apesar do Gustavo Barroso, foi eleito maciçamente. Sei bem que não dou para a academia e a reputação da minha vida urbana não se coaduna com a sua respeitabilidade. De *motu proprio*, até, eu deixei de freqüentar casas de mais ou menos cerimônia – como é que podia pretender a academia? Decerto, não (Barreto, 2002: 262).

O citado Hélio Lobo também era mais um dos desafetos no meio literário criticado por Barreto. Em uma crônica onde novamente conseguia relacionar o academicismo ao futebol, Barreto diagnosticava:

Hélio Lobo, secretário da “presidência”, como ele se intitula, é o mais presumido bobo de que se tem notícia no Brasil que escreve.

Ele não faz mais do que transcrever avisos, ofícios, portarias, decretos, resoluções e mandar imprimir tudo isso à custa do governo, na Imprensa Nacional. Dele, não há nada nos seus livros, o que há de propriedade do mesmo nas obras em que põe o nome, são os comentários mais tolos, indignos do mais humilde repórter de polícia.

É um homem desses que vai não sei para onde representar a inteligência do Brasil. Agora, eu me lembro de novo que ele vai para Harvard. É de admirar, meus caros senhores, porque essa universidade americana é famosa pelo ideal de brutalidade, de pugnas de football ou baskt-ball [sic], e um “alfenim” como o Senhor Hélio, que não sabe o que vai ensinar, devia ao menos saber dar pontapés numa bola (Barreto, 2004A: 263)<sup>119</sup>.

A carta de Barreto sobre as mazelas da *Academia* foi prontamente respondida por Monteiro Lobato. Na tentativa de consolar o confrade, o paulista remeteu a não aceitação de Lima na *Academia* à sua condição social. Nota-se também que aproveita para questionar a sexualidade de “João do Rio”. “Recebi a tua última. Não podes entrar para a academia por causa da ‘desordem da tua vida urbana; no entanto, ela admite a frescura dum J. do R. Os imortais, a contar de Júpiter, sempre viram com indulgência os Ganimedes<sup>120</sup>... Enfim, são brancos, digo imortais, lá se entendem” (Lobato In Barreto, 2002: 263).

Sabendo, então, da importância de serem efetivados na instituição que regia a literatura brasileira, Lima Barreto e Monteiro Lobato tentaram algumas vezes se candidatar a uma vaga. Todas sem sucesso. Assim à concepção rancorosa que ambos tinham da *Academia* passou a

---

<sup>119</sup> Originalmente: O ideal do Bel-Ami. A. B. C. 25/11/1916.

<sup>120</sup> Figura mitológica grega. Era filho do fundador de Tróia e, pela beleza física, foi raptado por Zeus e transformado no copeiro dos deuses. Posteriormente, a figura mitológica foi muito usada como fonte durante o Renascimento. São exemplos a menção na *Divina Comédia* de Dante Alighieri e a obra do escultor Benvenuto Cellini.

ter uma outra conotação, a de um forte ressentimento recíproco que levava ambos a criticar sem crivos a instituição.

Monteiro Lobato candidatou-se em 1922, retirando a candidatura ao saber que não ia ser o eleito. Concorreu efetivamente em 1926, sendo derrotado. Para quase duas décadas depois, em 1944, ir à desforra, recusando o convite para se candidatar a uma vaga na *Academia* – a qual iria concorrer sozinho, isto é, com a certeza ser eleito (Candido & Castello, 2001: 245-246).

Lima Barreto em três oportunidades tentou ingressar na *Academia Brasileira de Letras*. Na primeira, em 1917, sem maiores explicações, a sua candidatura foi vetada. Na segunda tentativa, em 1919, sua candidatura foi aceita, mas Lima obteve poucos votos, sendo derrotado. Na terceira e última tentativa, que era para ocupar o lugar de “João do Rio”, Lima Barreto retirou sua candidatura sem uma justificativa plausível. Possivelmente, ao sentir que a derrota era eminente, tenha preferido não sofrer com a tensão da contagem de votos. A própria campanha desta última candidatura foi bastante agressiva:

Vou escrever um artigo perfeitamente pessoal, e é preciso. Sou candidato à Academia Brasileira de Letras, na vaga do Senhor Paulo Barreto. Não há nada mais justo e justificável. Além de produções avulsas em jornais e revistas, sou autor de cinco volumes, muito bem recebidos pelos maiores homens de meu país. Nunca lhes solicitei semelhantes favores; nunca mendiguei elogios. Portanto, creio que a minha candidatura é perfeitamente legítima, não tem nada de indecente. Mas... chegam certos sujeitos absolutamente desleais, que não confiam nos seus próprios méritos, que têm títulos literários equívocos e vão para os jornais e abrem uma subscrição em favor de suas pretensões acadêmicas. Se não disponho do *Correio da Manhã* ou do *O Jornal*, para me estamparem o nome e o retrato, sou alguma coisa nas letras brasileiras e ocultarem o meu nome ou o desmerecerem, é uma injustiça contra a qual eu me levanto com todas as armas ao meu alcance. Eu sou escritor e, seja grande ou pequeno, tenho direito a pleitear as recompensas que o Brasil dá aos que se distinguem na sua literatura. Apesar de não ser menino, não estou disposto a sofrer injúrias nem a me deixar aniquilar pelas gritarias de jornais. Eu não temo abaixo-assinados em matéria de letras (Barreto, 2002: 383).

Residia aí a principal querela em relação a Paulo Barreto. Em 1910, no ano em que foi eleito, o escritor era um cronista conhecido, pois suas crônicas sociais eram as mais lidas do

Rio de Janeiro, entretanto a crônica não era um gênero muito considerado pelos membros da *Academia* e a sua produção literária era acentuadamente menor do que a de Lima Barreto. Por outro lado, a seu favor, “João do Rio”, como já relatado anteriormente, havia publicado uma obra de crítica literária, *Momento Literário*, enaltecendo o valor de vários escritores que eram membros da *Academia* (Barreto (Paulo), 1999: 5), ganhando, assim, a simpatia destes que eram os responsáveis por eleger todos os membros que se candidatavam a uma vaga na tradicional instituição.

Por último, por maior que fosse a crítica de Barreto à *Academia Brasileira de Letras* e seu ressentimento em relação a ela, este sempre valorizava a formação de instituições literárias. Como comprovado na sincera carta enviada a um amigo no Rio de Janeiro, enquanto passava uma temporada de férias no interior de São Paulo, especificamente em uma fazenda próxima à cidade de Mirassol.

Continuo a dar-me bem, e estou contente com o lugar e as pessoas que me cercam. Fundei uma Academia de Letras, tão importante quanto a de Afrânio, Paulo Barreto e Lauro Muller. É uma injustiça pôr o Afrânio ali, mas há nisto uma birra minha que não quer desaparecer. Imagina só tu que ela (a academia) tem três membros médicos! [...] Vou fazer uma conferência literária, na cidade. Vou falar sobre o “Destino da Literatura”. [...] Conheci Lobato e ele já me enviou para aqui diversos livros editados por ele. Encontro simples e cordial. *Terras do Demo!* Que pinóia pau! Bem escrito! (Barreto, 2002: 299-300).

Nota-se, porém, que, mesmo visivelmente feliz, Barreto não deixava de alfinetar os principais literatos da *Academia* nacional a qual desprezava – Afrânio Peixoto, “João do Rio” e Lauro Muller – depois se arrependendo de ter relacionado Peixoto no rol dos péssimos escritores. Também dá mostras, usando da sátira, da sua implicância com a titulação de *Literato*; neste sentido, apresentando também certa incongruência, pois já havia pleiteado uma vaga na *Academia*. O título universitário também era um dos seus motivos de ressentimento: não era titulado e a supervalorização desta condição pela sociedade brasileira, com mais

ênfase ao título de doutor em medicina, foi assunto principal em várias de suas crônicas. Seu principal argumento era que o título de doutor não servia para justificar a inserção do indivíduo no campo literário, fato comum na *Academia Brasileira*.

Interessante que Coelho Netto, seu principal adversário e debatedor, não apareceu na relação de Barreto explícita na carta. A explicação era que Lima nunca menosprezou a condição de literato de Coelho Netto. A crítica era, sobretudo, ao seu posicionamento em geral:

O Senhor Coelho Neto, que surgiu para as letras nas últimas décadas do século XIX, não se impressionou com as mais absorventes preocupações contemporâneas que lhe estavam tão próximas. As cogitações políticas, religiosas, sociais, morais, do seu século, ficaram-lhe inteiramente estranhas. Em tais anos, cujo máximo problema mental, problema que interessava todas as inteligências de quaisquer naturezas que fossem, era uma reforma social e moral, o Senhor Neto não se deteve jamais em examinar esta trágica angústia do seu tempo, não deu para o estudo das soluções apresentadas um pouco do seu grande talento, nem mesmo tratou de conhecer o positivismo, que lhe podia abrir grandes horizontes. Tenho para mim que o Senhor Coelho Neto é daqueles a afirmar que Clotilde de Vaux foi uma rameira (Barreto, 2004A: 303)<sup>121</sup>.

E também a sua forte tendência literária de descrever sem muita reflexão, um modismo literário que na época representava erudição, como satiricamente demonstrado no seguinte trecho de uma das crônicas de Lima:

Estava a calhar o Senhor Coelho Neto, que é um dos nossos mais curiosos intelectuais, e não podíamos deixar de ouvi-lo. Sem força de abstração, muito concreto, sem nada de filosófico, incapaz, portanto, para as idéias gerais, ele só vê em tudo o fato bruto que, para as altas criações intelectuais de qualquer ordem, pouco ou nada diz, por isso mesmo não consegue apanhar entre eles relações, inferências, conseqüências, parentescos, senão os mais evidentes e vulgares (Barreto, 2004A: 559)<sup>122</sup>.

## VI

As pequenas produções de Monteiro Lobato e Graciliano Ramos a respeito do futebol

---

<sup>121</sup> Originalmente: *Literatura e Política. A Lanterna*. 18/01/1918.

<sup>122</sup> Originalmente: *A Academia Nacional de Medicina [II]. Revista Contemporânea*. 26/07/1919.

têm um grau de importância elevado, pois são indícios de que, gradativamente, o meio acadêmico, que era de forma hegemônica centrado na cidade do Rio de Janeiro – a grande metrópole brasileira da época – começava a se expandir para outras regiões e cidades brasileiras.

Graciliano era de uma geração diferente dos demais, sendo o único que nasceu na última década do século XIX. A jovialidade era visível nos seus escritos da década de 1920. Já Lobato – mesmo sendo contemporâneo dos escritores cariocas, tendo nascido na mesma época que Lima Barreto e Paulo Barreto – não vivenciara o agitado movimento de urbanização das grandes cidades brasileiras, pois havia passado a infância e boa parte da adolescência no meio tipicamente rural do interior de São Paulo.

Ambos, Lobato e Graciliano, eram integrados às novas tendências literárias. Monteiro foi o principal artífice do movimento regionalista paulista (Bosi, 1994: 207-208); enquanto Graciliano seria um dos nomes de destaque do regionalismo nordestino (Carpeaux, 1967: 421-424) – que, como será visto no próximo capítulo, foi fortemente influenciado pelas idéias sobre a cultura brasileira formuladas por Gilberto Freyre.

Os meios intelectuais e artísticos não passaram omissos ao processo de desenvolvimento nacional nas primeiras décadas do século XX. Os movimentos regionalistas iniciaram com fins divergentes: na rica São Paulo, tratava-se de um resgate dos valores interioranos. Um interior, fértil, produtivo e rico que, sem sofrer de forma tão forte a influência européia típica das metrópoles brasileiras, havia se tornado um símbolo de prosperidade no Brasil e mantenedor de uma cultura caipira, considerada por Lobato a única genuinamente brasileira, mesmo o escritor tendo residido a sua vida intelectual na cosmopolita cidade de São Paulo (Moreira, 1962). Já no caso nordestino, era a tentativa de enaltecimento dos valores morais e da personalidade valente do sofrido cidadão nordestino

que vivia no interior dos estados, na região marcada pela seca. Esquecido pelos governantes e sofredor de constante carestia, o homem nordestino mantinha seus hábitos e costumes, não cedendo a tendência cosmopolita que estava se estabelecendo nas regiões mais ao sul, privilegiadas no quesito recursos climáticos. A cultura do sertão nordestino era considerada então um resquício único e heróico da original cultura brasileira (Freyre, 1968; 1999).

Há de se destacar que em virtude da necessidade da imprensa, especificamente do seu alcance em se tratando de divulgação e da indústria da editoração, os movimentos literários regionalistas se deram muito mais no plano simbólico do que propriamente nos seus cenários originais. Tanto os regionalistas de São Paulo, como Lobato, quanto os regionalistas do nordeste, como Graciliano e José Lins do Rego, tiveram que se estabelecer nas cidades – todas sob a forte influência européia – para poder implementar seus movimentos literários.

Porém, logo os movimentos nordestino e paulista iriam se aproximar (Bosi, 1994: 207-208). Ambos tinham uma preocupação em comum que não era notória na literatura do início do século: a busca de uma identidade nacional. Assim, para os escritores regionalistas, a cultura deveria ser concebida via sua origem mais remota: as práticas, hábitos e costumes seculares dos cablocos (em São Paulo) ou sertanejos (no Nordeste), isto é, na ingenuidade do cidadão brasileiro que escapara da influência cosmopolita presente nas grandes cidades brasileiras a partir do início do século XX (Lobato, 1957). Era, então, obrigação dos escritores regionalistas mostrar exatamente aquele Brasil escondido pelos escritores que aderiram ao projeto civilizador pautado na reprodução da cultura européia.

Assim, o proposital descaso para com o futebol, nesse momento um acontecimento social basicamente urbano – ora tratado como uma brincadeira típica da infância interiorana e ironizado devido à proporção que havia tomado nos segmentos elitistas da população citadina, no caso dos textos de Monteiro Lobato; ora tratado como um modismo urbano banal,



que de forma alguma iria vingar no agreste nordestino – não era parte constitutiva do debate maior que era travado pelos cronistas residentes no Rio de Janeiro. Tratava-se sim do esboço inicial de um novo movimento artístico-literário, um dos primeiros a se preocupar com a questão da identidade nacional.

Portanto, a questão central para os regionalistas era a seguinte: quais elementos identitários formariam por direito a cultura brasileira. No parecer dos dois literatos com certeza o futebol estava descartado. As crônicas analisadas anteriormente, de forma nítida, demonstravam que, em se tratando da formação cultural brasileira, o futebol era uma prática de pouco valor – tanto é que, por exemplo, décadas mais tarde (1940), quando Graciliano Ramos saiu do encarceramento político durante o Estado Novo, ficando hospedado na casa de José Lins do Rego, demonstraria perplexidade ao descobrir que o amigo tinha se tornado um aficionado por futebol (Hollanda, 2004: 72).

Prova da desconsideração dos dois autores regionalistas em relação ao esporte é a isenção de ambos no debate ocorrido entre os literatos cariocas. Graciliano já havia residido no Rio de Janeiro e trabalhado na redação de alguns jornais, desta forma, seria quase impossível que o debate tivesse passado despercebido ao seu olhar de leitor atento. Mesmo assim, encerrada sua crônica que credenciava o futebol como um modismo urbano, sem mencionar nenhum outro literato, Graciliano calou-se, como se assunto estivesse encerrado.

O caso de Lobato é mais nítido ainda: mantinha contato com vários autores, inclusive nomes de destaque da crônica nacional, pois era o editor-chefe de um dos maiores periódicos da cidade de São Paulo, a *Revista do Brasil*. Na própria revista, volta e meia, o assunto futebol entrava em pauta. Mas o principal era que Lobato lia atentamente os principais periódicos nacionais e era amigo pessoal de Lima Barreto, também estando ciente do acirrado debate que ocorria entre este e os defensores do futebol. Entretanto, como já explicitado, o assunto jamais

entrou em pauta nas inúmeras correspondências trocadas pelos dois confrades.

Sendo assim, a postura de Lobato é semelhante à de Graciliano, ao findar da única crônica que escreveu sobre o esporte, seu parecer já estava definido. Para o criador do *Sítio do Pica-Pau Amarelo* o único futebol válido era aquele que bem serviu ao seu lazer infantil, no mais, qualquer seriedade atribuída ao esporte era besteira. Assim, era bem provável que a ausência do assunto nas correspondências trocadas com Lima Barreto tivesse um apurado significado: Lobato poderia acreditar que o amigo estava atribuindo um valor maior ao futebol do que este realmente tinha.

O caso da presença do futebol na crônica brasileira é um exemplo que depõe contra o uso exclusivo da quantificação. Graciliano Ramos e Monteiro Lobato publicaram pouquíssimo a respeito do futebol se comparado à produção de Lima Barreto e Coelho Netto, por exemplo. Todavia, pode-se concluir que por mais contundente e persistente tenha sido Lima Barreto no combate ao futebol e Coelho Netto, em contrapartida, na sua defensoria, os breves julgamentos de Monteiro Lobato e Graciliano Ramos eram muito mais assertivos e severos.

Se Lima Barreto tinha um grande ressentimento em relação as novidades da sociedade, os esportes não passariam impunes. Mas ao escrever incessantemente, criticando-os com alarde, por outro lado, atribuía importância às modalidades (pois muito se dedicava a elas). Para os regionalistas Graciliano Ramos e Monteiro Lobato o veredito final já fora dado nas primeiras e únicas crônicas escritas sobre o assunto. Depois, somente o silêncio. Ao seu modo, ambos os regionalistas tentaram extinguir o futebol, negando-lhe a permanência no rol de elementos valorizados na literatura por não pertencer à cultura brasileira.

## VII

Lima Barreto, como definido por Sevcenko (1998), era um literato engajado. Portanto, como afirmado, não era da sua índole usar o silêncio como instrumento, assim como fizeram Lobato e Ramos. Ao contrário, seu temperamento o levou a extrapolar os limites da teoria na tentativa de destruir simbolicamente o futebol. Mas por que uma simples prática física, desconsiderada pela maioria dos intelectuais e artistas, causaria tamanho sentimento de contrariedade em um dos escritores mais conhecidos na época? Seria a evidente crítica social à elite brasileira o único motivo para que o autor tanto criticasse os esportes, e ainda com mais ênfase o futebol? Caso contrário, quais seriam os outros elementos que acentuaram as ressalvas do literato em relação ao futebol?

Antes da resposta a tais questões, algumas considerações iniciais. Primeiro: vários pesquisadores acreditam que Barreto mantinha um ranço em relação ao futebol exclusivamente por ser um crítico mordaz da sociedade da sua época (Toledo, 2002; Franzini, 2003). Mas não era somente isso, pois outros aspectos estavam presentes em seus comentários sobre o esporte citado. O próprio Barreto constantemente relatava em suas crônicas pouco conhecer sobre o esporte – “Confesso que, quando fundei a ‘Liga Brasileira contra o Futebol’, não tinha, como ainda não tenho, qualquer erudição especial no assunto [...]” (Barreto, 2004B: 515)<sup>123</sup>. Desta forma, acredita-se que a antipatia do autor em relação ao futebol tinha certo *ar* de pretexto e/ou, no mínimo, que a marcante característica da sua personalidade literária, a de dificilmente mudar de opinião, tenha influenciado na forma como o assunto reincidia e era tratado nas suas publicações nos periódicos cariocas.

Segundo: as iniciativas de Barreto não podem ser compreendidas somente através da análise das suas crônicas, pois as suas atitudes eram também acentuadamente militantes. Este caráter utilitário pôde ser sentido na sociedade carioca que, de forma bastante contraditória, se

---

<sup>123</sup> Originalmente: Como Resposta. *Careta*. (08/04/1922).

envolveu no debate. Assim, constata-se que Barreto foi o iniciador e principal motivador de um debate intelectual que permaneceu em pauta por vários anos, principalmente na cidade do Rio de Janeiro.

Lima Barreto foi o grande articulador deste debate literário que chegava à sociedade carioca, pois fazia com que outros literatos se manifestassem sobre o assunto. Sem o menor pudor, mencionava-os satiricamente em suas crônicas. Foi assim com Gilberto Amado, que respondeu elegantemente em sua crônica-resposta que admirava o futebol apenas como torcedor e que escrevia sobre o assunto somente porque... “Um dos nossos mais ilustres escritores já me fêz a honra de estranhar que se gostasse do futebol, reputando êsse jôgo bruto indigno de interessar a um homem de pensamento” (Amado In Pedrosa, 1968: 161). Foi assim com “João do Rio” que não se manifestou sobre os constantes deboches. Já o principal adversário literário de Barreto, “o caucásico Coelho Netto” (Barreto, 1997: 67-72), não se agüentava, prontamente respondendo as suas provocações.

Assim, se em uma observação mais ampla poder-se-ia acreditar que Barreto era completamente envolvido com a causa anti-futebol, conseqüentemente, explicitando em suas crônicas apenas um pensamento extremamente apaixonado; ao se reduzir a escala de análise nota-se exatamente o contrário: o engajado posicionamento de Barreto tinha na sua essência uma lógica que não estava presente nos escritos dos outros literatos que abordavam o assunto, principalmente aqueles que nutriam certa simpatia pelo futebol.

Barreto tinha certo controle sobre a presença do futebol na literatura. Ele conseguia manobrar a aparição do esporte na crônica, conduzindo outros literatos, sempre que achava conveniente, a debater o assunto com ele. A única exceção era “João do Rio” que, usando de uma certa malícia, sempre se isentava dos debates, simplesmente ignorando os desaforos que Barreto dirigia a sua pessoa. Provavelmente era o único a compreender que Lima acentuava

sua popularidade através do debate literário.

A retórica usada por Barreto para explicar os malefícios do futebol, sempre apresentando mais argumentos do que o discurso apaixonado dos aficionados pelo esporte, acabava sendo propositalmente embutido pelo costumeiro estilo de escrita usado pelo literário. Mesmo dentre admiradores do esporte, Barreto encontrava um público leitor regular. Mesmo contrários às suas críticas propositalmente exageradas, este público acabava lendo as crônicas do autor por curiosidade. Prova é que, visando provocar ainda mais este tipo de leitor, o cronista constantemente os mencionava nas suas crônicas. “Quando a fundamos [a *Liga Contra o Football*], eu fui alvejado com os mais soezes insultos e indelicadas referências. Ameaçaram-me com vigorosos polemistas, partidários de futebol e uma récuca de nomes desconhecidos cujo talento só é conhecido na tal Liga Metropolitana” (Barreto, 2001: 22).

Assim, o autor de *Triste Fim de Policarpo Quaresma* conseguia, até de modo inovador para sua época, ganhar popularidade através do esporte bretão e principalmente do debate que conseguia manter com autores que eram até mais conhecidos do que ele. Isto não significa que não tinha motivos pessoais contra tais literatos ou certa antipatia à importância aferida ao futebol, mas sim, que tais circunstâncias também acabaram se tornando convenientes.

Tanto é que quando o futebol já ganhara o status de atividade esportiva mais prática no Brasil, nos meados da década de 1910, Lima Barreto mantinha seu parecer através da promessa que iria transformar seu discurso literário em um movimento prático que tomaria medidas contra a prática do futebol. O desenrolar deste caso merece uma maior atenção.

## VIII

Sabendo que as suas críticas já não geravam tanta polêmica, o autor resolveu adotar

uma nova e eficiente estratégia. A novidade deu certo, fazendo com que um jornalista do *Rio Jornal* fosse procurá-lo para maiores esclarecimentos, logo que soube que havia se manifestado, só que agora de forma mais prática. Com a sinceridade típica das suas crônicas, Lima expôs a iniciativa que ele e mais alguns intelectuais iriam ter em relação ao esporte bretão: fundar uma liga exatamente contrária à sua prática. Mais tarde, a entrevista seria publicada na obra *Diário Íntimo*<sup>124</sup>.

O depoimento cedido ao *Rio Jornal* teve grande repercussão, suscitando, de forma rápida, veementes críticas da parte de outros literatos. O escritor Coelho Netto, por exemplo, rebateu publicamente a crítica ao futebol, escrevendo uma carta aberta que foi publicada em outro periódico carioca<sup>125</sup>.

A entrevista, não muito extensa, foi publicada no dia 13 de março de 1915 no referido Diário. A matéria foi destacada como um furo de reportagem, e novamente Lima havia chamado a atenção para si.

### Futebol

“A Liga contra o *football*.”

Lima Barreto, entrevistado pelo *Rio-Jornal* expõe os inconvenientes do *football*.

Um jogo de pés que concorre para a animosidade e a malquerença entre os filhos de uma mesma nação. A notícia de que Lima Barreto e alguns companheiros tratavam de fundar uma ‘Liga contra o *Football*’, levou-nos esta manhã à sua casa, para obter mais esclarecimentos sobre os destinos e fins da liga. Lima Barreto reside, há dezesseis anos, na pacata estação suburbana de Todos os Santos. A sua casa é modesta, porém clara e ampla, cercada de fruteiras e respirando sossego. A sua sala de trabalho, ao mesmo tempo dormitório, é também clara e ampla, tendo livros, móveis, quadros – tudo em ordem. A desorganização de Lima é para uso externo. Estava lendo os jornais matutinos, quando chegamos (Barreto, 1997: 67-72).

Há de se destacar alguns fatores relevantes sobre esta: 1) sendo o principal responsável pelo rumo da entrevista, não há como negar a parcela de influência do jornalista, como no tom desafiador em uma das perguntas: “— Você é capaz de provar que [as Ligas] receberam essas subvenções [do governo]?” (Barreto, 1997: 67-72). 2) Um tom adotado visivelmente

---

<sup>124</sup> Barreto, Lima. *Diário Íntimo - fragmentos*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

<sup>125</sup> Sobre este caso, de forma pormenorizada, ver: Pereira In Chalhoub & Pereira. *Op. Cit.* e Pereira. *Op. Cit.*

provocativo, possivelmente tentando extrair do entrevistado um depoimento o quanto mais polêmico: “— Não será exagerado, Barreto?” (Barreto, 1997: 67-72). E também um tom irônico: “— Você já sabe a técnica do football?” (Barreto, 1997: 67-72).

Sem negligenciar, portanto, a relevância do representante do *Rio Jornal* como participante secundário, tentar-se-á entender a necessidade de ir buscar em Lima Barreto a autoridade que referenciaria a formação do núcleo contra o futebol. Nesta época, já tinha publicado obras reconhecidas, como *Clara dos Anjos*, *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* e *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, portanto era uma figura pública.

Neste sentido, não se pode estranhar o grau de autoridade atribuído a Barreto: ora, somente a procura em sua própria residência tem um significado de que a notícia era um furo de reportagem, pois, sabe-se que o escritor era presença quase que diária no circuito literário carioca – redações de jornais pelas manhãs; confeitarias e grêmios a tarde; e bares, casas de jogos e bordéis a noite –, ou seja, se não houvesse a urgência de se obter a informação, poder-se-ia certamente encontrar o escritor circulando pela região central do Rio de Janeiro, em um prazo pequeno de tempo (Barreto, 2002). Mas a quem era direcionada esta matéria?

Muitos dos interpretes das obras de Lima Barreto consideraram-no a voz dos oprimidos, das classes mais subalternas e dos negros recém libertos (Barbosa, 2002). Entretanto, se o autor era o paladino dos excluídos não era aos mesmos que ele dirigia suas palavras. No Rio de Janeiro do início do século, como já afirmado, as pessoas letradas eram apenas uma pequena parcela da população. Além disso, levando-se em conta quem tinha a possibilidade de adquirir diariamente um periódico informativo ou mesmo uma obra literária, o número se reduzia ainda mais. Como Barreto basicamente usava este meio de comunicação para expressar suas idéias, seus leitores eram, em sua grande maioria, o mesmo grupo que duramente era o alvo das suas críticas: as elites republicanas.

Barreto tinha certa noção disso, tanto é que as características principais dos seus escritos eram a acidez e a ironia. Assim, torna-se paradoxalmente interessante saber que Barreto se dirigia, através das suas severas críticas, ao próprio público criticado. E o futebol tinha muita serventia, pois originado no seio de uma elite encantada pelos modismos europeus que, dentre outras coisas, mantinha até o vocabulário utilizado na Inglaterra, não tinha como escapar das sátiras e ironias de Barreto – como já relatado, em várias oportunidades, por exemplo, o autor, propositalmente, traduzia literalmente o termo, chamando o *football* de *bola-pé* (Chalhoub & Pereira, 1998: 196-231).

Nota-se que a fala de Lima Barreto, quando da entrevista sobre a “Liga Contra o Futebol” é impregnada de uma ideologia. Para ele, como anteriormente afirmado, principalmente por gerar divergências interestaduais e intercitadinas, o futebol era um enorme elemento desagregador da sociedade brasileira. Além desse aspecto, outro fator negativo era a questão da exclusão social. O autor remetia o esporte a um modismo europeu que, além de desviar a mocidade dos valores intelectuais, servia apenas como um símbolo diferenciador de classes, usado pelas elites republicanas. Como afirmado no texto: “Os grandes clubes daqui, aqueles que têm para cerimoniais o caucásico Coelho Neto, são portadores de uma pretensão absurda, de classe, de raça etc., você não pode negar isto!” (Barreto, 1997: 67-72). Porém, mais do que qualquer outro motivo, é notório o quanto a rápida modernização civilizadora que vivia o país, da qual o esporte era um dos principais elementos, incomodava o escritor.

Barreto – cético em relação às mudanças modernistas – tinha especial desdém ao Fluminense Football Club, a primeira associação a se tornar exclusivamente de futebol, pois, seus associados pertenciam a *high society* carioca e, sobretudo, porque Coelho Netto, naquela época já seu principal desafeto, era associado deste Clube. Assim, Coelho Netto também não escaparia dos cínicos comentários de Barreto: foi taxado de mestre de cerimônias e caucásico



– termo usado para designar o típico homem da raça branca. A posição de Coelho Netto era subalterna aos grã-finos do Fluminense, coisa que, segundo Barreto, não era digna de um *homem das letras*.

O Senhor Coelho Neto é o sujeito mais nefasto que tem aparecido no nosso meio intelectual. [...] O Senhor Neto quer fazer constar ao público brasileiro que literatura é escrever bonito, fazer brindes de sobremesa, para satisfação dos ricos. Seria longo e, talvez, fastidioso, alongar-me nestas considerações. Elas me foram provocadas pelo discurso que o Senhor Neto, da Academia de Letras, pronunciou por ocasião da inauguração de uma dependência de um clube de regatas ou coisa que valha, nas Laranjeiras. O Senhor Neto esqueceu-se da dignidade do seu nome, da grandeza de sua missão de homem de letras, para ir discursar em semelhante futilidade. Os literatos, os grandes, sempre souberam morrer de fome, mas não rebaixaram a sua arte para simples prazer dos ricos. Os que sabiam alguma coisa de letras e tal faziam, eram os histriões; e estes nunca se sentaram nas sociedades sábias... (Barreto, 2004A: 318-319)<sup>126</sup>.

Ressentimento que iria permanecer até a morte do autor, pois, em outra crônica, publicada três anos depois, Barreto ainda não esquecia do discurso de inauguração da piscina do Clube Fluminense, a sociedade das elites.

Não há dúvida alguma que o football é uma instituição benemerita [...]. [...] podíamos encher colunas e colunas desta revista, se tanto quiséssemos e para isso nos sobrasse paciência. Não é preciso. É bastante elucidativa a enumeração de alguns principais. Um deles, senão o principal, é ter trazido, para notoriedade das páginas jornalísticas e das festanças e rega-bofes dos Césares destas bandas, nomes de obscuros cavalheiros, doutores ou não, sequiosos de glória, que, sem ele, não teriam um destaque qualquer, fosse de que natureza fosse (Barreto, 2004B: 432)<sup>127</sup>.

Barreto usava alguns argumentos centrais na tentativa de desmoralizar os princípios de Coelho Netto. O primeiro era em relação à associação forçada que Coelho Netto fazia entre a prática esportiva moderna e as atividades greco/romanas. Como na seqüência de sarcásticas afirmativas: “O Senhor Coelho Netto, a quem muito admiro, já fez apologia desses Apolos, com a força de sua erudição em cousas gregas” (Barreto, 2004B: 29)<sup>128</sup>. “Estas crônicas, às

<sup>126</sup> Originalmente: Histrião ou literato?. *Revista Contemporânea*. 15/02/1918.

<sup>127</sup> Originalmente: Bendito *football*. *Careta*. 01/10/1921.

<sup>128</sup> Originalmente: Uma partida de *football*. *Careta*. 04/10/1919.

mais das vezes, me fazem sorrir. Elas são de uma ênfase, são escritas em tom tão altaneiro e homérico que a gente lastima que escritores tão épicos não procurem assunto na guerra de Tróia, na expedição dos Argonautas, na viagem de Vasco da Gama e proezas que tais” (Barreto, 2004B: 232)<sup>129</sup>.

[...] até Coelho Neto já exumou os gregos com o seu cânon de beleza, para justificar a retirada das grades. Esse negócio de gregos e de beleza é coisa muito engraçada. Sainte-Beuve já dizia que, de tempos, nós fazemos uma idéia da Grécia, a Coelho Neto tem, certamente, uma para uso próprio. Eu quisera saber se Neto tem a concepção da beleza dos mármores obesos ou das estatuetas de Tângara e se aplaudiria as vestes gregas, verdadeiras colchas de retalhos [...] (Barreto, 2004A: 133)<sup>130</sup>.

Quase nunca me incomodei com semelhante assunto atlético, mas vejo agora que tenho feito mal e aconselho que todos se interessem por ele. Diverte e ensina. Desprezando esse atletismo dominical, não vira eu como ele tendia para o progresso da Pátria, para o rejuvenescimento da nossa juventude que nasce velha, extirpando-lhe d’alma o pessimismo, a melancolia, as perturbações nervosas, fazendo-nos um poço escultural sadio e alegre, como eram os tais gregos que o Senhor Coelho Neto inventou (Barreto, 2004A: 426)<sup>131</sup>.

Também no tangente ao seu estilo literário que, para Barreto, não passava de uma retórica oca, sem sentido intelectual, social ou cultural algum. Desta forma, descaracterizando as virtudes artísticas de um “verdadeiro” literato.

Sem visão da nossa vida, sem simpatia por ela, sem vigor de estudos, sem um critério filosófico ou social seguro, o Senhor Neto transformou toda a arte de escrever em pura *chinoiserie* de estilo e fraseado.

Coelho Netto fossilizou-se na bodega do que ele chama estilo, música do período, imagens peregrinas e outras coisas que são o cortejo da arte de escrever, que são os seus meios de comunicação, de sedução, mas não são o fim próprio da literatura.

Os estudos do Senhor Coelho Neto sempre foram insuficientes; ele não viu que um literato, um romancista não pode ficar adstrito a esse aspecto aparente de sua arte; ele nunca teve a intuição de que era preciso ir mais além das antíteses e das comparações brilhantes. [...]

Ele nunca viu o encadeamento das idéias e dos sentimentos pelo tempo afora; ele nunca pôde perceber que nós hoje não podemos sentir como a Grécia e que os seus deuses nos são estranhos perfeitamente e quase incompreensíveis. [...]

A missão da literatura é fazer comunicar umas almas com as outras, é dar-lhes um mais perfeito entendimento entre elas, é liga-las mais fortemente, reforçando desse modo a solidariedade humana, tornando os homens mais capazes para conquista do planeta e se entenderam melhor, no único intuito de sua felicidade.

<sup>129</sup> Originalmente: Divertimento?. *Careta*. 04/12/1920.

<sup>130</sup> Originalmente: A derrubada. *Correio da Noite*. 31/12/1914.

<sup>131</sup> Originalmente: Um ofício da A.P.S.A. A. B. C. 28/12/1918.

Onde está isto no [sic] obra do Senhor Neto? Onde está isto nos seus cinqüenta e tantos volumes? Nos seus livros, não há nenhum laivo de simpatia pelos humildes, a não ser quando se trata dos ‘cablocos’ da nossa convenção literária. Toda a sua literatura, copiosa, vasta trabalhadora, paciente, é falha porque ele não soube amar e compreender todos. Desde menino, o Senhor Coelho Neto ficou deslumbrado por Botafogo e as suas relativas elegâncias. Longe de mim dizer que lá não há almas, sofrimentos, dores e angústias; mas aí mesmo ele não as soube ver (Barreto, 2004A: 318-319)<sup>132</sup>.

Mesmo os pronunciamentos de Coelho Netto eram vistos como um exemplo de frivolidade que só servia para denegrir a literatura nacional. Há de se observar que a mágoa e o ressentimento afloravam sem um controle. Barreto, sinceramente tinha um sentimento de rancor em relação à Coelho Netto.

A coisa, entretanto, não ficou nessa modéstia. Era uma festa de caráter militar, mas por isso mesmo degenerou em um torneio de retórica, a que não devia faltar o rei dos retóricos – o Senhor Coelho Neto. Atualmente, não lhe escapa ensejo que ele não deite o verbo. Não tinha nada com a festa, mas, sob pretexto de ser secretário da Liga da Defesa Nacional, perorou em antíteses, apostos, vocativos e outras ferramentas da velha poética (Barreto, 2004A: 71)<sup>133</sup>.

Assim, coaduna-se o depoimento de Barreto sobre o futebol com o seu contexto de vida – mulato de classe baixa, letrado à custa de um padrinho rico e cuja ascensão social se deu após muito esforço devido a sua descendência escrava (Miceli, 1977). E justifica-se o porquê de ser inadmissível para Barreto que existisse uma prática física no início da República que pregasse a exclusão social e principalmente o preconceito racial. E isto era uma máxima nos clubes da elite carioca como o Fluminense, o Flamengo e o Botafogo. Entretanto, há de se destacar que o escritor, mesmo sendo considerado naquela época um dos exponenciais da literatura brasileira e gozando de relativo prestígio em um círculo intelectual alternativo, tinha na criticidade presente em seus escritos um empecilho ao pleito de uma das cadeiras da *Academia Brasileira de Letras*. Assim, se o literato não tinha sofrido diretamente com a exclusão sócio-racial presente no futebol, é bem provável que na sua profissão, a de

---

<sup>132</sup> Originalmente: Histrião ou literato?. *Revista Contemporânea*. (15/02/1918).

<sup>133</sup> Originalmente: Um domingo de discursos. *A. B. C.* (15/11/1919).

escritor, ele já a tivesse percebido, sentindo-se então um excluído.

Na entrevista de fundação da “Liga contra o Football”, devido à forma como é esmiuçado o assunto, fica evidenciado o maior argumento de Lima Barreto em relação ao esporte inglês: a participação política e o desvio de recursos das obras sociais para as Federações e Ligas que organizavam o esporte.

Desta forma, se a princípio o depoimento de Barreto contra o futebol aparentava ser algo novo, totalmente inovador, em um plano mais amplo pode-se visualizá-lo como basicamente composto de um discurso *já-dito*, pois o engajamento literário a favor das classes menos favorecidas, principalmente em defesa dos negros escravos (e, posteriormente, dos seus descendentes), já estava presente desde os escritos de Castro Alves, passando por José do Patrocínio e Olavo Bilac, para somente daí chegar à época de Lima Barreto.

Pode-se, assim, afirmar que o literato conseguiu, quando entrevistado, trilhar o tênue limite entre o repetido e o inédito, pois mesmo abordando um assunto bastante comum (a desigualdade social brasileira), através do modismo recém surgido (o futebol) ele pôde passar ao leitor um sentimento de contemporaneidade. Prova disso foi a sua procura em caráter de urgência para maiores informações sobre a fundação da Liga. No campo hipotético, será que o *Rio Jornal* o procuraria em sua própria casa para mais um depoimento – entre tantos outros já escritos em suas crônicas – se o motivo da entrevista fosse diretamente o problema da desigualdade social no Brasil? Provavelmente não. Novamente a prova de que o controle efetivo sobre a crítica ao futebol, pelo menos na literatura brasileira, estava sob o relativo controle do polêmico literato.

Em última instância, nota-se nas palavras de Barreto a presença de um proposital *esquecimento*<sup>134</sup>: no ano de 1915, no Rio de Janeiro, o futebol já havia caído nos gostos

---

<sup>134</sup> É afirmado que “[...] a memória nacional também se constrói pelo esquecimento. Assim como é preciso estabelecer um conjunto de lembranças comuns, é necessário eleger certos acontecimentos que devem ser

populares, tornando-se o esporte mais popular na cidade. Existiam inúmeros campeonatos sendo disputados, criados por entidades regulamentadoras das mais diferentes estirpes: desde aquelas que organizavam os campeonatos da *Liga Metropolitana de Sports Atléticos*, que servia à fina-flor carioca; até Ligas de bairro, de operários, ou mesmo, de desocupados. Lima Barreto não apontou em sua fala a função do futebol enquanto “culto proletário de massa” (Hobsbawm, 1997: 296). Ao contrário, gostava de frisar que os esportistas eram elitistas, porém incivilizados (Barreto, 2004B: 516)<sup>135</sup>.

A entrevista de Barreto ao diário *Rio Jornal* serve também de contexto para algumas discussões presentes no início do XX. A mais explícita é sobre a medicina de índole higienista que, desde a introdução do esporte em terras brasileiras, discutia sua relevância como meio à saúde. Como afirmado anteriormente, alguns higienistas se posicionavam a favor da prática esportiva irrestrita, considerando-a, em qualquer instância, válida para prevenção de enfermidades; outros, mais moderados, afirmavam existir um segmento da população apto a praticar os esportes: aqueles bem alimentados e educados segundo os preceitos do *fair-play*; em última instância, existia um pequeno grupo que era radicalmente contra qualquer gênero de prática esportiva, alegando que o excessivo número de acidentes e lesões acabava tornando os esportes um inimigo da saúde da população.

Neste último segmento se encontrava o amigo de Lima Barreto, o médico Valverde. Acreditando que o médico era muito mais instituído para afirmar que o futebol prejudicava a saúde, Barreto, logo no início da entrevista, buscou apoio na ciência higienista afirmando que “Há cerca de um ano eu e o Valverde...” (Barreto, 1997: 67-72). Também em várias outras passagens da entrevista e em outras crônicas o literato se apoiou nas afirmativas médicas – e,

---

esquecidos, porque apontam não para a coesão e para os laços sociais, mas para a violência e o conflito que estão na origem de qualquer nação e de qualquer comunidade baseada em relações de poder e dominação (Silva”, 2006: 197).

<sup>135</sup> Originalmente: Como resposta. *Careta*. (08/04/1922).

conseqüentemente, no próprio Valverde – para justificar a fundação da Liga. Como, por exemplo, neste trecho publicado após o falecimento do referido médico. “O que me moveu, a mim e ao falecido doutor Mário Valverde, a fundar a liga foi o espetáculo de brutalidade, de absorção de todas atividades que o *football* vinha trazendo à quase totalidade dos espíritos nesta cidade” (Barreto, 2004B: 515).

Além disso, na entrevista havia indícios de que Valverde era um médico com autoridade respeitável. Trata-se de uma pergunta feita pelo próprio Barreto ao seu interlocutor e a resposta do jornalista: “— [...] Você não conhece o Valverde? — Conheço” (Barreto, 1997: 67-72). A resposta foi a esperada, o jornalista o conhecia, reiterando a importância do depoimento do médico para formação da Liga.

Existiu outro provável motivo para a polêmica, hipotetizada pelo próprio entrevistador: teria a manifestação de Barreto e Valverde alguma ligação... “— Com a decisão da congregação do Pedro II, proibindo o *football*?” (Barreto, 1997: 67-72). A princípio, o escritor negou que tivesse sofrido influência da proibição do esporte no colégio mais tradicional da capital da República, o Pedro II.

Mas, além de Valverde, Barreto tinha o apoio de outros intelectuais como Carlos Sussekind de Mendonça, e principalmente de alguns escritos de cunho filosófico que reiteravam sua posição contrária a prática esportiva. Por exemplo:

Eu sabia, entretanto, pela leitura de Jules Huret que o famoso match anual entre as universidades de Harvard e Yale, nos Estados Unidos, é uma verdadeira batalha, em que não faltam, no seqüito das duas *équipes*, médicos e ambulâncias, tendo havido, por vezes, mortos, e, sempre, feridos. Sabia, porém, por sua vez, o que é o ginásio da primeira verdadeiro sanatório de torturas físicas; que o jogo de lá é diferente do usado aqui, mais brutal, por exigir o temperamento já de si brutal do americano em divertimentos ainda mais brutais do que eles são. Mas nós?... (Barreto, 2004A: 372)<sup>136</sup>.

Uma delas em especial foi constantemente frisada, pois Barreto descobriu que o

---

<sup>136</sup> Originalmente: Sobre o *football*. *Brás Cubas*. 15/08/1918.

filósofo Herbert Spencer, usualmente citado por Coelho Netto, na verdade, era também um ferrenho crítico das atividades físicas.

O eminente Senhor Coelho Neto, há tempos, defendendo-o de ataques de ignorantes e bárbaros, citou Spencer sem felicidade; mas tal coisa não quer dizer nada, porquanto basta a opinião do notável homem de letras, para convencer toda a gente que o esporte bretão, como se diz nas seções esportivas dos jornais, merece os favores excepcionais que os governos lhe dão e ainda vão dar (Barreto, 2004B: 195)<sup>137</sup>.

Coelho Neto citou Spencer e eu, pela A Notícia, mostrei que, ao contrário, Spencer era inimigo do futebol. Dai em diante, tenho voltado ao assunto com todo o vigor que posso, porque estou convencido, como o meu amigo Sussekind, que o ‘sport’ é o ‘primado da ignorância e da imbecilidade’. E acrescento mais: da pretensão. É ler uma crônica esportiva para nos convenceremos disso. Os seus autores falam do assunto como se tratassem de saúde pública ou de instrução. Esquecem totalmente da insignificância dele. Um dia destes o Chefe de Polícia proibiu um encontro de ‘box’ [sic]; o cronista esportivo censurou asperamente essa autoridade que procedera tão sabiamente apresentou como único argumento que, em todo o mundo, se permitia tão horripilante coisa. Ora, bolas!

Certa vez, o governo não deu não sei que favor aos jogadores de futebol e um pequenote de um clube qualquer se saiu dos seus cuidados e veio pelos jornais dizer que o futebol tinha levado longe o nome do Brasil. ‘Risum teneatis’ [Expressão de Horácio na obra *A Arte Poética – número 5*, que significa denominar alguma coisa ou alguém de grosseiro ou ridículo]... (Barreto, 2001: 22).

Ou nesta outra crônica onde ele cria uma fábula sobre a Liga denominando o orador, obviamente alusão a Coelho Netto, de Francoso Hell Jacuecanga: “E começou invocando os manes da defunta e vagabundíssima Grécia; citou filósofos e educadores, omitindo cautelosamente o nome de Spencer, porque certamente, já tinha notícias de que existia um livro desse grande filósofo inglês em cujas páginas o jogo dos pontapés não é lá muito bem tratado” (Barreto, 2004B: 273)<sup>138</sup>.

A tal entrevista sobre a Liga de Lima Barreto repercutiu, insuflando uma série de posicionamentos a respeito do assunto – fossem eles a favor do literato ou radicalmente contra. Por exemplo, em uma crônica, publicada na obra *Marginália*, mas escrita originariamente no periódico *Careta* de 08/04/1922, Barreto contextualiza a situação do futebol naquele momento e tenta justificar o seu posicionamento quanto à fundação da Liga.

---

<sup>137</sup> Originalmente: Vantagens do *football*. *Careta*. 19/06/1920.

<sup>138</sup> Originalmente: Uma conferência esportiva. *Careta*. (01/01/1921).

Ficou evidenciada nesta crônica a dificuldade de enfrentar os vários defensores do futebol.

A Fundação da Liga, explicitada através da entrevista, aparentava ser uma forma de manifestação satírica: ao usar o termo *Liga* ele estava a ironizar as entidades tão necessárias a regulamentação do esporte e que, na década de 1910, se propagavam em uma velocidade acentuada. Entretanto, nesta segunda crônica, fica a nítida noção de que Barreto não imaginava a fundação apenas no plano simbólico – seu caráter engajado e até certo ponto revolucionário, inevitavelmente o impediram de ficar apenas no discurso.

Por último, pode ser notado no plano subjetivo o carregado ressentimento de Barreto em relação ao futebol, que pode ser melhor entendido na leitura panorâmica de um segmento de uma outra crônica.

Careta, 8.4.1922.

[...] O que me moveu, a mim e ao falecido Dr. Mário Valverde, a fundar a Liga foi o espetáculo de brutalidade, de absorção de todas atividades que o futebol vinha trazendo à quase totalidade dos espíritos nesta cidade.

Os jornais não falavam em outra coisa. Páginas e colunas deles eram ocupadas com histórias de "matches", de intrigas de sociedades, etc., etc. Nos bondes, nos cafés, nos trens não se discutia senão futebol. Nas famílias, em suas, conversas íntimas, só se tratava do jogo de pontapés. As moças eram conhecidas como sendo torcedoras de tal ou qual clube. Nas segundas-feiras, os jornais, no noticiário policial, traziam notícias de conflitos e rolos nos campos de tão estúpido jogo; mas, nas seções especiais, aafiavam a pena, procuravam epítetos e entoavam toscas odes aos vencedores dos desafios.

Não se tratava de outra coisa no Rio de Janeiro, e até a política do Conselho Municipal, desse nosso engraçado Conselho que teima em criar teatro nacional, como se ele fosse nacional, a fim de subvencionar regiamente graciosas atrizes – até isso era relegado para segundo plano, senão esquecido.

Comecei a observar e a tomar notas. Percebi logo existir um grande mal que a atividade mental de toda uma população de uma grande cidade fosse absorvida para assunto tão fútil e se absorvesse nele; percebi também que não concorria tal jogo para o desenvolvimento físico dos rapazes, porque verifiquei que, até numa sociedade, eram sempre os mesmos a jogar; escrevi também que eles cultivam preconceitos de toda a sorte; foi, então, que me insurji. Falando nisso a Valverde, ele me disse todos os inconvenientes de tal divertimento, feito sem regra, nem medida, em todas as estações e por todo e qualquer sujeito, fosse de que constituição fosse, tivesse as lesões que tivesse. Fundamos a Liga.

Ela não foi avante, não somente pelos motivos que o Dr. Mendonça escreve no seu livro, mas também porque nos faltava dinheiro (Barreto, 2001: 22).



## IX

É difícil precisar a repercussão das crônicas nas suas respectivas épocas. A utilização dos autores de acordo com a sua representatividade no presente pode confundir a interpretação do passado, falha bastante comum entre os pesquisadores da crônica esportiva que acabam supervalorizando determinado autor de acordo com atemporalidade dos seus temas e abordagens. Assim, na atualidade, sempre que se comenta sobre o clientelismo e os desmandos das instituições regimentais do esporte no Brasil, recorre-se aos textos de Lima Barreto. Quando se trata de valorizar o esporte à crônica leve de “João do Rio” ou ao estilo nacionalista de Olavo Bilac. Falha histórica evidente, pois os textos foram produzidos em um contexto específico, o início do período republicano brasileiro.

Lima Barreto, por exemplo, embora bastante conhecido na sua época, não tinha forte aceitação nem entre os leitores tampouco no campo literário, se comparado a Olavo Bilac, “João do Rio” ou Coelho Netto. Entretanto, hoje, é um dos autores mais em voga como sujeito de pesquisas acadêmicas devido ao seu caráter crítico e sua preocupação com os segmentos populacionais menos privilegiados, na qual o próprio estava incluído.

Por outro lado, Coelho Netto era um romancista popularíssimo no início do século XX, com os maiores índices de vendagem. O próprio Lima Barreto, ao escrever para um amigo editor comentava sobre a popularidade de Coelho Netto, afirmando que “[...] aqui, dentro do Brasil e da língua portuguesa, as minhas pretensões são mais razoáveis. Não quero acabar como Coelho Neto” (Barreto, 2002: 213). O estilo rebuscado, quase um barroco, coadunava-se perfeitamente às características sociais do seu tempo. Entretanto, tal estilo é considerado prolixo demais segundo o gosto do leitor contemporâneo. Como analisado por Antonio Candido e José Aderaldo Castello:

A linguagem se impõe de maneira absorvente. Se por um lado favorece a criação da atmosfera que envolve os mundos do romancista, por outro lado sacrifica o detalhe narrativo e sobretudo descritivo, em virtude da preocupação dominante do vocábulo raro, acumulado em demasia, alongando ou sobrecarregando a frase, tornando-a prolixa. Pode-se mesmo dizer, embora este romancista esteja filiado às tendências realistas de fins do século, que o seu maior compromisso é com a linguagem, presa à tradição de prosadores seiscentistas, donde o excessivo aportunamento do estilo (Candido & Castello, 2001: 359).

Assim, atualmente, as suas obras não são tão conhecidas e as reedições bem mais escassas do que, principalmente, as de Lima Barreto, Machado de Assis e “João do Rio” – por sinal, trio considerado pela crítica literária como responsável pela voz dos intelectuais de origem negra e pela sua *visão* sobre o Rio de Janeiro da Primeira República.

Mas a relação de força no meio literário brasileiro do início do século era equilibrada. Se Coelho Netto tinha uma forte popularidade e era o preferido da sua época, tendo o apoio de outros literatos de destaque como “João do Rio” e Afrânio Peixoto, além de ser um adepto do ativismo, realizando várias atividades intelectuais que angariavam mais admiradores aos esportes; Lima Barreto equilibrou a relação sendo mais direto, enfático e até repetitivo. Obstinação esta, confirmada pelo próprio autor: “[...] tenho voltado ao assunto com todo o vigor que posso, porque estou convencido, com o meu amigo Sussekind, que o *sport* é o ‘primado da ignorância e da imbecilidade’” (Barreto, 2004B: 516)<sup>139</sup>.

Mas o principal: como literato engajado, Barreto não poderia deixar de tomar medidas mais práticas em relação ao futebol, criando, então, a tal da associação que visava combatê-lo até a sua extinção (Barreto, 1997: 67-72), que, como foi observado anteriormente, tratava-se também, secundariamente, de uma estratégia de marketing pessoal usada por Lima sempre que este achava necessário elevar seu nome no meio jornalístico/literário brasileiro.

Como já constatado, os posicionamentos eram bastante divergentes. Por maior que fosse a tentativa de racionalização nos seus escritos literários, Coelho Netto na verdade era um completo envolvido com a prática futebolística, condição de fácil visualização já que

---

<sup>139</sup> Originalmente: Como resposta. *Careta*. 08/04/1922.

pertenceu à diretoria do Fluminense Football Club e todos os seus filhos eram ávidos praticantes das modalidades oferecidas pelo Clube (Coelho Netto (Paulo), 2002).

Neste sentido o futebol e Coelho Netto acabam servindo para divulgar as idéias de Barreto, pois se suas críticas severas fossem rebatidas, Lima ganhava notoriedade; caso não fossem, o leitor que acompanhava o debate poderia acreditar que os criticados não tinham argumentos suficientes para se defender. Coelho Netto e Gilberto Amado preferiram a primeira alternativa, já “João do Rio” foi o único a optar pela segunda opção, sempre se calando diante das provocações de Lima Barreto. Não importava, pois a tensão entre os literatos era favorável ao autor de *Os Bruzundangas*, pois ganhava notoriedade ou autoridade, dependendo exclusivamente da reação do seu interlocutor. A maioria desses literatos que eram seus desafetos, sobretudo por terem lhe negado uma cadeira na *Academia* – como Coelho Netto e “João do Rio” – eram admiradores do esporte bretão. Outrossim, foi praticamente uma consequência o fato de Barreto se posicionar contra a prática do futebol.

Trata-se, portanto, além logicamente do típico envolvimento em causas sociais do autor, de um traço da sua personalidade – da característica arredia de Barreto e de suas mágoas e ressentimentos pessoais. Mesmo sendo definido como “um literato engajado” (Sevcenko, 1999), Barreto, no tangente ao futebol, também era um polemizador, usando da controvérsia e de um artificial desvario como recurso de conteúdo literário.

Não é um demérito. Lutava Barreto contra os desmandos de uma sociedade elitista, sendo que, no caso específico do futebol, encontrava talvez uma das poucas oportunidades de criticar metaforicamente algo que ele considerava mais uma das principais mazelas destas elites: a formação de uma entidade que, a princípio, deveria articular a literatura nacional, entretanto tornara-se um grupo clientelista que agia de acordo com o interesse restrito. Nas palavras do próprio Barreto, “A Academia Brasileira começou com escritores, tendo estes, por

patronos, também escritores; e vai morrendo suavemente em cenáculo de diplomatas *chics*, de potentados do ‘silêncio de ouro’, de médicos afreguesados e juízes *tout à fait*’ (Barreto, 2004A: 270)<sup>140</sup>.

A discussão acerca das valências do futebol no meio literário brasileiro das primeiras décadas do XX estava enraizada em uma tensa relação de força (Ginzburg, 2002). A configuração literária se estabelecia através de uma identidade pautada na reprodução da dita civilidade europeia. Porém, as ligações interdependentes entre os literatos que compunham a configuração de longe poderiam ser consideradas polares:

Transformando-se no paladino do combate ao jogo de bola, Lima Barreto egeria como seu principal adversário justamente aquele que era, para os *sportmen*, o maior dos símbolos do esporte: o escritor Coelho Neto. [...] Para Lima Barreto, decididamente um clube de futebol não mereceria tanta atenção de um literato. Desqualificando o sentido de atuação do seu oponente, Lima acusa Coelho Neto de estar, em sua defesa do jogo, fazendo somente “brindes de sobremesa, para satisfação para os ricos”. [...] Dos comentários de Lima surge à imagem de um jogo brutal e sem sentido, muito diferente do grande elemento de regeneração social pintado pelos seus defensores. (Pereira, 2000: 216-219).

Por outro lado, tais relações de força ficam incompletas se pensadas somente na escala macro. Não se tratava somente da defensoria e acusação do esporte em franca popularização. Picuinhas, ressentimentos, sutis querelas, quase imperceptíveis na macro-dimensão, aquela que visualiza somente a vida pública e a produção artística do literato analisado. Assim, usando dos procedimentos da micro-história, especificamente aquela diretriz que sugere a redução da escala de análise, observou-se um outro cenário na configuração que formava a literatura brasileira no início do XX.

Boa parte da motivação dos literatos que escreveram crônicas sobre o futebol, no seu período introdutório no Brasil, delineava aspectos da sua personalidade. Barreto manifestava a angústia pelo vertiginoso processo de modernização e também a ira de não ser aceito pelo no meio literário, mesmo sendo um autor com boa vendagem e constantemente elogiado pela

---

<sup>140</sup> Originalmente: Mais Uma. A. B. C.. 31/03/1917.

crítica. Coelho Netto não ficava isento, pois, ao defender e se integrar ao movimento esportivo, estava pensando em uma prática que aprendeu a gostar devido à adoração dos seus filhos pela mesma. Paulo Barreto, o popular “João do Rio”, mesmo com seu tom descompromissado, via no futebol a beleza estética de uma juventude com novos valores – a maioria visto positivamente se comparado aos antigos hábitos predominantes no país. E Gilberto Amado, que se definia como um simplório torcedor, apenas se defendeu de uma possível crítica de Lima Barreto, sem grandes preocupações em justificar a importância do futebol para a sociedade brasileira.

O esporte era um símbolo de modernidade e estava coadunado ao seu próprio tempo. Logo, era um dos melhores pretextos para um debate intelectual, já que era um dos elementos mais atrativos para os leitores que diariamente adquiriam os periódicos brasileiros. Sendo assim, mesmo explicitada publicamente a querela sobre a validade do esporte bretão através das crônicas e em menor escala outros gêneros literários, estava consumada a sua popularização em praticamente todos os cantos do país (Murray, 2000). Em apenas duas décadas, em se tratando de práticas físicas, nenhuma outra atividade havia obtido tamanha adesão em toda história brasileira (Bellos, 2003). De prática desconhecida, restrita somente a algumas comunidades étnicas e a poucos jovens pertencentes às elites, a esporte de maior adesão tanto na prática quanto na assistência, o futebol galgava reconhecimento a passos largos (Hamilton, 2001).

Os literatos foram parte significativa deste vertiginoso crescimento, porém, não pode ser atribuída somente a eles tamanha responsabilidade. Sem dúvida, os cronistas daquela época eram os maiores formadores de opinião, detentores, portanto de um forte poder simbólico, já que eram os destaques do principal meio de comunicação: o periódico (jornais e revistas). Todavia, além de estarem inseridos em um círculo de influências – formavam a

opinião do leitor, mas também eram influenciados pelos gostos dos mesmos – eram, sem dúvida, indivíduos notórios, mas ainda indivíduos, cada um com as suas próprias preferências, aspirações, simpatias e antipatias, tolerâncias à mudança ou teimosias, enfim, eram homens.

Por mais grato que seja à minha vaidade o alto juízo em que tem esse prezado amigo [provavelmente Lima Barreto] o meu espírito, manda-me a verdade confessar que nesse ponto sou absolutamente ‘common place’: Gosto do futebol como qualquer torcedor vulgar. E para consolo desse pecado (se de consolo necessitasse a esse propósito quem já tem da fraqueza ingenuidade humanas, principalmente da própria, noção tão vasta e precisa) eu lembraria sujeitos antigos e modernos, tidos por homens de pensamento, mas de pensamento de verdade, que abundantemente se deliciaram e se deliciam na contemplação e até na prática de esportes muito mais estúpidos do que o futebol (Amado In Pedrosa, 1968: 161).

Como afirma Chalhoub e Pereira (1998) não se trata de “desnudar o rei”, mas sim, de abandonar um hábito típico do analista literário: a supervalorização da vida pública do literato. Lima Barreto era um indivíduo com marcas substanciais na sua vida privada. Das dificuldades da infância aos constantes internamentos em clínicas psiquiátricas, passando pelo forte preconceito racial. Sua história de vida acentuou uma personalidade taciturna, até certo ponto marcada por uma característica sensível, a reincidência. Como neste trecho irônico, publicado em uma crônica quase ao findar da sua vida:

Outro ministério que devia ser criado era o de ‘Football e outros esportes’. Agora com ‘exposição’ nós estamos vendo como ele se faz necessário. A comemoração do ‘Centenário’, a bem dizer tem sido totalmente esportiva; mas há, nos torneios e partidas, não sei que difusão de esforços, impropriedades que estão a exigir um aparelho centralizador que tudo consiga (Barreto, 2004B: 570)<sup>141</sup>.

## X

Desta forma, entende-se a sociogênese do futebol no Brasil como um processo configurativo, no qual o vínculo com a literatura – um campo, sujeito às influências

---

<sup>141</sup> Originalmente: Novos Ministérios. *Careta*. 14/10/1922.

extrínsecas e intrínsecas (Candido, 2000) – em muito contribuiu para o desenvolvimento e estruturação de ambos. Esta proximidade pode ser melhor definida, e conseqüentemente analisada, entendendo a dinâmica que une determinadas configurações de acordo com suas necessidades, ou seja, como e porque ocorre, aquela representação de poder que é definida por ELIAS (1980), como “teias de interdependência”.

Reduzida à escala de análise, observa-se que estas *teias* eram múltiplas, vinculando de uma forma ou outra todo o círculo literário do início do século, portanto pode-se considerar pelo viés elisiano que a crônica estabelece um tipo de jogo definido como “jogo de dois níveis do tipo oligárquico” (Elias, 1980). A maior parte destas relações se dava no plano *micro*, sendo que apenas uma delas de forma declarada e explícita – ou seja, “jogo entre duas pessoas” (Elias, 1980): o confronto literário entre Coelho Netto, membro conceituado da *Academia Brasileira de Letras*, defendendo fervorosamente por motivos pessoais (morava ao lado da sede do Fluminense Football Club e seus filhos eram atletas desta agremiação) a iniciativa dos jovens praticantes do esporte; e Lima Barreto – o já renomado autor de três romances, mulato originário de camadas sociais mais baixas, porém não reconhecido pela *Academia* (Bosi, 1994: 316-324) – que retaliava a prática acreditando que os modismos de origem européia serviam somente às camadas brasileiras mais abastadas.

Coelho Netto pode ser definido, segundo a teoria formulada por Elias & Scotson (2000), por ser um membro influente na *Academia Brasileira de Letras* e também pertencer às elites cariocas (os ávidos praticantes do *football*), como um *estabelecido*; já Lima Barreto, devido as suas origens humildes e a falta de reconhecimento acadêmico, considerava-se um *outsider* – pertencente, portanto, àquele segmento da população excluído das práticas realizadas pelas elites e, principalmente da *Academia* que, a seu ver, era voltada aos interesses restritos de um pequeno segmento elitista/conservador. Neste sentido, apropriando-se da

formulação de Pierre Bourdieu pode-se acreditar que os adversários ocupavam “espaços sociais”<sup>142</sup> opostos no campo literário.

O exemplo referencia uma condição presente na prática futebolística desde os seus primórdios no Brasil: os mecanismos de exclusão, principalmente no tangente à condição social dos praticantes e freqüentadores dos clubes, campos e estádios; as diversas formas de preconceito presentes nas primeiras décadas do XX; e a questão de gênero – ainda pouco analisada. A crônica, neste sentido, torna-se base para compreensão da própria mentalidade dos literatos ou, como explicado por CANDIDO (2000), os “fatores internos” – aquela junção entre texto e contexto, espécie de identidade única de cada autor.

Além disso, as crônicas demonstram a condição de relevância e validade que o futebol tinha no seio da sociedade brasileira, mesmo que em diferentes épocas. Justifica-se então o fato de Lima Barreto, conjuntamente com outras personalidades nacionais – na sua maioria médicos, artistas e políticos – fundarem uma “Liga” contra o futebol, pois, através desta instituição, poderiam levar o público leitor a refletir sobre a tentativa de modernizar e civilizar o país.

O autor, um literato engajado em causas sociais, pode ser considerado o grande responsável pelo debate ocorrido no meio acadêmico/literário acerca da presença dos esportes na sociedade brasileira, enfaticamente o futebol. Inúmeras provas (Ginzburg, 2002) apontaram para Barreto como o protagonista da querela manifestada na literatura nacional: a imensa quantidade de crônicas criticando a prática futebolística (se comparada à produção dos literatos simpatizantes dos esportes, sua produção é maior do que a soma de todos os seus

---

<sup>142</sup> Reforçando a importância que a Sociologia deve atribuir à construção de visões de mundo (inclusive da participação da própria Sociologia neste processo), Bourdieu esclarece que “[...] dado que nós construímos o espaço social, sabemos que esses pontos de vista são, como a própria palavra diz, visões tomadas a partir de um ponto, isto é, a partir de uma terminada posição no espaço social. E sabemos também que haverá pontos de vista diferentes, e mesmo antagônicos, já que os pontos de vista dependem do ponto a partir do qual são tomados, já que a visão que cada agente tem do espaço depende de sua posição no espaço (Bourdieu, 2004: 157).



desafetos); a estratégia de inserir nas suas crônicas sobre os esportes críticas aos seus defensores, principalmente pessoas renomadas na sociedade brasileira, suscitando, propositalmente, respostas que eram ríspidas em relação a sua pessoa, mas, por outro lado, tornavam-no cada vez mais conhecido do público leitor; e, por último, a ressurreição do debate, no início da década de 1920, exatamente no momento em que este já aparentava estar esgotado (definitivamente a favor dos adeptos da prática), através da estratégica criação de uma “Liga” contrária às atividades esportivas.

Barreto, então, pode ser considerado um exemplo semelhante ao que Pierre Bourdieu observou a respeito de outro artista:

[...] um homem praticamente só pode produzir imensos efeitos quebrando o jogo, destruindo a regra, frequentemente pelo escândalo, instrumento da ação simbólica por excelência; ou pelo menos, que nós não estamos condenados a escolher entre a ação coletiva, a manifestação de massa ou a entrada em um partido e a apatia individual, a demissão e resignação (Bourdieu & Haacke, 1995: 83).

Paradoxalmente, a sua relevância no processo de instituição do futebol no Brasil é visualizada, não através de uma prova, mas sim, de um indício (Ginzburg, 1989): após a morte de Lima Barreto, em novembro de 1922, o debate foi encerrado. Barreto era o último homem da resistência. A derrota dos contrários a prática futebolística era consumada com a queda do seu artífice.

#### 4. O SURGIMENTO DA CRÔNICA ESPORTIVA ESPECIALIZADA: ESTÉTICA LITERÁRIA E A METÁFORA DA “PÁTRIA EM CHUTEIRAS”

*Somos um povo de tão pouco amor, e com tal destino suicida, que na primeira esquina tratamos de esquecer o herói que nos restava. De 1966 para cá, Garrincha foi mais irrelevante, mais secundário, mais apagado do que cachorro atropelado.*

(Nelson Rodrigues, 90 Minutos de Sabedoria, p. 48).

##### I

Após o conturbado período que durou da sua introdução no Brasil até a década de 1920, os periódicos passaram a destinar um espaço cada vez maior às notícias sobre Os esportes – de algumas pequenas notas em canto de página, publicadas esporadicamente a várias páginas diariamente (Toledo, 2002: 159-194). A análise técnica e tática e a descrição do evento passam a ser mais minuciosas, pois o público também apresentava um conhecimento maior sobre o tema, exigindo informações mais específicas e precisas (Toledo, 2000). Além disso, os próprios recursos técnicos dos jornais e revistas foram se desenvolvendo, possibilitando a inserção de imagens, estatísticas e súmulas, entrevistas realizadas logo após os jogos, tiragens maiores e com um alcance territorial mais amplo, entre outras mudanças devido à modernidade tecnológica.

A presença esporádica do futebol nas crônicas sociais passa, então, a ceder espaço à crônica especializada<sup>143</sup>. Representada por aqueles literatos que iriam abordar nas suas crônicas exclusivamente a temática esporte (praticamente restrita ao futebol), sendo considerados, portanto, pelos leitores interessados no assunto, escritores doutos em relação ao

---

<sup>143</sup> Embora até a atualidade cronistas políticos e sociais ainda escrevam sobre o futebol constantemente, como Paulo Mendes Campos (falecido em 1991), Rubem Braga (falecido em 1990), Arnaldo Jabor, Carlos Heitor Cony e Luis Fernando Verissimo.

novo fenômeno de massa nacional – pois este esporte tinha crescentemente uma maior participação do público aficionado.

Não é somente a crônica que passa a ter autonomia, surgem também nesta época os primeiros diários especializados em esportes<sup>144</sup>. Sendo um dos primeiros, o *Jornal dos Sports*, que seria adquirido na década de 1940 por Mário Rodrigues Filho, um dos primeiros cronistas esportivos respaldado pelo meio literário brasileiro (Ramadan In Costa et. al., 1999: 273-275). Estes periódicos, como será visto adiante, seriam o canal introdutório para que os cronistas esportivos se tornassem verdadeiras celebridades, tanto no meio futebolístico quanto no artístico/literário. E também uma referência na utilização da demanda/consumo relacionada ao futebol, fator pouco contemplado pelos periódicos do início do século. Como analisa Wanderley Marchi Jr, apropriando-se da teoria de Pierre Bourdieu, “[...] o espaço dos esportes não é um universo fechado em sim mesmo, mas sim inserido em um sistema de práticas e consumos, constituídos por eles próprios” (Marchi Jr In Proni & Lucena, 2002: 95).

Além disso, tais cronistas esportivos não se restringiram ao gênero crônica. Escreveram também romances, contos, ensaios de cunho sociológico, memórias e reminiscências, peças teatrais, poesias – algumas vezes, inclusive, usando o futebol como tema principal – além de inserções constantes em outros meios de comunicação, como as revistas semanais de grande circulação, o rádio e a televisão (ainda nos seus primórdios), condição que iria contribuir ainda mais para o aumento da popularidade de tais *experts* em esportes.

---

<sup>144</sup> Já nos primeiros anos do século XX começaram a ser publicadas revistas técnicas sobre esportes, principalmente sobre o remo e o turfe. Entretanto, tais publicações não eram diárias (geralmente quinzenais ou mensais) e duravam pouco tempo, pois não existia ainda um público consumidor/leitor suficiente para sustentar a sua manutenção. Maiores detalhes ver: Melo, Victor. *Cidade Sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará / Faperj, 2001.

Quatro fatores foram substanciais para que tais literatos ganhassem notoriedade no Brasil, tornando seus ideais e concepções modelos incorporados pelo público: 1) o crescimento substancial dos meios de comunicação no Brasil, principalmente o jornal, o rádio e a televisão, tornado os literatos mais conhecidos devido à extensa difusão e o maior alcance; 2) o aumento populacional urbano e também do índice de alfabetizados; 3) a impressionante adesão ao futebol dos segmentos populacionais menos abastados; 4) um contexto sócio-político favorável à criação de símbolos de identidade nacional, no qual o futebol passa a ser um dos elementos integradores mais utilizados na exacerbação do conceito de patriotismo. Tais fatores irão permear toda a análise presente neste capítulo.

## II

Neste capítulo será abordada a obra de quatro cronistas, a saber: Mario Filho, José Lins do Rego, Nelson Rodrigues e Armando Nogueira. Também será analisada a produção de Gilberto Freyre a respeito do futebol, pois, mesmo não sendo este um típico cronista esportivo, suas teorias interpretativas a respeito do mesmo (Franzini, 2000; Hollanda, 2004), manifestas em vários dos seus ensaios de cunho sociológico (Chiappini & Bresciani, 2002), foram a maior referência dentre os literatos selecionados.

Como no bloco histórico anterior, a delimitação de autores ocorreu pensando como o campo literário se estabelecia no Brasil, isto é, a repercussão e o reconhecimento individual de cada literato, seu círculo de convívio intelectual, o grau de autoridade que lhe era aferido pela sociedade da época e, sobretudo, o alcance dos seus textos – a forma como criavam e representavam o futebol e a adesão populacional em relação às teorias implícitas à suas respectivas produções literárias.

Vários outros já eram reconhecidos no cenário nacional, principalmente alguns paulistas, como Thomaz Mazzoni, De Vaney e Paulo Várzea (Federação Paulista de Futebol, 1954), e gaúchos, como o jovem Aldyr Garcia Schlee. Entretanto, tais escritores produziram de forma menos integrada e sem uma concepção de identidade nacional e simbolismos relacionados ao futebol tão acentuados quanto à produção literária do quarteto de cronistas estabelecidos no Rio de Janeiro selecionados para análise. Tão grande é a importância de tais literatos que notória foram suas contribuições na consolidação de um ideal que até a atualidade vincula o selecionado de futebol brasileiro a categorias como nacionalidade, identidade, progresso e retrocesso, raça e, principalmente, pátria (Toledo, 2000).

Mario Rodrigues Filho é considerado por vários pesquisadores do esporte como o artífice do surgimento da crônica esportiva moderna (Helal, Soares & Lovisolo, 2001). Porém outros consideram que há um exagero em tal afirmação (Silva, 2006: 32-36). Concordam tais vertentes que Mario Filho foi um dos primeiros literatos a ganhar espaço escrevendo sobre futebol nas capas dos grandes jornais brasileiros; e que também foi o primeiro a prosperar editando um diário exclusivamente direcionado aos esportes; além de escrever vários livros sobre futebol<sup>145</sup>, livros estes que, até a atualidade, geram uma intensa polêmica no meio acadêmico a respeito do seu enquadramento – seria uma obra histórica, uma tese sociológica ou um romance? Como demonstrado nos exemplos a seguir: “Para finalizar a primeira parte deste trabalho, vale a pena citar Mario Filho, sem dúvida, o maior conhecedor do futebol brasileiro dessa época [tratava-se da década de 20]” (Caldas, 1991: 46).

---

<sup>145</sup> Rodrigues Filho, Mário. *O Negro no Futebol Brasileiro*, 2a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.  
\_\_\_\_\_. *Viagem em Torno de Pelé*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1963.  
\_\_\_\_\_. *Copa Rio Branco*, 32. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1947.  
\_\_\_\_\_. *Copa do Mundo de 62*. Rio de Janeiro: s/ed., 1962.  
\_\_\_\_\_. *Histórias do Flamengo*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1945.  
\_\_\_\_\_. *Romance do Football*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1949.

A trajetória do negro no futebol tal qual contada por Mário Filho assemelha-se com a saga clássica do herói [...], pois fala de segregação em um momento (alguma coisa que lhe foi usurpada), resistência em outro (superação de obstáculos aparentemente intransponíveis) e vitória e conquista mais adiante (concessão de dádivas aos semelhantes). Esta é uma história que gostamos de ouvir sobre nós mesmos (Helal In Helal, Soares & Lovisolo, 2001: 68).

Mário Filho não escreveu história em sentido clássico, mas utilizou sua criatividade de prosador para escrever crônicas romanceadas sobre o futebol brasileiro. Construiu uma espécie de crônica-romance que é um épico do negro no futebol brasileiro, no qual os fatos são lidos, remontados e reescritos como tramas raciais que auxiliam a construir a identidade nacional (Soares In Helal, Soares & Lovisolo, 2001: 16).

[A obra de Mario Filho] coloca em jogo uma série de questões fundamentais para a análise do texto, tais como a fragilidade da oposição entre história e ficção, a impossibilidade da objetividade absoluta em qualquer narrativa e as diferentes maneiras de acessar e reconstruir o passado. Como as classificações propostas por Mario Filho e de seus comentaristas me parecem incapazes de dar conta da complexidade do livro, proponho que ele não seja lido como romance ou “crônica romanceada” e nem mesmo com ensaio ou relato historiográfico, mas sim como um texto memorialístico (Silva, 2006: 187-1888).

Mesmo não sendo pacífica a categorização das obras literárias de Mario Filho, sabe-se que o jornalista e escritor engajou-se na estruturação do esporte no Brasil. Foi, por exemplo, a partir do periódico de propriedade de Mario que outros literatos também puderam ganhar notoriedade. O já celebrado José Lins do Rego, autor que havia escrito a reconhecida obra *O Menino do Engenho*<sup>146</sup>, uma das principais referências bibliográficas do movimento regionalista (Castello, 1961), admirador incondicional do futebol, torcedor engajado e envolvido com as cores do Clube de Regatas Flamengo, foi um dos primeiros a aceitar o convite de Mario Filho para ser cronista do *Jornal dos Sports* (Castro In Rego, 2002: 11-23). As crônicas, regularmente publicadas durante as décadas de 1940 e o início da de 50, em muito contribuíram para o aumento da popularidade do escritor que, posteriormente, acabaria exercendo cargos diretivos tanto no Flamengo quanto no próprio selecionado brasileiro (Castro In Rego, 2002: 11-23).

“Zé Lins” – como era afetivamente chamado por Mario Filho – era um nome que no início serviu para respaldar o jornal esportivo, pois já era um literato reconhecido

---

<sup>146</sup> Rego, José Lins do. *Menino do Engenho*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

nacionalmente. Porém, o autor de *Cangaceiros* não era o único destaque do periódico de Mario Filho. Um de seus irmãos mais novos tornara-se famoso (amado por vários e odiado por outros tantos). Seu nome era Nelson Rodrigues, jovem que, iniciando sua carreira no meio jornalístico desde cedo, iria se tornar um dos escritores e teatrólogos de maior reconhecimento nacional. Produzindo um considerável volume de contos, romances e, principalmente, peças teatrais, além de filmes e novelas<sup>147</sup>, Nelson passou também a ser a referência interpretativa do fenômeno futebol no Brasil – até mais do que o próprio Mario Filho, seu irmão mais velho (Castro, 1992). Polêmico, controverso, dentre os quatro literatos objeto de estudo deste capítulo, foi, como será mostrado em detalhes, o maior reforçador de um modelo literário impregnado de conceitos como o de raça, de pátria e de identidade nacional a partir do uso do futebol como metáfora da nação (Antunes, 2004).

Mesmo freqüentando este círculo literário, Armando Nogueira era bem jovem, mais até do que Nelson Rodrigues<sup>148</sup>. Após a morte José Lins e Mario Filho, Armando passou a ser um constante interlocutor de Nelson via suas crônicas e um programa televisivo, ora em concordância ora em acirrado debate, ambos tinham uma sólida amizade, consolidada a partir de dois pontos em comum: a literatura e o futebol. Armando pouco publicou – e ainda publica – sobre assuntos gerais, porque se tornou um especialista em esportes. Mesmo assim, foi um dos primeiros cronistas a alargar mais o campo de abrangência dos seus textos: é um conhecedor de olimpismo, tênis, basquete, vôlei, automobilismo, natação, atletismo (Nogueira, 1998; 2000)<sup>149</sup>, entre outros, sem abandonar o futebol (Nogueira, 1988; 1998; 2003; Nogueira, Soares & Muylaert, 1994) que foi sempre a modalidade predominante nos seus escritos. Também desenvolveu um estilo próprio de escrever, costumando mesclar a

---

<sup>147</sup> Uma relação completa consta na biografia do autor escrita por Castro (1992).

<sup>148</sup> Mario Filho nasceu em 1908 e faleceu em 1966; José Lins do Rego nasceu em 1901 e morreu em 1957; Nelson Rodrigues nasceu em 1912 e morreu em 1980; Armando Nogueira nasceu em 1927.

<sup>149</sup> Como, por exemplo, a crônica *João do Pulo: assalto triplo*.

crônica jornalística com algo próximo à prosa poética. Como é longo, se adaptou bem ao rádio e posteriormente à televisão, sendo considerado ainda hoje um dos maiores conhecedores do futebol brasileiro (Ramadan, 1997).

Evidentemente, outros literatos, editores e até mesmo diretores, técnicos e atletas também participaram em alguns momentos da formação deste campo intelectual/esportivo oriundo de um espaço geográfico bem definido: a cidade do Rio de Janeiro, especificamente a redação do *Jornal dos Sports*, algumas livrarias e editoras e, logicamente, o estádio do Maracanã<sup>150</sup> e outros estádios cariocas secundariamente.

O objetivo central deste capítulo é desvendar a origem do ideário que influenciou tais escritores e como eram as relações de força entre os próprios literatos. E, secundariamente, como se sucedeu a relação deles com outros intelectuais ligados ao esporte; como foi o processo de difusão das idéias que tiveram um alto grau de aderência na sociedade brasileira; e, por último, como o meio acadêmico tem analisado a produção intelectual de tais escritores. Inicia-se, então, pela concepção de um ideário que iria respaldar a forma como tais literatos conceberiam o futebol. Trata-se das impressões de Gilberto Freyre acerca do esporte.

#### **4.1 O Ideal da Integração Racial e o Futebol na Obra de um Ensaísta**

### **I**

A produção de Gilberto Freyre é vastíssima. São dezenas de livros e prefácios, centenas de ensaios, artigos e matérias em jornais. Portanto, não se tem a (ousada) finalidade de debater a teoria geral freyreana, mas sim, explicitar a tese central da obra de Freyre, visando primordialmente compreender como o futebol era concebido pelo autor, para que,

---

<sup>150</sup> Em homenagem póstuma, oficialmente batizado de Estádio Municipal Mario Rodrigues Filho, em reconhecimento a efetiva participação do redator e escritor na defensoria da construção do referido estádio. Ver: Moura, Gisella de Araújo. *O Rio Corre Para o Maracanã*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.



posteriormente, possa ser entendido como os cronistas que foram influenciados por Freyre interpretaram sua teoria, fazendo a transposição à prática futebolística.

Gilberto Freyre nasceu em Recife em 1900, portanto tinha uma idade próxima à de José Lins do Rego e era apenas alguns anos mais velho que Mario Filho e Nelson Rodrigues. Filho de professor, Gilberto foi estimulado desde cedo a estudar – aprendendo latim e inglês ainda menino. Após concluir seus estudos básicos em Recife, foi para os Estados Unidos onde estudou Ciências Políticas e Sociais. Em Columbia (NY) teve aulas com Giddings e Alfred Zimmerman e com o renomado antropólogo Franz Boas (Freyre, 1999: xi).

Em 1933 Freyre publicou seu livro mais conhecido, *Casa-Grande & Senzala*. A obra apresentava um forte caráter ensaístico, pois, apesar de ser fruto de uma criteriosa pesquisa de fontes e de uma consistente bibliografia, era notória a preocupação do autor com a estética literária – diferindo bastante da escrita científica/acadêmica –, além do tom memorialista, que partia das próprias reminiscência do autor (Freyre, 1999: xi-xii).

O mais significativo é que a obra apresentava uma tese sociológica inédita, contrariando as teorias eugenistas pregadas por alguns intelectuais da região sudeste como Oliveira Vianna e Sílvio Romero, fortemente influenciados por teóricos europeus<sup>151</sup> predominantes na época (Schwarcz, 2002). Grosso modo, explicitava Freyre que o Brasil era o exemplo ideal em se tratando de raça, porque no país houve uma completa (e relativamente pacífica) integração racial<sup>152</sup>, iniciada com o sistema patriarcal típico do espaço rural brasileiro do século XVIII.

Nas casas-grandes foi até hoje [década de 1930] onde melhor se exprimiu o caráter brasileiro: a nossa continuidade social. No estudo da sua história íntima despreza-se tudo o que a história política e militar

---

<sup>151</sup> O inglês Francis Galton, sobrinho de Charles Darwin, foi o elaborador da teoria eugênica. Na América do Sul uma das principais referências intelectuais foi o argentino José Ingenieros.

<sup>152</sup> Fenômeno compreendido de forma diferente por Sérgio Buarque de Holanda, que via na “pacificidade” e “cordialidade” do brasileiro, uma forma de apatia, ou seja, um fator culturalmente negativo (Holanda, 1995).

nos oferece de empolgante por uma quase rotina de vida: mas dentro dessa rotina é que melhor se sente o caráter de um povo. Estudando a vida doméstica dos antepassados sentimo-nos aos poucos nos completar: é outro meio de procurar-se o “tempo perdido”. Outro meio de nos sentirmos nos outros – nos que viveram antes de nós; e em cuja vida se antecipou a nossa. É um passado que se estuda tocando em nervos; um passado que emenda com a vida de cada um; uma aventura de sensibilidade, não apenas um esforço de pesquisa pelos arquivos (Freire, 1999: lxxv).

Assim, para o ensaísta, os três componentes raciais da sociedade colonial – o português, o índio e o negro – no convívio dentro do espaço rural da casa-grande e senzala, estabeleceram formas próprias de sociabilização. Da benevolência e organização dos lusos, na forte sexualidade e submissão do negro e na amistosidade e ingenuidade do índio, emergiria o “verdadeiro” indivíduo brasileiro: o mestiço. E, através deste, a principal característica formadora da identidade nacional: o *mulatismo* – o jogo de cintura, a malandragem, a impulsividade e o afeto.

O macro-modelo sociológico formulado por Freyre era polêmico, assim, evidentemente, suscitou (e ainda suscita) muitas críticas – embora, ressalte-se que todas as suas obras, principalmente *Casa-Grande & Senzala*, logo após o seu lançamento, foram muito bem recebidas pelos críticos literários de todo o Brasil (Maranhão, 2004. Disponível em [www.efdeportes.com](http://www.efdeportes.com). Acessado em 04/03/2005).

O maior debate foi (e é) acerca do valor acadêmico, sobretudo, histórico e sociológico das suas obras. O autor de *Casa-Grande & Senzala* estabeleceu uma narrativa romanceada, com pouquíssimas citações diretas e, principalmente, cheia de juízos de valor (vários críticos afirmaram que Freyre falava de dentro da própria *casa-grande*). Com certeza, pouco se adequando ao modelo historiográfico predominante no Brasil nas primeiras décadas do século (Malerba, 1996). Por outro lado, esse tom de ensaio, que iria se tornar cada vez mais comum nas próximas décadas, não invalidou a sua condição de obra pertencente ao campo acadêmico (Veloso e Madeira, 2000: 148-161). A discussão se estabeleceu exatamente porque Freyre, propositalmente, rompeu com o rigor da escrita acadêmica, trilhando o caminho tênue entre a

literatura (ficção) e a Sociologia e História. Sua obra, portanto, é gênero de *fronteira*: tratando-se na maioria de ensaios de cunho sociológico. Prova é esta interessante análise comparativa entre a obra de Freyre e a de Sérgio Buarque de Holanda.

[...] poderíamos dizer que Sérgio Buarque de Holanda faz, em sua obra, uma história sem dúvida “diferente” para o seu tempo. Uma história social, na qual é o cultural a janela de entrada, que tece e retece formas de ser, sensibilidades, visões de mundo, mentalidades.

[...] Desde *Casa Grande & Senzala*, publicada em 1936, Freyre havia estabelecido uma espécie de marco quanto à interpretação do Brasil ao positivar a herança mestiça que maculava a identidade nacional. Por outro lado, como se afirma no prefácio de *Interpretação do Brasil*, em 1947, Freyre não só viera a “ampliar a história na sociologia, como também a sensibilizar mais humanamente a sociologia ao contato direto e constante da história”.

Um sociólogo que se faz historiador, um historiador que se faz sociólogo, ambos a discutir a cultura do Brasil. Fronteiras que se franqueiam, a abrirem a possibilidade do diálogo das duas histórias sobre o nacional (Pesavento In Chiappini E Bresciani, 2002: 32-33).

Mas mesmo definida e aceita como ensaio de cunho sociológico, a teoria de Freyre também sofreu severas críticas quanto ao conteúdo e a formulação de idéias. A mais evidente era que a teoria explicativa freyreana tinha uma delimitação espacial bastante definida: a região do sertão nordestino, sendo assim, não poderia ser generalizada a todo Brasil (Bresciani In Chiappini e Bresciani, 2002: 48).

Além disso, outra questão pouco evidenciada na produção de Freyre – até porque não foi tão acentuada na região nordeste – foi a imigração. Do meado do século XIX até as primeiras décadas do XX, vários grupos de imigrantes se estabeleceram no Brasil (Oliveira, 2001), mas Freyre mencionou pouco estas comunidades étnicas, estabelecidas principalmente na região sul e sudeste, reforçando, então, as críticas de que seu modelo explicativo só era referência para compreensão sociológica da região nordeste – “Não se podem ignorar as críticas feitas a Gilberto Freyre, sendo a mais comum a que diz respeito ao seu narcisismo, em perpétua identificação com seus próprios antepassados, além de um certo ufanismo idealizador do Brasil como uma sociedade harmoniosa” (Veloso e Madeira, 1999: 157).

Mesmo em se tratando da região nordeste, Freyre foi acusado de ignorar um fenômeno muito importante, predominante desde o final do século XIX até o século XX: o vertiginoso processo de urbanização – fenômeno este que ocorria tanto no âmbito nacional (Pesavento, 2002; Oliveira, 2002), quanto mundial (Sennett, 1994; Sevcenko, 2001). Crítica aceita por Freyre e atenuada a partir da publicação do segundo livro da trilogia, *Sobrados & Mocambos*, publicado em 1936, obra que ampliava (inclusive temporalmente) a sua tese central, a do ideal da integração racial no Brasil, mudando o foco de análise do espaço rural para o espaço urbano e o recorte temporal para o século XIX. A última obra da trilogia foi *Ordem e Progresso*, publicada somente em 1959, onde Freyre tentava associar a transição da sociedade patriarcal para o sistema de trabalho livre (Veloso e Madeira, 1999: 146). Mesmo tentando preencher esta lacuna, Freyre, por outro lado, não conseguiu se desvincular do espaço delimitado, à região nordeste, já que os sobrados e mocambos eram as moradias típicas das cidades nordestinas.

Ressalta-se, sobretudo, que, mesmo constantemente geradora de polêmica e criticada, a teoria de Gilberto Freyre deve ser supervalorizada como difusora de um modelo interpretativo, desta forma, sendo o cerne de um ideal amplamente aceito, ideal este que contribuiu para a construção de uma identidade nacional – “De qualquer modo, como herdeiro de uma tradição elitista que buscava na miscigenação a identidade do homem e da nação brasileiros, Freyre foi um dos principais construtores do imaginário coletivo que legitimou e preservou uma modernização conservadora, fundada em um passado patriarcal e escravocrata” (Ribeiro, 2003: 6).

No caso do presente trabalho sobre a crônica, o interesse maior é compreender como as idéias de Freyre foram assimiladas e depois difundidas usando como referência empírica o futebol. Segue-se, então, a sugestão dada por duas pesquisadoras da obra de Freyre:

Um último ponto refere-se a certas críticas endereçadas a Gilberto Freyre, especialmente aquelas que o consideram conservador por ter proposto uma visão de continuidade da sociedade brasileira, representada pela família patriarcal que mantém a capacidade de deter mudanças mais estruturais. Devemos proceder a uma leitura crítica e contemporânea da obra de Gilberto Freyre e buscar um afastamento dos preconceitos recorrentes. A atitude mais adequada, diante de uma obra clássica como essa, é problematizar, reconstruir e desconstruir os percursos teóricos e empíricos ali presentes (Velooso e Madeira, 1999: 160).

Seguindo a prerrogativa dada, não se trata aqui, então, de uma supervalorização do objeto (futebol) ou do autor (Freyre), mas sim, de explicitar a importância que o ensaísta tinha enquanto fomentador no campo intelectual e artístico brasileiro, capaz de auxiliar na reorientação da funcionalidade do futebol, adequando-o a representação de nacionalidade vigente na sua época. Portanto, entendem-se os escritos de Freyre, mais do que qualquer outra coisa, como um relevante capítulo da história. Ou seja, um conjunto de ricas e complexas fontes históricas, “pronto” para ser analisado.

Como será visto a seguir, o futebol, gradativamente, passa a ser um dos elementos empíricos fundamentais para comprovação da teoria freyreana da integração racial no Brasil e, conseqüentemente, para a criação de uma identidade brasileira pautada na malandragem e no “jogo de cintura”. Se pensado o conjunto da obra, o futebol foi pouco abordado por Freyre, entretanto sua teoria foi bem aceita no meio literário/intelectual, principalmente entre os escritores de origem nordestina que trabalhavam diretamente com o esporte. E estes, por sua vez, tornaram-se difusores destas idéias manifestadas nas obras de Gilberto Freyre.

## II

Se as obras clássicas de Gilberto Freyre têm sido amplamente discutidas no meio acadêmico, devido a sua polêmica posição interpretativa em se tratando do povo brasileiro, a escassa presença do futebol nestes escritos não foge a regra: sujeita, por conseguinte, a multiplicidade de análises de acordo com as concepções histórico-sociológicas estabelecidas

em contextos históricos diferentes – desde as severas críticas dos marxistas nos anos 80, que consideravam o futebol objeto de alienação, até a forma como vem sendo utilizada como fonte primária por pesquisadores da área de Humanas, o debate mais atual (Helal, Soares & Lovisolo, 2001).

Se a complexidade das obras de Gilberto Freyre permite que seus leitores – acadêmicos ou não – interpretem-nas de forma acentuadamente diferente, questiona-se: como Gilberto Freyre concebia o futebol e manifestava nos seus escritos? Qual a sua proximidade com o esporte? Conseqüentemente, como, neste caso, pensar a relação entre texto, contexto e leitura (Candido, 2000)?

Algumas dessas questões fundamentais para o entendimento da crônica futebolística, podem ser respondidas a partir da análise dos escritos do próprio Freyre, outras, entretanto, serão contempladas ao longo deste capítulo, quando as crônicas de José Lins do Rego, Mario Filho, Nelson Rodrigues e Armando Nogueira forem analisadas pormenorizadamente. Parte-se, então, para a primeira e mais direta delas: avaliar qual era a função do futebol na teoria de Gilberto Freyre. Para logo em seguida se diagnosticar como este posicionamento vem sendo entendido por alguns pesquisadores do futebol.

Primeiramente, vale novamente acentuar que o futebol está presente de forma sutil – para não se usar, prudentemente, o termo secundário – se pensado o conjunto das obras de Gilberto Freyre. São breves ensaios, rápidos comentários em livros<sup>153</sup>, crônicas publicadas em jornais<sup>154</sup>, entrevistas<sup>155</sup> e prefácios, como o da obra *O Negro no Futebol Brasileiro*<sup>156</sup> que,

---

<sup>153</sup> Ver: Freyre, Gilberto. *Interpretação do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.

\_\_\_\_\_. *Sociologia*. 4a ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.

\_\_\_\_\_. *Sobrados e Mocambos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.

<sup>154</sup> A maioria das crônicas foi escrita no *Diário de Pernambuco*.

<sup>155</sup> Também em diários locais e, posteriormente, em algumas revistas de circulação nacional.

<sup>156</sup> “O negro no futebol brasileiro” In: Rodrigues Filho, Mário. *O Negro no Futebol Brasileiro*, 2a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

mesmo usado como referência historiográfica<sup>157</sup>, não ultrapassa o limite de quatro páginas. Assim, grosso modo, se a produção de Freyre acerca do futebol fosse pensada quantitativamente, poderia ser considerada irrelevante já que este produziu mais de setenta obras literárias.

Aparentemente, de forma paradoxal, são raríssimas as menções à única obra de Freyre escrita especificamente sobre o futebol: *Enfoque Sociológico do Futebol*, publicada em 1945. Entretanto, menções a este livro só foram encontradas em alguns endereços eletrônicos (URL), inclusive o da própria Biblioteca Virtual Gilberto Freyre (<http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/>), vinculada a Fundação Gilberto Freyre. Contudo, nenhum destes sites citava a referência bibliográfica completa. Desta forma, sua existência só pode ficar no plano especulativo<sup>158</sup>.

Estes excertos, embora diminutos, merecem atenção, pois vão servir de base para a concepção que outros segmentos populacionais (inclusive os cronistas) teriam em relação ao futebol. Tornando-se, neste sentido, mais do que um macro-modelo explicativo, uma fonte histórica carregada de simbolismos e – por que não? – ideologias. E, como fonte, evidencia-se um metafórico diálogo com os tais escritos freyreanos na busca de indícios que comprovem que Freyre teve papel indireto, porém incisivo, no estabelecimento de uma identidade nacional, entre as décadas de 1940-70, na qual o futebol, ao lado do carnaval e da capoeira, era elemento primordial. Como é explicitado diretamente pelo ensaísta... “O desenvolvimento do futebol, não num esporte igual aos outros, mas numa verdadeira instituição brasileira, tornou possível a sublimação de vários daqueles elementos irracionais de nossa formação

---

<sup>157</sup> Ver a crítica de Soares, Antonio. “O Racismo no Futebol do Rio de Janeiro nos anos 20: uma história de identidade”. In: Helal, Ronaldo; Soares, Antonio & Lovisolo, Hugo. *A invenção do país do futebol – mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

<sup>158</sup> A obra foi procurada sem sucesso na Biblioteca Pública do Paraná, Biblioteca da UFPR, Biblioteca do Museu Nacional, Biblioteca Nacional, Biblioteca Pública de Pernambuco, além de outras menos expressivas e alguns dos maiores sebos nacionais.

social e de cultura. A capoeiragem e o samba, por exemplo, estão presentes de tal forma no estilo brasileiro de jogar futebol [...]” (Freyre In Rodrigues Filho, 2003: 25).

E para que esta identidade pudesse ser composta era necessário que Freyre contrapusesse o modelo que considerava genuinamente nacional ao do “outro”. Desta forma, vai buscar no europeu, especificamente no futebol praticado pelo inglês, ao mesmo tempo, o cerne da prática esportiva no Brasil e o contraponto ao estilo brasileiro de jogar futebol.

A grande explicação é que o brasileiro recebeu o jogo inglês chamado “foot-ball” e toda terminologia em língua inglesa. Depois é que o brasileiro abrigou. Mas o brasileiro não abrigou somente a terminologia. O brasileiro recriou o futebol, e recriando o futebol, aproximou esse jogo – que para os ingleses era um jogo hirto, reto – de uma dança. O futebol brasileiro é realmente uma dança, com grande influência do samba. Você vê sua beleza, pois é um jogo que exercita muito a capacidade improvisadora do jogador. Vários especialistas, que às vezes têm tomado conta do futebol brasileiro e querem fazê-lo voltar a ser um jogo europeu, criticam seu estilo. Pra mim é uma virtude. O brasileiro adaptou o futebol à sua própria vocação para a dança, para o baile, para a agilidade nos pés e nas pernas (Gilberto Freyre, 1983. Disponível em <http://www2.uol.com.br/JC/2000/1004/es1004x.htm>. Acessado em 06/02/2003).

Assim, décadas depois de escrever seus primeiros pareceres sobre o futebol, Freyre ainda reiterava a sua tese de que, metaforicamente, o *football* de origem inglesa, inserido no Brasil no início do século XX, severamente regrado – ou segundo o viés elisiano, elemento com uma carga altamente civilizatória – havia rapidamente se adaptado à cultura brasileira se transformado no *futebol*, aquele amalgama de atividade competitiva pós-revolução industrial com o típico samba e capoeira brasileiros.

Neste sentido, Freyre lança duas categorias da antropologia cultural, *apolíneo* e *dionisíaco*, categorias polares, para explicar as transformações do futebol brasileiro. As categorias não eram originais, Gilberto Freyre tinha se pautado no sistema estruturalista da antropóloga americana Ruth Benedict. Remetendo o estilo de jogar rígido inglês à categoria apolínea, enquanto o jogo gingado brasileiro, conseqüentemente, à dionisíaca.



Acontece agora com o futebol inglês que, como frisei numa tentativa de interpretação da alma brasileira, quando jogado por brasileiros, e especialmente por brasileiros de origem negra africana, como Pelé e outros rapazes de cor, é mais uma dança onde o dançarino se sente livre de variar, só ou em conjuntos de dois ou três jogadores, os passos convencionais, e não já o jogo sistemático, uniforme dos nórdicos. Ou, se utilizarmos a terminologia antropológica de Ruth Benedict, tornou-se um jogo dionisíaco e não apolíneo, como era a sua forma original ou ortodoxa europeia. Tornou-se brasileiro e por aí tropical. Não devíamos esquecer, neste contexto, que os primeiros missionários católicos no Brasil adaptaram alguns jogos dos ameríndios, incluindo o uso de bolas de borracha (Freyre, 1967. Disponível em [http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/opusculos/homem\\_cultura\\_tempo.htm](http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/opusculos/homem_cultura_tempo.htm). Acessado em 06/05/2004).

Estas categorias, usadas inicialmente no prefácio de *O Negro no Futebol Brasileiro*, iriam permear todos os textos e depoimentos de Gilberto Freyre sobre o futebol até a década de 1980. Ou seja, o escritor iria se manter fiel ao modelo explicativo pautado na teoria de Ruth Benedict até o final da sua vida.

O mesmo pode-se dizer do que se tornou um modo caracteristicamente brasileiro de jogar futebol: um modo influenciado pelo ânimo dionisíaco, dançarino, festivo de afronegro que, no Brasil, pode-se dizer ter contrariado o ânimo apolíneo britânico. É como uma espécie de bailarino da bola que o brasileiro vem criando um futebol já universalmente famoso. E nacionalmente brasileiro (Gilberto Freyre, 1980. Disponível em [http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/artigos\\_imprensa](http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/artigos_imprensa). Acessado em 06/05/2004).

Comumente, Gilberto Freyre usava como exemplo deste estilo de jogo *apolíneo/dionisíaco* algum atleta. Foi assim no prefácio da obra de Mario Filho, onde as referências foram Domingos da Guia – que foi comparado a Machado de Assis no seu estilo “quase” inglês – como o exemplo de *apolíneo*, embora no transcorrer da comparação Freyre tenha visto no atleta “uma impassibilidade que talvez acuse sugestões ou influências ameríndias sobre sua personalidade ou sua formação” (Freyre In Rodrigues Filho, 2003: 25); e também Leônidas, o *dionisíaco*: “A dança dançada baianamente por um Leônidas” [...] (Freyre In Rodrigues Filho, 2003: 25). Em outra circunstância, era atribuindo a um técnico a condição de *apolíneo*: “[é um erro o desejo de] um Brasil de todo lógico, racional, cientificista nos seus modos de ser religioso, político, artístico, culinário. E, até, no seu futebol: o erro, a

meu ver, do aliás, sob vários aspectos – o de disciplinador, por exemplo – admirável capitão Cláudio Coutinho” (Freyre, 1978. Disponível em [http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/artigos\\_imprensa](http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/artigos_imprensa). Acessado em 06/05/2004). Na utilização de tais categorias, Freyre chegou até a fazer associações mais ousadas, como pode ser notado, por exemplo, neste trecho onde cita Sérgio Buarque de Holanda, associando em um único parágrafo, a teoria do autor de *Raízes do Brasil*, o futebol e as tais categorias antropológicas – sem a menor preocupação com a temporalidade de objetos tão distintos (prova do acentuado grau ensaístico que seus textos apresentavam).

Informa-se na parte da História da Civilização Brasileira, coordenada por Mestre Sergio Buarque de Holanda, dedicada à ocupação holandesa do Brasil, terem as guerrilhas pré-brasileiras que expulsaram o invasor, se distinguindo pela espontaneidade, destreza, agilidade. De onde o comentário que, nesses característicos, teria se verificado antecipação ao estilo coreograficamente dionisíaco, em vez de britanicamente apolíneo, do brasileiro jogar futebol. Isto segundo observação a que dei, eu próprio, há anos, cunho sociológico ou antropocultural: observação com que coincide o reparo feito por Waldo Frank de ter o futebol brasileiro alguma coisa de samba, dança afrobrasileira. Não teriam esses característicos de valor esportivo de um homem já brasileiro se antecipado nas guerrilhas do século 17 contra o invasor nórdico? (Freyre, 1980. Disponível em [http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/artigos\\_imprensa/](http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/artigos_imprensa/). Acessado em 06/05/2004).

Mas Freyre, para bem definir o que era um *dionisíaco*, usava como exemplo um atleta com especial predileção, Garrincha, contribuindo para o surgimento de um imaginário acerca do jogador: Garrincha seria a incorporação viva do personagem *Macunaíma* de Mario de Andrade – o anti-herói mestiço brasileiro que galgava espaço social através da malícia, ginga e malandragem.<sup>159</sup>

Quem eu creio que foi um grande acrobata, o que é até um paradoxo, já que ele era quase aleijado, foi Garrincha. Você vê que Garrincha tinha momentos em que dançava mais do que Pelé. E dançava com as pernas tortas. Ele tinha lances de bailarino, eu acho que ainda não houve uma justa avaliação de Garrincha. Acho que é preciso, que haja uma grande história do futebol brasileiro, escrita por alguém que saiba escrever literariamente, que entenda o jogo e que se informe sobre fatos históricos, sobretudo, sobre essa transição. Um jogo que começou elitista. Os rapazes ricos que iam à Europa trouxeram a

---

<sup>159</sup> Este esteriótipo foi desmistificado na biografia do atleta. Ver: Castro, Ruy. *Estrela Solitária: um brasileiro chamado Garrincha*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

novidade e só sabiam jogar imitando os ingleses, estes elitistas. Daí, o jogo numa transição magnífica que honra o Brasil, passa a ser um jogo quase contrário ao jogo originalmente inglês. Passa a ser um jogo de grande mobilidade. O jogo inglês é quase parado, paradoxalmente. Vive tantas combinações, que é um jogo de cooperação. Quase não admite a competição, enquanto o futebol brasileiro é competitivo e é aberto, permitindo improvisações. Com essa transformação, o vitorioso, o grande vencedor foi o Brasil, foi o povo brasileiro. É um jogo popular. Tudo está bem contido no caráter, no temperamento, nas vocações do brasileiro (Gilberto Freyre, 1983. Disponível em <http://www2.uol.com.br/JC/2000/1004/es1004x.htm>. Acessado em 06/02/2003).

A tese freyreana da transformação cultural do futebol, negava que a velocidade do esporte se acentuou a partir da técnica do passe criada pelos escoceses, pois os ingleses nos primórdios usavam somente o drible para chegar à meta adversária (Murray, 2000). Além disso, manifestava determinado “esquecimento” (Orlandi, 2001): um ano antes, a Itália havia se sagrado campeã mundial com uma atuação *dionisíaca* do artilheiro Paolo Rossi; sem contar os jogadores que ganharam notoriedade exatamente apresentando o mesmo estilo de jogo, como Puskas, Cruyff, Beckenbauer e Maradona, entre vários outros.

Assim, décadas após a publicação dos seus primeiros escritos sobre o futebol, Freyre mantinha o mesmo posicionamento inicial, destacando que... “[...] a presença do negro do futebol brasileiro é qualquer coisa de notável. Você vê que várias modalidades de talento foram lideradas por brasileiros de origem negra. Ficou tudo abafado por Pelé, mas antes de Pelé houve vários jogadores realmente notáveis” (Gilberto Freyre, 1983. Disponível em <http://www2.uol.com.br/JC/2000/1004/es1004x.htm>. Acessado em 06/02/2003).

Na Copa da Espanha, em 1982, um ano antes, a seleção brasileira tinha sido muito celebrada (Saldanha, 2002). Havia jogadores negros como Luizinho, Paulo Isidoro, Serginho, mas o destaque era o meio campo composto por Cerezo, Falcão, Zico e Sócrates – todos jogadores brancos. Prova de que Gilberto Freyre pensava atemporalmente ao explicitar sua tese centrada ainda na figura de Pelé.

No mesmo depoimento de 1983, quando questionado sobre a obra *O Negro no Futebol Brasileiro* de Mário Filho, Freyre argumentou:

É, eu quis muito que ele [Mário Filho] escrevesse essa história. Eu lhe disse, eu escrevo o prefácio – como realmente escrevi –, vai ser um livro, eu estou certo disso, um livro-bomba mesmo. Mas precisava ser bem escrito, literariamente bem escrito, com fatos que não fossem contestados, porque na história de qualquer esporte há sempre dúvida sobre quem foi o maior nesse ou naquele jogo. Tem que ser apurada e não movida pelo entusiasmo de qualquer um por um herói. É um livro que deve fazer parte de uma grande história do futebol brasileiro (Freyre, 1983. Disponível em <http://www2.uol.com.br/JC/2000/1004/es1004x.htm>. Acessado em 06/02/2003).

Reforça-se a hipótese de que o sociólogo mantinha o pensamento centrado atemporalmente, no período no qual sua teoria a respeito do futebol foi formulada – as décadas entre 1940 a 1960. Dois outros detalhes sobre este depoimento de Freyre são importantes: 1) a obra *O Negro no Futebol Brasileiro* foi escrita após um pedido de Freyre a Mário Filho que, de forma indireta, admitia a falta de conhecimento empírico do objeto. 2) Estranhamente, a obra é caracterizada como histórica. Assim, Freyre reforçava a concepção pouco ortodoxa para época do que era a História e a Sociologia.<sup>160</sup>

Partindo-se, então, desta prévia análise, pode-se deduzir que o futebol para Freyre não passou por um processo de reformulação em um período superior a 30 anos. O que definitivamente não condiz com os apontamentos de vários estudiosos sobre o assunto.<sup>161</sup> Fica também evidente que a utilização do futebol como elemento reforçador da tese da integração racial no Brasil se deu em um caráter de urgência, explicitado através da solicitação de Freyre a Mario Filho. A incidência sobre o tema futebol estava ligada diretamente à demonstração empírica do dito *mulatismo* (também chamado pelo autor de *brasilidade*) – conceito tão valorizado nos escritos freyreanos.

No prefácio de *O Negro no Futebol Brasileiro* Freyre apresenta mais subsídios para o entendimento da sua formulação teórica acerca do futebol:

---

<sup>160</sup> Ver novamente: Soares, Antonio. *Op. Cit.* In Helal, Ronaldo; Soares, Antonio; Lovisollo, Hugo. *Op. Cit.*

<sup>161</sup> Basta ver as mudanças econômicas apontadas por Proni, Marcelo. *A Metamorfose do Futebol*. Campinas: Unicamp, 2000.

O futebol teria numa sociedade como a brasileira, em grande parte formada de elementos primitivos em sua cultura, uma importância toda especial que só agora vai sendo estudada sob critério sociológico ou para-psicológico. E era natural que tomasse aqui o caráter particularmente brasileiro que tomou. Pois tornou-se o meio de expressão, moral e socialmente aprovado pela nossa gente – pelo Governo, pela Igreja, pela Opinião Pública, pelo Belo Sexo, pela Imprensa – de energias psíquicas e de impulsos irracionais que sem o desenvolvimento do futebol – ou de algum equivalente de futebol – na verdadeira instituição nacional que é hoje, entre nós, teriam provavelmente assumido formas de expressão violentamente contrárias à moralidade dominante em nosso meio. O cangaceirismo teria provavelmente evoluído para um gangsterismo urbano, com São Paulo degradada numa sub-Chicago de Al Capones Ítalo-Brasileiros. A capoeiragem, livre de Sampaio Ferraz, teria, provavelmente voltado a enfrentar a polícia das cidades sob forma de conflitos mais sérios que os antigos entre valentes dos morros e guardas-civis das avenidas, agora asfaltadas. O samba teria se conservado tão particularmente primitivo, africano, irracional que suas modernas estilizações seriam desconhecidas, com prejuízo para a nossa cultura e para o seu vigor híbrido. A malandragem também teria se conservado inteiramente um mal ou uma inconveniência (Freyre In Rodrigues Filho, 2003: 24-25).

O futebol era para Freyre, mesmo com as suas características já abraçadeiras, um dos elementos responsáveis pelo autocontrole social e pelo refinamento de determinadas condutas culturais como o cangaço, a capoeiragem, o samba e as danças – levando-se em conta, obviamente, a utilização da hipérbole por parte do autor.

Em outro texto é complementado por Freyre:

Dizem os sociólogos que os jogos – ou os estilos de jogos – podem ser classificados, de maneira geral, como "individualistas" (os dos gregos atenienses, por exemplo), "cooperativistas" (os britânicos ou anglo-saxônicos) e "militarista" (os prussianos, os nazistas, os fascistas). De modo que, se os brasileiros, no seu modo de jogar futebol, tendem a ser antes individualistas que cooperativistas, estão em boa companhia: estão com os gregos. [...] Com a gente mais civilizada, mais polida, mais estética que jamais existiu. É certo que para efeitos práticos de vitórias nos torneios internacionais de hoje, caracterizada por uma nítida predominância de padrões anglo-saxônicos [...] Que significa ser um jogo predominantemente individualista no seu estilo? Pura anarquia? O inteiro sacrifício do grupo aos caprichos dos indivíduos? De certo que não. Significa constante interação entre o esforço coletivo do grupo e as façanhas, as iniciativas, os próprios improvisos de indivíduos que, assim agindo, destacam-se como heróis, exibem-se, como bailarinos-mestres, acrescentam-se à rotina do jogo, não só em benefício próprio como em benefício do grupo. É o que fazem no futebol os Leônidas que assim procedendo, procedem sob o impacto da herança africana de cultura que tende a fazer dos jogos, danças e até bailados; mas sem deixarem de agir dentro uma tradição desportiva marcada em suas origens pelo paradigma grego-ateniense. Aquele que o indivíduo não se dissolve de todo no grupo, mas conserva certas e essenciais liberdades de expressão heróica e de exibição dramática. Sendo assim, não temos os brasileiros de que nos envergonhar, quando se diz do nosso estilo de jogar futebol que dá demasiada expressão às façanhas dos heróis ou bailarinos individuais. Do que precisamos é de conciliar esse individualismo com a disciplina, sem a qual o esforço de um grupo se degrada, afinal, em histeria anárquica (Freyre, 1955. Disponível em [www.fgf.org.br](http://www.fgf.org.br). Acessado em 08/02/2003).

A citação longa assegura o entendimento geral do pensamento freyreano. Este evidencia de forma estrutural as categorias de práticas esportivas – individualista, militarista e

cooperativista. Destacando que o estilo brasileiro é o individualista, ao final do texto tenta articular as duas categorias – individual e coletivo – tentando não evidenciar que ambas seriam opostas.

Compreendido como Freyre concebia o futebol dentro da sua proposta teórica, passe-se, então, a diagnosticar quais foram às leituras e interpretações da sua obra e os reflexos dela na crônica esportiva e no meio acadêmico.

### III

Freyre evidenciou em suas obras, sem dúvida, a presença do mestiço (o mulato) como justificativa/solução para a sociedade brasileira. A leitura que vários intelectuais<sup>162</sup> e, posteriormente, pesquisadores fizeram (e ainda fazem) sobre os escritos de Freyre relativos ao futebol, é semelhante a que se faz das teorias explícitas nas suas obras mais clássicas: a de que o autor estava projetando sobre uma suposta integração das raças e etnias presentes no Brasil a alternativa para prosperidade e estabelecimento do país no cenário internacional<sup>163</sup>. Para isso, a inserção do mulato na sociedade, conquistando espaço e inserindo elementos da cultura escrava seria o indício da formação do novo modelo de Brasil – seguindo aquela linha temporal contínua (iniciada no longínquo período colonial), por sinal, formulação que custou caro ao autor de *Sobrados & Mocambos* (Veloso e Madeira, 1999: 155).

A história do futebol, deste modo, pode ser considerada uma metáfora do modelo explicativo linear de Freyre, assim como o espaço rural da casa-grande e o urbano do sobrado: uma idéia central imposta pelo avançado colonizador – no caso do futebol, o inglês (analogia ao patriarca) –, assimilada pelas demais raças, o negro e o indígena, ganhando daí

---

<sup>162</sup> Considera-se aqui como principais seguidores das idéias freyreanas José Lins do Rego e o próprio Mario Filho.

<sup>163</sup> Ver, por exemplo: Gomes, Ivan. *Deus no Céu e o Negro na Terra: a visão de Gilberto Freyre sobre o futebol brasileiro*. Disponível em <http://www.cchla.ufpb.br/caos/02-gomes.html>. Acessado em 08/02/2003.

características próprias (a ginga e a malandragem), para, finalmente, tornar-se, a partir deste hibridismo, mais um símbolo que representava o sucesso nacional. Por sinal, desfecho perpétuo, pois, concluído o ciclo de integração e ascensão do mestiço no futebol brasileiro, é negado pela teoria freyreana qualquer tipo de tensão, crise ou questionamento sobre os jogadores brasileiros e seu estilo próprio – *dionisíaco* – de jogar futebol.

Outros pesquisadores das Ciências Sociais, como Luiz Carlos Ribeiro<sup>164</sup>, Antonio Jorge Soares<sup>165</sup>, Fábio Franzini<sup>166</sup> e Ricardo Lucena<sup>167</sup>, contudo, acentuam que a afirmativa anterior – a de que houve através do futebol uma integração inter-racial, pautada principalmente na incorporação de elementos da cultura negra, portuguesa e indígena, e que este fenômeno ocorreu de forma contínua, praticamente pacífica e espontânea a partir da década de 1930, chegando a um apogeu “utópico” no final da década de 1950 e início dos 60 – é uma interpretação simplista, para não se dizer equivocada, do referencial teórico freyreano.

A análise de tais pesquisadores do esporte, em síntese, ressalta a validade da obra de Freyre enquanto referência sócio-etnográfica, originária principalmente da sua formação no seio da Antropologia Cultural. Portanto, é através de Freyre que surge um novo modelo sociológico no Brasil, redirecionado em termos metodológicos; redimensionado a uma perspectiva cotidiana e dos costumes; e, especialmente, centrado nas questões relativas à formação e caracterização da nacionalidade brasileira, nas palavras do próprio Freyre: a *brasilidade*. É neste contexto que o autor expõe que...

---

<sup>164</sup> Ribeiro, Luiz. *O Futebol Entre a Cordialidade e a Malandragem*. Curitiba: mimeo, 2002.

<sup>165</sup> Soares, Antonio. “Futebol brasileiro e sociedade: a interpretação culturalista de Gilberto Freyre” In: *Futbologias: fútbol, identidad y violencia en América Latina*. Disponível em <http://168.96.200.17/ar/libros/alabarces/PII-Soares.pdf>. Acessado em 07/08/2004.

<sup>166</sup> Franzini, Fábio. *No campo das idéias: Gilberto Freyre e a invenção da brasilidade futebolística*. Revista Digital - Buenos Aires. Ano 5 - Nº 26 - Outubro de 2000. Disponível em [www.efdeportes.com](http://www.efdeportes.com). Acessado em 08/02/2003.

<sup>167</sup> Lucena, Ricardo. *O Esporte na Cidade*. Campinas: Autores Associados, 2001.

No complexo “casa” está à base do supercomplexo biossocial que constitui o ser brasileiro: o Homem nacionalmente, teluricamente, expressivamente brasileiro que já tanto se distingue pelos seus modos de falar, de andar, de sorrir, de amar, de comer, de sentir, de pensar, de jogar futebol, de dançar samba ou outras danças: a velha ciranda agora renovada, por exemplo (Freyre, 1979. Disponível em [www.fgf.com.br](http://www.fgf.com.br). Acessado em 05/08/2004).

É como parte desta *brasilidade* que o futebol surge como objeto de estudo dos adeptos da teoria de Gilberto Freyre, mesmo que, em muitas oportunidades, simplesmente a modo de exemplo.

#### IV

Ao que parece, após a formulação de sua tese central e o debate intelectual ocorrido nos anos 1930-1950, Freyre deixa de utilizar o futebol como referência – basta lembrar que na entrevista de 1983 ele ainda usava como exemplos Garrincha, Pelé e o livro *O Negro no Futebol Brasileiro* de Mario Filho. Possivelmente o esporte mais popular do Brasil tenha sido usado para exemplificar e reforçar a dita *brasilidade* – a identidade nacional pautada na miscigenação – tendo, após as conquistas das Copas do Mundo de 1958 e 1962, chegado ao ápice, consolidando definitivamente a tese de Gilberto Freyre.

Uma reflexão que fica restrita apenas ao campo hipotético: por que o sociólogo Gilberto Freyre iria prefaciá-la obra literária de Mario Filho (1947) explicitando a presença do negro no futebol brasileiro como uma condição essencial ao seu desenvolvimento? Alguns pesquisadores indicam que se tratava claramente da questão racial (Helal, 2001; DaMatta, 1982). Interpretação contradita por Antonio Jorge Soares, que considerou o problema do racismo secundário, observando que a principal questão era à construção de uma identidade tipicamente brasileira (Soares, 2001).

Entretanto, mesmo constatada que a finalidade da obra *O Negro no Futebol Brasileiro* poderia ser um meio explícito de atribuir grau de importância àqueles que permaneceram por



décadas à margem da prática futebolística e/ou implicitamente a ideais de nacionalidade e a necessidade intrínseca da formação de uma nova identidade, apenas alguns anos depois, ao final da Copa de 1950, os atletas negros seriam responsabilizados pela crônica esportiva como os grandes responsáveis pela derrota brasileira, inclusive por alguns jornalistas e cronistas que sofreram certa influência da teoria da integração racial de Freyre (Muylaert, 2000). Ou seja, a formulação teórica de Gilberto Freyre ainda não havia sido incorporada pelos cronistas do seu círculo de convívio. Ainda predominava a idéia de que a Europa era um exemplo de civilidade e que, no caso da Copa do Mundo, o Uruguai havia se sagrado vencedor porque estava mais avançado neste processo de apropriação dos valores culturais dos países mais civilizados.

Desta forma, mesmo separadas por algumas décadas, as idéias do que era ser brasileiro, bem delineadas nos escritos de Lima Barreto e Gilberto Freyre, sugerem ser pensadas comparativamente, como referência para o entendimento do esforço de índole civilizatória ocorrido no Brasil e também do projeto de construção de uma identidade nacional, já que tais escritos ocorreram em períodos de alta transição na sociedade brasileira, sendo assim, ligados por alguns elementos em comum responsáveis pelo desenvolvimento do futebol no Brasil, explicitados pelas crônicas da primeira metade do século XX. Assim, mesmo que nas primeiras décadas do XX se discutisse muito o fenômeno chamado “boom esportivo”, outra questão iria estar em voga desde aquela época até o período dos escritos de Gilberto Freyre: a condição sócio-racial do jogador de futebol e a formação de uma identidade brasileira.

A diferença, então, estava no ambiente político que, de certa forma, estava orientado para esse quadro: no início do século, uma sociedade do tipo liberal e com menor intervenção do estado na regulação social. Portanto, havia alguma autonomia nas atitudes

dos agentes. A partir da década de 1920 é notória uma crise de ordem liberal e a gestação de um pensamento autoritário. Para que, já nos anos 1930/40 – em plena ditadura Vargas –, o pensamento autoritário estivesse praticamente consolidado e a intervenção fosse muito mais aparente. Observa-se, por exemplo, essa citação do Presidente Vargas, em 1938:

O Estado não conhece direitos de indivíduos contra a coletividade. Os indivíduos não têm direitos, têm deveres! Os direitos pertencem à coletividade! O Estado, sobrepondo-se à luta de interesses, garante só os direitos da coletividade e faz cumprir os deveres para com ela. O Estado não quer, não reconhece a luta de classes. As leis trabalhistas são leis de harmonia social. (Vargas In Viana, 1976: 213).

Desta forma, as mudanças sociais, políticas e econômicas ocorridas em um período relativamente curto de tempo, reiteram ainda mais a necessidade de se entender a presença do futebol na literatura nacional como um objeto que servia como peça-chave no projeto que tentava explicar o homem brasileiro.

Neste sentido, o próprio Mario Filho – autor da obra que Gilberto Freyre prefaciou – pode ser considerado um sujeito de vanguarda, pois é um reflexo exponencial da transição de uma crônica geral, que eventualmente escrevia sobre o futebol, para uma “nova” crônica, aquela especializada no assunto – a crônica esportiva. De acordo com uma posição antropológica: “O estado da arte da crônica demanda por um outro tipo de conduta, não mais carnavalizado, comum em décadas anteriores explicitamente mais próximos ao ideário torcedor, mas, sobretudo engajado na dimensão mais competitiva e profissional” (Toledo, 2002, p.169).

O surgimento de uma crônica especializada remete ao início de um novo período, pesquisado e definido como o “profissionalismo do esporte” (Proni, 2000). Os atletas passam a ser remunerados, os valores financeiros gerados através do futebol direta ou indiretamente aumentam substancialmente, e, o mais relevante para este trabalho, surge na imprensa o

cronista especializado no assunto futebol, com a finalidade de suprir a demanda consumista do ávido público adepto dos esportes.

Assim, a consolidação do esporte como forte elemento de lazer/consumo iniciou-se neste período contemporâneo a Mario Filho e Nelson Rodrigues, pois, com a necessidade de mais informações sobre o esporte (no caso brasileiro leia-se futebol), este deixa de ser um tema para discussões intelectuais e literárias abstratas (embora sempre subsidiado por estas), passando a se justificar somente pelo sentimento de pertencimento que a maioria da população brasileira demonstrava ter. E é através desta procura por informações sobre o esporte que surgiram vários periódicos especializados – jornais, revistas, cadernos – inclusive um dos mais populares, o *Jornal dos Sports*, de propriedade do próprio Mario Filho.

Apresenta-se, desta forma, um quadro referente à crônica em constante alteração, onde as idéias de Gilberto Freyre acerca do homem brasileiro serviram de base para os primeiros cronistas esportivos. Mas como o gosto pelo esporte – e, conseqüentemente, uma predileção para escrever sobre ele – foi despertado nestes cronistas?

#### **4.2 O Esporte Presente na Vida de Jovens Literatos**

##### **I**

José Lins do Rego Cavalcanti nasceu em junho de 1901, no pequeno município de Pilar, interior do estado da Paraíba, mais especificamente em uma casa-grande, no *Engenho Corredor*, de propriedade do seu avô materno (Castello, 1961:71-76). Com a morte prematura da mãe, foi criado na meninice por duas tias até completar a idade suficiente para ingressar na escola, então foi matriculado em um internato, o *Colégio de Itabaiana*, onde viveu sob um regimento austero o que, posteriormente, iria servir de base para um dos seus romances,

*Doidinho* (Academia Paraibana de Letras, [www2.aplpb.com.br/academicos/cadeira39.htm](http://www2.aplpb.com.br/academicos/cadeira39.htm). Acessado em 08/03/2005).

Quando saiu do internado foi para o *Colégio Diocesano Pio X* na capital da Paraíba, onde publicou seus primeiros textos em periódicos de circulação interna no próprio colégio. Logo após foi para Recife, onde estudou no *Colégio Carneiro Leão e Ginásio Pernambucano*, finalizando o estudo secundário (Academia Paraibana de Letras, [www2.aplpb.com.br/academicos/cadeira39.htm](http://www2.aplpb.com.br/academicos/cadeira39.htm). Acessado em 08/03/2005).

Ainda residindo em Pernambuco, optou por se matricular no curso de Direito da Faculdade de Recife, tornando-se bacharel logo no início da década de 1920, ainda na juventude. Nesta mesma época começou a trabalhar com colaborador do *Diário de Recife* e foi um dos fundadores do semanário *Dom Casmurro* (Academia Brasileira de Letras, [www.academia.org.br](http://www.academia.org.br). Acessado em 08/02/2005). Esporadicamente, o esporte começava a despertar sua atenção, sendo tema de algumas de suas crônicas, entretanto o futebol não era um dos seus assuntos prediletos (Castro In Rego, 2002: 11).

Casou-se em 1924 com Philomena, a filha do senador Massa, e conheceu nesta mesma época aquele que seria seu grande mentor intelectual, Gilberto Freyre que, também no auge da juventude, retornava dos Estados Unidos, onde havia recém concluído seus estudos universitários.

Logo em seguida mudou-se para o município de Munhuaçu em Minas Gerais para trabalhar como promotor público. Este foi um momento decisivo na sua carreira literária, pois, definitivamente, concluiu que o Direito não era a área com a qual gostaria de trabalhar (Academia Paraibana de Letras, [www2.aplpb.com.br/academicos/cadeira39.htm](http://www2.aplpb.com.br/academicos/cadeira39.htm). Acessado em 08/03/2005). Foi residir, então, em Maceió. Exerceu os ofícios de fiscal de banco e fiscal de consumo. Foi nesta época que conheceu intelectuais como Raquel de Queiroz, Graciliano

Ramos e Jorge de Lima. Este grupo, sob considerável influência de Freyre, seria o responsável pela criação do Movimento Regionalista Nordestino (Bosi, 1994: 397). Sobre este Movimento artístico/literário é esmiuçado:

O movimento do Recife, regionalista e tradicionalista, estudado do ponto de vista de nossa história literária, representa rigorosamente uma reafirmação crítica de fundamento sociológico, voltada sobretudo para a criação artística em geral e para o melhor conhecimento do Brasil através de suas diferenças e semelhanças regionais. É, em última análise, um esforço de síntese, metódico e sistemático, de atitudes e idéias, de natureza predominantemente intuitiva, que já data do romantismo. O reconhecimento dessa filiação, ao que nos parece, não só valoriza histórica e culturalmente a tendência nascida com as idéias de Gilberto Freyre e o movimento do Recife como sobretudo favorece a explicação da obra de José Lins do Rego e da de outros romancistas modernos do Nordeste (Castello, 1961: 141-142).

Em 1932, José Lins do Rego publicou seu primeiro romance, *Menino do Engenho*, obra onde os preceitos do regionalismo são visíveis (Bosi, 1994: 397). Este primeiro livro teve que ser custeado pelo próprio autor, mas os resultados foram surpreendentes: a crítica aceitou muito bem a sua concepção estético/literária e a tiragem de dois mil exemplares logo se esgotou (curiosamente quase todos os volumes foram vendidos no Rio de Janeiro). O sucesso da primeira obra possibilitou que o literato lançasse outras obras sequencialmente nos próximos anos: *Doidinho* (1933) e *Bangüê* (1934) – uma espécie de trilogia, cujas idéias remetiam à soma da teoria de Freyre e as reminiscências de infância do próprio Rego<sup>168</sup>. Como analisado, a literatura de José Lins é “[...] feita de lugares-comuns versistas afetados por um neo-romantismo nostálgico, afim à visão do mundo de Gilberto Freyre. Mas valem como sinto de um grau de tensão (autor/realidade) menos consciente e, portanto, menos crítico” (Bosi, 1994: 398).

---

<sup>168</sup> Castello (1961) afirma que, na primeira obra, *Menino do Engenho*, José Lins não tinha inicialmente a intenção de escrever um romance, mas sim, de apenas construir uma biografia do seu próprio avô, ou seja, a vida do patriarca do engenho no período do ciclo do açúcar. Desta forma, mesmo que *Casa-Grande & Senzala* tenha sido publicada um ano depois, é notória a influência de Freyre em José Lins; assim como é bem possível que Freyre tenha se pautado em alguns momentos na memória que José Lins tinha da infância no engenho.

Em 1935, José Lins resolve aceitar o trabalho de fiscal do imposto do consumo da cidade do Rio de Janeiro. Já estava maduro (tinha na época trinta e quatro anos) e sabia que a Capital Federal era o local mais apropriado para continuidade da sua carreira de escritor. Mudou-se, então, definitivamente para o Rio de Janeiro, de onde não iria mais sair até a sua morte, em 1957 – chegando ao ápice literário em 1955, quando foi eleito membro da *Academia Brasileira de Letras* (Castello, 1961).

Sua iniciativa realmente foi bem sucedida, pois, como já era um literato conhecido, foi bem acolhido. Nesta mudança para o Rio de Janeiro, além de reforçar uma sólida relação com uma casa editorial, a *José Olympio*<sup>169</sup>, o literato nordestino ampliou o círculo de relacionamentos, convivendo com literatos, teatrólogos, cineastas e artistas em geral, entre eles os irmãos Mario e Nelson Rodrigues. Como confirmado por Fátima Antunes, pesquisadora das crônicas esportivas da tríade de literatos:

Aos poucos [José Lins do Rego] foi se integrando à nova cidade e estabelecendo vínculos emocionais extremamente fortes. De personalidade simples e espontânea, como garantiam seus amigos, o escritor paraibano era um homem em sintonia com seu tempo e com um gosto especial pelos assuntos populares, fossem eles ligados ao rádio, ao cinema ou mesmo aos esportes (Antunes, 2004: 50).

Sem perder o contato com os seus conterrâneos do Movimento Regionalista, em especial com Gilberto Freyre, com o qual mantinha uma íntima amizade, José Lins do Rego, iria se envolver radicalmente com um fenômeno típico das metrópoles, o esporte, e de forma apaixonada por um em especial: o futebol (Castro In Rego, 2002: 19-20). Interessante que esta paixão pelo futebol só foi explicitada a partir de 1939 – quando José Lins do Rego resolveu se afiliar ao Clube de Regatas Flamengo. Desta forma, constata-se que o escritor, ao

---

<sup>169</sup> Atualmente, no início do século XXI, a referida editora ainda é a detentora dos direitos autorais da obra de José Lins do Rego. E constantemente novas edições das suas obras são lançadas.

contrário do que acontece normalmente, já tinha trinta e oito anos de idade quando se envolveu com o futebol.

Acredita-se que a primeira vez que o esporte chamou a atenção do literato regionalista foi durante a Copa do Mundo da Itália, em 1938 (Antunes, 2004: 50; Hollanda, 2004: 28). Era a primeira transmissão radiofônica no Brasil do torneio mundial, e a população acompanhava atentamente pelo aparelho o desempenho do selecionado (Soares, 1994).

Se o futebol demorou a despertar o interesse de José Lins, em contrapartida a sua aderência e engajamento em relação ao mesmo foram súbitos: de sócio do Flamengo à cronista esportivo; de cronista à dirigente; tudo em apenas alguns poucos anos. Como definido por Castro no prefácio da obra do próprio José Lins do Rego: “[...] Flamengo, seu amor maior, parte indelével de sua vida sempre feita de paixões. E sua visão amorosa do Flamengo ‘o clube do coração do povo’” (Castro In Rego, 2002: 19).

José Lins do Rego morreu em 1957, apenas um ano antes do Brasil se sagrar pela primeira vez Campeão Mundial. Lembrando que o envolvimento com o esporte foi tardio, sua produção foi considerável: foram 1571 crônicas esportivas publicadas somente no *Jornal do Sports* (Castro In Rego, 2002: 20-21). Reincidia nesta produção algumas temáticas, como a ligação entre a política e o futebol, mas, sobretudo, dois temas em especial: o diálogo com seu círculo intelectual, com mais ênfase com Gilberto Freyre e Mario Rodrigues Filho, e a constante demonstração de afeto em relação ao Clube de Regatas Flamengo (como será analisado posteriormente).

Neste sentido, Zé Lins tentava visivelmente fundir nas suas crônicas os aspectos da literatura definidos por Antonio Candido (2000) como *texto* e *contexto*. Acreditando que a crônica era um espaço jornalístico, desta forma, tentando manter um relativo compromisso com a investigação, ao mesmo tempo em que sua avassaladora paixão pelo Flamengo acabava

tornando seus textos extremamente tendenciosos, somado ao fato que teve participação ativa como dirigente esportivo, o literato era o mais contundente exemplo da fusão dos elementos extrínsecos (o meio futebolístico, o qual estava muito bem inserido como torcedor e/ou dirigente) e intrínsecos (a forma como, exclusivamente, escolhia seus conteúdos, a característica da sua narrativa e a estética literária).

Prova é que, na sua primeira tentativa de mudar o contexto literário dos seus romances, saindo da região interiorana do Nordeste rumo ao espaço urbano, usou o futebol como um dos elementos de transição. Ambientação materializada através do personagem *Joca*, um menino que trabalhava como estivador no agreste e foi tentar a sorte nos clubes de futebol do Rio de Janeiro. Pode-se contemplar no texto a complexidade que era a mudança da típica vida do sertão nordestino para o agito e a sofisticação da metrópole.

Poderia ser triste, pode ser pobre, mas era a sua terra e estava agora com pena de verdade de deixá-la. Vinha aquele rapaz rico e falava em levá-lo para o Rio. Ia ser um “crack”, ser o melhor “center-faword” do Brasil. Via aqueles negros com retratos enormes nos jornais. Ganhavam fortunas. Sabia que era capaz de fazer mais do que muitos. Uma vez viera ao Cabo Frio um “team” do Flamengo e ele fora assistir ao jogo. Teve até vontade de meter a camisa e mostrar àquelas bestas o que era jogar “football” (Rego In Pedrosa, 1968: 87).

Mas, se José Lins do Rego era o literato mais caracterizado como torcedor, pois assumia sem receio sua paixão pelo Clube de Regatas Flamengo, havia outro que, senão expunha tamanho envolvimento com um clube de futebol, demonstrava ser o mais engajado no desenvolvimento do esporte no Brasil. Tratava-se de Mario Rodrigues Filho, cronista esportivo e proprietário do *Jornal dos Sports*, que foi o responsável por introduzir definitivamente seu conterrâneo Zé Lins no meio literário/jornalístico ligado ao esporte.

## II



Mario Rodrigues Filho nasceu em Recife no ano de 1908. Filho do renomado advogado e jornalista local Mario Rodrigues<sup>170</sup>, conhecido pelo seu engajamento político. Era o terceiro filho dentre os quatorze que o casal Mario Rodrigues e Maria Esther tiveram. Em virtude de alguns problemas políticos de Mario Rodrigues na capital de Pernambuco (inclusive com um atentado a tiros), a família teve que se mudar para a Capital Federal, em 1916 (Castro, 1992: 11-20).

Mario Filho tinha apenas oito anos de idade, portanto – ao contrário de José Lins que vivenciou o contexto sócio-político-intelectual do nordeste, principalmente as idéias acerca da *brasilidade* do jovem Gilberto Freyre, antes de se estabelecer no Rio de Janeiro –, foi criado na metrópole que era o Rio de Janeiro, vivenciando, assim, aquele fenômeno que Nicolau Sevcenko (1998) iria definir como o “boom esportivo” do início do século XX.

Neste período dos primeiros anos no Rio de Janeiro, Mario Rodrigues foi trabalhar no *Correio da Manhã* e a família passou por várias dificuldades. Mais tarde, o chefe de família foi promovido a diretor do referido jornal, mas logo, novamente por divergências políticas e com a situação financeira mais estável, iria fundar o seu próprio jornal, *A Manhã*, cuja primeira edição sairia em dezembro de 1925. Como se tratava de uma pequena redação, além do patriarca Mario Rodrigues, trabalhavam no jornal os filhos Milton (como jornalistas) e Roberto (como ilustrador). Nelson logo aderiria também, como repórter policial. E Mario Filho ficou como responsável por algumas funções executivas (Castro, 1992: 44-45).

Explica-se: Mario Filho, mesmo sendo ainda um adolescente, demonstrava ser bastante responsável. É provável que o seu casamento aos dezoito anos com a jovem Célia (quinze anos), com quem iria manter um sólido relacionamento até o final da vida, tenha significativa

---

<sup>170</sup> Ruy Castro (1992) afirma que Mario Rodrigues tinha sido um ótimo aluno. Foi o primeiro aluno dos formandos de 1909 da Faculdade de Direito de Recife, deixando na segunda colocação Gilberto Amado que, como já foi afirmado, tornar-se-ia um diplomata competente e um escritor famoso.

parcela nesta sua acentuada característica (Castro, 1992: 101-110). Assim, ao invés do ofício de jornalista, Mario Filho se tornou, primeiramente, o gerente do Jornal.

Mas este ofício durou pouco. Ávido por escrever, logo o jovem Mario Filho seria integrado à equipe de jornalismo, ficando responsável pela página de literatura – contrariando a vontade do pai que gostaria que ele exercesse a função de jornalista político de campo, ficando responsável pelo plantão na Câmara dos Deputados. A escolha da literatura não causava estranhamento: a família Rodrigues cultivava o hábito da leitura desde a época de Recife. Anos depois, já estabelecido como um cronista de futebol, volta e meia, iria fazer menções aos seus preferidos: Julio Verne, Tolstoi, Feuillet, Balzac e Dostoievski. Com uma pitada de humor, Mario Filho gostava de usar como recurso de linguagem as metáforas relacionadas aos clássicos da literatura, como em uma crônica intitulada *Minha Terra Tem Palmeiras*, onde utiliza o clássico poema *Canção do Exílio* de Gonçalves Dias.

Não que eu goste de palmeiras, que eu até gosto. Mas gosto de palmeiras nos lugares próprios, inclusive no Manguê. E gosto de palmeiras que sejam realmente palmeiras. Agora, de jogador de futebol metido a palmeira, não gosto, confesso logo. Tenho uma prevenção contra esse tipo de jogador ereto, duro, apalmeirado, que não se ajoelha, que não se curva, que não se abaixa. Lembro-me logo daquela frase que está na estátua de Pedro Álvares Cabral, ali na Glória, assinada em bronze por José Bonifácio: “Como a palmeira que domina ufana os altos topos da floresta espessa”. Até hoje não compreendi por que escolheram essa frase para a estátua do Descobridor. Devem tê-la achado uma beleza, disso não tenho dúvida. Por isso eu queria saber quem a escolheu, se foi uma comissão um político, um funcionário ou o escultor.

Podemos duvidar que haja palmeiras no futebol brasileiro. Um saudosista talvez se lembre das palmeiras de Paissandu, que ainda estão lá, e que alongavam sombras no gramado do antigo campo do Flamengo. O campo do Flamengo mudou-se para a Gávea, onde não há palmeiras. E não é dessas palmeiras que falo. Falo é de um Mauro, de um Zózimo, de um Didi. Não me recordo de outras palmeiras do futebol brasileiro. E para falar nelas bastam os três. Um deles, Didi, pode ser apontado como a palmeira imperial, embora, quando à beleza, Mauro leve a palma. É mais alto, bem mais alto, e bem mais grosso” (Rodrigues Filho, 1994: 218).

Não demorou muito tempo para que Mario Filho mudasse da página de literatura para a esportiva. Gostava muito de futebol e, mesmo sabendo do descrédito que este tinha ao lado do jornalismo policial no meio jornalístico, aceitou o desafio de desenvolver este conteúdo (Antunes, 2004: 123-124).

Quando em 1928 Mario Rodrigues perdeu o controle de *A Manhã* para um sócio, saindo para fundar outro diário, intitulado *Crítica*, toda a família Rodrigues foi junto. O novo jornal foi surpreendentemente um sucesso no Rio de Janeiro. Segundo Castro (1992) o periódico chegou a ter a tiragem diária de cento e trinta mil exemplares, número bastante significativo levando-se em conta que a população da cidade era próxima a um milhão e meio de habitantes (sendo que uma boa parcela ainda era iletrada) e que existiam mais de duas dezenas de periódicos diários. Mario Filho continuava responsável pelo conteúdo esportivo, passando a contar com a ajuda dos irmãos mais novos, Nelson e Joffre.

A *Crítica*, como o próprio nome sugeria, era um jornal oposicionista e, seguindo a linha editorial típica de Mario Rodrigues desde a época de Recife, um tanto quanto sensacionalista. Como as críticas à polícia carioca eram uma constante, na primeira oportunidade<sup>171</sup> a família Rodrigues foi presa (exceto Nelson que não estava no Rio de Janeiro). Mesmo da cadeia, Mario Rodrigues acusava o Presidente Washington Luís pelo ocorrido.

Após o assassinato do segundo irmão mais velho da família Rodrigues, Roberto, o talentoso ilustrador – crime passional, cometido por uma requintada senhora da sociedade carioca que tinha sido acusada de adultério em uma matéria sensacionalista da *Crítica* e que, na tentativa frustrada de encontrar Mario Rodrigues, acabou atirando no primeiro filho seu que encontrou – a família entrou em decadência. Mario Rodrigues adoeceu, sabendo que a bala que matou o filho era para ele, falecendo aos quarenta e quatro anos, apenas dois meses após a morte do filho Roberto.

---

<sup>171</sup> Um amigo de Mario Rodrigues, Carlos José de Carvalho, discutiu com Carlos Pinto um jornalista do jornal concorrente *A Democracia*. Não gostando da ofensa direta que o jornalista rival fez a “mãe” de Mario Rodrigues, sacou de um revólver e acabou atirando e matando o desafeto. Posteriormente, “Carlinhos”, o amigo de Mario Rodrigues, foi torturado pela polícia, que queria que ele confessasse o envolvimento deste também no episódio. Como não confessou, acabou falecendo devido aos hematomas (Castro, 1992: 70-71).

O jornal ainda seria conduzido por Milton (vinte e quatro anos), e Mario Filho (vinte e um anos), por mais alguns meses. Aparentemente parecia que o periódico iria continuar prosperando, pois Julio Prestes, o candidato apoiado na eleição para Presidente da República, havia vencido Getúlio Vargas. Mas, em apenas alguns meses, duas notícias alteraram o curso de prosperidade da família: a assassina de Roberto foi absolvida e a Revolução de 1930 – que fez com que os jornais favoráveis a Prestes, fossem completamente destruídos pela turba. Assim, em outubro de 1930, a publicação da *Crítica* foi definitivamente encerrada, inclusive Mario e Milton tiveram que ficar novamente presos por alguns dias (Castro, 1992: 73-108).

Esta conturbada biografia da família Rodrigues durante a década de 1920, como será demonstrado, é peça-chave para compreensão do rumo que iria tomar Mario Filho e, sobretudo, na própria produção artística – as crônicas, os contos e as peças teatrais – de Nelson Rodrigues.

### III

Se os membros da família Rodrigues sempre foram agentes ativos no campo jornalístico, influenciados pelo patriarca Mario Rodrigues que, desde a época de Recife, era considerado um jornalista proporcionalmente conceituado, polêmico e crítico, por outro lado, a liberdade dada pelo próprio pai, fez com que a maioria dos filhos, mesmo sem abandonar as redações de jornais, passasse a exercer diferentes ofícios, geralmente ligados a outros meios de comunicação ou as artes.

Milton, o primogênito, que após a morte de Mario Rodrigues e Roberto, omitiu-se da liderança da família, deixando-a sob a responsabilidade de Mario Filho, para tentar a carreira de cineasta (Castro, 1992: 140). Roberto (aquele que morreu assassinado ainda jovem) era um talentoso artista plástico, inclusive aproximando da família artistas, como Candido Portinari,

entre outros pintores e escultores (Exposição Nacional – O Século de Um Brasileiro, <http://www.frm.org.br/exposicao/rodrigues.htm>. Acessado em 13/05/2005). Uma das irmãs mais novas, Dulce, fez balé, piano e chegou a tentar a carreira artística, sendo a protagonista de uma peça de Nelson, a *Valsa nº 6*, sendo, surpreendentemente – por ser inexperiente – elogiada pela crítica teatral da época (Castro, 1992: 233-234). Porém, o mais famoso e também o mais polêmico foi Nelson Rodrigues, o quinto filho dentre os quatorze. Nelson ficou mais conhecido por suas controversas peças teatrais e a suas famosas crônicas de forte conotação sensual, intituladas *A Vida Como Ela É*.<sup>172</sup> – publicadas diariamente no jornal *Última Hora* por mais de dez anos – do que propriamente por suas crônicas de futebol.

Entretanto, gradativamente foi se tornando uma personalidade popular, já que suas variadas narrativas cotidianas publicadas em periódicos de grande circulação<sup>173</sup> (crônicas e romances em série, no formato dos antigos folhetins) despertavam o interesse da sociedade carioca em geral, fazia também com que suas crônicas futebolísticas tivessem uma repercussão elevada. Assim, suas crônicas esportivas contribuíram para que Nelson Rodrigues se tornasse uma das figuras públicas mais conhecidas no Rio de Janeiro. Em uma crônica intitulada *Um Cano Deslumbrante*, usando da sátira, Nelson demonstrava o quanto era conhecido.

Amigos, tenho, na minha vida, o que eu chamo de “desconhecido íntimo”. De vez em quando, alguém pergunta, numa curiosidade sincera: – “Por que desconhecido íntimo?”. Sou paciente e explico: – é o sujeito que nunca me viu mais gordo e, ao me ver, pela primeira vez, me trata com uma efusão tremenda e com uma intimidade avassaladora.

Ontem, ainda, um deles passa por mim e retrocede. Veio para mim de braços abertos. Abraça-me e diz: “Que tal o nosso center-forward?”. Center-forward é uma maneira nostálgica de chamar um jogador. Eu disse: – “O Cláudio Adão está formidável”. Banhado em êxtase, o “desconhecido íntimo” suspira: – “É

---

<sup>172</sup> Posteriormente, Ruy Castro, biógrafo de Nelson Rodrigues, faria uma seleção destas crônicas, sendo o organizador da obra: Rodrigues, Nelson. *A Vida Como Ela É...* São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

<sup>173</sup> Nelson publicou textos dos mais variados gêneros e assuntos nos seguintes periódicos: *A Manhã*, *Crítica*, *Diário da Noite*, *Jornal dos Sports*, *Manchete*, *O Globo*, *O Cruzeiro*, *O Jornal*, *Última Hora*, entre outros menores ou sem uma periodicidade regular - inclusive, em alguns deles, como *O Globo* por exemplo, passando por mais de uma vez.

o maior goleador do futebol brasileiro”. E assim me separei do “desconhecido íntimo” (Rodrigues, 2002: 133)<sup>174</sup>.

Neste sentido, de modo genérico, suas crônicas serviam para ampliar o alcance da concepção de futebol criada por seu irmão Mario, já que o diferencial nos seus textos foi o de imprimir drama (teatralização) ao futebol, como será visto na seqüência. Pode-se, portanto, considerar Nelson Rodrigues um difusor incondicional das idéias de Mario Filho. A reverberação de tais idéias na sociedade aumentou sensivelmente, contribuindo para que, nas décadas seguintes, o ideário de Mario Filho se tornasse quase consensual (Soares In Helal, Soares e Lovisoló, 2001: 13-50). O próprio Nelson sempre fez questão de acentuar que seu irmão era a sua referência incondicional no tangente ao futebol (e a forma como este iria ser manifestado literariamente nas crônicas):

[...] Teria que falar também do escritor. Sempre declarei que Mario Filho era<sup>175</sup> a minha grande admiração literária. Na minha opinião, ele é maior que todos os outros. Se Deus entrasse na minha sala e perguntasse: – “Você queria escrever como Guimarães Rosa ou Mario Filho”, eu responderia, de frente alta: – “Mario Filho, mil vezes Mario Filho” (Rodrigues In Rodrigues Filho, 1994: 11).

O futebol sempre foi um importante elemento na vida de Nelson. Tanto como entretenimento (o teatrólogo era torcedor fervoroso do Fluminense Football Club), quanto profissionalmente, por ser uma espécie de “porto seguro” (sempre o irmão Mario, respeitado no meio jornalístico, indicava os irmãos para os cadernos esportivos de diferentes jornais, não deixando estes desempregados), onde, por praticamente vida toda, iria ter a segurança de um rendimento mensal, já que a suas produções artísticas primárias – o teatro e a literatura ambos de conteúdo sensual/sexual (que o próprio Nelson preferia definir como sendo histórias do cotidiano) – não tinham uma periodicidade.

---

<sup>174</sup> Originalmente: Um Cano Deslumbrante. *O Globo*. (06/11/1980).

<sup>175</sup> Nelson Rodrigues usa o verbo no passado, pois o texto foi escrito após a morte de Mario Filho, quando o Estádio Municipal do Rio de Janeiro foi renomeado, recebendo o nome do jornalista em homenagem póstuma.

Estas crises ao longo da carreira tiveram motivos ecléticos, na mesma proporção em que eram sérios. O primeiro e mais evidente era que o conteúdo dos seus textos teatrais e literários gerava constrangimento e pudor em um segmento da sociedade brasileira das décadas de 1940 a 1970. Na sociedade machista e conservadora deste período, temas como adultério, traição, racismo, estupro, homossexualidade, violência doméstica, vulgaridade sexual, constantemente presentes na obra de Nelson, não eram bem aceitos, mesmo em áreas de vanguarda como a literária ou a teatral o grupo conservador predominava. Assim, mesmo conquistando relativo apoio dos mais progressistas, logo foi tachado de perverso, passando a sofrer constantes enfrentamentos, manifestações e boicotes organizados pelos setores conservadores (Revista Isto É. O Brasileiro do Século – Artes Cênicas: Nelson Rodrigues. [www.terra.com.br/istoe/biblioteca/brasileiro/artes\\_cenicas/cenicas5.htm](http://www.terra.com.br/istoe/biblioteca/brasileiro/artes_cenicas/cenicas5.htm). Acessado em 22/04/2005).

Além das restrições sociais, Nelson Rodrigues ainda passou por dois períodos de regime político totalitário: o Estado Novo de Getúlio Vargas e a Ditadura Militar. No primeiro, teve dificuldades para liberar várias peças teatrais e sérias dificuldades para enfrentar a reação do público, mesmo contando com o apoio de alguns defensores da liberdade artística, inclusive o de uns poucos políticos que se relacionavam com a família e, logicamente, o de vários jornalistas. Era considerado e/ou enaltecido, por nomes – entre outros menos conhecidos – como Carlos Drummond de Andrade, Otto Maria Carpeaux, Décio de Almeida Prado, Manuel Bandeira, Pompeu de Souza, Prudente de Moraes Neto, Austregésilo de Athayde, Agripino Grieco, Rachel de Queiroz, Nelson Werneck Sodré, Paulo Mendes Campos (que era na época crítico teatral e o maior admirador das peças de Nelson) e Accioly Neto (que deixava muitas vezes o próprio Nelson escrever as críticas elogiando suas próprias peças e assinava a matéria). Por isso mesmo era comum Nelson escrever com um

pseudônimo ou sem assinar matérias se elogiando e divulgando as peças, como esta intitulada

*Um Romance de Estréia – Cidade, de Nelson Rodrigues.*

*Cidade*, que aparecerá brevemente, é o romance de Nelson Rodrigues, e com o qual o autor faz a sua estréia em livro.

Nelson Rodrigues, nosso companheiro de redação, jovem e conhecido publicista, já tem evidenciado expressivamente, através de colaboradores na imprensa, os valores que melhor podem recomendar um escritor em plena mocidade, daí a natural expectativa nos meios literários em torno do próximo aparecimento de *Cidade* (Rodrigues, 2004: 302)<sup>176</sup>.

Após esta dificuldade logo no início da carreira de teatrólogo, Nelson se esforçou na construção de uma rede de apoio no meio intelectual, político, artístico/literário e até esportivo para que suas peças pudessem receber a aprovação das entidades responsáveis pela censura. Após, por exemplo, ganhar o apoio de Carlos Drummond de Andrade, chefe do gabinete do Ministro da Educação Gustavo Capanema, galgava até a tolerância de Getúlio Vargas, o qual o diário do seu pai tanto criticava.

“O que está havendo com o teatro, que só se fala nisso?”, perguntou Getúlio Vargas a seu ministro Capanema em janeiro de 1944.

“São ‘Os comediantes’ e é ‘Vestido de noiva’, presidente!”, respondeu o ministro, enchendo a boca.

Capanema sentia-se quase co-autor daquele sucesso. Afinal, fora ele que, três anos antes, liberara a verba para ‘Os Comediantes’. [...] Nem assim Getúlio foi ver ‘Vestido de noiva’ [...]. Mas Getúlio sabia quem era Nelson Rodrigues. Sabia que era filho de Mário Rodrigues, o proprietário de ‘Crítica’, o único jornal irremediavelmente destruído na revolução de 1930. Havia um processo de indenização ou coisa parecida se arrastando e de que, de vez em quando, seu sobrinho Vargas Neto [também amigo de Nelson] vinha lhe falar (Castro, 1992: 175).

Nelson Rodrigues inclusive, volta e meia, usava as próprias crônicas futebolísticas para questionar a censura. “Amigos, passei três dias em São Paulo. Na grande capital, lutei ferozmente para liberar *Boca de ouro*, peça de minha autoria e que a Censura de lá interditou.

---

<sup>176</sup> Originalmente: Um Romance de Estréia. *O Globo*. (28/01/1935).



Tenho fé em Deus que o *Boca* será liberado, mas como eu ia dizendo [...]” (Rodrigues, 2002: 100)<sup>177</sup>.

Tentando evitar a rígida censura durante os primeiros anos da Ditadura Militar, Nelson, propositalmente, tentou demonstrar que era simpático ao regime. Além disso, acreditava que a oposição era feita por um pequeno círculo de “sociólogos” (usava sarcasticamente o termo para definir a intelectualidade engajada, a qual desdenhava por causa das críticas às suas peças). Sendo assim, para o teatrólogo, os movimentos estudantis não tinham validade, pois contavam com a adesão apenas de uma elite intelectual e não o segmento que ele entendia como o “povo”.

[...] Vocês se lembram da Passeata dos 100 mil, a famosíssima Passeata dos 100 mil?

Os meus leitores, se é que os tenho, já repararam que eu a cito muito. Posso dizer que é uma das minhas referências obsessivas. E por quê? Quem quiser entender as nossas elites e o seu fracasso encontrará nos 100 Mil um dado essencial. Não havia, ali, um único e escasso preto. E nem operário, nem favelado, e nem torcedor do Flamengo, e nem barnabé, e nem pé-rapado, nem cabeça-de-bagre. Eram os filhos da grande burguesia. Portanto, as elites.

E sabem por que e para que se reunia tanta gente? Para não falar no Brasil, em hipótese nenhuma. O Brasil foi o nome e foi o assunto riscado. Falou-se em China, falou-se em Rússia, ou em Cuba, ou no Vietnã. Mas não houve uma palavra, nem por acaso, nem por distração, sobre o Brasil. Picharam o nosso Municipal com um nome único – Cuba. Do Brasil, nada? Nada.

As elites passavam gritando: – “Vietnã, Vietnã! Vietnã!”. E, quanto ao Brasil, os 100 Mil faziam um silêncio ensurdecedor. Tanto vociferavam o nome Vietnã, Cuba e China, que minha vontade foi replicar-lhes: – “Rua do Ouvidor, rua do Ouvidor, rua do Ouvidor!”. Simplesmente, o Brasil não existe para as nossas elites. Foi essa a única verdade que trouxe, em seu ventre, a Passeata dos 100 Mil (Rodrigues, 1993: 180-181)<sup>178</sup>.

Entretanto, tal atitude fez com que perdesse seu círculo de proteção, pois o campo artístico/literário maciçamente fazia oposição à ditadura (Napolitano, 2004). Paradoxalmente, Nelson Rodrigues, que era tachado de vulgar e obsceno pela sociedade, também era considerado por seus pares neste novo momento um reacionário (Marques, 2000: 163). Somente após a prisão e tortura de um dos seus filhos, Nelson Rodrigues Filho, Nelson iria questionar o regime, mas já seria tarde para que o esteriótipo criado pudesse ser apagado

<sup>177</sup> Originalmente: O Maior. *Jornal dos Sports*. (23/09/1960).

<sup>178</sup> Originalmente: O Entendido, Salvo Pelo Ridículo. *O Globo*. (10/06/1970).

(Castro, 1992: 377-418). Desta forma, o conservadorismo e a conturbada política nacional dos anos em que Nelson produziu suas peças e obras literárias mais polêmicas fizeram com que este enfrentasse várias dificuldades na difusão da sua criação.

Mas não era só. Nelson teve também alguns problemas pessoais durante o período que seria o auge da sua carreira artística. Além das mortes prematuras e repentinas do irmão Roberto e do pai (Nelson ainda adolescente não pensava em ser teatrólogo nesta época), contraiu tuberculose, tendo que passar por alguns prolongados internamentos na cidade de Campos do Jordão. O mais longo chegou a durar mais de um ano. A doença faria com que tivesse outros sucessivos problemas de saúde até o final da vida. E também teve que assimilar a morte de mais dois irmãos que muito estimava: Mario Filho, seu grande mentor; e Joffre, o irmão cuja idade era a mais próxima a sua e que, portanto, era com quem mantinha o laço afetivo mais sólido, falecido devido à tuberculose (Revista Isto É. O Brasileiro do Século: Nelson Rodrigues. [www.terra.com.br/istoe/biblioteca/brasileiro/artes\\_cenicas/cenicas5.htm](http://www.terra.com.br/istoe/biblioteca/brasileiro/artes_cenicas/cenicas5.htm). Acessado em 22/04/2005).

Com todas estas dificuldades, eventualidades ou não, Nelson sempre contou com as crônicas futebolísticas como meio de manter suas finanças. Mesmo durante as suas longas passagens pelas clínicas em Campos do Jordão, de forma altruísta, Roberto Marinho, seu patrão no jornal *O Globo*, continuou pagando seus vencimentos (Coelho In Rodrigues, 2004: 44). Assim, como afirmado, o futebol, mesmo que por certas desventuras, foi presença constante na vida do polêmico Nelson Rodrigues.

#### IV

Todavia, ao contrário de Mario Filho que sempre se engajou em prol do jornalismo esportivo e do desenvolvimento do esporte em geral e de José Lins do Rego que militava

principalmente em favor do seu clube de preferência, Nelson não ultrapassava os limites do campo literário. Mesmo sendo um torcedor confesso do Fluminense e o maior difusor da idéia de Mario Filho de que o selecionado brasileiro era uma manifestação da nação (a tal *brasilidade* de Gilberto Freyre), não se envolvia com a política esportiva ou clubística. Sua luta era outra: era pelo teatro.

Por sinal, em várias oportunidades, tentou deixar de produzir crônicas esportivas, só retornando ao ofício quando voltava a passar por dificuldades financeiras. Em outras tantas, manifestou estar cansado e descontente de escrever sobre o futebol e não poder se dedicar exclusivamente ao teatro. Não era raro, então, o futebol aparecer apenas como elemento secundário nas suas crônicas. Nelson às vezes falava de teatro e de artes em geral, de algum amigo ou inimigo, do passado, da família (principalmente do seu irmão Mario Filho), da história, da nação e do povo brasileiro, de cenas bíblicas ou épicas, de sentimentos e emoções, de literatura, enfim dos mais variados temas. Como neste exemplo, onde, a partir do caso de um atleta que tinha se matado por causa de uma dívida, assunto abordado muito sucintamente em um único e curto parágrafo, passa a refletir sobre o suicídio e a amizade:

Veja você a imagem vil que formamos uns dos outros: – admitimos que um semelhante se mate por amor, por dinheiro, por jogo, por desemprego ou, até, por tédio. E não queremos aceitar, nem por hipótese, que se possa morrer por amizade. De fato, para a nossa alma enferma, seria inacreditável que um indivíduo, antes de estourar os miolos, proclamasse: – “Mato-me por um amigo!”. Ninguém aceitaria o motivo e alguém havia de rosnar: – “Freud explicaria isso”.

Talvez, talvez. Mas vamos e venhamos: – é horrenda essa incapacidade de ser amigo e, pior, de acreditar na amizade. Para nós, a amizade é algo frágil, de suspeito, de perecível, de comprometido. É mesmo os maiores amigos esbarram, a todo momento, nos limites da polidez, da cerimônia, da vã cordialidade. Mas se é assim entre os vivos, talvez não o seja entre os suicidas. Geralmente, os defuntos são estanques. Cada qual vive encerrado na exclusividade de sua morte. Mas os que se matam têm vínculos definitivos (Rodrigues, 1994: 24)<sup>179</sup>.

A própria biografia de Nelson Rodrigues, escrita por Ruy Castro (1992) aponta para uma vida que transcendeu em muito o campo esportivo (leia-se futebolístico, já que Nelson

---

<sup>179</sup> Originalmente: Irmãos no Suicídio. *Manchete Esportiva*. (09/06/1956).

raramente tratava de outro esporte que não fosse este). Assim, pode-se afirmar que Nelson Rodrigues se dedicou à arte teatral na mesma intensidade que o irmão Mario Filho lutava pelo desenvolvimento dos esportes.

Mas, mesmo algumas vezes a contragosto, Nelson nunca deixou de escrever crônicas esportivas. Portanto, como foi longevo e a sua produção sempre foi regular, publicou consideravelmente. São milhares de crônicas – com certeza, uma das maiores produções textuais acerca do esporte – um aspecto que, somado a sua popularidade, contribuiu para que a sua interpretação pautada em Mario Filho fosse amplamente assimilada pela sociedade carioca. Além disso, fazia parte do estilo literário de Nelson Rodrigues citar os amigos, mesmo que na maioria das vezes fosse num tom satírico. Um jovem jornalista chamado Armando Nogueira era um dos mais citados.

## V

Atualmente, Nogueira é um dos cronistas esportivos mais conhecidos e celebrados do Brasil. Escreve crônicas esportivas, numa coluna intitulada *Na Grande Área*, que, graças à tecnologia da informática, são estampadas em mais de sessenta periódicos de grande circulação de todo o país, como o *Estado de São Paulo*, o *Jornal do Brasil* e o *Portal da Internet UOL*. Tem uma dezena de livros publicados, alguns inclusive sendo indicados como referência para processos vestibulares, todos sobre o esporte – *Drama e Glória dos Bicampeões*; *Na Grande Área*; *Bola na Rede*; *O Homem e a Bola*; *Bola de Cristal*; *O Vôo das Gazelas*; *A Copa que Ninguém Viu e a que Não Queremos Lembrar*; *O Canto dos Meus Amores*; *A Chama que não se Apaga*; e *A Ginga e o Jogo* –, entre vários outros tipos de texto, como prefácios, capítulos, crônicas em coletâneas, entrevistas em revistas semanais e

mensais. Nos últimos anos, apresentou também um programa de TV semanal, no canal *Sportv*, participava em outro programa, o *Redação Sportv*, tinha uma entrada diária no Programa *CBN Brasil* – da principal rádio de notícias brasileiras – além de ser diretor do seu próprio site e fazer constantes participações como convidado especial em outros programas de TV e rádio. Enfim, Armando Nogueira é uma celebridade – não só no meio futebolístico, mas no literário também. E, na casa dos oitenta anos, o seu cotidiano está bem mais tranquilo do que era no início da profissão...

Nas décadas anteriores, Armando Nogueira trabalhou acentuadamente em atividades sempre ligadas ao jornalismo. Nasceu em Xapuri, no Acre, em 1927, onde passou a infância. Dirigiu-se para a cidade do Rio de Janeiro no início da década de 1940, com apenas dezessete anos, enviado pela família para estudar. Formou-se pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, mas logo se voltou para a área que tinha maior vocação: a jornalística. Em 1950 começou a trabalhar em um pequeno jornal oposicionista ao governo Vargas, o *Diário Carioca*. Em poucos anos, transitou pelas funções de copidesque, repórter, redator e colunista, sempre demonstrando maior apreço pelo futebol (Revista Armando Nogueira, <http://www.armandonogueira.com.br/bio.htm>. Acessado em 05/04/2005).

Entretanto, a matéria que tornou Armando Nogueira um jornalista conhecido não foi sobre futebol e ocorreu por um acaso. Armando ainda era um repórter designado para cobrir assuntos gerais, quando, no dia 05 de agosto de 1954, presenciou o atentado a Carlos Lacerda, o maior adversário político de Getúlio Vargas. O chefe da segurança de Getúlio foi acusado de ter contratado o atirador, as forças armadas, especialmente a Aeronáutica, se rebelaram contra o Presidente e Carlos Lacerda assumiu o papel de mártir. Pressionado a renunciar, Getúlio, após uma reunião com os ministros, em 25 de agosto de 1954, escreveria uma carta

testamento ao povo brasileiro e cometera suicídio. Esta última atitude política virou o jogo de poder a favor de Getúlio: o povo se rebelou contra os opositores, houve várias manifestações nas metrópoles brasileiras, Carlos Lacerda foi de herói a vilão, tendo que fugir para o exterior e o golpe de estado dos militares, quase inevitável, teve que ser adiado (Caldeira et. al., 1999: 292-293). O caso havia feito com que Armando Nogueira se tornasse um jornalista conhecido.

Depois do *Diário Carioca*, foi para a popular revista *Manchete*, cujo redator-chefe era Otto Lara Resende. Foi ali que teve os primeiros contatos com Nelson Rodrigues. Passou pela revista *Cruzeiro* (como repórter fotográfico), *Jornal da Brasil*, algumas rádios, a *TV-Rio* em 1959 – onde, em 1963, inauguraria um dos primeiros programas televisivos sobre futebol do Brasil, a *Mesa Redonda Facit*, compondo o elenco ao lado de nomes destaque, como João Saldanha, Luís Mendes, Vitorino Vieira, José Maria Scarsa e o polêmico Nelson Rodrigues (TV Press, <http://an.uol.com.br/2003/set/06/0tev.htm>. Acessado em 26/05/2005).

Em 1966, foi convidado por Walter Clark para compor um programa semelhante na *Rede Globo*. Apenas três meses depois, o mesmo Clark solicitaria que Nogueira fosse responsável pela criação de um setor telejornalístico para a emissora. Assim, Nogueira foi o responsável pela criação da *Central Globo de Jornalismo*, permanecendo na direção até 1990. Depois passou por outras revistas, jornais e canais de televisão – como a TV Bandeirantes, durante os Jogos Olímpicos de Barcelona (1992) e a TV Cultura no programa *Cartão Verde*, também na década de noventa (Revista Armando Nogueira, <http://www.armandonogueira.com.br/bio.htm>. Acessado em 05/04/2005) –, até chegar ao momento atual, no qual, como anteriormente afirmando, usufrui da consolidada condição de literato dedicado aos esportes, ou seja, é considerado uma autoridade no campo esportivo.

### 4.3 Cronistas Esportivos e Suas Diversas Formas de Engajamento

#### I

Mario Filho, em virtude de ser filho de um jornalista oposicionista ferrenho da política de Vargas, encontrou muitas dificuldades para encontrar emprego no meio jornalístico após a queda do Diário que era de propriedade da família. Somente em maio de 1931 o bastante jovem e inovador Roberto Marinho, que recém assumira a direção de *O Globo*, convidou Mario Filho para assumir o caderno de esportes do jornal. As inovações criadas na *Crítica* – espaço considerável, estilo de escrita mais moderno, cobertura mais dinâmica e, principalmente, o uso ousado das imagens (os flagrantes durante as competições esportivas, abandonando a tradicional pose para fotografia) – tinham chamado a atenção de Marinho. Aos vinte e três anos, Mario Filho já era considerado um veterano no desenvolvimento do jornalismo esportivo. Assim que assumiu, levou os irmãos Nelson e Joffre para compor a equipe esportiva do jornal (Castro, 1992: 115). Como relatado, “Pela primeira vez, esse método agressivo de investigação jornalística, utilizado anteriormente nas páginas policiais de periódicos sensacionalistas como o *Crítica*, era aplicado de modo sistemático aos esportes” (Silva, 2006: 108).

Neste mesmo ano, Mario Filho – com o apoio financeiro do amigo Mário Martins – resolveu fundar um dos primeiros jornais esportivo<sup>180</sup>, *O Mundo Esportivo*, que teve uma breve duração – oito meses aproximadamente. O problema foi que, pela falta de experiência de Mario Filho, o periódico foi fundado sem levar em conta a escassez de notícias e, conseqüentemente, as quedas na vendagem, durante o período de recesso do Campeonato

---

<sup>180</sup> Nas primeiras décadas do século XX, alguns periódicos esportivos já tinham sido criados. Entretanto, a periodicidade não era regular; nenhum era diário; e a maioria consistia apenas na tradução de manuais importados da Europa ou de algo próximo ao colonismo social. Neste sentido, pode-se entender que o campo esportivo não estava suficientemente consolidado, inviabilizando a continuidade dos mesmos. Sobre estes periódicos no Rio de Janeiro ver: Melo, Victor. *Op. Cit.*

Carioca de Futebol. Como não havia ainda um campeonato nacional<sup>181</sup>, este período de ostracismo levou o periódico à falência. Entretanto, uma iniciativa de Mario Filho, na tentativa criativa de sanar o problema da pausa futebolística, acabaria criando um outro fenômeno cultural brasileiro: os desfiles de escolas de samba (Coelho In Rodrigues, 2004: 44).

Mas Mario Filho, embora empreendedor, era precavido: pois, antes de fundar o periódico esportivo, havia consultado Roberto Marinho sobre o assunto e este tinha dado o aval para que Mario criasse seu periódico sem abandonar suas funções no jornal *O Globo*. A organização dos desfiles de escolas de samba também passou a ser feita pelo jornal de Roberto Marinho. Assim, o jornalista não teve maiores dificuldades financeiras quando seu diário esportivo deixou de circular. A frequência com que a sua família oscilava a condição de vida desde Recife e os constantes fracassos e sucessos do seu pai na direção de jornais, possivelmente fizeram com que Mario não esmorecesse (Antunes, 2004: 129).

O jornalista já demonstrava neste período um engajamento em prol não somente do esporte propriamente dito, mas, principalmente, do jornalismo esportivo. Passada a fase que durou até o início da década de 1920, onde o esporte era valorizado nas crônicas sociais, por ter valores ligados à civilidade européia e ser praticado por uma elite brasileira irrequieta por modismos e símbolos de distinção social (Pereira, 2000), o jornalismo esportivo, por causa da profissionalização dos atletas e da popularização (e vulgarização) dos esportes, passou a ser marginalizado. Chegou-se até a criar o esteriótipo de que caberia aos estagiários ou aqueles jornalistas que não tinham capacidade para cobrir outras áreas como a política ou a sociedade, compor o quadro do setor de esportes (Proença, 1981: 27). Mario Filho foi o principal agente na quebra deste esteriótipo, pois foi decisivo “[...] no processo de criação de um campo

---

<sup>181</sup> Era comum durante este recesso a participação dos grandes clubes em pequenos torneios e/ou amistosos, para que se arrecadassem recursos financeiros para a manutenção do clube durante a temporada seguinte (Bellos, 2003).



autônomo para o jornalismo esportivo no Rio de Janeiro, mediante a valorização de um gênero até então tido como menor pela imprensa [...]” (Hollanda, 2004: 144).

Nesta mesma época que Mario Filho tinha inaugurado *O Mundo Esportivo*, início da década 1930, teria sido fundado também, por Argiro Bulcão, outro diário esportivo, o *Jornal dos Sports*. Como o periódico contava com mais recurso do que o obtido por Mario Filho quando tentou estabelecer o seu *O Mundo Esportivo*, acabou tendo continuidade. Enquanto o *Jornal dos Sports* se popularizava, Mario Filho prosseguiu inovando na direção do caderno esportivo de *O Globo*. Como tinha aprendido a lição de que o recesso no futebol carioca acabava prejudicando sensivelmente as redações esportivas, já que estas eram praticamente centradas neste esporte, Mario Filho resolveu investir na divulgação de outras modalidades – remo, jiu-jitsu, vôlei de praia, e também em campeonatos estudantis e universitários. Segundo Fátima Antunes, “[Mario Filho] como jornalista e criador do fato esportivo, não se restringiria ao incentivo desse esporte [o futebol]. Quando o futebol atravessava períodos de calma, promovia torneios de remo, boxe, natação, automobilismo” (Antunes, 2004: 129).

Obteve relativo sucesso, pois estas modalidades tinham um público leitor que procurava o jornal, porém, era notório que nem a soma dos outros esportes poderia superar, nem ao mesmo se aproximar, da popularidade que o futebol adquirira (Murad, 1996:15-26). Ao entender isso, o próprio Mario Filho passaria a organizar, através dos jornais torneios futebolísticos e amistosos no período de paralisação do certame carioca, como a Copa Rio-São Paulo, chamada de Torneio Roberto Gomes de Pedrosa, em homenagem póstuma a um dirigente esportivo (Rodrigues In Rodrigues Filho, 1994:10).

Em 1936, quando Mario Filho já era bastante reconhecido no meio esportivo, recebeu uma proposta que iria consolidar definitivamente sua carreira: com a ajuda financeira de alguns amigos – novamente com o aval e a participação direta de Roberto Marinho no

negócio – Mario Filho se tornaria o proprietário do *Jornal dos Sports*. Sob a nova direção, o periódico rapidamente prosperou, mas Mario continuou colaborando com a redação esportiva de *O Globo* por um longo período. Especificamente até 1949, quando se tornou sócio majoritário do jornal esportivo e também rompeu os laços de amizade com Roberto Marinho por outros motivos profissionais – a saber, briga com um outro jornalista esportivo de *O Globo* e a organização dos *Jogos Estudantis da Primavera*.

Ainda chegou a escrever a partir de 1955 crônicas semanais na revista *Manchete Esportiva*, dirigida por seus irmãos Paulo, Augusto e Nelson Rodrigues – a sugestão dada a Adolpho Bloch sobre a criação da revista e sobre o corpo editorial foi do próprio Mario. Mas, até a sua morte, em 1966, Mario Filho estaria, com afinco e paixão, centrado na direção do *Jornal dos Sports*. Sendo, inclusive, postumamente, homenageado em reconhecimento ao seu trabalho em prol do desenvolvimento dos esportes na direção do referido Jornal. O preito consistia em renomear o Estádio Municipal do Rio de Janeiro, o popular *Maracanã*, que, portanto, passaria a se chamar Estádio Municipal Mario Rodrigues Filho (Sérgio, 2000).

## II

Em março de 1945 a capa do *Jornal dos Sports*, cujo proprietário era Mario Filho, noticiava com entusiasmo que, a partir daquela data, o periódico iria contar com um renomado colaborador: o celebrado romancista José Lins do Rego. Este iria escrever uma coluna com o título geral de *Esporte e Vida*. Não era a primeira vez que Zé Lins iria escrever sobre o esporte, pois, esporadicamente o autor de *Fogo Morto* havia tratado do tema em suas crônicas sociais e também tinha exercido o ofício de cronista esportivo por um curto período de tempo (Castro In Rego, 2002: 143-144).

Seu círculo de relacionamentos e influências sempre foi explícito nas suas crônicas. E dentre eles se destacavam duas pessoas em especial: Gilberto Freyre – o amigo pessoal, que foi o principal influenciador do pensamento de Zé Lins – e Mario Filho – considerado pelo autor o principal especialista em de futebol. Na primeira crônica diária no *Jornal dos Sports*, por exemplo, explicitava o autor:

Não quis Mario Filho que encerrasse a minha carreira na crônica esportiva e me chamou para o convívio do seu jornal. Confesso que já começava a sentir saudades da coluna que me dera tantos trabalhos e tantas alegrias. A primeira vaia da minha vida conquistei por causa de uma palavra mal interpretada, numa crônica de bom humor. E a experiência da vaia valeu o ‘caviloso’ pouco conhecido. A um escritor muito vale o aplauso, a crítica de elogios, mas a vaia, com a gritaria, as ‘laranjas’, os palavrões deu-me a sensação da notoriedade verdadeira. (Rego, 2002: 27).<sup>182</sup>

Dando indícios de que já havia escrito anteriormente crônicas sobre o futebol, Zé Lins demonstrava certa perplexidade, porém com apreço, da passionalidade presente na prática futebolística. Conhecia, então, o seu leitor e, de antemão, adiantava que o leitor de crônica não tinha a mesma sofisticação e polidez do leitor de romance. Mesmo assim, como afirmado, atendeu prontamente o convite do seu amigo Mario Filho. Era mais uma prova do rápido e intenso envolvimento do literato para com o esporte que se popularizava no Brasil (Antunes, 2004: 47-122).

Mas a paixão de José Lins do Rego pelo futebol oscilava regularmente. Em especial, um assunto fazia com que José Lins recrudescesse: a violência (não só a física como também, a verbal e a moral). Geralmente o escritor tentava racionalizar, criticando qualquer ato que considerasse imponderado, fosse ele cometido por torcedores, dirigentes ou até mesmo jogadores.

O literato regularmente associava o futebol à civilidade. Desta forma, mesmo pertencendo a um movimento literário/intelectual revolucionário, o Regionalismo Nordestino

---

<sup>182</sup> Originalmente: Volta a Crônica. *Jornal dos Sports*. (07/03/1945).

(Hollanda, 2004: 33-34), neste sentido ainda tinha uma concepção de esporte bastante próxima a de Coelho Netto, por exemplo. Excetuando-se, logicamente, o caráter fidalgo (a ética amadorística), já que, pautado nas idéias de Freyre, Rego via no futebol um elemento de integração racial, portanto formador da identidade brasileira (que tinha sua origem na cultura nordestina das casas grandes/sobrados e senzalas/mocambos).

Fátima Antunes constatou que... “É curioso notar como Zé Lins associava constantemente a esportividade à civilidade, hábitos sociais de autocontrole das emoções nascidos de um mesmo processo civilizador, como mostram Elias & Dunning. Afinal, que é o fair-play senão um acordo de não violência e de respeito às regras pactuadas entre cavalheiros?” (Antunes, 2004: 72).

Os limites do “futebol civilizado” e a volta ao cenário dos seus romances, o sertão nordestino, podem ser notados em uma pequena – porém significativa – coluna, onde José Lins dialogava com uma outra redação de jornal não especificada, pois esta o havia criticado.

O noticiário esportivo de certos jornais está de um sensacionalismo cada vez mais agressivo. Afinal de contas, o futebol não é para lutas de vida ou morte.

Ontem um amigo me chamou a atenção para uma notícia alarmante. Dizia-se que o modesto cronista desta coluna seria sacrificado, caso o Botafogo perdesse a partida de domingo. Afirmava-se que isso estava determinado por um grupo de exaltados torcedores do Botafogo. Ora, futebol não é para tanto. Vamos reservar as nossas vidas para os momentos decisivos, para as grandes causas do mundo. Se queriam acabar comigo somente porque defendo os interesses do meu clube e por ele me bato em campo aberto, então vamos para as caatingas nordestinas e passemos às vinditas sertanejas, com o rifle e o punhal, com códigos de selvagens e botocudos (Rego, 2002: 132)<sup>183</sup>.

A condição de cronista diretamente envolvido com o futebol, já que José Lins chegou a ser diretor do Conselho Nacional de Desportos (CND) e Confederação Brasileira de Desportos (CBD) e secretário-executivo do próprio Flamengo (Antunes, 2004: 79), fez com que este constantemente tivesse que debater acirradamente com a imprensa, inclusive com

---

<sup>183</sup> Originalmente: É Demais. *Jornal dos Sports*. (30/08/1951).

alguns literatos renomados, sobre as suas atitudes políticas e ideológicas em relação ao futebol.

Zé Lins era um patriota convicto – “[...] como verdadeiros heróis, esses jovens que, longe da pátria, sem o calor familiar dos aplausos de sua gente, souberam ganhar para os esportes brasileiros o título máximo do Continente Sul” (Rego, 2002: 33)<sup>184</sup>. Assim, ofensas à pátria brasileira, atitudes ou manifestações de racismo, ou entrechoques entre os estados do país por causa do futebol incomodavam o autor de *Menino do Engenho*, que nunca deixou de refletir sobre o assunto – “[...] num campo de futebol, alguns torcedores estúpidos, como existem em toda parte do mundo, se comportaram mal, em momento de uma solenidade, quando hasteavam, no estádio do River Plate, de Buenos Aires, o pavilhão brasileiro. Houve, por parte de um público das gerais, um desrespeito à nossa querida e gloriosa bandeira” (Rego, 2002: 48)<sup>185</sup>.

Era o limite máximo que autor permitia ao irracionalismo que permeava (e ainda permeia) a prática dos esportes e, com mais ênfase, a do futebol. Mas, não era somente a atitude de parcela da torcida argentina que incomodava Zé Lins. A própria manifestação de alguns brasileiros em relação ao ocorrido também despertou a sua cólera literária, manifestada da seguinte forma:

Mas pretender conduzir esse ato de estupidez a um agravo a nossa soberania é outra estupidez sem limites. Todos nós sabemos o que é uma torcida apaixonada, a massa aglomerada e conduzida sem paixão. Comete desvarios e vai até às mais cruéis injustiças. Tudo isso nós sabemos, agora, pretender transformar um gesto de grosseria em movimento de pátria ofendida é exorbitar do sentido normal das coisas, e apelar para o absurdo.

[...] O mais é sensacionalismo (Rego, 2002: 48).

A crítica aos brasileiros que exigiam uma retratação do governo argentino era especialmente dirigida a um segmento da imprensa que tinha propagado esta idéia. Como Zé

---

<sup>184</sup> Originalmente: Festas para os Atletas. *Jornal dos Sports*. (27/04/1945).

<sup>185</sup> Originalmente: Os Patriotas Alarmados. *Jornal dos Sports*. (15/01/1946).

Lins sempre estivera envolvido com o futebol exercendo cargos diretivos, ele tinha uma posição mais diplomática do que a imprensa em geral. Tinha acesso também aos bastidores do esporte, o que possibilitava que fizesse análises mais sofisticadas, geralmente ponderando a complexidade dos acontecimentos e não fazendo a interpretação sem maiores detalhes (erro que considerava corriqueiro na imprensa esportiva daquela época).

Nesta condição de analista e indivíduo engajado no processo de desenvolvimento do futebol, não é de se estranhar que um assunto secundário sempre estivesse presente nas crônicas de José Lins do Rego: a política. Constantemente o autor se envolvia em alguma discussão sobre política, fosse ela pública, nacional, internacional, ou mesmo interna do Flamengo. E este posicionamento político iria custar caro à carreira esportiva do literato<sup>186</sup>.

### III

Em uma crônica escrita no *Jornal dos Sports*, no dia dezenove de abril de 1945, apenas três meses depois de iniciar definitivamente a carreira de cronista esportivo<sup>187</sup>, José Lins já fazia seu primeiro texto interligando o futebol e a política. Trava-se do caso da anistia política dada por Getúlio Vargas no findar do Estado Novo (decreto-lei que possibilitou a saída de Luís Carlos Prestes da prisão). Enaltecia o escritor que... “O Sr. Presidente da República acaba de lançar um decreto de anistia para todos os presos políticos. Foi uma magnífica vitória da opinião pública que virá trazer paz à família brasileira. Atos como esse honram e dignificam a nossa formação social” (Rego, 2002: 30)<sup>188</sup>. Prosseguiu, fazendo uma associação direta com o futebol – [...] eu convocaria todas as entidades, todos os clubes, todos os órgãos

---

<sup>186</sup> Com propriedade Bourdieu constata: “O mundo intelectual é um lugar de muitas lutas, às vezes ferozes, e ele é mesmo ameaçado incessantemente em sua independência, sua autonomia por toda sorte de forças exteriores, cuja mais temível é, sem dúvida hoje, o jornalismo, poder que é também, dominado por outros poderes, os da política [é um dos principais]” (Bourdieu & Haacke, 1995: 38).

<sup>187</sup> Vale ressaltar novamente que, antes de iniciar a coluna diária no *Jornal dos Sports*, José Lins do Rego já havia escrito sem regularidade algumas crônicas sobre os esportes em diferentes periódicos, entretanto foi a partir deste jornal que o autor iria se integrar no campo esportivo (Antunes, 2004: 50-51).

<sup>188</sup> Originalmente: Anistia. *Jornal dos Sports*. (19/04/1945).

de direção a imitar o gesto nacional do governo, e que, pelas suas diretorias e assembléias, decretassem também uma anistia ampla e irrestrita a todos os desportistas sujeitos a penalidades (Rego, 2002: 30).

Visivelmente, o futebol nesta crônica era apenas pretexto. Na época não era uma prática comum a punição de atletas. Como não existia ainda o exame antidoping, os poucos casos existentes eram por causa dos rompimentos de contratos. Era o primórdio do profissionalismo, um momento histórico conturbado, de sérias dificuldades para os atletas, entretanto, Zé Lins, como diretor de clube, tinha conhecimento suficiente para escrever sobre o assunto com mais profundidade. O tema, definitivamente, era a política e Zé Lins tinha a sua disposição um espaço relativamente pouco fiscalizado pelos censores (D'Araujo, 2000), já que o jornalismo esportivo, aparentemente, tinha pouca relação com o engajamento político. Mesmo sendo pouco fiscalizado, pode-se deduzir que a linha editorial do *Jornal dos Sports*, chefiada por Mario Filho, era, ao menos, tolerante em relação às críticas políticas, pois é pouco provável que tal crônica fosse permitida em um jornal que apoiasse o governo Vargas.

Como intelectual participante de um movimento literário engajado no nordeste e no Rio de Janeiro filiado ao grupo denominado *Esquerda Democrática*, José Lins do Rego tinha sérias divergências em relação ao governo Vargas (Castello, 1961: 187-194). O detalhe sutil na crônica, como bem notado por Marcos de Castro nas notas da coletânea de crônicas de Rego (2002), é que o nome de Vargas sequer é citado pelo literato. Além disso, fica explícito na crônica que a concessão se dava mais pela mobilização popular descontente com as restrições políticas impostas do que propriamente por uma iniciativa altruísta do governo.

A crítica ao poder oficial tinha que ser branda, pois nesta época o escritor exercia o cargo de diretor do Conselho Nacional de Desportos, nomeado pelo Ministro da Educação, Gustavo Capanema, tendo sido apresentado a este pelo prestigiado poeta Carlos Drummond

de Andrade, que exercia o posto de Chefe de Gabinete (Antunes, 2004: 50). José Lins do Rego, então – como exercia um cargo de confiança numa repartição pública, mesmo em discordância com o rigor antidemocrático e controlador do Estado Novo – tentava nas suas crônicas estabelecer um “diálogo” ponderado em se tratando de políticas públicas, algumas vezes elogiando, outras criticando sutilmente e de forma construtiva. Respectivamente, dois exemplos podem acentuar esta forma do autor tratar as questões políticas/esportivas. O primeiro, uma crônica enaltecendo outro diretor do CND; o segundo, criticando sutilmente alguns vereadores que tinham dado um parecer contrário ao incentivo governamental para a construção de um estádio para o Flamengo:

Volta hoje Lira Filho<sup>189</sup> de uma jornada gloriosa. Muito fez o chefe da delegação ao Chile nos debates de congresso de sabidões e muito deve ter contribuído para as nossas vitórias. É um autêntico craque na sua posição. Bom no discurso, e muito bom nas manobras políticas.  
[...] Lira Filho, de fato, é figura que não se encontra por aí com facilidade.  
Eu também posso dizer, em nome da legião de seus admiradores: “Queremos Lira Filho” (Rego, 2002: 28)<sup>190</sup>.

Continua a batalha pelo estádio. E agora, nos debates dos senhores vereadores que pretendem transformar uma aspiração geral do povo em competição demagógica de arrepiar cabelo. Lamento que o meu amigo Carlos Lacerda, homem que sei cheio das melhores intenções, esteja com a loucura do estádio em Jacarepaguá. Essa idéia do jovem amigo do povo parece mais de pirraça de amigo da onça. Se, de fato, os senhores vereadores estão mesmo, como devem estar, a serviço da cidade que os elegeu, não têm outro caminho que o de apoiar a iniciativa do Sr. Prefeito. Sair daí é trabalhar de bandido, contra nós todos (Rego, 2002: 87)<sup>191</sup>.

Mesmo estando o debate político nacional presente regularmente nas crônicas de José Lins do Rego, a ênfase maior sempre foi em relação à política regional e a política interna do próprio Flamengo. Observador atento às condições da cidade onde havia se estabelecido, o Rio de Janeiro, o autor de *Fogo Morto* usava das suas crônicas para questionar o

---

<sup>189</sup> João Lira Filho também era membro do Conselho Nacional de Desportos. José Lins do Rego tinha um grande apreço pelo pesquisador do esporte

<sup>190</sup> Originalmente: Queremos Lira Filho. *Jornal dos Sports*. (09/03/1945).

<sup>191</sup> Originalmente: O Estádio. *Jornal dos Sports*. (14/08/1947).



gerenciamento municipal. Em uma destas crônicas-manifesto o escritor mal relata que estava indo assistir ao treino do Flamengo e desanda a criticar a prefeitura da cidade.

Mas, em vez de lindíssimas borboletas<sup>192</sup>, o cronista foi encontrando soturnos urubus, a passearem, a passo banzeiro, por cima do lixo, das imundices, dos animais mortos, de toda a podridão que a prefeitura vai deixando ali, por detrás dos muros do Jôquei Clube. Fedia tanto o caminho que o pobre cronista, homem de noventa quilos, teve de correr para fugir o mais depressa possível daquele cenário nauseabundo (Rego, 2002: 34)<sup>193</sup>.

Interessantemente, a crônica é iniciada na primeira pessoa do singular – “Fui hoje pela manhã [...]” (Rego, 2002: 34) – e reverte subitamente para terceira pessoa do singular, estrutura verbal de uso comum entre os jogadores na época (condição que permanece até a atualidade). É provável que estivesse tentando atenuar as críticas ou, pelo menos, não passar a impressão de que era um ataque direto à gestão municipal.

Os ataques mais ferrenhos eram sempre contra aqueles que se punham contrários aos interesses do Flamengo. Como no caso do rival Vasco da Gama, que tinha como presidente Ciro Aranha, irmão de Oswaldo Aranha que, por sua vez, era um dos principais ministros e amigo pessoal de Getúlio Vargas, ou seja, o clube *cruzmalino* contava com um importante apoio político que lhe rendia títulos – “Só o Vasco, só dá Vasco, só vence o Vasco. E quem não se conformar com essa ditadura, poderosamente organizada, que se prepare para o amargor das derrotas de criar bicho. Só o Vasco existe e Ciro Aranha é o seu profeta” (Rego, 2002: 58)<sup>194</sup>.

Em outra circunstância, ainda sobre a perspectiva de um apoio do governo federal à construção de um estádio para o Flamengo, o literato criticava veementemente, mas sem revelar os nomes dos desafetos, aqueles que se opunham ao projeto. “Não vejo por que a grita

---

<sup>192</sup> Referia-se as borboletas azuis descritas em uma das obras de Casimiro de Abreu.

<sup>193</sup> Originalmente: O cronista, as borboletas e os urubus. *Jornal dos Sports*. (05/05/1945).

<sup>194</sup> Originalmente: Só existe o Vasco. *Jornal dos Sports*. (25/06/1946).

que se levanta, e nem tampouco essa má-vontade mesquinha de quem não tem uvas para comer” (Rego, 2002: 65)<sup>195</sup>.

Sempre aproximando a política do futebol, Zé Lins via até nas eleições para Presidente da República uma possibilidade para discussão acerca do apoio aos candidatos e os projetos do Flamengo. Em certa crônica tentou evidenciar o caráter democrático do Clube de Regatas Flamengo, esclarecendo:

Pergunta-me um amigo por que todo Flamengo é pela candidatura de Dutra. E eu lhe respondi que não era verdade. O Flamengo não tem candidato, não aconselha candidato, não se compromete com candidato algum. Há flamengos partidários do general Dutra, como há do Brigadeiro, como há do Fiúza. Somos uma democracia, e por sermos uma democracia perfeita, damos liberdade absoluta aos nossos companheiros. Cada flamengo age e pensa pela sua cabeça, pela sua simpatia, pelos seus impulsos (Rego, 2002: 45)<sup>196</sup>.

Mesmo tentando demonstrar que o Clube oficialmente não apoiaria nenhum candidato a presidente, Zé Lins não omite a sua opinião, inclusive sendo bastante ostensivo ao afirmar que... “O Flamengo não tem dono. Porque é do povo. E dentro dele o povo se manifesta conforme os seus sentimentos. Apesar de nada ser no Flamengo, apesar de simples torcida, estou com o Brigadeiro. E aconselho a sua candidatura como a presidente como a salvação nacional” (Rego, 2002: 45).

Como afirma Marcos Castro (2002) nas notas da coletânea de crônicas *O Flamengo é puro Amor*, Zé Lins pertenceu à *Esquerda Democrática*, apoiando abertamente o candidato da União Democrática Nacional (UDN), o brigadeiro Eduardo Gomes. Mas este acabou sendo derrotado pelo candidato getulista, o general Eurico Gaspar Dutra (D’Araujo, 2000).

A vitória de Dutra acabou sendo benéfica ao Flamengo, pois o presidente do Clube tinha um contato bastante sólido com o novo Presidente da República, desta forma, algumas questões internas passaram a contar com o apoio do governo federal. Assim, alguns meses

---

<sup>195</sup> Originalmente: O Flamengo merece muito mais. *Jornal dos Sports*. (27/11/1945).

<sup>196</sup> Originalmente: O Flamengo e as candidaturas. *Jornal dos Sports*. (27/11/1945).

depois, Zé Lins afirmava em uma crônica que... “Pode o Sr. General Dutra ficar certo que o seu ato, que facilitou ao Flamengo e a outros clubes a construção de praças de esportes, veio ao encontro do povo” (Rego, 2002: 64)<sup>197</sup>.

José Lins do Rego ainda iria escrever (e lutar) muito pelo financiamento federal para construção de um estádio para o clube da sua predileção. Nestas crônicas, seus interlocutores diretos eram sempre os políticos que poderiam ajudar o clube – especialmente o Presidente da República, o general Eurico Gaspar Dutra. Explorando a popularidade do Flamengo, envolvido pela paixão em relação à agremiação, Zé Lins, como bem analisado por Antunes (2004), formula uma nova concepção de nação, a nação esportiva. Neste novo conceito, a referência não poderia deixar de ser o Flamengo<sup>198</sup>: “Porque não há clube que mais seja de todo o Brasil, verdadeiramente da nação, do que o Flamengo. Em todos os sentidos, é o Flamengo o clube do povo brasileiro. E servir ao Flamengo é servir ao Brasil” (Rego, 2002: 64). Concepção de nação reiterada em uma outra crônica, onde o literato começa a difundir a idéia de que o Flamengo era o time do povo.

O Flamengo, como todos os clubes da cidade, é um elemento de preparação do espírito nacional. E mais do que qualquer um vive, por todos os recantos do Brasil, nos entusiasmos de seus adeptos que são uma verdadeira legião.

Se há um clube nacional, este será o Flamengo, criação do mais legítimo espírito de brasilidade. Flamengos são brasileiros de todas as cores, de todas as classes, de todas as posições. Flamengo é o Sr. Eurico Gaspar Dutra, é o Sr. Nereu Ramos, é o Sr. Juraci Magalhães, é o meu rapaz do jornal, é o meu apanhador de bolas no tênis, é o Grande Otelo, é o pintor Portinari, é o Brasil de todos os partidos. E se o Flamengo tiver o seu estádio gigante é porque merece mais (Rego, 2002: 65).

Então, se na concepção do autor, os clubes de futebol e suas respectivas torcidas podiam ser entendidos como nações, entre as quais o Flamengo era um símbolo, não era de se estranhar que a relação entre futebol e política se tornasse um conteúdo recorrente nos seus

---

<sup>197</sup> Originalmente: Servir ao Flamengo é servir ao Brasil. *Jornal dos Sports*. (20/09/1946).

<sup>198</sup> Sobre a popularidade do Flamengo ver: Castro, Ruy. *O Vermelho e o Negro – pequena grande história do Flamengo*. São Paulo: DBA, 2000.

textos – mesmo que esta relação parecesse algumas vezes bastante forçada. Os casos foram variados: contrariando um vereador que acusava o Flamengo de ser um clube racista (Rego, 2002: 92)<sup>199</sup>; associando sutilmente a renitência do América Football Club ao advogado Sobral Pinto, que defendeu com afincos presos políticos durante o regime ditatorial de Vargas (Rego: 2002: 93)<sup>200</sup>; cobrando o término da construção do estádio Municipal do Rio de Janeiro<sup>201</sup> – o popularmente chamado *Maracanã*, posteriormente rebatizado de estádio Municipal Mario Filho (Rego, 2002: 128)<sup>202</sup>; criticando e combatendo, por sinal prematuramente, a lei do passe, chamando um empresário de “explorador do novo tráfico de brancos” (Rego, 2002: 137)<sup>203</sup>, ou afirmando com mais veemência que... “O aliciador de trabalho humano retrocede aos tempos dos navios negreiros (idem); ou ainda criticando os diretores da CBD, como João Havelange (Rego, 2002: 138)<sup>204</sup>.

Conclui-se que o envolvimento e o engajamento do escritor, conseqüentemente, fizeram, algumas vezes, com que seus breves textos tivessem que ser polarizados, sendo assim, direcionados a acirrados debates tanto em relação à política – municipal, estadual, esportiva, clubística – quanto em relação à idéia do que representava o esporte futebol no país.

Por outro lado, em outras circunstâncias, por causa do exercício de cargos políticos – secretário-geral do Flamengo, conselheiro do CND e diretor da CBD – alguns problemas internos, obviamente de conhecimento do escritor, não foram explicitados em suas crônicas (Antunes, 2004). Um dos casos analisados na tese de Fátima Antunes foi a dificuldade de organização para sediar a Copa do Mundo de 1950, especificamente o atraso na construção do estádio do *Maracanã*. Segundo a autora... “José Lins do Rego estaria acompanhando de perto

---

<sup>199</sup> Originalmente: O Flamengo não é racista. *Jornal dos Sports*. (01/04/1948).

<sup>200</sup> Originalmente: O América. *Jornal dos Sports*. (09/04/1948).

<sup>201</sup> Devido ao protesto dos outros clubes da cidade, a idéia do governo financiar a construção de um estádio para o Flamengo foi abandonada, sendo implementado um novo plano, a construção de um grande estádio municipal que iria servir ao interesse de todos os clubes da cidade.

<sup>202</sup> Originalmente: O engenheiro João Carlos Vital uma boa escolha. *Jornal dos Sports*. (26/04/1951).

<sup>203</sup> Originalmente: O aliciador. *Jornal dos Sports*. (25/04/1957).

<sup>204</sup> Originalmente: Vingança. *Jornal dos Sports*. (05/05/1957).

esses problemas, mas nenhum deles era mencionado em suas crônicas, que transbordavam apenas orgulho e ufania” (Antunes, 2004: 79). Este “silêncio” de Zé Lins em relação aos problemas gerenciais pode ser entendido como aquilo que é definido por Eni Orlandi de “esquecimento ideológico” (Orlandi, 2001: 35).

Por ser o chefe da delegação brasileira que disputou e perdeu o Sul-Americano do Peru, em 1953, Zé Lins sofreu severas críticas da imprensa nacional, devido aos inúmeros incidentes ocorridos durante o campeonato: brigas internas, condutas anti-desportivas em campo, ordens truncadas, etc. Frustrado, o literato resolveu se afastar dos cargos diretivos relacionados ao esporte, permanecendo somente como cronista esportivo.

Desta forma, nos seus quatro últimos anos de vida, alterou sensivelmente o conteúdo de suas crônicas, tornando-se mais crítico, mais distante e mais ponderado em se tratando da seleção brasileira ou mesmo do Flamengo (Antunes, 2004: 101-118).

#### IV

Definia Nelson Rodrigues em certa crônica:

Pergunto: – para nós, o que é o escrete? Digamos: - é a pátria em calções e chuteiras, a dar rútilas botinadas, em todas as direções. O escrete representa os nossos defeitos e as nossas virtudes. Em suma: – o escrete chuta por 100 milhões de brasileiros. E cada gol do escrete é feito por todos nós. Digo isso e, ao mesmo tempo, o desdigo (Rodrigues, 1994: 179)<sup>205</sup>.

O “desdigo” ao final era porque à crônica esportiva vivia criticando o escrete, sendo assim, conseqüentemente, criticava o próprio povo também. Em virtude disso, foi uma das poucas oportunidades em que Nelson iria assumir o ofício de cronista (como será visto adiante, por divergir dos cronistas racionalistas, ele não se colocava nesta posição, manifestando-se sempre como um torcedor), mas, de forma cínica, estava tentando com isso

---

<sup>205</sup> Originalmente: A Pátria em Chuteiras. *O Globo*. (02/06/1976).

passar ao leitor a impressão de que a crônica esportiva cometia uma grande injustiça ao subjugar o selecionado brasileiro – “E, com efeito, se o povo é o escrete e o escrete o povo, por que a crônica é tão restritiva contra a seleção? Estou sendo delicado quando escrevo restritivo. Na verdade, a tendência da boa parte da crônica é arrasar o escrete” (Rodrigues, 1994: 179).

Na verdade, na representação dramática do futebol nas crônicas do teatrólogo o selecionado brasileiro não podia deixar de ser pensado como o maior protagonista do seu enredo (Marques, 2000: 174). Ele simplesmente não simbolizava o povo, a nação e a raça brasileira, ele era o próprio, povo, nação e raça – “O escrete tinha que vencer porque não era somente o escrete, era também o Brasil, era também o homem brasileiro” (Rodrigues, 1993: 93)<sup>206</sup>. Ou neste outro trecho, onde reiterava: “Se vocês querem conhecer um povo, examinem o seu comportamento na vitória e na derrota” (Idem: 148). O selecionado, com os seus destemperos e assertivas, suas vitórias e derrotas, suas virtudes e defeitos, seus créditos e descréditos, seus atos heróicos e covardes, enfim..., era apenas um reflexo dos mesmos valores que o brasileiro tinha. Na descrição de um amigo, o “Braguinha”, que era defensor fervoroso do selecionado nacional, Nelson, com esmero, refletia: “Presumo que ele tenha da seleção a seguinte imagem: – a pátria em calções e chuteiras, a trovejar civismo” (Rodrigues, 1994: 103)<sup>207</sup>.

Desta forma, neste complexo cenário teatral expresso nas inúmeras crônicas de Nelson Rodrigues, o selecionado nacional passava a ter um valor elevado, tanto é que a reincidência sobre esta temática computa parcela significativa das crônicas do autor de *Toda Nudez Será Castigada*. Vitórias significavam progresso e felicidade, derrotas retrocessos e tristeza, em

---

<sup>206</sup> Originalmente: Bicampeões do Mundo. *O Globo*. (18/06/1962).

<sup>207</sup> Originalmente: Radinho de Pilha. *O Globo*. (30/06/1965).

algumas circunstâncias, até traumas – como a derrota na Copa de 1950, por exemplo, como será melhor analisado no findar deste capítulo.

Embora Nelson vivenciasse a conquista de três mundiais (1958, 1962 e 1970) e inúmeros outros títulos, era inevitável que contrastasse muito o seu posicionamento sobre o selecionado (e, logicamente, sobre o povo brasileiro também), pois também ocorreram várias derrotas (Toledo, 2002: 163-164) – “[...] o jogador brasileiro é sempre um pobre ser em crise. [...] Quem ganha a e perde as partidas é a alma. Foi a nossa alma que ruiu face à Hungria, foi a nossa alma que ruiu face ao Uruguai” (Rodrigues, 1993: 26)<sup>208</sup>.

Para ele, as derrotas eram um sintoma nacional. Era da índole do povo se fragilizar, não vislumbrando a possibilidade promissora de crescimento (Rodrigues 1993; 1994; 2002; 2004). Na reflexão do próprio autor: “O brasileiro gosta muito de ignorar as próprias virtudes e exaltar as próprias deficiências, numa inversão do chamado ufanismo. Sim, amigos: – somos uns Narcisos às avessas, que cospem na própria imagem. Mas certas vitórias merecem um total respeito” (Rodrigues, 1993: 30)<sup>209</sup>.

Visando demonstrar a responsabilidade do povo brasileiro nas derrotas do selecionado (ou de qualquer clube brasileiro contra estrangeiros), Nelson desenvolveu uma teoria pautada no comportamento dos jogadores brasileiros, afinal, estes também eram parte do povo. Esta teoria seria batizada de o *complexo de vira-latas*.

As primeiras formulações sobre este conceito eram remotas. Surgiram através de um tema comum nas crônicas de Nelson: a humildade do povo brasileiro – condição que o cronista fazia questão de rechaçar e era motivo de constante reflexão.

Eu me lembro daquele personagem do Dickens que vivia clamando pelas esquinas: – “Eu sou Humilde!” Eu sou humilde! Eu sou o mais humilde do mundo!” [...].

---

<sup>208</sup> Originalmente: A Pátria em Chuteiras. *Manchete Esportiva*. (07/04/1956).

<sup>209</sup> Originalmente: Irresistível Flamengo. *Manchete Esportiva*. (26/01/1957).

Pois bem: – o brasileiro tem um pouco de personagem de Dickens. Eu disse “um pouco” e já amplo: - tem muito. Se examinarmos a nossa história individual e coletiva, esbarramos, a cada passo, com exemplos inequívocos e indelévels de humildade. Por exemplo: - a recentíssima jornada do escrete brasileiro em canchas européias. Foi algo patético.

[...] De qualquer maneira, não se podia desejar uma humildade mais compacta e mais refalsada. [...].

[...] E, assim, imersos até o pescoço numa vil modéstia lá partiram os nossos craques para aprender na Europa. Mas já não constituíram uma equipe briosa, entusiasta, segura de si mesma e dos próprios méritos. [...].

Ou expulsamos de nós a alma da derrota ou nem vale a pena competir mais. Com uma humildade assim abjeta, ninguém consegue nem atravessar a rua, sob pena de ser atropelado por uma carrocinha de Chica-bon (Rodrigues, 1994: 17-18)<sup>210</sup>.

Mas a formulação final ocorreu pouco antes da realização da Copa do Mundo da Suécia, em 1958. Mesmo depois da surpreendente derrota na Copa de 1950 – onde o próprio país sediava o evento e também era o favorito já que as principais seleções não compareceram pelo desgaste da Segunda Guerra Mundial (Unzelte, 2002: 123-126; Perdigão, 2000; Nogueira, Soares & Muylaert, 1994) – e da participação de pouco destaque na Copa do Mundo da Suíça, em 1954 (Heizer, 1997: 103-118; Nogueira, Soares & Muylaert, 1994), o teatrólogo era, ao contrário da maioria da crônica esportiva brasileira, um ufanista em se tratando da participação da seleção no torneio. Não era só nas Copas do Mundo, indiferentemente ao grau de dificuldade dos jogos e torneios, Nelson sempre acreditava.

Assim, mesmo considerando que o brasileiro (representado no caso das Copas pelo jogador) era um despreparado psicologicamente para a vitória, análise feita a partir das participações nas Copas anteriores, ainda acreditava que a partir de 1958, com o apoio do torcedor, o escrete poderia voltar vitorioso, contrariando a maioria da imprensa que era bastante cética. Era apenas o caso de acreditar e ter confiança – “[...] Com Pelé no time e outros como ele, ninguém irá para a Suécia com a alma dos vira-latas. Os outros é que tremerão diante de nós” (Rodrigues, 1993: 44)<sup>211</sup>. Lançado o termo neste contexto, então

---

<sup>210</sup> Originalmente: Abaixo a Humildade!. *Manchete Esportiva*. (19/05/1956).

<sup>211</sup> Originalmente: A Realeza de Pelé. *Manchete Esportiva*. (08/03/1958).



carecia explicitar a sua formulação teórica, tendo ainda como referência à participação brasileira no torneio que estava às vésperas.

A pura, a santa verdade é a seguinte: – qualquer jogador brasileiro, quando se desamarra de suas inibições e se põe em estado de graça, é algo de único em matéria de fantasia, de improvisação, de invenção. Em suma: – temos dons em excesso. E só uma coisa nos atrapalha e, por vezes, invalida as nossas qualidades. Quero aludir ao que eu poderia chamar de “complexo de vira-latas”. Estou a imaginar o espanto do leitor: – “O que vêm a ser isso?”. Eu explico.

Por “complexo de vira-latas” entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol. Dizer que nós nos julgamos “os maiores” é uma cínica inverdade. Em Wembley, por que perdemos? Porque, diante do quadro inglês louro e sardento, a equipe brasileira ganiu de humildade. Jamais foi tão evidente e, eu diria mesmo, espetacular o nosso vira-latismo. Na já citada vergonha de 50, éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem do empate. Pois bem: – e perdemos da maneira mais abjeta. Por um motivo muito simples: - porque Obdulio nos tratou a pontapés, como se vira-latas fôssemos (Rodrigues, 1993: 52)<sup>212</sup>.

Com a vitória do Mundial de 1958, o *complexo de vira-latas* do brasileiro tinha sido aparentemente resolvido. Logo após o findar do torneio, em uma crônica intitulada *É Chato Ser Brasileiro!*, foi afirmado por Nelson: “Já ninguém tem mais vergonha de sua condição nacional. [...] O povo não se julga mais um vira-latas. Sim, amigos: – o brasileiro tem de si mesmo uma nova imagem. E já se vê na generosa totalidade de suas imensas virtudes pessoais e humanas” (Rodrigues, 1993: 60-61)<sup>213</sup>.

Mas, mesmo com as vitórias consecutivas nos Mundiais de 1958 e 1962, este *complexo*, que segundo Nelson era a única justificativa para que o Brasil fosse derrotado, figurava de forma obsessiva nas suas crônicas, sempre que achava necessário lembrá-lo. Algumas vezes como uma relembração, uma memória, de uma época remota que o cronista não acreditava (ou não queria acreditar) que voltasse. Um exemplo ocorreu um ano depois da conquista do primeiro Mundial, quando Nelson achou que o povo estava esquecendo dos “heróis” da conquista.

---

<sup>212</sup> Originalmente: Complexo de Vira-Latas. *Manchete Esportiva*. (21/05/1958).

<sup>213</sup> Originalmente: É Chato Ser Brasileiro!. *Manchete Esportiva*. (12/07/1958).

Mas é que o brasileiro não é disso. Sim amigos: – o brasileiro reage ao bem que lhe fazem com uma gratidão amarga e quase ressentida. Que fez o escrete? Deu-nos a maior alegria de nossa vida. Tornou qualquer vira-lata em campeão do mundo. Mas a nossa gratidão logo secou como uma bica da Zona Sul. Tratamos de esquecer a jornada estupenda.

Mas eu vos digo: – “esquecer” não é bem o termo. Ou por outra: – o brasileiro pode “esquecer” da boca para fora. Mas na verdade um Pelé é inesquecível. Insisto: - apesar de toda a nossa ingratidão, Pelé é imortal. E por isso, porque ninguém pode enxotá-lo da nossa memória, eu promovo a meu personagem do ano (Rodrigues, 1994: 54-55)<sup>214</sup>.

Em outras, quando ocorria uma derrota significativa, Nelson afirmava que o *complexo* havia ressurgido, e isto causava indignação no cronista, já que, após as vitórias consecutivas em 1958 e 1962, ele acreditava que tal problema já estava sanado. Desta forma, para a convicção otimista do escritor, a derrota na Copa do Mundo da Inglaterra em 1966 foi um choque. E este não poderia deixar de ser manifesto em suas crônicas, pois, como dramaticamente exposto, “As grandes humilhações nacionais são temas permanentes e obsessivos. Assim como não esquecemos Canudos, nem esquecemos 50, assim continuamos atrelados à vergonha de 66. Daqui a duzentos anos, a derrota ainda será uma ferida a chorar sangue, e repito: – sangue vivo e perene” (Rodrigues, 1994: 135)<sup>215</sup>.

Não suportando a derrota, Nelson (1993; 1994) tenta justificar a decepcionante participação brasileira em 1966 afirmando que, deliberadamente, os sul-americanos foram prejudicados pela arbitragem para que dois selecionados europeus pudessem chegar a final. Mesmo de forma desproposita, devido a sua acentuada influência no público leitor e na própria imprensa esportiva, Nelson acabaria “inventando uma tradição” (Hobsbawm & Ranger, 1997) acerca deste torneio, a de que ele foi controlado com a finalidade de acabar com a hegemonia das seleções sul-americanas<sup>216</sup>. Mas, mesmo a contragosto, após acentuar o

---

<sup>214</sup> Originalmente: Meu Personagem do Ano. *Manchete Esportiva – Edição Especial*. (Jan/1959).

<sup>215</sup> Originalmente: A Copa dos Piratas. *O Globo*. (12/10/1966).

<sup>216</sup> Ver, por exemplo, as seguintes obras que, pautadas em Nelson Rodrigues, reforçam este tese: Heizer, Teixeira. *O Jogo Bruto das Copas do Mundo*. Rio de Janeiro: Mauad, 1997.  
Prado, Flávio. *O Arquivo Secreto das Copas 1930/1954*. São Paulo: Publisher Brasil, 1998.  
Fontenele, Airton. *O Brasil em Todas as Copas*. Fortaleza: Edições Livro Técnico, 2002.

“auxílio” das entidades do futebol aos europeus, Nelson assumiria que a derrota tinha sido desastrosa: o *complexo de vira-latas* tinha voltado a predominar no Brasil.

Amigos, eu sempre digo que, antes de 58 e de 62, o Brasil era um vira-lata entre as nações, e o brasileiro um vira-lata entre os homens. [...].

Estávamos esquecidos, sim, estávamos desmemoriados do nosso subdesenvolvimento. E, súbito, vem a frustração hedionda do tri. Ontem mesmo, eu vim para a cidade, no ônibus, com um confrade. Súbito, constato o seguinte: – o colega babava na gravata. É o pior é que não havia, ali, à mão, um guardanapo. Eu ia adverti-lo, quando descobri que todos, no coletivo, faziam o mesmo. Percebi tudo: – perda da Copa, deu no povo essa efervescente salivação. Repito: – pende do nosso lábio a baba elástica e bovina do subdesenvolvimento. E o Otto Lara Resende bate o telefone para mim. Ante do bom-dia, disse-me ele: – “Voltamos a ser vira-latas” (Rodrigues, 1994: 122)<sup>217</sup>.

## V

Mas, se o brasileiro era um povo legítimo e vitorioso, só que em alguns momentos teve lapsos de *vira-latismo*, nota-se que Nelson tinha que necessariamente eleger uma referência do que o brasileiro não era. Assim, elegeu o europeu como pólo oposto ao brasileiro, possivelmente por ser o continente onde se encontravam os principais adversários no futebol e por ser a referência, sob a égide da civilidade (Pesavento, 2002), que predominou nas primeiras décadas do século XX.

Discordava, deste jeito, veementemente do posicionamento que, para ele, era típico do povo brasileiro: venerar o estrangeiro como modelo ideal. E, no caso do futebol, os ingleses, pois estes eram os criadores da modalidade. Criticava, então: “Por aí se vê que admiramos mais os defeitos ingleses do que as virtudes brasileiras” (Rodrigues, 1993: 165)<sup>218</sup>. Nelson Rodrigues não acreditava na superioridade européia pregada por muitos analistas do esporte. Acreditando no modelo de Gilberto Freyre, entendia que o futebol havia se *abrasileirado*, ou seja, com as características do homem brasileiro – a ginga, a malandragem, o drible –, únicas no cenário mundial, o Brasil era inigualável.

---

<sup>217</sup> Originalmente: Voltamos a Ser Vira-Latas. *O Globo*. (26/07/1966).

<sup>218</sup> Originalmente: O Belo Milagre das Vaías. *O Globo*. (01/05/1970).

Desta forma, como contraponto superior ao forte e condicionado povo europeu, emergia o ousado e mandrião povo brasileiro, fato comprovado através da comparação entre os jogadores de futebol dos dois continentes. Garrincha era um dos exemplos mais usados por Nelson. Em uma destas menções, o cronista – aproximando muito o conhecido jogador brasileiro do esteriótipo de *Macunaíma*, o herói sem caráter de Mario de Andrade – relatava com certo desdém ao europeu: “[...] De um lado, uns quatro ou cinco europeus, de pele rósea como nádega de anjo: de outro lado, feio e torto, o Mané” (Rodrigues, 1994: 79)<sup>219</sup>.

Assim, o autor de *Perdoa-me Por Me Traíres*, formulava uma teoria pautada no que é definido por Norbert Elias como *identidade-nós* (Elias, 1994:184-190): o brasileiro conseguia no futebol uma autonomia inalcançável, desta maneira, incorporou uma prática de índole civilizatória tipicamente inglesa, transformando-a de tal forma que o europeu não conseguiu mais reproduzi-la, muito menos superá-la. Na mesma crônica publicada pouco antes da realização da Copa do Mundo de 1962, o literato refletia...

Após quatro anos de meditação sobre o nosso futebol, o europeu [...] vinha certo da vitória. Havia, porém, em todos os seus cálculos, um equívoco pequenino e fatal. De fato, ele viria a apurar que o forte do Brasil não é tanto o futebol, mas o homem. Jogado por outro homem o mesmíssimo futebol seria o desastre. Eis o patético da questão: – a Europa podia imitar o nosso jogo e nunca a nossa qualidade humana” (Rodrigues, 1994: 79).

Nas crônicas de Nelson Rodrigues, outra característica que após a resolução do *complexo de vira-latas* era inerente ao jogador brasileiro, além da malandragem, era a coragem. O homem/atleta brasileiro, principalmente durante o período em que o Brasil ganhou as primeiras Copas do Mundo, era um valente já ao nascimento. E através da valentia, adquiria também valores como ética, moral e cidadania. Um exemplo típico era o jogador Vavá – centroavante que atuou durante a Copa da Suécia e que, Segundo Nelson, dava as

---

<sup>219</sup> Originalmente: O Escreto de Loucos. *Fatos & Fotos – Edição Especial*. (Jun/1962).

mais categóricas provas empíricas de que o brasileiro assumia um novo papel no contexto mundial. Sempre de forma otimista, passional e, principalmente, dramática, é narrada a perseverança do atacante durante um jogo decisivo contra o selecionado francês.

E como foi empolgante o coração de Vavá! Há quem diga, inclusive patrícios nosso: – “O Brasil não tem caráter! O Brasil não tem moral!”. Mas olhem Vavá. Não tem medo de ninguém, medo de nada. Se for preciso, ele dará a cara para o inimigo chutar. É, mal comparando, um Tartarin desgrenhado, que pegasse, à unha, leões de verdade. Ontem, machucou-se, e por quê? Porque entregou a canela para o inimigo faturar. Foi a canela, como poderia ter sido a base do crânio. Sabe-se que os franceses, furiosos com o deslumbrante baile do Brasil, baixaram o sarrafo. Caçado a pontapés, na área e fora, perseguido quase a pauladas, eis que Vavá sobrevive ao massacre. Ele e os companheiros. Ora, é desse peito largo e inexpugnável que o escrete brasileiro sempre precisou.

Amigos, não tenham dúvidas: este escrete não é apenas o maior do certame. Digo “o maior”, independente do resultado final. É, também, o escrete da coragem. E creiam que Vavá, com a sua bravura louca, traduz, como eu já disse, um perfeito, um empolgante símbolo dessa coragem e desse escrete (Rodrigues, 1994: 45)<sup>220</sup>.

Mas, dentre os atletas brasileiros, aquele que Nelson mais gostava de usar como exemplo do desenvolvimento do país era Pelé. O jogador tornara-se presença constante nos textos de Nelson Rodrigues devido as suas características se adequar precisamente às formulações dramáticas e teóricas – a reprodução da tese de Freyre/Mario Filho acerca da *brasilidade*. Além disso, a prematuridade do atleta (havia vencido o Mundial de 1958 com apenas dezessete anos e o seu segundo, em 1962, com apenas vinte e um anos de idade) servia para reforçar a promissora perspectiva do selecionado/país. Sobre este atleta, afirmava Nelson, sem conter a admiração, logo após a conquista do Mundial da Suécia: “[...] Pelé, um menor total, irremediável, que nem pode assistir a filme de Brigitte Bardot. Ao receber o ordenado, o bicho, o pai que tem que representá-lo. Pois bem: Pelé assombrou o mundo. Não se limitou a fazer gols. Tratava de enfeitá-los, de lustrá-los. Sim, poderia ser Pelé o homem desta página” (Rodrigues: 1993: 58)<sup>221</sup>.

---

<sup>220</sup> Originalmente: O Escrete da Coragem. *Manchete Esportiva*. (28/06/1958).

<sup>221</sup> Originalmente: O Triunfo do Homem. *Manchete Esportiva*. (05/07/1958).

Embora Pelé tenha se contundido durante a Copa de 1966, na dramatização do futebol criada por Nelson, isto ocorreu devido ao “complô” europeu para prejudicar os países sul-americanos, portanto, um releve acidente histórico no projeto de afirmação do homem brasileiro através do futebol (Antunes: 2004: 232-258). Por outro lado, mesmo racionalizando a derrota, considerando-a um percalço, Nelson Rodrigues manifestou literariamente um certo ressentimento do caso. Este sentimento de mágoa era tratado com sarcasmo, pois acreditava que os brasileiros demonstraram passividade ao aceitar facilmente a estratégia escusa dos europeus.

Amigos, o mínimo que se pode esperar do subdesenvolvido é o protesto. Ele tem de espernear, tem de subir pelas paredes, tem de se pendurar no lustre. Sua dignidade depende de sua indignação. Ou ele, na sua ira, dá arrancos de cachorro atropelado, ou temos de chorar pela sua alma.

[...] Eu vi que a tragédia do subdesenvolvimento não é só a miséria ou a fome, ou as criancinhas apodrecendo. Não. Talvez seja um certo comportamento espiritual. O sujeito é roubado, ofendido, humilhado e não reconhece o direito de ser vítima.

[...] Oh, meu Deus do céu! Virgem Santíssima! Nós já somos um povo que não faz outra coisa senão perder! Olhem a nossa cara. Reparem: – é a cara da derrota. Afinal de contas, o que é o subdesenvolvimento se não a derrota cotidiana, a humilhação de cada dia e de cada hora? E é uma ignomínia que venha alguém dizer a esse povo desesperado: – Vá perdendo! Continue perdendo! Aprenda a perder!”. (Rodrigues, 1994: 126-127)<sup>222</sup>.

Mesmo ressentido, Nelson manteve o otimismo em relação ao selecionado nacional nos anos que sucederam a derrota de 1966. Só que a maioria da crônica esportiva não compactuava com a sua idéia. Boa parte da imprensa esportiva diagnosticava que o futebol brasileiro havia entrado em decadência e que o conjunto de força, resistência e obediência técnica do europeu superou o modelo latino – criativo e desregrado. O autor de *Viúva, Porém Honesta* discordava. “Os lorpas, os pascácios, poderão lembrar, por exemplo, Alemanha X Itália. Vejamos. Não sei se vocês repararam que o futebol alemão é profundamente ridículo. Eis a palavra: – ridículo. Só a nossa crônica, ou parte dela, ainda não percebeu o óbvio. Mas

---

<sup>222</sup> Originalmente: A Cara da Derrota. *O Globo*. (03/08/1966).

aquelas correrias irracionais são o antifutebol. Em suma: – a partida Alemanha X Itália teve um baixo nível” (Rodrigues, 2002: 165)<sup>223</sup>.

Neste contexto, Pelé, a referência de 1958 e 1962, passou a ser um jogador retrógrado, embora ainda tivesse pouco mais de vinte e cinco anos (Aquino, 2002: 86-89). Nelson novamente recorreu ao sarcasmo em relação ao subdesenvolvimento para justificar a posição dos pessimistas, dialogava, então: “Perguntará o leitor, em sua espessa ingenuidade: – “O brasileiro não gosta do brasileiro?”. Exatamente: – O brasileiro não gosta do brasileiro. Ou por outra: – o subdesenvolvido não gosta do subdesenvolvido. Não temos sotaque, eis o mal, não temos sotaque” (Rodrigues, 1993: 166)<sup>224</sup>.

Pouco antes da Copa do México (1970), Nelson era um dos poucos cronistas otimistas em relação ao *escrete* brasileiro e, conseqüentemente, em relação ao desempenho de Pelé. Afirmava, pois, pouco antes do embarque do selecionado rumo ao México: “Vou ao aeroporto dizer aos nossos jogadores – “Vocês já são campeões do mundo”.” (Rodrigues, 1993: 168)<sup>225</sup>. Com a conquista do Mundial, as crônicas de Nelson passaram a ter um tom quase profético, já que ele era um dos poucos, quem sabe o único, a acreditar na vitória (Antunes, 2004: 258-273). E assim, o teatrólogo pode retomar suas idéias sobre a identidade brasileira estabelecida a partir do futebol, contrapondo o estilo do jogo e a característica dos atletas brasileiros ao modelo europeu. “Esta cidade enlouqueceu!. E, realmente, ficamos loucos. As pessoas se olhavam na rua e diziam umas para outras: – “Somos brasileiros!”. Ruiu, por terra, a sinistra impostura do futebol europeu. Sempre disse que seus jogadores têm uma saúde de vaca premiada. Já começo a achar que até nisso levamos vantagem; que a saúde de vaca premiada temos nós” (Rodrigues, 1993: 170).

---

<sup>223</sup> Originalmente: Velocidade Burra. *O Globo*. (19/12/1970).

<sup>224</sup> Originalmente: O Belo Milagre das Vaias. *O Globo*. (01/05/1970).

<sup>225</sup> Originalmente: Momentos de Eternidade. *O Globo*. (04/06/1970).

Após a vitória Nelson iria insistentemente permanecer por meses percorrendo em suas crônicas sobre o mesmo assunto: a vitória do selecionado brasileiro, que havia definitivamente superado os europeus – “Observem agora o que o escrete fez por nós. Há pouco tempo brasileiro tinha uma certa vergonha de ser brasileiro. Conheço um patricio que andou ensaiando um sotaque para não trair a sua nacionalidade. Agora não. Agora acontece esta coisa espantosa: – todo mundo quer ser brasileiro” (Rodrigues, 1993: 190)<sup>226</sup>. Em outro trecho de crônica, com o seu típico exagero dramático, afirmava: “Desde o Paraíso, jamais houve um futebol como o nosso. Vocês se lembram do que os nossos “entendidos” diziam dos craques europeus. Ao passo que nós éramos quase uns pernas-de-pau, quase uns cabeças-de-bagre. Se Napoleão tivesse sofrido as vaias que flagelaram o escrete, não ganharia nem batalhas de soldadinhos de chumbo” (Rodrigues, 1993: 191)<sup>227</sup>.

#### **4.4 Identidade Literária<sup>228</sup>: Estilos Próprios na Crônica Esportiva**

### **I**

Desde o seu primeiro texto no *Jornal dos Sports*, Zé Lins já demonstrava notar que a crônica esportiva tinha diferentes características se comparada a outros estilos literários e jornalísticos: “Verifiquei que a crônica esportiva era maior agente de paixão que a polêmica literária e o jornalismo esportivo político. Tinha mais de vinte anos de exercício de imprensa e só com uma palavra arrancava da multidão enfurecida uma descarga de raiva como nunca sentira” (Rego, 2002: 27). Conseqüentemente, conhecia muito bem o seu leitor: populares que

---

<sup>226</sup> Originalmente: O Mais Belo Futebol da Terra. *O Globo*. (20/06/1970).

<sup>227</sup> Originalmente: Dragões de Espora e Penacho. *O Globo*. (22/06/1970).

<sup>228</sup> Como observa Louis Pinto, ao sintetizar a teoria de Pierre Bourdieu, “A identidade literária se revela através dos textos e também por outros meios (posicionamentos políticos, conversão religiosa e assim por diante) graças aos quais se opera um trabalho de classificação e reclassificação mais ou menos bem-sucedido e duradouro” (Pinto, 2000: 83).



buscavam informações específicas sobre um assunto, o esporte, sendo que este havia se massificado, despertando a atenção, principalmente, dos agrupamentos populacionais menos abastados (Candido et. al. 1992).

Tendo a noção de que o público leitor, na sua maioria, não era o mesmo que lia suas obras literárias, alterou drasticamente seu estilo. Suas crônicas eram simples, com frases curtas e diretas. Sua estilística consistia no uso de um vocabulário apropriado à popularidade da prática futebolística, porém, mesmo que atenuada, era nítida a erudição do autor, reiterando a condição de José Lins do Rego como um dos romancistas mais reconhecidos na sua época. Como bem constatado por uma pesquisadora das crônicas do escritor:

Zé Lins deixava-se levar pela emoção, mas tentava entender o fascínio que o futebol exercia sobre as pessoas. Nesse afã, chegou a fazer interpretações antagônicas sobre o papel do futebol em relação às massas populares. Certa vez, apresentou-o como uma *válvula de escape*, uma espécie de pão ou panacéia para a alma sofrida do povo, leitura comum a muitos intelectuais. Contudo conhecendo de perto a emoção das arquibancadas, *o arrebatamento de homem confundido na multidão*, Zé Lins assumia a postura metodológica de um *observador participante* que, depois de ver, escutar e observar uma manifestação cultural, concluía que o futebol seria um *agente de confraternidade*, como o carnaval, capaz de congregiar pessoas de diferentes classes sociais [...] (Antunes, 2004: 51-52).

Agora, cabe ressaltar que, paradoxalmente, Zé Lins tinha uma concepção de crônica ainda presa ao compromisso do jornalismo com a verdade, enquanto manifestava um declarado pertencimento clubístico em relação ao Flamengo – clube aonde chegou até a exercer a função de diretor. “Volto à crônica com o mesmo ânimo, com o mesmo flamenguismo, com a mesma franqueza. Nada de fingir neutralidade e nem de compor máscara de bom moço. Mas só direi a verdade. E este é um compromisso que estará acima do meu próprio coração de rubro-negro. Sou tão amigo de Platão como da verdade. Mas espero que o meu caro Platão esteja com a verdade” (Rego, 2002: 27).

Esta dicotomia, explicitada pelo próprio autor na sua primeira crônica diária no *Jornal dos Sports*, iria permear toda sua produção como cronista. Volta e meia, no decorrer do

seu ofício de cronista esportivo, seriam notadas sátiras, deboches e provocações em relação às equipes adversárias. Por exemplo, neste excerto onde desdenha o Vasco da Gama, apelidado de *Almirante*, afirmando que o verdadeiro clássico do Rio de Janeiro era o Flamengo *versus* Fluminense:

Tudo haveria de terminar em Fla-Flu. Porque entre o Flamengo e o Fluminense está a medida das coisas, o verdadeiro clássico da cidade.  
O ano passado andou o Almirante a dar as cartas, a decidir do tempo, a impor as suas modas e as suas medidas. Mas as águas baixaram, os ventos não sopraram mais para as caravelas do Almirante. E tudo deu no que deu (Rego, 2002: 62)<sup>229</sup>.

Mas o literato sempre insistiu na sua neutralidade como cronista. Mesmo sempre tentando passar certo tom de imparcialidade, José Lins nunca conseguiu ser considerado neutro (portanto, justo) pela torcida que não fosse a do Flamengo.

Hoje, pela manhã, mal acordei, tocou-me o telefone. Era um torcida do Vasco que me pedia para continuar somente a ser romancista e que deixasse o Almirante em paz.  
E eu lhe respondi que muito agradecia a lembrança, mas lhe disse que continuaria a ser o modesto cronista. Porque se não fosse o cronista, embora modesto, não estaria aqui a dar o meu viva ao Vasco.  
E o Vasco merece (Rego, 2002: 59)<sup>230</sup>.

Reiterando sua condição de isento, José Lins afirmava que era a função do cronista tornar a narrativa esportiva mais literária, mas, sobretudo, relatar somente a verdade, pautada nos fatos investigados e ponderados. Nota-se que, sutilmente, predominava nas suas crônicas (é provável até que de modo inconsciente, pois o escritor era um opositor do regime ditatorial varguista) certo ideal repressor e autoritário típico do Estado Novo (Napolitano, 2004: 11-36). Além do controle sobre a produção intelectual, pode-se observar a função “educativa” (na verdade controladora e repressora) quase como uma obrigação nas suas crônicas (Castro, 1992: 149-228).

---

<sup>229</sup> Originalmente: Fla X Flu. *Jornal dos Sports*. (31/08/1946).

<sup>230</sup> Originalmente: Viva o Vasco. *Jornal dos Sports*. (28/06/1946).

O que faz urgente, antes de tudo, é uma polícia entre nós homens de imprensa, para liquidar com essas atitudes que nos envergonham e deprimem.  
A crônica e a informação esportiva, mais do que qualquer outra, deve se impor pela sua cordialidade e lisura de trato. Nós carregamos a responsabilidade de educar o povo. E não se educa com mentiras e infâmias (Rego, 2002: 37)<sup>231</sup>.

Mas não era tão comum nas crônicas de José Lins do Rego esta perspectiva ampla na escala de análise. Muito pelo contrário, dentre os cronistas de destaque, indiferentemente à época, é provável que tenha sido o mais tendencioso e envolvido com o tema. Sua crônica era a exibição da paixão exacerbada do escritor em relação ao esporte em geral, ao futebol e a mais avassaladora, ao Flamengo.

Mais um ano do meu querido Flamengo. Amo-o como um dos mais ardentes amores de minha vida. E por ele este meu coração de 50 anos bate no peito com as 120 pulsações dos minutos apertados da torcida. Sinto-o na angústia e não me amargo com isso. Aí está a minha paixão incontida, o meu maior arrebatamento de homem, confundido na multidão.  
E é por tanto amor que me dói a injustiça dos que não sabem conter as malignidades e se concentram contra um clube sem arrogância, tão camaradescos, sem bobagens, tão largados nas exuberâncias.  
Mais um ano do meu Flamengo. E ele cada vez mais no coração do povo brasileiro. Não queremos maior troféu nem maior glória (Rego, 2002: 134)<sup>232</sup>.

Considerável parcela de suas crônicas era dedicada à agremiação carioca e mesmo quando tinha como assuntos primários outros clubes ou mesmo outros esportes não deixava de inserir o Flamengo na narrativa. Por exemplo, em uma crônica cujo assunto em voga era a questão da profissionalização do esporte: “[...] lealdade, pelo sentimento de fidelidade às cores do clube que defendem [o Flamengo], demonstraram que o amadorismo ainda pode existir ao lado do profissionalismo” (Rego, 2002: 48)<sup>233</sup>. Ou nesta outra manifestação ufanista de adoração pelo clube, onde, por sinal, já demonstrava ciência de que criava desafetos em razão de escrever de forma tendenciosa: “Meus amigos e meus inimigos, em futebol tudo está

---

<sup>231</sup> Originalmente: Luís Aranha. *Jornal dos Sports*. (22/06/1945).

<sup>232</sup> Originalmente: O Flamengo. *Jornal dos Sports*. (15/11/1951).

<sup>233</sup> Originalmente: Os Patriotas Alarmados. *Jornal dos Sports*. (15/01/1946).

acabado. A vitória do Flamengo lavou o meu coração de todas as mágoas, de todos os recalques, de todas as amargas derrotas. Agora só existe a vitória de domingo, a maravilhosa vitória do meu Flamengo [...]” (Rego, 2002: 110)<sup>234</sup>.

Suas crônicas, então, são manifestações de uma literatura envolvida com o objeto, onde o autor faz a voz do torcedor, estabelecendo um diálogo com outros aficionados pelo esporte, evidentemente alguns em concordância com o seu texto – no caso os torcedores flamenguistas – e outros em desavença – principalmente, os torcedores das equipes cariocas rivais. A postura literária de José Lins do Rego era um indicativo de que Mario Filho, proprietário e redator-chefe do *Jornal dos Sports*, dava completa liberdade aos cronistas que trabalhavam no periódico, pois o próprio Mario, tinha um estilo bem diferente ao escrever suas crônicas.

## II

Mesmo que a criação de personagens, histórias e diálogos fictícios e o uso de metáforas, hipérboles, eufemismos fossem comuns nos textos de Mario Filho, uma das características mais presentes na sua crônica foi o uso constante da memória<sup>235</sup> futebolística. Principalmente de forma crítica em relação ao modelo de prática refinada do início do século que plagiava os hábitos e os costumes europeus. Como no seguinte trecho onde se referia com desdenho, inclusive a crônica de antigamente:

Num treino [...] a crônica esportiva brasileira ficou de boca aberta, se babando toda. Um inglês dava um chute e era um pasmo. E fomos todos [...] ver o Fluminense levar uma surra do Southampton. Futebol era o inglês e, pensando bem, tinha de ser mesmo. Quem tinha inventado o futebol? O inglês se o inglês não joga bola, quem é que ia jogar? E eis que o Fluminense não deixa o Southampton pegar na bola.

---

<sup>234</sup> Originalmente: O Velho Flamengo. *Jornal dos Sports*. (31/05/1949).

<sup>235</sup> A memória é entendida como “[...] a propriedade de conservar certas informações, propriedades de que se refere a um conjunto de funções psíquicas que permite ao indivíduo atualizar impressões ou informações passadas, ou reinterpretadas como passadas” (Silva & Silva, 2005: 275).

O torcedor brasileiro devia ter ficado encantado, satisfeito da vida. Pois não ficou, pelo contrário. [...] Tinham pago para ver o futebol inglês, e quando acaba não viram futebol inglês nenhum. Apesar de tudo, continuou intacta a admiração do brasileiro pelo futebol inglês, pelo inglês. A prova é que veio o Arsenal, parecia que finalmente íamos ver o futebol inglês (Rodrigues Filho, 1994: 137)<sup>236</sup>.

Em outras circunstâncias, o jornalista usava a memória como parâmetro comparativo, visando analisar o desenvolvimento do futebol. Como nesta, onde as mudanças na crônica esportiva são usadas como referência para que o leitor pudesse entender como o futebol vinha se alterando na primeira metade do século XX.

Havia jogadores brilhantes, mas se considerara futebol uma coisa e inteligência outra. Para ser inteligente era preciso ter o dom da palavra ou então a inspiração das Musas. Nada havia mais popular do que o soneto e o discurso de praça pública. Daí a simpatia inicial dos intelectuais pelo futebol. Alguns ajudaram o futebol nos primeiros passos. Um João do Rio ia ao Fluminense para surpreender aqueles rapazes não tão rapazes, quase todos homens feitos, de bigodes, estabelecidos na vida, mas que traziam um sopro de alegria e de saúde a uma cidade de janelas fechadas. Depois, não. O futebol que aparecia nos jornais espremido numa coluna deu para ocupar uma página inteira. Os intelectuais perceberam a ameaça: voltaram-se contra o futebol. E deram para falar na inteligência dos pés e dos pontapés. Era uma época em que um Flamengo tinha um time de acadêmicos. Hoje há quem olhe para esse tempo como se fosse o dia da inteligência no futebol (Rodrigues Filho, 1994: 20-21)<sup>237</sup>.

Em outros casos, relembro com certo saudosismo de algum aspecto qualquer que não lhe era conveniente no presente. Como a expectativa de um jogo importante: “Ainda me lembro do Brasil X Itália de 38. [...] Quem não viveu aqueles momentos nem faz idéia. Porque todo brasileiro estava movido pela paixão. [...] Oswaldo Aranha alarmou-se, foi para o rádio fez um apelo dramático pela amizade Brasil e Itália e por aí afora. [...]” (Rodrigues Filho, 1994: 55)<sup>238</sup>. Ou criticando o enorme tamanho do Maracanã que, segundo ele, acabava despersonalizando o torcedor: “É raro hoje em dia ver-se um torcedor. Só mesmo os que a gente conhece de outros tempos. O Maracanã teve isso de ruim: acabou com a figura humana. Olha-se e se vê a multidão, compacta nos grandes jogos, e nos pequenos jogos os farrapos

---

<sup>236</sup> Originalmente: Dos Ingleses aos Húngaros. *Jornal dos Sports*. (02/02/1957).

<sup>237</sup> Originalmente: Inteligência e Futebol. *Jornal dos Sports*. (10/12/1955).

<sup>238</sup> Originalmente: Brasil X. Itália. *Jornal dos Sports*. (05/05/1956).

dela, espalhados pelos degraus da grande arquibancada. O torcedor se perde [...]” (Rodrigues Filho, 1994: 126)<sup>239</sup>.

Só que em algumas circunstâncias Mario Rodrigues Filho não assumia que era um saudosista. Este tipo de indivíduo, de forma pejorativa, era considerado um reacionário e retrógrado pelo jornalista, como é manifestado em uma de suas crônicas.

É fácil encontra-los: os anos multiplicam-nos. São os que também tiveram uma época. Ou o seu dia. A gente, de quando em quando, esbarra com um. Se é dia de jogo, se a bola vai de um lado para outro, os jogadores atrás dela, aparece sempre alguém que, com um ar triste, quase desconsolado, lamenta a decadência do futebol. Antigamente, sim, é que se jogava. E não adianta argumentar. O saudosista aproveita o primeiro chute mal dado para apontá-lo como prova irrespondível. Vê? Não se chuta mais. (Rodrigues Filho, 1994: 102)<sup>240</sup>.

Entretanto, na mesma crônica, Mario se contradiz. Alguns parágrafos depois da crítica aos saudosistas – nos quais tratava de como era a crônica de antigamente e como estes nostálgicos a viam como referência de um tempo passado sempre melhor do que o presente – deixou escapar que... “Realmente eram bons tempos aqueles” (Rodrigues Filho, 1994: 102). Neste sentido,

[...] essas manifestações da memória criam ressignificações para o passado a partir do presente. A condição de recontar o passado – e a partir do presente criar novos significados para gestos, ações ou sentimentos – abre um campo interessantíssimo de possibilidades que conferem às trajetórias, muitas vezes, uma dimensão mítica, que se coloca para além do tempo, pondo em contato passado e presente na expectativa de projetar um futuro (Oliveira In Lovisaro & Neves, 2005: p. 29).

Ao recorrer ao uso do memorialismo Mario Filho transforma indivíduos e histórias do cotidiano do futebol, respectivamente em personagens e fábulas, portanto, referenciando a crônica como gênero de fronteira (Chiappini & Bresciani, 2000). Um zagueiro do Olaria, por

---

<sup>239</sup> Originalmente: O Ramalho. *Jornal dos Sports*. (29/12/1956).

<sup>240</sup> Originalmente: O Saudosista. *Jornal dos Sports*. (13/10/1956).

exemplo, tornou-se um personagem de enredo clássico: o bandido – do qual, inclusive, Mario nota a ausência no futebol praticado na sua época.

Olavo era o último vilão. De um certo modo, o tempo do vilão desaparecera: não havia mais lugar para ele nos campos da cidade. E podia-se dizer que também nos romances, nas fitas e nas peças teatrais. O vilão fora figura obrigatória, indispensável mesmo, ao êxito de qualquer espetáculo. O dramalhão explorou-o sadicamente. Ele era, não digo um dos encantos, um dos horrores, mas de efeito seguro e certo, infalível, dos folhetins. Sem ele o cinema mudo não conquistaria o mundo. Ia-se a um teatro ou a um cinema tanto para torcer pelo mocinho e mocinha, como para torcer contra o vilão. Por isso mesmo é preciso reconhecer a importância do vilão na história do futebol. Ele representava um papel, quem sabe inconscientemente, mas de acordo com o gosto da época. Geralmente os vilões de Hollywood, na vida real eram bons sujeitos, ótimos pais de família, filhos exemplares, irmãos modelos, melhores do que muitos mocinhos (Rodrigues Filho, 1994: 107)<sup>241</sup>.

Se Mario Filho reclamava da ausência de “vilões” para composição dos seus enredos, era necessário, conseqüentemente, a presença dos heróis. Neste caso, o goleiro Marcos de Mendonça, que atuou no Fluminense no início do século e amigo próximo do cronista, era um dos “personagens” preferidos. Seu pertencimento à elite carioca, era estereotipado em uma das várias crônicas onde é citado da seguinte forma:

Cada jogador tem um fraco. Marcos de Mendonça, por exemplo – em tempos de fitinha roxa -, não suportava que Gabriel de Carvalho gritasse que ia rasgar-lhe a camisa de seda. Em primeiro lugar, detestava que andassem dizendo que a camisa dele, a de futebol, a de quíper era de seda. Retificava logo: a camisa dele era de musselina. Mas como era lustrosa, brilhante, de um branco vivo, lembrava seda. E quando os jogadores dos outros times descobriram que ele não gostava, a camisa ficou sendo de seda para todos os efeitos (Rodrigues, 1994, 98-99)<sup>242</sup>.

A crônica ganha literalidade: a associação entre a memória, o enredo bem articulado, o humor refinado, o deboche sutil, elevou o status de gênero secundário que a crônica tinha. O goleiro/herói tinha uma “pitada” de ingenuidade, fidalguia, simpatia, humanidade e até elegância. Em outro texto do autor, novamente o goleiro “fitinha roxa” aparece como o protagonista de uma cena cômica.

---

<sup>241</sup> Originalmente: O Último Vilão. *Jornal dos Sports*. (20/10/1956).

<sup>242</sup> Originalmente: Hora H. *Jornal dos Sports*. (06/10/1956).

Um paraguaio cujo nome não recorde e pouco importa, viu Marcos de Mendonça fora do gol e não teve dúvida: levantou de longe a bola, cobrindo-o. E Marcos de Mendonça, ainda Marcos de Mendonça, coisa que nunca deixou de ser, recuou devagar, comedido, digno, com uma solenidade de ministro de Estado quando fosse obrigado a recuar. Recuava Marcos de Mendonça como se não recuasse. Não demonstrou o menor receio de chegar tarde. Era como alguém, de responsabilidade, que vai tomar um ônibus e se recusa, por amor-próprio, a correr (Rodrigues Filho, 1994: 215)<sup>243</sup>.

O fato de Mario ir buscar o humor no passado confirma a hipótese de que se sentia, de certa forma, contrito em relação a alguns aspectos do seu próprio tempo. Em outra crônica ele dava provas da sua insatisfação, ao afirmar que... “O futebol torna-se cada vez mais sério. Basta olhar os jogadores entrando em campo: todos circunspetos, graves mesmo” (Rodrigues Filho, 1994, 34)<sup>244</sup>.

Um detalhe instigante na crônica cômica sobre Marcos de Mendonça é que Mario Filho não se preocupou em não ter lembrado o nome do atleta paraguaio. Antes deste excerto ele já tinha acentuado seu “esquecimento”, afirmando: “Não sei se estou me lembrando direito. Mas, se a memória não falha, o centromédio guarani era Fleitas Solich [...]” (Rodrigues Filho, 1994: 215). Por outro lado, na introdução da primeira edição da obra *O Negro no Futebol Brasileiro*, era questionado e respondido pelo próprio jornalista: “Não, eu não usei a imaginação. Nenhum historiador teria tido mais cuidado do que eu em selecionar os dados, em comprovar-lhe a veracidade por averiguações exaustivas. Às vezes uma simples dúvida me fazia inutilizar um capítulo, obrigando-me a novos trabalhos e pesquisas” (Rodrigues Filho, 2003, 23). Contrapondo as duas posições tão contrastantes do mesmo escritor, pode-se acreditar que ele tinha noção clara do que era esperado do gênero crônica e, conseqüentemente, como escrever tais textos a partir da recriação de fatos verídicos, presos ao cotidiano; entendendo também a diferente função do ensaio de cunho histórico/sociológico,

---

<sup>243</sup> Originalmente: Saudades do Brasil X Paraguai. *Jornal dos Sports*. (10/05/1958).

<sup>244</sup> Originalmente: Os Humoristas do Futebol. *Jornal dos Sports*. (21/01/1956).



no caso de *O Negro no Futebol Brasileiro*, chamado pelo próprio autor de uma obra de história que “desafia contestações” (Rodrigues Filho, 2003, 23).

A memória, constantemente presente nas crônicas de Mario Filho, teve um significado acentuadamente divergente do que é definido pelo autor como história. A memória é, então, ponto essencial para que o enredo pudesse ser desenvolvido nas suas crônicas. Sua preocupação primária, portanto, era com a estética literária; ao contrário do que ocorreu com os seus ensaios de cunho histórico/sociológico, onde o objetivo principal era o de provar alguma tese – como no caso de *O Negro no Futebol Brasileiro*, onde o autor tenta adaptar o futebol à teoria da homogênea integração das raças ocorrida no Brasil, formulada por Gilberto Freyre<sup>245</sup>. Sendo assim, Mario Filho era reprodutor de uma memória coletiva, que é “[...] composta pelas lembranças vividas pelo indivíduo ou que lhe foram repassadas, mas que não lhe pertencem somente, e entendidas como propriedade de uma comunidade, um grupo [...]” (Silva & Silva, 2005: 276), neste caso, aquela dos envolvidos de alguma forma com o futebol.

### III

Nelson Rodrigues não era tão engajado no jornalismo esportivo quanto seu irmão Mario, pois tentou ao longo da vida se desvincular várias vezes deste ramo. O autor de *A Vida Como Ela É...* era um aficionado pelo futebol e mais ainda pelo Fluminense – quase na mesma proporção que Zé Lins era em relação ao Flamengo. Porém, o problema maior era que o futebol tinha um cotidiano muito específico: na temporada de campeonatos que ocorria todos os anos, as mesmas rivalidades, as mesmas querelas, a pequena variação dos resultados finais (quem era o campeão), os mesmos discursos por parte dos técnicos, dirigentes, atletas e

---

<sup>245</sup> O livro de Mario Filho chegou a ser considerado por alguns críticos literários a versão futebolística de *Casa-Grande & Senzala* (Hollanda, 2004: 149).

até jornalistas esportivos. É provável que tudo isso fosse enfadonho demais para personalidade ativa, criativa e complexa de Nelson.

Por outro lado, a relativa “repetição” do cotidiano do futebol fez com que o escritor, de certa forma, tivesse que reinventá-lo. Não no sentido de pensar uma formulação teórica que desse sentido a tal prática – como fez seu irmão na tentativa de enquadrá-lo na teoria de Gilberto Freyre –, mas sim, na sua forma estética – “Que coisa maravilhosamente plástica os dois times: – 22 jogadores esculpidos em água, vento e lama” (Rodrigues, 2002: 186)<sup>246</sup>. Como é também notório neste excerto de uma crônica intitulada *O Essencial é o Supérfluo*.

O craque brasileiro não abre mão da beleza. Uma simples vitória será muito menos se não for a beleza. Mas, dizia-me, outro dia, um dos nossos cretinos fundamentais: – “O futebol nada tem a ver com a arte”. O sujeito disse isso e, então, pensei no Mané. [...] Mané era grande pelo seu primarismo. Ele não largava a bola sem primeiro, driblar uns cinco. E nesse dia estava particularmente inspirado. No fim, restou apenas o goleiro, que foi também driblado, sem maiores problemas. Era a hora de dar um toque para o fundo das redes. Garrincha achou, porém, que seria simples demais. Voltou, para driblar, novamente, o goleiro e a zaga. Só depois de tal devastação é que fez o gol. Eis o que eu queria dizer: – assim jogamos nós. Não dispensamos esta coisa supérflua, mas vital, que é a beleza. Ainda ontem, eu dizia ao notável romancista Perminio Asfora: – o essencial para os nossos craques é o supérfluo. Assim, porém, não entendeu a nossa Comissão Técnica. Furiosa, achou que Mané era um irresponsável e não merecia vestir a camisa do escrete (Rodrigues, 1994: 186)<sup>247</sup>.

Nos textos de Nelson Rodrigues o futebol se dramatiza, algumas vezes chegando até a virar épico – “Eu sempre digo que sem alma não se chupa nem um Chicabon. [...] Mesmo nos vagos e reles arremessos laterais havia uma paixão: [...] Houve de tudo: – sangue, suor e lágrimas. [...] Zagalo se atira na batalha. [...] E, súbito, o destino o derruba. Fora ceifado e não voltaria mais. [...] Atirado no vestiário, como num túmulo, ele chorou.” (Rodrigues, 1994: 47-49) –, seguindo, portanto, um ritmo próprio dentro uma temporalidade<sup>248</sup> teatral estabelecida pelo próprio escritor e teatrólogo (Marques, 2000).

---

<sup>246</sup> Originalmente: Rapsódias de Valdo. *O Globo*. (27/08/1973).

<sup>247</sup> Originalmente: O Essencial é o Supérfluo. *O Globo*. (26/03/1977).

<sup>248</sup> Louis Pinto, pautado em Bourdieu, afirma: “O campo literário se caracteriza por uma forma particular de temporalidade que, longe de ser dimensão acessória ou propriedade adventícia, reflete sua lógica profunda: não é

Uma sugestão do próprio Nelson indicava seu posicionamento em relação a como pensar o futebol: “Amigos, sejamos mais líricos e menos objetivos” (Rodrigues, 1993: 78)<sup>249</sup>. Assim, para ele, o futebol, que era às vezes enfadonho, depois de transformado por sua imaginativa técnica literária, passava a ser “[...] uma fábrica de surpresas e ironias. O sujeito não dá um passo sem esbarrar numa surpresa; não dá outro, sem tropeçar numa ironia” (Rodrigues, 2002: 40)<sup>250</sup>. Ganhando importância na medida em que vislumbrava “[...] a tremenda dramaticidade do jogo” (Rodrigues, 1994: 27)<sup>251</sup>.

Existia, então, para Nelson uma confluência entre a vida e a encenação. O real e a imaginação do artista se fundiam, desta forma, em um único espaço, o texto (Candido, 2000). Nelson chegou a brincar com esta situação: “Pode parecer que estou dramatizando. Nem tanto, amigos, nem tanto” (Rodrigues, 1994: 32)<sup>252</sup>.

Se a prática futebolística era transformada em drama nas crônicas de Nelson Rodrigues, era evidente que sentimentos propositalmente exagerados, exatamente para reforçar a sua condição de “teatro da vida”, eram supervalorizados nos seus textos – “Vejam vocês: – durante trinta minutos, não se ouvia um pio da gigantesca massa rubro-negra. Não tenham dúvidas: foi o maior silêncio da terra” (Rodrigues, 2002: 176)<sup>253</sup>. Ou como numa passagem onde Nelson associa o futebol ao velório.

Nos velórios, enquanto os vivos dão palpites sobre o jogo, o defunto amarra a cara, porque não vai domingo ao Maracanã. [...] Mesmo para os neutros, não comparecer ao Maracanã será um sintoma de mau caráter. Como faltar ao maior espetáculo do futebol brasileiro? [...] Só os idiotas da objetividade pensam que os mortos não sentem os grandes acontecimentos (Rodrigues, 2002: 15)<sup>254</sup>.

---

o observador que vem trazer suas classificações, e sim os próprios agentes que se consideram “ao mesmo tempo contemporâneos e temporalmente discordantes” (Pinto, 2000: 86).

<sup>249</sup> Originalmente: Bandeirinha-Artilheiro. *Manchete Esportiva*. (02/05/1959).

<sup>250</sup> Originalmente: O Mil Vezes Timinho. *Jornal dos Sports*. (29/07/1959).

<sup>251</sup> Originalmente: A Goleada da Raiva. *Manchete Esportiva*. (31/11/1956).

<sup>252</sup> Originalmente: Rapsódias de Valdo. *Manchete Esportiva*. (14/09/1957).

<sup>253</sup> Originalmente: Choro de Lágrimas de Esguicho. *O Globo*. (08/09/1972).

<sup>254</sup> Originalmente: Apelo Também aos Fantasmas. *Jornal dos Sports*. (12/12/1963).

Constantemente o autor chega a usar da crônica para refletir acerca dos sentimentos presentes no futebol, especificamente nos torcedores: “Descobri, então, que a base sentimental da torcida é o ódio, e não o amor. Repito: – sem ódio não há torcida possível. [...] Acontece, na minha rua, esta coisa sublime: – um dos meus vizinhos começa a chorar. E, ao mesmo tempo que lhe assomavam as lágrimas, caía-lhe da boca uma água indescritível. Conclusão: – chorava duplamente, por cima e por baixo” (Rodrigues, 1994: 14)<sup>255</sup>. Ou ainda nesta outra passagem onde reflete que...

No dia em que a criatura humana perder a capacidade de admirar, cairá de quatro, para sempre. E o mal de todos nós, a nossa crise, a nossa doença, é o seguinte: – admiramos pouco, admiramos menos. Em redor de nós, tudo nos convida, tudo nos induz ao espanto. E, no entanto, examinem esse povo que vai passando, com algo de fluvial no seu lermo escoamento. Ninguém admira nada, ninguém admira ninguém. Essa impotência de sentimento, esse tédio de alma, essa anestesia coletiva e alvar traduz um desinteresse vital tremendo (Rodrigues, 1994: 14)<sup>256</sup>.

Para ele, então, o futebol poderia ser definido como “[...] a mais feia, a mais cruel, a mais tenebrosa das paixões (Rodrigues, 1994: 97)<sup>257</sup>. E mesmo quando questionado sobre essa sua exacerbação da paixão, conseguia se justificar, afirmando que “[...] cada leitor, segundo sua preferência clubística, ou acha graça ou fica furioso. Mas vários amigos já me perguntam: – “Você não tem medo do ridículo?”. Eis a verdade: – não tenho. E só os imbecis o têm. Não há grandeza, não há simpatia, não há amor – sem um toque, ou retoque, de ridículo” (Rodrigues, 1994: 87)<sup>258</sup>.

Mas se a estilística teatral do autor era notória nas suas crônicas (Marques, 2000: 152-153), algumas vezes até mesmo o conteúdo polêmico das suas peças teatrais era desenvolvido nestas – “Quando o sujeito perde as ilusões, só tem diante de si três caminhos: – ou o suicídio,

---

<sup>255</sup> Originalmente: Um Gol Cravado no Peito do Inimigo. *Manchete Esportiva*. (21/04/1956).

<sup>256</sup> Originalmente: Duplamente Poeta. *Manchete Esportiva*. (12/05/1956).

<sup>257</sup> Originalmente: Os Guizos Radiantes de Garrincha. *O Globo*. (05/06/1965).

<sup>258</sup> Originalmente: O Profeta É Burro. *O Globo*. (14/12/1963).

ou a loucura, ou o crime” (Rodrigues, 1993: 53)<sup>259</sup>. E, como estava envolvido com o futebol e era um torcedor fanático, era comum que figurasse como personagem das suas próprias dramatizações. Em uma narrativa apoteótica, por exemplo, descreve seu vínculo com o Fluminense e acentua a paixão do brasileiro para com um clube futebolístico.

[...] Logo de manhã, cerca das dez horas, alguém me telefona. Era um leitor. Queria saber o seguinte: – “Desde quando você é tricolor?”. Respondo: – “Desde sempre”. E, na verdade, eu me sinto como se já fosse tricolor antes do Fluminense, ante de mim mesmo e até, se me permitem o exagero: – eu era tricolor antes de Cristo.

Pode parecer que estou fazendo blague, fazendo graça. Mas explico: – “Tudo começa e tudo acaba”, dizem. Menos a paixão clubística. A verdadeira, a autêntica e incontrolável paixão clubística dá a sensação de que sempre existiu e de que sempre existirá. Eis a verdade: – ela escapa do tempo. O sujeito se sente como se já fosse torcedor em vidas passadas (Rodrigues, 1993: 71)<sup>260</sup>.

Além da paixão, Nelson Rodrigues dava indicativos nesta crônica de que seguia uma concepção de tempo semelhante à de Mario Filho, ou seja, que extrapolava os limites do cronológico. Em outra crônica, todavia, foi mais explícito ao tratar do assunto. Afirmava, então, que “[...] o tempo é uma convenção que não existe nem para o craque, nem para a mulher bonita. Existe para o perna-de-pau e para o bucho” (Rodrigues, 1993: 12)<sup>261</sup>.

Como no teatro, Nelson valorizava, então, a passionalidade do indivíduo e também da massa torcedora. A graça do futebol, que tinha uma regularidade que o incomodava um tanto, era atenuada com estas exacerbações de sentimentos. Em uma crônica também relacionada ao Fluminense, o autor de *Vestida de Noiva*, deixa isto bem claro:

Recebo, de Barra Mansa, a cópia de um abaixo assinado que foi enviado à diretoria do Fluminense por torcedores de lá. Leio o documento e uma coisa posso antecipar: é uma página da mais alta indignação. Eu disse que li e posso acrescentar que reli. Que bela, que magnífica, que soberba cólera! E mais uma vez eu me convenço de que só os indignados atingem a plenitude da condição humana.

Amigos, eis a verdade eterna: – nada se faz sem indignação. É preciso que o sujeito esteja furo dentro da roupa para que possa construir para a eternidade. Daí a minha simpatia humana pelo torcedor de futebol. Quem é o torcedor de futebol? Eu próprio respondo: – é um cidadão que, a qualquer hora do dia ou da

---

<sup>259</sup> Originalmente: Sejam os Docemente Barrigudos. *Jornal dos Sports*. (17/12/1965).

<sup>260</sup> Originalmente: O Campeão da Espanhola. *Jornal dos Sports*. (09/09/1961).

<sup>261</sup> Originalmente: O Craque sem Idade. *Manchete Esportiva*. (03/12/1955).

noite, está prestes a indignar-se. No campo, um lateral mal cobrado, um passe errado, um *foul*, um *hands*, tudo lhe é pretexto para a fúria mais homérica.

[...] O que eu quero dizer, por carambola, ao citar o caso acima, é que o sofrimento, longe de separar, é um vínculo a mais. E só os clubes muito amados é que inspiram indignações tremendas [...]. Eles estão assim enfurecidos porque têm pelo Fluminense um eterno amor. Amor indignado, mas amor (Rodrigues, 2002: 67)<sup>262</sup>.

Assim, através da caneta de Nelson, os mais variados temas ganhavam uma conotação teatral, exagerada, dramática, era esta a sua assinatura literária. Podia ser uma final de campeonato: “Segundo o rádio, a imprensa e a televisão, o Flamengo, tornou-se tricampeão na quarta-feira, e só na quarta-feira. Ninguém quer ver que, quatro dias antes, o América já estava liquidado. Sim, amigos, – a partir do momento em que cravou no Flamengo, até o cabo, os 5 X 1, o clube rubro fez o próprio e irremediável abismo” (Rodrigues, 1993: 26)<sup>263</sup>. Um simples resultado de empate sem gols: “[...] o placar acusava um lírico, um platônico 0 X 0. Ora, o empate é o pior resultado do mundo. [...] Essa virgindade desagradável e irreduzível do escore já humilhava o público e, ao mesmo tempo, o enfurecia” (Rodrigues, 1993: 11). Ou até algo inusitado: “Insisto: o meu personagem da semana não pertence à triste e miserável condição humana. É, e com escrúpulo e vergonha o confesso, uma cusparada. [...] Dida tece uma lembrança maléfica e mesmo diabólica. Estava a bola na marca fatídica. Dida aproximase, ajoelha-se, baixa o rosto. [...] Dida estava cuspidando na bola” (Rodrigues, 1993: 31)<sup>264</sup>. Com a sua típica criatividade Nelson conseguia transformar até o simples torcedor anônimo em um herói digno de uma saga.

Amigos, de repente, o rapaz trepou na cadeira. Tinha um peito largo e épico de havaiano de filme. E, então, de olho rútilo e lábio trêmulo, berrou: – “Quebro a cara do primeiro que falar do Pelé!”. A turma que malhava o crioulo emudeceu. Cercado de silêncio por todos os lados, repetiu, desafiando todo o Maracanã: – “Quebro a cara! Quebro a cara!”.

Amigos, eu estava a três ou quatro metros e confesso: – vibrei. Naquele momento, ninguém era mais brasileiro, ninguém tão brasileiro, como esse rapaz truculento e sublime. Baixou na sua cabeça um halo

---

<sup>262</sup> Originalmente: A Indignação de Barra Mansa. *Jornal dos Sports*. (28/05/1959).

<sup>263</sup> Originalmente: A Divina Goleada. *Manchete Esportiva*. (07/04/1956).

<sup>264</sup> Originalmente: A Cusparada Metafísica. *Manchete Esportiva*. (03/12/1955).

intenso de santo ou herói, sei lá. E eu tive vontade de pedir bis como na ópera. Conteí o episódio lindo para chegar a Pelé (Rodrigues, 1993: 106)<sup>265</sup>.

Através do peculiar dom artístico, teatralizando o futebol através das crônicas, Nelson Rodrigues iria propagar um modelo de identidade nacional. Embora, sua concepção fosse pautada no modelo criado por ser irmão Mario – que, por sua vez, foi fortemente influenciado pelos ensaios de Gilberto Freyre –, tornou-se a mais conhecida e polêmica. Sua longevidade em relação aos demais cronistas do grupo, sua popularidade no Rio de Janeiro, o gosto por reincidir insistentemente (às vezes até obsessivamente) em determinados assuntos, o fato de dramatizar e, conseqüentemente, o uso do exagero como estilo de linguagem (Marques, 200: 121-123), fez com que se tornasse o principal difusor da idéia de que havia uma sólida associação entre o país, o seu povo e o *escrete* – termo usado pelo autor para definir a seleção brasileira.

#### IV

Como a obra de Nelson Rodrigues foi permeada por um ufanismo nacional constante, de certa forma até obsessivo, o escritor foi divergindo de vários outros cronistas esportivos (a absoluta maioria), que eram mais críticos e focavam seus textos no desdenho ao selecionado nacional (Antunes, 2004: 228-241). Esta divergência com os cronistas esportivos vai permear os seus textos por décadas – era o seu característico caráter obsessivo (Marques, 2000: 133-138). Mesmo antes da conquista do primeiro Campeonato Mundial, já discordava do posicionamento monótono e pouco criativo da crônica. Como observava:

Vi os jornais de domingo e constatei o seguinte: – a mesma fragmentação de sempre, através de pobres assuntos e de pobres nomes, chupados até a última gota como um limão seco. O leitor nunca sabe se o jornal é o do dia ou da véspera. Eis a verdade: – a imprensa vive de idéias fixas. Não encontrei nas

---

<sup>265</sup> Originalmente: Vamos Barrar Pelé. *O Globo*. (21/05/1966).

edições dominicais nada além de um registro cordial. Não houve, ainda, um jornalista que visse o acontecimento na sua grandeza específica (Rodrigues, 1994: 15).

Protestando contra o marasmo do jornalismo esportivo, Nelson Rodrigues coadunava seu pensamento ao do próprio pai, que sempre acentuou que se a notícia não existia, deveria ser criada e se não fosse suficientemente atrativa deveria ser recriada (Castro, 1992). De forma polêmica e bastante direta, o próprio teatrólogo explicitava que a imaginação deveria ser usada em favorecimento do “enriquecimento” da notícia e da crônica literária/esportiva.

Vejam vocês em que dá a mania da justiça e da objetividade! Um cronista apaixonado havia de retocar o fato, transfigurá-lo, dramatizá-lo. Daria à estúpida e chata realidade um sopro de fantasia. Falaria com os arreganhos de um orador canastrão. Em vez disso, os rapazes cingiram-se a uma veracidade parva e abjeta. Ora, o jornalista que tem o culto do fato é profissionalmente um fracassado. Sim, amigos, o fato em si mesmo vale pouco ou nada. O que lhe dá autoridade é o acréscimo da imaginação. [...] Modelo de eficiência profissional foi aquele repórter que viu um incêndio. [...] O jornalista espia o fogo e conclui que se tratava, na verdade, de um incêndio vagabundo, uma vergonha de incêndio. Qualquer mãe de família o apagaria com um humilhante regador de jardim. Volta o repórter para a redação e, lá, escreve uma página de jornal sobre o fracassado sinistro. E mais: – põe um canário inventado no meio das labaredas, um canário que morre cantando. No dia seguinte, a edição esgotou-se. A cidade inteira, de ponta a ponta chorou a irreparável perda do bicho. Vejam vocês a lição de vida e de jornalismo: – com duas mentiras o repórter alcançara um admirável resultado poético e dramático (Rodrigues, 1993: 11-12)<sup>266</sup>.

Seguindo esta máxima Nelson produzia sua literatura, fossem as crônicas ou as peças teatrais. E neste ceticismo e descrença em relação ao jornalismo esportivo que o criativo escritor iria encontrar seus principais algozes (Antunes, 2004: 232-258). “Amigos, nós da crônica, por um funesto hábito, escrevemos que qualquer jogo foi “tecnicamente falho”. Se existisse tal rigor na crítica literária, Shakespeare seria uma pomposa mediocridade e Dante, um poeta de segundo time” (Rodrigues, 2002: 112)<sup>267</sup>. Refletia, então: “Eis que meus colegas deviam levar em conta: – o cronista esportivo pode falar mal de tudo e de todos, menos do seu ganha-pão, que é o futebol” (Rodrigues, 2002: 195)<sup>268</sup>.

---

<sup>266</sup> Originalmente: O Passarinho. *Manchete Esportiva*. (31/03/1956).

<sup>267</sup> Originalmente: O Belo Fla-Flu. *Jornal dos Sports*. (14/10/1968).

<sup>268</sup> Originalmente: Divertido Horror. *O Globo*. (14/02/1975).



Tal divergência chegou a tamanha proporção, que Nelson, no transcorrer da carreira, deixou de se considerar um cronista, referindo-se a tal ofício na terceira pessoa do plural, como neste exemplo onde reclamava que... “O pior que as bobagens estão soltas, e os cronistas ficam repetindo as palavras mágicas pelo puro prazer auditivo. Sim, um vendaval de burrice varre o futebol brasileiro” (Rodrigues, 1994: 132)<sup>269</sup>.

E se no início a divergência era em torno da falta de criatividade – “Ora, quando um jornalista patricio diz que “não houve nada” e apresenta a partida como “normal”, está revelando-se um cego nato e hereditário. Na verdade, houve tudo.” (Rodrigues, 1994: 63)<sup>270</sup> – após os desempenhos vitoriosos da seleção brasileira nas Copas do Mundo, o motivo seria outro, a falta de fé na equipe e, como consequência, no próprio homem brasileiro. Como afirmava às vésperas da Copa do Mundo de 1970: “Vejam como são as coisas. Os nossos jornais de ontem, em sua maioria, não demonstraram o menor otimismo; limitaram-se a vender depressão aos seus leitores” (Rodrigues, 1993: 169). Acreditando que isto era um erro crasso, pois “[...] o escrete é feito a nossa imagem. E os cronistas reunidos não fizeram outra coisa senão cuspir, como Narciso às avessas, na própria imagem” (Rodrigues, 1993: 166).

Por estes motivos, criou duas alcunhas pejorativas para denominar seus desafetos do jornalismo esportivo: o já citado anteriormente, “entendidos” e os “idiotas da objetividade”, usados em contextos diferentes, mas com um mesmo fim: acirrar o debate que havia estabelecido com esta considerável parcela dos analistas do esporte.

O primeiro, os “entendidos”, era definido da seguinte maneira:

O que é o “entendido”? Veremos se posso caracterizá-lo. É o cronista que esteve, em 66, na Inglaterra, e voltou com a seguinte descoberta: – o futebol europeu em geral e o inglês em particular eram muito melhores do que o nosso. Estávamos atrasados de quarenta anos para mais. Quanto à velocidade, era uma invenção européia. Os brasileiros andavam de velocípede e os europeus a jato. O “entendido”

---

<sup>269</sup> Originalmente: Originalidade Gagá. *O Globo*. (05/08/1966).

<sup>270</sup> Originalmente: Ladrão de Galinheiro. *Manchete Esportiva*. (11/04/1959).

afirmava mais: – os times de lá não deixavam jogar. Essa foi genial. Imaginem vocês um time jogando e o adversário assistindo, como numa frisa de teatro. Por outro lado, o preparo físico dos europeus era esmagador. Como se não bastasse tudo o mais, ainda descobriu o “entendido”: – o futebol moderno não é bonito, não quer ser bonito e escorraçou o belo e artístico de suas cogitações. Bonito e artístico é o futebol subdesenvolvido de Brasil e outros (Rodrigues, 1993: 183).

Nelson Rodrigues vislumbrava no “entendido” a sua contraparte. Enquanto o cronista e teatrólogo era um nacionalista convicto, o “entendido” era um admirador do estrangeiro. Consternado, Nelson não poderia deixar de manifestar sua indignação em relação a este tipo de cronista que, a seu ver, era um traidor da pátria.

Por motivos que variam de caso para caso, o *entendido* não gosta do Brasil. Em 66, na Inglaterra, torceu pelo inglês, pelo alemão, pelo russo, pelo búlgaro – menos pelo brasileiro. Voltou da Inglaterra anunciando a falência do futebol artístico que era o nosso. Parece impossível que alguém seja inimigo da beleza. Pois o *entendido* o era. Só promovia o futebol europeu, e em especial o inglês, e aviltava o nosso (Rodrigues, 1994: 154)<sup>271</sup>.

Assim, novamente recorrendo à superioridade civilizatória, estes cronistas chamados de “entendidos” pregavam que o brasileiro deveria respeitar incondicionalmente o futebol europeu, já que naquele momento – meados da década de 1960 – ele era soberano (Murray, 2000: 147-171). Nelson discordava completamente deste posicionamento: “E os “entendidos” recomendavam: “Humildade, Humildade!”. Como se o brasileiro fosse um pobre-diabo de pai e mãe” (Rodrigues, 1993: 191). Acreditava, sempre usando o seu típico drama, que o brasileiro deveria ser um esnobe, pois já sofria de toda a carestia do subdesenvolvimento e não deveria se comportar da mesma forma em relação ao futebol – “Certos rapazes da imprensa não perceberam que a humildade é defeito de reis, príncipes, duques, rainhas” (Rodrigues, 1993: 188).

Saturado do pessimismo deste grande segmento da crônica esportiva, Nelson, em algumas oportunidades, chegou a ser agressivo. “Era mais fácil encontrar uma girafa em

---

<sup>271</sup> Originalmente: É Hoje a Batalha. *O Globo*. (17/06/1970).

nossas redações do que um otimista. O otimista era visto, e revisto, como um débil mental. Quando o escrete saiu daqui, as hienas, os abutres, os chacais uivavam [...]” (Rodrigues, 1993: 188). Ou como neste outro trecho, no qual, com humor, tenta ridicularizar os “entendidos”: “[...] O meu personagem da semana é o cronista patricio que foi à Inglaterra. Pois bem: – saiu daqui bípede e voltou quadrúpede. Desembarcou no Galeão soltando, em todas as direções, os seus coices triunfais” (Rodrigues, 1994: 123)<sup>272</sup>. Ou ainda neste segmento de crônica as vésperas do jogo Brasil e Inglaterra, durante a Copa do México, onde o enredo do debate de Nelson com os “entendidos” teria um desfecho, já que as seleções valorizadas por um e o outro lado iriam se enfrentar diretamente.

[...] Bem sei que as hienas da crônica ainda uivam contra a defesa. “Há falhas, há falhas”, rosnam as hienas (nas minhas crônicas as hienas rosnam). [...] Assim os cronistas que esquecem uma exibição deslumbrante para catar falhinhas que têm, cada uma, o tamanho de uma pulga. Amanhã jogaremos com a Inglaterra. Eu sei que a Inglaterra é grande. Mas, nós somos maiores, porque somos Brasil, imensamente Brasil, eternamente Brasil (Rodrigues, 1993: 175).

Compreendia a crônica dos “entendidos” como um “abjeto comportamento colonial” (Rodrigues, 1994: 98)<sup>273</sup>, mas a caracterização dos “idiotas da objetividade” apontava para um contexto social maior. Nelson, ao contrário do seu irmão Mario e de José Lins do Rego, vivenciou o período onde se popularizaram o cinema e, sobretudo, a televisão. Se por um lado, o rádio era um aparelho eletrônico que favorecia o seu estilo criativo no qual o futebol era transformado artisticamente, tornando-se um drama também (Araújo, 2001; Soares, 1994); do outro, o cinema<sup>274</sup> e a TV, aparelhos que acrescentavam ao som a imagem, no momento inicial gravada e posteriormente em tempo real, prejudicavam muito a criação dos seus enredos dramáticos (Antunes: 2004: 210-217). Nelson, então, bradava que... “Os idiotas da

---

<sup>272</sup> Originalmente: Coices e Relinchos Triunfais. *O Globo*. (02/08/1966).

<sup>273</sup> Originalmente: Salivação Eunuca. *O Globo*. (09/06/1965).

<sup>274</sup> Sobre a ligação entre cinema e futebol ver: Melo, Victor Andrade & Alvito, Marcos (orgs). *Futebol – Diálogos com o Cinema*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

objetividade não vão além dos fatos concretos. E não percebem que o mistério pertence ao futebol. Não há clássico e não há pelada sem um mínimo de absurdo, sem um mínimo de fantástico” (Rodrigues, 1994: 138)<sup>275</sup>. Prosseguindo com as reclamações: “Amigos, está cada vez mais largo e cada vez mais fundo o abismo que se cravou entre o povo e a crônica. Antigamente, as coisas eram mais simples e mais amenas. Quando o Brasil jogava lá fora, tínhamos de aceitar a imagem que nos ofereciam os cronistas. A partir do *vídeo-teipe*, porém, tudo mudou como num milagre” (Rodrigues, 1994: 148)<sup>276</sup>.

Após a chegada no Brasil dos aparelhos televisores, os dramas de Nelson eram constantemente questionados pelos cronistas que divergiam do seu posicionamento pautados nas imagens. Eram estes os “idiotas da objetividade”. Mas Nelson não cedeu. Utilizando novamente da criatividade, encontraria uma saída que iria se tornar célebre (Nogueira In Rodrigues, 2002: 14-15). Por exemplo, certa vez, estabeleceu um diálogo com o cronista Carlos Heitor Cony, que tinha acompanhando minuciosamente uma partida através da TV, e com sarcasmo rebateria em uma de suas crônicas, colocando o vídeo-teipe em xeque.

Amigos, sempre digo que o videoteipe é burro. Mas por isso mesmo, vale como a testemunha ideal. Não sei se vocês me entendem. Eis o que eu queria dizer: – uma testemunha, para ser válida, não pode ter imaginação nenhuma. E a burrice do teipe, com a sua chata veracidade, vira qualidade e das mais estimáveis.

[...] O diabo é o seguinte: – o olho humano tem um defeito grave. É inteligente. E mais: – há o que eu chamaria de fantasia individual. O homem não vê nada sem lhe acrescentar um retoque qualquer. O conflito de ontem. Cada qual tem a respeito uma imagem pessoal, inalienável e clubística. Pirandello diria: – “A verdade de cada um”.

[Porém] não é bem assim. Há sujeitos que não sabem ver televisão. Está lá a imagem nítida, irredutível, insofismável. Mas ele inventa uma outra imagem, a imagem de sua paixão e de sua torcida (Rodrigues, 2002: 212-213)<sup>277</sup>.

Nelson, até o final da vida, se manteria bastante crítico em relação ao recurso audiovisual da TV e a forma como este era utilizado pelos “idiotas da objetividade”. Não

---

<sup>275</sup> Originalmente: Sobrenatural de Almeida. *O Globo*. (27/10/1968).

<sup>276</sup> Originalmente: Os “Entendidos” Rosnam de Frustração. *O Globo*. (16/06/1970).

<sup>277</sup> Originalmente: Sobrenatural de Almeida Perde Para “Gravatinha”. *Jornal dos Sports*. (21/11/1967).

encontrava sentido nas imagens constantemente repetidas nos lances mais contundentes do jogo, atenuando a polêmica que sempre foi gerada pelos lances duvidosos, situação que considerava fundamental para que o esporte fosse tão apaixonante. Em uma outra oportunidade, o escritor de *A Vida Como Ela É...*, comparava o vídeo-teipe ao rádio.

E o patético é que, quinta-feira, o vídeo-tape de Brasil X Inglaterra nos dera uma versão deprimente do escrete. O povo não sabia como conciliar as duas coisas: – o delírio dos locutores e a exata veracidade da imagem. Após a batalha de ontem, eu vi tudo. A verdade está com a imaginação dos locutores. E repito: – a imaginação está sempre muito mais próxima das essências. Ao passo que o vídeo-tape é uma espécie de lambe-lambe do Passeio Público, que retira das pessoas toda a sua grandeza humana e esvazia os fatos de todo o seu patético (Rodrigues, 1993: 90).<sup>278</sup>

Entretanto, mesmo considerando o vídeo-teipe um real inimigo, pois reforçava a tese dos “idiotas da objetividade”, Nelson iria aceitar o convite para compor o elenco de um dos primeiros programas de debate esportivo, *A Mesa Redonda Facit* da crescente emissora *TV Rio*, debatendo ao lado de Armando Nogueira, João Saldanha, Vitorino Vieira, José Maria Scarsa e Luis Mendes, entrando posteriormente na equipe o jornalista espanhol Hans Henningsen (apelidado por Nelson de *Marinheiro Sueco*) e o francês Alain Frontaine e o ex-jogador da seleção brasileira, Ademir (Castro, 1992: 332).

E mesmo inserido no âmago do artefato tecnológico que dava argumentos aos seus algozes, continuava reafirmando que “o vídeo-teipe era burro” (Castro, 1992: 332). Mesmo o termo “os idiotas de objetividade” quase sempre usado por Nelson Rodrigues para criticar aqueles cronistas ou jornalistas que usavam do vídeo-teipe com referência, coibindo a dramatização do futebol, algumas vezes, aparece nas crônicas em outras circunstâncias. Em um dos casos, por exemplo, Nelson usaria para divergir também de uma classe que ele não compactuava, os teóricos, especificamente, os sociólogos.

---

<sup>278</sup> Originalmente: O Eichmann do Apito. *O Globo*. (14/06/1962).

Amigos, a nação estava triste. Os ombros arriados, as orelhas a meio pau. Nunca o subdesenvolvimento doeu tanto na carne e na alma da pátria. E, ultimamente, o brasileiro estava cultivando, e com certo deleite, as suas feias e cavas depressões. Cada um de nós era um subdesenvolvido de babar na gravata. Por toda parte se fazia a pergunta, sem lhe achar a resposta – “Por quê?”. Lembro-me que alguém resolveu fazer uma enquete entre vários sociólogos. Grave e burlesco equívoco. Quando se quer dar uma medida da estupidez humana, diz-se, e com razão: – “Burro como um sociólogo”. E, de fato, o sociólogo é o pior ainda do que o tenor italiano. Mas voltemos à enquete. Todos os entrevistados, numa unanimidade burríssima, assim explicaram a angústia nacional: – “inflação”. [...]. Amigos, confesso que acreditei nos **idiotas da objetividade**<sup>279</sup>. Achei que a inflação era a origem da minha própria tristeza e da tristeza alheia. Mas a gente vive aprendendo. Há três dias, aconteceu no Maracanã a batalha entre o Brasil e a Bélgica. Todos os brasileiros vivos e mortos estavam lá. Defuntos de algodão nas narinas atravessaram as borboletas. Tinham pulado os muros do além para torcer. Só um brasileiro faltou: – o sociólogo. [...] (Rodrigues, 1994: 96-97)<sup>280</sup>.

Até o final da vida Nelson iria se manter fiel a sua crença de que o homem brasileiro, manifesto através do selecionado nacional, era superior a qualquer outro, principalmente os europeus. E como o jornalismo esportivo gradativamente também se ampliava, ganhando espaço em outros meios de comunicação, principalmente na TV, Nelson não deixaria de criticar este tipo de jornalismo, considerado por ele pouco dramático, sem enredo, pobre, aproveitador e antinacional. Em 1978, reticente, argumentava que... “Os cretinos fundamentais da crônica queriam que o povo baixasse o pau na seleção. Na seleção e em Coutinho. Agora, vocês não sabem por que os lorpas e pascácios brigaram com o time nacional? Porque ele não imitou os defeitos do futebol europeu” (Rodrigues, 1994: 188)<sup>281</sup>.

Mesmo divergindo e criticando os “entendidos” e os “idiotas da objetividade” por décadas, Nelson Rodrigues mantinha determinada compostura. Com a exceção de alguns amigos, que eram criticados sutilmente com humor – como Otto Lara Resende e Armando Nogueira – o autor de *Beijo no Asfalto* nunca nomeou seus algozes. Sobre isso, escreveu certa vez: “Realmente venho falando nas hienas que uivam na crônica e fora dela. Sem citar nomes, é claro. Mas o sujeito parece raciocinar assim: – “Aqui fala de hiena. Hiena, que eu conheça,

---

<sup>279</sup> Sem grifo no original.

<sup>280</sup> Originalmente: Os Guizos Radiantes de Garrincha. *O Globo*. (05/06/1965).

<sup>281</sup> Originalmente: O Verdadeiro Campeão de 78. *O Globo*. (26/06/1978).

só eu. Portanto, isso é comigo”. Faço uma idéia dos colegas que, a folhas tantas, enfiaram até às orelhas suas carapuças de hienas” (Rodrigues, 2002: 191)<sup>282</sup>.

Por outro lado, Nelson, ao encontrar um cronista defensor do *escrete*, não perdia a oportunidade de enaltecê-lo – “Também a imprensa, fora algumas exceções, dizia horrores do técnico, do time, dos jogadores. Houve, então, a celebríssima vigília cívica. Foi Rui Porto que a promoveu” (Rodrigues, 1994: 158)<sup>283</sup>.

## V

Na Copa de 1950 Armando Nogueira participou sutilmente da cobertura do evento, mas em 1954 foi designado para cobrir a sua primeira Copa do Mundo fora do país: realizada na Suíça – por sinal, sobre a qual o seu posicionamento serviria de motivo para uma longa (e divertida) divergência com Nelson Rodrigues.

Frases musicais. Metáforas sempre primorosas. Pérfidas, quase sempre. Eu mesmo amarguei a pena impiedosa dele. Nunca perdoou que eu tivesse descoberto na seleção húngara do Mundial de 54 uma equipe melhor do que a brasileira. Tratava-me como um desavisado que traía a pátria amada de chuteiras. A tal equipe da Hungria só existia na minha imaginação. Repetia, obsessivamente, que eu trouxera da Europa uma colossal utopia. O *escrete* húngaro Armando Nogueira era uma deslavada invenção minha (Nogueira In Rodrigues, 2002: 14).

Depois desta cobertura, onde enalteceu o selecionado da Hungria, sendo, em contrapartida, bastante criticado pelo amigo Nelson, o literato dos esportes não iria deixar de comparecer a nenhuma outra Copa até o presente momento, sempre exercendo seu ofício de jornalista e cronista. Ao contrário da maioria dos cronistas, que se dedicaram quase que exclusivamente ao futebol, Nogueira, tinha uma amplitude maior, escrevendo vários textos sobre vôlei, basquete, atletismo, natação, tênis, boxe, automobilismo, hipismo, aviação, entre outras modalidades (Nogueira, 1998; 2000). Em virtude disso, além das Copas do Mundo de

---

<sup>282</sup> Originalmente: Uivos das Hienas. *O Globo*. (08/02/1975).

<sup>283</sup> Originalmente: O *Escrete* dos Sonhos. *Revista Brasileira de Relações Públicas*. (jul-ago/1965).

Futebol, acompanhou *in loco* os Jogos Olímpicos seguidamente desde 1980, na edição realizada em Moscou. Demonstrando através da sua literatura preocupada com a estética, impregnada de emoção, o seu gradativo, porém intenso, contato com o evento-mor dos esportes.

Assisti, de corpo presente, a cinco Olimpíadas [posteriormente a escrita do texto Armando iria acompanhar mais duas, Sydney (2000) e Atenas (2004)]. A primeira foi em Moscou 80. Chorei na despedida dos Jogos, vendo pingar lágrimas de adeus dos olhos saudosos do ursinho Micha, mascote olímpico.

Senti, então, meu coração tocado pelo espírito helênico do esporte. E nunca mais deixei de fazer como os gregos de outrora que mediam o tempo pelo calendário dos Jogos Olímpicos: a vida contada de quatro em quatro anos.

Quatro anos depois, estaria eu no Estádio Olímpico, de novo, testemunhando a volta olímpica de Joaquim Cruz [...].

Em Seul, nos Jogos de 88, vi, empolgado [...].

Em Barcelona, respirei como jamais, os ares de Atenas. A Catalunha simbolizava, com fervor, a tradição mediterrânea dos Jogos Olímpicos.

Por fim, Atlanta. Foi a Olimpíada dos meus amores.

Guardo comigo a paixão de todas as Olimpíadas. Espero em Deus que não se apague jamais em mim a chama que aquece o coração dos heróis esportivos (Nogueira, 2000: 1-2).

Assim, se a crônica esportiva no Brasil era praticamente restrita ao futebol, Armando colaboraria para mudança deste paradigma, pois, mesmo se dedicando bastante ao *esporte bretão*, também se preocuparia em abordar modalidades variadas, inclusive acentuando a “tradição inventada” (Hobsbawm & Ranger, 1997) acerca do surgimento remoto dos esportes nas em civilizações antigas – evidentemente, com mais ênfase em relação à Grécia, onde, a partir da realização da primeira edição dos Jogos Olímpicos Modernos, cuja própria alcunha já indicava uma tentativa, que seria bem sucedida, de vinculação entre as práticas religiosas gregas e os esportes laicos modernos. Como nesta passagem, onde o amadorismo nos antigos Jogos gregos é questionado.

Qual a recompensa aos vencedores? – pergunto, com ligeiro sotaque argentário. Meu amigo Fídias responde que o prêmio é uma coroa de oliveira, nada mais que isso. Observo que, nos Jogos de 1250 a. C., os heróis esportivos recebiam dinheiro e coisas de valor, tipo ânforas de ouro.

Nos Jogos de Tróia, por exemplo, o divino Aquiles abria a burra do reino para premiar os campeões. O vencedor da corrida de carros saía com a vida ganha. Recebia um bom dinheiro, além de pensão



vitalícia, ovelhas de estirpe nobre e, como prêmio mais invejável, o vencedor ainda tinha o direito de desfrutar “uma escrava virgem, de formosa cintura e sem qualquer defeito físico”. Quem me dá conta disso é o poeta Homero que, em versos épicos, exalta os Jogos de Tróia, criados por Aquiles em honra de Pátroclo, seu amigo de infância. O próprio Aquiles levou pra asa algumas escravas depois de vencer corridas com seus “pés ligeiros e infatigáveis”.

Fídias ouve de mim essa história e resolve abrir o jogo. Confessa que os vencedores em Olímpia recebem também outras honrarias menos singelas que a coroa de folhas de oliveira. Ganham um banquete no salão de festas da cidade sagrada; posam para sua própria estátua, esculpida em tamanho natural, recebem presentes luxuosos. Sem falar na consagração de ver o seu triunfo cantado por poetas, prosadores, músicos e aedos famosos. Tal distinção é fruto da programação espiritual dos Jogos (Nogueira, 2000: 9).

O cronista, visivelmente voltado à plástica do jogo, não teve uma preocupação maior em compreender através de teorias sócio-históricas o que seria o conceito de esporte. E nem era necessário: na sua caneta, a beleza do esporte era incorporada, transformando-se em arte literária. Um conto, uma crônica: transformados às vezes em poesia ou, na maioria dos casos, em prosa poética. Sendo assim, a tradição de uma história remota, romanceada, memorialística e, sobretudo, bela, era a base pra compreensão do que seria o esporte.

O motivo da ampliação da temática era evidente: mesmo começando a escrever na década de 1950 – período de plena maturidade das crônicas de José Lins do Rego, Mario Filho e Nelson Rodrigues –, Armando, por ser jovem, foi o cronista esportivo que melhor se adaptou ao maior repertório de meios de comunicação. Assim, se Nelson dava nítidas mostras que encontrou no vídeo-teipe um adversário – “Certa vez, invoquei o videoteipe para comprovar um gol irregular do Fluminense. Ele me jogou na cara, em pleno ar, a sentença desconcertante: “O videoteipe é burro!”” (Nogueira In Rodrigues, 2002: 13) –, Nogueira se integraria perfeitamente com essas novas tecnologias, ganhando popularidade através delas. Armando, em uma crônica dedicada exclusivamente ao enaltecimento destes meios de comunicação, argumenta...

Na era da comunicação eletrônica as pessoas andam casando muito e descasando muito mais. Sei, porém, de um casamento que festejará, tranqüilo, bodas eternas: ele, o Mundial de Futebol; ela, a Televisão. Casaram, com separação de bens, em junho de 1958, na Suécia, quando a Europa viu a

primeira final, ao vivo: Brasil 5 x Suécia 2. E não de reviver, pelos campos afora, uma lua-de-mel que se repete de quatro em quatro anos, sempre mais ardente.

Bem que os mestres da eletrônica podiam ter chegado um pouquinho mais cedo com as suas câmeras de olhos mágicos! Quanta coisa bonita nos campos de futebol que tanta gente não viu! [...].

Eram os tempos gloriosos do rádio e, assim, fora do campo, o que chegou do jogo não foi mais que o eco das arquibancadas a cantar em coro a marchinha “Touradas de Madri” do João de Barro.

Engraçado é que, voltando da Suíça, eu cheguei contando, com o máximo de objetividade, tudo o que tinha visto [...]. Voltei, enfim, pondo nas nuvens o mágico futebol dos húngaros que era realmente maravilhoso. Como não havia imagens dos jogos, meu testemunho virou fantasia: espalharam logo que o poderio da seleção húngara era coisa da minha imaginação. Nascia, como simples mentirinha, “a seleção húngara do Armando Nogueira”... que o inesquecível Nelson Rodrigues, inventor da piada, repetia obsessivamente nos programas de debates esportivos e na sua irreverente crônica diária.

Saudemos, pois, as câmeras de televisão que, já no mundo de 70, puderam mostrar, ao vivo, para o mundo inteiro, o corta-luz de Pelé desmontando o goleiro uruguaio Mazurkiewicz. Honras à fidelidade da televisão que eternizou, aos olhos fascinados de todos nós, o balé da seleção holandesa de Cruyff, no Mundial de 74.

Graças aos olhos universais da televisão, o Mundial de futebol passou a ser, a partir do México, um espetáculo esportivo de melhor sabor olímpico. [...].

Honras ao rádio que, então, emocionava o país, recriando cada jogada e saudando cada triunfo ou no grito sem fim do espique ou na sinfonia de ruídos eletrônicos como que se amplificava no rádio a emoção de um gol. Mas vamos ser francos: que contador de histórias – por fiel e fluente que ele seja – conseguiu algum dia o milagre de exprimir com palavras a leveza de um drible de Garrincha? Devastador e humano. [...].

Máquina-caixão, rádio-galena, linotipo, filme mudo. Câmera de cor, via satélite, vídeo-teipe. Na pré-história como na glória da comunicação, o coração do brasileiro é uma fonte de lágrimas e de alegrias que se renova, de quatro em quatro anos, na comunhão de cada Mundial.

Em *slow-motion*, ou na gaitinha de boca com que Ari Barroso comemorava, ao microfone do rádio, os gols do Flamengo (Nogueira, 1988: 117-120).

Nota-se até que o literato se adaptou relativamente bem também à tecnologia da *web*, popularizada nos meados da década de 1990<sup>284</sup>. Por outro lado, esta mesma tecnologia da internet fez com que Armando encontrasse algumas dificuldades em um aspecto: aquele referente à acentuada, rápida e nem sempre elegante interatividade virtual<sup>285</sup>. A fácil possibilidade de cobrança por parte do leitor através da *Rede* tornou-se um problema para Armando. Na queixa do próprio escritor... “Fim de férias e cá estou, de novo, pronto pra roer os ossos do meu ofício. Velho e batido trabalho sempre cheio de surpresas, de perplexidades, de controvérsias, de paixões pau-puro. Ser cronista esportivo é dar a cara a tapa. Minha volta ao trabalho que o diga: encontro muitos e-mails a me cobrar por tudo que eu disse e que deixei de dizer sobre o papel da seleção no mundial” (Nogueira, 2003: 36).

<sup>284</sup> Armando Nogueira, além de ter várias crônicas publicadas em jornais virtuais, usar do sistema de e-mail nos seus programas televisivos, mantém atualmente uma página oficial na internet, intitulada *Revista Armando Nogueira*. Disponível em: <http://www.armandonogueira.com.br/bio.htm>. Acessado em 05/04/2005.

<sup>285</sup> Ver: Lévy, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

Assim, o mesmo cronista que se adaptou tão bem à televisão, ajudando a construir um dos mais representativos sistemas telejornalístico do mundo, passou a encontrar dificuldades em relação à comunicação virtual. Em uma crônica, ironicamente denominada *Ao Coelho, com misericórdia*, Armando iria demonstrar evidente incômodo em relação aos “diálogos” virtuais com os seus leitores.

Pela Internet, alguém que se assina Coelho me pergunta, quanto me paga, por mês, o Romário, pelos elogios que vivo fazendo a seu futebol. A interpelação, de dedo em riste, é de tal virulência que cheguei a pensar em não dar a mínima bola pro Coelho. Vai ver, o Coelho é um desses energúmenos que soltam demônios pelos poros.

Resolvi, porém, pegar o bicho pela palavra. Abrirei o jogo. Romário me paga, sim, e daí, Coelho? Temos um acordo tácito pelo qual ele entra com seus belos gols e eu com os meus adjetivos. É toma-lá-dá-cá. Nada de vil metal. Nem real, nem dólar. É na base do escambo.

Mal sabe o Coelho que vivo desse expediente, não é de hoje. Durante anos, minha mocidade tinha o alento dos pés poéticos de Garrincha. Dribles febris, indomáveis. Didi era outro que me recompensava, cada jogo, com passes oblíquos, que principiavam na aurora do campo e iam terminar, ao fim da tarde, nos pés fatais de um artilheiro.

[...] O Coelho vai me excomungar, mais ainda, quando souber que as palavras com que participo de tão rico intercâmbio jamais me pertenceram.

Vivo a pescá-la, sempre, nas águas mais cristalinas da poesia. No momento, tenho dedicado minhas melhores insônias a Manuel Bandeira, cujos versos, tal qual os gols de Romário, enchem de estrelas, de aromas e de cânticos o meu cofrinho de emoções.

Se, um dia, me faltar um gol, um drible, um passe e um verso, saiba você, Coelho, que vou passar a viver de brisa, que me parece o jeito mais singelo de aguardar a hora de partir (Nogueira, 2003: 41-42).

Se nas décadas anteriores os cronistas tinham que comparecer às redações para escrever seus textos, podendo, no máximo, trabalhar em três ou quatro periódicos (era o caso de Nelson Rodrigues, por exemplo), na atualidade, com os recursos tecnológicos avançados, um cronista reconhecido como Armando Nogueira pode publicar suas crônicas em dezenas de jornais, revistas e sites. Desta forma, o contato com o leitor, os quais Nelson Rodrigues gostava de chamar de “desconhecido íntimo”, que, naquela época, era pessoal, por carta ou por telefone, é multiplicado devido à invenção e popularização da tecnologia do e-mail.

Neste sentido, podem-se pressupor três momentos distintos do jornalismo esportivo após a década de 1940. O primeiro, no qual o jornal era um dos principais meios de comunicação ao lado das transmissões radiofônicas, sendo o futebol recriado pelas vontades

dos próprios locutores e cronistas; o segundo, no qual, com o surgimento da televisão e dos seus recursos tecnológicos – como o *slow-motion*, o *replay* e variados ângulos de filmagem – a crônica teve que se adaptar ao fato de que grande parte dos torcedores assistia aos jogos, tendo que, portanto, acentuar mais os comentários técnicos do que o enredo que (re)criava as partidas e torneios; e o terceiro e último, no qual a acentuada *cultura da informação* (Dizard, 2000) fez com que o cronista em geral se tornasse uma celebridade esportiva, mas tendo que se redobrar na busca do inusitado, já que o público consumidor do esporte tem uma *overdose* de informações, notícias, imagens, fatos, especulações e canais de debate e discussões sobre o assunto (Betti, 1998).

No primeiro momento, Armando, ainda na juventude, estava iniciando nos ofícios de jornalista e depois cronista esportivo. Não era tão conhecido como outros cronistas esportivos da sua época, como José Lins, Mario Filho, Nelson Rodrigues e João Saldanha, mas galgava rapidamente espaço com a coincidência do incidente de Carlos Lacerda e com a sua dedicação – “[...] ele me perguntou o que eu sabia fazer em jornal. Respondi que nada. E você quer começar por onde? Pelo esporte. Foi assim que entrei para o jornalismo e comecei a escrever” (Nogueira, 1988: 14). No segundo, o da televisão, foi quando o cronista acreano ganhou maior notoriedade e, como já relatado, ocupou cargos importantes – “Seguem-se os trechos principais da entrevista [de Leonel Brizola] de cerca de meia hora conduzida pelos jornalistas Paulo César de Araújo e André Gustavo Stumpf, sob a coordenação de Armando Nogueira, então todo-poderoso diretor de jornalismo da emissora” (Partido Democrático Trabalhista. *Brizola – Confronto com a Mídia*. <http://www.pdt.org.br/personalidades/brizola.asp>. Acessado em 14/05/2005). No último, já como celebridade, seus textos e comentários espalhados por todo o país, se consolidou como uma referência da literatura nacional – “Os

textos de Armando Nogueira contrariam a lei máxima do esporte num único ponto: eles não competem, eles sempre vencem” (Cony In Nogueira, 1998: vii).

## VI

Armando Nogueira soube se adaptar bem as diferentes temporalidades: a do jornal, do rádio, da televisão e da internet, além da associação entre o tempo concebido por tais tecnologias, como por exemplo, a conjugação do tempo televisivo de um programa de debate futebolístico e das mensagens enviadas por e-mail. Sua concepção flexível de tempo pode ser sentida a partir da análise de algumas crônicas e até de alguns poemas – como este, intitulado *Passatempo na Relva*, no qual é contraposto o presente sereno ao passado nostálgico, sem grandes decepções e mágoas.

É verdade, minha amiga bola:  
estou envelhecendo.  
Mas repara que envelheço no rosto,  
no coração nunca.

Fica tranqüila: as rugas não me doem.  
O segredo é simples:  
todas as bolas do mundo  
sabem que a vida  
é sempre um brinquedo.

Menino, rapaz, homem-feito,  
em qualquer tempo,  
minha vida tem sido um passatempo.

Passe de magia, bola que passa  
impressentida  
tecendo na relva  
a teia infinita  
Das minhas ilusões (Nogueira, 1988: 96).

Se no início da carreira de cronista esportivo, Armando encontrou dificuldades ao tentar ser objetivo, sendo criticado por Nelson que via no futebol uma fonte de inspiração, logo notaria que, com a chegada da televisão, os cronistas deveriam modificar sua postura,

passando, então, a acentuar ou a discussão técnico-tática do esporte (era o caso dos especialistas, como professores de educação física, ex-técnicos e ex-jogadores, mas não um literato com Armando) ou a memória do esporte, sendo esta a alternativa escolhida pelo autor de *O Canto dos Meus Amores*. Um exemplo foi a sua passagem pelo México durante a realização da Copa do Mundo de 1986, onde relatava que tinha “[...] a mala cheia de memórias. Dias de junho-70, aqui vividos e, anos depois, sonhados. Subir e descer as tuas ruas está sendo um saudoso desfile de lembranças que o tempo não ousa desfolhar da minha vida” (Nogueira 1987: 17).

Nelson Rodrigues descobriu o campo fértil que era um jogo de futebol antes de Armando, tanto é que criticava a objetividade do amigo. Armando, fazendo *mea culpa*, confessava que... “Nelson Rodrigues, amável carrasco do meu sensato amor pelo futebol. Passei a vida inteira para descobrir que ele tinha razão: futebol não é nada sem o delírio, sem o doce desatino da paixão. Como a que ele viveu pelo Fluminense e pela satisfação” (Armando In Rodrigues, 2002: 15).

Pois bem, mesmo com forte inserção nos programas televisivos, Armando, após o início “objetivo” na década de 1950, passou a usar do memorialismo e de um estilo literário próprio, pautado, sobretudo, na estética para escrever suas crônicas, mantendo uma posição mais cética e menos poética quando trabalhava no rádio e na TV. Em algumas ocasiões até, com a sua notória capacidade para escrever enredos, tentava usar do tempo nas suas crônicas, com a finalidade de passar ao leitor a sensação de expectativa, como nos momentos que antecedem a uma partida decisiva de Copa do Mundo.

[...] Campo encharcado é coisa de europeu, que está acostumado a jogar seus campeonatos nos campos gelados do inverno.

Quem sabe disso há de estar como eu agora roendo as unhas de aflição, aqui neste bar do estádio. Ah, quanto eu gostaria de ser inglês – de preferência, este jornalista inglês com cara de Charles Coburn que

me oferece, sereníssimo, um uísque pela vitória do Brasil: – Vitória do Brasil, sim senhor! – diz ele catedrático e festivo.

– Como, com essa chuva? – pergunto eu, morrendo de medo.

– A sorte dos suecos é essa chuvinha. Em campo seco, ia ser de oito. O Brasil ganha em jogo hoje de quatro ou cinco, no mínimo!

Não é possível que o meu colega inglês esteja sendo sincero comigo. Ele deve estar de pileque. Com o campo encharcado, eu não consigo imaginar o Brasil trocando passes, jogando o futebol brilhante e arrasador de quatro dias atrás contra a França.

Mas hoje, contra a Suécia, não será a mesma coisa. Parou de chover, ao meio-dia. O campo deve estar uma lagoa.

Estaria, sem dúvida, se os suecos não tivessem tido o cuidado de cobrir as áreas com duas lonas impermeáveis. [...].

O campo está salvo. Bola em jogo. [...] (Nogueira, 1988, 37-38).

De forma semelhante, Nogueira oscila entre o futebol profissional e o lúdico da época de infância, sem malícia, sem compromisso. “O juiz apita a saída. É hora de sair, amigo. Vamos embora do estádio. Vamos, depressa, que a bola deixou de ser brinquedo, o homem deixou de ser criança, o jogo deixou de ser ilusão. Voltemos todos, depressa, à infância do futebol que é o futebol da própria infância; as crianças correndo, em bandos, atrás da bola que rola no campo, incansável, graciosa – pelada” (Nogueira, 1988: 90).

Armando Nogueira tinha plena noção do poder da utilização do tempo como meio de enriquecer a crônica. A temporalidade do esporte não era a cronológica. O tempo do futebol era emotivo, intenso e apaixonante. Se o próprio sentimento mais poderoso, o de amor por uma pessoa, podia sucumbir ao tempo, o de amor ao futebol era eterno. Nas palavras cuidadosamente elaboradas pelo escritor... “Amar um clube é muito mais que amar uma mulher. Ao longo da vida, troquei de namorada, sei lá, mil vezes. E outras mil fui trocado por elas, mas a recíproca não está em jogo, agora. Jamais trocaria o Botafogo, nem por outro clube, nem por nada, neste mundo” (Nogueira, 2003: 117). Ou nesta outra, onde o país de origem serve de parâmetro comparativo: “O sentimento de clube é mais ardente que o sentimento da pátria. A criança descobre o clube do coração antes de descobrir a própria pátria” (Nogueira, 2003: 146-147). Ou ainda apontando as incoerências da paixão futebolística: “[...] A paixão, quase sempre, tende ao desvario. Estranho é o ser que habita

uma arquibancada. Não basta ser feliz, é preciso que o outro não seja. [...] Não entenderei jamais que alguém se sinta feliz de ver o naufrágio de um barco tripulado de sonhos e de glórias” (Nogueira, 2003: 152).

Em virtude disso, os textos do autor, a exceção dos do início da carreira, apresentam quase sempre um vínculo com o passado. Mas esta amarração não pode ser considerada meramente nostálgica, pois o tempo presente é igualmente fonte de riqueza e, portanto, também valorizado pelo cronista – ao contrário dos textos da maioria dos outros cronistas-memorialistas que manifestavam desdenho em relação ao presente diante de um passado de qualidade superior inquestionável.

Sempre atento à importância do tempo, Armando iria observar que mesmo no esporte este poderia ser concebido de maneiras diferentes, influenciando na emoção que o torcedor iria sentir – de acordo com Elias (1995) em um processo mimético – variação possível através da lógica do jogo e de como o tempo é demarcado. Logicamente, sem o apoio da Sociologia, Nogueira refletiu sobre esta questão.

O basquete é um exemplo de como bem lidar com essa impiedosa substância chamada tempo. É uma das raras manifestações de vida em que menos se sente a celebridade do tempo. Uma lição que o futebol não quis aprender. O futebol é um refinado perdulário. Desperdiça tempo como o estróina desperdiça dinheiro. No basquete, um minuto dura uma eternidade. Por quê? Porque se a bola pára, pára também o cronômetro. Bendita angústia do não-tempo. Feita a cesta, o cronômetro só recomeça a andar quando a bola chega às mãos do segundo jogador.

Bem que a vida podia imitar o basquete. Só valeria o tempo intensamente vivido. Na ação ou na contemplação. O tempo consumindo no sono e na melancolia não devia ser contado. Eu estaria, hoje, na flor da idade... (Nogueira, 1998: 44).

Aprendendo através da literatura do esporte e, principalmente, da vida sobre a complexidade do conceito de tempo, e da sua respectiva importância para a sua produção textual, Nogueira chegou a escrever diretamente sobre o assunto. Já na maturidade, ao completar o septuagésimo sexto aniversário, refletindo sobre o que seria este tempo, que tão útil era a sua arte e até a sua concepção do que seria a vida.



Setenta e seis anos. Fiz 76 anos. A ouvidos convencionais, desavisados, a confissão é quase indecorosa. Como é que alguém ousa revelar, de público, que já passou dos 70 anos? O normal é desconversar. Não dar bola por tempo. Ora, amigos, o que vem a ser o tempo?

Um carrasco ou um amigo de fé? Confesso a vocês uma doce verdade: tudo que sei da vida e dos homens, aprendi com o tempo. Grande parceiro nas maiores aventuras e, mesmo, nas desventuras deste mundo de Deus. Foi o tempo que me ensinou as coisas do futuro. Não posso me queixar dele. Até hoje. Ele consente que cada instante meu, vivido no presente, se transformou em valioso passado – esse, sim, o grande patrimônio da vida humana. Eu sempre me pergunto: que teria sido de mim sem a experiência do passado? Sem esse bem que tanto bem me tem feito? A criatura humana vem ao mundo com a vívida esperança de viver muito. Vira, pois, o passado, a grande porção do tempo que, realmente, fica.

Que seria do futuro sem a perspectiva do passado? Quem não souber bem desfrutar o futuro, não estará construindo um bom passado. O passado é a culminância de todas as etapas da vida. Saiba sorvê-lo, com o máximo de comedimento. Desde sempre, eu tenho com o tempo uma combinação sagrada: todo palmo de futuro que ele me conceder, tentaria convertê-lo no passado mais fraco, mais risonho.

O tempo é de tal forma benevolente comigo que, ao me enriquecer a vida de tantos anos, ainda me dá a graça. Quase divina, de poder, eu mesmo, retocar o meu passado. Toda noite, quando folheio as páginas da minha modesta história, mexo aqui, remexo ali, aperfeiçoamento mais adiante. Vivo melhorando o meu passado. Refaço de tal modo o baú da minha existência que a minha vida acabará sendo um exemplo de perfeição. Pelo menos, aos meus olhos. Generosos olhos que procuram me ver com bons olhos...

Moral da história: do meu futuro, cuida o destino; do meu passado, cuido eu. É aí, então, que me sinto investido de virtudes celestiais. É quando eu interfiro na minha biografia, expurgando um pecado aqui, acrescentando uma virtude ali. Não sou dono do meu futuro, mas consigo ser dono do meu passado. Esse é o meu instante de deus. Com dê minúsculo...

Alguém perguntará: se o tempo é assim tão camarada, por que então ele maltrata tanto o corpo da gente? As rugas na pele, os cabelos brancos, o olhar mortiço, o músculo sem fulgor! Acontece, amigos, que o tempo não se preocupa com a pessoa física do indivíduo. O que importa, mesmo pro tempo, é a alma. E a alma não enruga jamais. A alma não envelhece. Não é à toa que o poeta diz que tudo vale a pena, se a alma não é pequena.

Pois o segredo da vida é justamente este: é a grandeza da alma. A alma que é a morada eterna do ideal. A morada do sonho. E como eu não falo outra coisa na vida a não ser perseguir devaneios, saibam vocês que a vida ainda vai ter que me aturar por muito tempo. Pelo menos, até que eu alcance a minha maior utopia, que eu nem sei qual seria. Sei, apenas. Que ela existe e que eu a quero ardentemente, pra poder tornar ainda mais fascinante o meu querido passado.

É claro que tudo que eu falei até aqui é filosofia barata. [...] (Nogueira, 2003: 13-15).

A longa citação foi necessária para que não se deturpasse o sentido geral crônica de Armando. Esta, de certa forma, não deixa de ser um manifesto à vida, explicitando o quanto era complexo o conceito de tempo concebido pelo autor. Por outro lado, a forma como concebia o tempo serviria para romper com um paradigma que contrapunha os literatos presos ao presente e os nostálgicos. O autor de *A Ginga e o Jogo* atenuou com tal dualismo, pois seus textos conseguiram oscilar temporalmente entre as boas reminiscências do passado e um presente sereno, feliz e ponderado (Ramadan, 1997: 46).

## VII

Além de uma concepção de tempo típica, as crônicas de Armando Nogueira iriam apresentar uma outra característica que serviria como elemento de identidade artística: uma supervalorização da estética literária e da plástica do esporte também.

Nada mais musical na poesia do que o balanço de um decassílabo. A minha verdadeira sedução é pela palavra mesma, que para mim se reveste de uma realeza e me impõe a reverência de súdito para com sua majestade. Assim é o meu relacionamento com a palavra: ela é a rainha, eu sou o súdito. Escrever é encantar palavras. Mas não sei se o escritor ou o poeta usam o sentimento para valorizar as palavras. Tenho dúvida. A forma é tão preciosa como o conteúdo. As duas coisas se encontram e passam a ser uma só. A palavra tem alma. Se você consegue reunir, dispor no espaço de uma emoção, sem que essa emoção venha a ser necessariamente decifrada pelo leitor.

[...] Eu via o jogador de futebol acima de tudo como um artista: o homem se elevando à culminância da arte através do futebol (Nogueira, 1988: 13-15).

Embora tenha seguido a princípio os passos dos outros cronistas da sua época, que vinculavam nos seus escritos o futebol à identidade nacional. Gradativamente, Nogueira vai rompendo com a máxima de que o selecionado nacional era “a pátria em chuteiras”, como considerava Nelson Rodrigues. Por exemplo, se Nelson considerava que as perdas dos títulos dos Mundiais de 1950 e 1954 eram culpa do “complexo de vira-latas” do povo brasileiro e que este “complexo” tinha sido resolvido com a conquista da Copa de 1958, Armando Nogueira tinha um discurso mais cientificista, alegando que o jogador (não o povo) tinha um problema comportamental, ou seja, de cunho psicológico.

Mais do que nunca, a Europa duvida do Brasil. Todo mundo se lembra dos vexames de 50, no Rio, e de 54, em Berna. Em casa, o Brasil não soube vencer; na Suíça, não soube perder.

Quando a gente fala com jornalista europeu, ouve, invariavelmente, a opinião de que o futebol brasileiro é brilhante mas acaba sempre vítima do próprio temperamento. Trocando em miúdos, eles querem dizer mais ou menos isto: o jogador brasileiro é bom de bola mas não é bom da bola.

[...] O que eles não sabiam é que nosso futebol tinha tomado juízo. Quem tivesse passado pelo Brasil, pouco antes da Copa do Mundo, teria visto com que zelo estava sendo tratada a equipe brasileira.

Dois homens de boa cabeça – João Havelange e Paulo de Carvalho – decidiram montar uma equipe de técnicos e administradores como nunca se tinha visto no futebol brasileiro. Na época, a gente desdenhava um pouco os cuidados médicos achando que era exagero: exame de sangue, exame de urina. etcétera e tal, psicólogo, dentista na delegação, mas a grande verdade é que, pela primeira vez, o Brasil chegava à Copa do Mundo com uma equipe fisicamente saudável. Não tinha nenhum jogador com dente furado, nem com verminose, nem com varizes nas pernas.

O preparo atlético, então, a Europa nem desconfiava que fosse o que era. Naturalmente que os jogadores reclamavam da ginástica. O prof. Paulo Amaral era implacável. Um dia lá, ele estava castigando a equipe no campo: pôs os jogadores em círculo e ele, no centro da roda, ia girando o próprio corpo com um imenso sarrafo nas duas mãos. Quem não quisesse levar uma sarrafada nas canelas que tratasse de pular. E cada vez sarrafo passava mais depressa (Nogueira, 1988: 34-35).

Desta forma, através de um discurso artístico mais racionalizado, pautado na exacerbação da modernidade tecnológica – fenômeno que ocorreu após a derrota dos regimes totalitários na Segunda Guerra Mundial (Giulianotti: 2002: 166-211), Armando passava a divergir sutilmente dos cronistas influenciados por Mario Filho, que acreditavam que as vitórias e as derrotas estavam vinculadas ao sucesso e o insucesso da nação e ao caráter do povo brasileiro.

Esta gradativa mudança no estilo e no teor das crônicas iria romper definitivamente com o modelo anterior, pautado na tese freyreana. No momento que a televisão começou a se popularizar no Brasil, obrigando os cronistas a se adaptarem, pois sua criatividade ao refletir sobre o esporte poderia ser julgada pelos espectadores que assistiam aos jogos através do aparelho, Armando Nogueira vai recorrer à estilística literária para se consolidar como um dos cronistas emergentes.

Se Nelson Rodrigues, já renomado e experiente, resolveu tratar do assunto manifestando nas crônicas o seu tradicional sarcasmo, negando a objetividade do vídeo-teipe, usando do seu estilo dramático, influenciado nitidamente pela sua carreira de teatrólogo; Armando Nogueira iria radicalizar, extrapolando a realidade do esporte em prol de uma estética literária, logo, transformando o futebol em prosa e/ou poesia. A cena, por exemplo, dos mexicanos invadindo o campo ao término da final da Copa de 1970, vista e revista pelo povo brasileiro através da TV, foi narrada da seguinte forma:

E as palavras, eu que vivo delas, onde estão? Onde estão as palavras para contar a vocês e a mim mesmo que Tostão está morrendo asfixiado nos braços da multidão em transe? Parece um linchamento: Tostão deitado na grama, cem mãos a saqueá-lo. Levam-lhe a camisa – levavam-lhe os calções. Sei que é total a

alucinação nos quatro cantos do estádio, mas só tenho olhos para a cena insólita: há muito que arrancaram as chuteiras de Tostão. Só falta, agora, alguém, tomar-lhe a sunga azul, derradeira peça sobre o corpo de um semideus.

[...] E lá se vai Tostão, correndo pelo campo a fora, coberto de glórias, coberto de lágrimas, atropelado por uma pequena multidão (Nogueira et. al., 1980: 26).

O único compromisso de Nogueira é com a estética, a beleza e a emoção manifestadas na prática esportiva. Com tal iniciativa, transcende até os limites da imagem, pois, paradoxalmente, a beleza do futebol torna a sua criação literária impar. Deste modo, por mais que o público tenha observado o jogo em detalhes através da TV, tem uma possibilidade diferente ao ler a crônica: a de vislumbrar como ele é manifesto através do “olhar” artístico.

Nogueira podia encontrar a beleza, portanto, no trivial, no comum, manifestando-a nos seus cuidadosos textos. Um bom exemplo é este pequeno trecho: “Disponha-se o leitor, um dia, a acompanhar o jardineiro que entra em campo para retocar a grama assim que termina o jogo. Quanta vida no rastro dos deuses do estádio! Por aqui passou Garrincha, inventando dribles e alegria; ali, Pelé deu nó na lei da gravidade. Em cada palmo de relva, uma lição humana a colher” (Nogueira et. al., 1980: 19-20).

Normalmente sua fonte de inspiração era o próprio atleta. Como nestes exemplos, onde se acentua, sobretudo, a estética literária e poética em relação à descrição. Ora ressaltando a simbiose entre o atleta e a natureza: “Nas chuteiras da final chuvosa, que Didi guardou para sempre, nasceu-lhe na sola enlameada uma palma de grama, homenagem do campo a um artista de pés tão delicados” (Nogueira, 1988: 29). Ora tratando de um tema que foi, inclusive, título de alguns de seus livros, as musas do esporte: “A elegância com que se move na quadra Fernanda Venturini me emociona. Ela não exacerba um gesto. O corpo de Sílfide desloca-se em perfeita afinação com o tempo e o espaço” (Nogueira, 1998: 129). Ou, como neste outro segmento, associando o jogador à plástica do esporte:

Garrincha driblava brincando. Brincava driblando. Quando soprava vento contra, driblava o próprio vento. Driblava a própria sombra quando jogava a favor do sol. Se eu dissesse que Garrincha levitava estaria mentindo. Mas a verdade é que levitava, sim. Ele fazia pouco da própria gravidade. Corria pelo campo, fluindo com a bola, como se os dois tivessem asas. Um dia, cheguei a imaginar que as chuteiras de Garrincha teriam rolamentos de esferas em vez de travas. E que a bola vivia atada a seus pés por dois invisíveis cordelinhos. Pareciam nascidos um para o outro. A um poeta talvez fosse permitido dizer que Garrincha saía pelo campo garimpando. E que na esteira do seu reluzente caminho iam brotando gemas redondinhas. Ouro puro (Nogueira, 1997: 9).

Mas, em se tratando de atleta, sua principal fonte de inspiração era, sem, dúvida, Pelé:

Lá vai Pelé, com a bola que Deus lhe deu.  
Os pés em faca, incisivos, cortando o tempo, cortando caminho, cortando beques.  
Inúteis as pernas que tentam aterrá-lo em plena corrida. Ele é uma força da natureza que avança, intangível, traçando no campo a sombra vertiginosa de falsas hesitações.  
Quem te deu semelhante equilíbrio, rapaz? De que mistério vem a inteligência dos teus músculos que tudo pressentem na geometria dos dribles?  
Os anjos que sobrevoam este campo me juram que tu vieste ao mundo para reescrever a bíblia do futebol. Assim seja (Nogueira, 1988: 86).

Em algumas circunstâncias o tema da prosa-poética de Nogueira sequer chegava a ser um personagem, mas sim a própria dinâmica do esporte e/ou os movimentos dos atletas. Como o drible, fundamento que sempre foi considerado um dos mais plásticos e um dos mais característicos dos jogadores brasileiros. “O drible é o tipo de jogada que, quase sempre, tem a cara do dono. Falo, naturalmente, do drible como nota predominante de um estilo. Falo, pois, do driblador, essa figura encantadora do jogo que o tecnocrata do futebol faz o que pode pra se ver livre dele” (Nogueira, 1998: 8). Ou nesta outra, onde exalta o próprio esporte: “O esporte é uma das mais ricas manifestações de vida que eu conheço. Contém todas as virtudes e todos os pecados da criatura humana, dos mais sublimes aos mais subalternos. A coragem é, entre os melhores dons, o que mais se deve celebrar no esporte. É dela que nasce o herói” (Nogueira, 2003: 81).

#### **4.5 A Crônica Esportiva: entre o Ideal da *Brasilidade* e a Autonomia Literária**

## I

Se pensada a totalidade da sua vasta produção, Gilberto Freyre não se dedicou com afinco ao futebol. Não foram poucas as circunstâncias em que afirmou não ser um profundo conhecedor do assunto. Em contrapartida, relacionava-se com um círculo de intelectuais considerável (quase todos fiéis as suas teorias) e vislumbrava a possibilidade deste esporte reforçar a sua concepção teórica sobre o Brasil em dois aspectos: “[...] na transição da fase predominantemente rural para a predominantemente urbana [a teoria explícita em *Sobrados & Mocambos*]. Além disso, [...] nos põem diante do conflito entre estas duas forças imensas – a racionalidade e a irracionalidade [...]” (Freyre In Rodrigues Filho, 2003: 24).

Freyre foi um dos responsáveis pelo surgimento do *Regionalismo* oriundo da região Nordeste, no qual exerceu a liderança sobre os jovens José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos e outros (Bosi, 1994). Freyre também foi um jovem ambicioso: além de tentar criar um modelo que explicasse o Brasil, objetivava romper com os movimentos intelectuais quase sempre emergidos na região sul-sudeste (Hollanda, 2004: 23). Como relatava o parcial José Lins do Rego em um ensaio dedicado ao sociólogo...

A nossa vida por esse tempo foi para mim admirável. Eu me fazia, construía a minha personalidade. Havia nessa época o movimento modernista de São Paulo. Gilberto criticava a campanha como se fosse de uma outra geração. O rumor da Semana de Arte Moderna lhe parecia muito de movimento de comédia, sem importância real. O Brasil não precisava do dinamismo de Graça Aranha, e nem da gritaria dos rapazes do Sul; o Brasil precisava era de se olhar, de se apalpar, de ir às suas fontes de vida, às profundidades de sua consciência. A literatura brasileira carecia de homens como foram Machado de Assis, Nabuco, Pompéia, de homens que soubessem tirar de dentro de si o que havia mesmo de original, de expressivo. Havia terra, havia gente, havia todo um Brasil característico, no Nordeste, no Rio Grande do Sul, em São Paulo, em Minas Gerais. E por que arrancar raízes que estavam tão bem pregadas à terra e desprezar os nossos sentimentos e valores nativos? (Rego, 2004: 52)<sup>286</sup>.

No caso específico de Zé Lins, a influência transcendia os limites intelectuais, consolidando uma sólida amizade (Rego, 2004: 49-63). Mas a relação de força entre eles,

---

<sup>286</sup> Originalmente: Sobre Gilberto Freyre. *Gordos e Magros (ensaios)*, 1942.

embora com sensíveis laços afetivos, não era equilibrada. Embora tivessem idades muito próximas, a relação era paternalista, assumindo Freyre o papel de mentor intelectual de José Lins do Rego. O próprio autor de *Menino do Engenho* assumia a influência das idéias e, sobretudo, da presença de Gilberto Freyre na sua vida.

Conheci Gilberto Freyre em 1923. Foi numa tarde de Recife, do nosso querido Recife, que nos encontramos, e de lá para cá a minha vida foi outra, foram outras as minhas preocupações, outros os meus planos, as minhas leituras, os meus entusiasmos. Pode parecer um romance, mas é tudo realidade. [...]. Para mim teve começo naquela tarde de nosso encontro a minha existência literária. O que eu havia lido até aquele dia? Quase nada. Talvez que nem um livro sério do princípio ao fim. Lera o grande Eça de Queiroz. Mas escrevia por instinto contos e crônicas. E João do Rio com a sua simplicidade de escrever me entusiasmara. Lima Barreto também. Gilberto Freyre pediu-me para ler os meus retalhos de jornal. Leu as crônicas, os contos, e criticou-os, falando-me de alguns com interesse. Havia nos meus modos de dizer qualquer coisa que o interessava. E a minha aprendizagem com o mestre da minha idade se iniciava sem que eu sentisse as lições. Começou uma vida a agir sobre outra com tamanha intensidade, com tal força de compreensão, que eu me vi sem saber dissolvido, sem personalidade, tudo pensado por ele, tudo resolvendo, tudo construindo como ele fazia. Caí na imitação, no quase *pastiche*. Isto não só no seu jeito de escrever como em tudo o mais: nos seus gostos, nas suas relações, nos seus modos de vida (Rego, 2004: 49-50).

O chocante depoimento reitera que a relação entre José Lins e seu conterrâneo Gilberto Freyre era centrada nas vontades do segundo, a ponto de se notar, no início da carreira de Rego, uma obsessão quase doentia, por “ser” Gilberto Freyre. Ao pesquisar os romances de José Lins, Castello (1961) acentua que este “encantamento” e submissão a Gilberto Freyre – e o respectivo exercício de dominação da parte deste – eram muitos comuns. Portanto, José Lins não era o único que declarava o exacerbado respeito ao ensaísta. Gilberto Freyre com a sua personalidade ativa, integração com círculos intelectuais diversos e criativas idéias sociológicas sobre a integração racial no Brasil, exatamente em um período político que favorecia a tal discussão, fazia com que as suas teorias galgassem rápida aceitação, influenciando a produção acadêmica e literária no país (Bresciani In Schiappini & Bresciani, 2002: 39-51).

Porém, mesmo Freyre exercendo forte influência em José Lins, a admiração era recíproca. Gilberto Freyre escreveu dezenas de artigos em jornais de Recife sobre o amigo e alguns textos analisando a sua obra também<sup>287</sup>. Pensando neste vínculo interdependente, Leonardo Pereira, no prefácio do livro *O Descobrimento do Futebol* de Bernardo Borges Buarque de Hollanda, afirma acreditar que a aproximação de Zé Lins em relação ao futebol se deu devido à necessidade de expor aos populares uma concepção de nacionalidade que há anos vinha sendo formulada a partir da coesa criação de Freyre (Pereira In Hollanda, 2004: 16-17). Sem dúvida, um dos textos mais sentimentais e comoventes foi publicado logo após o falecimento de José Lins do Rego. Com pesar, Freyre se manifestava, inclusive assumindo seu exercício de poder sobre o autor de *Bangüê*.

A notícia da morte de José Lins do Rego chega-me aos ouvidos como o mais brutal dos absurdos. Nunca me pareceu que ele pudesse ser senão vida. Transbordamento de vida. De modo que não consigo imaginá-lo morto. Morto como qualquer outro homem. Morto do fígado e dos rins num quarto de hospital.

Sua vida transbordou de tal maneira na minha que desde que o conheci deixei de ser um só para ser quase dois. Nunca ninguém foi mais meu amigo. Nunca ninguém, sendo do meu sexo, mas não do meu sangue, me deu mais compreensão e mais afeto. Compreensão e afeto nos momentos mais difíceis para uma amizade no Brasil: país de muitas camaradagens fáceis, mas de raras amizades profundas.

Sempre que nos reuníamos sua voz era uma festa para mim. Sua voz, sua palavra, suas risadas, seus gestos – tudo nele era festa para mim. Sua presença era das que traziam bom ânimo aos amigos. [...] Mas com relação a mim era mais do que isto: era uma presença que me completava.

Sei que influi e muito sobre ele: e ninguém o confessou mais insistentemente do que o próprio José Lins em palavras, em cartas íntimas, em artigos: o que se disser em contrario será vã ou inócua tolice. Mas sei também que fui influenciado por ele e que sem sua compreensão e afeto eu dificilmente teria vencido a acídia que no meu regresso ao Brasil, da Europa e dos Estados Unidos, se apoderou durante algum tempo de mim. Pois nunca um nativo regressou à sua terra, mais repudiado de que eu pelos mandões dessa terra, mais hostilizado pelos seus literatos, mais negado pelos seus moços. [...] Devo-lhe muito. Deve-lhe tanto que, sabendo-o morto, sinto-me como que ferido de morte. E com certeza, incompleto. Com ele morto, sou um vivo incompleto.

A perda que sua morte representa para o Brasil – esta é na verdade imensa. Ele era ainda um homem no viço do poder criador. Capaz, portanto, de nos dar outro *Fogo Morto*, escrito quando alguns supunham finda a sua obra extraordinário de evocação e de interpretação da vida das casas-grandes do Nordeste, nos dias de decadência dos velhos engenhos. Ou esgotado seu gênio, ainda no esplendor, de intérprete desse passado, por ele próprio vivido na meninice.

---

<sup>287</sup> No portal da internet *Biblioteca Virtual Gilberto Freyre* (<http://prossiga.bvgf.fgf.org.br>), criada pela *Fundação Gilberto Freyre*, existe vasto material sobre a produção do autor. No que concerne a relação do ensaísta com os cronistas esportivos, foram encontrados algumas crônicas escritas pelo próprio Freyre citando os amigos ou analisando suas obras. Especialmente a respeito de José Lins do Rego, é disponibilizado um considerável material iconográfico mostrando a proximidade entre ambos.



[...] Seriam a "confissão" com relação à "ficção" a que se refere a propósito de Graciliano Ramos, o admirável crítico literário que é o paulista Antonio Candido.

Tenho do grande amigo, agora morto, muitas cartas que esclarecem alguns desses aspectos. Também respostas a umas perguntas que uma vez lhe dirigi sobre assuntos relacionados às suas idéias e às suas crenças de homem então próximo dos cinqüenta anos. É documentação que talvez revele um dia em estudo sobre o escritor brasileiro da minha época que mais intensamente admirei, contente de que ele fosse também o melhor, o mais íntimo, o mais fraterno dos meus amigos. O mais constante, o compreensivo, o mais leal dos meus companheiros de geração.[...]. Aquele em que mais confiei e aquele que mais confiou em mim. Aquele em quem eu mais me senti e aquele que mais se sentiu em mim. Aquele que, vivo, era parte da minha vida e morto é o começo da minha morte. Mais do que isto: o começo da morte de toda uma geração. São vários os que começam a morrer com a sua morte (Freyre, [http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/artigos\\_imprensa/jose\\_lins.htm](http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/artigos_imprensa/jose_lins.htm). Acessado em 27/07/2004)<sup>288</sup>.

Já como escritor renomado, Zé Lins se estabeleceu no Rio de Janeiro, onde se interessou tardiamente pelo futebol e foi convidado por Mario Rodrigues Filho para compor o quadro de cronistas do *Jornal dos Sports*. Extrapolando os limites do convite, o jornalista proprietário do *Jornal dos Sports* se tornaria um constante interlocutor presente nos textos do escritor nordestino: “Querida saber Mario Filho do comportamento do Rio Branco em relação a nossa derrota de domingo” (Rego, 2002: 39)<sup>289</sup> Ou como neste outro exemplo: “Hoje, ao chegar à redação do *Jornal dos Sports*, Mário Filho parecia um Papai Noel sem barbas. Mas a alegria era de um autêntico Papai Noel. Há muito que não via homem mais feliz, mais cheio de tão esfuziante contentamento. Era que Mário Filho conseguira, em sua vida de jornalista, a sua maior vitória” (Rego, 2002: 46)<sup>290</sup>. E tratava-se de respeito e admiração mútuos, pois, Mario Filho também dialogava com Zé Lins em suas crônicas. Como neste caso onde brincava com a paixão clubística do amigo: “Uma vez o Flamengo estava ganhando de 4 X 0 e faltava um minuto para acabar o jogo e Zé Lins do Rego, de boca amarga, angustiado, desapertando o colarinho para respirar não melhor, apenas um pouco, me perguntou se o perigo tinha passado” (Rodrigues Filho, 1994: 144)<sup>291</sup>.

---

<sup>288</sup> Originalmente. José Lins do Rego. *Diário de Pernambuco*. (15/09/1957).

<sup>289</sup> Originalmente: O espírito do Rio Branco. *Jornal dos Sports*. (29/08/1945).

<sup>290</sup> Originalmente: A Alegria de um Papai Noel. *Jornal dos Sports*. (16/06/1946).

<sup>291</sup> Originalmente: Rivalidade Hemiplégica. *Jornal dos Sports*. (16/02/1957).

## II

Possivelmente tenha sido Zé Lins o responsável por apresentar Freyre a Mario Filho, e aí, novamente, pode-se observar a influência de Gilberto Freyre no meio intelectual, pois Mario Filho, em se tratando de futebol, passou a ser o maior adepto e reforçador da teoria da *brasilidade* (Soares In Helal, Soares & Lovisollo, 2001:13-50). Explicitando este vínculo interdepende, José Lins do Rego iria tornar público em uma de suas crônicas o interesse de Freyre em relação os escritos de Mario Filho e também a função de tais escritos como reforço da teoria sobre o *homem brasileiro*.

Mário Filho continua com seu magnífico ensaio sobre o negro no futebol. E para muita gente escapa a importância que esse trabalho representa para uma interpretação do Brasil de 1900.

Sei que Gilberto Freire, que prepara o seu terceiro volume da história social do Brasil, o seu Ordem e Progresso, já tomou para avaliação as investigações de Mário Filho.

O Brasil que saíra da liberdade dos escravos sofrera, na sua vida econômica, golpes que quase o conduziram à falência.

Mas o que ficara na sociedade da chaga do cativo não seria curado só com palavras e boa vontade. A fraternidade de raças encontraria terríveis empecilhos para a sua verdadeira realidade. O futebol seria no caso seu elemento de ação eficaz. E é o que Mário Filho nos revela (Rego, 2002: 55)<sup>292</sup>.

A celebrada obra *O Negro no Futebol Brasileiro* teria a sua primeira edição publicada um ano depois, em 1947, e a influência de Freyre era notória: além de servir de matriz teórica – na tentativa feita por Mario Filho de criar um enredo que culminasse com a ascensão e integração do negro (também o mulato e o pobre) através do futebol, que, na sua gênese, era típico das elites – o prefácio da obra foi escrito pelo próprio autor de *Casa-Grande & Senzala*. O pedido para que Freyre escrevesse o texto de abertura foi intermediado pelo amigo mútuo José Lins do Rego (Antunes, 2003: 130). Gilberto atendeu prontamente, tecendo no breve ensaio velados elogios à obra – “[...] crítico da argúcia de Mario Filho pode dizer que ele está para o nosso futebol como Machado de Assis para a nossa literatura [...]” (Freyre In Rodrigues Filho, 2003: 25). Sendo estes elogios, provavelmente – já que Mario Filho prefere

---

<sup>292</sup> Originalmente: O futebol como agente social. *Jornal dos Sports*. (16/06/1946).

não citar a quem exatamente se referia –, correspondidos: “Reuni, assim, material de tal ordem que surpreendeu alguém cuja opinião prezo muito” (Rodrigues Filho, 2003: 23).

A referida obra suscita polêmica até a atualidade: seria uma tese ou um romance (Soares In Helal, Soares & Lovisollo, 2001)? Mais uma similitude entre Freyre e Mario Filho: o estilo. Ambos prezavam por uma narrativa bastante criativa, com a utilização visível do enredo clássico (com a vitória do *herói* ao término), característica típica da literatura; porém, seguem uma linha explicativa e a utilização de fontes históricas como base de análise, características, em contrapartida, típicas das pesquisas acadêmicas. O próprio autor tenta esclarecer, sem muito sucesso, qual era o gênero da obra: “A dúvida de como eu conseguiria reuni-lo, catalogá-lo, usá-lo, numa narrativa corrente, sem um claro, uma interrupção. Eu não me teria valido da imaginação de romancista que ainda não publicou um romance? Não, eu não usei a imaginação. Nenhum historiador teria tido mais cuidado do que eu em selecionar os dados, em comprovar-lhe a veracidade por averiguações exaustivas” (Rodrigues Filho, 2003: 23).

Nota-se que no ensaio de Mario Filho as fontes apontaram para a inserção do negro (também dos pobres) através do Vasco da Gama, clube que teve suas origens vinculadas à comunidade portuguesa estabelecidas no Rio de Janeiro. Por outro lado, pesquisadores, como Pereira (2000), comprovam que a prática do futebol, desde a década de 1910, já tinham a adesão popular e que outros clubes já permitiam a presença de indivíduos de diferentes raças e poder aquisitivo, inclusive existindo clubes de sociedades operárias. Conclui-se, então, que, convenientemente, Mario Filho tentava adaptar sua narrativa à teoria de Gilberto Freyre, já que foi o português, com a sua tolerância e receptividade, o responsável pela integração do negro escravo na sociedade rural (Freyre, 1992).

Assim, além de José Lins, Freyre passava a contar com a adesão de Mario Filho. Como afirmado foi... “Com base em Mario Filho, José Lins do Rego e Gilberto Freyre [existiam] dois fenômenos surgidos no seio do futebol brasileiro: a vigência do legado étnico negro e a incorporação da música na forma de se jogar futebol” (Hollanda, 2004: 66). O ensaio *O Negro no Futebol Brasileiro* foi importante, pois incluía o futebol no projeto freyreano da integração racial, porém, seu alcance era restrito, pois os índices de analfabetismo ainda eram altos e entre os que sabiam ler eram poucos aqueles que tinham o hábito da leitura de livros. Deste modo, foi através das crônicas, por serem publicadas em jornal, que a teoria alcançou o grande público, difundindo-se quase consensualmente entre os populares que acompanhavam o futebol.

Um indivíduo que passa a ser peça-chave neste contexto seria o irmão mais novo de Mario, Nelson Rodrigues. Como Mario Filho e José Lins do Rego faleceram ainda quinquagenários, respectivamente em 1966 e 1957, Nelson, mais longevo, foi o responsável por prosseguir associando o futebol – no seu caso, específica e obsessivamente, o *escrete* – à nação e a formação de uma identidade nacional (Antunes, 2004).

Nelson Rodrigues, ao contrário de Zé Lins e Mario Filho, não tinha uma acentuada preocupação em incorporar a teoria de Gilberto Freyre às suas crônicas. Inclusive vale a ressalva de que, por mais que tenha escrito por toda a vida crônicas futebolísticas, a verdadeira vocação de Nelson era relacionada ao teatro, sendo assim, manifestava nas suas crônicas o esporte como drama, os campos como cenário e os jogadores, dirigentes e torcedores com atores – representando o teatro da vida (Marques, 2000). Mas Nelson, além de ter conhecido Freyre pessoalmente e contado com o apoio dele, como Deputado, para liberação de algumas peças teatrais suas (Castro, 1992: 212-214), tinha um outro compromisso de fidelidade: era um admirador convicto do seu irmão Mario Filho, pois este,

após a morte do pai, tinha assumido o papel de líder da família – “Amigos, cada geração devia ter um Mario Filho, ou seja, um homem de larga evocação homérica. E, então, eis o que aconteceria maravilhosamente: – a história de uma geração passaria a outra geração, assim como a chama do círio passa a outro círio. Mas Mario Filho morreu e não ouvimos mais os grandes cantos do futebol” (Rodrigues, 1994: 174)<sup>293</sup>. Logo, mesmo não reproduzindo propositalmente a tese de Gilberto Freyre, o teatrólogo acabava aceitando e incorporando as idéias do irmão acerca do futebol, reproduzindo indiretamente as categorias freyreanas.

Freyre lançava duas categorias para explicar o futebol: *apolíneo* – categoria caracterizada pela força, rigidez e aplicação, porém, “dura” (sem ginga ou malícia), usada para referenciar o modelo europeu de jogo; e *dionisíaco* – categoria que representava a ginga, a malícia, a finta, o lúdico, usada quando se tratava de explicar o estilo brasileiro de jogar futebol (Freyre In Rodrigues Filho, 2003: 24-26). Volta e meia, tais categorias pautavam a interpretação do futebol nos textos de Mario Filho e Nelson Rodrigues. Como no exemplo a seguir, no qual Mario satiriza o discurso tecnológico típico da *Guerra Fria* ao mesmo tempo em que oferece o contraponto: Garrincha, o exemplo mais claro do que é ser *dionisíaco*.

Pode-se dizer que uma coisa nada tem a ver com a outra. Tem e muito. A Rússia é a Rússia. Se o escrete brasileiro não estivesse bem, que graças a Deus está, o Sputnik poderia ter uma influência decisiva no jogo. Os jogadores, na hora da realidade, podiam lembrar-se de que os russos eram senhores de meio mundo, que tinham lançado três *Sputniks*, que podem lançar foguetes internacionais com uma bomba de hidrogênio no cone, e tudo isso atrapalharia. Só não atrapalhou porque o escrete brasileiro jogou o jogo dele, para jogador, de tabela, por nós.

E, por felicidade, se não tínhamos o Sputnik, tínhamos Garrincha, que nem toma conhecimento dessas coisas. Para Garrincha, um russo, mesmo que seja o próprio Kruschev, se entrar em campo e jogar contra ele, é um João como outro qualquer. Ele não distingue um russo de um inglês, um inglês dum panamenho. Tudo é João. O que Garrincha quer é fazer, fazer as coisas dele. [...].

Os russos botaram três russos, cientificamente preparados, para segurar Garrincha. E não seguraram. Eram três Joões (Rodrigues Filho, 1994: 235)<sup>294</sup>.

---

<sup>293</sup> Originalmente: O maior goleiro do mundo. *O Globo*. (29/03/1975).

<sup>294</sup> Originalmente: O Nosso *Sputnik*. *Jornal dos Sports*. (17/06/1958).

Ou neste outro excerto onde Nelson Rodrigues, de forma mais explícita ainda, tenta reforçar a característica típica do jogador Mané Garrincha: “No segundo gol, Mané deu uns dez salames dionisíacos. Comeu com aquele apetite imortal toda a defesa inimiga. E comeu o juiz e comeu o bandeirinha. Tudo isso com uma saúde de passarinho, e insisto: – tudo isso com alegria, com bondade, com pureza. No fim, não havia mais ninguém para driblar, ninguém” (Rodrigues, 1993: 88)<sup>295</sup>.

Assim a *brasilidade* de Freyre se fazia presente nas crônicas dos irmãos Rodrigues: na tese de que a inserção do negro no futebol brasileiro foi um marco para consolidação da nação. Para isso, além do *dionisíaco* Garrincha, era necessário um referencial de atleta negro. Não existia um personagem que se adequasse melhor à teoria do que o jovem Pelé que, com apenas dezessete anos, tornara-se campeão mundial. Um exemplo é este segmento de crônica onde se evidencia a importância da raça negra no futebol brasileiro:

Nunca, em nossa curta passagem terrena, conhecemos uma euforia assim brutal. Foi um desses momentos em que cada um de nós deixa de ter vergonha e passa a ter orgulho de sua condição nacional. E pergunto: como esquecer que foi Pelé, um garoto de cor, dos seus dezessete anos, quem nos arrancou, ontem, de nossa agonia e de nossa morte? “Garoto de cor”, disse eu. Mas um tipo racialmente nobre como Didi, por exemplo. Pelé em ação, dentro de campo, tem na sua corrida a cadência de certos cavalos de charrete, com perdão da imagem. Como Didi, daria também um belo príncipe etíope de rancho.

E o bonito é que esse menino não se abala, nem se entrega. Possui a sanidade mental de um Garrincha. Ao contrário do brasileiro em geral, suscetível de se apavorar em face dos títulos do inimigo, ele não acredita em nada. Ninguém é melhor do que ele. [...] só um garoto de raça teria lucidez para colocar, simplesmente colocar, no fundo das redes (Idem: 56-57)<sup>296</sup>.

Obsessivo pela exaltação da nação, Nelson Rodrigues concluiu, então, através do futebol, que “[...] o brasileiro é uma nova experiência humana. O homem do Brasil entra na história com um elemento inédito, revolucionário e criador: a molecagem. [...] O nosso escrete era vidência, iluminação, irresponsabilidade criadora” (Rodrigues, 1994: 81).

---

<sup>295</sup> Originalmente: O “Possesso”. *O Globo*. (07/06/1962).

<sup>296</sup> Originalmente: Morrendo ao Pé do Rádio. *Manchete Esportiva*. (24/06/1958).

Assim como no caso de José Lins do Rego, a relação de força – mesmo que em um único espaço social – é nitidamente favorável a Freyre, pois este tinha um forte respaldo intelectual, sendo, portanto, detentor do maior capital simbólico<sup>297</sup>. Por outro lado, Mario Filho e Nelson Rodrigues popularizavam seu modelo explicativo e coadunaram o futebol à tese da integração racial. Sendo assim, Freyre fez questão de manifestar publicamente especial apreço pelos irmãos – aferindo autoridade social (Bourdieu, 2004: 166) – considerando-os *experts* na prática futebolística.

Discutiu-se recentemente, em reunião do Seminário de Tropicologia da Universidade Federal de Pernambuco, o tema ESPORTE E TRÓPICO. O conferencista foi o Professor João Lyra Filho, Reitor da Universidade da Guanabara e conhecida autoridade em assuntos de Sociologia do Esporte. Trabalho ricamente sugestivo, o seu. E interessantíssimas as discussões que provocou, os problemas que pôs em foco, as interrogações que suscitou. Inclusive as que, como participante do mesmo Seminário, eu próprio me animei a fazer ao conferencista – mestre na matéria – procurando atrair a atenção dos demais participantes da reunião para os aspectos mais sociológicos do tema, ao lado dos mais telúricos: no caso, tropicais.

Isto depois de ter lamentado duas ausências na importante reunião: a de Mário Rodrigues Filho, autor do excelente O NEGRO NO FUTEBOL BRASILEIRO e a de Nelson Rodrigues. Nelson Rodrigues vem escrevendo, ultimamente, crônicas esportivas – sobre futebol brasileiro – com um vigor literário que lembra o de Hemingway com relação às touradas espanholas; e com igual sensibilidade aos aspectos folclóricos do já abrasileirado esporte “inglês”. (Freyre, [http://prossiga.bvfgf.fgf.org.br/portugues/obra/artigos\\_imprensa/](http://prossiga.bvfgf.fgf.org.br/portugues/obra/artigos_imprensa/). Acessado em 04/05/2004)<sup>298</sup>.

Enaltecendo os valores dos irmãos Rodrigues, Freyre chegou até a comparar Nelson ao celebrado escritor norte-americano Ernest Hemingway. Nitidamente Mario Filho era considerado (propositalmente) o maior conhecedor do futebol brasileiro; só que o respaldo como intelectual bem aceito em outro campo, o teatral, fizeram com que Nelson fosse mais celebrado (provavelmente fosse até mais útil aos interesses do autor de *Sobrados & Mocambos*). Neste jogo intrincado de força, Freyre chegou até a prefaciá-la uma das obras de Nelson, *O Reacionário, Memórias e Confissões*, novamente tecendo exaltados elogios ao

---

<sup>297</sup> Constata-se que... “Pelo fato de que o capital simbólico não é outra coisa senão o capital econômico ou cultural quando conhecido e reconhecido, quando conhecido segundo as categorias de percepção que ele impõe, as relações de força tendem a reproduzir e reforçar as relações de força que constituem a estrutura do espaço social” (Bourdieu, 2004: 163).

<sup>298</sup> Originalmente: *Folclore e esporte*. Brasil Açucareiro. Rio de Janeiro, a. 36, v. 72, n. 2, p. 24-25, ago. 1968.

autor de peças teatrais que, desta vez, foi comparado ao escritor português Eça de Queirós e ao norte-americano Eugene O’Neil. Além de ser conceituado por Freyre, como “o maior jornalista literário do Brasil”.

Por jornalismo literário não se deve entender o jornalismo que se ocupe de assuntos literários; e sim o que se caracteriza pela potência literária do jornalista-escritor. Um característico relativamente fácil de ser captado: contanto, que se dá tempo ao tempo.

O escritor-jornalista ou o jornalista-escritor é o que sobrevive ao jornal: ao momento jornalístico. Ao tempo jornalístico. Pode resistir à prova tremenda de passar do jornal ao livro.

Em Nelson Rodrigues, como em Eça de Queirós, o escritor vence o tempo como escritor, embora servindo-se do jornal; da correspondência para jornal; do comentário ao acontecimento do dia. Nelson Rodrigues é, dos dois, o mais vigoroso nessa espécie de expressão literária: a transferível de jornal para livro. Ele é lido em livro, tão forte de virtude literária, quanto lido em jornal. Repete Eça neste particular, com maior vigor do que Eça (Freyre In Rodrigues, [http://prossiga.bvfgf.fgf.org.br/portugues/obra/prefacios\\_p\\_terceiros/nelson.htm](http://prossiga.bvfgf.fgf.org.br/portugues/obra/prefacios_p_terceiros/nelson.htm). Acessado em 22/05/2004).

Mesmo não se referenciando diretamente na teoria de Freyre, simpatizava com tais escritos devido o enaltecimento do homem brasileiro, conseqüentemente mantinha rancor de teorias céticas em relação à nação. Uma rara exceção era o “homem cordial” de Sérgio Buarque de Holanda (1995) – por sinal, intelectual que pouco se interessava por futebol. Holanda, mesmo sendo um contraponto à concepção de nacionalidade de Nelson, algumas vezes foi citado na tentativa de explicar o pensamento do homem brasileiro antes da conquista dos primeiros mundiais (Rodrigues, 1993: 53-54)<sup>299</sup>.

Assim era o brasileiro. Servil com a namorada, com a mulher, com os credores. Mal comparando, um São Francisco de Assis, de camisola e alpercatas.

Mas vem a deslumbrante vitória do escrete e o brasileiro já trata a namorada, a mulher, os credores de outra maneira; reage diante do mundo como um potente, um irresistível *élan* vital. E vou mais além: – diziam de nós que éramos a flor de três raças tristes. A partir do título mundial, começamos a achar que a nossa tristeza é uma piada fracassada. Afirmava-se também que éramos feios. Mentira! Ou, pelo menos, o triunfo embelezou-nos. Na pior das hipóteses, somos uns ex-buchos. [...] o verdadeiro inglês, o único inglês, é o brasileiro (Rodrigues, 1993: 61).

---

<sup>299</sup> Originalmente: Descoberta de Garrincha. *Manchete Esportiva*. (21/06/1958).



Demonstrava, então, esta transição do modelo pessimista do poema de Olavo Bilac, coadunado à típica cordialidade passiva e derrotista do “homem cordial” de Buarque de Holanda, para o modelo ufanista de Freyre. Excetuando-se Holanda, Nelson era declaradamente contrário às interpretações críticas que a sociologia fazia sobre o futebol, tanto é que usava constantemente a figura de linguagem “burro como um sociólogo” e, durante a década de 1970, exasperava contra aqueles que pregavam a frase “o futebol é o ópio do povo”, usada comumente pelos intelectuais de esquerda, adeptos do marxismo.

### III

A cidade do Rio de Janeiro durante o século XX favorecia o convívio intelectual e a efervescência de idéias (Sevcenko, 1998). Eram escritores, artistas, acadêmicos, jornalistas, editores, livreiros e até alguns políticos interagindo em um período de produção elevada. Era inevitável, então, que espaços de sociabilidade, ganhassem importância neste contexto de relacionamentos próximos e acirrados debates.

Vários dos intelectuais e artistas no início do século tinham uma vida desregrada, ligada à boemia. A vida noturna, em espaços públicos como bares, cafés, saraus e até nas chamadas “casas de má-fé”, serviam para reunir o grupo, permitindo a troca de conhecimentos e a composição de novas de idéias. Um dos lugares mais prezados por este grupo era a *Confeitaria Colombo*, freqüentada por vários nomes de destaque nas letras, da música e da política como Olavo Bilac, José do Patrocínio, Lima Barreto, Chiquinha Gonzaga, Villa-Lobos, Rui Barbosa e Bastos Tigre, no círculo intelectual configurado no início do século (Duarte, <http://www.seol.com.br/mneme/ed7/038-p.htm>. Acessado em 29/06/2005).

A tradição de freqüentar a *Colombo* foi mantida nas décadas subseqüentes, o próprio Nelson Rodrigues e, esporadicamente, Mario Filho freqüentavam o estabelecimento para almoçar ao lado de cronistas como Otto Lara Resende, Carlos Castello Branco, Paulo Mendes Campos, entre outras figuras públicas (Castro, 210; 244). José Lins do Rego também almoçava quase que diariamente na Colombo, mas preferia se juntar à mesa de outro grupo, os *Dragões Negros*, um grupo de influentes torcedores do Flamengo, como Ary Barroso, José Maria Scassa, Francisco de Abreu e Emanuel Leite Lobo – todos com poder considerável na administração do clube, inclusive chegando a eleger um presidente, o Sr. Gilberto Carvalho. Os ilustres flamenguistas, além dos almoços na *Colombo*, volta e meia, também se reuniam no *Café Rio Branco* para discutir as coisas do seu adorado clube. A freqüência na *Colombo* era tão regular que Zé Lins chegou a ser homenageado postumamente pelo recinto, que afixou uma placa de bronze em uma das paredes com a frase: “Homenagem a José Lins do Rego, como lembrança do tempo em que, aqui, conviveu com seus amigos do Flamengo”. Mais tarde os *Dragões Negros* iriam ressurgir através de outro grupo de personalidades: Carlos Niemeyer, Walter Clark, Leila Diniz e Luís Carlos Barreto (Holanda, 2005: 23-25).

José Lins e Nelson Rodrigues tinham uma vida social ativa, freqüentando variados grupos – configurações formadas a partir dos mais diversos interesses, como o próprio futebol, o teatro, a intelectualidade e, sobretudo, o jornalismo (Castro, 1992; Castello, 1961). Mario Filho não era tão sociável, preferindo uma vida menos pública, portanto, mais reservada ao lado da família. Mario estava longe de ser avesso ao contato social, mas é que Nelson e Rego, particularmente, gostavam desta rotina de forte contato social, enquanto o autor de *O Negro no Futebol Brasileiro*, mantinha um dia-a-dia voltado nitidamente aos contatos de trabalho. Assim, com freqüência regular, o autor só poderia ser encontrado na redação do *Jornal dos Sports* ou no *Municipal* (Estádio do Maracanã) aos finais de semana

(Castro, 1992: 259-262). Porém, no caso de Mario Filho, existiam duas exceções: o *Café Nice* que se tornou um ambiente intelectual/esportivo porque ficava próximo à redação d'*O Globo* e o próprio Mario se encarregava de convidar insistentemente jornalistas, cronistas, sambistas, dirigentes esportivos e atletas para um café no meio da tarde (Silva, 2006: 146); e a casa editorial *José Olympio*, onde podia ser encontrado quase que semanalmente.

Era nesta editora que se concentrava a intelectualidade literária brasileira da metade do século XX. Embora alguns literatos freqüentassem outras editoras – como José Lins do Rego que regularmente passava pela *Civilização Brasileira* para levar uma prosa com o amigo Antônio Bertrand (Castro, 2002: 187) – era mesmo na José Olympio que os grandes nomes da literatura brasileira se encontravam. Eram vários escritores dos gêneros mais ecléticos: além, do trio de cronistas esportivos José Lins do Rego, Mario e Nelson Rodrigues, eram presenças constantes na casa editorial Otto Maria Carpeaux, Álvaro Lins, João Condé, Graciliano Ramos, Carlos Drummond de Andrade, Rachel de Queiroz, Jorge Amado, Aurélio e Sérgio Buarque de Holanda, sem contar o “mentor” Gilberto Freyre que, sempre que passava pela cidade, logo se dirigia à editora para conversar com os amigos (Castro, 1992; Hollanda, 2005; Antunes, 2004).

O editor e proprietário, José Olympio, tinha uma notória sensibilidade para identificar jovens talentos. Na maioria dos casos o editor encontrava o literato em potencial na região Nordeste e o convidava para ir residir na Capital Federal. Foi assim com quase todos os literatos do grupo Regionalista, incluindo Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz e José Lins do Rego (Castello, 1961) – que, por sinal, só teve o gosto pelo futebol despertado após ir residir no Rio de Janeiro (Hollanda, 2005). Gilberto Freyre foi o único que preferiu ficar residindo no Nordeste. Os laços de Freyre com a *José Olympio* seriam mantidos até o findar da sua vida. E, mesmo depois das mortes de José Lins e Mario Filho, sempre que o ensaísta

vinha ao Rio de Janeiro se dirigia à editora, onde era lhe servido um almoço na companhia de alguns amigos escritores e da família do editor (Castro In Rego 2002).

Logicamente, os cronistas esportivos tinham um espaço de encontro oficial, o Estádio Maracanã, onde o trio formado por José Lins do Rego, Mario Filho e Nelson Rodrigues iria gradativamente incorporar um outro integrante, o jovem Armando Nogueira. A consistente relação de afeto entre eles acabaria tornando as crônicas um local privilegiado para manifestação de apreço. E, com os falecimentos de Zé Lins e Mario Filho, seriam fundamentais a produção memorialista de Nelson e as suas novas ligações com os literatos que estavam emergindo.

#### IV

Nelson Rodrigues tinha um conciso envolvimento com um grupo de literatos e artistas que convivia no Rio de Janeiro, mas era avesso ao rótulo de intelectual e ainda mais pelo de acadêmico. Para ele os sociólogos eram os únicos que desdenhavam o futebol brasileiro e, conseqüentemente, a nação (Rodrigues, 1993; 1994). Era inevitável, então, que enaltecesse aqueles que tinham admiração pelo futebol. José Lins do Rego era um destes. Demonstrando especial intimidade com o escritor nordestino, Nelson ousou até tratar da morte do amigo na forma de um discurso lúdico, supervalorizando o fato de Zé Lins ser um apaixonado pelo futebol.

O meu personagem de hoje não é um jogador, nem um time, nem uma torcida. É um morto. E será inútil acrescentar-lhe o nome, porque todos já o identificaram. Trata-se, com efeito, de José Lins do Rego ou, como era universalmente conhecido – Zé Lins. Homem da literatura, do esporte e, sobretudo, homem, em toda a plenitude desta condição. Morto e, no entanto, parece mais vivo do que muitos que andam por aí, que circulam, que batem nas nossas costas e contam piadas.

Fomos, todos, enterrá-lo no chão muito doce de São João Batista. Mas é como se não existisse a mínima relação entre o funeral e Zé Lins, entre o caixão e o grande romancista. Geralmente, o bom escritor brasileiro não acredita em futebol, é um desconfiado do futebol. E conta-se o caso daquele poeta que, levado à força para um jogo, apontava o campo, aos berros: – “Que é aquilo? Que é aquilo?”. Foi socorrido e descobriu-se que “aquilo” era a bola.

Zé Lins não pertencia a esse tipo de intelectual, de laranja, e fez íntimo do esporte que é a paixão do povo. E não ia para o campo com a displicência superior de que se coloca muito acima da plebe ululante, da plebe alvar. Absolutamente. Ele torcia tanto ou mais que qualquer torcedor ignaro. E ninguém mais passional, ninguém com maior capacidade de se entregar à torcida, como se um gol do Flamengo fosse a coisa mais transcendente do mundo.

Sim amigos: – quem conheceu sabe que ele vivia cada gol, cada pênalti, cada falta, direi mais, cada lateral. A vitória, a derrota ou empate deixava de ser a simples e normal contingência de uma competição. Era algo de patético, de inesquecível. Nas perpétuas, na tribuna de honra, ou, anonimamente, nas arquibancadas, ele fazia um esforço físico e emocional maior do que o dos jogadores em campo. Vi-o, muitas vezes, depois das batalhas. Fosse qual fosse o resultado, eis a verdade: – o triunfo ou o revés o transfiguravam. Sofria tudo, o mínimo incidente, de uma maneira quase física. Acompanhava o time nas suas agonias e nas suas vitórias. Era uma presença ativa, vibrante, que não faltava nunca (Rodrigues, 1994: 34-35)<sup>300</sup>.

Em outro caso, Nelson se engajou na escolha do novo técnico da seleção, tratava-se de outro colega de profissão, o jornalista João Saldanha (apelidado por Nelson de *João Sem Medo*). “Quebrei minhas lanças para que a CBD o escolhesse. [...] Um amigo meu, insuportável, veio me perguntar: – “Você acha que o João tem as qualidades necessárias?”. Respondi: – “Não sei se tem as qualidades. Mas afirmo tem os defeitos necessários”. E, realmente, o querido Saldanha possui defeitos luminosíssimos” (Rodrigues, 1994: 152-153)<sup>301</sup>.

Após a efetivação de João Saldanha como técnico da seleção Nelson teve que passar a escrever em socorro do amigo, pois este passou a sofrer forte pressão da própria imprensa – a quem Nelson passou a combater com veemência (Rodrigues, 1994: 145)<sup>302</sup>. Porém, a campanha de Nelson não conseguiu segurar o posto de Saldanha. Após a conquista da vaga nas eliminatórias, *João Sem Medo* foi demitido. Nelson Rodrigues iria manifestar toda sua ira, elegendando, ameaçando e achincalhando os responsáveis pelo ocorrido.

Quando escrevo sobre as hienas, sobre os abutres, sobre os chacais do futebol brasileiro – todo mundo acha que estou fazendo uma metáfora. E ninguém desconfia que são as hienas, os chacais, os abutres os autores da catástrofe. Já rolou a cabeça do João Saldanha. Não se pense, porém, que a tragédia foi improvisada de um dia para o outro.

---

<sup>300</sup> Originalmente: Zé Lins Inesquecível. *Manchete Esportiva*. (21/09/1957).

<sup>301</sup> Originalmente: “João Sem Medo”. *O Globo*. (06/11/1969).

<sup>302</sup> Originalmente: As Hienas Contra Saldanha. *O Globo*. (18/03/1970).

[...] Alguém perguntará: - “Por que essa gana de tantos contra um só?”. Vejamos. Primeiro, porque ele não tem medo. Nada nos humilha mais do que a coragem alheia. Segundo, porque passou a ser o homem mais promovido do Brasil. Ainda agora, vimos a força do seu nome e de sua lenda. [...].

Mas vejam: – seu primeiro dever era a classificação; e ele o cumpriu. O segundo dever era a conquista do título. Parentes, figuras da imprensa, do rádio e da televisão se uniram para frustrá-lo no seu maravilhoso esforço final. Exigiram que ele se deixasse massacrar sem um gemido. Rolou a cabeça do “João Sem Medo”. E, agora, queremos mais do que nunca o caneco. [...] foi uma guerra suja de tantos contra um só. Guerra digna do nosso vômito (Rodrigues, 1993: 161-164)<sup>303</sup>.

O engajamento de Nelson no caso comprova que o esteriótipo de que era um reacionário, simpatizante do regime militar era exagerado. O caso envolvendo Saldanha se tratava nitidamente de um caso político. Sendo João um militante do *Partido Comunista do Brasil*, havia notoriamente uma conotação política nas críticas que vinha sofrendo na direção do *escrete*. O próprio Nelson, de forma perspicaz, apontava para isso... “Tudo começou quando João Havelange teve a grande coragem de escolher o “João Saldanha” para treinador da seleção. Pela primeira vez, o *escrete* passava a ser um problema estritamente técnico e nada político. [...] Já sabemos que a competência é amargamente antipatizada no futebol brasileiro” (Rodrigues, 1993: 142). Constata-se, outrossim, que o engajamento de Nelson no caso era com o amigo que mantinha estreito laço afetivo e também com o desenvolvimento do futebol brasileiro, e não com o regime político a que lhe atribuíam vinculação.

O crédito de adepto do sistema político ditatorial vigente ocorreu mais em razão da falta de engajamento de Nelson do que propriamente por alguma atitude prática em relação ao Regime. Seu interesse maior era a liberação das suas peças teatrais, já que as entidades responsáveis pela censura eram bastante rigorosas na época. Nelson – assim como Zé Lins em relação aos seus romances – em várias oportunidades teve problemas para liberar suas peças, algumas chegaram a ficar anos sem a autorização para apresentações em público. Neste sentido, aprendeu a usar os seus contatos políticos e intelectuais para conseguir a autorização para encenação das suas peças e uma das suas principais estratégias era não se envolver com

---

<sup>303</sup> Originalmente: Guerra Suja, Tão Suja. *O Globo*. (19/03/1970).

questões políticas, pois sabia que já criava muitos desafetos pelo teor das suas peças e textos, então, filiações políticas só iriam aumentar a dimensão dos seus problemas.

Desta forma, o autor de *O Beijo no Asfalto*, seguindo o exemplo do irmão Mario Filho, procurava desvincular ao máximo sua produção artística/jornalística do contexto político, indiferente às variadas tendências governamentais que teve que conviver. Era novamente a fusão de texto e contexto (Candido, 2000), pois a família Rodrigues havia aprendido o que era sair rapidamente de uma condição econômica elevada para uma vida de privação, onde até conseguir se alimentar era difícil. Várias desventuras da família, por uma causa ou outra, ocorreram devido à política (Castro, 1992).

## V

A estima maior, evidentemente, era entre os irmãos Rodrigues. Mas, pensando este tipo de relacionamento, tipicamente carregado de afeto, como também uma relação de força, há de se observar que o mais velho, Mario, mantinha uma posição quase paternal em relação a Nelson. Mario Filho sempre auxiliou o irmão quando este passava por dificuldades devido à censura ou pela não aceitação por parte do público de algumas de suas peças teatrais, ora empregando-o no seu próprio jornal, ora recomendando-o para outros, como o jornal *O Globo* e a revista *Manchete* (Castro, 1992). Nelson, por sua vez, sempre demonstrou reconhecimento e comoção ao falar do irmão.

Embora o estilo de ambos fosse diferente, Mario se aproximando mais da história e Nelson mais do drama, os assuntos selecionados eram bastante próximos, em virtude desta relação de força – já que Nelson sempre se inspirava nos dizeres do irmão mais velho. Aliás, uma sutil similitude em dois pontos do estilo pode ser notada nos textos dos irmãos Rodrigues: uma tendência ao exagero, resquício do início da carreira no jornal sensacionalista

do pai; e a presença constante de temas trágicos, fruto do trauma gerado pelo assassinato do irmão Roberto. O maior trauma da vida dos Rodrigues iria também ter reflexos sensíveis, principalmente nas peças teatrais de Nelson. Ambos os aspectos estavam interligados, pois a característica populista dos periódicos da família Rodrigues – como as notícias de adultérios sem uma criteriosa investigação jornalística – acabou sendo o motivo do assassinato passional do talentoso Roberto (Coelho In Rodrigues, 2004: 21-24). Roberto era cartunista de jornal e pintor. Suas principais obras, em tons de preto e branco, com morbidez e um tom sensual, expunham traição, infidelidade, assassinatos e erotismo (ver abaixo). Tais aspectos são mais brandos em Mario Filho e mais vistosos em Nelson Rodrigues.



(Figura 1- Revista PJ: BR – jornalismo brasileiro. N° 3. Jan-jun/2004. Disponível em <http://www.eca.usp.br/prof/josemarques/arquivos/artigos3>. Acessado em 05/06/2005).<sup>304</sup>

<sup>304</sup> Originalmente: Rodrigues, Roberto. Um Caso de Polícia. *Revista Para Todos*, 1927.





(Figura 2 - Revista PJ: BR – jornalismo brasileiro. Nº 3. Jan-jun/2004. Disponível em <http://www.eca.usp.br/prof/josemarques/arquivos/artigos>. Acessado em 05/06/2005).<sup>305</sup>

A relação afetiva entre os irmãos, com a contribuição de José Lins do Rego, acabaria originando várias “tradições inventadas” acerca do futebol (Hollanda, 2004). Mario Filho criou variados modelos estruturais, principalmente na obra *O Negro no Futebol Brasileiro*. Por exemplo, como já constatado, os estereótipos dos clubes cariocas – o popular Flamengo, o português Vasco da Gama, o elitista Fluminense, o vanguardista Botafogo e o pequeno e cativante América – passaram a ser pacificamente aceitos, inclusive nos campos acadêmico e jornalístico (Prado, 1997: 191)<sup>306</sup>. Porém, não seriam somente estas as “tradições” propagadas pelo círculo intelectual que Mario Filho exercia influência.

Uma delas era a invenção do chamado “clássico” no futebol, ou seja, uma partida que envolvia uma exasperada rivalidade devido aos jogos anteriores e a competitividade não só

---

<sup>305</sup> Originalmente: Rodrigues, Roberto. Ilustração Caderno Policial. *Crítica*, 1927.

<sup>306</sup> Ainda hoje vários escritores se pautam no modelo criado por Mario Filho para explicar o futebol brasileiro. Ver, por exemplo: Nogueira, Cláudio. *Futebol, Brasil, Memória – de Oscar Cox a Leônidas da Silva*. Rio de Janeiro: Senac Rio, 2006. p. 135-142.

em campo, mas entre os torcedores também. Mario Filho acentuou um deles, usando da história para exaltar a sua condição diferencial.

O nome estava achado. Era o Fla-Flu o único *match* que podia ter nome. Um nome que o definisse. Mas não era o Fla-Flu. Tornou-se Fla-Flu no profissionalismo, quando Fluminense e Flamengo se viram ameaçados. Um se apoiou no outro. Lutavam pela mesma coisa. Foi aí que o Fla-Flu se realizou. Toda a história dos jogos Flamengo e do Fluminense. Parecia folclore. Por isso todo mundo se lembra do Fla-Flu que viu. Mas não parece que foi de ouvir contar. A impressão que se tem é de que sempre se soube de tudo a respeito de Fla-Flu.

[...] Pode não ser verdade ou pode não ter sido verdade, porque sem ter visto a gente tem de acreditar em tudo ou em nada.

[...] Eu me lembro da primeira competição das torcidas. Como não ia me lembrar, se fui eu que fiz?

[...] Porque o match não é apenas o que se vê, é muito mais o que se sente. E às vezes basta a presença. O torcedor está lá, não vê nada, mas está lá, o coração apertado, ouvindo a multidão que ele também é, cujo coração bate como o dele (Rodrigues Filho, 1994: 178-181)<sup>307</sup>.

Recorrendo novamente a uma concepção temporal que extrapolasse o cronológico, Mario Filho formulou propositalmente uma tradição histórica acerca do referido jogo. Mas, apesar de gostar de formular modelos, não tinha como característica a repetição textual. Na caracterização dos clubes cariocas não havia tanto problema, já que a teoria explicitada inicialmente no jornal, foi transformada depois em livro e, através deste, suas palavras eram lidas, relidas e difundidas através da cultura oral. Todavia, no caso do *Fla-Flu*, sua criação tinha sido explicitada na forma de crônica e não era praxe o cronista reincidir constantemente sobre o assunto.

A partir daí, assumiria papel preponderante Nelson Rodrigues. Com sua obsessão por determinados assuntos, Nelson iria ressaltar incansavelmente o parecer do irmão sobre o confronto das duas equipes cariocas. Sempre usando do exagero, destacava em 1973, muitos anos depois da crônica publicada por Mario Filho, que... “Durante muitos anos, era apenas e convencionalmente Flamengo X Fluminense. Até que, um dia, com o seu gênio promocional, Mário Filho inventou a abreviação. Instantaneamente, o Fla-Flu passou a ser o maior jogo do

---

<sup>307</sup> Originalmente: Recordações do Fla-Flu. *Jornal dos Sports*. (14/12/1957).

Brasil, arrastando novas multidões para o futebol” (Rodrigues, 2002: 179)<sup>308</sup>. Em outra ocasião Nelson deixa nítido que a teoria do seu irmão folclorizava e mitificava o clássico.

Como ele recriou o Fla-Flu! Ora, o Fla-Flu, sem esta abreviação, existia desde 1912, ou 11. Até que Mario Filho resolveu promover o velho clássico, tão velho que era anterior à Primeira Batalha do Marne, anterior ao fuzilamento de Mata-Hari. Preliminarmente, mudou o nome do clássico para Fla-Flu. Em seguida, montou todo um folclore fascinante sobre o jogo superconhecido e desgastado. Eram os mesmos clubes, os mesmos jogadores. E, de repente, o Fla-Flu extroverteu todo o patético, todo o sortilégio que trazia no ventre. Senhoras, que não sabiam nem se a bola era redonda ou quadrada, compareceram ao jogo, magnetizadas pelo mito. A multidão do Fla-Flu é um milagre de Mario Filho (Rodrigues In Rodrigues Filho, 1994: 10).

Além de Nelson, que obsessivamente reforçava as idéias do irmão, em alguns casos, também Zé Lins, de forma bem mais tênue, contribuiu na difusão das criações literárias de Mario Filho.

Tudo haveria de terminar em Fla-Flu. Porque entre o Flamengo e o Fluminense está a medida certa das coisas, o verdadeiro clássico da cidade. [...]. Restaram os dois grandes de sempre. O aristocrático das Laranjeiras, com o luxo das suas rendas de fidalgo, e o rude, o destemido, o sem medo, o impávido, quase que louco, o generoso e bom Flamengo, o clube de todo o Brasil (Rego, 2002: 62)<sup>309</sup>.

De forma irreverente, Zé Lins, além de acentuar a tradição criada por Mario Filho a respeito do Fla-Flu, demonstra que tinha também aderido aos esteriótipos clubísticos formulados pelo próprio Mario. Um outro detalhe: ao observar os três excertos, é notória a importância dada ao tempo social como forma de desenvolvimento do esporte – um ponto comum entre os estilos de escrever crônicas de Mario Filho, José Lins do Rego e Nelson Rodrigues.

Uma outra formulação de Mario Filho foi criada a partir de uma grande decepção nacional: a inesperada derrota na Copa do Mundo de 1950. Sempre as vésperas de um jogo da

---

<sup>308</sup> Originalmente: As Duras e Feias Sandálias da Humildade. *O Globo*. (21/08/1973).

<sup>309</sup> Originalmente: Fla X Flu. *Jornal dos Sports*. (31/08/1946).

seleção, da disputa de um torneio, ou mais ainda quando se aproximava o início de uma Copa do Mundo, Mario Filho retomava o trauma chamado por ele como “a herança de 16 de julho”.

Cinquenta ficou como um marco. De fato nunca estivemos mais perto de conquistar um Campeonato do Mundo. É o que não perdoamos. Quem foi ao Maracanã naquele 16 de julho foi menos para assistir a um jogo do que para participar de um carnaval, o maior que já houvera. [...] do sonho descemos para a realidade dura, talvez dura demais. E o que nos continuava a obcecar era o sonho vivido. Não entendemos como depois das “Touradas de Madri” pudera acontecer o 16 de julho. [...] Foi por isso que muito brasileiro jurou não assistir a uma partida de futebol. Não poucos cumpriram a promessa. [...] Para ele o futebol morreu em 50 [...]. [...] é como se caçássemos uma ferida. Há um pouco de masoquismo nisso (Rodrigues Filho, 1994: 206-208)<sup>310</sup>.

Era um dos poucos assuntos que figurava regularmente nas crônicas de Mario Filho e seria inevitável que Nelson não atribuísse ao evento a mesma importância, com a sua peculiar dose de exagero.

Amigos, vocês se lembram da vergonha de 50. Foi uma humilhação pior que a de Canudos. [...] não me venham dizer que o escrete é apenas um time. Não. Se uma equipe entra em campo com o nome do Brasil e tendo por fundo musical o hino pátrio – é como se fosse a pátria em calções e chuteiras, a dar botinadas e a receber botinadas. Pois bem. Depois da experiência bíblica de 50, passamos a rosnar, por todas as esquinas e por todos os botecos do continente, o seguinte juízo final sobre nós: – “O brasileiro é bom de bola, mas frouxo como homem” (Rodrigues, 1993: 103)<sup>311</sup>.

O fracasso na final da Copa do Mundo de 1950 seria uma marca permanente nas crônicas dos dois irmãos. O ressentimento de Nelson em relação ao evento foi o motivador para a criação da sua teoria do “complexo de vira-latas” do povo brasileiro. Mario Filho não era tão veemente na associação entre o escrete e a nação como Nelson. Mario usava mais comumente para definir o surpreendente insucesso o termo “tremedeira”. A “tremedeira” também era generalizante, todavia, Mario, cuidadosamente, não a usava em relação ao povo, mas, para definir a personalidade dos atletas brasileiros.

---

<sup>310</sup> Originalmente: A Grande Safra. *Jornal dos Sports*. (12/04/1958).

<sup>311</sup> Originalmente: O Divino Delinqüente. *O Globo*. (18/11/1963).

Descobriu-se que o jogador brasileiro tremia em 54. Em 50 não se falou de tremedeira, falou-se em coisa pior. Chegou-se a dizer, com o exagero, aliás natural, da coroa da derrota, que o jogador brasileiro era covarde. [...] Apesar disso, de vez em quando se estabelece uma grande confusão que precisa, o mais rapidamente possível, ser desfeita, para o bem de todos nós. Mistura-se 50 e 54 e tanto se diz que o jogador brasileiro treme como que é covarde (Rodrigues Filho, 1994: 198)<sup>312</sup>.

Neste caso, a invenção de uma tradição acerca da derrota de 1950, criada pelos irmãos Nogueira, consistia em dois pontos distintos. O primeiro era a demarcação do início de um enredo clássico: inicia com uma dificuldade (a derrota vexatória em 1950) que, após muita dificuldade (a Copa de 1954), culminaria com a redenção no desfecho, com as seguidas vitórias nas Copas de 1958 e 1962 – sendo ainda possível estabelecer uma continuidade neste enredo com a derrota de 1966 e a derradeira vitória em 1970, onde o selecionado brasileiro ficaria definitivamente com a posse da taça *Jules Rimet*. O segundo seria uma espécie de alerta, usado sempre que o selecionado era derrotado ou estava na iminência de ser – “Quando acabou a irradiação da partida, eu me sentia derrotado da cabeça aos sapatos. [...] por toda parte, a gente esbarra, a gente tropeça em outros vencidos. E vou mais longe: – o empate de terça-feira deu-nos um pouco a horrenda sensação de 50. Eu me senti, psicologicamente, em 50” (Rodrigues Filho, 1994: 56)<sup>313</sup>. Evidentemente, tais pontos que formavam a “tradição de 1950” eram distintos, porém confluentes, como é demonstrado em outra passagem escrita por Nelson Rodrigues: “Os tchecos abriram o escore. 1 X 0. Setenta e cinco milhões de brasileiros perguntavam um ao outro: – “Vamos repetir 50?”. Mas a derrota de 50 liquidou o Brasil da derrota” (Rodrigues, 1994: 93).

Mas se Mario Filho e Nelson Rodrigues demonstravam antes da final de 1950 estarem certos da vitória brasileira, um outro cronista que compunha o mesmo círculo literário iria aparentar estar mais cético. Tratava-se de José Lins do Rego que com cautela, escrevia:

---

<sup>312</sup> Originalmente: O Grande Enigma. *Jornal dos Sports*. (22/03/1958).

<sup>313</sup> Originalmente: A Juba Escanhoadá. *Manchete Esportiva*. (14/03/1959).

“Amanhã teremos outra etapa, a mais difícil, a mais dura. Teremos amanhã os homens de cabelo na venta, gente disposta a tudo e já experimentada em vitórias internacionais. Rapazes da seleção, aos orientais, que são os mais perigosos” (Rego, 2002: 124)<sup>314</sup>.

Mesmo prevenido da dificuldade do jogo, Zé Lins, inicialmente demonstrou estar chocado com a derrota, fazendo a associação, típica do amigo Nelson, entre o selecionado e o povo brasileiro – “[...] E, de repente, chegou-me a decepção maior, a idéia fixa que se grudou na minha cabeça, a idéia de que éramos mesmo um povo sem sorte, um povo sem as grandes alegrias das vitórias, sempre perseguido pelo azar, pela mesquinha do destino” (Rego, 2002: 125)<sup>315</sup>. Em uma outra crônica após a derrota, por exemplo, falava de uma certa “tristeza brasileira”, pautada nas idéias do historiador Paulo Prado que, em 1928, havia publicado a obra *Retrato do Brasil*. Mesmo assim, nesta crônica, Rego já encontrava pontos positivos – como a organização do evento, a construção do monumental Maracanã e participação e engajamento do povo brasileiro na torcida pela seleção brasileira (Hollanda, 2005: 91-95). Com o passar dos anos, José Lins iria superar a derrota em 50, assim, não reforçaria a “tradição” do trauma, tão acentuada pelos irmãos Rodrigues.

Dentre as formulações teóricas expostas pelo pequeno grupo de cronistas que se destacaram no campo jornalístico brasileiro, especialmente no Rio de Janeiro, a maioria partiu de Mario Filho – sempre pautado em Gilberto Freyre. Porém, a mais aceita e reconhecida não foi formulada pelo proprietário do *Jornal dos Sports*, mas sim, por seu irmão Nelson, que contou também com o apoio de outros cronistas e jornalistas que pertenceram ao grupo de admiradores de Mario.

---

<sup>314</sup> Originalmente: Agora, os mais duros. *Jornal dos Sports*. (15/07/1950).

<sup>315</sup> Originalmente: A Derrota. *Jornal dos Sports*. (18/07/1950).

De tanto enaltecer o irmão, com mais contundência após a sua morte, Nelson criaria uma “tradição” envolvendo o próprio Mario Filho que, segundo ele, seria o inventor da crônica esportiva moderna.

Até que, um dia, Mario Filho apareceu. Pode-se datar o nascimento da crônica esportiva. Foi quando ele publicou uma imensa entrevista com Marcos de Mendonça. O famoso goleiro anunciava sua volta. O patético, porém, não era o fato em si, mas a sua escandalosa valorização jornalística. A matéria inundava um espaço jamais concedido ao futebol – meia página! Era a época em que o esporte vivia empurrado, escorraçado para um canto da página. O melhor jogo do mundo não merecia mais de três linhas.

[...] A entrevista de Marcos foi para nós, do esporte, uma Semana de Arte Moderna. Em meia página, Mario Filho profanou o bom gosto vigente até em jornal de modinhas. Ao mesmo tempo, fundava a nossa língua. E não foi só: – havia também no seu texto uma visão inesperada do futebol e do craque, um tratamento lírico, dramático e humorístico que ninguém usara antes. Criara-se uma distância espectral entre o futebol e o torcedor. Mario Filho tornou o leitor íntimo do fato. E, em reportagens seguintes, iria enriquecer o vocabulário da crônica com uma gíria libérrima.

[...] E graças a Mario Filho, o futebol invadiu o recinto sagrado da primeira página. Pouco antes, só o assassinato do rei de Portugal merecia uma manchete. E, súbito, o grande jogo começou a aparecer, no alto da página, em oito colunas frenéticas.

[...]. E, com isso, o diretor, o secretário e o gerente descobriam o futebol e o respectivo profissional. O cronista esportivo deixava de ser o pai da Sônia do *Crime e castigo*. Começou até a mudar fisicamente. Por outro lado, seus ternos e gravatas acompanhavam a fulminante ascensão social e econômica.

[...] Mas eu não vou contar tudo o que ele fez, porque esse homem não parou nunca. Com seu formidável élan promocional, trouxe para o futebol novas massas.

O leitor, simples ou mal informado, pode perguntar: – “Mario Filho fez tudo?”. Eis a casta e singela verdade: – fez tudo, sim, e repito: – tudo. Por sorte de parentesco, fui testemunha ocular e auditiva dessa obra colossal (Rodrigues In Rodrigues Filho, 1994: 8-10).

Com a típica e incansável repetição, Nelson fez com que o engajado Mario Filho fosse reconhecido como o fundador de um novo modelo de jornalismo esportivo. Principalmente após a morte do irmão, o teatrólogo iria exaltar os feitos de Mario, segundo ele, o maior cronista esportivo de todos os tempos – “Quem devia escrever a história do tricampeonato era Mario Filho. Só ele teria a visão homérica do maior feito do futebol brasileiro e mundial” (Rodrigues, 1994: 158). Nelson contou com a colaboração de Armando Nogueira e até mesmo de Gilberto Freyre, entre vários outros jornalistas esportivos, para enaltecer o caráter de Mario Filho. E a reincidência destes textos valorizando o jornalista iria culminar com uma homenagem póstuma, a (re)nomeação do estádio *Maracanã*, que passou a se chamar oficialmente Estádio Municipal Mario Filho.

Sem dúvida, Mario Filho provocou “[...] um deslocamento no já frágil equilíbrio das forças que, por meio da imprensa, sustentavam a hegemonia das elites sobre os significados e valores do futebol” (Silva, 2006: 109). Mas, mesmo sendo um dos primeiros cronistas dedicados exclusivamente ao futebol e notoriamente um engajado no desenvolvimento esportivo do país, paralelamente, em outros estados, principalmente São Paulo e Rio Grande do Sul, vários outros jornais também renovavam a forma como o esporte aparecia nas suas edições diárias. Afinal, o futebol se popularizava a “passos largos”, sendo necessário aos periódicos mudar a forma como o mesmo era noticiado, pois o público interessado no assunto também havia se alterado (Toledo, 2002: 160-174).

Ressalva-se que para se estabelecer economicamente Mario Filho teve que se tornar proprietário do *Jornal dos Sports* e, ao mesmo tempo, dirigir o caderno de esportes de *O Globo*, ou seja, ainda era difícil até a época da sua morte viver confortavelmente apenas da escrita de crônicas esportivas. Esta possibilidade só foi possível algumas décadas depois, pois a profissionalização da crônica esportiva acompanhou, inevitavelmente, o próprio desenvolvimento do esporte. Neste processo de profissionalização – e depois de espetacularização – Armando Nogueira passou a ser uma referência.

## VI

Armando Nogueira começou a se tornar conhecido como jornalista esportivo nos meados da década de 1950, especificamente a partir de 1954 quando foi cobrir a Copa do Mundo da Suíça. Neste período José Lins do Rego, Mario Filho e Nelson Rodrigues já eram celebridades tanto por escrever crônicas futebolísticas, quanto pelas outras atividades profissionais que exerciam.



Armando não teve contato pessoal com José Lins do Rego, porém conviveu com Mario Filho e foi amigo íntimo de Nelson Rodrigues. Na época em que Armando começou a escrever crônicas esportivas, Mario Filho já dirigia há muito tempo o popular *Jornal dos Sports*, mas, mesmo sendo um dos jornalistas mais reconhecidos do Brasil, não poderia deixar de notar o jovem talento que começava a se destacar na imprensa esportiva carioca. Mario chegou a mencionar em suas crônicas o contato com o jovem cronista, demonstrando manter uma relação amistosa, porém formal, com o jovem: “[...] uma noite, na casa de Ademar Bebiano, Armando Nogueira me perguntou se eu achava mesmo que o Botafogo era suspeito [candidato ao título]. Eu disse suspeitíssimo” (Rodrigues Filho, 1994: 182)<sup>316</sup>. Ou em outra ocasião, onde usava Armando para exemplificar como os torcedores do Botafogo eram os mais suscetíveis às superstições. “Um Armando Nogueira se abalara de Buenos Aires para ver o jogo e, aqui chegando, humildemente ficou em casa. Não por falta de fé, que tinha, mas para não abalar a confiança de ninguém, já que dissera que ele em Buenos Aires, isto é, de longe, dera sorte ao Botafogo” (Rodrigues, 1994: 188)<sup>317</sup>.

A relação com Nelson era bem mais próxima. Os vários anos que ele viveu a mais do que o irmão Mario foram importantes para a consolidação da amizade com Nogueira. Além de trabalharem juntos na TV, no programa de debate chamado *Mesa Redonda Facit*, eram constantes os debates estabelecidos através das crônicas. Eram pequenas querelas amistosas e Nogueira notoriamente levava desvantagem. Eram vários motivos para que Nelson se sobressaísse nesta relação de força: 1) a maior experiência, já que Nelson foi criado nas redações de jornais, vislumbrando os debates políticos que seu pai acabava se envolvendo; 2) um certo respeito de Armando em relação a Nelson, inclusive tolerando suas brincadeiras. Em uma entrevista, por exemplo, assumia a dificuldade que encontrava ao confrontar Nelson

---

<sup>316</sup> Originalmente: O Grande Campeão. *Jornal dos Sports*. (14/01/1958).

<sup>317</sup> Originalmente: Relíquias do Campeão. *Jornal dos Sports*. (11/01/1958).

Rodrigues, mesmo no meio que tinha melhor habilidade comunicativa, a televisão: “Com uma única frase, o Nelson era capaz de acabar com uma argumentação de uma hora e meia” (TV Press, <http://an.uol.com.br/2003/set/06/0tev.htm>. Acessado em 26/05/2005); 3) O estilo de Nelson, que consistia em reincidir sobre os temas de forma obsessiva. Por exemplo, além do caso mais conhecido, o da “seleção húngara do Armando”, insistia Nelson seguidamente em suas crônicas: “Todos os domingos à meia-noite – hora que apavora – começa a “Grande Resenha” da TV Rio. [...] Foi numa das mesas-redondas que o Armando Nogueira afirmou e quase jurou o seguinte: – “O Fluminense não tem conjunto, nem valores individuais. [...] Assim é o ser humano: – na hora do palpite errado, não lhe ocorre uma vaga dúvida metafísica” (Rodrigues, 2002: 147)<sup>318</sup>. Por mais de um mês Nelson continuou satirizando o amigo, até que Armando cedesse e enaltecesse o valor do Fluminense: “Jogamos tão bem a primeira da melhor de três que até o Armando Nogueira virou uma flamejante pó-de-arroz” (Rodrigues, 2002: 152)<sup>319</sup>.

A insistente crítica satírica de Nelson não alterava a amizade de ambos. E, o mais importante, apontava para um rompimento com o modelo de crônica que era influenciada pela teoria de Gilberto Freyre. Armando, como informado através de e-mail pelo seu assessor de imprensa, conheceu as obras de Freyre, mas não chegou a conhecer o ensaísta pessoalmente, tampouco se pautou nas suas idéias. Nogueira, então, abandonava o antigo paradigma, lançando um novo modelo de crônica esportiva. Modelo este, pautado na preocupação com o lado estético – a plástica do jogo – ocorrendo também, conseqüentemente, a não exacerbação incondicional do selecionado nacional (Ramadan: 1997: 56- 67).

Era isto que tanto incomodava Nelson Rodrigues: Armando Nogueira não se comprometia com nada que não fosse a própria beleza do jogo. Foi este o motivo do

---

<sup>318</sup> Originalmente: O Grande Fluminense. *Jornal dos Sports*. (16/11/1964).

<sup>319</sup> Originalmente: O Passarinho no Ombro. *Jornal dos Sports*. (19/12/1964).

enaltecimento do selecionado húngaro em 1954 e os contínuos elogios durante décadas, mesmo a contragosto do amigo Nelson – “Depois empatamos com a Argentina. E foi um deus-nos-acuda. No último domingo, o Armando Nogueira teceu um hino enternecido à retranca adversária. Olhem que o colega era um inimigo nato e hereditário do ferrolho. Mas como se tratava de argentinos, ele fez uma exceção comovida” (Rodrigues, 1994: 102)<sup>320</sup>.

Se Armando valorizava o futebol de outros países, inevitavelmente não acreditava que existia uma ligação direta entre a seleção e a nação como tanto insistia Nelson. E, com a sua peculiar obstinação, Nelson Rodrigues iria acentuar esta questão nos momentos onde a seleção brasileira obteve bons resultados.

Até o Armando Nogueira, que separa o Brasil do escrete à pátria do futebol pingava de patriotismo. Com esporas e penacho, e mais uns bigodões, ele seria um autêntico dragão de Pedro Américo. E nenhum de nós ficava atrás, nos arrancos de civismo.

[...] Ao mesmo tempo, assistimos ao nascimento de um novo fanatismo e de uma nova fé: – o escrete. A seleção, repito, é a pátria sem esporas e sem penacho. Amigos, quando se consumou a goleada, virei-me para o Armando Nogueira. Ele, que nega pátria ao escrete, estava desvairado. Seu lábio tremia e seu olhar vazava luz. Eu estava vendo a hora em que o confrade ia cantar a Marselhesa” (Rodrigues, 1994: 94).

Mas, mesmo não concordando com a forma de conceber o esporte de Nogueira, Nelson entendia bem qual era a pretensão do amigo: “[...] O Armando Nogueira dá a vida por um efeito literário! E, realmente, o meu colega e amigo, se tiver de escolher entre a retórica e os fatos, há de rejeitar os fatos e optar pela retórica” (Nogueira, 2002: 156)<sup>321</sup>. Inclusive algumas vezes correndo em auxílio do jovem Nogueira, quando este, por valorizar o estético, era questionado por torcedores insatisfeitos com os seus devaneios estéticos.

Imaginei: – “O Armando vai se arrepender”. E, com efeito, qualquer um de nós já proferiu palavras que, em seguida, renegou. O diabo, porém, é que não somos estilistas e o Armando o é. Acredito que, num terreno baldio, ele se retratasse. Em público, nunca! E viu-se então esta coisa inédita: – a fidelidade de um cronista a um efeito literário.

---

<sup>320</sup> Originalmente: Pior do que a Rosita Sofia. *O Globo*. (15/06/1965).

<sup>321</sup> Originalmente: A Vitória Estava Escrita Há Seis Mil Anos Atrás. *Jornal dos Sports*. (21/12/1964).

[...] Mas assim como não se pode exigir de Flaubert que sacrifique uma vírgula de *Salambô*, assim, não se pode pedir ao Armando que renegue uma de suas frases diletas. E o grande cronista deve ter comido o pão que o diabo amassou. Não dá um passo, na rua, sem que cobrem a veracidade do seu dito. Será que os imbecis não percebem o óbvio, isto é, que um estilista só tem deveres literários? Finalmente, anteontem, na televisão, o confrade foi interpelado de público. Quiseram saber se ele renunciava à frase. Houve o suspense de uma pausa. Os taquígrafos apuraram, vorazmente, a orelha. A expectativa era de que, finalmente, Armando ia confessar o equívoco ou a iniquidade. Agora vem o bonito, o lindo: – o Armando não se retratou! Seiscentos mil telespectadores lá estavam, crispados. E todos viram o colega repetir [...] (Nogueira, 2002: 150-151)<sup>322</sup>.

Ambos, Nelson e Armando, ampliaram o campo de atuação do cronista esportivo. Trabalharam na televisão, foram roteiristas de cinema – Nogueira escreveu *Garrincha, a alegria do povo* e Nelson Rodrigues *Eu sou Pelé* (além de escrever outros filmes não relacionados ao esporte) – e Armando ainda trabalhou no rádio. Mesmo atuando na TV, Nelson teria algumas ressalvas aos recursos que esta oferecia. Armando se adaptou melhor: desenvolvendo um discurso específico para cada meio de comunicação, suas crônicas jornalísticas mantiveram o compromisso com a estética, enquanto seus comentários na televisão acentuavam também a parte técnica/tática do futebol.

Armando Nogueira, apesar de conviver e ser influenciado pelo círculo literário sob a influência de Gilberto Freyre, suportou bem a pressão de amigo Nelson, rompendo com o antigo modelo. Substituiu o ideal da integração racial e a associação entre o selecionado brasileiro e a pátria pela exaltação da beleza do esporte. Como homem à frente do seu tempo, usou da autonomia artística que os literatos podem usufruir, dando indícios, prematuramente, do efeito globalizado que iria ocorrer na prática esportiva nas décadas subseqüentes.

Acompanhando a *espetacularização* do esporte, a crônica esportiva também gerou algumas “estrelas”. Reconhecidas e celebradas nacionalmente, quiçá, internacionalmente, estes “artistas das letras” são os responsáveis por capturar e transformar em palavras a beleza que o esporte mais popular do mundo exala, remetendo-a aos leitores. No Brasil, Armando Nogueira é, possivelmente, o mais conhecido destas celebridades.

---

<sup>322</sup> Originalmente: A Frase Eterna. *Jornal dos Sports*. (16/12/1964).

## VII

No efervescente ambiente artístico/intelectual brasileiro estabelecido após a Semana de Arte Moderna de 1922, o futebol, esporte que se popularizou rapidamente, começou a despertar o interesse de vários literatos. O grupo de maior repercussão foi formado no Rio de Janeiro, centrado na figura do engajado jornalista esportivo Mario Filho. Este manteria contato com o paraibano José Lins do Rego, que lhe apresentaria o ensaísta Gilberto Freyre, líder do Movimento Regionalista Nordestino. Freyre tinha especial interesse no futebol, pois este poderia ajudar a reforçar a sua tese acerca da homogênea integração racial ocorrida no Brasil a partir do período colonial no ambiente interiorano das *casas-grandes*. Com as mortes de José Lins e Mario Filho, Nelson Rodrigues assumiu o papel de principal divulgador do modelo que acreditava que o futebol era uma referência da *brasilidade* e da nação. Até que um jovem e promissor cronista, Armando Nogueira, amigo próximo de Nelson, rompeu com este modelo, supervalorizando a estética presente na prática esportiva.

Os laços que agregavam estes literatos, relações de força e, sobretudo, de afeto, iriam ser manifestas nas menções, citações, diálogos, metáforas e dedicatórias presentes nos textos do grupo. Este vínculo pode ser exemplificado através dos prefácios das obras publicadas por tais literatos. A respeitabilidade aferida a Freyre era notória, pois este prefaciou várias obras de José Lins do Rego, *O Negro no Futebol Brasileiro* de Mario Filho e a autobiografia de Nelson Rodrigues intitulada *O Reacionário: memórias e confissões*. O único que prefaciou Gilberto Freyre foi o amigo José Lins em *Invenção e Tradição*. Zé Lins também foi honrado ao receber o convite para escrever uma crônica na primeira edição da obra que iria se tornar um dos maiores clássicos brasileiros, *Casa-Grande & Senzala*. José Lins também iria prefaciou uma obra de Mario Filho, *Copa Rio Branco, 1932*. A última obra produzida por

Mario Filho, a biografia do pintor Candido Portinari – *A Infância de Portinari* – foi prefaciada por seu irmão Nelson. A seleção de crônicas de Mario Filho, *O Sapo de Arubinha*, feita pelo escritor Ruy Castro muitos anos após a morte dos irmãos Rodrigues, mesmo assim, teve uma crônica de Nelson como prefácio. Já a coletânea de crônicas de Nelson Rodrigues sobre o Fluminense, intitulada *O Profeta Tricolor*, organizada por seu filho, Nelson Rodrigues Filho, teve o prefácio de Armando Nogueira.

Mesmo unidos em torno do futebol, cada um destes cronistas mantinha suas particularidades literárias. Desde o estilo até a seleção de conteúdos. A concepção de uma identidade nacional era pautada nas teorias freyreanas no caso de José Lins, Mario Filho e Nelson Rodrigues, por outro lado cada um recorreria a uma típica estratégia literária para incorporar este ideal de *brasilidade* às suas crônicas. Armando Nogueira, o mais novo do grupo, foi o primeiro a romper com o modelo explicativo de Freyre, apontando para um novo momento da crônica esportiva: *a espetaculização*. Mesmo com toda essa autonomia literária, uma espécie de assinatura do autor (Candido, 2000), pode-se acentuar um único ponto em comum nas crônicas de Zé Lins, Mario Filho, Nelson e Armando: uma concepção de temporalidade que transcendia o cronológico. Recorrer ao memorialismo, estabelecer quadros comparativos com o presente, explicitar o efeito que o tempo causa na dinâmica do jogo e, principalmente, enaltecer as emoções, mágoas, felicidades e ressentimentos vinculados ao jogo – sentimentos que podem ser gerados através de um breve momento, como um drible, ou de um longo período, como os quatro anos de intervalo que separam uma Copa do Mundo da próxima.

No livro intitulado *Nenhuma Ilha É Uma Ilha*, o historiador Carlo Ginzburg (2004), apresentou quatro ensaios sobre a literatura inglesa. Partindo do pressuposto que os leitores fazem uma reelaboração geralmente imprevisível da obra, o historiador italiano refletiu sobre

as leituras feitas pelos próprios literatos, pois, ora, normalmente eles também são ávidos leitores. Constatou, então, que estas leituras são incorporadas aos seus textos, algumas vezes conscientemente, outras tantas de maneira inconsciente. Foi, então, possível concluir que “[...] nenhum homem é uma ilha, nenhuma ilha é uma ilha” (Ginzburg, 2004: 113). No caso do campo literário nacional, especificamente no tangente aos cronistas esportivos da segunda metade do século XX, a máxima se repete, já que é notório o complexo quadro de influências devido às relações de força. Modestamente, acrescenta-se que às vezes estas “ilhas” de Ginzburg, embora individualizadas, se assemelham, afinal, compõem um mesmo arquipélago.

## 5. APONTAMENTOS FINAIS

*No fim, desculpe a literatura, é tudo entre nós e o nosso coração. Depois do dito e do feito, depois da paixão e da razão, depois da vida cívica e das idas e das voltas, e da História e da biografia, e do que os outros fizeram conosco e nós fizemos com os outros, é tudo entre nós e ele. Segundos fora. Nós e ele. A única conversa que vale, a única intimidade que conta.*

(Luis Fernando Verissimo, *A Eterna Privação do Zagueiro Absoluto*, p. 95).

### I

Ao findar dos dois últimos capítulos foram explicitadas as principais conclusões acerca das relações de força que permearam a crônica sobre esporte e a crônica esportiva durante o século XX. Portanto, este último capítulo será dedicado aos apontamentos gerais acerca das configurações estabelecidas a partir da literatura e também sobre as próprias limitações e impressões sobre a tese.

Primeiramente deve-se ressaltar que os dois blocos históricos são bem definidos temporalmente – início e meados do século XX – e, sobretudo, a partir de posicionamentos, estilos e debates próprios. Como bem afirmado, “À crônica objetiva, fria e impessoal das primeiras décadas do século, limitada à informação, sobrepunha-se, então, [...], uma crônica esportiva de cunho pessoal, abrindo margem para a narração, para a manifestação da subjetividade do cronista e para a formação de um estilo característico de cada um deles” (Hollanda, 2004: 150).

Porém, é evidente que a variação entre o nascimento e a longevidade de cada literato fazia com que houvesse o contato entre os agentes de diferentes blocos históricos. Relações na maioria dos casos de superficial cordialidade, como a relação comercial entre Monteiro Lobato e Gilberto Freyre. Monteiro Lobato também manteria um vínculo acadêmico com José



Lins do Rego, pois ambos foram críticos contundentes da “[...] linguagem artificial, mecanizada e cerebral de Ronald de Carvalho, de Cassiano Ricardo e mesmo de Mário de Andrade, de quem lhe repugnara em um momento inicial a bricolagem, o enredo caótico e o imbróglgio narrativo de Macunáíma” (Hollanda, 2004: 125). Em contrapartida, também seriam bastante criticados pelos Modernistas, estabelecendo outro debate literário na disputa pelo capital simbólico.

Mas, em alguns casos, de forte vínculo, diga-se até fraternal, como no caso de Graciliano Ramos e o próprio José Lins do Rego. Os dois tinham uma afinidade, desde a época que residiam no Nordeste, e estavam entre os principais artífices do Movimento Regionalista. Graciliano Ramos chegou a se hospedar na residência de Lins do Rego quando saiu da prisão durante a Ditadura Vargas. Mais tarde ambos conviveriam com a intelectualidade de esquerda que compunha o corpo editorial da Revista *Diretrizes*. Também escreveriam, conjuntamente com Jorge Amado, Aníbal Machado e Rachel de Queiroz – o romance intitulado *Brandão entre o mar e o amor*, publicado pela Livraria Martins em 1942. De qualquer forma, a produção textual de ambos sobre o futebol ocorreu em blocos históricos distintos, já que o envolvimento de José Lins com o futebol foi tardio na mesma proporção que foi intenso. No campo hipotético, pode ser até que o interesse de Zé Lins pelo futebol tenha sido despertado quando soube da simpatia que Freyre tinha em relação a este esporte.

Estas afinidades não ocorrem apenas no plano comercial, acadêmico ou pessoal, como os exemplos citados acima. Algumas similitudes podem ser notadas em pontos bem específicos da concepção que os literatos tinham do esporte. Vários deles, como Coelho Netto, “João do Rio”, Gilberto Freyre Mário Filho, José Lins do Rego, Nelson Rodrigues e Armando Nogueira eram criadores ou pelo menos reforçadores de “tradições inventadas” (Ranger & Hobsbawm, 1997). A principal delas era a associação entre os esportes e os antigos

jogos greco-romanos, reforçando a idéia formulada pelo criador dos Jogos Olímpicos Modernos, o Barão Pierre de Coubertin. Mas várias outras podem ser observadas a partir da leitura dos seus textos: a característica diferencial do futebol brasileiro, o estilo dionisíaco; Mario Filho como o fundador do jornalismo esportivo moderno; a típica caracterização dos clubes de futebol cariocas; os clássicos como o *Fla-Flu*; o simbolismo social da derrota na Copa de 1950; a obra *O Negro no Futebol Brasileiro* como fonte histórica inesgotável, enfim.

Esta peculiaridade comum à maioria dos cronistas analisados nesta tese fez com que vários pesquisadores nos últimos anos, como Antonio Jorge Soares, Leonardo Pereira, Marcellino da Silva, Luiz Carlos Ribeiro e Bernardo Buarque de Hollanda estivessem atentos ao alcance social de tais formulações literárias. O último, por exemplo, foi bastante direto ao diagnosticar que a forma como Gilberto Freyre pensava o futebol remetia diretamente ao conceito de “tradição inventada”. Acerca da atenção que Mario Filho despendeu ao futebol e a música popular, foi afirmado:

Aliança esta tão estreita que cedo seria integrada à história oficial da cultura brasileira, onde o esteriótipo de *país do samba e futebol* se propagaria pelo decorrer da segunda metade do século XX, adquirindo notabilidade internacional. Mário Filho era assim uma espécie de *inventor de tradições*: concebia, agenciava e recontava em crônicas tudo o que produzia no âmbito musical e esportivo da capital da República, como o fazia com os seus Jogos da Primavera (1947), como os seus Jogos Infantis (1951) e os com seus mencionados Desfiles das Escolas de Samba, desde o início dos anos 1930 (Hollanda, 2004: 289).

A preocupação crescente da intelectualidade que pesquisa o fenômeno com os efeitos da literatura esportiva na sociedade (inclusive no próprio meio acadêmico) é um aspecto positivo a se ressaltar, afinal, como reflete Bourdieu “[...] nas ciências sociais, visto que, por todas as razões que mencionei, temos uma tendência para nos satisfazer muito facilmente com as evidências que nos oferece nossa experiência de senso comum ou a familiaridade com uma

tradição erudita” (Bourdieu, 2004: 168). Porém, algumas décadas antes alguns dos próprios literatos já atentavam para esta tendência...

Nelson Rodrigues, insistentemente, quando acreditava que algo era fantasioso demais, compararia à “seleção húngara do Armando Nogueira”. Evidentemente, não tinha noção que seu recurso de linguagem colaborava para romper com uma perspectiva que Armando Nogueira apontava prematuramente: o efeito globalizado que iria predominar na crônica esportiva décadas mais tarde, onde o selecionado com maior poder criativo, os jogadores mais habilidosos, as estratégias táticas mais ofensivas seriam enaltecidos pela crônica mundial sem influências da nacionalidade. Nelson assim procedeu, pois era um voraz crítico daqueles que divergiam do potencial do “escrete” (e conseqüentemente do homem brasileiro, afinal o escrete era a “pátria em chuteiras”). Todavia, o mais surpreendente é que já no início do século XX alguém já atentava para a tendência de se inventar tradições...

Novamente Lima Barreto seria o diferencial. Na sua explícita querela com Coelho Netto, Barreto também criaria um recurso de linguagem que usaria incansavelmente “os gregos inventados por Coelho Netto”. Chamava sua atenção o fato de que houvesse uma associação entre os esportes modernos e práticas físicas que eram realizadas na antiguidade com um padrão de violência altíssimo. Em um período onde o eixo da discussão era a civilidade via como uma grande contradição tal associação, sendo assim, ironizava o desafeto que adaptava as civilizações grega e romana ao padrão de civilidade da época.

## II

Lima Barreto tinha, sem dúvida, uma forma de pensar a frente a do seu tempo. E é por isso, possivelmente, que hoje o autor é considerado tão contemporâneo, como conseqüência, despertando a curiosidade do meio acadêmico. Neste sentido, é concebido nesta pesquisa de

forma semelhante a que Elias fez ao criar um enredo sociológico a partir da biografia de Mozart. Por sinal, é nesta obra que Norbert Elias vai estar mais afastado de uma de suas principais prerrogativas: o distanciamento do objeto. Mesmo sendo sinônimo de prudência nas pesquisas em Ciências Sociais há aqueles que ousem desafiar a regra implícita ao campo intelectual. Uma referência é Loïc Wacquant na obra *De Corpo e Alma*, que admite e ressalta seu completo envolvimento com a prática pesquisada<sup>323</sup>; e outra, bastante conhecida e influente nesta tese é Carlo Ginzburg, com o estudo de caso sobre um moleiro durante a inquisição. Mesmo sendo uma pesquisa histórica, onde, evidentemente, existe uma distância temporal maior em relação aos agentes, o historiador italiano relata na sua obra *Nenhuma Ilha é uma Ilha*, sua primeira incursão direta ao estudo da literatura:

Era talvez inevitável que, mais cedo ou mais tarde, eu acabasse por me ocupar também de textos literários. Mas essa nova experiência de pesquisa levou em conta as lições aprendidas no passado. Com o moleiro friulano Domenico Scandella, dito Menocchio, condenado à morte pela Inquisição por causa de suas idéias, aprendi que o modo como um ser humano reelabora os livros que lê é muitas vezes imprevisível (Ginzburg, 2004: 14).

Na mesma condição assumida por Loïc Wacquant e Carlo Ginzburg, não se tem como negar que os cronistas selecionados nesta tese despertaram sentimentos de acordo com a sua postura intelectual, pessoal, ou até mesmo devido às desventuras da vida. Neste caso, volta-se ao caso de Lima Barreto: impossível não se solidarizar com suas causas sociais ou se sensibilizar com o sofrimento gerado pelos constantes internamentos em um período onde o sistema hospitalar manicomial era pouco humanitário. Não foram poucas as situações que sentimentos foram gerados na medida em que as fontes e bibliografia eram estudadas – do

---

<sup>323</sup> As incessantes dúvidas do autor em relação ao dilema entre envolvimento/distanciamento podem ser observadas no transcorrer de toda a obra. Sugere-se, portanto, a leitura na íntegra para o entendimento do processo. Ver: Wacquant, Loïc. *De Corpo e Alma* – notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

acidente que levou ao óbito o filho atleta de Coelho Netto às constantes desventuras que permeou a família Rodrigues.

O que se observa (e confirma) a partir desta digressão, sobretudo, é que o fato de gerar sentimentos destes autores através das crônicas explicita o esplêndido potencial de exercer poder sobre a sociedade. Como afirmado:

Para mudar o mundo, é preciso mudar as maneiras de fazer o mundo, isto é, a visão de mundo e as operações práticas pelas quais os grupos são produzidos e reproduzidos. O poder simbólico, cuja forma por excelência é o poder de fazer grupos [...], está baseado em duas condições. Primeiramente, como toda forma de discurso performativo, o poder simbólico deve estar fundado na posse de um capital simbólico. O poder de impor às outras mentes uma visão, antiga ou nova, das divisões sociais depende da autoridade social adquirida nas lutas anteriores. O capital simbólico é um crédito, é o poder atribuído àqueles que obtiveram reconhecimento suficiente para ter condição de impor reconhecimento: assim, o poder de constituição, poder de fazer um novo grupo, através da mobilização, ou de fazer existir por procuração, falando por ele enquanto porta-voz autorizado [...] (Bourdieu, 2004: 166).

Desta forma, a hipótese central de que tais literatos estabeleçam relações de força visando o ganho de respaldo literário é confirmada, pois o poder simbólico gerado pela produção artística permitiria que estes literatos pudessem criar e reproduzir sua própria concepção de mundo. Ora na tensa disputa entre os literatos no início do século manifesta através da crônica, cujo debate girava em torno da assimilação de hábitos e costumes europeus e a concepção de um ideal de civilidade; ora na consensual e hierárquica configuração estabelecida a partir das formulações de Gilberto Freyre.

Por sinal, pode-se até afirmar que Freyre tinha a intenção de ampliar seu poder em uma dimensão maior do que a do campo literário. Sendo assim, com uma preocupação de amplitude geral, a de formular um modelo estrutural que explicasse e desse um sentido de unidade a nação, Freyre usufruiu do capital simbólico de que José Lins do Rego, Nelson Rodrigues (mesmo que indiretamente) e principalmente Mario Filho eram detentores. Em contrapartida, ao reiterar a tese acerca da presença do negro no futebol brasileiro (coadunada perfeitamente ao seu modelo de *brasilidade*), Freyre iria passar a procuração para que Mario

Filho exercesse o controle geral das relações de força específicas que ocorriam na crônica esportiva naquela época.

E Mario Filho o fez com propriedade. Navegando entre os gêneros de fronteira, ensaios de cunho sociológico, romance histórico e, principalmente, a própria crônica, o jornalista foi considerado, pelo menos na ótica de seus pares, o inventor do jornalismo esportivo moderno. O alcance das suas formulações foram (e ainda são tão amplos) que é praticamente impossível de delimitar. Argumenta-se, então, visando refletir sobre este fenômeno que suas principais formulações ocorreram entre as décadas de 1940 e 1950 e mesmo assim é a que pauta praticamente todas as interpretações acerca do futebol brasileiro. Suas idéias foram tão articuladas e a recepção foi tão ampla que ainda hoje sua tese só é questionada por alguns poucos leitores e todos com uma característica em comum: pesquisadores que utilizam a literatura como fonte. E mesmo assim, no próprio meio acadêmico ainda predomina sua utilização como fonte inquestionável de “verdades” – como bem sintetiza por Marcelino Rodrigues da Silva em obra recente (Silva, 2006: 174-177). Bernardo Buarque de Hollanda (2004) chega a afirmar que Mario Filho encarnou a história oficial do futebol brasileiro. Pode-se acreditar, deste modo, que Mario Filho, com os fundamentais apoios de José Lins do Rego e Nelson Rodrigues, contribuiu sensivelmente para que fosse criada uma forma própria de preservação da memória futebolística brasileira:

Ainda em torno do futebol como mito da nossa cultura, observamos que se recorre cotidianamente à oralidade para transferir (de pai para filho, sobretudo) a história dos craques, como se transmitia em sociedades primitivas, a origem e a história dos deuses. É um fato também observado na literatura e na música popular: há um sentido de preservação do sabor épico desse esporte e de seus representantes máximos que faz parte do nosso dia-a-dia. As crônicas referem-se a craques que nem vimos em campo, porém são admirados da mesma maneira com que hoje louvamos Kaká e Ronaldinho Gaúcho (Coelho, 2006: 14).

Mas mesmo com a predominância da tese freyreana através do respaldo literário obtido por Mario Filho e seus pares, gradativamente os cronistas iriam demonstrar que estava emergindo um outro bloco histórico. Pois, mesmo se pautando no ideal da *brasilidade*, os cronistas passariam supervalorizar a estética literária. Pode-se, inclusive, pensar em um processo de transição que se inicia em Nelson Rodrigues, que, através das crônicas, impunha drama ao futebol, chegando a Armando Nogueira, que exacerba o estilo, a forma e, sobretudo, a plástica que permeia os esportes.

Nogueira, então, dá indícios de que o foco principal da crônica esportiva estaria mudando. Aceito o ideal imposto por Mario Filho como inquestionável, os cronistas podem focar primariamente em outros temas, abordagens e até mesmo mudar o estilo de escrever. Tendo como referência temáticas mais tradicionais como política, economia ou religião, as pesquisas sobre a conjugação de esporte e literatura podem ser consideradas apenas embrionárias. Portanto, ainda não existem pesquisas que tentem compreender este “novo” momento da crônica esportiva brasileira. Fica a sugestão.

### III

Em última instância, exatamente em virtude deste estágio inicial deste tipo de pesquisa, cabe o esclarecimento que, ao contrário do que ocorre normalmente em pesquisas de doutorado, o instrumental teórico foi construído de acordo com as necessidades que foram surgindo ao longo deste processo.

Nesta condição, a posição estabelecida é bem mais próxima da condição de usuário do que de especialista. Como foi acentuado por Pierre Bourdieu (2004), os cientistas sociais deveriam se preocupar mais com a prática do que com os “subjetivismos”. É provável então que os estudiosos das obras de Norbert Elias, Pierre Bourdieu, Carlo Ginzburg e Antonio

Candido, entre outros, encontrem lacunas e outras possibilidades de utilização no tangente ao instrumental aqui formulado.

A escolha de uma visão panorâmica já foi estabelecida quando da delimitação do tema – após a leitura exaustiva da produção de todos estes literatos, pode-se afirmar que muitos deles, sozinhos, já seriam dignos de uma tese de doutorado. Por convicção, acredita-se que a maioria das pesquisas específicas inicia tendo como referência, mesmo que seja através da crítica, este tipo de trabalho.

Sugere-se, então, o retorno ao início, e como perguntaria Lima Barreto perplexo: “Por que estes meninos fazem tanto barulho por tão pouca cousa?”



## 6. FONTES

AMADO, G. *Seleta*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.

ANDRADE, M. *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. Belo Horizonte: Villa Rica, 1993.

ANDRADE, O. *Ponta de Lança*. São Paulo: Globo, 2004.

\_\_\_\_\_. Entrevista concedida a Flávio Porto, s/d. Disponível em <http://kplus.cosmo.com.br/materia.asp?co=55&rv=Literatura>. Acessado em 05/06/2005.

ASSIS, M. *Crônicas Escolhidas*. São Paulo: Ática, 1995.

BARRETO, A. H. L. *Os Bruzundangas*. São Paulo: Ática, 1985.

\_\_\_\_\_. *Correspondência*. São Paulo: Brasiliense, 1956.

\_\_\_\_\_. *Diário Íntimo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

\_\_\_\_\_. *Feiras e Mafuás*. São Paulo: Brasiliense, 1956.

\_\_\_\_\_. *Histórias e Sonhos*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 2001.

\_\_\_\_\_. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. São Paulo: Ática, 1998.

\_\_\_\_\_. *A Nova Califórnia – Contos*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

\_\_\_\_\_. *Crônicas Escolhidas*. São Paulo: Ática, 1995.

\_\_\_\_\_. *Um Longo Futuro: diários, cartas, entrevistas e confissões dispersas*. Rio de Janeiro: Graphia, 1998.

\_\_\_\_\_. *Toda a Crônica* (vol. A). Rio de Janeiro: Agir, 2004.

\_\_\_\_\_. *Toda a Crônica* (vol. B). Rio de Janeiro: Agir, 2004.

\_\_\_\_\_. *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. São Paulo: Brasiliense, 1968.

BARRETO, P. (João do Rio). *Dentro da noite*. Rio de Janeiro: Inelivro, 1978.

\_\_\_\_\_. *Dentro da Noite*. Pará de Minas: Virtualbooks, 2000.

\_\_\_\_\_. *A alma encantadora das ruas*. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1951.

\_\_\_\_\_. *A profissão de Jacques Pedreira*. Pará de Minas: Virtualbooks, 2002.

\_\_\_\_\_. *O momento literário (conferência)*. Pará de Minas: Virtualbooks, 2002.

\_\_\_\_\_. *Cinematographo (crônicas cariocas)*. Porto: Livraria Chardon, 1910.

\_\_\_\_\_. *As religiões no Rio*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1976.

\_\_\_\_\_. *Histórias da gente alegre*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

\_\_\_\_\_. *A Mais Estranha Moléstia*. Disponível em [www.soleis.com.br/ebooks/paulobarreto/0-Barreto.htm](http://www.soleis.com.br/ebooks/paulobarreto/0-Barreto.htm). Acessado em 08/02/2005.

BETING, M. *Bolas e Bocas: frases de craques e bagres do futebol*. São Paulo: Leia Sempre, 2003.

COELHO, E. (Org). *Os Donos da Bola*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2006.

COELHO NETTO, H. *Mano, Livro da Saudade*. 7. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões Editora, 1956.

\_\_\_\_\_. *Esphinge*. Porto: Chardon, s/d.

\_\_\_\_\_. *A Conquista*. Rio de Janeiro: Laemert, 1899. Disponível em [www.virtualbooks.com.br](http://www.virtualbooks.com.br). Acessado em 08/05/2004.

\_\_\_\_\_. *Romance*. Rio de Janeiro: Agir, 1958.

\_\_\_\_\_. *Bilhetes Postais*. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Fapesp, 2002.

COSTA, F. M. *Onze em Campo e um Banco de Primeira*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1998.

Diário da Tarde. O torneio “Diário da Tarde” será dedicado a Olavo Bilac. 09/11/1916.

\_\_\_\_\_. O brilhante “Torneio Diário da Tarde”. 15/11/1916.

\_\_\_\_\_. “As comemorações de Hontem” – O ultimo dia de Bilac na terra das araucarias – “Torneio Diario da Tarde” – O brilhante festival de hontem no campo do Paraná. 20/11/1916.

Exposição O Século de Um Brasileiro – Coleção Roberto Marinho. *Artista – Roberto Rodrigues*. Disponível em <http://www.frm.org.br/exposicao/rodrigues.htm>. Acessado em 13/05/2005.

FREYRE, G. *Sociologia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945.

\_\_\_\_\_. *Sobrados e Mocambos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.

\_\_\_\_\_. *Interpretação do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. Prefácio de O negro no futebol brasileiro. In: RODRIGUES FILHO, M. *O Negro no Futebol Brasileiro*. 2a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

\_\_\_\_\_. *Casa-Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

\_\_\_\_\_. *Oh de Casa! Em torno da casa brasileira e de sua projeção sobre um tipo nacional de homem*. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1979. Disponível em [www.fgf.org.br](http://www.fgf.org.br). Acessado em 27/10/2002.

\_\_\_\_\_. Jornal do Comércio. *Caderno de Esportes*. Recife, 10 mai. 2000. Disponível em <http://www2.uol.com.br/JC/2000/1004/es1004x.htm>. Acessado em 06/02/2003.

\_\_\_\_\_. *Ainda a propósito de futebol brasileiro*. O Cruzeiro. Rio de Janeiro, 25 jun. 1955. In: Pessoas, coisas e animais. Disponível em [www.fgf.org.br](http://www.fgf.org.br). Acessado em 08/02/2003.

\_\_\_\_\_. *Possibilidades esportivas dentro de tradições brasileiras*. Folha de São Paulo. São Paulo, 17 ago. 1980. Disponível em <http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/artigos>. Acessado em 06/05/2004.

\_\_\_\_\_. *Homem, cultura e tempo*. Lisboa: Casa Portuguesa, 1967. Disponível em [http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/opusculos/homem\\_cultura\\_tempo](http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/opusculos/homem_cultura_tempo). Acessado em 06/05/2004.

\_\_\_\_\_. *Santo e guerreiro*. Folha de São Paulo. São Paulo, 25 set. 1978. Disponível em [http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/artigos\\_imprensa](http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/artigos_imprensa). Acessado em 06/05/2004.

\_\_\_\_\_. *Ainda a propósito de futebol brasileiro*. O Cruzeiro. Rio de Janeiro, 25 jun. 1955. In: Pessoas, coisas e animais. Disponível em [www.fgf.org.br](http://www.fgf.org.br). Acessado em 08/02/2003.

\_\_\_\_\_. *Folclore e esporte*. Brasil Açucareiro. Rio de Janeiro, Ago. 1968. Disponível [http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/artigos\\_imprensa/](http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/artigos_imprensa/). Acessado em 04/05/2004.

\_\_\_\_\_. *Possibilidades esportivas dentro de tradições brasileiras*. Folha de São Paulo. São Paulo, 17 ago. 1980. Disponível em [http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/artigos\\_imprensa/](http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/artigos_imprensa/). Acessado em 06/05/2004.

\_\_\_\_\_. *José Lins do Rego*. Diário de Pernambuco. Recife, 15 set. 1957. Disponível em [http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/artigos\\_imprensa/jose\\_lins.htm](http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/artigos_imprensa/jose_lins.htm). Acessado em 27/07/2004.

\_\_\_\_\_. Nelson Rodrigues, escritor. In: RODRIGUES, Nelson. *O reacionário: memórias e confissões*. Rio de Janeiro: Record, 1977. Disponível em [http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/prefacios\\_p\\_terceiros/nelson.htm](http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/prefacios_p_terceiros/nelson.htm). Acessado em 22/05/2004.

GULLAR, F. et. al. *O Melhor da Crônica Brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

HOLANDA, S. B. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LOBATO, Monteiro. *Urupês*. In: *Obras completas de Monteiro Lobato*. São Paulo: Brasiliense, 1957.

- MACHADO, A. *Brás, Bexiga e Barra Funda*. São Paulo: Objetiva, 1988.
- MAZZONI, T. *Federação Paulista de Futebol – Concurso Literário 60 Anos de Futebol no Brasil (1894-1954)*. São Paulo: FPF, 1954.
- NOGUEIRA; A. *Bola de Cristal*. Rio de Janeiro: Globo, 1987.
- \_\_\_\_\_. *O Homem e a Bola*. Rio de Janeiro: Globo, 1988.
- \_\_\_\_\_. *O Canto dos Meus Amores*. Rio de Janeiro: Dunya, 1998.
- \_\_\_\_\_. *A Chama que não se Apaga*. Rio de Janeiro: Dunya, 2000.
- \_\_\_\_\_. *A Ginga e o Jogo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.
- \_\_\_\_\_ & ARAÚJO NETO. *Drama e Glória dos Bicampeões*. Rio de Janeiro: Editora do Autor: 1962.
- \_\_\_\_\_ et. al. *O Melhor da Crônica Brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.
- \_\_\_\_\_; SOARES, J.; MUYLAERT, R. *A Copa que Ninguém Viu e a que Não Queremos Lembrar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- PEDROSA, M. *Gol de Letra – o futebol na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Gol, 1968.
- \_\_\_\_\_. *O Olho na Bola*. Rio de Janeiro, Editora Gol, 1968.
- PEIXOTO, A. *Maria Bonita – Raio não cai em pau deitado*. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.
- \_\_\_\_\_. *Fruta do Mato*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc. Editores, 1947.
- \_\_\_\_\_. *Higienismo – Volume 1 – Higiene Geral*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves. 3a ed. 1922.
- QUEIROZ, R. *Porque Sou Vascaína*. Disponível em [www.casaca.com.br/principal.php?display=INTERATIVO&cod=001&ID=000001](http://www.casaca.com.br/principal.php?display=INTERATIVO&cod=001&ID=000001). Acessado em 06/09/2005.
- RAMOS, G. *Linhas Tortas*. São Paulo: Martins, 1971.

RAMOS, R. *A Palavra É... Futebol*. São Paulo: Scipione, 1990.

REGO, J. L. *Menino do Engenho*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

\_\_\_\_\_. *Flamengo é puro amor*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

\_\_\_\_\_. *O Cravo de Mozart – crônicas e ensaios*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

RODRIGUES FILHO, M. *Viagem em Torno de Pelé*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1963.

\_\_\_\_\_. *O Negro no Futebol Brasileiro*, 2a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

\_\_\_\_\_. *O Negro no Futebol Brasileiro*. 4a ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

\_\_\_\_\_. *Viagem em Torno de Pelé*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1963.

\_\_\_\_\_. *Histórias do Flamengo*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1945.

\_\_\_\_\_. *Copa Rio Branco, 32*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti: 1947.

\_\_\_\_\_. *Romance do Football*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1949.

\_\_\_\_\_. *Copa do Mundo de 62*. Rio de Janeiro: s/ed., 1962.

\_\_\_\_\_. *O Sapo de Arubinha – Os Anos de Sonho do Futebol Brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

RODRIGUES, N. *A Vida Como Ela É...* São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

\_\_\_\_\_. *À Sobra das Chuteiras Imortais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

\_\_\_\_\_. *A Pátria em Chuteiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

\_\_\_\_\_. *O Profeta Tricolor – cem anos de fluminense*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

\_\_\_\_\_. *O Baú de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_ et. al. *90 Minutos de Sabedoria: a filosofia do futebol em frases inesquecíveis*. Rio de Janeiro: Gramond, 2002.

SALDANHA, J. *Histórias do Futebol*. Rio de Janeiro: Revan, 1999.

\_\_\_\_\_. *O Trauma da Bola*. Rio de Janeiro: Cosac & Naify, 2002.

SCHLEE, A. G. *Contos do Futebol*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

VERISSIMO, L. F. *A Eterna Privação do Zagueiro Absoluto*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

## 7. BIBLIOGRAFIA

Academia Brasileira de Letras. *Lima Barreto*. Disponível em [www.academia.org.br](http://www.academia.org.br). Acessado em 08/02/2005.

\_\_\_\_\_. Coelho Netto. Disponível em [www.academia.org.br](http://www.academia.org.br). Acessado em 08/02/2005.

\_\_\_\_\_. Monteiro Lobato. Disponível em [www.academia.org.br](http://www.academia.org.br). Acessado em 08/02/2005.

\_\_\_\_\_. Graciliano Ramos. Disponível em [www.academia.org.br](http://www.academia.org.br). Acessado em 08/02/2005.

\_\_\_\_\_. José Lins do Rego. Disponível em [www.academia.org.br](http://www.academia.org.br). Acessado em 08/02/2005.

\_\_\_\_\_. José Lins do Rego. Disponível em [www2.aplpb.com.br/academicos/cadeira39.htm](http://www2.aplpb.com.br/academicos/cadeira39.htm). Acessado em 08/03/2005

AGOSTINHO, G. *Vencer ou Morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional*. Rio de Janeiro: FAPERJ: Mauad, 2002.

ANTUNES, F. M. R. F. “Com Brasileiro Não Há Quem Possa”: *futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues*. São Paulo: Unesp, 2004.

AQUINO, R. S. L. *Futebol, Uma Paixão Nacional*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

ARAÚJO, F. *O Rádio, o Futebol e a Vida*. São Paulo: Editora do Senac, 2001.

ARAÚJO, M. C. *O Estado Novo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

BARBOSA, F. *A Vida de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

\_\_\_\_\_. “Prefácio” In: BARRETO, L. *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. São Paulo: Brasiliense, 1968.



- BAKTHIN, M. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec; Brasília: 1999.
- BARRETO, L. *Literatura Comentada, textos selecionados, análise histórico-literária, biografia e atividades de compreensão de texto*. PRADO, A. (org). São Paulo: Abril Educação, 1980.
- BELLOS, A. *Futebol – o Brasil em Campo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- BERNARDO, A. *Um Drible no Tempo*. Tv Press. Disponível em: <http://an.uol.com.br/2003/set/06/0tev.htm> . Acessado em 26/05/2005.
- BETTI, M. *A Janela de Vidro – esporte, televisão e educação física*. Campinas: Papirus, 1998.
- BILL, M. *Uma História do Futebol*. São Paulo: Hedra, 2000.
- BOSI, A. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.
- \_\_\_\_\_. *A literatura Brasileira – Vol. 5 – O Pré-Modernismo*. São Paulo, Editora Cultrix, 1967.
- \_\_\_\_\_. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo, Editora Cultrix, 1978.
- \_\_\_\_\_. *O Pré-Modernismo*. São Paulo: Cultrix, 1966.
- BOTELHO, D. *A Pátria que quisera ter era um Mito: o Rio de Janeiro e a militância literária de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal das Culturas, 2002.
- BOURDIEU, P. *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- \_\_\_\_\_ & DARBEL, A. *O Amor pela Arte – os museus de arte na Europa e seu público*. São Paulo: Edusp, 2003.
- \_\_\_\_\_ & HAACKE, H. *Livre-Troca*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- BRESCIANI, S. & NAXARA, M. (org). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Unicamp, 2001.

- BURKE, P. (Org.). *A Escrita da História – novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992.
- CALDAS, W. *O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro*. São Paulo: Ibrasa, 1990.
- CALDEIRA, et. al. *História do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- CANDIDO, A. et. al. *A Crônica*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Queroz, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Tese e Antítese: ensaios*. São Paulo: T. A. Queroz, 2000.
- \_\_\_\_\_. et. al. *A Personagem de Ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- \_\_\_\_\_ & CASTELLO, A. *Presença da Literatura Brasileira – História e Antologia. Vol. I Das Origens ao Realismo*. 8a ed., Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1997.
- CAPELATO, M. H. R. *Multidões em Cena – propaganda política no varguismo e no peronismo*. Campinas: Papyrus, 1998.
- CAPRARO, A. M. *Football, Uma Prática Elitista e Civilizadora*. Dissertação em História – UFPR, 2002.
- \_\_\_\_\_. *A Introdução do Futebol no Brasil: do mito do imigrante às questões civilizatórias*. In: Cronos Revista de História. n. 7. Pedro Leopoldo: Faculdade de Ciências Humanas de Pedro Leopoldo, Jul/2003.
- \_\_\_\_\_. *Do football ao futebol*. In: Nossa História. n. 32. São Paulo: Vera Cruz, Jun/2006.
- CAPUANO, C. *O dândi e a modernidade: aspectos da ficção de João do Rio*. Disponível em [www2.uerj.br/~pgletras/palimpsesto/claudio.htm](http://www2.uerj.br/~pgletras/palimpsesto/claudio.htm). Acessado em 16/02/2005.
- CARPEAUX, O. M. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.
- CARRANO, P. C. (org). *Futebol: paixão e política*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- CARVALHO, J. A. *Torcedores de Ontem e Hoje*. Rio de Janeiro: GB Editora: 1968.

- CASTELLANI FILHO, L. *Educação Física no Brasil: a história que não se conta*. Campinas: Papyrus, 1994.
- CASTELLO, J. A. *Modernismo e Regionalismo*. São Paulo: Edart, 1961.
- CASTRO, R. *Estrela Solitária: um brasileiro chamado Garrincha*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Ela É Carioca – uma enciclopédia de Ipanema*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- \_\_\_\_\_. *O Anjo Pornográfico*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- \_\_\_\_\_. *O Vermelho e o Negro: pequena grande história do Flamengo*. São Paulo: DBA, 2001.
- CAVALHEIRO, E. *Monteiro Lobato – vida e obra*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.
- CHALHOUB, S. *Cidade febril*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- \_\_\_\_\_. & PEREIRA, L. A. M (Orgs). *A História Contada: capítulos de História Social da Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- CHARTIER, R. *A Aventura do Livro – do leitor ao navegador*. São Paulo: Unesp, 1998.
- CHAVES, F. L. *História e Literatura*. Porto Alegre: UFRGS, 1999.
- CHIAPPINI, L. & BRESCIANI, M. S. *Literatura e Cultura no Brasil: identidades e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2002.
- COELHO NETO, P. *O Fluminense na Intimidade*. Rio de Janeiro: s/n, 1969.
- \_\_\_\_\_. *História do Fluminense*. 2a ed. Rio de Janeiro: Pluri Edições, 2002.
- COSTA, C. *A Milésima Segunda Noite: da narrativa mítica à telenovela análise estética e sociológica*. São Paulo: Annablume, 2000.
- COSTA, M. R. et. al. *Futebol Espetáculo do Século*. São Paulo: Musa Editora, 1999.

- COUTINHO, C. “O significado de Lima Barreto na Literatura Brasileira” In: *Vários Autores, Realismo e Anti-realismo na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- DAMATTA, R. *Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- \_\_\_\_\_. et. al. *Universo do Futebol*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Antropologia do óbvio*. In: Revista da USP – Dossiê Futebol. São Paulo: USP, n. 22, 1994.
- DAMO, A. S. Ah! Eu sou Gaúcho! *Estudos históricos*, São Paulo: FGV, n. 23, 1999.
- DAOLIO, J. *Cultura, Educação Física e Futebol*. Campinas: Unicamp, 1997.
- DECCA E. S. de. *1930, o silêncio dos vencidos: memória, história e revolução*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1992.
- DIZARD JUNIOR, W. *A Comunicação de Massa na Era da Informação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- DUARTE. R. A. *Modernidade e Tradição nos Modernismos do Rio e de São Paulo* In: Mneme – Revista de Humanidades. v. 4, n. 7, fev./mar. de 2003. Disponível em <http://www.seol.com.br/mneme/ed7/038-p.htm>. Acessado em 29/06/2005.
- ECO, U. *Sobre a Literatura*. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- ELIAS, N.; DUNNING, E. *Deporte y ocio en el proceso de la civilizacion*. México: Fondo de Cultura Económica, 1995.
- \_\_\_\_\_.; \_\_\_\_\_. *A busca da excitação*. Rio de Janeiro: Difel, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Introdução à sociologia*. Portugal: Edições 70, 1980.
- \_\_\_\_\_. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990. v. 1.
- \_\_\_\_\_. *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Mozart: Sociologia de um Gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

\_\_\_\_\_. *Sobre o Tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_.; SCOTSON, J. L. *Os Estabelecidos e Outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FACINA, A. *Santos e Canalhas – uma análise antropológica da obra de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Civilização Brasileira: 2004.

FOER, F. *Como o Futebol Explica o Mundo: um olhar inesperado sobre a globalização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

FONTENELE, A. *O Brasil em Todas as Copas – história, curiosidades, estatísticas (1930-1998)*. Fortaleza: Edições Livro Técnico, 2002.

FRANZINI, F. *No campo das idéias: Gilberto Freyre e a invenção da brasilidade futebolística*. Revista Digital. Buenos Aires: Ano 5. nº 26, Outubro de 2000. Disponível em [www.efdeportes.com](http://www.efdeportes.com). Acessado em 08/02/2003.

\_\_\_\_\_. *Corações na Ponta da Chuteira: capítulos iniciais do futebol brasileiro (1919-1938)*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GEBARA, A. *A Cultura da Modernidade e a História dos Esportes*. In: MOREIRA, W. & SIMÕES, R. (orgs). *Fenômeno Esportivo no Início de um Novo Milênio*. Piracicaba: Unimep, 2000.

GEERTZ, C. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GINZBURG, C. *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difel, 1989.

\_\_\_\_\_. *Mitos emblemas sinais – morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

\_\_\_\_\_. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. *Relações de Força: história, retórica, prova*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

\_\_\_\_\_. *Olhos de madeira* – nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. *Nenhuma Ilha é uma Ilha: quatro visões da literatura inglesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

GIULIANOTTI, R. *Sociologia do Futebol – dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GOMES, I. M. *Deus no Céu e o Negro na Terra: a visão de Gilberto Freyre sobre o futebol brasileiro*. Disponível em <http://www.cchla.ufpb.br/caos/02-gomes.html>. Acessado em 08/02/2003.

HAMILTON, A. *Um Jogo Inteiramente Diferente! Futebol: a maestria brasileira de um legado britânico*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2001.

HAROCHE, C. *Da palavra ao gesto*. Campinas: Papirus, 1998.

HEIZER, T. *O Jogo Bruto das Copas do Mundo*. Rio de Janeiro: Mauad, 1997.

HELAL, R. *Passes e impasses – futebol e cultura de massa*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. SOARES, A. J.; LOVISOLO, H. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HOBSBAWM, E. *Era dos extremos – O breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_.; RANGER, T. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HERSCHMANN, M.; LERNER, K. *Lance de sorte*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1993.

HOLLANDA, B. B. B. *O Descobrimento do Futebol – Modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: Edições Biblioteca Nacional, 2004.

HUIZINGA, J. *Homo Ludens*. São Paulo: Perspectiva, 1993.

- INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. *Analfabetismo entre pessoas com 15 anos ou mais segundo os censos demográficos – Brasil (1920-1980)*. Disponível em [www.ipm.org.br/](http://www.ipm.org.br/). Acessado em 12/07/2005.
- JORNAL DA UNICAMP 182 – 29 de julho a 4 de agosto de 2004. Disponível em [www.unicamp.br/unicamp/unicamp\\_hoje/ju/julho2002/unihoje\\_ju182pag12.html](http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/julho2002/unihoje_ju182pag12.html). Acessado em 08/02/2005.
- LAJOLO, M. *Monteiro Lobato*. São Paulo: Abril Educação, 1981.
- LOVISARO, M. & NEVES L. C. (Orgs). *Futebol e Sociedade: um olhar transdisciplinar*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005.
- LEVI, G. *A Herança Imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- LIMA, L. C. et. al. *Teoria da Literatura e suas Fontes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- LOPES, J. S. L. *A vitória do futebol que incorporou a pelada*. In: Revista da USP – Dossiê Futebol. São Paulo: USP, n. 22, 1994.
- LUCA, T. R. *Lobato Editor*. In: Revista Nossa História. Ano 2. n. 17, março/2005.
- LUCENA, R. *O esporte na cidade*. Campinas: Autores Associados, 2001.
- \_\_\_\_\_. *A Crônica como Gênero que Introduziu o Esporte no Brasil*. In: Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 25, n. 1, set. 2003.
- \_\_\_\_\_. *Sobre a cidade ou próximo a ela*. In: V Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física, *Anais...* Maceió: Ufal, 1997.
- LUKÁCS, G. *A Teoria do Romance*. São Paulo: Editora 34, 2003.
- LYRA FILHO, J. *Introdução à Psicologia dos Desportos*. Rio de Janeiro: Record, 1983.

- MACHADO, M. C. T. *Lima Barreto: um pensador social na primeira república*. Goiânia: UFG; São Paulo: Edusp, 2002.
- MALERBA, J. (Org.). *A Velha História: teoria, método e historiografia*. Campinas: Papirus, 1996.
- \_\_\_\_\_. *A Corte no Exílio – civilização e poder no Brasil às vésperas da Independência (1808-1821)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- MALLARD, L. et. al. *História Literatura – ensaios*. Campinas: Unicamp: 1995.
- MANHÃES, E. D. *Política do Esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- MARANHÃO, T. *Apolo Versus Dionísio no Campo da História: o futebol em Gilberto Freyre*. *Lecturas – Revista Digital*. Buenos Aires: Ano 10. n. 73, Junho de 2004. Disponível em [www.efdeportes.com](http://www.efdeportes.com). Acessado em 04/03/2005.
- MARQUES, J. C. *O Futebol em Nelson Rodrigues*. São Paulo: Educ/Fapesp, 2000.
- MATTOS, C. *Cem anos de paixão*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- MELO, V. A. *Cidade Sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- MELO, V. A. & ALVITO, M. (orgs). *Futebol – Diálogos com o Cinema*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- MICELI, S. *Poder, Sexo e Letras na República Velha*. São Paulo: Perspectivas, 1977.
- MILLS, J. *Charles William Miller – 1894-1994 – Centenário*. São Paulo: Clube Atlético São Paulo, 1994.
- MORAES NETO, G. *Dossiê 50 – os onze jogadores revelam os segredos da maior tragédia do futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.
- MOREIRA, J. C. *Monteiro Lobato – Textos Escolhidos*. Rio de Janeiro: Agir, 1962.



- MOREIRA, W. & SIMÕES, R. *Fenômeno Esportivo no Início de Um Novo Milênio*. Piracicaba: Unimep, 2000.
- MOURA, C. *Introdução ao Pensamento de Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.
- MOURA, G. de A. *O Rio corre para o Maracanã*. Rio de Janeiro: Getúlio Vargas, 1998.
- MURAD, M. *Dos Pés à Cabeça: elementos básicos de sociologia do futebol*. Rio de Janeiro: Tradição Cultural, 1996.
- MURRAY, B. *Uma História do Futebol*. São Paulo: Hedra, 2000.
- MUYLAERT, R. *Barbosa – um gol faz cinqüenta anos*. São Paulo: RCM Comunicação, 2000.
- NAPOLITANO, M. *Cultura Brasileira: utopia e massificação (1950-1980)*. São Paulo: Contexto, 2004.
- NEGREIROS, P. J. L. de C. *Resistência e rendição*. São Paulo, 1992. Dissertação – PUC-SP.
- \_\_\_\_\_. *O estádio do Pacaembu*. In: V Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física, *Anais...* Maceió: Ufal, 1997.
- NOGUEIRA, C. *Futebol, Brasil, Memória – de Oscar Cox a Leônidas da Silva*. Rio de Janeiro: Senac Rio, 2006.
- OLIVEIRA, L. L. *O Brasil dos Imigrantes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001;
- \_\_\_\_\_. *Cidade: História e Desafios*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.
- ORLANDI, E. *A Linguagem e seu Funcionamento*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes Ed., 2001.
- ORTIZ, R. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- PACHECO, João. *O realismo*. São Paulo: Cultrix, 1963.
- PANOFSKY, E. *O Significado Nas Artes Visuais*. Lisboa: Presença Editora, 1989.

- PARTIDO DEMOCRÁTICO TRABALHISTA. *Brizola – Confronto com a Mídia*. Disponível em <http://www.pdt.org.br/personalidades/brizola.asp>. Acessado em 14/05/2005.
- PASSIANI, E. *Na trilha do Jeca: Monteiro Lobato, o público leitor e a formação do campo literário no Brasil* In: Sociologias nº 7. Porto Alegre, jan-jun, 2002.
- PERDIGÃO, P. *Anatomia de Uma Derrota – 16 Julho de 1950 – Brasil X Uruguai*. Porto Alegre: L&PM, 2000.
- PEREIRA, L. A. de M. *Footballmania*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- PESAVENTO, S. J. *O Cotidiano da República*. Porto Alegre: UFRGS, 1995.
- \_\_\_\_\_. *O Imaginário da Cidade – visões literárias do Urbano*. Porto Alegre: UFRGS, 2002.
- PRADO, A. *Lima Barreto: O crítico e a crise*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- PRADO, D. A. *Seres, Coisas e Lugares – do teatro ao futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- PRADO, F. *O Arquivo Secreto das Copas (1930/54)*. São Paulo: Publisher Brasil, 1998.
- PRATT, M. et. al. *Literatura & História: perspectivas e convergências*. Bauru: Edusc, 1999.
- PROENÇA, I. C. *Futebol e Palavra*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.
- PRONI, M. W. *A Metamorfose do Futebol*. Campinas: Unicamp, 2000.
- \_\_\_\_\_. & LUCENA, R. *Esporte, História e Sociedade*. Campinas: Autores Associados, 2002.
- RAMADAN, M. I. *Crônica de Futebol: um subgênero*. In: Pesquisa de Campo – Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol – UFRJ. n. 5, 1997.
- RAMOS, G. *Graciliano Ramos por Antonio Candido*. Rio de Janeiro: Agir, 1996.
- RAMOS, J. *Os Exercícios Físicos na História e na Arte*. São Paulo: Ibrasa, 1982.
- REZENDE, B. *Lima Panfletário*. In: Revista Nossa História. Ano 2. n. 15, janeiro/2005.

REVISTA ARMANDO NOGUEIRA. *Biografia*. Disponível em: [www.armandonogueira.com.br/bio.htm](http://www.armandonogueira.com.br/bio.htm). Acessado em 05/04/2005.

REVISTA ELETRÔNICA NO OLHAR. *Parem as Máquinas*. Disponível em: <http://www.noolhar.com/especiais/getulio50/394575.html>. Acessado em (16/06/2005)

REVISTA Isto É. O Brasileiro do Século – Categoria Artes Cênicas: *Nelson Rodrigues*. Disponível em: [www.terra.com.br/istoe/biblioteca/brasileiro/artes\\_cenicas/cenicas5.htm](http://www.terra.com.br/istoe/biblioteca/brasileiro/artes_cenicas/cenicas5.htm). Acessado em 22/04/2005.

REVISTA PJ: BR – jornalismo brasileiro. n. 3. Jan-jun/2004. Disponível em <http://www.eca.usp.br/prof/josemarques/arquivos/artigos>. Acessado em 05/06/2005

REVISTA REALIDADE – Edição Histórica – 1966-1976. São Paulo: Abril Editora, 2004.

RIBEIRO, L. C. *Historiografia do Futebol Brasileiro nos Anais do Encontro de História do Esporte, Lazer, Educação Física e Dança*. In: COLETÂNEA DO ENCONTRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA, vol. 6., Gramado. *Anais...* Porto Alegre: UFRGS, 2000.

\_\_\_\_\_. *O Futebol Entre a Cordialidade e a Malandragem*. Curitiba: Mimeo, 2002.

\_\_\_\_\_. *Brasil: futebol e identidade nacional*. Revista Digital. Buenos Aires: Ano 8, n. 56, Janeiro de 2003. Disponível em [www.efdeportes.com](http://www.efdeportes.com). Acessado em 10/02/2003.

\_\_\_\_\_. *O Futebol no Campo Afetivo da História*. In: Movimento – Revista da Escola de Educação Física – UFRGS. Vol. 10. n. 3. Set/Dez, 2004.

\_\_\_\_\_. *Civilização e Cordialidade – Norbert Elias e Gilberto Freyre: Diálogos sobre um processo*. 7º Simpósio Internacional Processo Civilizador – História Civilização e Educação. Piracicaba: Unimep, 2003.

ROSENFELD, A. *Negro, Macumba e Futebol*. São Paulo: Perspectiva / Editora da Unicamp, 1993.

- SANTOS NETO, J. M. *Visão do Jogo: primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- SCHWARCZ, L. *O Espetáculo das Raças*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- SCLIAR, M. *Saturno nos Trópicos: a melancolia européia chega ao Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SENNETT, R. *Carne e Pedra*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SÉRGIO, R. *Maracanã 50 Anos de Glória*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.
- SEVCENKO, N. *Orfeu extático na metrópole*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- \_\_\_\_\_. *A Revolta da Vacina: mentes insanas em corpos rebeldes*. São Paulo: Scipione, 1993.
- \_\_\_\_\_. (Org.). *História da vida privada no Brasil*. Vol. III. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Literatura Como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- \_\_\_\_\_. *A Corrida Para o Século XXI: no loop da montanha russa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- SILVA, H. R. *Fragmentos da História Intelectual: entre questionamentos e perspectivas*. Campinas: Papyrus, 2002.
- SILVA, M. R. *Mil e Uma Noites de Futebol – o Brasil moderno de Mário Filho*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.
- SOARES, A. J. & LOVISOLO, H. *o Futebol é Fogo de Palha: a ‘profecia’ de Graciliano Ramos*. In: Pesquisa de Campo – Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol – UFRJ. N. 5, 1997.

- \_\_\_\_\_. “Futebol brasileiro e sociedade: a interpretação culturalista de Gilberto Freyre” In: *Futbologias: fútbol, identidad y violencia en América Latina*. Disponível em <http://168.96.200.17/ar/libros/alabarces/PII-Soares.pdf>. Acessado em 07/08/2004.
- SOARES, C. *Imagens da Educação No Corpo*. Campinas: Autores Associados, 1998.
- SOARES, E. *A Bola no Ar: o rádio esportivo em São Paulo*. São Paulo: Summus, 1994.
- SODRÉ, M. *O monopólio da Fala: função e linguagem da televisão no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- TOLEDO, L. H. *Lógicas no futebol*. São Paulo: Hucitec / Fapesp, 2002.
- \_\_\_\_\_. *No País do Futebol*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- “TOSTÃO” (ANDRADE, E. G.). *O Anjo Pornográfico*. Folha de São Paulo. 05/04/2005. Disponível em [www.lainsignia.org/2005/abril/cul\\_010.htm](http://www.lainsignia.org/2005/abril/cul_010.htm). Acessado em 06/08/2005.
- UNZELTE, C. *O Livro de Ouro do Futebol*. São Paulo: Ediouro, 2002.
- VELLOSO, M. *Que cara Tem o Brasil? – as maneiras de pensar e sentir nosso país*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.
- VELOSO, M. & MADEIRA, A. *Leituras Brasileiras – itinerários no pensamento social e na literatura*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- VENEU, M. *O Flâneur e a Vertigem. Metrôpole e subjetividade na obra de João do Rio*. Revista Estudos Históricos, vol. 3, n. 6, Rio de Janeiro: FGV, 1990.
- VERISSIMO, E. *Breve História da Literatura Brasileira*. São Paulo: Globo, 1995.
- VIANNA, L. W. *Liberalismo e sindicato no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- WACQUANT, L. *De Corpo e Alma – notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- WITTER, J. S. *O Que É Futebol*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Breve História do Futebol Brasileiro*. São Paulo: FTD, 1996.